UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS – RIO CLARO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
(PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA)

OS SIGNIFICADOS E AS IMPLICAÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO INICIAL E NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

VOLUME I

JOICE MAYUMI NOZAKI

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade.

Rio Claro
Outubro/2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS – RIO CLARO

JOICE MAYUMI NOZAKI

OS SIGNIFICADOS E AS IMPLICAÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO INICIAL E NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Orientadora: Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade.

Rio Claro
Outubro/2012

796
N961s

Nozaki, Joice Mayumi
Os significados e as implicações da extensão universitária na formação inicial e na atuação profissional em Educação Física / Joice Mayumi Nozaki. - Rio Claro : [s.n.], 2012
2 v. : il., gráfs., quadros + 1 CD/Volume II

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

1. Educação física. 2. Extensão universitária. 3. Educação superior. 4. Formação profissional. 5. Aprendizagem significativa. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

CAMPUS DE RIO CLARO

INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO: Os significados e as implicações da extensão universitária na formação inicial e na atuação profissional em Educação Física

AUTORA: JOICE MAYUMI NOZAKI

ORIENTADORA: Profa. Dra. DAGMAR AP CYNTIA FRANCA HUNGER

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE EM CIENCIAS DA MOTRICIDADE , Área: PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA, pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. DAGMAR AP CYNTIA FRANCA HUNGER
Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciencias de Bauru - Bauru/SP

Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA
Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciencias de Bauru - Bauru/SP

Profa. Dra. MARIANGELA DA ROSA AFONSO
Curso de Mestrado em Educação Física / ESEF-UFPel - Universidade Federal de Pelotas - Pelotas/RS

Data da realização: 19 de outubro de 2012.

Dedico este trabalho a Deus;
a minha amada família;
ao meu eterno amor Rafael;
a todos os meus alunos e professores;
e aos meus eternos amigos.
A todos que acreditaram e
ajudaram na realização deste sonho!!!

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar ao meu lado sempre, me orientando, fortalecendo e encorajando a enfrentar esta caminhada tão complexa que é a vida.

A minha maravilhosa família que acredita incondicionalmente: em mim, em todos os meus sonhos e nas minhas loucuras para poder continuar estudando. Saibam que vocês são fundamentais na minha vida e são as melhores referências que eu poderia ter para ser uma pessoa melhor neste mundo. Obrigada pela paciência, pelo amor e por serem pessoas tão especiais, amos vocês demais!!!

Ao meu sensacional namorado, parceiro e amigo Rafael que me aguenta nessa jornada acadêmica há 10 anos. Obrigada pela paciência, o amor, o carinho e o apoio. Saiba que você é extremamente importante na minha vida, pois sem você toda essa aventura não teria a mínima graça. Te amo!!!

A minha prima fofa Leiko, por me ajudar durante a coleta de depoimento em Sorocaba. Obrigada por me guiar na cidade e me acolher com tanto carinho.

Aos amigos de infância que sempre me acompanharam: Érica Tamashiro, Tutu e Sandra, pelas conversas, caminhadas e cinemas. Vocês foram às amigas mais compreensivas desse processo de mestrado.

A professora Dagmar por confiar no meu trabalho, dar a oportunidade de aprender mais e ir além superando minhas dificuldades. Sou muito grata pela confiança, pelo carinho e pelo grande aprendizado, que com certeza levarei para a minha vida. Muito obrigada de coração!!!

As professoras da banca: Mariângela Afonso, por me ensinar tanto em tão pouco tempo, e pelo belo exemplo de docente e profissional que você apresenta ser, isso me dá forças e ânimo para continuar; e a minha querida professora Lílian Aparecida Ferreira, que mais que uma amiga é uma mãe severa, que orienta, puxa a minha orelha direto, mas consegue me fazer crescer como ninguém. Obrigada por me aguentar tanto tempo, você é o exemplo de profissional que quero ser.

Aos professores suplentes da banca (Walter, Sheila, Roberto e Luciene) por serem tão atenciosos e preocupados com o meu trabalho. Agradeço de coração o carinho e a dedicação pela minha pesquisa.

Aos profissionais que participaram deste estudo, pois sem vocês está pesquisa não existiria. Obrigada pelo carinho com que me receberam, pela disponibilidade e a preocupação em me ajudar.

A Camila Borges que me deu a oportunidade de começar a frequentar as disciplinas e me aproximar do mestrado, mesmo antes de pensar nele. Mãe obrigada pelos anos de amizade, pela força, pelo incentivo, pelo apoio e pelo carinho. Sou grata de coração por isso.

Ao Carlos Rogério e a Fernanda Rossi, por serem amigos, parceiros, por tirarem todas as minhas dúvidas sempre e por se preocuparem com a minha formação. Posso dizer que vocês são ótimos exemplos e são pessoas fundamentais na minha vida, obrigada por tudo!!!

A Gica por sempre me socorrer com as documentações de última hora, pelas caronas pra UNESP e pelo aprendizado. Saiba que você é uma batalhadora e é um exemplo de pessoa pra mim. Obrigada pela amizade e pela paciência.

A Isabella Brasil por ser amiga, parceira, um exemplo de vida e por me acolher em sua casa até hoje. Saiba que sem você este mestrado não seria possível. Obrigada pela amizade, companheirismo e o carinho.

A todos os colegas de disciplinas realizadas ao longo do mestrado: Alberto, Esther, Luciana, Reinaldo, Murilo, Gica, Tânia, Marina, Bruna, Vaniele, Leonardo, Tima, Fer e etc, e a todos que passaram pelas disciplinas e me ensinaram muito com seus conhecimentos. Obrigada pela amizade, carinho, pela constante ajuda e por terem muita paciência com minhas dúvidas, pedidos e conflitos.

As minhas colegas e irmãs de mestrado Itapira e Valéria, por compartilharem os sofrimentos, por trocarem experiências, pelas conversas, pelas caronas, pelas ajudas, pelo acolhimento, pelo eterno carinho e pela nossa grande amizade.

Ao meu amigo Antonio Santana, irmãozinho inseparável de congresso e de docência. Saiba que mesmo estando mais distante nos últimos tempos, você continua sendo fundamental para a minha vida pessoal e profissional. Obrigada por me apoiar sempre e topar minhas loucuras acadêmicas.

A todos os colegas dos grupos de estudos NEPEF e NEPATEC que foram essenciais para o meu crescimento, aprimoramento e amadurecimento. Obrigada pela amizade, carinho e aprendizado.

Aos professores que me formaram desde a Educação Básica até o mestrado. Muito obrigada por auxiliarem nesse processo de constituição acadêmica e humana.

A todos as pessoas que passaram pela minha vida enquanto professora na escola: Julio Ribeiro, Mário Marques, Celso Leite e Sylvia Martin. Muito obrigada pela amizade, por me ensinarem tanto e pelo grande aprendizado de vida que levo sempre comigo.

Ao meu grupinho do Mário Marques: Carola, Carmen, Elenita e Adal, que são essenciais na minha vida, me ensinam muito até hoje e são ótimos exemplos de professoras na escola. Obrigada por me aguentarem, me fortalecerem e mostrar que muita coisa é possível na Educação, basta querer e ter boa vontade.

Aos meus eternos monitores e amigos: Tati, Heide, Diego, João Ricardo, Bruna, Thamara, Jainy, Lili e Tayame. Obrigada por me ensinarem tanto, sem vocês a minha vida não teria graça. Vocês me incentivaram a prosseguir, a continuar e a nunca desistir das pessoas.

Ao pessoal da Fundação Victor Civita e aos amigos constituídos neste período da premiação, por acreditarem na Educação e por me incentivarem a prosseguir lutando pela melhora dela.

A FAPESP pelo apoio financeiro (processo: 2011/04516-6) a minha pesquisa até o momento, **e por auxiliar na realização de um grande sonho (a minha pesquisa de mestrado)**. E a Capes/CNPq pelos 5 meses de bolsa no 1º semestre de 2011; e a Proex pelo meu primeiro apoio financeiro através da bolsa Pibic na graduação.

Por fim, agradeço a todos que me acompanharam neste percurso, embora não nomeados, muito obrigada por me ajudarem a chegar até aqui!!!

“Não reclames, nem te faças de vítima. Antes de tudo, analisa e observa. A MUDANÇA ESTÁ EM TUAS MÃOS. Reprograma tuas metas, busca o bem e viverás melhor. ***EMBORA NINGUÉM POSSA VOLTAR ATRÁS E FAZER UM NOVO COMEÇO, QUALQUER UM PODE COMEÇAR AGORA E FAZER UM NOVO FIM!!!”***

Chico Xavier

RESUMO

Na presente pesquisa objetivou-se analisar, sob a ótica dos profissionais de Educação Física, os significados e as implicações da Extensão Universitária na formação inicial e na atuação profissional. Os sujeitos foram compostos por 14 profissionais formados em Licenciatura Plena em Educação Física de 2005 a 2009, em uma Universidade Pública no interior do Estado de São Paulo e participaram de 1 a 2 anos de algum projeto de extensão universitária relacionado ao referido curso. A referência metodológica se pautou por uma pesquisa qualitativa, com análise bibliográfica e utilizou como instrumentos de coleta: o questionário e a entrevista semiestruturada. Os dados coletados foram discutidos à luz da literatura e emergiram como evidências dos depoimentos os seguintes temas: a formação profissional em Educação Física; as concepções, o papel formativo e os significados da Extensão Universitária; e as implicações da Extensão Universitária na formação e na atuação profissional em Educação Física. Constatou-se que a formação inicial tem se reconfigurado constantemente, sobretudo com relação aos seus objetivos acadêmicos e formativos, influenciando consequentemente a extensão universitária e a visão dos profissionais por ela formados. Os profissionais alegaram que a extensão universitária constitui-se da integração e da relação das práticas profissionais cotidianas com os conhecimentos acadêmicos, tendo peculiaridades como: estimuladora do desenvolvimento da habilidade social; articuladora do tripé da Educação Superior; laboratório experimental; e espaço de aprendizagem e formação contextualizada. Apresentaram que o ensino e a pesquisa ocorrem desvinculados da prática profissional, apontando para a necessidade de uma formação mais integrada. Em relação aos objetivos dos projetos da Universidade investigada, demonstraram a preocupação com a formação de profissionais cidadãos; com o intercâmbio social; com a qualificação docente e discente; com a articulação do ensino e da pesquisa; e em sedimentar a extensão universitária como processo educativo. Os profissionais conceberam o conceito de extensão de diversas formas: prática, teórica, por informações institucionais, por curiosidade e na elaboração de trabalhos acadêmicos. Manifestaram se aproximar da extensão devido a: bolsas, afinidade, curiosidade, identificação, influência de amigos, apresentando-os como mecanismos para repensarmos o processo formativo. Revelaram diversas dinâmicas de trabalho: grupos de estudos; reuniões para preparação e discussões sobre as aulas e enfatizaram a relevância do professor coordenador do projeto para auxiliar no desenvolvimento destas dinâmicas e conduzir os alunos neste processo de descobertas. Explicitaram diversos significados da extensão universitária como: vivência prática cotidiana, síntese de integração de conteúdos das diversas áreas de conhecimento, construtora de saberes e aprendizagens; e destacaram que as aprendizagens adquiridas implicaram em suas formações e atuações profissionais. Enfim, conclui-se que a extensão ainda é concebida de forma assistencialista, mas já apresenta outros objetivos (acadêmico e formativo) que indicam mudanças significativas na percepção e na disseminação deste tipo de trabalho. Isso não quer dizer que seja a melhor ou a pior função da Universidade, significa que tem características que auxiliam e complementam a formação e a atuação profissional. Para os profissionais investigados, a extensão universitária deveria ser obrigatória em todos os cursos, através de disciplinas na graduação, estimulando uma formação mais completa e ampliada.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Formação Inicial. Educação Física. Significados. Atuação Profissional.

ABSTRACT

In the present study aimed to analyze, from the perspective of physical education professionals, the meanings and implications of University Extension in initial training and professional performance. The subjects were composed of 14 professionals trained in Full Degree in Physical Education from 2005 to 2009, at a public university in the state of São Paulo and attended 1-2 years of a university extension project related to that course. The reference methodology is guided by a qualitative study with literature review and used as data collection instruments: the questionnaire and semistructured interview. The collected data were discussed in light of the literature and emerged as evidence the statements the following topics: professional training in Physical Education; conceptions, the formative role and significance of University Extension, and the implications of University Extension in training and performance Professional Physical Education. It was found that the initial training has been reconfigured constantly, especially with respect to their academic goals and training, thereby influencing the university extension and the views of professionals trained by it. The professionals argued that the university extension constitutes integration and respect of professional practices everyday with the academic knowledge, and peculiarities as stimulating the development of social skills; articulating tripod of Higher Education; experimental laboratory, and space for learning and contextualized training. Showed that teaching and research occur disengaged from professional practice, pointing to the need for a more integrated training. In relation to the objectives of the projects of the University investigated, demonstrated concern for the training of professional people, with the social exchange, with qualifying teachers and students, with joint teaching and research, and in the sediment as university extension education process . Professionals conceived the concept of extension in several ways: practical, theoretical, for institutional information, curiosity and the development of academic papers. Expressed approaching the extension due to: scholarships, affinity, curiosity, identification, influence of friends, presenting them as mechanisms to rethink the training process. Revealed several dynamics at work: study groups, preparation for meetings and discussions about the classes and emphasized the importance of teacher project coordinator to assist in the development of these dynamics and lead the students in this process of discovery. Made explicit meanings of many university extension as practical experience everyday synthesis of integrating content from different areas of knowledge, construction of knowledge and learning, and pointed out that the learning acquired involved in their training and professional performances. Finally, it is concluded that the extension is still designed so paternalistic, but it has other goals (academic and training) that indicate significant changes in the perception and dissemination of this type of work. That does not mean it's the best or worst of the University function, means it has features that assist and complement the professional training and work. For professionals surveyed, university extension should be compulsory in all courses, undergraduate courses through stimulating a more complete training and expanded.

Keywords: University Extension. Initial Training. Physical Education. Meanings. Professional Performance.

LISTA DE QUADROS

Página

Quadro 1: Perfil dos profissionais de Educação Física investigados. 28

Quadro 2: Planilha para análise preliminar das entrevistas semiestruturadas. 31

Quadro 3: Planilha para análise final das entrevistas semiestruturadas. 31

Quadro 4: Matérias por área de conhecimento 51

Quadro 5: Créditos e carga horária do curso 53

Quadro 6: Estrutura Curricular 2605- Licenciatura Plena em Educação Física - Período Integral 53

Quadro 7: Estrutura Curricular 2604- Licenciatura Plena em Educação Física - Período Noturno. 55

Quadro 8: Caracterização dos projetos de extensão universitária e das funções dos professores coordenadores e dos alunos da Universidade investigada. 82

LISTA DE GRÁFICOS

Página

Gráfico 1: Áreas de atuação dos profissionais de Educação Física.....26

Gráfico 2: Idade dos profissionais de Educação Física.....27

Gráfico 3: Tempo de Permanência no Projeto de Extensão Universitário 28

Gráfico 4: Implicação formativa: participação em projetos de extensão 58

Gráfico 5: Porcentagem de alunos com bolsas para atuar nos projetos de extensão.....80

SUMÁRIO

Página

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO I – METODOLOGIA 20

1.1 Delineamento da pesquisa 20

1.2 As etapas da investigação e as técnicas de pesquisa 21

1.3 Participantes do estudo e procedimentos para análise dos depoimentos 26

CAPÍTULO II – FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: A FORMAÇÃO INICIAL EM QUESTÃO 35

2.1 A formação inicial na Universidade: ensino, pesquisa e extensão 36

2.2 Os Currículos dos cursos de Educação Física: uma breve retrospectiva 44

2.2.1 O currículo de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade investigada 50

2.3 Formação inicial em Educação Física 56

CAPÍTULO III – EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DEFINIÇÕES, PAPEL FORMATIVO E SIGNIFICADOS 65

3.1 A Extensão e a Extensão Universitária: um breve histórico de uma construção necessária 66

3.1.1 Atualidades e perspectivas para a Extensão Universitária 71

3.2 Os projetos de Extensão Universitária do curso de Educação Física da Universidade investigada.. 75

3.3 Os significados da Extensão Universitária na formação inicial em Educação Física 88

CAPÍTULO IV – AS IMPLICAÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO E NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA 98

4.1 As aprendizagens da Extensão Universitária: um processo de formação de profissionais 99

4.2 Atuação profissional em Educação Física e Extensão Universitária: significados, relações e implicações 106

CONSIDERAÇÕES FINAIS 118

REFERÊNCIAS.....125

APÊNDICES (CD/Volume II).....136

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) 136

APÊNDICE B – Questionários sobre extensão universitária 137

APÊNDICE C – Roteiro da Entrevista sobre Histórico de vida do profissional de Educação Física na Extensão e as suas implicações na vida profissional 138

APÊNDICE D – Gráficos do perfil dos profissionais participantes do estudo.....139

ANEXOS (CD/Volume II).....142

ANEXO 1 – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos.....142

ANEXO 2 – Questionários dos sujeitos sobre extensão universitária.....144

ANEXO 3 – Transcrição das Entrevistas 160

INTRODUÇÃO

O constante questionamento do universo acadêmico à formação inicial relaciona-se especialmente à fragmentação das disciplinas do curso, a difícil relação entre teoria e prática, ou seja, as lacunas presentes no processo de formação que efetivam a interação entre a os saberes disciplinares e os campos de atuação profissional. Sendo assim, na maioria das vezes, o aluno passa a ser o principal responsável em articular e relacionar os conteúdos apreendidos na graduação com a sua prática pedagógica e/ou profissional.

Deste modo, sabe-se também que os cursos de graduação tem buscado superar tais problemáticas, necessidades e exigências da formação inicial, além de formar profissionais que pensem sobre a sua prática e consigam articular os seus conhecimentos ao seu cotidiano profissional.

Durante a minha graduação, também senti a necessidade de preencher algumas lacunas da formação inicial, como: a relação da teoria com a prática, o distanciamento da Universidade com a sociedade, a falta de didática e estratégias para a atuação docente, a insegurança ao dar aula e a falta de articulação da pesquisa com a minha prática. Assim, busquei a participação em diversos projetos de extensão universitária, permanecendo mais tempo em um projeto chamado “Ensinando e Aprendendo Handebol”, com o objetivo de aprender mais e de completar a minha formação. Foram quatro anos da minha vida universitária que vivenciei diversas aprendizagens acadêmicas, atitudinais e pedagógicas, as quais posso nomeá-las de aprendizagens significativas, pois segundo Moreira (1997, p.17) a “aprendizagem significativa é o processo através do qual uma nova informação (um novo conhecimento) se relaciona de maneira não arbitrária e substantiva (não-literal) à estrutura cognitiva do aprendiz”. Pois é nesse caminho que o significado lógico da aprendizagem se transforma em significado psicológico para a pessoa.

Posso dizer que esse projeto, me proporcionou inúmeras contribuições e a construção de uma rica base de saberes como: aprender a lidar com o aluno, fazer a relação teoria e prática, aprender a dar aula, a planejar, a lidar com ações imprevisíveis, a compreender o handebol e como se trabalhar com ele e muitas outras ações que foram essenciais para a minha atuação docente.

Hoje, já tendo atuado como profissional, avalio o quanto foi importante à extensão universitária no meu processo de formação. Assim, durante a pós-

graduação lato sensu em Educação Física escolar, no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (UniFMU) estudei sobre a formação inicial, extensão universitária e as implicações da mesma na atuação dos professores de Educação Física escolar (NOZAKI, 2009). Os resultados apresentaram que os professores pesquisados, de um determinado projeto de extensão universitária, também haviam adquirido diversas aprendizagens no referido projeto, utilizando-as em seu cotidiano profissional.

No entanto, a partir dos resultados dessa pesquisa emergiram outros questionamentos sobre a extensão universitária e suas implicações na formação e na atuação profissional, como:

- Quais são os significados construídos nos projetos de extensão pelos seus ex-alunos extensionistas?

- Quais as implicações da extensão universitária na formação inicial e na atuação profissional destes profissionais de Educação Física?

- Quais aprendizagens são constituídas nesse tipo de atividade?

- Essas aprendizagens são utilizadas na sua atuação profissional?

- Como a extensão universitária pode auxiliar durante a formação inicial?

Outro ponto instigante para o desenvolvimento desta pesquisa fundamentada na extensão universitária foi à preocupação com a formação inicial de qualidade e a percepção de escassez de materiais que tratem deste tema. Na tese de Hunger (1998), que analisava o processo de construção da concepção da extensão universitária, a autora apresentou dissertações de mestrado e teses de doutorado que estudaram o tema extensão universitária até 1998, e verificou a pequena produção existente sobre o tema.

Partindo deste ponto, para iniciar esta pesquisa foi realizado um novo levantamento no Banco de Teses da Capes (http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses) sobre as dissertações e teses que estudaram o tema extensão universitária na Educação Física de 1998 a 2011.

Pode-se perceber que houve um crescimento nos estudos sobre o tema, mas relacionados à Educação Física os estudos ainda são reduzidos e quando

encontrados, descrevem a estrutura, o funcionamento e a forma de trabalhar dos projetos de extensão universitária.

Para situarmos melhor os leitores, em 13 anos de pesquisas e estudos sobre o tema, foram produzidas 380 investigações de 1998 a 2011 que abordaram a extensão universitária em diversas áreas do conhecimento, sendo: 263 dissertações de mestrado e 117 teses de doutorado. Se dividirmos o total de pesquisas por 13 anos teremos aproximadamente 30 pesquisas produzidas a cada ano pelas pós-graduações stricto sensu no Brasil, ou seja, mais ou menos 1 estudo por mês que falam sobre o tema. Nesse mesmo período, na Educação Física foi produzida apenas 13 pesquisas que abordam a extensão universitária (10 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado), sendo que somente 5 desenvolveram estudos sobre o tema propriamente dito.

Em função de todos os argumentos apresentados até o momento (questionamentos do estudo, preocupação com a formação inicial, implicação da extensão universitária na formação e na atuação, reduzido número de estudos na Educação Física que pesquisam o tema em questão) sobre a extensão universitária na Educação Física, objetivou-se nesta pesquisa: analisar, sob a ótica dos profissionais de Educação Física, os significados e as implicações da Extensão Universitária na formação inicial e na atuação profissional.

Buscou-se averiguar se os projetos de extensão universitária desenvolvidos no ano de 2005 (último ano de ingresso no currículo de Licenciatura Plena em Educação Física que permitia investigar diversos campos de atuação desta área), numa Universidade Pública do interior do Estado de São Paulo, implicaram na formação e na atuação profissional dos ex-alunos que cursavam Licenciatura Plena em Educação Física e quais significados foram construídos nesse período.

Tal pesquisa é relevante para ampliar a literatura sobre o tema estudado, para propiciar uma compreensão dos significados destas aprendizagens e perceber se elas podem influenciar na ação cotidiana do profissional de Educação Física.

Pensamos que a extensão universitária pode auxiliar no processo de formação acadêmica e profissional, por ser um espaço de aprendizagem que se apresenta de forma indissociável do ensino e da pesquisa. Portanto, essa pesquisa pode estimular a percepção dos cursos de graduação para a necessidade de articular a extensão universitária ao processo de formação inicial, enfatizando o seu

compromisso com a aprendizagem dos futuros profissionais, e quem sabe, podendo estimular na elaboração de estratégias que favoreçam esse processo formativo.

Com base nessas premissas, em termos de organização da pesquisa, a análise das informações obtidas nos depoimentos dos profissionais e nos questionários é apresentada simultaneamente articulada à produção da literatura, estruturando a dissertação em dois volumes. Sendo apresentados no volume II, os anexos, os apêndices, as respostas aos questionários e os depoimentos na íntegra dos profissionais que participaram da pesquisa, e no volume I, a apresentação da pesquisa organizada da seguinte forma:

O primeiro capítulo refere-se à metodologia que norteou a pesquisa, com as técnicas de coleta de dados empregadas, os sujeitos participantes do estudo e os procedimentos utilizados para análise dos depoimentos e dos questionários coletados.

No capítulo II, denominado “Formação Profissional em Educação Física: a formação inicial em questão" apresentou as configurações da formação profissional em Educação Física, com ênfase na formação inicial. Abordou-se a formação inicial na Universidade, discutindo a relação entre ensino, pesquisa e extensão, suas implicações e diferenciações. Na sequência, foi apresentado um breve histórico da construção do currículo da Educação Física, para situar o estudo em questão e apresentar o currículo de formação dos profissionais analisados. E por fim, apresentou-se a trajetória da formação inicial na Educação Física, suas modificações e a necessidade por transformações nos tempos atuais, buscando uma formação mais reflexiva, através de exemplos de trabalhos desenvolvidos na área.

No capítulo III, “Extensão Universitária: significados, definições e o seu papel formativo”, o olhar voltou-se para a questão da extensão universitária. Abordamos a extensão universitária: o seu surgimento, a sua importância, a sua constituição histórica, suas perspectivas na atualidade, como eram e como funcionavam os projetos de extensão universitária da instituição investigada (projetos por onde passaram os profissionais deste estudo), como se apresentavam na formação inicial em Educação Física e os seus significados durante este processo.

E por fim, no capítulo IV, denominado “As implicações da Extensão Universitária na formação e na atuação profissional em Educação Física”, buscou-se

verificar, analisar e interpretar as implicações da extensão universitária na formação inicial e na atuação profissional desses profissionais investigados. Destacaram-se as percepções das aprendizagens desenvolvidas neste processo de formação; quais as influências desta função acadêmica na vida profissional dos profissionais investigados; quais as propostas para se trabalhar com a extensão universitária; e os significados, as relações e as implicações desta função na atuação profissional destes profissionais.

Almejamos que esse estudo possa contribuir para intensificar as discussões e descobertas sobre a extensão universitária no processo de formação inicial e na atuação profissional em Educação Física.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA

1.1 Delineamento da pesquisa

O reconhecimento da mudança contínua de contextos e das situações de ensino, o alto grau de complexidade do fenômeno educacional, a importância dos significados extraídos e referidos pelos sujeitos envolvidos e outros aspectos relevantes, segundo Lüdke (1998), não são abrangidos pela pesquisa quantitativa. Por este motivo, a pesquisa em Educação tem utilizado a pesquisa qualitativa a fim de tentar dar conta das questões advindas desta prática social.

Em função do objetivo da pesquisa que foi analisar, sob a ótica dos profissionais de Educação Física, os significados e as implicações da Extensão Universitária na formação inicial e na atuação profissional, a referência metodológica que orienta este estudo é a pesquisa qualitativa.

Segundo Patton, citado por Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000, p.131), a pesquisa qualitativa segue a tradição compreensiva ou interpretativa. Assim, essa pesquisa parte do princípio que:

> [...] as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.

Deste modo, André (2000) ressalta que a pesquisa qualitativa se contrapõe ao esquema quantitativista/positivista de pesquisa, levando em consideração todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa deve refletir um diálogo entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, procurando identificar as formas como sentem e explicam sua realidade, pois é através dessa interação que o todo (a pesquisa) vai ganhando forma. Assim, na pesquisa qualitativa o sujeito tem um caráter de atribuidor de significados, cabendo ao pesquisador a busca da compreensão destes significados.

Outro ponto considerado por Martins e Bicudo (1994) é que a pesquisa qualitativa tem por objetivo buscar a compreensão do que se estuda. Para Bicudo e Espósito (1997) o pesquisador deve descrever fenômenos e não explicá-los. Assim, compreender é tomar o fenômeno que se investiga em sua intenção total, dando destaque ao modo peculiar e específico dele existir.

Levando em consideração tal enfoque, a finalidade desse estudo se pautou na compreensão dos significados e das implicações da extensão universitária na formação inicial e na atuação profissional, a partir do olhar dos profissionais que atuam na Educação Física.

1.2 As etapas da investigação e as técnicas de pesquisa

Para a realização dessa investigação, o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru, Processo n.° 3422/46/01/11, sendo aprovado em reunião realizada no dia 07 de Abril de 2011 (Anexo 1).

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica, por intermédio do acesso a fontes de informação como livros, dissertações, periódicos, teses, monografias, anais de congresso e etc., com a finalidade de colocar a pesquisadora em contato com os temas pesquisados e suas problemáticas. A pesquisa bibliográfica fundamentou a elaboração da revisão da literatura e auxiliou na discussão sobre o problema investigado.

Na sequência, a pesquisadora fez um levantamento no portal da Faculdade de Ciências do campus da UNESP de Bauru (http://www.fc.unesp.br/), na parte de extensão em Projetos de extensão PROEX: Projetos de extensão 2005 (http://www.fc.unesp.br/upload/cpeu/projetos_proex/RELACAO_DOS_PROJ_DE_EXTENSAO_2005_DEPTOS.pdf) para averiguar quantos projetos de extensão universitária na área da Educação Física funcionaram no ano de 2005. O ano de

2005 foi selecionado para esta pesquisa, por ser o último ano de ingresso no currículo de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade investigada, modelo curricular amplo que nos permitiu analisar os diversos campos da Educação Física e os profissionais que estão imersos nele; por haver neste período a possibilidade mais concreta de se encontrar sujeitos que já estivessem atuando por algum tempo e, portanto, com eventuais possibilidades de fazer uma associação mais articulada entre o projeto de extensão experienciado e a formação/atuação profissional; e por ter sido aluna da Universidade neste período, fato que auxiliou no contato com os profissionais do referido período de formação.

Foram encontrados neste documento 16 projetos de extensão universitária inscritos, inseridos em diferentes áreas da Educação Física. Para essa pesquisa adequaram-se 14 projetos, pois um projeto presente no documento não se efetivou durante o ano de 2005 (relato do professor coordenador do projeto) e o outro projeto foi ministrado somente por um professor formado, sem a presença de alunos graduandos, fugindo assim, das características deste estudo.

Foi selecionado aleatoriamente de cada projeto de extensão, um ex-aluno que estagiou de 1 a 2 anos (esse período de permanência determinado para os pesquisados considera que os mesmos já tenham passado pelo período de adaptação e iniciado o período de identificação e incorporação das formas de trabalho dos projetos); que se formou no currículo antigo de Licenciatura Plena em Educação Física (visto que o ano de 2005 foi o último de vigência neste currículo na Universidade investigada) em uma Universidade Pública localizada no interior do Estado de São Paulo.

Após o levantamento dos nomes, e-mails, telefones e dos endereços dos possíveis participantes da pesquisa, realizou-se o contato com os profissionais, para apresentá-los a pesquisa e também saber se tinham interesse em participar da mesma.

A cada confirmação era enviado por e-mail uma explicação sobre o objetivo da pesquisa e informações esclarecendo que esse material inicial serviria para mapear os dados sobre os participantes da pesquisa e para levantar informações gerais sobre a extensão universitária; e um questionário (Apêndice B) para que os participantes respondessem. Neste mesmo e-mail, foi informado que os profissionais poderiam se retirar do estudo a qualquer momento, se sentissem

necessidade e que o termo de consentimento (Apêndice A) seria assinado por eles quando realizássemos a entrevista.

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.201), o questionário é “um dos instrumentos de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

As vantagens do questionário, segundo Marconi e Lakatos (2003), são: economizar tempo, viagens e obter grande número de dados; atingir maior número de pessoas ao mesmo tempo; abranger uma área geográfica maior; obter respostas mais rápidas e mais precisas; ter maior liberdade nas respostas, em razão ao anonimato; ter mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas; ter mais tempo para refletir sobre as questões e respondê-las mais adequadamente; e obter respostas que materialmente seriam inacessíveis.

Barros e Lehfeld (2000) escrevem que o questionário é um dos instrumentos mais usados para levantar informações. E completam dizendo que ele pode possuir perguntas fechadas e abertas ou mesmo a combinação dos dois tipos. As perguntas fechadas “apresentam categorias ou alternativas de respostas fixas” e “as perguntas abertas levam o informante a responder livremente com frases ou orações” (p.90).

Levando em consideração tal informação, o questionário utilizado para está pesquisa (Apêndice B) teve a combinação de dois tipos de estrutura (contendo perguntas fechadas e abertas), com o objetivo de enriquecer o estudo e conseguir coletar o maior número de informações possíveis sobre os sujeitos e suas experiências. Assim, o questionário desenvolvido aos pesquisados era lido antes de cada entrevista para: conhecer o sujeito; perceber quais eram os elementos apontados nas respostas; se havia alguma informação que causava dúvida e poderia ser sanada em entrevista; e para situar o entrevistador.

Na continuidade da pesquisa, foi realizada uma entrevista piloto (Anexo 3 – Entrevista P1) para avaliar a adequação das questões previamente elaboradas aos propósitos estabelecidos nesta pesquisa. Após alguns ajustes que se fizeram necessários, com a finalidade de melhor captar as concepções dos entrevistados referentes ao fenômeno investigado, coletaram-se os depoimentos. Lembrando que a entrevista piloto foi complementada após os ajustes realizados e será considerada válida para esta pesquisa.

As entrevistas foram realizadas nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro de 2011, em diferentes cidades do Estado São Paulo: Bauru, São Paulo, Cotia, Santos, Piracicaba, Ribeirão Preto e Sorocaba. Devido ao grande número de cidades e a disponibilidade dos depoentes para a entrevista, a coleta teve a duração de 4 meses. A entrevista se orientou pelo modelo semiestruturado que permitia que o depoente discorrece sobre o tema estudado, ganrantindo um contexto semelhante ao de uma conversa informal, porém obedecendo a um conjunto de questões abertas e fechadas previamente definidas por um roteiro.

De acordo com Amado e Ferreira (2002), a entrevista semiestruturada constitui-se como uma fonte oral de análise, a qual se legitima como uma fonte histórica, dado seu valor informativo e por incorporar perspectivas ausentes na literatura.

Conforme Lüdke e André (1986, p.34) a entrevista é uma das principais técnicas de pesquisa utilizadas nas ciências socias que “permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”, correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam eficaz na obtenção das informações desejadas.

Uma entrevista bem realizada pode permitir:

> [...] o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário. E pode também, o que a torna particularmente útil, atingir informantes que não poderiam ser atingidos por outros meios de investigação, como é o caso de pessoas com pouca instrução formal, para as quais a aplicação de um questionário escrito seria inviável. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.34)

Na entrevista a relação que se cria com o entrevistado é a de interação, assim se ela não é totalmente estruturada, não há imposição de uma ordem rígida de questões, podendo o entrevistado falar sobre o tema proposto com base nas informações que ele tem, e que no fundo, é a razão da entrevista. Portanto, assim que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluíram de forma autêntica e notável.

A entrevista se dividiu em dois momentos: no primeiro momento foi investigada a vida dos depoentes nos projetos de extensão universitária do qual

participavam, e no segundo momento foram investigados as implicações da extensão universitária na formação e na atuação profissional. Estes dois momentos apresentaram-se necessários para compreendermos melhor as aprendizagens desenvolvidas durante a formação inicial, em específico, no projeto de extensão universitária e se as mesmas são utilizadas na prática cotidiana dos profissionais, além de seus significados. De acordo com Ausubel (1963, p. 58), “a aprendizagem significativa é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a vasta quantidade de idéias e informações representadas em qualquer campo de conhecimento”.

Todas as entrevistas foram gravadas por um aparelho Digital MP3 Player USB Drive Flash (1GB), da marca Sony, do modelo NW-E023F. Ao final da realização das mesmas, todos os depoentes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A) autorizando a utilização das entrevistas como material para a presente investigação.

Posteriormente as entrevistas foram transferidas para um Portable Hard Drive ou HD externo da marca Iomega, modelo 31868600 LPHD-UPC, a fim de proporcionar um adequado arquivamento das mesmas.

Em seguida, os depoimentos foram transcritos na íntegra (Anexo 3), procurando manter a maior fidelidade possível em relação às gravações. Durante as transcrições foram adotados alguns procedimentos a fim de preservar a identidade dos depoentes, sendo os mesmos identificados pela letra P (ou Profissional), seguido do número que representa a sequência de realização das entrevistas, ou seja, P1 (Profissional 1) e assim sucessivamente até o último entrevistado, identificado por P14 (Profissional 14).

A coleta dos depoimentos foi encerrada com o depoente 14, no momento em que se constatou que as informações eram recorrentes, indicando que, o surgimento de novos dados se tornaria mais escasso.

A seguir serão apresentados os sujeitos participantes deste estudo para caracterizar melhor a pesquisa em questão e os caminhos percorridos para a análise dos dados.

1.3 Participantes do estudo e procedimentos para análise dos depoimentos

O presente estudo envolveu 14 profissionais de Educação Física formados no currículo de Licenciatura Plena em Educação Física, que participaram de 1 a 2 anos dos projetos de extensão universitária de uma Universidade Pública Estadual do interior do Estado de São Paulo e que atuam como profissionais na área da Educação Física.

Os participantes desta pesquisa trabalham em diversas áreas da Educação Física como: escolar, adaptada (deficiente intelectual), extensão universitária, atividades aquáticas (natação e hidroginástica), treinamento resistido, condicionamento físico, personal trainer, instrutor de artes marciais e defesa pessoal, escolinha de futsal, reabilitação cardiovascular, musculação, programas socioeducativos multidisciplinares, fitness, saúde, esporte de alto rendimento, pesquisa e treinamento de ginástica artística, como podemos averiguar no Gráfico 1 abaixo:

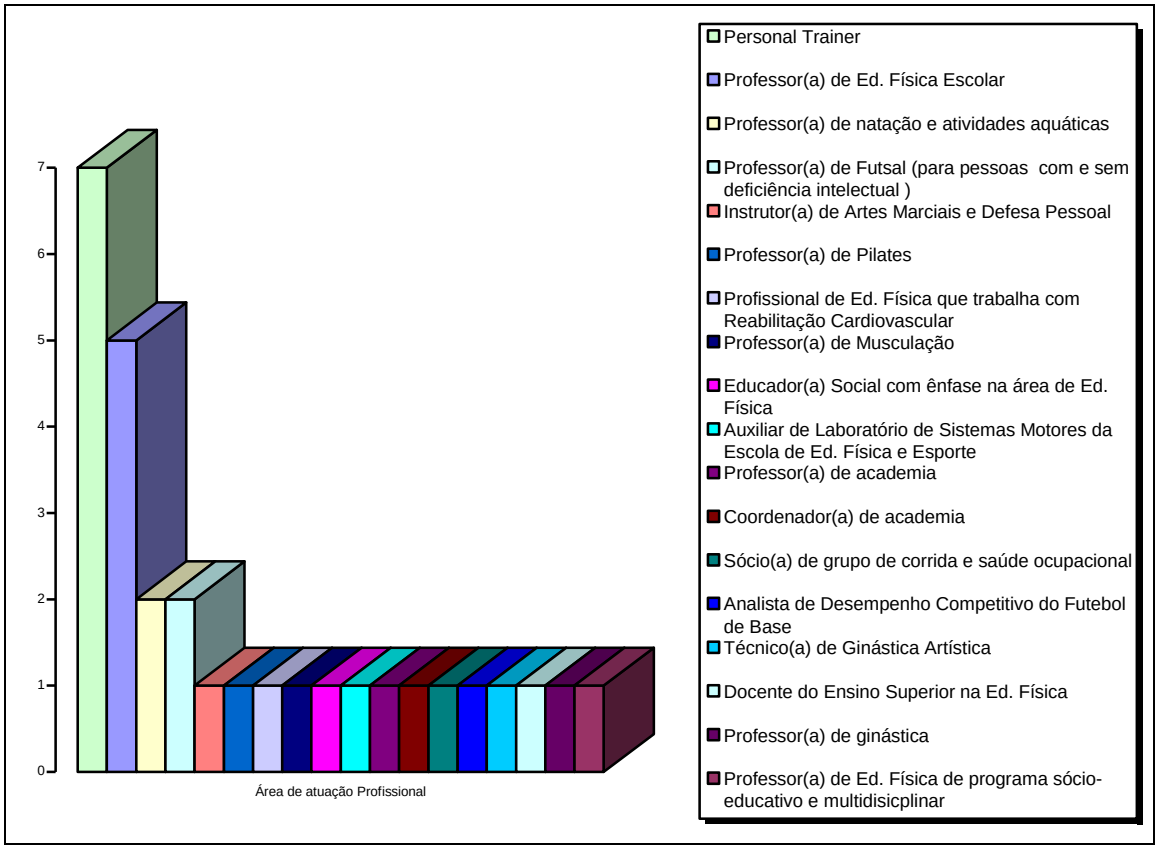

Gráfico 1: Áreas de atuação dos profissionais de Educação Física.

Tais profissionais atuam nos setores privados e públicos, sendo: um profissional unicamente no setor público, quatro em ambos os setores e nove no setor privado.

Todos os profissionais participantes do presente estudo foram escolhidos de forma aleatória, compondo um grupo com sete pessoas do sexo feminino e sete pessoas do sexo masculino, com idade de 24 a 33 anos (Gráfico 2):

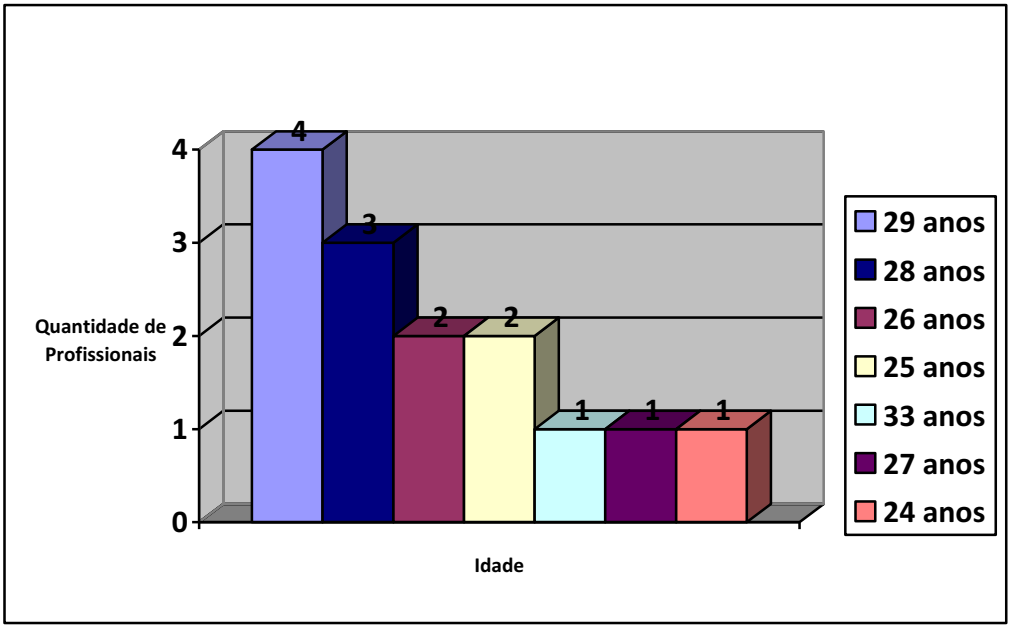

Gráfico 2: Idade dos profissionais de Educação Física.

Os participantes residem em diferentes cidades do Estado de São Paulo, sendo: quatro em São Paulo, um em Cotia, um em Santos, um em Piracicaba, um em Ribeirão Preto, cinco em Bauru e um em Sorocaba.

Em relação ao tempo de atuação na Educação Física: quatro pessoas atuam há 3 anos e dez pessoas há 4 anos.

Sendo que o ano de ingresso na Universidade mais antigo é em 2001 e o mais recente é em 2005. E o ano de conclusão na formação inicial em Educação Física mais antigo é 2005 e o mais recente é 2009.

Quanto à formação complementar, quatro profissionais não possuem nenhuma; dois participam de congressos e cursos em suas áreas de atuação e formação; três fizeram algum tipo de pós-graduação lato sensu (especialização); três pessoas estão cursando e duas já concluíram os cursos de pós-graduação strictu sensu (nível mestrado).

Em relação à participação em projetos de extensão, três pesquisados apontaram ter participado de dois projetos durante a sua formação inicial, um apontou que participou de três e os outros dez participaram de apenas um projeto. Todos permaneceram nestes projetos no mínimo 1 ano e no máximo 4 anos (Gráfico 3):

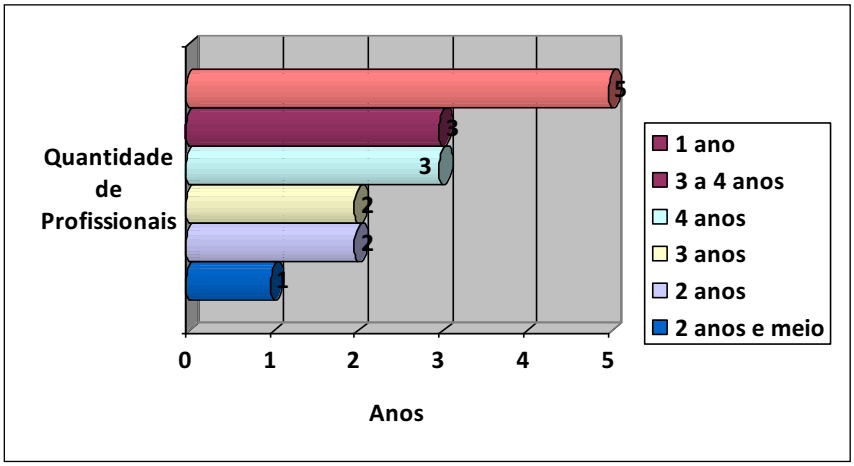

Gráfico 2: Tempo de Permanência no Projeto de Extensão Universitária.

Abaixo, será apresentado o quadro 1 com as características gerais dos sujeitos participantes desta pesquisa:

Perfil dos profissionais participantes do estudo

Entrevistado(a)	Sexo	Idade	Ano de Ingresso	Ano de Conclusão	Formação complementar	Atuação Profissional	Permanência no projeto de extensão
Profissional 1 (P1)	F	29 anos	2001	2005	Pós Graduação Stricto sensu – Mestrado em Pedagogia do Movimento (em curso)	Professora de Ed. Física escolar, de ginástica, natação e de um projeto de extensão de futsal para pessoas com deficiência intelectual.	3 anos
Profissional 2 (P2)	M	27 anos	2002	2006	Curso de treinamento de força aplicado à: Estética, Saúde e desempenho esportivo e aprimoramento profissional no Cemenutri (não concluído)	Personal Trainer em academias e residenciais.	1 ano
Profissional 3 (P3)	M	28 anos	2002	2005	Não tem	Professor de Ed. Física escolar, de futsal e instrutor de artes marciais e	2 anos

						defesa pessoal.	
Profissional 4 (P4)	F	24 anos	2005	2009	Não tem	Professora de Ed. Física escolar e Personal Trainer.	4 anos
Profissional 5 (P5)	F	26 anos	2004	2008	Pós Graduação *Stricto sensu* – Mestrado em Neurociência e comportamento (em curso)	Personal trainer	3 a 4 anos
Profissional 6 (P6)	M	26 anos	2004	2008	Pós Graduação *Lato sensu* – Especialização em Reabilitação Cardiovascular Primária e Secundária e Fisiologia do exercício	Professor de Pilates, personal trainer e Profissional de Ed. Física que trabalha com Reabilitação Cardiovascular.	2 anos e meio
Profissional 7 (P7)	F	28 anos	2005	2008	Não tem	Professora de musculação e personal (até junho/11) ; Educadora social com ênfase na área de Educação Física.	4 anos
Profissional 8 (P8)	M	33 anos	2001	2005	Pós Graduação Lato sensu – Especialização em Ed. Física escolar	Professor de Ed. Física escolar.	1 ano
Profissional 9 (P9)	M	29 anos	2002	2006	Pós Graduação Stricto sensu – Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	Professor de Ed. Física de programa sócio-educativo e multidisciplinar.	1 ano
Profissional 10 (P10)	F	25 anos	2005	2008	Pós Graduação Stricto sensu – Mestrado em Biodinâmica do Movimento Humano (em curso)	Auxiliar do laboratório de sistemas motores da escola de Ed. Física e esporte (até Julho 11)	4 anos
Profissional 11 (P11)	M	28 anos	2001	2005	Não tem	Personal trainer, coordenador de academia e sócio de um grupo de corrida e saúde ocupacional.	1 ano
Profissional 12 (P12)	F	29 anos	2002	2006	Pós Graduação Stricto sensu – Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	Professora de Academia (atividades aquáticas).	2 anos
Profissional 13 (P13)	M	29 anos	2002	2006	Pós Graduação Stricto sensu – Mestrado em Ciências da Motricidade (em curso)	Analista de Desempenho Competitivo do Departamento de Futebol de Base de um clube.	1 ano
Profissional 14 (P14)	F	25 anos	2004	2007	Pós Graduação Lato sensu – Especialização em iniciação do	Professora de Ed. Física escolar, técnica de ginástica artística e	3 anos

					treinamento esportivo na infância e adolescência	Docente na Ed. Física no ensino superior.	

Quadro 1: Perfil dos profissionais de Educação Física investigados.

A etapa seguinte da investigação caracterizou-se em analisar todas as informações coletadas, que nas pesquisas qualitativas são geralmente volumosas, e precisam ser organizadas e compreendidas. A análise dos relatos dos profissionais de Educação Física e dos questionários foi pautada por meio da discussão e articulação com o conteúdo estudado na revisão da literatura. Uma vez que “os fatos, os dados não se revelam gratuita e diretamente aos olhos do pesquisador” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 4). Assim a análise consistiu num processo contínuo, durante toda a investigação, e segundo Alves (1991) procurou identificar as relações e os significados, sendo que a interpretação e o foco de análise sofreram ajustes mutuamente no decorrer da pesquisa.

Os dados foram analisados conforme o referencial metodológico de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), ou seja, consistiu num “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44). Portanto, os dados passaram por estas três etapas básicas: a pré-análise, a exploração do material ou descrição analítica e o tratamento dos resultados e interpretações.

Obedecendo aos pressupostos do método escolhido para análise, o material coletado foi submetido à pré-análise (fase de organização do material da pesquisa, composta por atividades não estruturadas), que consistiu na organização do mesmo, permitindo a pesquisadora através de uma leitura geral, especificar os campos os quais deveria fixar a atenção. Neste momento, os eixos de análise foram delimitados com suas respectivas categorias internas, buscando uma relação entre si e uma correspondência com os objetivos específicos da pesquisa.

Ainda durante a etapa anterior iniciou-se a descrição analítica, na qual o material coletado foi submetido a um estudo com maior profundidade, sendo este orientado pelos objetivos da investigação, eixos e categorias internas de análise determinados e a pesquisa bibliográfica realizada. Durante esta etapa foram realizados os procedimentos de classificação e categorização dos dados. Para isso, inicialmente as respostas completas dos depoentes obtidas nas entrevistas semiestruturadas foram aglutinadas em uma mesma planilha (Quadro 2)

apresentada abaixo, e a partir dela foram extraídos os trechos considerados mais relevantes:

Depoentes	Questões:	
	Respostas completas	Trechos selecionados
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		

Quadro 2: Planilha para análise preliminar das entrevistas semiestruturadas.

Tais trechos foram inseridos em uma nova planilha (Quadro 3 abaixo) a fim de facilitar a determinação dos quadros referenciais de análise, em busca da síntese de ideias coincidentes e divergentes. Ainda durante a descrição analítica foi realizada a seleção das informações contidas nos questionários para serem utilizadas na próxima fase da análise:

Matriz analítica para entrevistas semiestruturada																	
				Trecho das respostas pré-analisadas dos depoentes													
Eixos	Categorias	Número	Questão	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14
Cap II Tóp. 2.2	A Formação Inicial na Universidade: ensino, pesquisa e extensão	2º 1)	**2º) Implicações formativas:** 1) ...Do que se diferenciava do ensino e da pesquisa?														
Cap II Tóp. 2.3	Formação Inicial em Educação Física	Question.	Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? ( ) Sim ( ) Não														
Cap III Tóp. 3.2	Os projetos de Extensão Universitária do curso de Educação Física da Universidade investigada.	1º 1)	**1)Divulgação, conhecimento, aproximação do projeto e objetivo:** Como você se aproximou desse projeto de extensão universitária em que participou? Como foi divulgado? Qual era o objetivo do projeto e como ficou sabendo dele?														

		1º 3)	**3) Conceituação de extensão universitária:** Houve alguma discussão do que era a extensão universitária no projeto em que você participava?															
		1º 4)	**4) O projeto em si e o aluno estagiário:** Como era o projeto de extensão universitária em que você participava na graduação e como era a sua rotina de trabalho?															
		1º 2)	**2) Função do professor coordenador e aluno no projeto de extensão universitária:** Você sabia o papel do professor coordenador e do aluno de graduação no projeto de extensão?															
Cap III Tóp. 3.3	**Os significados da Extensão Universitária na Formação Inicial em Educação Física**	**1º 4)**	**4) O projeto em si e o aluno estagiário:** Como era o seu envolvimento no projeto?															
		1º 4)	**4) O projeto em si e o aluno estagiário:** Você se sentia parte do projeto (ex.: se podia opinar, se ele se sentia parte do processo, como era)?															
		2º 1)	**2º)Implicações formativas:** 1)Qual o papel/valor/significado/sentido da extensão universitária na sua formação inicial?															
Cap IV Tóp. 4.1	**As aprendizagens da Extensão Universitária: um processo de formação de profissionais**	**1º 4)**	**4) O projeto em si e o aluno estagiário:** O que aprendeu com o projeto?															
		2º 3)	**2º) Implicações formativas:** 3) Relate todos os elementos apreendidos no projeto de extensão universitária.															
		Question.	Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?															
Cap IV Tóp. 4.2	**4.2 Atuação profissional em Educação Física e Extensão Universitária: significados, relações e implicações.**	**1º 4)**	**4) O projeto em si e o aluno estagiário:** O que considera mais relevante dessa experiência?															
		2º 2)	**2º) Implicações formativas:** 2) Quais implicações da extensão universitária na sua atuação como profissional?															
		2º 4)	**2º) Implicações formativas**: 4) Quais exemplos desses elementos apreendidos no projeto são aplicados na sua atuação como profissional?															

		Question.	Em quais aspectos?															

Quadro 3: Planilha para análise final das entrevistas semiestruturadas.

Na última etapa, a fase de tratamento dos resultados e das interpretações, os dados passaram pelo aprofundamento das conexões das ideias e interação entre os diversos materiais: questionários e depoimentos. Nessa fase foram elaborados textualmente os eixos/categorias de análise articulados à revisão de literatura. Neste momento a pesquisadora atribuiu os significados aos resultados da pesquisa, através de propostas de inferências e adiantamento de interpretações que dialogavam com os objetivos do estudo ou apontavam para novas descobertas.

A interpretação inferencial resultou em temas e subtemas relacionados entre si, os quais buscavam apreender os significados emitidos nos depoimentos dos profissionais:

- **A Formação Profissional em Educação.**

Evidenciaram-se as concepções da formação inicial na Universidade e na Educação Física, além de analisar e discutir a necessidade de transformações na formação inicial em Educação Física na atualidade, em busca de uma formação mais reflexiva na área.

- **As concepções, o papel formativo e os significados da Extensão Universitária.**

Como a pesquisa insere-se no campo da extensão universitária, pretendeu-se apresentar os conceitos e as concepções de extensão e extensão universitária construídos historicamente; e elucidar o que pensam os profissionais investigados sobre o papel e os significados da extensão universitária, a partir das peculiaridades dos projetos de extensão da instituição investigada.

- **As implicações da Extensão Universitária na formação e na atuação profissional em Educação Física.**

Nesta temática foram evidenciadas as implicações da extensão universitária no processo de formação e na atuação dos profissionais investigados, verificando as aprendizagens, os significados e as relações que os entrevistados estabelecem com as ações de formação para o seu desenvolvimento profissional; e quais relações

foram construídas nesse processo formativo para auxiliar e estimular a utilização dessas aprendizagens para sua atuação profissional.

Enfim, entende-se que o conjunto documental oral é um elemento fundamental para compreender e registrar na contemporaneidade como a extensão universitária pode contribuir para a formação dos profissionais de Educação Física. Portanto, analisá-lo em articulação com os documentos oficiais e a produção da literatura, apresenta-se como uma significativa possibilidade de ampliação do conhecimento sobre este fenômeno. Assim, com base no quadro metodológico adotado, seguem as análises nos próximos capítulos II, III e IV.

CAPÍTULO II

FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: A FORMAÇÃO INICIAL EM QUESTÃO

A questão da formação profissional, em específico na Educação Física, é um tema muito discutido devido às diversas lacunas existentes no processo de formação inicial e continuada.

A mobilização destes espaços de forma significativa para auxiliar na formação do profissional tem se tornado um desafio na contemporaneidade para os docentes do ensino superior. Os desafios se assentam na relação da teoria com a prática, no distanciamento do ensino às questões da prática profissional, no reduzido número de vivências de situações similares à profissão e na dificuldade de fazer a conexão da teoria com o cotidiano profissional. Estes desafios são reflexos das fragilidades formativas, das constantes mudanças no cenário educacional e das divergências presentes no campo da formação profissional em Educação Física.

Esse cenário, segundo Imbérnon (2006, p. 15) destaca a necessidade de um novo olhar para a formação, ou seja, uma nova formação que deva assumir:

> [...] um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza. Enfatiza-se mais a aprendizagem das pessoas e as maneiras de torná-la possível que o ensino e o fato de alguém (supondo-se a ignorância do outro) esclarecer e servir de formador ou formadora.

Assim, o autor enfatiza que um conhecimento profissional que vá além de traços unificadores da profissão docente é fundamental, pois são esses aspectos formadores que auxiliarão na adaptação com as mudanças, sendo essenciais para o

processo de formação do profissional. Deste modo, essa ação também servirá de estímulo crítico e mobilizador, dando elementos para o sujeito romper ou superar as tradições estabelecidas e as ideologias impostas.

Autores como Chaves-Gamboa, Tafarel e Gamboa (2011, p.185) apontam que para essa ação formativa ocorrer, há também a necessidade de se superar conflitos acadêmicos e antidemocráticos estabelecidos nas Universidades, que ainda não dão conta da formação integral do discente. Para isso não podemos esquecer que:

> [...] tanto a prática pedagógica como a produção do conhecimento da área se fundamentam em concepções epistemológicas e teórico-metodológicas, que configuram e se aliam com determinados projetos históricos em confronto, dando uma direção política ao currículo, ou seja, uma direção política ao processo de formação humana.

Em face deste contexto, neste capítulo serão apresentadas as configurações da formação profissional em Educação Física, com ênfase na formação inicial. Será abordado a formação inicial na Universidade, discutindo a relação entre ensino, pesquisa e extensão, suas implicações e diferenciações. Na sequência, será apresentado um breve histórico da construção do currículo da Educação Física, para situar o estudo em questão e apresentar o currículo de formação dos profissionais analisados. E por fim, será apresentada a trajetória da formação inicial na Educação Física, suas modificações e a necessidade por transformações nos tempos atuais, buscando uma formação mais reflexiva, através de exemplos de trabalhos desenvolvidos na área.

2.1 A formação inicial na Universidade: ensino, pesquisa e extensão.

A formação inicial nas Universidades Públicas brasileiras tem se pautado pela indissociabilidade da tríade: ensino, pesquisa e extensão. Essas funções apresentam-se como essenciais para a formação dos profissionais no ensino superior, a produção de pesquisas, de inovações e de soluções para os problemas atuais, além de dar suporte para o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural do nosso país, segundo Brasil (2001) no Plano Nacional de Educação (PNE) da Lei 10.172, de 09 de Janeiro de 2001.

O PNE de Brasil (2001) vem consolidar o que foi proposto na Carta Magna da União, que assegura efetiva autonomia didática, científica, administrativa e de gestão financeira para as Universidades Públicas, ampliando a concepção de Universidade e sua relação com o princípio da indissolubilidade, incentivando mais espaço para discutir e justificar suas metas para a Educação Superior, que deverá contar:

> [...] com um conjunto diversificado de instituições que atendam a diferentes demandas e funções. Seu núcleo estratégico há de ser composto pelas universidades, que exercem as funções que lhe foram atribuídas pela Constituição: ensino, pesquisa e extensão. Esse núcleo estratégico tem como missão contribuir para o desenvolvimento do País e a redução dos desequilíbrios regionais, nos marcos de um projeto nacional. Por esse motivo, estas instituições devem ter estreita articulação com as instituições de ciência e tecnologia – como aliás está indicado na LDB (art. 86). No mundo contemporâneo, as rápidas transformações destinam às universidades o desafio de reunir em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, os requisitos de *relevância*, incluindo a superação das desigualdades sociais e regionais, *qualidade* e *cooperação internacional*. As universidades constituem, a partir da reflexão e da pesquisa, o principal instrumento de transmissão da experiência cultural e científica acumulada pela humanidade. Nessas instituições apropria-se o patrimônio do saber humano que deve ser aplicado ao conhecimento e desenvolvimento do País e da sociedade brasileira. A universidade é, simultaneamente, depositária e criadora de conhecimentos. (Plano Nacional de Educação, 2001, Educação Superior – 4.2 Diretrizes)

Deste modo, a Universidade brasileira terá a função de produzir o conhecimento, compartilhá-lo e estimular a produção de diversos saberes, mas com o objetivo de abrir novos horizontes e projetar a sociedade para um futuro melhor, reduzindo assim, as desigualdades e tentando superar os desafios propostos pela Educação no século XXI.

Pensar nestes papéis da Universidade, a partir da questão da indissociabilidade, expõe a complexidade em que a formação inicial está inserida.

Segundo Dias (2009), conseguir fazer com que de fato essa indissociabilidade aconteça, estimulando o desenvolvimento de habilidades, que auxiliem o graduando a entender como agir na realidade ao seu redor, tem se tornado uma ação pouco concretizada na prática acadêmica. Evidências como esta, também podem ser encontradas nos depoimentos dos profissionais investigados. Para os Profissionais 4 e 5, o ensino:

> [...] é só teoria, não teria essa prática de contato que na extensão a gente tem ali de a prática, não necessariamente precisava ter a pesquisa a gente poderia fazer a prática ali naquele projeto, aprender, ter os resultados sem fazer pesquisa, sem levar aquele resultado pro congresso. (P4)

> [...] muitas vezes principalmente no que olhando outras disciplinas sem pensar no projeto da [...], ele fica um pouco distante do que realmente ocorre, porque, que a gente aprende na sala de aula, por exemplo, como ensina, sei lá uma criança com uma certa deficiência a fazer uma coisa, não é muito, tão próximo da realidade, que é a deficiência no papel tá dum jeito, mas o cara vem com ela três vezes pior ou com uma variável que você não pode controla e que você não vai conseguir fazer o que você planejou na aula. (P5)

E os Profissionais 1 e 2 ainda completam dizendo que:

> A prática é a prática que a gente vê, desvinculada totalmente das questões... totalmente não, parcialmente, pelo menos das questões acadêmicas. [...] porque a pesquisa acaba ficando mais no teórico, se ela num utiliza da intervenção, acaba ficando mais na teoria [...]. (P1)

> Só na pesquisa, você não ganha habilidade social. (P2)

Em seus relatos, os Profissionais P1, P2, P4 e P5 apresentam o ensino, a pesquisa e a extensão separadamente, como se as mesmas não conversassem entre si, não se relacionassem ou não fossem indissociáveis. Estes depoimentos enfatizam a necessidade de tentarmos, cada vez mais, articular essas ações formativas para auxiliar na formação inicial do futuro profissional.

Talvez seja por este motivo, que o PNE de 2001 anunciou que também é papel das Universidades qualificar os docentes da Educação Superior, que atuam em instituições públicas e privadas, para que atinjam as metas previstas nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 que são:

> **I -** estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
> **II -** formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
> **III -** incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

> **IV -** promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
> **V -** suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
> **VI -** estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
> **VII -** promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (p.16 e 17)

Dias (2009) enfatiza que essas ações devem ser estendidas também aos dirigentes dessas instituições de Educação Superior, pois além de formar, é preciso desenvolver uma política institucional que favoreça “a implantação, implementação e desenvolvimento de ações integradoras de ensino, pesquisa e extensão, para além da simples incorporação em estatutos, numa relação de intercâmbio com a sociedade civil organizada” (p.41), resultando assim, numa meta administrativa e acadêmica a ser alcançada pela instituição e por todos.

Uma possibilidade apresentada pelos Profissionais P8 e P11 para auxiliar na formação inicial dos graduandos na Universidade, é sobre a extensão universitária como articuladora desse tripé da Educação Superior:

> [...] dá pra aliar tudo! Na extensão dá pra aliar a teoria, as questões da da da prática docente no no no meu caso em específico, da né, do futuro profissional, e de pesquisar aquilo que tá acontecendo, de fato é, tem um olhar diferenciado e... e fazer uma análise daquilo que está acontecendo, daquilo que a gente, estudou, daquilo que está colocando em prática pra saber se de fato está dando certo ou se não está dando, por que que não está dando e sendo embasado pelas questões teóricas, né? (P8)

> [...] é a junção dos dois né? [...] do ensino e da pesquisa. Porque cê você vai ter, se vai ter que na verdade você vai ter que tá pesquisando, foi o que te falei, a gente montou o protocolo pra ta pesquisando que pode dar certo ou não, só que, isso era um ensino que a gente aplicava pra galera, a gente aprendia, aí seria o ensino não só nós aprendendo em termo de protocolo de avaliação que a gente teve que estuda, mas também em termo de aplicação pro aluno, então a gente tinha que pesquisar, mas a gente tinha que é, estuda o que que a gente ia aplicar [...] [...]então nós tivemos que entra no ensino, aprende né, batalha ali pra saber moldar o projeto, pra depois ter a pesquisa. Então aí na verdade a extensão ela seria,

> na minha opinião, ela seria a função dos dois né? Você tem que ter o ensino pra pode saber pesquisar. (P11)

Além da extensão universitária articular o ensino e a pesquisa, ela é capaz de:

> [...] unir a prática aos conteúdos acadêmicos, a pesquisa no caso. A extensão eu acho, que é um meio para. (P1)
>
> [...] aplicar. Acho que a diferença é assim, que você pode, não sei como falar, dar a aula, aplicar aquilo que você conheceu [...] aprendeu [...] é o fazer, aplicar aquilo que você foi ensinado e aquilo que você foi pesquisar. (P7)
>
> [...] coloca em prática aquilo que eu estudei, vejo o que tava certo, o que tava errado, o que poderia ter melhorado antes mesmo de ter entrado no mercado de trabalho, e no meu caso específico a escola. (P8)

A extensão também é vista como laboratório, assim “parte da extensão que é o o contato com os pacientes, mas ao mesmo tempo, aquela extensão era base da nossa pesquisa. Então a gente usava o projeto de extensão como nosso laboratório e era o nosso laboratório” (P5).

Deste modo, se a formação inicial segundo Ferreira (1993, p.258 e p.307) é o: “Ato, Efeito ou modo de formar, constituição ou caráter... que inicia”. Pensamos que a extensão universitária pode também ser um elemento essencial durante este período de formação. Pois, para Saraiva (2007) a extensão universitária juntamente com o ensino e a pesquisa podem possibilitar uma excelente troca de saberes e a produção de um novo tipo de conhecimento, que são resultantes do conhecimento científico, do saber popular e do confronto teoria e realidade, que se concretizam na constante transformação da sociedade.

Para Perrenoud (2002) a formação (inicial e continua) permanece como um dos propulsores que permitem elevar o nível de competência dos profissionais, podendo aumentar seus saberes, melhorando a sua relação com o conhecimento, transformando sua identidade, sua relação com a aprendizagem, a sua visão da cooperação, da autoridade e o seu senso ético. Portanto, essa etapa não pode ser simplesmente um processo sistematizado e que é baseado no domínio de conhecimentos profissionais básicos.

Para o Profissional 9 a formação, a partir da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão ocorre quando “o ensino em especifico estimula pra uma extensão, e da extensão pode-se fazer a pesquisa, talvez essa seja a lógica de raciocínio que eu faço da tríade”, transcendendo assim, uma simples etapa de obtenção de conhecimento.

Zeichner (1993, p.25) destaca que para ocorrer um bom ensino é preciso levar em consideração: “as representações das disciplinas, as estratégias de ensino sugeridas pela investigação, o pensamento e a compreensão dos alunos, e as consequências sociais e os contextos do ensino”.

Mesmo assim, Ferreira (2003) salienta que isso não é garantia de uma boa formação, pois a formação inicial tem baseado seu ensino, prioritariamente, nos conceitos da racionalidade técnica ou nos conhecimentos acadêmicos, deixando de utilizar a investigação como instrumento de conhecimento e informação, de tal modo que o futuro professor tem dificuldade em apreender, em problematizar e compreender a dimensão real do processo pedagógico.

Essa mesma dificuldade se manifesta na formação inicial como um todo. Silva (2005, p. 244) diz que em termos de formação inicial, essa atuação deve estar:

> [...] adaptada à personalidade de cada formando, ajudando-os a encontrar e a desenvolver modos de acção, mas sem se substituir a eles. Para tal o formando necessita de ser colocado em situações reais, de modo autónomo e responsável, num quadro de conciliação da individualização e da acção em grupo. Tarefa mediada pela observação dos modos de acção dos seus colegas e pelo confronto de ideias, a formação provoca no formando interrogações sobre si próprio e sobre os outros que, por sua vez, facultam a transformação desejada, ao nível de saber, do saber fazer e do saber ser.

Deste modo, é possível perceber que a formação inicial é um momento no qual os graduandos devam ser estimulados a refletir e discutir sobre a sua futura profissão, através de situações reais e significativas, podendo resultar assim, na constituição de alguns saberes e conhecimentos profissionais. Dessa forma, momentos importantes e essenciais como estes, devem ser constantemente realizados, para quem sabe, começarmos a ressignificar os paradigmas estabelecidos em relação aos papéis da Universidade.

Porém, este processo de indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão tem sido difícil de ser concretizado, devido às diversas visões que estão

impregnadas na sociedade, como aparece na pesquisa de Zanotto[1] et. al. (2005), que apresenta as concepções de Universidade que predominam entre docentes, acadêmicos e membros da comunidade para situar e rediscutir os fins da Educação Superior, considerando a relação da Universidade com a sociedade, o seu atrelamento ao Estado e aos interesses do capital. Os resultados apresentaram que a maioria dos pesquisados concebem a função da formação na Universidade como preparação para o mercado de trabalho. Para os docentes, a Universidade se caracteriza pela formação de pesquisadores, produção de conhecimentos e prestação de serviços acadêmicos. Para os acadêmicos, a Universidade é uma instituição de ensino da alta cultura e espaço de formação profissional, com o objetivo de preparar o graduando para assumir posições no mercado de trabalho. Para a comunidade, a Universidade é um lugar de formação de profissionais e de prestação de serviços.

Verifica-se nessa pesquisa que a concepção de Universidade vinculada ao tripé da Educação Superior é a menos representativa de todas, pois tanto a comunidade, os acadêmicos quanto os docentes não conseguem perceber essa articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. A autora pontua que esse modelo de Universidade brasileira é muito semelhante ao modelo norte-americano que enfatiza a formação de mão-de-obra para diferentes funções no mercado de trabalho, e consequentemente para diferentes classes sociais, ressaltando assim, no predomínio de um modelo capitalista pautado na desigualdade social.

A pesquisa revela o quanto é necessário pensarmos em uma formação mais integrada, “superando o estado individual dessas ações e, em um contínuo, se fazer universal pela dinâmica ensino-pesquisa-extensão. Esta é, sem dúvida, uma atitude revolucionária para a Universidade brasileira” (ZANOTTO, 2005, p. 5).

O documento da Política Nacional de Graduação (PNG), Forgrad (1999), também aponta para a necessidade de um olhar na dimensão política para o processo de formação, pois permitirá “a integração de posturas éticas relacionadas ao tema maior da dignidade da vida como direito universal” (p.13). Nessa perspectiva, o exercício profissional ocorrerá em um tempo e lugar determinados, tendo uma estreita relação com os projetos da Universidade, que podem fechar ou

[1] Concepção de Universidade: ensino, pesquisa e extensão ou formação para o mercado de trabalho? Anais do 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil, que ocorreu de 13 a 15 de Outubro de 2005 na Unioeste – Câmpus de Cascável.

abrir os horizontes humanos, consolidando assim, situações de exclusões sociais ou tentativas crescentes de aberturas integradoras dos diferentes segmentos da sociedade.

Nesse sentido, a importância desse documento é de perceber a formação como um processo indissociável, que compreende o ensino, a pesquisa e a extensão, como sendo:

> Ensino com extensão aponta para a formação contextualizada às agudas questões da sociedade contemporânea. Ensino com pesquisa aponta para o verdadeiro domínio dos instrumentos nos quais cada profissão se expressa, em seu próprio processo evolutivo. Neste contexto, o conceito da indissociabilidade requerido para o ensino da graduação não se reduz nem ao processo de produção do saber novo, nem às práticas de intervenção direta nos processos sociais, embora não se possa negar a pertinência da pesquisa e extensão em si. Este conceito pedagógico afirma, pelo contrário, a inevitabilidade da indissociação do ensino, pesquisa e extensão, considerando-se tão-somente o eixo da formação do graduado. (PNG do Forgrad, 1999, p.13)

O Profissional P4 ainda destaca que este processo indissociável de formação, também pode partir da extensão universitária que:

> [...] possibilita também a pesquisa e tanto o ensino quanto a pesquisa não aconteceria tão facilmente senão tivesse a extensão, entendeu? Porque ali na extensão a gente consegue aplicar o que fez no ensino e ter que fazer o resultado pra levar pra pesquisa. [...] a extensão ali, ela permitiu a gente aplicar, porque a gente aprendeu na graduação e pra vê se dava certo e pra divulgar como resultado de pesquisa. [...] se tiver só o ensino e a pesquisa sem a extensão acho que fica, uma lacuna assim [...] [...] seria muito mais difícil, não seria impossível, mas facilita muito mais o processo, o fato da gente ter o projeto de extensão pra gente poder, vivenciar buscar, os resultado pra levar pra levar pra pesquisa. (P4)

Por isso, o ensino, a pesquisa e a extensão articulados entre si apontam para uma formação mais contextualizada aos problemas e demandas da sociedade contemporânea, promovendo segundo Dias (2009, p.43) uma nova referência para:

> [...] o processo pedagógico e para dinâmica da relação professor/aluno, na medida em que se compreende as atividades de pesquisa e extensão como expedientes vitais ao processo de ensino-aprendizagem na graduação e vinculados à vivência do/no real, numa relação dialética entre teoria e prática. Isso, necessariamente, exige um redirecionamento dos tempos e dos espaços de formação,

> das práticas vigentes de ensino, de pesquisa e de extensão e da própria política das universidades [...].

Em uma entrevista da revista Nova Escola, Ratier, Martins e Santomauro (2008, p.59) escrevem que a consultoria americana Mckinsey constata uma dupla importância na formação inicial, que é a "de recrutar os melhores profissionais e garantir que eles adquiram conhecimentos relevantes para a prática", ou seja, formar profissionais que refletem sobre si e o seu trabalho e fazem com que aquilo tenha um sentido, uma utilidade em suas vidas e no contexto profissional onde atuam.

Acreditamos que se o futuro-profissional conseguir perceber, refletir sobre os acontecimentos durante a formação inicial e for instigado a agir no seu dia-a-dia de forma reflexiva, ele poderá se tornar um profissional melhor. Resultando em um profissional com hábitos de pesquisa, com um desejo de renovação constante, alimentando de modo contínuo a sua formação e sendo coparticipante direto do seu processo formativo. Mas, para isso realmente ocorrer é necessário que a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão aconteça de fato na Educação Superior.

Partindo desta perspectiva de formação inicial na Universidade, o próximo tópico abordará um breve histórico da construção do currículo da Educação Física, apresentando a sua organização curricular, suas transformações históricas, suas reformulações e o modelo curricular analisado nesta pesquisa.

2.2 Os Currículos dos cursos de Educação Física: uma breve retrospectiva.

O currículo é o elemento principal na organização dos cursos, por isso é um assunto tão polêmico no ensino superior. Ele pode ter vários significados, pois segundo Silva (2009, p.12) "o currículo é supostamente isso: a especificação precisa de objetos, procedimentos e métodos para a obtenção de resultados que possam ser precisamente mensurados".

As diversas interpretações, nos diferentes momentos históricos, hoje, podem definir o currículo de diversas maneiras como:

> O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O

> currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA, 2009, p.150 – grifo do autor).

Esse mesmo autor, que conceitua o currículo de várias formas, atribuindo-lhe diversos significados ao longo da história, o relaciona com a constituição da sociedade. Deste modo, poderíamos dizer que a sociedade é encarada como um ego particular, que está rodeada de estruturas sociais que intervêm nela a todo o momento, e ao mesmo tempo em que intervêm, dependem da mesma para se constituírem como um todo. Segundo Elias (1980), esse processo é marcado por teias de interdependências que existem na constante constituição da sociedade e que podem se alterar de época em época, conforme a sua reestruturação histórica, porque o eu somos nós e vice-versa, são inseparáveis. Assim, da mesma forma que a sociedade muda e suas necessidades se alteram, o currículo também se transforma.

Na constituição do currículo da Educação Física não foi diferente, pois conforme as necessidades e interpretações de cada época, ele foi se reestruturando. Com o estudo desenvolvido por Souza Neto, Alegre, Hunger e Pereira em 2004, torna-se possível identificar quatro momentos distintos na história da Educação Física: 1) A constituição do “campo” da Educação Física em 1939; 2) A revisão curricular de 1945; 3) A elaboração do currículo mínimo e formação pedagógica em 1969 e 4) A discussão sobre Bacharelado e Licenciatura em 1987. Um quinto momento mencionado por Krüger (2007), que é o da nova licenciatura em 2002, e o sexto momento citado por Rossi (2010), que é o da formação do bacharel (graduado) em 2004, cuja carga horária mínima só foi publicada, recentemente, em 2009.

A trajetória da constituição curricular da Educação Física no âmbito da formação docente se inicia com a criação do primeiro curso de Educação Física no Brasil, na Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, em 1931, que só começa a funcionar em 1934. Segundo Souza Neto et. al. (2004), esse currículo intitulado Programa de 1934, preocupava-se em formar instrutores de ginástica (formação de um ano, com conceitos básicos teóricos e práticos, para ensinarem a physiocultura) e professores de Educação Física (formação por mais de um ano com habilitação para atuar como diretores de Educação Física em clubes esportivos ou colégios).

De 1932 a 1945 (Era Vargas), a Educação Física luta para se estruturar profissionalmente em busca do seu espaço na sociedade. Deste modo, com a Constituição de 1937 formaliza-se a obrigatoriedade da Educação Física na escola e a exigência de um currículo mínimo para a graduação, assim como outras reivindicações relacionadas à profissão, como a necessidade de formação de recursos humanos para esse tipo de trabalho.

Em 1939, por meio do Decreto-lei nº 1.212/1939 (BRASIL, 1939), se estabelecem as diretrizes para a formação profissional e são criadas a Escola Nacional de Educação Física e Desportos e a Universidade do Brasil, que ajudaram na constituição do campo da Educação Física, separando leigos de não leigos.

Esse currículo permitiu a formação do professor em dois anos, e a do instrutor, especialista ou técnico em um ano. Esses cursos tinham “um núcleo de disciplinas básicas e um conjunto de matérias específicas em função da modalidade de atuação profissional pretendida” (SOUZA NETO et. al., 2004, p. 117). Paralelo a esse decreto, em 1º de Janeiro de 1941, foi exigido o diploma de graduação para o profissional que atuava na área da Educação Física em estabelecimentos oficiais de ensino normal, secundário, profissional e superior. Essa exigência se estendeu a partir de 1º de Janeiro de 1943, a todos os estabelecimentos particulares.

Na busca por uma melhoria na adequação dos programas de formação, em 1945, ocorre uma revisão do currículo e cada um dos cursos ganha uma configuração própria. Segundo Souza Neto et. al. (2004), a duração do curso de professores passa de dois para três anos, exigindo um currículo mínimo para garantir a formação cultural e profissional adequada. Além disso, determinava que os cursos tivessem 1/8 da sua carga horária para a formação pedagógica, visando o fortalecimento da formação e do educador, e também estabelecia para os cursos de Educação Física Infantil, técnica desportiva e medicina aplicada à Educação Física e desportos, o diploma como pré-requisito. Entretanto, para concorrer a uma vaga de ingresso no curso de Educação Física somente, o ensino secundário fundamental continuava a ser pré-requisito até 1957, o que caracterizou até então, a Educação Física como um curso técnico.

Em 12 de Maio de 1953, com a Lei nº 1921, passou-se a exigir dos candidatos ao curso a conclusão do ensino médio (antigo segundo ciclo do ensino médio), que veio a ser cumprida somente a partir de 1955, tornando assim, o curso

superior de Educação Física equivalente às outras licenciaturas (AZEVEDO; MALINA, 2004).

Com a instituição do governo militar no país em 1968, ocorre a Reforma Universitária com a proposição de um novo currículo para a Educação Física. Esse currículo nasce em 1969, a partir do Parecer CFE nº 894/69 e da Resolução CFE nº 69/69, intitulado como Currículo mínimo e formação pedagógica. Ele permitia que os cursos de formação de professores se restringissem apenas aos cursos de Educação Física e Técnico de Desportos, prevendo a duração do curso para três anos, uma carga horária mínima de 1.800 horas-aula e também a redução das matérias básicas de fundamentação científica. A parte didática ganha mais ênfase na formação de professores e os saberes relativos ao conhecimento esportivo foram mais destacados (SOUZA NETO et. al., 2004). Surgem diversos questionamentos sobre essa preparação profissional como:

> [...] a) a necessidade urgente e a importância de os cursos se libertarem das “amarras” impostas pelo currículo mínimo; b) as novas demandas do mercado de trabalho que, já há muito, extrapolavam os limites da escola e, por isso mesmo, reclamava um outro tipo de profissional apto para atender, de forma competente, as necessidades sociais, e c) a importância e necessidade de se pensar a Educação Física como um campo de conhecimento específico (SOUZA NETO et. al., 2004, p.120).

Neste cenário de discussões foi elaborado o Parecer CFE nº 215 em 16 de Junho de 1987 e com a Resolução CFE nº 3/87, foram estabelecidas algumas mudanças para o curso de Educação Física como: a abertura para a implantação do Bacharelado e a permanência da Licenciatura, o aumento da carga horária mínima de 1.880 horas para 2.880 horas-aula, a ampliação da carga horária do curso de três para quatro anos de formação, a iniciação à pesquisa, a inclusão da Monografia de conclusão de curso e a abertura de novas áreas de intervenção profissional (AZEVEDO; MALINA, 2004; OLIVEIRA, 2006; SOUZA NETO et. al., 2004).

Para Benites, Souza Neto e Hunger (2008, p.345) a criação do curso de Bacharelado em Educação Física contribuiu para:

> [...] sedimentar um corpo de conhecimento que desse maior legitimidade à própria profissão em seu processo de profissionalização. Essa mudança provocou um divisor de águas no sentido de se produzir a profissão e a área de conhecimento Educação Física.

Os cursos de Educação Física, na tentativa de formar professores capazes de atuar no mercado de trabalho escolar e não escolar, desenvolveram uma perspectiva própria de Licenciatura ampliada (BRASIL, 1999). Para Krüger (2007, p.20) essa generalização e descaracterização do curso de Licenciatura (Bacharelado revestido com o nome da Licenciatura) “ocorreu sem medir consequências em função do espaço do mercado de trabalho que o profissional de Educação Física começou a ocupar”.

Em 1996, instituem-se as novas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394/96 com um novo olhar para o processo de desenvolvimento profissional, tanto nos Institutos de Ensino Superior quanto ao curso Normal Superior (Brasil, 1996). A Educação Física passa a ser considerada um Componente Curricular obrigatório na escola, mostrando cada vez mais a necessidade de profissionais capacitados para atuar nessa área.

Em 2001 e 2002, ocorreram mudanças significativas nas caracterizações e definições dos critérios para a formação de professores em virtude das diretrizes de formação de professores que ganharam novas orientações. Assim, elaboram-se documentos para a formação de professores de todas as áreas da Educação Básica (Parecer CNE/CP n.º 09/2001 e as Resoluções CNE n.º 01/2002 e n.º 02/2002) e documentos para a formação do bacharel/graduado em Educação Física (Parecer CNE n.º 58/2004 e a Resolução CNE n.º 07/2004).

Na interpretação do Parecer CNE/CP nº 09/2001 Ferreira e Hunger (2006) identificam a Licenciatura como um currículo único, diferenciando-se do curso de bacharelado e com a necessidade de um projeto político pedagógico específico. Portanto, os cursos de Licenciatura deveriam focalizar “[...] os problemas e as especificidades das diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, estabelecendo o equilíbrio entre o domínio dos conteúdos curriculares e a sua adequação à situação pedagógica [...]” (BRASIL, 2001a, p.17). Assim, ainda segundo as autoras, a Educação Básica passa ser a principal referência para a formação dos profissionais de Educação no Brasil.

A partir da Resolução CNE nº 01/2002 o campo de atuação do licenciado fica delimitado à escola, pois todos os cursos de Licenciatura deverão formar professores para atuação exclusiva na Educação Básica. Essa resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores de Educação

Básica, em nível superior, curso de Licenciatura e de Graduação Plena (BRASIL, 2002a).

Institui-se também uma nova carga horária e um novo período para a integralização desses cursos de Licenciatura, através da Resolução nº 02/2002, que estabelece uma carga horária mínima de 2.800 horas, podendo ser concluída em no mínimo três anos letivos e distribuída em 400 horas de prática curricular, 400 horas de estágio curricular supervisionado, 1.800 horas-aula para conteúdos curriculares de natureza científico-cultural e 200 horas para outras atividades acadêmico-científico-culturais (BRASIL, 2002b).

Para os cursos de Graduação em Educação Física (antigo Bacharelado) foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais, com base no Parecer CNE nº 58/2004 (BRASIL, 2004a) e na Resolução nº 07/2004 (BRASIL, 2004b). Essas diretrizes configuram o currículo do graduado como Formação Ampliada e Formação Específica. Para Brasil (2004a e 2004b) a Formação Ampliada vai contemplar as seguintes dimensões do conhecimento:

- Relação ser humano-sociedade;
- Biológica do corpo humano;
- Produção do conhecimento científico e tecnológico.

Enquanto que a Formação Específica vai abranger os conhecimentos identificadores da área da Educação Física, articulando as dimensões:

- Culturais do movimento humano;
- Técnico-instrumental;
- Didático-pedagógico.

Em 2009, com a Resolução CNE/CES nº 4/2009 e fundada no Parecer CNE/CES nº 213/2008, foi instituída a carga horária mínima dos cursos de Graduação (Bacharelado) da área da saúde, na modalidade presencial. Assim, para a área da Educação Física é estabelecida a carga horária mínima de 3.200 horas e o limite mínimo de quatro anos para integralização do curso (BRASIL, 2008 e 2009).

Sendo assim, apesar de sermos uma área de conhecimento relativamente nova, as mudanças curriculares que aconteceram até o momento ocorreram para atender a um contexto histórico, que segundo Oliveira (2006, p.30):

> O profissional de Educação Física tem se esmerado na produção do conhecimento, no domínio de conceitos sociais ampliados, na sua capacidade integradora e comunicativa, da mesma forma que tem procurado ter uma atuação profissional condizente com seu tempo histórico.

Deste modo, falar do currículo da Educação Física é situá-lo na história e no mundo em que vivemos, além de possibilitar a compreensão da construção do curso e entender porque ele se constitui assim atualmente. Isso nos auxiliará na compreensão do próximo tópico que abordará o currículo dos sujeitos analisados nesta pesquisa.

2.2.1 O currículo de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade investigada.

O currículo de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Pública investigada (currículo vigente até 2005), foi reorganizado em 1990 para atender as exigências do Parecer CFE n.º 215/87 que reestruturava os cursos de graduação em Educação Física, apresentando assim, sua nova caracterização, a sua duração mínima e o seu conteúdo.

Este currículo tinha como objetivo do curso “formar profissionais capazes de se posicionar criticamente e de conceber novas propostas teoricamente fundamentadas, visando o bem-estar bio-psicossocial do homem” (UNESP, 1998, p.3). Assim, a formação se voltaria para as características da realidade de atuação dos profissionais, levando em consideração as necessidades da sociedade e as perspectivas histórico–sociais no campo das manifestações da cultura corporal para o século XXI.

Em relação ao objetivo do currículo, enfatizava a importância de considerar a dimensão pedagógica como norteadora da atuação do profissional de Educação Física, propiciando ao corpo discente uma formação que lhe permita atuar no magistério e na pluralidade de obrigações presentes no campo de trabalho.

Deste modo, os objetivos específicos definidos para este currículo eram:

> 2.1. O profissional de Educação Física deverá ser capaz de atuar como professor em:
>
> 2.1.1. Programas de atividades motoras na Educação Infantil e Ensino de 1º, 2º e 3º graus; objetivando o desenvolvimento do ser humano e a transmissão do patrimônio da humanidade no campo da cultura corporal;
>
> 2.1.2. Programas de atividades motoras nos diversos segmentos do mercado de trabalho (Secretarias de Educação, Cultura, Esporte e Lazer; clubes desportivos; academias; núcleos comunitários; Instituições de Educação especial; empresas; hotéis, acampamentos etc) direcionados ao bem-estar e melhoria da qualidade de vida do ser humano;
>
> 2.2. Fomentar a realização de pesquisas no campo educacional, perspectivando a interdisciplinariedade de conhecimentos filosóficos, da sociedade, do ser humano e técnicos. (UNESP, 1998, p.3)

Portanto, os profissionais de Educação Física formados por este currículo deveriam estar capacitados para atuar nos diferentes graus de ensino (denominados na época 1º, 2º e 3º graus) como educador e pesquisador, bem como:

> [...] ter condições básicas para atuar como técnico e agente cultural nos vários campos de trabalho da sua área e correlatas. No desempenho destas atividades deverá ter como compromisso social permanente, a transmissão, atualização, a pesquisa, reflexão crítica, aplicação, transferência e divulgação de conhecimentos. Atuará fundamentado em conteúdos relativos às manifestações corporais no âmbito Social, da Educação e Cultura. (UNESP, 1998, p.3)

Para atender a essa diversidade da área, a estrutura curricular deste curso era composta por diversos conhecimentos como: conhecimento filosófico, conhecimento do ser humano, conhecimento da sociedade e conhecimentos técnicos. Sendo organizada da seguinte forma:

<table>
<tr><th colspan="2"><u>Áreas de Conhecimento</u></th></tr>
<tr><td><u>Conhecimento Filosófico:</u>

- Fundamento de Filosofia
- Filosofia da Educação
- Introdução à Educação Física</td><td><u>Conhecimento da Sociedade:</u>

- Fundamentos de Sociologia
- Psicologia da Educação
- Sociologia da Educação
- História da Educação Física, Esporte e Dança
- História da Educação Brasileira
- Educação Física, Esporte e Mídia</td></tr>
<tr><td><u>Conhecimento do Ser Humano:</u>

- Bases Biológicas da Motricidade Humana</td><td><u>Conhecimentos Técnicos:</u>

- Didática da Educação Física</td></tr>
</table>

- Bioquimica - Anatomia Humana I - Anatomia Humana II - Fisiologia Humana Geral - Princípios Básicos da Nutrição - Fisiologia do sistema Humano na Atividade Física - Cinesiologia - Aprendizagem Motora - Psicologia do Desenvolvimento - Bases neurofuncionais da Motricidade Humana - Crescimento e Desenvolvimento Humano - Nutrição aplicada à Educação Física - Tópicos da Aprendizagem Motora	- Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental médio - Tópicos da Educação Física Adaptada - Prática de Ensino: Projetos Interdisciplinares em modalidades esportivas I - Prática de Ensino: Projetos Interdisciplinares em modalidades esportivas II - Prática de Ensino: Projetos Interdisciplinares em Atividades Corporais - Prática de Ensino em Educação Física Escolar I - Prática de Ensino em Educação Física Escolar II - Prática de Ensino em Educação Física Escolar III - Prática de Ensino em Educação Física Escolar IV - Língua Portuguesa - Educação Física - Métodos e Técnicas em Pesquisa em Educação Física e Motricidade Humana - Educação Física - Projeto de Monografia - Trabalho de Formatura - Fundamentos de Estatística - Educação em Saúde e Urgência em Educação Física - Bases Teórico-Prático do Condicionamento Físico - Educação Física Adaptada - Programa de Atividade em Educação Física - Administração de Eventos Esportivos, Lazer e Recreação - Educação Física Escolar I - Educação Física Escolar II - Educação Física e Informática -Técnicas Alternativas do Trabalho Corporal - Teoria Geral do Lazer - Atividades Lúdicas - Dança - Atividades Ritmicas - Habilidades do Atletismo - Habilidades da Ginástica Rítmica Desportiva - Habilidades da Ginástica Olímpica - Habilidades do Handebol - Habilidades do Voleibol - Habilidades do Futebol de Campo e Salão - Habilidades da Natação

	- Habilidades do Judô - Habilidades do Karatê - Habilidades do Basquetebol

Quadro 4: Matérias por área de conhecimento (UNESP, 1998).

Desta forma, esta estrutura curricular totalizava 198 créditos, sendo 158 do currículo obrigatório, 12 de esportes individuais, 12 de esportes coletivos e 16 de créditos optativos (aprofundamento de conhecimentos), resultando numa carga horária de 2970 horas. A seguir, o quadro 5 apresenta está organização:

1. Etapas Curriculares	Créditos	Carga Horária
Disciplinas Obrigatórias	158	2370
Disciplinas Optativas: esportes coletivos esportes individuais	 12 12	 180 180
Aprofundamento de conhecimentos	16	240
Total do Curso	198	2970

Quadro 5: Créditos e carga horária do curso (UNESP, 1998).

Assim, se estabelece para o curso de Licenciatura Plena em Educação Física do período integral o prazo mínimo para integralização curricular de 4 anos e prazo máximo de 7 anos; e limite máximo de carga horária semanal de 40 horas. Para o curso noturno, o prazo mínimo para integralização curricular é de 5 anos e o prazo máximo de 8 anos, tendo como limite máximo 24 horas de carga horária semanal.

As estruturas curriculares do curso de Licenciatura Plena em Educação Física do período integral e noturno, foram alteradas pela Resolução Unesp nº 23, de 04/05/1999 que estabeleceu a estrutura curricular do curso do Câmpus de Bauru, que se configurou da forma como aparece nos quadros 6 e 7 a seguir:

2605 - LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Período Integral – (Para ingressantes a partir do ano de 1997)

Estrutura Curricular: Resolução UNESP nº 41, de 13/06/1991, alterada pela Resolução UNESP nº 23, de 04/05/1999.

Reconhecido pelas Portarias MEC nº 1.475 e CEE/GP nº 152, de 13/10/1992 e 30/04/2002, publicadas no D.O. de 14/10/1992 e 01/05/2002.

CÓD.	DEPTO.	DISCIPLINA	NC	PRÉ-REQUISITO	CO-REQUISITO
		1º TERMO			
969	CHU	FUNDAMENTOS DE FILOSOFIA	03		
970	DEF	INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO FÍSICA	03		
971	DEF	BASES BIOLÓGICAS DA MOTRICIDADE HUMANA	04		
972	CBI	ANATOMIA HUMANA I	04		
975	DEF	ATIVIDADES LÚDICAS	04		
977	CHU	LÍNGUA PORTUGUESA (EDUCAÇÃO FÍSICA)	04		
1045	DEF	EDUCAÇÃO FÍSICA	04		

2º TERMO					
981	DEF	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E DANÇA	04	970	
982	CBI	ANATOMIA HUMANA II	04		
983	CBI	FISIOLOGIA HUMANA GERAL	04		
984	DEF	CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO	04		
986	DEF	ATIVIDADES RÍTMICAS	04		
3º TERMO					
1048	CHU	FUNDAMENTOS DE SOCIOLOGIA	03		
1049	DEF	FISIOLOGIA DOS SISTEMAS HUMANOS NA ATIVIDADE FÍSICA	04		
1050	DEF	CINESIOLOGIA	04		
1051	DEF	BASES NEUROFUNCIONAIS DA MOTRICIDADE HUMANA	04		
1052	DEF	DANÇA	04		
1053	DEF	PRINCÍPIOS BÁSICOS DE NUTRIÇÃO	03		
1054	DEF	EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA	04		
4º TERMO					
1057	PSI	PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO	04		
1058	DEF	APRENDIZAGEM MOTORA	04		
1059	DEF	MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA	04	970	
1060	DEF	BASES TEÓRICO-PRÁTICAS DO CONDICIONAMENTO FÍSICO	04		
1061	DEP	FUNDAMENTOS DE ESTATÍSTICA	04		
1062	DEF	MEDIDAS E AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA	04		
5º TERMO					
1000	EDU	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	04	969	
1063	EDU	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	04		
1064	EDU	DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	04		
1065	DEF	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR I	04		
1663	EDU	PRÁTICA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR I	02		
1667	EDU	ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO	04		
6º TERMO					
1066	EDU	SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO	04	1048	
1067	EDU	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	04		
1068	DEF	PROGRAMA DE ATIVIDADE EM EDUCAÇÃO FÍSICA	06	1049	
1069	DEF	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR II	04		
1070	DEF	PROJETO DE MONOGRAFIA	02	1059	
1664	EDU	PRÁTICA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR II	03	1663	
1668	EDU	PRÁTICA DE ENSINO: PROJETOS INTERDISCIPLINARES EM MODALIDADES ESPORTIVAS I	03		
7º TERMO					
1071	DEF	EDUCAÇÃO EM SAÚDE E URGÊNCIAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA	04		
1665	EDU	PRÁTICA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR III	04	1664	
1669	EDU	PRÁTICA DE ENSINO: PROJETOS INTERDISCIPLINARES EM MODALIDADES ESPORTIVAS II	03		
6005	DEF	TRABALHO DE FORMATURA	04	1070	
8º TERMO					
1666	EDU	PRÁTICA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR IV	03	1665	
1670	EDU	PRÁTICA DE ENSINO: PROJETOS INTERDISCIPLINARES EM ATIVIDADES CORPORAIS	04		
6005	DEF	TRABALHO DE FORMATURA	04	1070	

LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA - DURAÇÃO DO CURSO: 4 ANOS (MÍNIMO) / 7 ANOS (MÁXIMO)

- CRÉDITOS EM DISCIPLINAS DO CURRÍCULO	170 CRÉDITOS – 2.550 H/A
- CRÉDITOS EM DISCIPLINAS OPTATIVAS	16 CRÉDITOS – 240 H/A
- CRÉDITOS EM ESPORTES COLETIVOS	12 CRÉDITOS – 180 H/A
- CRÉDITOS EM ESPORTES INDIVIDUAIS	12 CRÉDITOS – 180 H/A
TOTAL DE CRÉDITOS EXIGIDOS	**210 CRÉDITOS – 3.150 H/A**

Quadro 6: Estrutura Curricular 2605- Licenciatura Plena em Educação Física - Período Integral (UNESP, 1997).

2604 - LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Período Noturno – (Para ingressantes a partir do ano de 1999)

Estrutura Curricular: Resolução UNESP nº 41, de 13/06/1991, alterada pela Resolução UNESP nº 23, de 04/05/1999.

Reconhecido pelas Portarias MEC nº 1.475 e CEE/GP nº 152, de 13/10/1992 e 30/04/2002, publicadas no D.O. de 14/10/1992 e 01/05/2002.

CÓD.	DEPTO.	DISCIPLINA	NC	PRÉ-REQUISITO	CO-REQUISITO
		1º TERMO			
969	CHU	FUNDAMENTOS DE FILOSOFIA	03		
970	DEF	INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO FÍSICA	03		
971	DEF	BASES BIOLÓGICAS DA MOTRICIDADE HUMANA	04		
972	CBI	ANATOMIA HUMANA I	04		
975	DEF	ATIVIDADES LÚDICAS	04		
1045	DEF	EDUCAÇÃO FÍSICA	04		
		2º TERMO			
977	CHU	LÍNGUA PORTUGUESA (EDUCAÇÃO FÍSICA)	04		
981	DEF	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E DANÇA	04	970	
982	CBI	ANATOMIA HUMANA II	04		
983	CBI	FISIOLOGIA HUMANA GERAL	04		
984	DEF	CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO	04		
		3º TERMO			
986	DEF	ATIVIDADES RÍTMICAS	04		
1048	CHU	FUNDAMENTOS DE SOCIOLOGIA	03		
1049	DEF	FISIOLOGIA DOS SISTEMAS HUMANOS NA ATIVIDADE FÍSICA	04		
1050	DEF	CINESIOLOGIA	04		
1051	DEF	BASES NEUROFUNCIONAIS DA MOTRICIDADE HUMANA	04		
		4º TERMO			
1057	PSI	PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO	04		
1058	DEF	APRENDIZAGEM MOTORA	04		
1059	DEF	MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA	04	970	
1052	DEF	DANÇA	04		
1053	DEF	PRINCÍPIOS BÁSICOS DE NUTRIÇÃO	03		
		5º TERMO			
1054	DEF	EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA	04		
1060	DEF	BASES TEÓRICO- PRÁTICAS DO CONDICIONAMENTO FÍSICO	04		
1061	DEP	FUNDAMENTOS DE ESTATÍSTICA	04		
1062	DEF	MEDIDAS E AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA	04		
		6º TERMO			
1000	EDU	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	04	969	
1064	EDU	DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	04		
1068	DEF	PROGRAMA DE ATIVIDADE EM EDUCAÇÃO FÍSICA	06	1049	
1663	EDU	PRÁTICA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR I	02		
1667	EDU	ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO	04		
		7º TERMO			
1063	EDU	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	04		
1065	DEF	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR I	04		
1066	EDU	SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO	04	1048	
1664	EDU	PRÁTICA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR II	03	1663	
		8º TERMO			
1067	EDU	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	04		
1069	DEF	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR II	04		
1070	DEF	PROJETO DE MONOGRAFIA	02	1059	
1071	DEF	EDUCAÇÃO EM SAÚDE E URGÊNCIAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA	04		
1665	EDU	PRÁTICA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR III	04	1664	
1668	EDU	PRÁTICA DE ENSINO: PROJETOS INTERDISCIPLINARES EM MODALIDADES ESPORTIVAS I	03		

		MODALIDADES ESPORTIVAS I			
		9º TERMO			
1666	EDU	PRÁTICA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR IV	03	1665	
1670	EDU	PRÁTICA DE ENSINO: PROJETOS INTERDISCIPLINARES EM ATIVIDADES CORPORAIS	04		
6005	DEF	TRABALHO DE FORMATURA	04	1070	
		10º TERMO			
1669	EDU	PRÁTICA DE ENSINO: PROJETOS INTERDISCIPLINARES EM MODALIDADES ESPORTIVAS II	03		
6005	DEF	TRABALHO DE FORMATURA	04	1070	

LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA - DURAÇÃO DO CURSO: 5 ANOS (MÍNIMO) / 8 ANOS (MÁXIMO)

- CRÉDITOS EM DISCIPLINAS DO CURRÍCULO	170 CRÉDITOS – 2.550 H/A
- CRÉDITOS EM DISCIPLINAS OPTATIVAS	16 CRÉDITOS – 240 H/A
- CRÉDITOS EM ESPORTES COLETIVOS	12 CRÉDITOS – 180 H/A
- CRÉDITOS EM ESPORTES INDIVIDUAIS	12 CRÉDITOS – 180 H/A
TOTAL DE CRÉDITOS EXIGIDOS	**210 CRÉDITOS – 3.150 H/A**

Quadro 7: Estrutura Curricular 2604 - Licenciatura Plena em Educação Física - Período Noturno (UNESP, 1999).

Assim, segundo Unesp (1999) esta estrutura passa a ter o mínimo de 210 créditos a ser integralizado durante o curso; as disciplinas de Prática de Ensino passam a ter aulas teóricas e aulas práticas, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus e Prática de Ensino têm suas nomenclaturas modificadas para: Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio - 04 e Prática de Ensino em Educação Física Escolar I - 02 créditos.

Esta proposta ficou vigente para o curso de Educação Física até o ano de 2005, sendo alterada a partir de 2006, devido à restruturação curricular para o curso de Licenciatura em Educação Física (nova nomenclatura).

Neste tópico nos preocupamos em apresentar o currículo de formação dos sujeitos investigados, ou seja, o currículo antigo de Licenciatura Plena em Educação Física do curso integral e noturno que ficou vigente até o ano de 2005. Compreendemos que a partir desta apresentação poderemos situar nosso estudo e entender um pouco mais sobre a constituição dos profissionais investigados.

Partindo deste currículo específico da Educação Física, o tópico a seguir, abordará como ocorre esse processo de formação nos cursos de Educação Física, seus modelos curriculares e algumas perspectivas para uma formação que busque uma Educação Física de qualidade para os alunos.

2.3 Formação inicial em Educação Física

A formação profissional em Educação Física tem sido estudada por diversos pesquisadores (BETTI E BETTI, 1996; RANGEL-BETTI e GALVÃO, 2001;

FERREIRA, 2003, 2005; PEREIRA, HUNGER, SOUZA NETO, 2006), sendo reconhecida, desde a década de 1980, como uma questão crucial para a área no Brasil. Segundo Angulski (2012) isto ocorre devido ao seu processo dinâmico e contínuo da formação, que abrange os interesses políticos, econômicos e sociais de toda uma macroestrutura integrante deste processo, como também, as pessoas que buscam por ela.

Nóvoa (1992, p.24, destaque do autor) defende que é preciso superar os modelos educativos já existentes e se preocupar com a formação profissional, pois para ele a formação “tem ignorado sistematicamente, o desenvolvimento pessoal, confundido <formar> e “formar-se”, não compreendendo que a lógica da atividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação”.

Dias (2003) argumenta que refletir sobre a formação inicial de professores no curso de Educação Física implica em ressaltar uma série de pontuações que vão desde a visão que o aluno possui sobre seu curso (perspectivas, concepções sobre sua própria formação e os conteúdos que lhes são oferecidos) até a articulação destes com a prática profissional.

Portanto, quando falamos em formação de professores é muito importante não nos esquecermos de dois elementos: o currículo e a articulação das disciplinas curriculares do curso de Educação Física. Como aponta Ramos (2002, p.2):

> As estruturas curriculares nos cursos de graduação na área deveriam estar considerando e acompanhando reflexiva e criticamente as transformações que ocorrem no processo de preparação dos futuros profissionais (licenciados ou bacharelados) em Educação Física, criando possibilidades concretas e subsidiando efetivamente essa ação.

Estas possibilidades concretas podem ser realizadas através do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, sendo as mesmas responsáveis por efetivar esse processo de formação inicial também nos cursos de Educação Física. Um bom exemplo disso é quando 100% dos profissionais (14) desta pesquisa afirmam que a participação em projetos de extensão universitária resultou em alguma implicação formativa em suas vidas profissionais, como aparece abaixo (Gráfico 4):

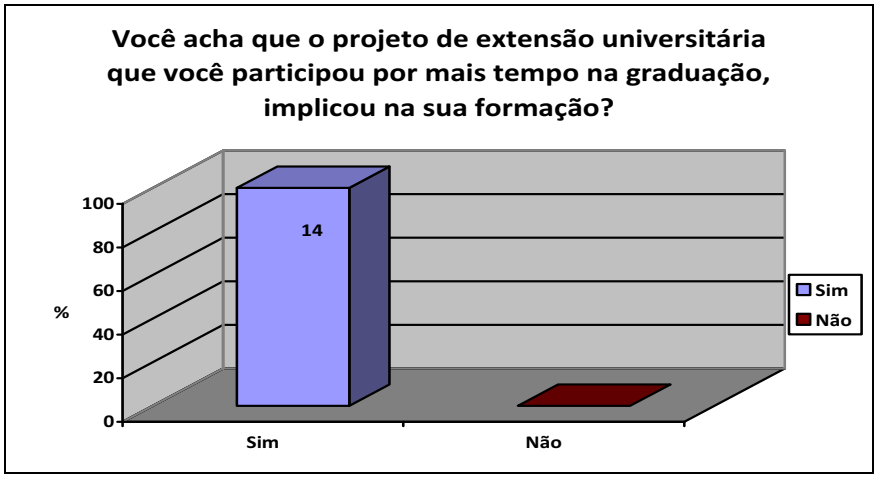

Gráfico 4: Implicação formativa: participação em projetos de extensão.

Os dados apresentam que subsidiar ações concretas através dos projetos de extensão universitária durante a formação inicial torna-se algo importante, pois pode implicar no processo de formação do graduando.

Para Pimenta (1996) um curso de formação inicial poderá colaborar com os alunos disponibilizando pesquisas sobre atividade docente, desenvolvendo pesquisas da realidade educacional e coletando dados sobre temas abordados no curso de formação. Além de problematiza-los, ao propor e desenvolver projetos em diversos locais.

Dessa forma, a pesquisa vai atuar como um princípio cognitivo de compreensão da realidade e um princípio formativo da docência, colaborando para a construção da identidade profissional. Estas ações deveriam estar presentes em todas as disciplinas do currículo.

Na perspectiva de Nascimento (1998, p. 49), a formação inicial "[...] é a denominação frequentemente atribuída aquela etapa de preparação voltada ao exercício ou qualificação inicial da profissão". Sendo assim, segundo Angulski (2012, p.38) nesta fase o aluno:

> [...] confronta os novos conhecimentos com os seus conceitos preestabelecidos. Cabe ao docente formador a importante tarefa de levá-lo a uma reflexão aprofundada, para que, percebendo como se origina a sua concepção em relação à própria Educação Física, realize conexões com as concepções historicamente construídas e estabeleça sínteses transformadoras.

Portanto, Nascimento (2002) defende que a formação profissional deve contemplar alguns pontos básicos: a versatilidade; a adaptabilidade; e a terminalidade e integralidade próprias. Eles garantiram, através da implantação de diferentes habilitações a preparação profissional, a adaptação em diversas situações de trabalho desconhecidas e diferenciariam as duas opções de formação inicial (Licenciatura e Bacharelado) que deveriam se constituir, a partir de projetos específicos.

Segundo Rangel-Betti e Galvão (2001, p. 106) a graduação é:

> [...] o período que o professor adquire os conhecimentos científicos e pedagógicos, além das competências necessárias para enfrentar de maneira adequada a carreira docente. Se essa fase não provocar mudanças na concepção que esses alunos carregam para o curso, decorrentes de sua experiência anteriores ao início do curso de graduação, as idéias anteriores irão exercer influência permanente e decisiva na sua prática pedagógica.

A velha dicotomia marcada pela teoria e prática, sobretudo na Educação Física, ainda hoje demarca uma noção de prática associada apenas à execução e à demonstração de habilidades técnicas e capacidades físicas.

Esta dicotomia da relação teoria e prática não se reverbera somente nos cursos de graduação, mas também em muitas escolas, ou seja, na Educação Básica. Estudo como o de Camilo (2006) aponta para a existência de um sistema de ensino tradicional, onde o mesmo é expresso tanto na estrutura física quanto em boa parte do trabalho pedagógico dos agentes escolares. Isso tende a causar grandes dificuldades para o professor de Educação Física iniciante ao ministrar novas práticas educativas.

Em estudo realizado por Pereira, Hunger e Souza Neto (2006), foi constatado que:

> [...] na atualidade, superou-se a concepção tradicional, de acordo com a qual tais disciplinas esportivas se pautavam na repetição, mecanização e transmissão de técnicas e táticas, com uma ou outra inovação nas estratégias de ensino. Nesse contexto, tais disciplinas deveriam desenvolver as habilidades motoras dos alunos e avaliá-los de acordo com a performance apresentada durante as aulas, ou mesmo por intermédio de provas práticas. Em contrapartida, ainda está em processo de construção a melhor maneira de desenvolver esses conteúdos. (p.117)

Contudo, ainda é possível encontrar muitos cursos de Educação Física com dificuldades em relacionar a teoria com a prática.

Na Educação Física, segundo Betti e Betti (1996, p.10) iniciou-se “no final da década de 60 e consolidou-se na década de 70, acompanhando a expansão dos cursos superiores de Educação Física no país e a esportivização da área” o currículo tradicional-esportivo que enfatizava só as disciplinas práticas, ou seja, o “saber fazer”. Nessa estrutura havia uma separação clara entre a teoria e a prática, pois a teoria era vista através das disciplinas da área biológica/psicológica em sala de aula e a prática nos espaços esportivos (quadras, piscina, pista de atletismo etc.).

Em 1987, com o objetivo de superar esse modelo curricular, melhorar a formação do profissional de Educação Física e fazer com que a área acompanhasse os debates acadêmicos e avanços científicos internacionais, o Conselho Federal de Educação apresenta um novo modelo formativo para os cursos de Educação Física do país, denominado por alguns de modelo curricular científico e por outros de orientação técnico-científica. (FERREIRA, 2003). A autora completa dizendo que: “esse currículo viabiliza a possibilidade de duas vertentes formativas: o bacharelado e a licenciatura” (p.13).

Segundo Betti e Betti (1996) esse currículo de orientação técnico-científica surge no Brasil no final da década de 1980, e é consolidado no início da década de 1990, “acompanhando as mudanças conceituais e epistemológicas da Educação Física” (p.11).

Esse modelo prioriza as disciplinas teóricas, abrindo espaço para o envolvimento com as Ciências Humanas e a Filosofia, ou seja, o importante agora é o *“saber ensinar”*. Logo as disciplinas teóricas passam a fornecer subsídios para que o graduando compreenda os processos de ensino e aprendizagem (PEREIRA; HUNGER; SOUZA NETO, 2006).

Portanto, quando Betti e Betti (1996) destacam esse modelo de prática de “ensinar a ensinar”, eles querem dizer que “O conhecimento flui da teoria para a prática, e a prática é a **aplicação** dos conhecimentos teóricos, na seguinte sequência: **ciência básica ⇒ ciência aplicada ⇒ tecnologia**” (p.10, destaques dos autores).

Contudo, Ferreira (2003, p.14) destaca que houve muitas críticas a este modelo curricular científico da Educação Física, uma vez que:

> [...] a prática profissional vai além da aplicação simples dos conhecimentos científicos, nela estão expressos o contexto da incerteza, singularidade e complexidade, bem como, decisões de ordem políticas e éticas, pautadas por elementos valorativos que a produção científica não prevê.

Camilo (2006) em seu estudo confirma que isto realmente acontece ao apontar que o conhecimento acadêmico na formação inicial é apenas a base (princípio norteador) para a construção do conhecimento (pessoal e prático) do trabalho docente (subjetivo de cada profissional), que ocorre na medida em que os mesmos se relacionam com o meio, buscando suas modificações.

De Santo (1997, p. 85-86) identifica que os alunos de Educação Física que entram no curso:

> "Querem uma aula em que uma atividade, por exemplo, um jogo de basquetebol, seja desenvolvido de forma integrada aos conhecimentos fundamentais vistos em sala de aula. Não querem mais ouvir 'imaginemos uma situação em que a criança recebe, dribla' (para o aluno isto soa como um item, um exemplo de um livro, não como algo contextualizado). Também não querem treinar ou jogar como se fossem atividades com um fim em si mesmas. Eles desejam perceber que há coerência no referencial teórico e saber quais as possíveis (principais) variações que normalmente surgem naquele tipo de atividade (querem, portanto, um laboratório didático)."

O mesmo é apontado por Guedes (1997), pois os alunos ao ingressarem no ensino superior esperam respostas para os seus problemas (ex: fórmulas mágicas e receitas). Como isto não ocorre, sentem-se perdidos, sem ter suas expectativas correspondidas. Assim, torna-se responsabilidade do graduando (futuro profissional), com base nos conhecimentos adquiridos, definir que método ele vai usar para a sua realidade profissional, como vai aplica-los e quais deles vai precisar aprofundar.

Por conta dessas deficiências, mostram-se necessárias investigações e ações na formação de professores no curso de Educação Física, no sentido de superar os modelos educativos já existentes, como o tradicional-esportivo e o técnico-científico (DIAS, 2003), buscando um modelo no qual seja valorizado a prática e a reflexão sobre a ação docente. É preciso lembrar que o professor constrói saberes, transformando seu espaço de atuação profissional em um ambiente de conhecimento. Na formação inicial é necessário que este processo

formativo desenvolva dinâmicas reflexivas sobre a teoria junto com os alunos e que esses conhecimentos possam ser incorporados na formação docente (FERREIRA, 2003).

Neste sentido, defendemos a ideia de uma formação profissional em Educação Física apoiada em práticas e métodos, nos quais os graduandos possam vivenciar, refletir e discutir as ações cotidianas profissionais, sendo estimulados por espaços que proporcionem este tipo de dinâmica reflexiva durante toda a sua formação inicial ou pelo menos boa parte dela.

Autoras como Pereira e Hunger (2012, p.102) enfatizam que a Universidade deve fornecer “condições, espaços e momentos para os alunos integrarem os conhecimentos, em experimentação e atuação supervisionada”, pois para De Santo (1997), dizer para o graduando que ele terá contato com a realidade através da disciplina de estágios, somente no oitavo semestre, pode se tornar uma bomba relógio, além de ser um fator desmotivante.

Na Educação Física, um esboço de uma nova configuração curricular é o currículo baseado na prática reflexiva proposto por Betti e Betti (1996). Neste currículo, segundo Pereira, Hunger e Souza Neto (2006, p.112), a prática vai ser “considerada o eixo norteador do currículo, mas não a prática entendida como a vivência de atos motores, e sim a prática da profissão, a realidade do cotidiano”.

Betti e Betti (1996) sugerem que nesse modelo curricular, ocorra: a reflexão antes, durante e após a prática no sentido de construir uma teoria da prática (ação profissional num dado contexto organizacional); a valorização do conhecimento dos profissionais experientes e dos espaços que compartilhem esses saberes, podendo ser utilizados até como parte integrante dos conteúdos das disciplinas; a troca de experiências (experiência prática reflexiva) como peça fundamental do processo de ensino e aprendizagem; a socialização das experiências de vida dos graduandos antes do ingresso no curso (perceber a relação entre as experiências anteriores ao ingresso no curso de formação de professores e sua vida profissional); a relação dialética entre teoria e prática; a adoção de um currículo ampliado, que leve em consideração outros espaços que possam influenciar na formação desses futuros docentes; um currículo temático que proponha a articulação e um diálogo entre as disciplinas; e o acompanhamento dos alunos por um professor que assumiria a responsabilidade do grupo, estimulando-os

a pesquisarem a sua formação, a compreenderem a escolha pela profissão e a elaboração do seu currículo, ou seja:

> [...] a presença de um professor que atue como tutor de um determinado grupo de futuros-professores ao longo de toda a sua formação inicial com a responsabilidade de instigá-los a pesquisar, refletir, compreender a profissão, a prática docente e ajudá-los a reconhecer e a incorporar esse hábito investigativo em suas vidas fora da universidade. (FERREIRA, 2003, p.15)

Os autores ainda pontuam que estes conceitos e processos intelectuais não são aplicáveis apenas na Educação Física Escolar, mas “também a outras áreas onde atuam profissionais da Educação Física (esporte, dança, recreação, academias, etc)” (BETTI e BETTI, 1996, p. 12-13).

Ancoradas também nesta ideia de um novo modelo curricular está a proposta apresentada por Rangel-Betti e Galvão (2001). Apoiadas no ensino reflexivo proposto por Schön, as autoras procuraram elaborar estratégias nas quais os alunos da turma que cursavam o terceiro ano de licenciatura em Educação Física pudessem refletir antes, durante e após o processo de ensinar. No primeiro momento, os alunos tiveram aulas teóricas, teórico-práticas e logo em seguida foram divididos em duplas, onde pesquisavam, planejavam e ministravam aulas, enquanto que outra dupla só observava. Por fim, era iniciada à discussão com a dupla que observava. Foram muitos os pontos positivos alcançados pelas pesquisadoras durante o desenvolvimento do processo. Os alunos, *a priori,* se sentiram inseguros, o que é normal quando se propõe uma nova dinâmica de ação. Todavia, as pesquisadoras conseguiram fazer com que os alunos adquirissem uma postura mais reflexiva, foram capazes de fazer críticas e também de ouvir as críticas dos outros alunos quanto a sua atuação.

Concordamos com Dias (2003) quando denuncia que ainda há em muitos cursos de Educação Física uma grande ênfase na dimensão procedimental. E que a prática deve ser entendida como uma vivência, na qual o aluno pode analisar e discutir as estratégias de ensino e aprendizagem.

Pensamos que só o saber fazer não basta, é necessário que o futuro-profissional saiba agir de forma crítica sempre refletindo sobre as suas ações e atitudes, assim saberá “sobre, porque e para quê” está realizando suas ações. E que depois de formado, saiba utilizar esses saberes e conhecimentos adquiridos no seu

dia-a-dia, pois para maioria dos profissionais é muito difícil articular tudo isso a sua prática.

Os trabalhos apresentados nesse tópico demonstraram que pensar de forma crítica e reflexiva depende, também, de estímulos proporcionados pelas ações formadoras presentes na Universidade durante a formação inicial. Para que isso aconteça, acreditamos ser necessário um trabalho ancorado em uma concepção reflexiva nos cursos superiores de Educação Física e estender isso ao longo da vida do profissional.

Um dos papéis da Universidade que pode proporcionar um espaço de aprendizagem propício a esse tipo de estímulo citado anteriormente é a extensão universitária. Essa ação, ainda pouco valorizada (Ex: na maioria das Universidades não é considerado no plano de carreira do docente; não é vista como ação formativa; não tem o mesmo prestígio e valor da pesquisa; muitas vezes é vista como uma ação que serve somente para aproximar a Universidade da sociedade e etc.) em relação à pesquisa e ao ensino e devido o seu objetivo assistencialista, que muitas vezes sobrepõe o seu viés acadêmico e formativo, também pode auxiliar no processo de formação do graduando.

Para compreendemos melhor como e porque ela surgiu? Como funciona? Como ela é percebida na atualidade? A sua importância na formação inicial e como ela pode ajudar neste processo? Como funcionam os projetos de extensão universitária? Exemplos de trabalhos na Educação Física, a partir de projetos de extensão universitária. E quais são os significados desta função acadêmica na formação inicial em Educação Física? O próximo capítulo abordará a extensão universitária, para explicar um pouco mais sobre seu papel formativo.

CAPÍTULO III

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DEFINIÇÕES, PAPEL FORMATIVO E SIGNIFICADOS

A extensão universitária na Universidade apresenta-se como um componente fundamental do tripé da Educação Superior, sendo indissociável do ensino e da pesquisa. Foi somente nos anos 1960 que essa função começa a fazer parte desse trinômio da indissociabilidade, devido à preocupação das instituições de ensino superior nas questões sobre a práxis universitária, sendo assim, incorporada nas políticas públicas nacionais.

Nos anos 1980, a extensão universitária passa a ser objeto de diversos debates e estudos, que para Santos (2010, p.12) resultarão no anúncio de sua participação efetiva como atividade acadêmica “necessária à formação de docentes e discentes e indissociada do ensino e da pesquisa”.

Para o autor a extensão universitária:

> [...] como atividade acadêmica, a extensão distingue-se das demais por constituir um processo metodológico que pergunta pela relevância social do ensino e que procura, por meio da pesquisa, referências objetivas aos problemas reais que envolvem a sociedade. Nesse contexto, a palavra *extensão* implica em estender-se, levar algo a algum lugar ou até alguém.
>
> Grosso modo, pode-se dizer que a extensão universitária é, na realidade, uma forma de interação que deve existir entre a universidade (pública ou privada) e a comunidade na qual está inscrita. É uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade. (SANTOS, 2010, p.12)

Partindo desta definição e da particularidade apresentada pelo autor, revela-se necessário uma investigação mais minuciosa e aprofundada sobre este tema.

Deste modo, nos tópicos que seguem, a atenção estará voltada para a extensão universitária apresentando: o seu surgimento, a sua importância, como se constitui na história, suas perspectivas na atualidade, como são e como funcionam os projetos de extensão universitária da instituição investigada (projetos por onde passaram os profissionais deste estudo), como se apresenta na formação inicial em Educação Física e os seus significados durante este processo.

Pretende-se a partir desses tópicos, situar o leitor sobre a importância do tema estudado, a função da extensão universitária na formação do profissional de Educação Física e apresentar seus significados.

3.1 A Extensão e a Extensão Universitária: um breve histórico de uma construção necessária.

A extensão universitária, segundo Jezine (2004) é uma das funções que compõem os pilares da Universidade e tem assumido, ao longo da história, diferentes concepções teóricas e ideológicas que influenciam na própria concepção desse tipo de instituição.

Inicialmente, Hunger (1998) destaca que a extensão estava vinculada ao movimento chamado “Educação Continuada”, com o objetivo de oferecer oportunidades de Educação à população adulta, excluída das Universidades inglesas. Esse tipo de trabalho chamado extensão universitária tinha um caráter humanitário, a intenção de acalmar os trabalhadores e de atender às necessidades sociais geradas durante a Revolução Industrial.

Identificou-se nesse período, que a Universidade era responsável por amenizar crises sociais, e que a extensão universitária também, por estar atrelada a esse tipo de instituição.

A partir desse período, as Universidades norte-americanas associavam a ideia de extensão como prestação de serviços, ou seja, atividade denominada cooperativa (assistencialista) com um caráter educativo e comunitário. Deste modo, as Universidades Land Grant passam a ter um papel importante junto à comunidade

agrícola que era a de gerar novos conhecimentos e aplicá-los na solução dos problemas que apareciam na sociedade.

Hunger (1998, p.18) ressalta duas vertentes da extensão: a universitária e a cooperativa, cujos trabalhos sempre estiveram:

> [...] vinculados à difusão cultural, à ampliação das oportunidades da educação básica e da alfabetização de adultos dirigidas às camadas populares menos favorecidas, bem como ao desenvolvimento das comunidades rurais, caracterizando-se como atividades assistenciais.

Para Silva e Speller (1999), esse papel assistencialista da extensão se caracteriza como uma concepção tradicional ou funcionalista da Universidade, vista como:

> [...] um complemento do Estado, desempenhando um papel de mera executora das políticas educacionais. A extensão é entendida como uma função específica, autônoma, sendo a desarticulação com o ensino e a pesquisa praticada e considerada natural. A extensão baseia-se no atendimento das carências imediatas da população, numa perspectiva *a-política* e *assistencialista*. Há um discurso inflamado que a coloca na condição de representar a grande saída para a universidade, no sentido de desenvolver o vínculo com a sociedade. Todavia, na prática, ela acaba reduzindo-se a ações esporádicas, eventuais e secundárias. (p.238)

No Brasil, duas correntes que apresentam resquícios dessa concepção tradicional ou funcionalista, e que influenciaram na constituição da extensão universitária foram: a europeia e a americana.

Segundo Mesquita Filho (1997) a corrente europeia se caracterizava por cursos, que podiam ser variados (desenvolvidos na Universidade, mas não como cursos de graduação) ou de extensão (com uma carga horária), ministrados nas Universidades com o intuito de desenvolver atividades voltadas para a população que não podia usufruir de um conhecimento acadêmico, além de possibilitar a aproximação dos professores com a comunidade.

Para assegurar esse tipo de prática no Brasil, o Decreto nº 19.851, de 11 de Abril de 1931 declara no título VI, na parte de Organização Didática, nos Artigos 35 e 42: que a extensão universitária será realizada através de cursos e

conferências educacionais ou utilitárias, para divulgar atividades técnicas e científicas dos institutos universitários.

A corrente americana estava mais voltada para a concepção de prestação de serviços, das instituições oficiais, “cujo conhecimento produzido deveria estar voltado para a perspectiva do desenvolvimento das comunidades” (HUNGER, 1998, p.18). A autora completa, dizendo que essa tendência trazia:

> [...] a possibilidade de viabilizar a identificação de pesquisas, a criação de cursos regulares em áreas de necessidade, o aumento de laços entre as comunidades locais e a universidade e a aprendizagem progressiva das próprias comunidades no sentido de usufruir do Ensino Superior. (p.18)

Essas duas tendências caracterizam a extensão como uma ponte que sustenta a relação pesquisa, ensino, sociedade e Universidade.

O Brasil foi o último país latino a criar uma Universidade, devido a sua proeza elitista que não se relacionava com a classe periférica, ou seja, o saber acadêmico não se misturava com o saber popular. Assim, a Universidade brasileira nasce no início do século 20, mais de 400 anos após a chegada de Cabral.

Mesmo sendo mantida pelos cofres públicos, o compromisso social da Universidade não saia da sala de aula. Essa tradição excludente entendia que a extensão universitária se restringia às conferências abertas ao público sobre temas políticos, sociais e econômicos, com raríssimos debates.

Essas primeiras experiências extensionistas no Brasil, segundo Hunger (1998), iniciaram-se na Universidade Livre de São Paulo (1914 a 1917) com o objetivo de colocar os intelectuais em contato direto com a população. Como a maioria da população era predominantemente rural e sinalizava um índice significativo de analfabetos, essas conferências não atendiam muito a necessidade da população, pois se voltavam para assuntos muitos específicos de algumas áreas. A partir da revolução de 1930, a extensão:

> [...] se faria através de cursos de extensão designados a divulgar, em benefício coletivo as técnicas científicas dos institutos universitários; deveria se processar por cursos e conferências, de caráter educacional ou utilitário, uns e outros organizados pelos diversos institutos de universidade; vista como difusão de conhecimentos filosóficos, artísticos, literários e científicos em benefício do aproveitamento individual. (HUNGER, 1998, p.21)

Desta maneira, a extensão universitária privilegiava as pessoas que não tinham acesso ao Ensino Superior, passando a ser pensada como portadora de soluções para os problemas sociais, ou seja, era um papel inovador estabelecia o compromisso da Universidade com a Sociedade. Com o Manifesto de Córdoba em 1918, a extensão universitária:

> "[...] se caracteriza pela sua missão social junto ao povo, dada a sua preocupação com os problemas nacionais. Essa atividade extra-muros nasce com uma outra função, pois acreditava-se que a solução dos problemas sociais se dariam através da atuação dos estudantes que, inclusive, teriam a oportunidade de se familiarizar com os problemas de seu povo". (HUNGER, 1998, p.26)

Nesse momento, não se pensava no papel efetivo do ensino e da pesquisa nas ações extensionistas.

Hunger (1998, p.33) escreve que foi por meio da lei nº 5.540, implantada na Reforma Universitária de 1968, que pela primeira vez a função da extensão universitária foi vinculada ao Ensino e à Pesquisa de duas maneiras:

> [...] no ato institucional n.º 2, no Decreto lei n.º 252/1967, artigo 10: "a universidade, em sua missão educativa, deveria estender, sob a forma de cursos e serviços, as atividades do ensino e pesquisa que lhe seriam inerentes" e pela Lei da Reforma Universitária, 5.540/68, artigo 40, letra a, em que as instituições de ensino superior, por meio de suas atividades de extensão, "propiciariam aos corpos discentes oportunidade de participação em programas de melhoria das condições de vida da comunidade e no processo geral de desenvolvimento do país".

Com tal legislação as Universidades deveriam repensar a dimensão social da extensão como prestadora de serviços e associá-la ao Ensino e à Pesquisa, ampliando-se à comunidade.

Nogueira (2000) ressalta que foi no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas em 1987, realizado na Universidade de Brasília, que o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras conceituou a extensão universitária como um:

> [...] processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora

> entre a universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados/acadêmico e popular, terá como consequência: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; e a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (p.11)

Portanto, a extensão universitária segundo Rodrigues (2003), pode ajudar a solucionar problemas sociais através da pesquisa, além de ser um dos tripés da Universidade capaz de fazer a ligação da mesma com a sociedade.

Ao longo da última década, a extensão universitária tem se consolidado enquanto espaço de aprendizagem reconhecido institucionalmente na Universidade. Segundo Oliveira (2004, p.1), algumas ações contribuíram para que esta consolidação ocorresse como:

> - o salto qualitativo procedido pela prática extensionista no sentido da busca de superação da concepção assistencialista da extensão;
> - a busca pela construção permanente da indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa;
> - a percepção, altamente acertada na atualidade, da necessidade da interdisciplinariedade para qualquer ação que se queira mais abrangente e/ou qualificada;
> - o foco na relevância social da ação extensionista: a clara opção feita pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das universidades Públicas Brasileiras, direcionando a política extensionista a projetos que considerem o compromisso social e o papel da universidade frente aos problemas sociais: “A universidade e, em especial, as pró-reitorias de extensão devem *induzir* programas e projetos que visem enfrentar os problemas específicos produzidos pela situação de exclusão”.

Estudo como o de Jezine (2004) menciona a importância de caracterizar a extensão como aquela que compõem o pensar e o fazer acadêmico, pois os projetos de extensão, baseados na concepção acadêmica, objetivam relacionar os diversos saberes, em uma íntima relação da produção do conhecimento com a realidade social, ou seja, agem como um processo educativo.

A autora completa dizendo que, ao analisar os projetos de extensão, os discursos de Pró-reitores de extensão das Universidades Públicas brasileiras e

outros documentos, é possível revelar que a extensão é o principal órgão de articulação de parcerias entre a Universidade e setores externos da sociedade na busca de financiamentos e institucionalização das atividades extensionistas. Nesse momento, a extensão universitária passa a ter um caráter mercantilista.

Mesmo com a presença de diversas caracterizações da extensão universitária, ela não deixa de ter uma grande importância no processo de formação de futuros profissionais nas Universidades brasileiras.

Verenguer (2005) relata no VIII Seminário de Educação Física Escolar, que os projetos de extensão se caracterizam como o espaço mais próximo da realidade profissional que o aluno pode vivenciar antes de se formar. Uma vez que ao longo de um programa de intervenção, com a orientação e supervisão de um docente, é possível formular e testar hipóteses e, através de registros, sistematizar a experiência da intervenção, comparando-a com a literatura científica. Fruto desta dinâmica, a elaboração de projetos de pesquisa para o entendimento do cotidiano da intervenção é consequência natural e desejada. Identifica-se, no relato da autora, diversas formas de estimular o futuro profissional durante a sua formação inicial, através de um processo reflexivo e de vivências formativas como esta.

Acreditamos que através da apresentação desse processo histórico da extensão, da extensão universitária e os apontamentos de alguns autores sobre este papel, torna-se possível perceber a necessidade e a importância desse eixo formador em consonância com os outros eixos da Educação Superior.

Mas para compreendermos com profundidade a extensão universitária, torna-se necessário contextualizá-la na atualidade e também apresentar suas perspectivas na Educação Superior, que será apresentado no tópico a seguir.

3.1.1 Atualidades e perspectivas para a Extensão Universitária.

O Plano Nacional de extensão universitária, atualizado em 2000/2001, aponta a extensão universitária como uma atividade acadêmica capaz de dar um novo rumo à Universidade brasileira e de contribuir de forma significativa para a mudança da sociedade, pois:

> A extensão entendida como prática acadêmica que interliga a universidade, nas suas atividades de ensino e de pesquisa com as demandas da maioria da população, possibilita essa formação do

> profissional cidadão e se credencia cada vez mais junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes.
> A partir dessas premissas é que se considera a atividade de extensão, pelo potencial da comunidade universitária (professores, alunos, técnicos), um instrumento incomparável de mudança nas próprias instituições onde se desenvolve e nas sociedades onde essas instituições estiverem inseridas. (p.05)

Esta ideia apresentada acima também é defendida neste estudo, pois tais reflexões apresentam a importância de se consolidar esse tipo de prática nas instituições de ensino superior, possibilitando assim, uma constante busca do equilíbrio entre as inovações e os saberes que nascem do trabalho acadêmico e às demandas socialmente exigidas.

Levando em consideração tal enfoque, a atualização do Plano Nacional de extensão universitária de 2000/2001 apresenta objetivos claros como processo educativo na Educação Superior, se preocupando em:

- Reafirmar a extensão universitária como um processo acadêmico, realizado a partir das exigências da realidade e que é indispensável na formação do aluno, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade;
- Assegurar uma relação produtiva e bidirecional entre Universidade e sociedade;
- Dar prioridade às ações voltadas para os atendimentos emergenciais de necessidades sociais (saúde, educação, habitação e etc.);
- Estimular atividades que impliquem em relações multi, inter, transdisciplinares e Interprofissionais entre Universidade e sociedade;
- Enfatizar o uso das tecnologias disponíveis para auxiliar na melhora da qualidade da Educação e na oferta das oportunidades de estudos;
- Considerar ações regionais e nacionais voltadas para a preservação, desenvolvimento e produção cultural e artística;
- Inserir como componentes das atividades extensionistas a Educação ambiental e o desenvolvimento sustentado;
- Valorizar os programas de extensão interinstitucionais e as atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade internacional;

- Tornar permanente a avaliação institucional sobre as atividades de extensão universitária, tendo assim, parâmetros avaliativos da própria instituição de ensino superior;
- Criar condições da Universidade de participar da elaboração das políticas públicas voltadas para a maioria da população, assim tendo um organismo legítimo para avaliar e acompanhar a ação da implantação dessas leis;
- Permitir a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do país, através de novos meios, processos de produção, inovação e transferência de conhecimentos.

Todos esses objetivos enfatizam a necessidade de se olhar a extensão universitária articulada ao universo acadêmico, inclusa no processo educativo na Educação Superior e que se preocupa com a formação da comunidade acadêmica e também da sociedade.

Segundo Rays (2003), não é possível fazer a extensão universitária sem planejamento próprio e sistemático (Plano de desenvolvimento Institucional e projetos político-pedagógicos dos cursos de graduação), pois ele é essencial para se concretizar essa ação nas instituições de ensino superior, não permanecendo meramente no discurso. O planejamento também deve apresentar a seriedade e a importância desse trabalho na Universidade e suas possíveis perspectivas como componente formador indissociável dos outros eixos (pesquisa e ensino) da Educação Superior na formação inicial.

O autor ainda completa dizendo que a extensão universitária deve ser tratada como um processo educativo interativo, com a ação de estender o conhecimento que se produz a partir da práxis dialética (entre Universidade e sociedade e vice-versa) crítica ao conhecimento. Tal práxis, segundo Saraiva (2007, p.227) deverá resultar em:

> – democratização do conhecimento acadêmico;
> – instrumentalização do processo dialético teoria e prática;
> – promoção da interdisciplinaridade;
> – participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade;
> – visão integrada do social.

A produção do conhecimento, neste sentido, se faria através da troca de saberes: sistematizado, acadêmico e popular, com a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade, ou seja, numa produção resultante do confronto com a realidade.

Saraiva (2007) ainda ressalta que é essencial na extensão a ocorrência de experiências significativas para o graduando, proporcionando-lhe condições de refletir sobre as grandes questões da atualidade e, a partir das suas experiências e dos conhecimentos produzidos e acumulados, construir uma formação mais compromissada com as necessidades da realidade brasileira. Portanto, a extensão universitária também tem o papel de formar a cidadania e preparar o graduando para poder desempenhar o seu papel de cidadão brasileiro.

Deste modo, a extensão universitária que defendemos poderá ser vista na atualidade, como uma forma de educar e formar profissionais que interveem no mundo em que vivem de forma autônoma e pautados por um currículo dinâmico e flexível.

Para Rocha (2002) o lugar e o papel da extensão no ensino superior é de um instrumento de diálogo entre a Universidade e o seu meio, “realimentando sistematicamente a sua estrutura interna abrindo-a aos segmentos externos e mobilizando os atores sociais nela inseridos no sentido de cumprimento de sua missão social” (p.18). Assim, para o autor, o diálogo que a extensão universitária pode propiciar às populações mais simples, tem que ser encarado como uma troca de saberes entre iguais, mesmo com estágios diferenciados entre o saber acadêmico (mais sistematizado) e o saber popular (mais baseado na vivência cotidiana).

Deste modo, segundo Saraiva (2007) a extensão universitária tem compromissos com o estudante na sua dimensão: humana (o que pensa, sente e age), profissional (formação e qualificação) e cidadã (exercício de uma cidadania sensível ao social e à participação). Com a Universidade (na missão social pela melhora da condição de vida da comunidade onde está inserida; de estender-se a comunidade por meio de atividades de extensão; promover a integração de atividades de ensino, pesquisa e extensão com os problemas de desenvolvimento local) e com a comunidade (por meio da sensibilização para a conscientização e a solução de seus problemas, além da redução da pobreza e a melhora da qualidade de vida).

Pensamos que este modelo de extensão universitária proposto pelo Plano Nacional de extensão universitária de 2000/2001 se aproxima muito do modelo de formação reflexiva que defendemos nesta pesquisa. Nele, os graduandos, ao serem inseridos na realidade concreta e cotidiana, podem experimentar o fazer profissional junto com o fazer acadêmico, conseguindo estabelecer novos conhecimentos, novos saberes e ações sociais que os auxiliem a refletir sobre suas ações profissionais, e quem sabe até sobre as políticas públicas instituídas.

A partir das ideias expostas neste tópico, torna-se claro que a extensão universitária tem a perspectiva de auxiliar academicamente e socialmente na formação do graduando, além de estimular a produção de novos saberes e conhecimentos em diversas áreas.

Para podermos compreender melhor como funciona este processo formativo nos projetos de extensão universitária, é interessante conhecermos como funcionam os projetos investigados, sua estrutura, sua dinâmica de trabalho, a rotina de trabalho do graduando e também por quais motivos os alunos se aproximaram da extensão. São esses pontos que serão discutidos no próximo tópico.

3.2 Os projetos de Extensão Universitária do curso de Educação Física da Universidade investigada.

A extensão universitária, segundo Araújo et. al (2011), apresenta-se como uma área acadêmica propícia para interligar o ensino e a pesquisa, além de poder proporcionar benefícios à sociedade. Com o propósito de cumprir o seu papel integrador entre a Universidade e a Sociedade, os projetos de extensão universitária tem tido um papel “indispensável à formação dos alunos, a qualificação dos docentes e ao intercâmbio social” (ARAÚJO et. al., 2011, p.7).

Deste modo, apresentar como funcionam estes projetos de extensão na Universidade investigada, torna-se relevante para compreendermos seu desenvolvimento, suas peculiaridades, o motivo pelo qual os graduandos se aproximaram desta atividade, a conceituação da extensão universitária por eles construída e a dinâmica de trabalho de cada projeto.

Para iniciarmos a contextualização dos projetos de extensão investigados, apresentaremos os seus objetivos em relação à extensão universitária, uma vez que isso pode nos auxiliar a esclarecer as suas finalidades durante a formação inicial.

Vale lembrar que até o ano de 2008, os objetivos da extensão universitária da Universidade investigada se baseavam na Resolução Unesp nº 102, de 29 de Novembro de 2000, que dispõe sobre o Regimento Geral da extensão universitária. Assim, seus objetivos eram:

> Art.1º A extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico, que se articula ao ensino e à pesquisa de forma indissociável, e que viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade.
> Art.2º As atividades de extensão universitária terão como referência que à Universidade, no que diz respeito às suas atribuições específicas relativas à responsabilidade de promover o desenvolvimento do saber, cabe: produzir, sistematizar, criticar, proteger, integrar, divulgar e difundir o conhecimento.
> Art.3º As atividades de extensão terão como escopo socializar e compartilhar com a comunidade o conhecimento já sistematizado pelo saber humano e o produzido pela Universidade, bem como contribuir para o desenvolvimento desta.
> Art.4º As atividades de extensão deverão ter caráter educativo, no sentido de tornar as pessoas aptas a utilizarem o conhecimento em suas próprias situações de vida, de forma a não se transformarem em atividades que substituam, sem objetivos educacionais, aquelas que deveriam ser feitas por outras agências sociais.
> Art.5º A extensão constituir-se-á numa prática permanente de interação universidade-sociedade, em suas atividades de ensino e pesquisa, dando-se prioridade a iniciativas voltadas para a comunidade extra-campus, devendo garantir a qualidade .científica, tecnológica, artístico-cultural e buscar a interação com a sociedade por meio de ações de promoção e garantia de valores democráticos de igualdade e desenvolvimento social. (UNESP, 2000, p.1-2)

Em 2009, estes objetivos foram redefinidos na forma de um Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Assim, torna-se pertinente apresentarmos os atuais objetivos da extensão universitária que são:

> I. Sedimentar a excelência da extensão universitária como processo educativo, cultural e científico articulador do ensino e da pesquisa.
> II. Promover a democratização da cultura científica, artística e humanística para viabilizar uma relação transformadora entre a Universidade e a sociedade.
> III. Contribuir para a permanência e o fortalecimento da memória social por meio da preservação, criação e divulgação de acervos de valor histórico e cultural.
> IV. Implementar as ações de Extensão Universitária que contemplem as grandes questões político-sociais, tais como: meio ambiente, violência, direitos humanos e cultura material e imaterial (popular e erudita). (UNESP, 2009, p.31)

Os depoentes P5, P8 e P11 ao relatarem o objetivo dos projetos de extensão universitária em que participaram, apontam algumas características similares às apresentadas acima como:

> Fazer atividades diferentes na vida deles então a gente ensinava eles jogar ensinava eles, a gente estimulava alguns movimentos, algumas habilidades básicas principalmente nas crianças, diferentes do que os fisioterapeutas já faziam [...] [...] era um projeto de atividade física adaptada pra diferentes grupos [...] (P5)

> Bom, o projeto ele tinha dois focos, né? O primeiro: o de fato ensinar o handebol para as crianças né? Tentando usar uma metodologia um pouco diferenciada. E o segundo projeto, o segundo eixo norteador, ou segundo grande objetivo, era da formação de futuros professores mesmo, então de tentar aproximar, as informações acadêmicas que nós tínhamos até aquele momento com o cotidiano de um profissional mesmo, né? (P8)

> [...] o objetivo maior seria, esse, esse trabalho individualizado mesmo. Era pesquisar o treinamento individualizado. (P11)

E também enfatizam que estas ações vão muito além do ensino de uma simples técnica, como é apresentado nos trechos a seguir:

> Então, o objetivo do projeto era promover realmente promover uma autonomia dentro do ambiente aquático, um estímulo que viesse a proporcionar fora da água algumas também... Dentro da água uma certa liberdade, uma certa independência, autonomia, mas fora da água também, sei lá, algum benefício no aspecto motor talvez, pelo menos eu acredito que seja esse também um dos princípios. Mas quando isso não é atingido, pelo menos dentro da água ele se sente capaz. Quando eu digo fora da água, eu digo assim, questões de autoestima, não só de desenvolvimento motor [...] (P1)

> [...] ele tinha uma finalidade educativa e proporcionar por intermédio do futebol como atividade de lazer né? As pessoas que, os meninos que iam nas aulas né, ele tinha uma finalidade educativa muito clara, muito, até em detrimento na nas questões esportivas na finalidade esportiva a preocupação principal do Professor [...] era de proporcionar o lazer e a questão educativa em relação ao projeto, então na verdade o futebol acabou se tornando um meio pra aquelas pessoas. (P13)

Estas similaridades nos objetivos dos projetos de extensão com o da Universidade investigada em questão podem caracterizar uma forma especifica de se pensar a extensão universitária, onde há a preocupação de uma formação de

profissionais cidadãos resultado da troca de saberes entre a Universidade e a sociedade.

Araújo et.al. (2011, p.7) recorda que pensar a extensão universitária implica em lembrar:

> [...] de um imenso laboratório de experimentação, constituído pela sociedade com diferentes problemas, muitas vezes de difícil solução, porém, aberto àqueles que se dispõem a desenvolver projetos com o objetivo de atenuar situações, aplicando conhecimentos técnicos adquiridos mediante ensino e pesquisa e com a responsabilidade de transformar a vida de seus semelhantes, sem substituir responsabilidades do Estado e sim promovendo a ciência diretamente aplicável à sociedade.

No relato dos 14 depoentes investigados, confirmou-se que a maioria deles (13) não tiveram nenhuma discussão ou conceituação específica sobre a extensão universitária, e apenas 1 profissional disse ter discutido sobre o tema. Porém, destacam que aprenderam sobre a definição e o significado do tema de outras formas como:

> [...] eu acho que eu aprendi meio que na prática mesmo, né? Eu entrei no projeto meio que sem saber, o que era extensão universitária. Eeee depois com a prática, você vai vendo que tem outros projetos dentro da Educação Física [...] E como a gente estava em contato com isso diariamente, com os outros alunos e tudo mais. A gente acabava conhecendo o que era extensão assim. (P2)

> [...] eu tive a curiosidade, eu perguntei [...] (P6)

> Logo no início, quando eu entrei no projeto... eu fui ver o que que era o projeto de extensão. Porque eu queria saber o que que eu tava fazendo, que que era aquilo, então eu eu conversava, eu fui ver, fui pesquisar.Tem até aquele... como que chama? Eu tenho até hoje o tal do livrinho, acho que é CACO[2], que é centro acadêmico[...] Lá especifica o que que é a extensão eu fui procurar. (P7)

> [...] acabou sendo discutido talvez não numa maneira tão direta, mas, mas isso por meio dos objetivos do programa, a extensão acabou sendo discutida também. (P9)

[2] CACO: Livrinho de orientações ao aluno ingressante da Universidade Investigada. Neste livro explicavam o conceito de extensão universitária e falavam sobre os projetos de extensão existentes nos cursos da Faculdade de Ciências. Além de conter outras informações essenciais aos alunos ingressantes.

Os profissionais P2 e P10 ressaltam que este tipo de discussão também ocorria próximo ao envio de trabalhos para eventos científicos (congressos), como aparece na fala deles a seguir:

> Mas assim, quando estava chegando para fazer resumo pra congresso. Eeeee quando chegavam próximos esses eventos assim, a gente discutia um pouco mais sobre extensão, o que é universidade, né? Que é o que a universidade pode fazer na sociedade para melhorar aquilo, pra ajudar a sociedade e ao mesmo tempo ajudar na formação daquele aluno que está começando. (P2)

> [...] a gente fazia também no no congresso de extensão universitária todo ano que tinha o congresso de extensão universitária da Proex eu participava, então no desenvolvimento do pôster que eu ia ééé apresentar, então aí eu tinha ééé esses momentos de reflexão e também aí, sim eu conversava com o [...] em alguns momentos disso, mas a gente nunca tentou pra ele explica, discuti nada diretamente. (P10)

Segundo Rocha (1986), compreender a extensão universitária como meio de comunicação da Universidade pode possibilitar uma reflexão crítica e uma revisão permanente de suas funções de ensino e pesquisa. Desta forma, o profissional P13 explica a importância de compreendê-la:

> [...] a extensão ia além, de apenas ser um momento onde o estudante de Educação Física poderia estar é, aplicando os conhecimentos é voltados, ministrados na sala de aula, ela ia, além disso. [...] o projeto de extensão significa muito mais para aquelas crianças que estavam ali, porque aquelas crianças que estava ali, elas tinham poucos momentos ou nenhum momento de ter aquela oportunidade. [...] então nós tínhamos que atribuir o significado daquela prática, nós tínhamos que entender que aquilo significava muito mais do que pra nós sermos um momento que nós pudéssemos utilizar daquelas pessoas pra que nós aprendêssemos, ele falava isso muito pra gente. (P13)

O profissional P4 relembra da responsabilidade da extensão no processo de formação do graduando, a partir da visão de extensão universitária defendida pela coordenadora do projeto em que participou:

> Eu acho que ela via a extensão, como ferramenta a, aprimorar a nossa formação, talvez se não tivesse a extensão universitária, aí seria muito mais difícil, então assim, através do projeto a extensão universitária, ela conseguia éé, com alguns, é, é melhorar essa formação, essa visão de conteúdo, da prática, então eu acho que,

> pelo projeto era assim, um instrumento, uma ferramenta que viabiliza essa influencia na nossa formação que seria muito mais difícil ela produzir em sala de aula talvez. (P4)

Pelo fato da extensão universitária ser indissociável do ensino e da pesquisa e composta por diversos elementos, torna-se relevante para a Universidade investir em sua composição. Uma forma encontrada para investir neste tipo de atividade são as bolsas de estudos, que também podem estimular a aproximação dos graduandos às atividades extensionistas. Assim, dos 14 profissionais investigados nesta pesquisa, apenas 21% (3 profissionais) não foram bolsistas ou não tiveram as bolsas relacionadas com os projetos de extensão em que participaram, como é apresentado no Gráfico 5 a seguir:

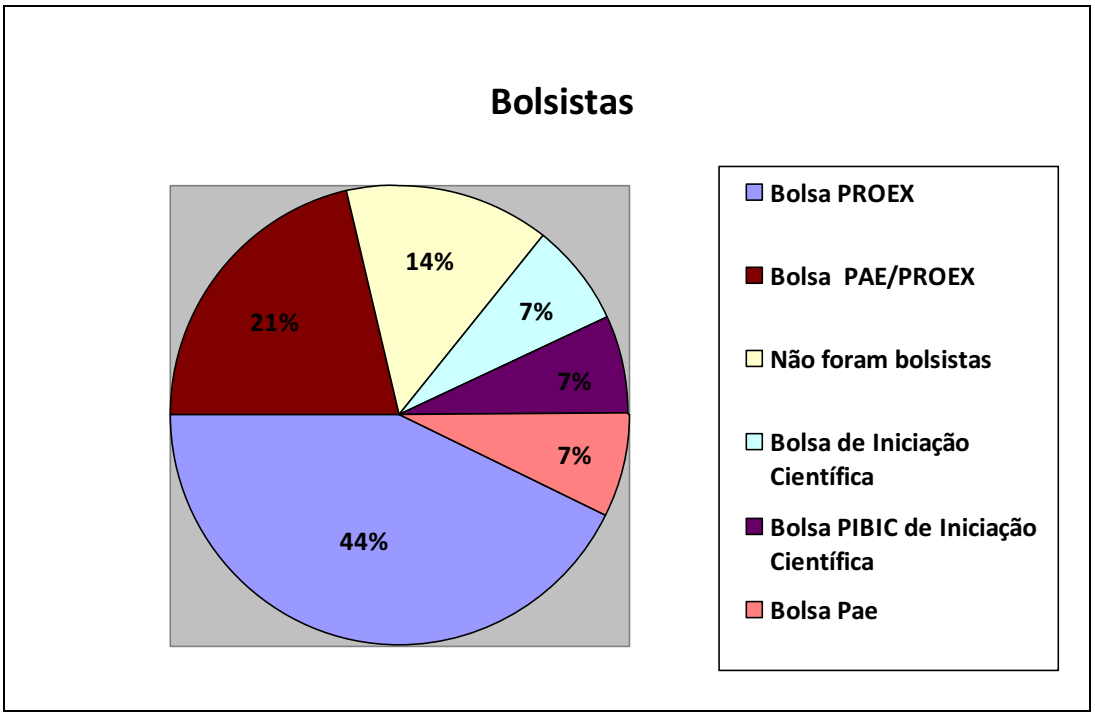

Gráfico 5: Porcentagem de alunos com bolsas para atuar nos projetos de extensão.

Apesar do significativo investimento presente no gráfico, outros motivos também aproximaram os ex-graduandos dos projetos de extensão, como:

> [...] um certo interesse sim, por questões particulares, por questões de família. Pessoas que tinham algum, alguma limitação física, intelectual. Eu tinha realmente essa curiosidade, mas não imaginei que eu fosse me identificar tanto,[...] (P1)

> [...]o pessoal do Caef que passo [...]foram divulgar na sala e aí eu mais duas amigas tivemos interesse, e nós três fomos atrás pra ver.[...] (P4)

> Na verdade eu e o [...] que montamos o projeto com o [...]. A gente, tava querendo fazer um projeto de extensão em cima de um trabalho mais indi... individualizado [...] (P11)

> Já sabia que existia o projeto de extensão. Por quê? Quando eu entrei na faculdade na [...] eu recebi o CACO. O CACO é aquele livro lá que tem todas as informações pros alunos. Falava o CACO o lugar que tinha universidade pública, tinha pesquisa extensão [...] (P13)

O profissional P8 diz que se aproximou pela influência de uma amiga, e P14 diz ter se aproximado por ter experiência no conteúdo ministrado e por conhecer o responsável do projeto.

Segundo Nozaki e Hunger (2012) compreender as intenções dos graduandos ao se inserir na extensão universitária durante a formação inicial apresenta-se de extrema relevância para o seu processo formativo, pois tais aproximações revelam os significados pela busca por estes projetos, apresentando ricos mecanismos para os docentes, coordenadores e conselheiros de cursos a repensarem o processo formativo da graduação também por intermédio da extensão.

Para os profissionais P9 e P13 as disciplinas curriculares também podem aproximar os alunos da extensão universitária:

> Na verdade ele começou comigo e com a [...], ele não existia né? Eu me aproximei da [...] assim é por uma disciplina, que ela trabalhava com projeto especificamente eee, eu achei interessante, tive algumas conversas com ela e ela comentou à respeito do projeto, duma formação de um projeto específico de aprendizagem esportiva escolar. [...] então foi uma elaboração em conjunto. (P9)

> Ele tinha o projeto de extensão a muitos anos na [...], que era o futebol. E aí no projeto de futebol durante a disciplina nós participávamos do projeto também. Ele dava até acho que a metade da disciplina acho, foi básica disciplina em sala de aula com os conteúdos é mais no contexto em sala de aula e, sem a aproximação do projeto na segunda parte da disciplina ele aproximou os alunos do projeto. (P13)

Apesar da 1ª ação proposta no Plano de Desenvolvimento Institucional da instituição investigada, segundo Unesp (2009, p.31), ser: “Articular os projetos e atividades de extensão universitária com a estrutura curricular”, esta ação parece ser

pouco utilizada, pois somente dois profissionais relatam ter vivenciado este processo durante a sua formação inicial.

Para Nozaki e Hunger (2012) as atividades de extensão universitária precisam ter compromisso explícito com o ensino, sendo articuladas as estruturas curriculares dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação, estimulando assim, dinâmicas, metodologias de trabalho e estratégias formativas próximas do cotidiano profissional nos projetos de extensão.

Deste modo, os projetos de extensão da Universidade investigada apresentam algumas dinâmicas de trabalho, como por exemplo: grupos de estudos; reuniões para preparação e discussões sobre as aulas; formas de se preparar os conteúdos e os materiais para a aula e etc. Para compreendermos melhor como funcionavam estes projetos, eles serão caracterizados resumidamente no quadro 8 abaixo:

	Projeto de extensão (tema)	Público alvo	Reunião	Grupo de estudos	Funcionamento	Preparação das aulas/ materiais	Funções dos alunos	Funções dos professores/coordenadores
P1	Natação	Portadores de necessidades especiais	Algumas vezes	Não tinha	Duas vezes por semana	Os alunos preparavam as aulas, muitas vezes iam pelo feeling por não terem planejado as aulas.	Executores (ministrar, planejar e elaborar aulas; fazer testes, avaliações, resumos e publicações para congressos.	Função política, coordenar, orientar, apontar alguns nortes retornar feedbacks.
P2	Atividade Lúdica e antropométrica	Idosos	Algumas vezes	Não tinha	Uma vez por semana (5ª feira)	No 1º momento a profª coordenadora auxiliava, no 2º momento ficou mais por conta do aluno devido o pouco contato com o tema de avaliação e medidas.	Parte prática, execução de relatórios, elaboração de planejamentos e dar aula.	Tirar dúvidas, auxiliar se precisasse de material ou alguma coisa, elaboração de relatórios, mediação com pessoas, realização de reuniões e no 1º momento auxílio no planejamento
P3	Aikidô	Adultos e Jovens	Constantes	Não tinha	Duas vezes por semana (3ª e 6ª feira)	Preparação das aulas realizada pelo aluno.	Parte prática.	Ficar na retaguarda; ajudar nas questões do projeto, do planejamento da divulgação, na renovação da bolsa; verificar se os planejamentos e os objetivos estão sendo atingidos; montar projetos.
P4	Reabilitação Cardíaca	Pessoas portadoras de	Semanais (junto	Ocorria semanal	Três vezes	Treinos rotineiros que foram sendo	Parte prática, discutir ideias	Designar as reponsabilidades de cada um;

	com condicionamento	hipertensão arterial e diabetes (maioria idosos)	com o grupo de qualidade de vida)	mente junto com a reunião, contendo discussões de textos e artigos sobre o tema estudado.	por semana	alterados conforme a necessidade dos alunos, manual de alongamento e preparação do material era realizado por todos.	novas e as aulas; estudar o tema desenvolvido; criar e montar manual de alongamento; fazer os treinos; tabular os dados no computador; construir; criar pesquisas; aferir pressão e frequência cardíaca.	orientar; cobrar; questionar o porquê das mudanças nos treinos; estimular os graduandos a pensar sempre no porquê de suas ideias e decisões; estimular a busca do conhecimento; auxiliar no processo de formação.
P5	Atividade Física e iniciação aos esportes adaptados	Adultos e crianças	Semanais. Antes do começo das aulas e no final sempre tinha uma conversa pra ver como foi a aula, as dificuldades, discutir o que aconteceu naquele dia brevemente.	Ocorria antes do começo da aula junto com as reuniões, estudavam e conversavam sobre os diferentes tipos de deficiências.	Duas vezes por semana	Era dividido em diferentes estações que estimulavam as diversas habilidades motoras básicas e para os adultos também tinha o trabalho na musculação. A preparação e a construção das aulas e dos matérias era realizado por todos na reunião.	Dar aulas; estudar e discutir sobre as diversas doenças e deficiências; construir e adaptar materiais para os alunos; recepcionar os alunos; aplicar as atividades propostas para os alunos; planejar as aulas; verificar se a aula deu certo	Coordenar o grupo, dar uma de psicóloga com os pais dos alunos com deficiência; ensinar os graduandos a lidar com o deficiente; ensinar a parte teórica das doenças e das deficiências; preparar os graduandos para atender os alunos; era como se fosse a chefe de tudo.
P6	Efeitos do condicionamento físico supervisionado	Adultos e idosos	Semanais (junto com o grupo de hipertensão)	Ocorria semanalmente junto com a reunião, contendo discussões de textos e artigos sobre o tema estudado	Três vezes por semana	Treinos rotineiros que foram sendo alterados conforme a necessidade dos alunos, manual de alongamento e preparação do material era realizado por todos. Só o aluno mais velho dava a parte prática e executava algumas ações por ser mais experiente, ou seja, tinha mais responsabilidade.	Parte prática, discutir ideias novas e as aulas; estudar o tema desenvolvido; criar e montar manual de alongamento; fazer os treinos; tabular os dados no computador; construir; criar pesquisas; aferir pressão e frequência cardíaca.	Designar as reponsabilidades de cada um; orientar; cobrar; questionar o porquê das mudanças nos treinos; estimular os graduandos a pensar sempre no porquê de suas ideias e decisões; estimular a busca do conhecimento; auxiliar no processo de formação.
P7	Atletismo	A partir dos 13/14 anos até idosos	Mensais ou a cada 15 dias	Não tinha	Três vezes por semana	O professor coordenador, o aluno coordenador e mais dois alunos auxiliares que ajudavam o aluno coordenador participavam das reuniões para montar os objetivos do período.	O aluno coordenador (chefe): passar os treinos; resolver todos os problemas durante as aulas na ausência do professor/coordenador; dar comandos; corrigir os alunos. O aluno auxiliar: preparar os materiais; ajudar a corrigir; auxiliar nos treinos passados	Fazer reuniões com os alunos; informar com anda o projeto; dizer os alunos deveriam iam fazer; discutir as metas a serem atingidas com os alunos do projeto; passar tudo o que ele sabe sobre atletismo (o ensino da técnica e a correção) e definir os próximos

							pelo aluno coordenador.	passos para os graduandos passarem para os alunos.
P8	Handebol	Crianças e pré-adolescentes de 9 a 14 anos	Semanais	Não tinha	Uma vez por semana	Preparação da aula e do material era realizada por todos e ocorriam na reunião semanal.	Colocar em prática o que estudaram; pensar como seria o processo de ensino e aprendizagem; ensinar o jogo de handebol e dialogar os temas que permeiam os jogos coletivos (gênero, respeito,); estimular um olhar mais cooperativo; auxiliar a organizar os materiais enquanto o colega explica a atividade; fazer o planejamento; e dar as aulas.	Coordenar as ações dos alunos; auxiliar no processo de formação dos graduandos; mediar as discussões; nos fazer refletir e ficar atenta a alguns pontos e algumas coisas para estimular a troca de informações; observar as aulas e dar feedbacks.
P9	Defasagem no âmbito motor	Crianças com defasagem de aprendizagem motora de uma escola da periferia	Semanais, quando não dava de 15 em 15 dias	Não tinha	Duas vezes por semana	Preparação da aula e dos materiais pelo aluno coordenador.	Planejar e ministrar as atividades; coordenar; auxiliar nas atividades que estão sendo ministradas; organizar reuniões; reivindicar por espaços para trabalhar na Universidade.	Supervisionar as atividades realizadas pelos graduandos; organizar reuniões; conversar com os graduandos. ****Estas ações só ocorrerão nos primeiros meses, pois a professora se afastou do projeto.**
P10	Karatê	Crianças, adultos e idosos	Dois em dois meses	Não tinha	Duas vezes por semana	Preparação das aulas e dos materiais realizadas pela aluna estagiária e supervisionada pelo professor coordenador do projeto.	Preparar e aplicar as aulas; construir e criar trabalhos científicos.	Coordenar; fiscalizar as aulas preparadas; pontuar o que necessário enfatizar na aprendizagem naquele período; divulgar e preparar exame de faixa e competições; acompanhar as aulas; e ministrar algumas aulas.
P11	Avaliação Física e treinamento individualizado	Adultos	A cada 15 dias	Não tinha	Três vezes por semana	Preparação dos treinos e dos materiais realizadas pelos alunos, coma supervisão e o aval do professor coordenador.	Aplicar o treinamento individualizado; fazer reuniões; formatar treinamento; montar aulas; estudar para definir o protocolo de treinamento a ser usado.	Fornecer a parte científica; dar feedback do trabalho; ir em algumas aulas para verificar o andamento do projeto; estudar para definir o protocolo de treinamento a ser usado.
P12	Ed. Física para pré-	Crianças de 2 a 6 anos	No início eram	Não tinha	Duas aulas	Preparação das aulas e dos	Montar e aplicar aulas sozinha; avaliar as aulas	Auxiliar a planejar aulas conforme a faixa etária; ensinar

	escola		semanais. Depois a cada 15 dias (conforme foi pegando experiência)		por semana	materiais inicialmente com a ajuda do professor coordenador e mais pra frente sozinha.	filmadas; resolver problemas em aula; dividir os conteúdos a serem trabalhados; estudar sobre o tema abordado no projeto; escrever e publicar trabalhos científicos.	a aplicar as avaliações e avaliá-las; ajudar o graduando a perceber a utilidade das avaliações aplicadas; distribuir os conteúdos por faixa etária.
P13	Futebol	Crianças e Adolescentes	Semanais	Não tinha	Uma aula por semana	Preparação do material, do espaço e do planejamento era realizado na reunião semanal por todos.	Preparar; planejar as aulas; ministrar as atividades; avaliar os objetivos de cada atividade. O Subcoordenador ajudar a coordenar todo o trabalho que era desenvolvido no projeto e auxiliar no processo de formação dos outros graduandos.	Dar os subsídios para os graduandos construírem sua forma de intervir, fornecendo textos, proporcionando discussões de como podem conduzir o processo; auxiliava na preparação das aulas.
P14	Ginástica Artística	Crianças de 6 aos 12 anos	Semanais	Não tinha	Duas vezes por semana	Preparação do material e da sequência pedagógica básica da ginástica era realizada pela aluna coordenadora (geralmente é a bolsista) com a supervisão da professora coordenadora.	O aluno coordenador: passar aquecimento, parte inicial e determinar quem vai para o aparelho; ensinar o graduando a como ensinar, ajudar e corrigir cada elemento; ensinar a proteger o aluno na execução do elemento; ensinar o que fazer com a criança. O aluno normal auxiliava em todo o processo pedagógico e dava aula.	Passar a proposta do projeto, seus objetivos e como as aulas funcionavam; acompanhar o anda mento do projeto, os alunos graduandos e as crianças participantes; verificar e auxiliar nos planejamentos das aulas; auxiliar nas dificuldades que apareciam.

Quadro 8: Caracterização dos projetos de extensão universitária e das funções dos professores coordenadores e dos alunos da Universidade investigada.

Perante os relatos dos profissionais investigados, os projetos de extensão universitária utilizam a reunião como um espaço: de comunicação entre os componentes que participam do projeto; de formação; de discussão para possíveis soluções; de criação de materiais para suas aulas; para grupo de estudos; para fazer os planejamentos e conversar sobre as dificuldades encontradas durante as aulas; para pensar em estratégias de ensino mais adequadas para os alunos dos projetos; e para criar novas pesquisas.

Porém, estes espaços poderiam ser utilizados de forma mais eficaz, pois 8 dos profissionais pesquisados (mais da metade) apontaram realizar a preparação de suas aulas, planejamentos e materiais sozinhos. Alguns disseram ter a

supervisão dos professores coordenadores, entretanto poder discutir com outras pessoas e trocar ideias durante a criação do planejamento e da estruturação do plano de trabalho pode enriquecer ainda mais este tipo de dinâmica formativa, pois segundo Silva (2009, p.121) para:

> Desenvolver habilidades gerais e específicas exige agregar conhecimentos teóricos às exigências práticas, para significar os conteúdos teóricos. Os conteúdos acadêmicos devem estar em sintonia com as realidades sociais e especificidade do profissional em formação. Por isto, devemos preparar nossos alunos para a capacidade de investigação, raciocino lógico e comunicação espontânea com motivação.

Deste modo, é de responsabilidade do professor coordenador preparar qualitativamente o graduando nestes espaços e momentos formativos, pois segundo Unesp (2000, p.1) a extensão “é um meio de formar profissionais-cidadãos capacitados a responder, antecipar e criar respostas às questões da sociedade”. Sendo assim, se os graduandos forem estimulados cada vez mais cedo a lidar com dinâmicas que os capacitem a se relacionar com as questões profissionais e sociais, poderão estar mais maduros e conscientes ao intervirem profissionalmente no mundo.

Na Universidade investigada as ações extensionistas devem propiciar o desenvolvimento profissional de todos (docentes, discentes e técnicos administrativos) os envolvidos nos projetos e nas atividades de extensão universitária, “visando a melhoria da qualidade do ensino, a integração com a comunidade e o fortalecimento do princípio da cidadania” (UNESP, 2000, p.3).

Para que aconteça está melhora na qualidade do ensino, cada indivíduo tem que cumprir com sua função no projeto. No quadro 7 apresentado anteriormente, cada depoente expôs como compreende as funções do aluno e do professor coordenador nos projetos de extensão.

Foi perceptível, que ambos têm funções essenciais para o bom funcionamento dos projetos, porém muitas vezes a maior parte do trabalho extensionista fica atrelado ao aluno, que compreende as razões pelas quais isso acontece, mas que sente falta de orientações básicas em seu processo de formação na extensão, como é apresentado nos relatos de P1 e P9 abaixo:

> A gente estava em processo de formação, então era aquela sede de saber, você queria né? Tirar o máximo possível, então a gente sentia falta dele. Nós que participávamos do projeto, nós sentiamos falta dele e queríamos que ele estivesse sempre. Mas apesar de ele (professor coordenador) não estar, ele participava, quando ele ia via a prática e nos reuníamos depois, ele realmente contribuía em todos os aspectos do projeto, academicamente, com execução [...] (P1)

> A [...] mas, bem ausente nesse sentido porque ela já era responsável por outro projeto de extensão, éé, é a gente entendia a demanda de trabalho dela, era excessiva e num determinado momento a gente se adequo e, e tocou bem o trabalho sozinho também. A gente tinha dificuldade, algumas dificuldades de espaço então na [...] por ter outras atividades pelos docentes darem aula em determinados locais, éé a gente às vezes tinha que, tinha que conversar com a coordenação do programa em si pra saber se poderia utilizar certas áreas. (P9)

Estes relatos apresentam a relevância do professor coordenador do projeto de extensão, pois os alunos durante esse processo de formação inicial apresentam inseguranças, dúvidas e dificuldades que se discutidas, amparadas e sanadas podem estimulá-los a prosseguirem mais seguros em suas carreiras profissionais. Como sugere Silva (2009, p.120-121):

> A formação deve englobar um conjunto de aprendizagens, como aprender a desenvolver uma curiosidade para adquirir condições de trabalho com enriquecimento pessoal; aprender a identificar problemas e a resolvê-los; buscar conhecimentos de variadas fontes e constatar que o mundo real vai além do que se aprende na academia, pois se constituem de relações dinâmicas entre pessoas e seus códigos sociais, englobando o mundo do trabalho e os valores pessoais.

Completa dizendo que cabe ao professor conduzir os alunos para que eles descubram os conceitos e os procedimentos mais adequados a sua proposta extensionista, ou seja, orientá-los sobre suas ações extensionistas, questionando-os para estimulá-los a desenvolver sua criatividade e a capacidade de resolver problemas. Assim, a relação dos alunos com os professores se estabeleceria em discutir problemas, planejar e analisar os trabalhos; analisar e avaliar os resultados e produzir estudos acadêmicos em função das discussões ocorridas.

Partindo desta caracterização dos projetos de extensão da Universidade investigada e da discussão dos elementos que os configuram, torna-se

interessante compreendermos os significados da extensão universitária na formação inicial do profissional de Educação Física e sua articulação com a mesma.

3.3 Os significados da Extensão Universitária na formação inicial em Educação Física.

Uma das particularidades da extensão universitária na formação inicial é permitir a efetivação do aprendizado através da aplicação, ou seja, permitir atividades de ensino e pesquisa através da aplicação prática. Para Silva (1997, p.149) é o momento onde os graduandos “vão entender e fundamentar os conceitos e teorias aprendidos nas atividades de ensino, consolidando e complementando o aprendizado com a aplicação”, através da orientação de professores coordenadores da própria Universidade, que os guiaram durante este processo. Podendo propiciar, uma complementação na formação do aluno universitário.

Como diria um velho provérbio chinês de quatro mil anos A. C., citado por Silva (1997, p.149): “Se decoro, esqueço; se vejo, lembro-me; se faço, aprendo”.

Portanto, se aprender significa fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, pensamos que a extensão universitária pode contribuir qualitativamente neste processo de formação inicial dos alunos, construindo diversos significados.

Nos cursos de Educação Física esse papel acadêmico tem ocorrido constantemente, e tem evidenciado a partir de algumas pesquisas e estudos, a relevância desse tipo de trabalho.

No estudo realizado por Souza (2003) é perceptível essa relevância, pois ao verificar em uma de suas perguntas o significado das experiências obtidas nos projetos de extensão durante a formação universitária, são evidenciadas por parte de professores atuantes, tais experiências/vivências como as mais importantes durante a graduação; e ao questionar os participantes de seu estudo sobre as vivências e ou experiências mais importantes para a atuação profissional, adquiridas durante a graduação, eles assinalaram os projetos de extensão em primeiro plano (nota média 9,3). A importância atribuída aos projetos de extensão foi tão grande que de 35 participantes do estudo, 25 conceituaram-no como muito importante (nota máxima adotada no questionário). Isso pode ser resultado de uma:

> [...] oportunidade de vivências práticas, ainda durante a formação acadêmica, e com a possibilidade de síntese de integração dos conteúdos das diversas áreas de conhecimento. Surgem, portanto, como um momento de intercâmbio entre os conhecimentos, considerados mais teóricos, e os saberes construídos nestes estágios, de caráter mais prático. (SOUZA, 2003, p.145-146)

Ainda que os sujeitos da pesquisa de Souza (2003) apontem algumas falhas nos projetos de extensão, sobretudo no que se refere à falta de acompanhamento dos professores da Universidade, os projetos possibilitam aprender fazendo, oportunizam vivências práticas durante a formação inicial, se apresentam como locais para síntese e integração dos conhecimentos aprendidos. Isto pode ser comprovado nos relatos dos profissionais P2 e P11 investigados neste estudo:

> É, aprendi muita coisa conceitual também, dentro da terceira idade, porque eu nunca tinha trabalhado com terceira idade. Foi um negócio que me proporcionou ter um contato com os idosos, e nesse momento que eu estou no contato com eles, eu estou aprendendo com eles e estou usando ferramentas que eu aprendo éé lendo sobre. Então, contribuiu nesse sentido na formação de conceitos, mesmo pra aplicar na terceira idade. (P2)

> [...] era pega uma coisa teórica que a gente tava estudando na graduação traze aplicando na prática, que isso, apesar da gente ter os estágios que a gente fez[...] .mas é diferente né, são assuntos totalmente diferentes, então assim, e fora querendo ou não foi uma coisa que pra mim foi muito bacana porque, nós que fizemos o projeto na época, então nós que, nós aprendemos a fazer um projeto, como fazer, o que pensar que tem que ser feito [...] (P11)

O profissional P11 enfatiza que esta vivência extensionista é bem diferente dos estágios supervisionados, pois nela pode se aplicar o que aprendeu na prática, além de ter a possibilidade e a oportunidade de se criar um novo projeto de extensão universitária junto com o professor coordenador. Segundo o depoente, toda esta experiência foi fundamental para a criação e a montagem da sua atual empresa de corrida.

Desta forma, ressaltamos a importância dos professores da Universidade ou professores coordenadores em acompanhar os graduandos nos projetos de extensão universitária, estimulando assim, ações que possam proporcionar ao futuro profissional segurança, experiência, competência e habilidade profissional. Como

diria P13: “o projeto extensão é um mega lugar pra isso, só que quem conduz a extensão tem que ter essa perspectiva e isso é o mais difícil”.

Nos depoimentos de P7 e P12 podemos averiguar a segurança que esta figura mediadora (professor coordenador) pode proporcionar aos alunos durante a formação inicial:

> [...] ela é uma, um lugar onde você pode testar tudo que você tá vendo na faculdade, antes de você ter uma certa responsabilidade, porque tem um coordenador atrás de você, então é ele vai te encaminhar, ele vai ensinar o caminho pra você mas [...] é a oportunidade de você é é é, por em prática aquilo que você tá aprendendo só que de uma maneira orientada. (P7)

> [...] e eu tive a experiência de planejar, antes de atua como professora mesmo e eu tive ajuda do professor. Então, talvez eu até planejasse também, mas com a mesma qualidade que eu planejaria depois da extensão né? (P12)

Segurança que também pode ser constituída através dos trabalhos desenvolvidos no cotidiano dos projetos de extensão, como relatam os depoentes P8 e P10:

> Eu cheguei na escola, lógico, inseguro por ser as minhas primeiras turmas, mas com um pouco mais de segurança com certeza é... em relação se eu não tivesse participado desse projeto de de extensão. E ele ele ele me deu possibilidades é... maiores de, de realizar uma prática que fosse diferente, a ter muito mais noção de é... do como seria realidade sem o professor, é... ele me deu é... mais segurança.(P8)

> [...] então a extensão ela faz isso, ela faz você se sentir um professor e que você ta ali pra forma e pra melhorar os alunos, então vamos supor, se eu tivesse que da, não tivesse feito extensão universitária, tivesse que da uma aula na academia e logo depois deu me formar, eu iria ficar totalmente insegura, porque eu não teria esse jogo de cintura, eu não teria uma vivência pra saber qual a postura do aluno, e se ele me perguntasse, o que iria fazer? A extensão ela traz bastante segurança só, como professor. (P10)

E o depoente P12 diz que se sentiu mais segura para: dar aula para a Educação Infantil, para trabalhar com essa faixa etária, para montar um planejamento e saber que poderia atingir um objetivo.

Entretanto, diversos significados são agregados às atividades extensionistas, e podem ser percebidos ao apontarmos a relevância dessas ações no processo de formação inicial.

Pesquisa como a de Anjos e Ramos (2004), apresenta a relevância dos projetos de extensão na formação profissional dos graduandos, e falam sobre as limitações presentes nas estruturas curriculares no curso de Educação Física em absorver todas as tendências mercadológicas.

Perante essa situação e a fim de qualificar seus alunos de modo satisfatório, torna-se imprescindível que a formação universitária, seja capaz de fornecer subsídios condizentes a esta realidade. Nesse sentido, uma alternativa encontrada por esta Universidade foi a de inserir algumas das modalidades não contempladas por sua grade horária ao “rol” de atividades oferecidas pelos Projetos de extensão universitária. Neste caso, foi desenvolvido um Projeto de “Ginástica Localizada” na FEF-UNICAMP, onde era possível o contato com esse conhecimento, a discussão sobre o mesmo, aprender a elaborar e ministrar aulas, pois esse processo era acompanhado: de uma coordenadora (docente da Universidade), responsável pela orientação, supervisão e acompanhamento das atividades; de monitores que elaboram (mediante interação e intervenção do grupo) e ministram as aulas; e de auxiliares ou ouvintes que participam das sessões através da correção e orientação dos alunos, além de acompanharem aos monitores em suas atividades. Esse acompanhamento é uma forma de estágio e pré-requisito para atuarem como auxiliares ou ouvintes. Ao longo do semestre, o projeto é acompanhado de reuniões pedagógicas e administrativas semanais, onde são abordadas questões referentes a noções práticas da modalidade e a elaboração e adequação de programas de treinamento condizentes à atual população de praticantes.

Todo esse trabalho mostra a importância de se estimular o aluno na formação inicial, para que ele seja um profissional: crítico, reflexivo, que busque contato com diversos temas de sua área, passe por procedimentos que sempre o estimulem a pensar sobre a sua prática e tenha autonomia para buscar novos conhecimentos. Para que isso aconteça, é necessário o envolvimento do aluno nos projetos de extensão.

Nesta pesquisa 100% dos profissionais entrevistados apresentaram um envolvimento significativo com os seus projetos de extensão. Esse envolvimento pode mobilizar diversas ações nos projetos, assim como é apresentado nos depoimentos a seguir:

> [...] quando eu entrei esse projeto de extensão, ele atendia, se eu não me engano 10 pessoas somente, naquela academia lá na Vergueiro. Depois quando eu entrei, através de conversas e reuniões com o coordenador, com outras pessoas e tudo mais. A gente conseguiu ampliar pra academia [...]. Aumentaram pra 20, né? Então dobrou. (P1)

> Na verdade o nosso comprometimento era bacana até porque nós íamos os dois horários, então a gente periodizava, a gente planejava[...] [...] a gente ia, via a evolução do aluno, fazia reunião, isso era gostoso porque você vai vendo né, essa parte de avaliação é muito gostosa né, porque você vai comparando, você vai vendo, aí se fez uma avaliação você não vê a hora de dar dois meses, pro cê fazer de novo Cê tinha, cê tinha interesse porque você via que a galera ia evoluindo ou não, se o cara não evoluía e aí, por que que não tá evoluindo? (P11)

Portanto, o compromisso; a responsabilidade; o comprometimento; e o interesse pelas atividades do projeto e os resultados que estes proporcionam; são resultantes das ações construídas durante as atividades extensionistas e apresentam-se de extrema valia para o processo de formação profissional dos graduandos, assim como aparece no relato do depoente P6:

> Então, o meu envolvimento era bem grande principalmente no início, no início do projeto assim, ééé como eu vinha da base, assim vamos era formado, era os encarregado, o encarregado de passar o que agente sabia pra tarde[...] Mas eu falava o que tava errado. [...] se entrava os alunos novos, os calouros assim o projeto e assim, é assim que funcionava, e eu passava pra eles [...] a gente indicava tudo vai ler texto, nas entrelinhas vai estudar, tá acompanhando, tá com duvida, vem falar com a gente (P6)

Tais resultados convergem com a pesquisa de Nozaki et. al. (2005), na qual são apontadas as diversas possibilidades de aprendizagem durante um projeto de extensão:

> **O sujeito A** relatou que construiu várias possibilidades de ensino e de formas de atuação passou a identificar com mais clareza as dificuldades que os alunos apresentavam e a utilizar estratégias reflexivas para a elaboração de atividades.
> **O sujeito B** aprendeu elementos técnicos, táticos e sociais do handebol de uma maneira crítica, aprendeu também a discutir o planejamento, as aulas aplicadas e aumentou o seu repertório de atividades.
> **O sujeito C** passou a elaborar aulas com objetivos definidos desenvolveu segurança para atuar, passou a compreender melhor o conteúdo ministrado e a importância do planejamento.

> **O sujeito D** relatou que aprendeu a fazer planejamento, diário de observação, a resolver conflitos com reflexões e conversas, a enxergar os diferentes tipos de habilidades manifestadas pelos alunos, a trabalhar em grupo, a discutir sobre a aula realizada e a criar novas atividades. (NOZAKI et.al., 2005, p.2)

Os alunos relataram diversos tipos de aprendizagens desenvolvidas ou asseguradas durante o projeto. Também destacam várias ações reflexivas que foram desenvolvidas nesse projeto. Os autores constataram que em tal projeto houve uma aprendizagem significativa dos alunos, valorizando a necessidade de estratégias formativas que estimulem a construção de diversas aprendizagens através de ações reflexivas durante a formação inicial na Educação Física.

Está aprendizagem significativa, também permeia os depoimentos dos profissionais P7 e P8, pois eles ressaltam que as atividades extensionistas aumentaram seus conhecimentos, aprendizagens e experiências profissionais, os estimulando a pesquisar sobre temas nunca antes estudados. Segundo os depoentes P2 e P4, também estimularam a estudar, como aparece nos relatos abaixo:

> Aí tinha leitura sim. Eu fazia leitura em casa, tudo mais. Éééé, de como que era o trabalho com idosos, porque não é uma coisa fácil, ainda mais se eles são institucionalizados, daí tinha alguma leitura fora o período que a gente ficava lá. E uma coisa que foi bem legal e que me envolvi bastante [...]. (P2)

> De saber se a gente conhecia a parte teórica daquilo que a gente estava fazendo na prática, não simplesmente estava ali, fazendo por fazer, entendeu? Então, eu fiz a disciplina de novo [...] eu chegava de manhã e ficava lá até meio dia, ou conversando com alguém, ou lendo os textos, no começo eu apanhava pra caramba nas leituras de projetos, então eu ficava lá, lendo, relendo, estudando, estudando, estudando, estudando, nesse sentido eu sempre me cobrei muito, assim pra tudo que eu faço sabe[...] (P4)

E a buscar elementos essenciais a sua prática profissional como relatam P5 e P12:

> [...] coisa que eu trabalhei foi com dança em cadeira de roda, que daí eu fiz dois cursos de dança em cadeira de roda porque eu nem sabia que eu gostava, mas por causa do projeto de extensão [...] eu vi que eu gostavam daí eu fiz dois cursos de dança em cadeira de rodas e continuei trabalhando um pouco com dança em cadeira de roda [...]. (P5)

> [...] é que eu gostava mesmo, eu queria fazer diferença pra pras crianças [...] Eu estudava muito, sempre pra me aperfeiçoar, éé, procurava atividades diferentes assim, que nem eu percebia né, cada grupo não só de idade, mas cada grupo em cada escola né? [...] então eu procurava o que eles gostavam, aquele grupo gostava e tentava também adaptar. Então eu também éé tentava fazer o melhor pra que fosse legal a aula, prazeroso e eles tivesse desenvolvendo as atividades né? (P12)

Além de poderem desenvolver sua autonomia, ao ensinar suas aprendizagens a outros colegas, como relata o profissional P14: “mas eu montava aula[...] [...] eu imaginava aula, eu orientava os outros alunos que estavam junto comigo, então, é a mesma função que eu faço hoje quando eu dou treino né?”. E P2:

> [...] que tinha um envolvimento assim, de estar ensinando os alunos novos. Eu lembro que tinha uma menina que estava entrando, a gente discutia bastante, sentava, chegava um pouquinho antes no projeto lá na Vila Vicentina mesmo. Sentava e tinha uma menina muito interessada também na época a [...]. (P2)

Todo esse envolvimento mostra que para o aluno compreender o significado formativo da extensão universitária, ele tem que se sentir parte do processo de formação. Para os profissionais deste estudo, 100% disseram se sentir parte do projeto, além de serem ouvidos constantemente, poderem opinar, intervir e contribuir com o projeto e com as publicações relacionadas a ele.

A pesquisa de Nozaki, Hunger e Rossi (2011), também apresenta esta importância, pois objetivou evidenciar as contribuições da extensão universitária na formação inicial de um grupo de estudantes de Licenciatura em Educação Física, de uma Universidade Pública do interior do estado de São Paulo. Neste estudo, os estudantes atuam como monitores num Projeto de extensão universitária de formação continuada para professores da Educação Infantil e das series iniciais do ensino fundamental, no âmbito da Cultura Corporal de Movimento.

Os dados apresentaram que esses alunos/monitores tiveram diversas aprendizagens formativas, através da troca de experiências com as professoras pedagogas participantes do Programa e do trabalho com os diferentes temas da Educação Física com enfoque na Educação Infantil e nas series iniciais do Ensino Fundamental como: diversos modos de trabalhar com a mesma atividade; ações e conteúdos adequados conforme a faixa etária dos alunos; as peculiaridades de

algumas crianças, com o ambiente escolar e com as diferentes maneiras de enfrentar as mesmas situações a partir do relato das professoras-cursistas; a importância da Educação Física para a formação integral das crianças; a necessidade das professoras de construírem novos significados relacionados ao movimento e à consciência corporal; as dificuldades para a elaboração de atividades que atendam ao grupo de professoras, e ao mesmo tempo, correspondam às necessidades de seus alunos; a importância da participação ativa do professor na atividade; os conhecimentos do cotidiano da Educação Infantil na escola e o aprofundamento dos seus conhecimentos sobre o grupo estudado.

As autoras constataram que os alunos/monitores puderam assimilar, construir, vivenciar e executar práticas pedagógicas comuns ao ambiente escolar. E afirmam que ações como esta podem enriquecer o ambiente formativo dos graduandos, proporcionando saberes dificilmente pensados anteriormente, dada a sua contextualização com a realidade, além de estimular atos tão significativos e relevantes que marcam as suas vidas e, consequentemente, suas formações profissionais, como aparecem no relato dos monitores. Possibilita ainda maior aproximação do estudante com o cotidiano profissional e provavelmente pode amenizar o chamado “choque” com a realidade no início da carreira profissional.

Resultados convergentes ao estudo de Nozaki, Hunger e Rossi (2011) foram identificados nos relatos dos depoentes no estudo aqui realizado:

> [...] um início hããã... , a entrada no mundo da adaptada e é o que me levou até hoje pro mestrado que é a questão de gostar, de querer,de tentar contribuir com essas pessoas de alguma forma, entendeu? Eu acho que foi o primeiro passo. (P1)

> Então eu acho que, acho que mudo mesmo assim minha vida e as minhas escolhas foram, começaram sei lá a muda terem, seguirem outras direções por causa do projeto de extensão [...] Seguir uma carreira acadêmica que eu possa fazer com que o aluno sinta isso que eu to falando, entendeu? Perceba o quanto o que eu faço é importante, o que eu fiz lá atrás é importante, o que agente pode fazer junto pra assimilar ainda, entendeu? (P5)

> [...] a extensão me mudou. [...] segundo ano eu tava no projeto extensão, para, saúde total. ooo projeto de extensão mudou a minha formação nesse quesito, mudou o caminho, o rumo. Eu entrei com o rumo X, a extensão me jogou pro outro lado, a extensão me jogou pra saúde, eu entrei totalmente atleta. [...] fui pra área da saúde e estou até hoje. (P6)

Mais do que formar, pode-se observar que os projetos de extensão transformaram estes profissionais proporcionando a mudança na vida deles, a partir da vivência e do contato com outros temas. Isto mostra que se estes projetos de extensão forem bem trabalhados e articulados com o objetivo da extensão universitária na Universidade, podem contribuir com o processo de formação inicial e auxiliar na vida profissional destes alunos.

Em pesquisa realizada Menegon e Albuquerque (2011), que procurou analisar, verificar e descrever as contribuições de dois projetos de extensão universitária para os universitários participantes, tanto no decorrer dos seus processos de formação, quanto após os mesmos, foram destacados os seguintes resultados divididos em três eixos: a importância da teoria-prática, realidade do âmbito escolar e produção de conhecimento. Apontaram ainda relevante contribuição por parte dos projetos de extensão no processo de formação acadêmica, promovendo entre os graduandos de Educação Física a aproximação, a vivência e a experiência na área escolar.

É através dessa aproximação do conhecimento acadêmico com o cotidiano do professor que surgem novas aprendizagens, habilidades, conhecimentos e coragem para lidar com as diversas e inúmeras situações do dia-a-dia de um profissional que atua no universo escolar.

Nota-se que a extensão universitária é composta por diversos significados como: vivência da prática orientada durante a graduação; síntese de integração de conteúdos das diversas áreas de conhecimento; construtora de saberes e aprendizagens; vivência prática cotidiana; fornecedora de subsídios à realidade profissional; laboratório didático; estimuladora da formação do aluno crítico e reflexivo; mobilizadora de ações construtivas; estimuladora de aprendizagens significativas; processo formativo; e articuladora do ensino e da pesquisa.

Estes inúmeros significados demonstram a complexidade de se compreender e trabalhar com esta função acadêmica na Universidade, porém evidenciam a necessidade de olharmos cada vez mais para esta ação formadora composta por diversos mecanismos de trabalho.

Pensamos que discutir constantemente sobre estes significados, pode nos trazer diversas contribuições positivas para o processo de formação inicial dos profissionais de Educação Física, e também estimular novos olhares para o trabalho extensionista na Universidade.

Considerando esses significados relacionados à extensão universitária, torna-se interessante compreendermos como essa ação tem efetivamente implicado na formação inicial dos graduandos e na atuação dos profissionais de Educação Física. É o que será apresentado no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

AS IMPLICAÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO E NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Implicação, segundo Ferreira (2010, p1131) significa: “Ato ou Efeito de implicar (-se); aquilo que fica implicado ou subentendido; e relação entre objetos pela qual um deles não pode estar dado sem que o outro também o esteja”. Portanto, falar das implicações da extensão universitária nos sugere: explorar, perceber e compreender os elementos que se constituem durante esse processo de formação inicial e são levados para a vida profissional; e quais relações eles estabelecem com as pessoas que passaram por esse processo de formação.

Assim, estas implicações não são meras consequências de uma ação, mas sim, apresentam-se como elementos essenciais para estimular um processo de formação profissional:

> [...] amplo de preparação científica, pedagógica, ética, política e técnica [...] para responder às demandas e reivindicações sociais, de produção do conhecimento e de formação continuada da categoria, em termos de atualização para o exercício da prática profissional, a discussão sobre formação e currículo passa necessariamente pela consideração das modificações conjunturais/estruturais que se exprimem nas demandas postas à profissão [...]. (CHAVES-GAMBOA, TAFAREL e GAMBOA, (2011, p.189-190)

Sendo assim, investigar estas implicações nos auxiliará a compreender um pouco mais sobre as representações da extensão universitária na formação inicial e seus impactos na atuação profissional.

Deste modo, nos tópicos deste capítulo a atenção estará voltada para as implicações da extensão universitária, apresentando: as aprendizagens estimuladas, desenvolvidas e constituídas durante a permanência dos profissionais no projeto; as

relações que se estabeleceram, os significados que foram construídos e as implicações deste processo na atuação profissional dos participantes do estudo.

4.1 As aprendizagens da Extensão Universitária: um processo de formação de profissionais.

A formação superior para Martins (2008, p. 77) é a síntese de três grandes processos:

> [...] de transmissão e apropriação do saber historicamente sistematizado, **a pressupor o ensino**; processos de construção do saber, **a pressupor a pesquisa** e os processos de objetivação ou materialização desses conhecimentos, **a pressupor a intervenção sobre a realidade** e que, por sua vez, retornam numa dinâmica de retro-alimentação do ensino e da pesquisa. (grifos dos autores)

Para a autora é através dessa transmissão e da apropriação do conhecimento, que o graduando relaciona-se com o produto da ciência, com as teorias e tecnologias historicamente elaboradas. Portanto, o papel do professor se torna fundamental nesse processo formativo, pois ele conduz os alunos a assimilar o acervo científico-cultural e metodológico-técnico necessários para o domínio da realidade onde vivem e que irão intervir.

Deste modo, Martins (2008) defende que o bom ensino efetiva-se pela promoção da construção dos conhecimentos convertidos em capacidades de atuação, pois segundo Vásquez (1968, p.206): “A teoria em si não transforma o mundo. Pode contribuir para a sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e em primeiro lugar tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação”.

É através dessas aprendizagens construídas no ensino e nos mais diversos espaços de aprendizagem que o graduando poderá alcançar “o nível de desenvolvimento psíquico relativo a muitos outros saberes” (MARTINS, 2008, p.78), ou seja, este processo de construção de aprendizagens é essencial para a formação do profissional, perpassando todo o processo formativo. Deste modo, as experiências extensionistas também podem proporcionar diversos espaços de construção do conhecimento, estimulando os alunos a desenvolver diversas aprendizagens para a sua formação como:

> A importância de planejar, sistematizar e delinear objetivos para o programa de intervenção. (P1)
>
> Fisiologia do exercício, doenças crônicas (hipertensão, diabetes, obesidade, síndrome metabólica...), técnicas de aferição de pressão arterial, realização de testes ergométricos, aulas práticas e teóricas, participação em congressos, avaliações físicas. (P6)
>
> [...] trabalhar com pessoas diferentes, com objetivos diferentes, pensamentos diferentes de lidar com os treinos (alunos dedicados e alunos reclamões), com vidas totalmente diferentes (classe social), o que me proporcionou uma grande vivência. Fora isso, aprendi muito a trabalhar em equipe, estudar com mais pessoas, saber escutar opinião de outras pessoas e acima de tudo compartilhar conhecimento. (P11)
>
> [...] o desenvolvimento humano, mais especificamente sobre o desenvolvimento motor para esta faixa etária e a avaliar os estágios de desenvolvimento motor. (P12)

Os relatos apresentados acima evidenciaram diversos tipos de aprendizagens, que segundo Gagné (1971) podem ir da simples associação de estímulos à associação de problemas (aprendizagem: de signos, estímulo-resposta, em cadeia, de associações, de discriminações múltiplas, de conceitos, de princípios e de resolução de problemas). Entretanto, o autor enfatiza que para cada uma das aprendizagens há a necessidade da utilização de estratégias de ensino diferenciadas, respeitando assim as peculiaridades de cada aprendiz.

Este pensamento também permeia o depoimento do profissional P8, quando apresenta sua preocupação com a “elaboração de estratégias diferenciadas que auxilie no processo de ensino aprendizagem, para as aulas serem mais motivantes aos alunos e, sobretudo, para que não sejam excludentes”, para colaborar com o processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Segundo Cardoso e Bzuneck (2004, p. 146), os alunos que tem a meta de aprender, buscam estratégias mais adequadas de aprendizagem, ou seja, “estratégias de profundidade, que consistem em métodos que propiciem compreensão genuína dos conteúdos e as relações entre eles”. Assim, as atividades extensionistas proporcionam um laboratório didático que possibilita utilizar e aprofundar diversas estratégias de ensino para auxiliar na compreensão dos conteúdos. Tais atividades também articulam a prática aos conteúdos do ensino, apresentando a sua complexidade ao estabelecer relações entre eles, como aparece

no relato de P7 ao dizer que “deu para perceber que a prática não é tão simples como a teoria, ela necessita de adaptações no momento para que se desenvolva”.

P2 reforça proposições semelhantes ao relatar que aprendeu “a conviver com situações práticas relacionadas à motivação e/ou desmotivação para a prática de exercícios físicos que são objetivamente diferentes das aprendidas dentro de um curso de graduação”. Portanto, desenvolver aprendizagens que vão além dos conceitos ensinados na sala de aula durante a formação inicial podem auxiliar no desenvolvimento:

> [...] do relacionamento interpessoal, da convivência em grupo e reforçou alguns princípios como educação, responsabilidade e respeito. (P4)
>
> [...] das metodologias de trabalho sendo relevante a conversa ou círculo de diálogos no inicio e fim das atividades com as crianças não focando simplesmente o conteúdo da atividade em si, mas valores ou conceitos em prol de uma melhor sociabilização e afetividade entre crianças e seus pares, bem como crianças e professores (alunos em formação). (P9)
>
> Responsabilidade, comprometimento coordenador/alunos/professor, busca por melhoras nas aulas, inovação e motivação para aulas, relação professor/aluno. (P10)

E também estimular a preocupação com a formação continuada, a aproximação do mundo acadêmico e o gosto pelo estudo:

> Além disso, vou aos congressos da área para continuar meu processo de formação continuada e, sempre que possível, levo algumas experiências do meu cotidiano escolar. (P8)
>
> Foi importante também, pois foi um dos poucos contatos que tive com o mundo acadêmico fora as disciplinas da grade curricular e me proporcionou uma participação em Congresso e apresentação de painel. (P2)
>
> [...] mas até hoje eu gosto muito de estudar, e eu acho que isso foi muito bem lapidado ao longo do projeto, no inicio com muita cobrança, mas depois por gosto. [...] eu gosto de estudar e não adianta que eu aprendi a gostar [...] mas eu gostaria de fazer o mestrado pela pesquisa, pelo simples fato de estudar entendeu? (P4)

Porém, os conceitos (teorias) apresentados na formação inicial também são fundamentais para a formação do aluno, pois para Santos (2001, p.70) “o ensino

consiste na resposta planejada às exigências naturais do processo de aprendizagem". Portanto, sem o ensino o processo de aprendizagem corre o risco de não acontecer. Contudo, a Universidade é composta por um tripé que fundamenta a Educação Superior, nele todas as ações tem a responsabilidade de contribuir com a conceituação de teorias que são essenciais para a formação do graduando, como aparecem nos depoimentos de P2, P9 e P12 ao falarem de suas experiências extensionistas:

> Por exemplo, eu me supreendi quando eu peguei e fui pesquisar o que já tinha sido feito com ido... asilos, né? Porque na época tinha que ser uma instituição. Que tinham traçado avaliações de perfis antropométricos. Eu achei acho que quatro, cinco ou seis artigos, sei lá. Não tinha muita coisa. Então, é foi difícil nesse sentido. E por me forçar a fazer essa pesquisa, eu acabei incorporando conceitos também e tudo mais. (P2)

> As aprendizagens adquiridas foram de vários níveis, desde as mais técnicas ou especializadas como teorias de autores que deram margem ao trabalho: Vygotsky, Freire, Le Boulch, Gallahue [...] a psicomotricidade que eu não conhecia até então[...] (P9)

> [...] eu aprendi mais sobre a Educação Física, na Educação Infantil[...] [...] sobre o desenvolvimento dessa faixa etária, né[...] (P12)

Evidencia-se que as experiências extensionistas podem estimular o processo de aprendizagem do aluno durante a graduação, por promover um intercâmbio entre a Universidade e a "sociedade numa dinâmica de transformações mútuas, pela via da aprendizagem, produção e socialização de conhecimentos" (MARTINS, 2008, p.82). Todo este processo pode resultar no desenvolvimento de segurança para lidar com algumas situações ou ações como:

> Atuar[...] Na área minha, tipo éééé o modo de falar, o modo de explicar, isso eu não tinha nem um pouco, a timidez também que eu falei, perdi muito. [...] era mais na fala, era timidez mesmo [...] (P7)

> [...] planejar melhor as minhas aulas né? Por isso eu tive dificuldade, eu aprendi isso, a gente fazer um planejamento a longo prazo pra atingir um objetivo né? Aprendi que tinha que os conteúdos tinha que ser inicial tinha que te o inicio pra você recapitular[...] É você tinha que te, você tinha que te uma organização da aula pra ter uma sequência, não é ir lá da atividade e acabou. (P12)

> [...] lidar com o desenvolvimento de cada criança, saber respeitar a individualidade de cada uma na ginástica e trabalhar da melhor da forma pedagógica mais, pedagogicamente mais tranquila assim sabe, respeitar, sabe que nem todas vão aprender a mesma coisa ao mesmo tempo, tipo se precisar começar de novo, vai começar de novo, não querer acelerar, não querer que eles aprendam muito rápido [...] (P14)

E também estimular ações as quais os profissionais tinham dificuldades ou nunca se depararam na vida:

> [...] eu nunca tinha lidado com, com adultos, ensinando é é Aikidô algumas vezes assim eu dei aula, praticamente mas nunca tive uma turma, nunca fui responsável por uma equipe que nem foi aqui, aqui na [...], né? [...] eu que tinha responsabilidade de ter que formá-los, se eles não fossem bem a responsabilidade seria minha e a responsabilidade também do sensei é um pouco maior, é uma responsabilidade até um pouco moral em relação aos alunos (P3)

> [...] a compreensão das limitações de cada integrante da equipe de trabalho. Por fim, foi à experiência única, onde atuei junto a crianças de classe social baixa que apresentam inúmeras dificuldades com higiene, nutrição e escolaridade. Porque até então não havia atuado no ensino de futebol com um público com essas características. Fato que me obrigou a adequar os conteúdos ministrados as características do grupo de trabalho. (P13)

Assim, para Santos (2001, p.72) “aprender é um processo que acontece com o aluno e do qual o aluno é o agente essencial”, como pudemos averiguar nos relatos anteriores. Por isso, é importante que o professor compreenda esse processo, para entender o seu papel fundamental como mediador e facilitador da aprendizagem, e não apenas transmissor do conhecimento.

Para Coelho Junior e Borges-Andrade (2008, p.224) o conceito de aprendizagem remete “à aquisição de algum tipo de conhecimento ou habilidade, por meio de atividades formais de instrução”. Sendo que estas habilidades e conhecimentos são aplicados com alguma finalidade, ou seja, seria uma ação proposital que ocorre com objetivo de preencher algo no repertório do indivíduo. Assim, para os autores a aprendizagem também se relaciona com a vivência individual, pois:

> Remete ao uso de conhecimentos e experiências passadas que foram incorporadas pelo indivíduo, auxiliando-o em suas novas aquisições. Este passaria a aprender, segundo esta perspectiva, de

> acordo com aquilo que já vivenciou, e tal aprendizagem seria capaz de nortear sua ação futura. (COELHO JUNIOR e BORGES-ANDRADE (2008, p.224-225)

Acreditamos que se estas aprendizagens forem importantes e significativas durante o processo de formação inicial, elas poderão ser utilizadas futuramente. Em virtude desta preocupação, investigamos quais foram às aprendizagens mais importantes durante as experiências extensionistas para os depoentes e encontramos diversas aprendizagens como:

> [...] nunca subestimar a capacidade de ninguém. (P1)

> [...] saber lidar com diferenças físicas e diferenças de ããã de culturais, da história de cada um, resolver conflito dos alunos, mas conflito de ideias né? (P3)

> [...] enxergar o potencial de cada aluno independente da sua deficiência ou limitação. (P5)

> [...] a reconstrução, mediação. E as adequações das atividades, né? (P13)

Os outros profissionais completam apresentando outras aprendizagens como: compreender as limitações e as necessidades de determinados públicos (idosos, crianças, adultos, adolescentes e etc); escutar as pessoas que trabalham ao seu redor; pesquisar sobre assuntos desconhecidos para utilizar em sua prática; respeitar as diferenças; adaptar atividades; criar estratégias de ensino motivantes e possíveis; compartilhar informações do cotidiano profissional nos projetos de extensão; criar autonomia; lidar com a parte pedagógica da aula; perceber que consegue; e conhecer e despertar interesse nas diversas áreas da Educação Física.

O depoente P10 finaliza, dizendo que para se ministrar uma boa aula é necessário uma atitude anfitriã, pois “não adianta você dá aula você chega pra da aula você, chega lá com cara fechada[...] essa relação professor, aluno é de essencial importância.

Todas essas aprendizagens segundo Abreu e Masetto (1996), precisam fazer parte da formação do graduando e devem se relacionar com seus conhecimentos, suas experiências e suas vivências, permitindo que formulem questionamentos ao participarem do processo de aprendizagem, confrontem com

questões práticas relevantes e consigam transferir essas aprendizagens para outras situações em suas vidas. Como apresentam os profissionais P3, P5 e P10 abaixo:

> E somado a isso a oportunidade de fazer algo pelo social, de compartilhar ensinamentos, lições de vida. (P3)
>
> [...] as adaptações existem e elas podem trazer benefícios, eu acho que tudo, pra tudo na vida tem adaptação. (P5)
>
> [...] o momento de reflexão, de como ta sendo sua aula, muito importante então você tê, essa percepção ao longo da aula, e depois pensar, qual que era o meu objetivo, porque não deu certo, o que que eu tenho que melhorar e o planejamento né? (P10)

Deste modo, participar dos projetos de extensão pode estimular a:

> Participar do projeto de extensão tornou mais estreita a relação entre aluno de graduação e educador físico, uma vez que participei ativamente das atividades, pude realizar avaliações, prescrever exercícios e, no decorrer dos anos acrescentei outros conhecimentos e diferentes formas de prática à teoria aprendida em sala de aula. Os resultados obtidos com a execução do projeto são muito favoráveis e despertaram ainda mais o interesse em continuar nesta área. (P4)
>
> É, essa relação de como lidar como professor, de como lidar com o seu companheiro de trabalho, como lidar com o aluno em si, a saber passar informação pra ele, saber como lidar com ele [...] aprendi assim, a muita, assim, a o incentivo pra estudar, pra entender o sistema, porque que tá, ficar por dentro da faculdade, éé aprende assim, tá próximo dos professores, quere ser curioso pelas coisas, aprende bastante [...](P6)

Assim, estas ações extensionistas podem proporcionar o primeiro contato com a prática dentro da Educação Física, como relata P7 e ensinar a lidar com as pessoas no cotidiano profissional como apresenta P8.

Estas vivências na extensão universitária podem auxiliar no processo formativo de futuros profissionais. Percebê-las, compreendê-las e identificá-las, torna-se relevante para que possamos mobilizar ações formativas no Ensino Superior, estimulando o processo de construção e constituição da aprendizagem.

O espaço de aprendizagem que a extensão universitária tem apresentado, também estimula o processo de construção da aprendizagem significativa, que segundo Moreira (1997, p.18) tem sua essência:

> [...] no relacionamento não-arbitrário e substantivo de idéias simbolicamente expressas a algum aspecto relevante da estrutura de conhecimento do sujeito, isto é, a algum conceito ou proposição que já lhe é significativo e adequado para interagir com a nova informação. É desta interação que emergem, para o aprendiz, os significados dos materiais potencialmente significativos (ou seja, suficientemente não arbitrários e relacionáveis de maneira não arbitrária e substantiva a sua estrutura cognitiva). É também nesta interação que o conhecimento prévio se modifica pela aquisição de novos significados.

A aquisição de novos conhecimentos e a construção de novas aprendizagens durante a formação profissional são constantes, refletindo na atuação dos futuros profissionais de Educação Física. Por causa disso, o próximo tópico analisará as relações que se estabelecem entre a extensão universitária e a atuação profissional, apresentando suas implicações, seus significados e suas proximidades com a atuação profissional.

4.2 Atuação profissional em Educação Física e Extensão Universitária: significados, relações e implicações.

O campo de atuação profissional na Educação Física, segundo Yamamoto e Hunger (2012), encontra-se em expansão, por ser uma área diversificada, exigente, diferenciada e que abrange diversos campos como: academias, escolas, esportes, recreação, lazer, saúde, entre outros. Para os autores esta expansão tem ocorrido em função da demanda do mercado, que também deve se atentar “para as necessidades da sociedade e para a formação de profissionais qualificados” (p.117).

Para que a formação de boa qualidade aconteça, há a necessidade de se estimular, na formação inicial, a construção de diversas aprendizagens que preparem os alunos para a prática profissional cotidiana e o mercado de trabalho. Assim, a formação profissional implica na aprendizagem de um:

> [...] conjunto de conhecimentos e domínios metodológico-técnicos é, também, via estruturante de recursos afetivo-cognitivos imprescindíveis para que os educandos possam conhecer com o devido rigor, cientificidade e criticidade não apenas as dimensões técnicas de seu futuro exercício profissional como também as condições histórico-sociais nas quais este exercício ocorrerá, dado que reafirma a importância da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. (MARTINS, 2008, p. 76)

Portanto, a formação profissional está atrelada a atuação profissional, tanto nas dimensões técnicas (conhecimentos, aprendizagens e ações específicas de uma área) quanto nas dimensões humanas (conhecimentos, aprendizagens e ações humanas, afáveis, benévolas, que se preocupam com o social). Pois segundo Martins (2008), no âmbito da Universidade Pública o ensino, a pesquisa e a extensão apresentam-se como uma de suas maiores virtudes de compromisso social. Além de se voltar para a formação profissional “à luz da apropriação e produção do conhecimento científico” (MARTINS, 2008, p.73).

Deste modo, a extensão universitária também contribui para o processo formação profissional e para o desenvolvimento das dimensões técnicas e humanas nos alunos, pois estas duas dimensões são evidenciadas nos relatos dos depoentes deste estudo, primeiramente caracterizando as aprendizagens e conhecimentos técnicos como:

> [...] elaboração de relatório, dos resultados do projeto que poucas instituições que prestam assistência a esse público em todo o Brasil, fazem acompanhamento do ponto de vista de medidas e avaliações físicas com idosos. Eu aprendi uma coisa que parece que não, mas é interessante também, é esse lance de protocolo. (P2)

> [...] promoção e aproximação entre universidade com seu conhecimento técnico e um grupo social carente, sendo que a troca foi de grande valia para ambas as partes.(P9)

> [...] à experiência de lidar diretamente com as crianças, organizar e aplicar as aulas, ter que lidar com toda a parte pedagógica de treino para crianças. Então acho que lidar pedagogicamente com as crianças foi o que eu aprendi no projeto. [...] acho que foi bem durante o projeto que eu consegui discernir bem essas: O que que é ginástica alto nível? O que que é ginástica formativa? E acho que depois isso, me fez ver, que o importante é você ter um objetivo antes de planejar qualquer coisa se seu objetivo é ginástica formativa, vai trabalhar de um jeito, se for o objetivo da ginástica de alto nível é de outro jeito. (P14)

Estas aprendizagens técnicas desenvolvidas durante as experiências extensionistas caracterizam a dimensão técnica, e se apresentam de suma importância para a formação e atuação do profissional, pois fundamentam o ensino, orientam a prática e embasam os graduandos em suas ações profissionais cotidianas. Segundo Silva (2009), o atendimento social em projetos de extensão exige um conjunto de conhecimentos científicos, principalmente da competência

técnica. Porém, a autora relembra que é compromisso da Educação Superior formar o aluno também “para a capacidade cívica, política e comunitária, adquiridos pelo pensamento científico, possibilitando crescer nos valores e hábitos da cidadania local, bem como apreciar os aspectos sensíveis da cultura e da arte” (p. 121). Tais elementos contribuem para que os graduandos transcendam a competência técnica voltada para o exercício profissional, e percebam os problemas que estão ao seu redor propondo soluções.

A dimensão humana também se apresentou como algo fundamental para o processo de formação profissional dos sujeitos investigados. Os depoentes destacam, em seus relatos, que a extensão universitária é uma das poucas práticas que estimulam e despertam um olhar humanizador nos alunos participantes deste processo, como aparece nos depoimentos dos profissionais P5, P8 e P9 a seguir:

> Adaptação[...] [...] aprendi, pensando um pouquinho na parte humana, sei lá, a igualdade que dê possibilidade de trabalho [...] (P5)
>
> [...] um olhar mais cooperativo, acho que um pouco mais humanizador, né, da prática no cotidiano [...] (P8)
>
> [...] a metodologia que eu falei a questão da didática de trabalho em alguns momentos a a, acho que esse questionamento diário com relação as crianças, sobre o que elas sentiram, sobre o que foi importante, sobre o porque brigavam e por quais motivos isso aconteceu, que tipo de conduta a gente teria pra auxiliar, pra resolver o problema é é a proximidade afetiva que eu tive com eles, é é, é que eu acho que foi, que foi considerado relevante também pro ensino pra, pras atividades fluírem com mais propriedade [...] (P9)

Deste modo, a extensão universitária, segundo a Unesco (1994), atuará como diretriz aos professores e alunos, direcionando a qualidade do exercício profissional com a formação humana, considerando assim, os pilares fundamentais (Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Viver Juntos e Aprender a Ser) da Educação contemporânea.

Dias Sobrinho (2005, p. 172) salienta que a responsabilidade social da Educação Superior consiste em:

> [...] produzir e socializar conhecimentos que tenham não só mérito científico, mas também valor social e formativo. Portanto, que sejam importantes para o desenvolvimento econômico que tenha sentido de cidadania pública. [...] Que a universidade não dê razão ao mercado se e quando ele se impõe como razão da sociedade. Que a

> universidade não seja um motor da globalização da economia de mercado, mas sim da globalização da dignidade humana.

Preocupação que também permeia o depoimento do profissional P3, quando diz que:

> [...] tive essa preocupação de tá formando o indivíduo. [...] sabe uma formação humana e não a formação técnica, antes do técnico vem o humano, o humano em primeiro lugar, você não tem o técnico como um cachorro, se não tem o técnico como gorila né? Se não tem o técnico com uma máquina, se tem o técnico humano, então se tem que da toda formação humana pra depois a formação técnica [...] (P3)

Assim, também podemos averiguar está dimensão humana da extensão universitária, no relato do profissional P6, ao apontar a diferença desta função acadêmica da pesquisa, que seria:

> O lado humano assim, essa relação [...] [...] da extensão, o lado humano da extensão que é a iniciação da pesquisa, pesquisa cê trata, querendo ou não, quando você vai fazer a pesquisa [...] [...] se tem tempo pra iniciar e você tem tempo pra terminar, e se tem que aplicar uma ideia inicial sua nisso aí, na extensão não, na extensão você não tem essa obrigatoriedade, na extensão você pode mudar a hora que você quiser, você pode se adaptar, numa pesquisa você não pode [...] (P6)

Apesar da importância da dimensão humana na formação do profissional de Educação Física, estas vivências extensionistas também tem colaborado para:

> [...] ter uma visão mais ampla da universidade no que concerne a extensão, tal trabalho também rendeu pesquisas. [...] a gente foi destacar algumas mudanças significativas, com relação às melhorias, iii, acabou resultando em dois, em dois trabalhos assim, foram pra dois congressos um de extensão universitária e um pra UNICAMP, que foi uma das meninas que mandou[...] [...] ela mandou como co-autor acho que pra elas foi relevante nesse caso, porque talvez tenha sido uma das primeiras experiências de com relação a pesquisa [...]. (P9)

> Além disso, os trabalhos desenvolvidos ao longo no projeto possibilitaram o acesso aos eventos relacionados à área permitindo que os resultados fossem apresentados em reuniões, simpósios e congressos científicos de grande importância. (P4)

Evidencia-se nos relatos, a constante articulação desses dois eixos formativos: a pesquisa e a extensão universitária. Segundo Silva (2009), a extensão universitária deveria ser percebida como integrante da metodologia do Ensino Superior, pelo fato de vezes significar os conteúdos ministrados e “adequar os conteúdos teóricos, científicos e gerais à especificidade do local onde atuará, bem como aos bens culturais referidos no patrimônio histórico e cultural de cada comunidade atendida” (p. 122).

As aprendizagens constituídas pelos profissionais investigados pareceram ser relevantes para sua formação e atuação profissional, como podemos averiguar em seus relatos a seguir:

> Olha, uma das coisas principais é você realmente ter um contato com a prática. No momento, ali... de repente eu não descobriria a minha afinidade com as questões da deficiência só pela teoria e pela disciplina de Adaptada que a gente teve na Universidade. Então, eu acredito que eu percebi mais essa afinidade com essa área da Educação Física participando do projeto de extensão. (P1)

> Mas as questões da das discussões são importantíssimas, que que fazem falta ainda em alguns momentos, ainda hoje na na na, no meu cotidiano e tal... é... das discussões, dos trabalhos em grupos, as questões da da... da cooperação de ter um enfoque mais cooperativo [...] (P8)

O depoente P6 enfatiza que o projeto de extensão universitária que ele participou o incentivou a:

> [...] cê tá dentro, próximo dos professores, a ser solícito a entender tudo ali, no sistema, ai estudei muito, parte prática éé hoje eu sinto falta disso por que? Como professor, vem estagiário pra mim. Vem estagiário pra mim, vem estagiário formado, que não sabia o que a gente sabia lá, não sabe o que a gente sabia lá com segundo, terceiro ano de faculdade entendeu? Então isso fez muita diferença, e faz muita diferença, chega gente lá que não sabe fala pra mim que é um coração, tem gente que não sabe fala pra mim, não sabe medir uma pressão direito. (P6)

Foi durante sua atuação profissional, que P6 pode perceber a importância de suas ações nos projetos de extensão universitária, além de perceber que a prática adquirida o ajudou a ser um profissional mais bem preparado, ao se deparar com estagiários que não sabiam conceitos básicos da sua prática profissional cotidiana (ex: aferir a pressão, reconhecer o órgão coração e etc).

Sendo assim, as ações extencionistas tem proporcionado à vivência da prática profissional já na graduação, se apresentando como:

> [...] a extensão eu acredito que seja a única via formal na Universidade além da prática de ensino [...] teoricamente teria que ter todos eles presentes, é o único momento de ter esse professor contigo numa situação mais próximo do contexto da profissão. E aí, o futuro profissional estudante de graduação, a situações as quais ele vai ter que lançar mão do que ele foi aprendido, porém na graduação a extensão ela tem uma característica, muito assim, de aplicabilidade do conhecimento. (P13)

> [...] essa parte pedagógica, saber respeitar o limite de cada criança, porque daí as vezes eu falava, isso a [...] me orientava muito. As vezes eu falava: - [...] mas o fulano não tá fazendo isso, isso a outra... ela falava: - Mas [...] não tem jeito, essa criança tem dificuldade, tenta isso, tenta aquilo ela dava algumas alternativas, ela sempre falava pra ter paciência, tem criança que não tem, tem criança que demora, tem criança que nunca vai aprender. (P14)

Estimulando os graduandos desde cedo a compreender a importância de se planejar para auxiliar na sua prática profissional, como apresentam os profissionais P10, P11 e P12 abaixo:

> Com o projeto é eu senti que é assim a gente tinha que planeja... mesmo as aulas e tinha que refletir, se deu certo, senão deu e a gente tem que cuida. (P10)

> [...] o que foi uma das coisas mais ricas assim foi esse planejamento, é lógico você discuti né, dialogar, você ter uma opinião do outro, porque isso daí é difícil nó você fala uma coisa, o outro cara fala outra o outro fala outra, você sabe discuti[...] (P11)

> [...] eu aprendi essa sequência no projeto né, tanto é que isso também foi... muito isso que eu aprendi com relação a planejamento isso ficou muito forte no meu mestrado, por que eu ajudei o professor a planejar e eu por que é assim, eu pontuei essa importância do planejamento e da avaliação prévia pra conhecer o aluno e saber o que planejar, pra atingir o objetivo e depois fazer a avaliação pra ver o que você conseguiu. (P12)

Segundo Martins (2008, p.74), “toda ação verdadeiramente humana pressupõe a consciência de uma finalidade que precede a transformação concreta da realidade natural ou social”, ou seja, a atividade vital humana é práxis (ação material, consciente e objetiva). Assim, segundo a autora “a práxis compreende a dimensão autocritica do homem, manifestando-se tanto em sua ação objetiva sobre

a realidade quanto na construção de sua própria subjetividade" (p.74). Entende-se subjetividade como: um sistema de sentidos construído afetiva e cognitivamente nas experiências de vida.

Os profissionais P2 e P4 apresentam está dimensão autocritica da práxis, ao analisarem as suas aprendizagens nos projetos de extensão:

> Então, isso faz a gente também ter um crescimento também pessoal. E profissional, no sentido de que o lidar com o idoso, por exemplo, hoje eu sou personal trainer e tenho uma aluna de 60 anos que é idosa. Então, quer dizer é a experiência prática ali, do dia-a-dia no projeto de extensão contribuiu no sentido de dar ferramentas pra poder estar aplicando atividades pra essas pessoas dentro da academia também. Então, foram esses três fatores: o pessoal, no profissional e como a graduação também, eu incorporei esses conhecimentos também. (P2)

> [...] mas eu acho que principalmente a responsabilidade e o fato de ter mudado a minha visão com relação à Educação Física e a parte afetiva também foi muito importante do relacionamento com pessoal completamente diferentes de mim, de faixa etária de classe social, de modo de pensar, de cultura, completamente diferente mas que eu consegui me aproximar muito. Essa parte também foi tipo assim que pesou, e eu tenho até hoje carinho por pessoas mais velhas. Qualquer uma, entendeu? (P4)

Nos relatos são evidenciados que estas aprendizagens podem influenciar na formação, nas escolhas profissionais e também na atuação profissional destes sujeitos. Similar ao que aparece no estudo de Nozaki, Hunger e Ferreira (2011), que analisaram e discutiram as experiências adquiridas num projeto de extensão universitária de uma Universidade pública do interior do Estado de São Paulo que foram efetivamente utilizadas pelos professores investigados nas suas aulas de Educação Física escolar. As autoras encontraram influências e contribuições positivas da extensão universitária na formação e na atuação dos professores investigados, destacando que estratégias formativas desta natureza são essências para a formação do docente por complementarem o ensino, permitirem a vivência profissional e as reflexões dela advindas já na formação inicial. Concluem que é através da aproximação do conhecimento acadêmico ao cotidiano do professor, que surgem novas aprendizagens, habilidades, conhecimentos e coragem para lidar com as diversas e inúmeras situações do cotidiano de um docente que atua no universo escolar. Contudo, destacam que a extensão universitária não foi a única fonte de

conhecimento para suas formações e atuações, embora tenha se apresentado como um espaço formativo significativo e importante.

Nos depoimentos dos profissionais P1, P3 e P2, também estão presentes as implicações da extensão universitária em sua formação, como: criar possibilidades sempre para o êxito; aprender um pouco mais sobre a pesquisa e o seu ambiente de trabalho; e ter contato com determinados públicos (idosos), saber o que conversar, o tipo de conversa que agrada, as limitações e estudos desse público

Há inferências também da extensão universitária nos direcionamentos das escolhas profissionais, como apresentam P4 e P5:

> [...]eu acho que a minha atuação hoje, principalmente nesse sentido, foi muito direcionada por conta da extensão, eu busquei isso, então assim, ah! A minha prática nesse sentido, ela foi, direcionada, eu não procurei trabalhar com outra coisa [...] Então assim, além de toda essa implicação no destino que é a minha carreira, depois da formação levou de querer trabalhar com a área da saúde e não com o treinamento esportivo, eu, puxei eu to muito próxima da minha família e um pouco pra mim também [...] (P4)

> [...] eu falei pra você essa parte de tentar fazer com que o paciente, o sujeito saia um pouco melhor do que ele chegou [...] pra tudo na vida tem adaptação. [...] a participação nesse projeto guiou algumas escolhas que ela, que agora eu to caminhando pra elas que as, eu to caminhando uma base, que vai servi de base pra eu atua com os profissionais que agem diretamente com esses pro, com essas pessoas[...] [...] com essa formação. (P5)

Implicou também, para os profissionais P6, P9 e P13 na forma de como montam, planejam e ministram as aulas; na utilização de algumas didáticas de trabalho e na intervenção com os alunos ao se preocupar com as adequações dos espaços e as características do público que participa da atividade a ser proporcionada. E para os depoentes P8, P10 e P14, se sentiram preparados e seguros para atuar, conseguindo aliar a teoria à prática e preparando-os em relação à parte didático-pedagógica:

> [...] o mais importante tenha sido como que eu consegui visualizar essas teorias na prática. Era lá que agente conseguia de fato colocar em prática as teorias de tudo o que agente acabou é... aprendendo nos bancos da universidade, foi justamente nesse projeto de de extensão, que... o dia dia, a a a como lidar, como de fato pensar no que nós tínhamos estudado e colocá-lo colocá-lo em prática. (P8)

> [...] essa questão de segurança né, então hoje em dia, qualquer lugar que eu vou, se eu tiver que da uma aula de karatê eu sou totalmente segura, sem problema nenhum. (P10)

> [...] acho que me fez sair da faculdade mais preparada do que eu estaria senão tivesse lá, senão tivesse feito parte do projeto.[...] e ela ensinava mais a gente pedagógica, ter calma, ter paciência [...] Posso pegar uma turma pra da aula que eu consigo, de ginástica, acho que ajudou mais na parte pedagógica [...] (P14)

Os profissionais de Educação Física investigados enfatizam que a maioria das vivências da extensão universitária na formação inicial refletiram na atuação profissional dos depoentes na atualidade, além de auxiliar na formação pessoal, profissional e acadêmica. Os relatos abaixo confirmam estas afirmações:

> [...] muita coisa na extensão é muito igual o que eu faço no [...], a estrutura da aula é muito parecida. Por exemplo éé, a estrutura de aula em si, vamos o que implicou, chega tem aquecimento, trinta a quarenta minutos de exercícios, e a parte final. [...] isso implica muito hoje, a organizar as coisas, a dividir, você faz isso, você faz isso, você faz isso, então vem um pouco lá [...] (P6)

> [...] a didática de trabalho que eu acabei desenvolvendo junto com a minha coordenação do projeto na época, de ter essas rodas de conversa no início, de ter essa roda de conversas no final, acho que foi uma coisa que desenvolvi também, no, no projeto, e hoje eu faço isso e pra mim é básico, se não tem isso [...]acabou trilhando, sendo uma base pro tipo de trabalho que tenho hoje, e acabo desenvolvendo hoje. (P9)

Além, de P8, P11 e P13 evidenciarem que desde que saíram da Universidade sempre usam os ensinamentos do projeto para: a elaboração de aulas com estratégias diferenciadas inclusivas e motivantes; em suas ações cotidianas profissionais e para mediar ações entre os profissionais onde trabalham. Além, de espelhar totalmente sua prática do projeto de extensão na sua prática profissional atual.

Estas experiências formativas que influenciam na atuação profissional dos sujeitos investigados, podem valorizar algumas ações como apresenta P1, P4 e P12: dar valor a pequenas coisas que podem ter grande significado para outras pessoas (ex.: diferenças motoras, cognitivas, questões sociais, exclusão); ter coragem para trabalhar com públicos específicos (ex.: idosos e cardiopatas); e proporcionar em suas aulas atividades motivantes, desafiadoras e diferenciadas.

Portanto, é ao atuar no campo profissional que os profissionais de Educação Física investigados conseguem perceber as implicações da extensão universitária em suas formações. Segundo Golin (2006), em sua pesquisa que se preocupou em analisar a opinião de egressos que passaram pelo projeto de extensão Criança Feliz Fifasul (Faculdades Integradas de Fátima do Sul), havia uma de suas perguntas, relacionada à relevância que o projeto teve na sua atual vida profissional. Dos onze sujeitos pesquisados, nove (81,81%) relataram ter sido muito importante passar pelo projeto e apenas dois (18,18%) relataram ser bom. Posteriormente, os pesquisados tinham que dar uma nota para concluir a importância de se ter projetos de extensão como este. Dez concluíram que foi significativo na carreira profissional deles e apenas um respondeu relativamente importante.

Concordamos com o autor, quando diz que há benefícios significativos ao propor e desenvolver ações de extensão no curso de Educação Física para a preparação e a atuação dos futuros profissionais. E também, de considerar que este tipo extensão acadêmica, vinculando a comunidade, beneficia muito ambas as partes envolvidas (sociedade e professor).

Para os professores aqui pesquisados, os projetos foram muito importantes e significativos ao relacionar a questão sociocultural, a formação e atuação em Educação Física, mesmo porque, grande parte dos egressos (80%) está atuando na Educação Física.

Destaca-se, neste sentido que a boa orientação na relação estabelecida entre os projetos de extensão, as Universidades, as instituições de ensino superior e a sociedade, só trará benefícios sociais, educativos e culturais aos envolvidos.

Como lembra Golin (2006), isso não quer dizer que o projeto seja a salvação para todos os problemas, mas projetos desta natureza possibilitam outras aprendizagens e uma valiosa aproximação da práxis cotidiana. Além disso, podem proporcionar diversas contribuições para a formação e para a atuação dos profissionais na atualidade, como apresentam os depoentes:

> Dentre tudo o que aprendi no projeto, acredito que profissionalmente a vivência dentro de um laboratório contribuiu muito para o meu trabalho nos dias atuais (avaliações físicas, análise de resultados, prescrição de treinamento, etc). E, além disso, compreender qual a melhor forma de lidar com pessoas de outra faixa etária, aprender

> sobre a vida com os participantes do projeto, enfim, todas as aulas ministradas no projeto sempre traziam algum aprendizado.(P4)
>
> Mas o que mais eu aprendi e que hoje é imprescindível para minha profissão foi a questão do PLANEJAMENTO, pois hoje tudo o que vou fazer nos meus trabalhos exige planejamento o tempo todo. Como periodizar um treino pensando no tipo de trabalho que o aluno exerce (sentado, em pé, tempo de trabalho), no objetivo, tempo que busca esse objetivo e acima de tudo respeitando os limites individuais de cada um. (P11)
>
> Aprendi mais sobre o desenvolvimento humano, mais especificamente sobre o desenvolvimento motor para esta faixa etária e a avaliar os estágios de desenvolvimento motor. E essa aprendizagem foi essencial quando ministrei aulas em uma escola de Educação Infantil e depois transferi esse conhecimento para as aulas de natação infantil que ministro até hoje. (P12)

Em uma pesquisa realizada por Nozaki (2009), na qual a autora procurou analisar as implicações do projeto de extensão universitária “Ensinando e Aprendendo Handebol” na formação/atuação do professor de Educação Física que atua em escolas, foi possível verificar as inúmeras aprendizagens incorporadas pelos pesquisados nesse projeto de extensão, e que as mesmas, hoje são utilizadas no cotidiano escolar deles. Os professores pesquisados aprenderam, de um modo geral: a elaborar planos de aulas e a pensar em cada aula; a ouvir, trocar experiências, elaborar aulas em conjunto, a discutir e refletir sobre a prática, a desenvolver a responsabilidade, o compromisso e a trabalhar com o outro; a ensinar o handebol conhecendo e aprimorando os seus conhecimentos, aprendendo estratégias, desenvolvendo envolvimento e segurança para trabalhar com a modalidade na escola; dinâmicas de trabalho e reflexões formativas que proporcionaram o primeiro contato do professor com o aluno, a expor o objetivo, a oferecer feedback na aula, a fazer avaliação diagnóstica, a lidar com questões imprevisíveis, a ter uma visão mais crítica, a criar estratégias dinâmicas e motivantes, a transmitir valores, a ter segurança para lecionar, e estimulou a aproximação da Universidade com a escola através de pesquisas sobre as ações realizadas.

Isso demonstra que estratégias formativas como esta são muito estimulantes e positivas, na opinião dos pesquisados, para a formação de professores. Tais experiências parecem complementar o ensino da formação inicial, possibilitando a articulação da teoria com a prática, além de permitir que o

graduando vivencie o cotidiano profissional e perpasse pelas reflexões advindas dela durante esse processo formativo.

Portanto, a extensão universitária abrange uma formação profissional embasada pelas experiências e aprendizagens significativas construídas pelo aluno, que envolvem a dimensão pessoal e profissional; e a formação pedagógica e prática, que segundo Borges e Hunger (2012, p.135):

> [...] compreende o conhecimento da prática profissional que vai ser ensinado ao aluno, envolvendo uma aprendizagem significativa ao vincular à realidade, ao mercado de trabalho, às pesquisas realizadas e necessárias na área. A formação pedagógica envolve além de saber dar aula, os elementos do planejamento de ensino [...]

Para Vasconcelos (1996) esses elementos do planejamento envolvem: os objetivos gerais e objetivos específicos (da Instituição e da disciplina lecionada) do processo de ensino-aprendizagem; as características da clientela a qual vai trabalhar; o conhecimento do mercado de trabalho; as atividades e recursos necessários para a aula; a avaliação da aprendizagem; a relação professor e aluno e as possibilidades de construção e reconstrução do conhecimento.

Em síntese, as implicações da extensão universitária na atuação dos profissionais de Educação Física, abrangem inúmeras ações e diversas aprendizagens que foram construídas também ao longo da formação inicial. Assim, falar das relações, significados e implicações na atuação profissional através de projetos de extensão na Educação Física, resulta em falar de formação profissional.

Deste modo, para que a atuação dos profissionais de Educação Física seja de boa qualidade, precisamos repensar as estratégias formativas da formação inicial, articulando a extensão universitária ao processo formativo desses futuros profissionais, e quem sabe, enriquecendo cada vez mais esta função acadêmica e formativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer as últimas considerações sobre o estudo em questão é um grande desafio, pois se distanciar da pesquisa, torna-se uma tarefa complexa para pessoas com um histórico extremamente próximo a extensão universitária. Portanto, poder superar essas dificuldades, e principalmente, contribuir para o processo de formação dos futuros profissionais de Educação Física, é o que nos move a superar os receios e a prosseguir nesta aventura.

Vale ressaltar que a ideia inicial nos levava a investigar os saberes docentes dos profissionais de Educação Física, porém no decorrer do percurso, através dos depoimentos coletados e das propostas da banca examinadora percebemos que esta pesquisa nos permitiria alçar voos mais altos, explorando e desvendando novos caminhos formativos através da extensão universitária.

Nesta pesquisa, não tivemos a pretensão de elaborar “receitas de bolos”, muito menos uma sistematização para a extensão universitária, objetivamos despertar novos olhares para este processo que se apresenta essencial no processo na formação do profissional de Educação Física, e consequentemente, para a sua atuação profissional.

Desta forma, o objetivo desta dissertação foi *“analisar, sob a ótica dos profissionais de Educação Física, os significados e as implicações da extensão universitária na formação inicial e na atuação profissional”*.

Uma certeza se fez presente no resultado dessa pesquisa, é que a extensão universitária é constituída da união do ensino com a pesquisa, da relação da teoria com a prática, da experiência diária do cotidiano profissional, dos significados construídos durante o processo de formação inicial, das implicações formativas e da relação do aluno com o professor. Ou seja, sua existência se constitui da integração e relação destas diversas ações que ocorrem no dia a dia dos projetos de extensão.

Em relação à formação profissional em Educação Física, mas específico à formação inicial, percebeu-se a reconfiguração constante deste processo formativo, devido às necessidades sociais, políticas e epistemológicas da área. Apesar das inúmeras configurações, a Educação Física se apresenta na atualidade mais

consolidada, porém ainda sofre com alguns resquícios das diversas modificações curriculares ocorridas ao longo da história.

Assim, com a extensão universitária não é diferente, pois por compor o tripé da Educação Superior, estas configurações curriculares influenciam constantemente em seus objetivos. O que era terceira função da Universidade passa a ser uma função acadêmica essencial e indissociável do ensino e da pesquisa. No olhar dos profissionais investigados, ainda é concebida muitas vezes de forma assistencialista, mas já há demonstrações de intensa percepção de outros objetivos como: o acadêmico e o formativo. Podemos dizer que estes outros olhares que se apresentam no momento, pode nos indicar mudanças significativas na percepção e na disseminação deste tipo de trabalho extensionista.

Deste modo, os profissionais apontam peculiaridades da extensão universitária que a diferenciam das outras funções acadêmicas, como: estimuladora do desenvolvimento da habilidade social; articuladora do tripé da Educação Superior, aliando ensino e pesquisa através das suas práticas extensionistas; espaço de aprendizagem; laboratório experimental, onde os conhecimentos obtidos no ensino podem ser aplicados, havendo a possibilidade de perceber o que dá certo ou não na sua prática pedagógica, além de poder divulgar o resultado em forma de pesquisa; e espaço de formação contextualizada.

Isso não quer dizer que a extensão universitária é a melhor ou pior função da Universidade, significa que ela tem características que complementam a formação profissional do graduando, sendo essenciais para o seu processo formativo e para sua a futura atuação profissional.

Para os depoentes o ensino ainda é realizado de forma: teórica, distante do cotidiano profissional e como uma prática desvinculada da parte acadêmica; e a pesquisa é rígida, imutável e muitas vezes distante da sua prática profissional, pois segundo Botomé (1996) o conhecimento inacessível não tem vida e torna o ensino algo morto; e a pesquisa sem significado e sem relevância social não tem sentido, não tendo razão de ser e existir.

Estes apontamentos demonstram o quanto é necessário pensarmos em uma formação mais integrada, superando assim, o estado individual dessas ações, e se fazendo universal pela dinâmica ensino-pesquisa-extensão como diria Zanotto (2005). É através dessa indissociabilidade que podem ocorrer diversas

aprendizagens, troca de saberes e a produção de novos conhecimentos que se concretizam na constante transformação da sociedade.

Em relação aos projetos de extensão desenvolvidos na Universidade investigada, eles seguem o objetivo da extensão universitária proposto pelo Plano de Desenvolvimento Institucional, que também se preocupa: com uma formação de profissionais cidadãos; com o intercâmbio social; com a qualificação docente e discente; com a articulação do ensino e da pesquisa; e em sedimentar a extensão universitária como processo educativo.

Quando os profissionais falam sobre como foi construído o conceito de extensão universitária nos projetos por onde passaram, eles apresentam diversas formas de edificá-lo como: na prática, por curiosidade, através do livrinho do CACO, de forma indireta, através da discussão do objetivo do projeto, próximo ao envio de trabalhos para eventos científicos e através da conceituação formal direta. Deixando clara a importância de se compreender a extensão universitária como meio de comunicação entre a Universidade e o seu meio, possibilitando ao graduando transcender o conceito construído e refletir criticamente perante seu papel na sociedade.

Ao discorrermos sobre os motivos pelos quais os alunos se aproximaram destes projetos extensionistas, eles apontam inúmeros motivos como: bolsas de estudo; interesses pessoais; curiosidade; identificação com o projeto e sua forma de trabalho; da influência ou indicação dos colegas que participavam do projeto ou que estavam saindo; poder começar a desenvolver novas propostas de trabalho aliadas a temas que gostam e novos projetos; terem uma ampla vivência sobre o tema a ser desenvolvido; ter a oportunidade de trabalhar com públicos diferenciados; da apresentação do centro acadêmico sobre os projetos de extensão aos alunos ingressantes; ter interesse em trabalhar com um tema ou um grupo em específico; poder fazer atividades diferenciadas na vida das pessoas; serem convidados por alunos participantes ou por professor coordenador; ter a oportunidade de trabalhar mais próximo da sua área; ter boas referências do projeto e do professor coordenador; da metodologia de trabalho diferenciada do projeto; se preocuparem com a formação do graduando e fazer a aproximação com o cotidiano profissional; se interessar pela pesquisa e utilizar os dados da extensão para este fim; querer descobrir o que a faculdade tinha para proporcionar; querer aprofundar e aperfeiçoar

seus estudos; ter participado de projetos de extensão durante as disciplinas do curso.

Tais aproximações parecem apresentar os significados pela procura por estes projetos, apresentando ricos mecanismos para os docentes, coordenadores e conselheiros de cursos repensarem o processo formativo da graduação também por intermédio da extensão universitária.

Em relação às dinâmicas de trabalho dos projetos de extensão, eles apresentam algumas dinâmicas como: grupos de estudos; reuniões para preparação e discussões sobre as aulas; diversas formas de se preparar os conteúdos e materiais didáticos para serem utilizados nas aulas; estratégias de ensino motivantes e formativas; e estruturas de trabalho que proporcionam diversas aprendizagens para os graduandos que trabalham nos projetos. Mas enfatizam a importância do professor coordenador do projeto para auxiliar no desenvolvimento destas dinâmicas, pois é sua responsabilidade orientar qualitativamente o graduando nos momentos formativos e também mediar estes espaços de aprendizagem, preparando-os para serem profissionais-cidadãos capacitados a responder, antecipar e criar respostas às questões da sociedade (UNESP, 2000).

Cabe aos professores coordenadores dos projetos, conduzir os alunos neste processo de descobertas, construção e dificuldades, para que os mesmos possam descobrir através de diversos questionamentos e da vivência de situações profissionais os conceitos, os procedimentos e as ações mais adequadas e necessárias para o seu cotidiano. Estabelecendo uma relação entre aluno e professor de discutir problemas; planejar e analisar os trabalhos; analisar e avaliar os resultados; e produzir estudos acadêmicos em função das discussões ocorridas, e não apenas o aluno ser um mero executor, que ministra aulas sem nenhum amparo pedagógico e formativo.

Em relação aos significados da extensão universitária, os profissionais investigados apresentaram diversas apropriações como: vivência da prática orientada durante a graduação; síntese de integração de conteúdos das diversas áreas de conhecimento; construtora de saberes e aprendizagens; vivência prática cotidiana; fornecedora de subsídios à realidade profissional; laboratório didático; estimuladora da formação do aluno crítico e reflexivo; mobilizadora de ações construtivas; estimuladora de aprendizagens significativas; processo formativo; e articuladora do ensino e da pesquisa. Em prol destes inúmeros significados, a

complexidade da extensão universitária coloca-se em evidência, apresentando a necessidade de olharmos cada vez mais para esta ação formadora composta de ricos mecanismos de trabalho. Discutir sobre estes significados pode trazer a tona diversas contribuições para a formação inicial dos profissionais de Educação Física, além de estimular novos olhares para o trabalho extensionista na Universidade.

Se houve significados é porque ocorreram implicações no processo de formação, resultando em diversas aprendizagens para estes profissionais de Educação Física como aprendizagens: técnicas, humanas, conceituais e profissionais (exemplos: aprenderam a trabalhar com públicos de diversas idades; a fazer planejamentos; a delinear objetivos e atingi-los; a perceber a importância de se planejar e organizar as aulas; a estudar; a trabalhar em grupo; a aprender conceitos técnicos sobre a 3ª idade, adaptada, fisiologia, handebol, atletismo, entre outras; a elaborar estratégias de ensino diferenciadas, estimulantes e motivantes para os alunos participantes do projeto; a lidar com o relacionamento pessoal, a responsabilidade e o comprometimento com as atividades do projeto; a promover sua formação continuada; a lidar com a relação aluno e professor; a compreender as limitações dos alunos que participavam dos projetos e dos graduandos em processo de formação; a ter segurança para ministrar aula; a lidar com as diferenças; a nunca subestimar; a enxergar o potencial de cada aluno; a adequar atividades as necessidades dos alunos; a ter uma atitude anfitriã; e a ter a primeira experiência como docente).

Há a necessidade, durante a formação inicial, da aquisição de novos conhecimentos e da construção de novas aprendizagens, criando assim um repertório que poderá ser atrelado as suas ações profissionais. Deste modo, os profissionais ora investigados apresentaram articular a maioria das aprendizagens da formação inicial a sua atuação profissional. Outras implicações da extensão universitária na atuação profissional evidenciadas nos depoimentos foram: o desenvolvimento das dimensões técnicas e humanas; a percepção das afinidades com determinadas áreas; a determinação da área de atuação profissional; a percepção da importância de ações cooperativas, do planejamento e das discussões entre os componentes do grupo; a percepção da relevância das práticas e conceitos adquiridos; a percepção da dimensão autocrítica da práxis; a aprendizagem sobre a pesquisa; a aprendizagem de assuntos de interesse relacionados às diversas faixas etárias; a forma como planejam, preparam, adéquam e ministram suas aulas; a

didática utilizada na aula; o modo de falar com os alunos; a forma de pensar a aula; e as atividades utilizadas nas aulas. Portanto, falar das implicações da extensão universitária na atuação dos profissionais de Educação Física consiste em falar da formação profissional, pois abrange inúmeras ações e diversas aprendizagens que foram constituídas ao longo deste processo formativo.

Diante do construído e aqui exposto fica evidente que a extensão universitária possui peculiaridades e elementos consideráveis que a diferenciam do ensino e da pesquisa, tornando-a também essencial e fundamental para compor o processo de formação inicial.

Neste sentido, a presente pesquisa revelou que algumas mudanças em relação aos modelos extensionistas assistencialistas já são perceptíveis como: a visão desta função também como ação formadora e articuladora do ensino e da pesquisa; espaço de aprendizagem; espaço que proporciona a prática profissional e estimula os graduandos a refletir sobre a mesma; a necessidade de sua articulação as estruturas curriculares dos cursos, demonstrando assim, a necessidade de continuarmos a estudar este tema e de consolidar esta função acadêmica como ação formativa.

Acreditamos que através da articulação da extensão com a estrutura curricular dos cursos e também com os projetos políticos pedagógicos poderemos estimular dinâmicas, metodologias de trabalho e estratégias formativas próximas do cotidiano profissional da Educação Física. Fornecendo assim, subsídios condizentes à realidade destes futuros profissionais.

Vale ressaltar que os profissionais investigados pontuaram a extensão universitária como uma função acadêmica tão relevante, que acham que deveria ser obrigatória em todos os cursos, para estimular uma formação mais completa e ampliada, com o intuito de aproximar mais a sociedade da Universidade. Além, de propor disciplinas na graduação que estimulem a extensão universitária com projetos voltados para a sociedade.

Diante destas análises e pensando na melhoria da qualidade da formação profissional, sugerimos alguns encaminhamentos de elementos que acreditamos ser essenciais para que os projetos de extensão universitária aconteçam de modo eficaz na Educação Superior como:

- Investir em cursos de formação para docentes e discentes sobre extensão universitária para explicar, conceituar e criar uma ideia e base comum desta ação acadêmica e formativa;

- Realizar assembleias com os grupos dos projetos extensionistas, para que todos (docentes e discentes) possam conhecer os projetos da Universidade onde atuam; discutir, compartilhar ideias e dificuldades, e propor possibilidades auxiliando os projetos, proporcionando assim, um espaço de interação, troca de ideias e conversa sobre as dinâmicas de trabalho da extensão universitária, além de ser um espaço de encontro entre projetos;

- Incentivar o professor coordenador do projeto através de pontuações ou gratificações a realizar reuniões semanais ou quinzenais com o seu grupo de trabalho extensionista (alunos que participam dos projetos de extensão) para orientar o trabalho desenvolvido (Ex: tirar dúvidas, refletir e discutir sobre as aulas aplicadas e etc.), para a realização de estudos sobre o tema abordado pelo projeto e para conversar sobre as aulas ministradas, ou seja, estimular um momento de formação.

- Incentivar a realização de projetos temáticos que contemplem as diversas áreas de atuação profissional, proporcionando o diálogo entre as diferentes áreas e projetos de extensão, estimulando assim, a troca de conhecimentos e a construção coletiva dos projetos.

Evidências como esta possibilitam pensarmos em novos caminhos e possibilidades para a formação inicial em Educação Física, repensando as estratégias formativas e a articulação da extensão universitária ao processo formativo dos futuros profissionais, e quem sabe, enriquecendo cada vez mais o papel acadêmico e a atuação dos futuros profissionais da área.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**: prática e princípios teóricos. São Paulo: MG Editores Associados, 1996.

ANGULSKI, C. M. A disciplina de História da Educação Física na formação inicial em Educação Física. In: FARIAS, G. O.; FOLLE, A.; BOTH, J. (Orgs.). **Educação Física:** formação e regulamentação profissional. Chapecó, S.C.: Argos, 2012, p. 35-54.

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 77, p. 53-61, maio. 1991.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2ª ed., São Paulo: Editora Pioneira, 2000.

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos e abusos da história oral**. 5ª. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 5ª ed., Campinas: Papirus, 2000 (série prática pedagógica).

ANJOS, T. C. dos; RAMOS, M. G. A importância dos projetos de extensão na formação do profissional de Educação Física: o caso do projeto "Ginástica Localizada" da FEF-UNICAMP. In: **Anais do II Seminário de Estudos e Pesquisas em formação profissional no campo da Educação Física**: "A Formação Profissional no campo da Educação Física: Limite e Possibilidades". Rio Claro: UNESP, p. 80, 2004.

ARAÚJO, M. A. M. ; ALMEIDA, L. L. ; DEL-MASSO, M. C. S. ; KOGISO, O. K.; LOURO, D. W. . **Extensão Universitária**: um laboratório social. 1ª ed., São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

AUSUBEL, D. P. **The psychology of meaningful verbal learning**. New York: Grune and Stratton, 1963.

AZEVEDO, A. C. B.; MALINA, A. Memória do currículo de formação profissional em Educação Física no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 2, p. 129-142, jan. 2004. Disponível em: http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php?journal=RBCE&page=article&op=view&path%5B%5D=231&path%5B%5D=233 Acesso em: 12 dez. 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de Metodologia Científica**: Um guia para a iniciação científica. 2ª ed. ampliada, São Paulo: Makron Books, 2000.

BENITES, L. C.; SOUZA NETO, S. de; HUNGER, D. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de Educação Física. **Revista Educação e Pesquisa**i. São Paulo, v.34, n.2, p. 343-360, ago. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ep/v34n2/09.pdf Acesso em: 05 jan. 2010.

BETTI, I. C. R.; BETTI. M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Revista Motriz**, v.2, n.1, p. 10-15, 1996.

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V.H.C (org.) **Pesquisa Qualitativa em Educação**: um enfoque fenomenológico. 2ª ed., Piracicaba: Unimep, 1997.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, C.; HUNGER, D. Docência Universitária: discussões referentes à formação didático-pedagógica. In: FOLLE, A.; FARIAS, G. O. (Orgs.). **Educação Física**: prática pedagógica e trabalho docente. Florianópolis, S.C.: UDESC, 2012, p. 131-148 (Coleção Temas em Movimento).

BOTOMÉ, S. P. **Pesquisa alienada e ensino alienante** – O equívoco da extensão universitária. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

BRASIL. Estatuto das universidades brasileiras. **Decreto nº 19.851,** de 11 de Abril de 1931.

_____. Conselho Federal de Educação. **Decreto-Lei nº 1.212**, de 7 de Abril de 1939.

_____. Conselho Federal de Educação. **Parecer nº 894,** de 14 de Novembro de 1969.

_____. Conselho Federal de Educação. **Resolução nº 69**, de 2 de Dezembro de 1969.

_____. Conselho Federal de Educação. **Parecer CNE/CES n.º 215**, de 11 de março de 1987a. Dispõe sobre a reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física, sua nova caracterização, mínimos de duração e conteúdo. Documenta, Brasília, DF, n. 315, mar. 1987.

_____. Congresso Nacional. Lei n.º 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. Comissão de Especialistas em Ensino em Educação Física. **Novas Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Educação Física**: justificativas – proposições – argumentações. Brasília/DF: MEC/Sesu, 1999.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n.° 9, de 08 de Maio de 2001a. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de

graduação plena. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 jan. 2002. Seção 1, p. 31.

_____. Ministério da Educação. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Lei nº 10.172, de 09 de Janeiro de 2001. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm Acesso em: 24 Abril 2011.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n.º 01, de 18 de Fevereiro de 2002a. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 mar. 2002. Seção 1, p. 8.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n.º 02, de 19 de Fevereiro de 2002b. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 mar. 2002. Seção 1, p. 9.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES n.º 058, de 18 de Fevereiro de 2004a. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 mar. 2004.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES n.º 07, de 31 de Março de 2004b. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 05 abr. 2004. Seção 1, p. 18.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CES n.º 213**, de 9 de Outubro de 2008. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação em Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Terapia Ocupacional, bacharelados, na modalidade presencial. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pces213_08.pdf Acesso em: 28 dez. 2010.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES n.º 4, de 6 de Abril de 2009. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação em Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Terapia Ocupacional, bacharelados, na modalidade presencial. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 07 abr. 2009. Seção 1, p. 27.

_____. Plano Nacional de Extensão Universitária, Edição Atualizada, 2000/2001 SESu/MEC. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. Brasília, p. 1-15, 1999. Disponível em: http://proex.epm.br/projetossociais/renex/plano_nacional.htm Acesso em: 10 jan. 2011.

CAMILO, R. C. Iniciando a profissão docente: dificuldades e aquisições de um recém-licenciado em Educação Física. In: **Anais do Congresso da Faculdade de Ciências da Saúde e da Universidade Metodista de Piracicaba:** 4º Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física da Facis/UNIMEP - Formação e Prática Profissional. Piracicaba: UNIMEP, vol.1, nº 1, pôster 8, 2006.

CARDOSO, L. R.; BZUNECK, J. A. Motivação no ensino superior: metas de realização e estratégias de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional**. Campinas, v. 8, n. 2, p.145-155, Dezembro 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pee/v8n2/v8n2a03.pdf Acesso em: 05 junho 2012.

CHAVES-GAMBOA, M.; TAFAREL, C.; GAMBOA, S. S. **Prática de Ensino:** formação profissional e emancipação. 3ª Ed. rev. e ampl. Maceió: Edufal, 2011.

COELHO JUNIOR, F. A.; BORGES-ANDRADE, J. E. Uso do conceito de aprendizagem em estudos relacionados ao trabalho e organizações. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v. 18, n. 40, p.221-234, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n40/02.pdf Acesso em: 15 jun. 2012.

DIAS, A. M. I. Discutindo Caminhos para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física - Faculdade Central de Cristalina (FACEC)**. Cristalina, v. 1, n. 1, p.37-52, Agosto 2009. Disponível em: http://www.facec.edu.br/seer/index.php/docenciaepesquisaeducacaofisica/article/viewFile/82/139 Acesso em: 24 set. 2011.

DE SANTO, D. L. Pontos a considerar sobre a avaliação do curso de bacharelado em Educação Física – turma 1995. **Caderno Documentos**. São Paulo, v.1, n.3, p.83-91, Outubro 1997.

DIAS, E. R. **O aprendiz-professor no ensino de handebol:** implicações dos diários reflexivos e entrevistas no processo de formação inicial. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.

DIAS SOBRINHO, J. Educação superior, globalização e democratização. Qual universidade? **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 28, p. 164-173, jan./abril 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n28/a14n28.pdf Acesso em: 01 jul. 2012.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1980.

FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, L. A.; HUNGER, D. As diretrizes curriculares nacionais para cursos de graduação em Educação Física e de Licenciaturas. In: SOUZA NETO, S. de; HUNGER, D (Orgs.). **Formação Profissional em Educação Física:** estudos e pesquisas. Rio Claro, S.P.: Biblioética, 2006, p. 109-119.

FERREIRA, L. A. **Docentes em ação e alunos em formação:** articulando os saberes na Educação Física escolar. Relatório científico correspondente ao triênio 2001-2003 (Departamento de Educação Física) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.

_____. **O professor de Educação Física no primeiro ano de carreira:** análise da aprendizagem profissional a partir da promoção de um programa de iniciação à docência. Tese (Doutorado) do Centro de Educação e Ciências Humanas - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

FORGRAD. Plano Nacional de Graduação: um projeto em construção. In: **Resgatando espaços e construindo idéias - 1997 a 2003 do Fórum de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras** – Ilhéus: Unicamp, p. 1-36, 1999. Disponível em http://www.forgrad.org.br/pages/publicacoes.htm Acesso em: 24 set. 2011.

GAGNÉ, R. **Como se realiza a aprendizagem**. Rio Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1971.

GUEDES, C. M. Indivíduo e contexto: uma relação de difícil compreensão. **Caderno Documentos.** São Paulo, v.1, n.3, p.71-76, Outubro 1997.

GOLIN, C. H. Atividade de extensão em Educação Física: o discurso dos egressos do Projeto Criança Feliz FIFASUL**.** In: **Anais do Congresso da Faculdade de Ciências da Saúde e da Universidade Metodista de Piracicaba:** 4º Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física da Facis/UNIMEP - Formação e Prática Profissional. Piracicaba: UNIMEP, vol.1, nº 1, tema livre dois, 2006.

HUNGER, D. A. C. F. **A Universidade sob a ótica da Extensão Universitária**: análise da Função Extensão Universitária no Pensamento do Professor Universitário de Educação Física. Tese (Doutorado) da Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

JEZINE, E. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Minas Gerais: UFMG, Gestão

12, 2004, Gestão 12. Disponível em: http://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf Acesso em: 14 jun. 2010.

KRÜGER, L. G. **As concepções da formação profissional da licenciatura em Educação Física:** trajetórias docentes e suas perspectivas contributivas, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986, 11ª reimpressão 2008. Coleção Temas Básicos de Educação e Ensino.

LÜDKE, M. Pesquisa em educação: apontamentos para uma epistemologia da prática In: GERALDI,C. M. G; FIORENTINI, D.; PEREIRA,E. M. A. (orgs.) **Cartografias do trabalho docente***:* professor(a)-pesquisador(a). Campinas, S.P.: Mercado de Letras – Associação de Leitura no Brasil (ALB), 1998, p. 23-32 (Coleção Leituras no Brasil).

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5ª ed., São Paulo: Atlas Editora, 2003.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: Fundamentos e recursos básicos*.* 2ª ed., São Paulo: Moraes, 1994.

MARTINS, L. M. Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na Universidade. In: PINHO, S. Z.; CHAVES, A J. F. et. al. **Oficinas de Estudos Pedagógicos**: reflexões sobre a prática do ensino superior. São Paulo, S.P.: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, 2008, p. 73-86.

MENEGON, R. R.; ALBUQUERQUE, D. I. de P. A importância dos projetos de extensão em Educação Física escolar, para o processo de formação de seus integrantes. In: **Anais do 6º Congresso de Extensão Universitária da UNESP**: "Horizontes da Extensão Universitária: Possibilidades, Caminhos e Realizações". Águas de Lindóia: UNESP, área Educação, p. 0332, 2011.

MESQUITA FILHO, A. Integração ensino-pesquisa-extensão. **Revista Integração Ensino, Pesquisa, Extensão** – Especial: Extensão universitária (USJT), II Simpósio multidisciplinar de outubro de 1996 (USJT), ano III, nº 09, p. 138-143, Maio 1997. Disponível em: http://www.usjt.br/prppg/revista/integracao_09.php Acesso em: 05 nov. 2011.

MOREIRA, M. A. Aprendizagém significativa: um conceito subjacente. In: Anais do Encuentro Internacional sobre el aprendizaje significativo. Espanha: Universidad de Burgos, p. 17-45, set. 1997. Disponível em: http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigsubport.pdf Acesso em: 05 jul. 2012.

NASCIMENTO, J. V. **A formação universitária em Educação Física:** uma abordagem sobre o ambiente percebido e auto-percepção de competência profissional de formandos brasileiros e portugueses. Tese (Doutorado em Ciências

do desporto) da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física - Universidade do Porto, Porto, 1998.

_____. Novas diretrizes curriculares dos cursos de graduação em Educação Física. **Educação Física - Boletim do CONFEF**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 11-14, 2002.

NOGUEIRA, M. das D. P. (org). Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas. **Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987 – 2000.** Belo Horizonte: PROEX/UFMG; o Fórum, p.11-18, 2000. Disponível em: http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf Acesso em: 31 maio 2012.

_____. Novas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Educação Física. In: **II Fórum Nacional das Instituições de Ensino Superior em Educação Física**, Rio de Janeiro, 18 a 20 de Julho, 2002.

NÓVOA, A. (org). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NOZAKI, J. M. et.al. Projeto de Extensão “Ensinando e Aprendendo Handebol”: contribuições para a formação inicial. In: **Anais da X Reunião Científica de Educação Física da UNESP/Bauru**: “Da produção científica à intervenção profissional”. Bauru: UNESP, p. 2, 2005.

NOZAKI, J. M. **A Extensão Universitária e suas implicações para a formação do professor de Educação Física que atua na escola.** Trabalho de conclusão de curso (Especialização Lato Sensu em Educação Física Escolar) do Centro de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, 2009.

NOZAKI, J. M.; HUNGER, D.; FERREIRA, L. A. Reflexões sobre um projeto de extensão universitária na formação/atuação do docente de Educação Física. In: **Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte**: ciência & compromisso social – implicações na/da Educação Física e Ciências do Esporte**.** Porto Alegre: ESEF/UFRGS, p. 01, set. 2011.

NOZAKI, J. M.; HUNGER, D.; ROSSI, F. A Extensão Universitária na formação inicial em Educação Física: uma possibilidade formativa. In: **Anais do V Congresso Nacional de Educação Física e XVI Reunião Científica**: “Reunindo experiências e produzindo saberes na Educação Física”. Bauru: UNESP, v. 5, n. 1, p. 98, set. 2011.

NOZAKI, J. M.; HUNGER, D. A Extensão Universitária na formação inicial em Educação Física: aproximações, motivos e inserção. In: **Anais do II Congresso Internacional de Formação Profissional em Educação Física e VI Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no campo da Educação Física**. Florianópolis: UFSC, v. 5, p. 255-256, maio 2012.

OLIVEIRA, A. A. B. de. A formação profissional em Educação Física: legislação, limites e possibilidades. In: SOUZA NETO, S. de; HUNGER, D (Orgs.). **Formação**

profissional em Educação Física: estudos e pesquisas. Rio Claro, S.P.: Biblioética, 2006, p. 17-32.

OLIVEIRA, C. H. Qual é o Papel da Extensão Universitária? Algumas Reflexões Acerca da Relação entre Universidade, Políticas Públicas e Sociedade. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Minas Gerais: UFMG, Gestão 15, 2004. Disponível em: http://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao15.pdf Acesso em: 20 jul. 2010.

PEREIRA, J. M.; HUNGER, D.; SOUZA NETO S. de. A relação teoria e prática na formação do bacharel em Educação Física e esporte. In: SOUZA NETO, S. de; HUNGER, D (Orgs.). **Formação Profissional em Educação Física:** estudos e pesquisas. Rio Claro, S.P.: Biblioética, 2006, p. 109-119.

PEREIRA, J. M.; HUNGER, D. A formação acadêmica e o técnico desportivo: depoimentos de docentes e alunos universitários. In: FARIAS, G. O.; FOLLE, A.; BOTH, J. (Orgs.). **Educação Física:** formação e regulamentação profissional. Chapecó, S.C.: Argos, 2012, p. 95-116.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor:** profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, jul.-dez., 1996. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/rfe/v22n2/v22n2a04.pdf Acesso em: 21 maio 2012.

RAMOS, G. N. S. **Preparação profissional em Educação Física**: a questão dos estágios. Tese (Doutorado) da Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000252284 Acesso em: 15 jun. 2010.

_____. Escolas de Ofício, Profissão Educação Física e Sociedade. **Motriz. Revista de Educação Física.** UNESP, Rio Claro, vol. 15, nº 4, p. 919-924, 2009. Disponível em: http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3087/2683 Acesso em: 04 maio 2012.

RANGEL-BETTI, I. C; GALVÃO, Z. Ensino Reflexivo em uma experiência no ensino superior em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. v.22, n. 3, p.105-116, 2001.

RATIER (org.), R. Eles podem inspirar a busca por soluções. **Nova Escola**, São Paulo, edição nº 216, p. 58-61, out. 2008.

RAYS, O. A. Ensino-Pesquisa-Extensão: notas para pensar a indissociabilidade. **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, RS, v. 21, p. 71-85, 2003.

ROCHA, R. M. G. **Extensão universitária**: comunicação ou domesticação? São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

ROCHA, R. M. G. O lugar e o papel da extensão no processo da Educação Superior In: **Anais do 4º Seminário de Extensão da UNIMEP**: o lugar e o papel da extensão no processo de ensino**.** Piracicaba: UNIMEP, Conferência de Abertura, p. 16 a 20, 2002. Disponível em: http://www.unimep.br/viceacad/assessorias/extensao/4seminario/4oextensao.pdf Acesso em: 08 nov. 2011.

RODRIGUES, de M. M. Revisitando a história – 1980-1995: A Extensão Universitária na perspectiva do fórum nacional de pró-reitores de extensão das Universidades públicas brasileiras. **Revista Portuguesa de Educação – Universidade do Minho**, v.16, n. 002, p.135-175, 2003. Disponível em: http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=37416207&iCveNum=1784 Acesso em: 14 jul 2010.

ROSSI, F. **Formação Continuada em Educação Física Escolar:** Concepções e Perspectivas dos Professores. Dissertação (Mestrado em Ciências da motricidade) do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

SANTOS, M. P. Contributos da Extensão Universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário. **Revista Conexão UEPG**, v.06, n.1, p.10-15, 2010. Disponível em: http://www.uepg.br/revistaconexao/revista/edicao06/1.pdf Acesso em: 10 mar. 2011.

SANTOS, S. C. O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicação dos “sete princípios para a boa prática na Educação de Ensino Superior”. **Caderno de Pesquisas em Administração**, v.08, n.1, p.69-82, 2001. Disponível em: http://www.ead.fea.usp.br/Cad-pesq/arquivos/v08-1art07.pdf Acesso em: 10 jun. 2012.

SARAIVA, J. L. Papel da extensão universitária na formação de estudantes e professores. **Brasília Med**. v. 44, n. 3, 2007. p. 225-233.

SILVA, F. da C. T. F. M. B. da; **Ramo Educacional FLUP:** um projecto reconceptualizado. Tese (Doutorado) do Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho, Braga, 2005. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6009/4/Texto%20da%20tese%20sem%20quadros.pdf Acesso em: 16 jun. 2010.

SILVA, M. G. M.; SPELLER, P. Extensão Universitária: qual o seu lugar no contexto da universidade? **Revista de Educação Pública** – Políticas públicas e educação (UFMT), Instituto de Educação /UFMT, v. 08, n. 13, p. 229-249, jan.- jun., 1999. Disponível em: http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/ext_univers.html Acesso em: 11 nov. 2011.

SILVA, O. D. da O que é extensão universitária? **Revista Integração Ensino, Pesquisa, Extensão** – Especial: Extensão universitária (USJT), Palestra no II Simpósio multidisciplinar de Outubro de 1996 (USJT), ano III, nº 09, p. 148-150, Maio 1997. Disponível em: http://www.usjt.br/prppg/revista/integracao_09.php Acesso em: 05 nov. 2011.

SILVA, T. T. da; **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, R. A. A extensão como método de ensino teórico-prático no ensino superior. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 9, n. 2, p. 119-137, jul./dez. 2009.

SOUZA, F. J. **Educação Física, Formação Profissional e Saberes Docentes**: um estudo de caso. Tese (mestrado) da Faculdade de Educação Física – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

SOUZA NETO, S. et. al. A formação do profissional de Educação Física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, v.25, n.2, p.113-128, 2004.

UNESCO. **Relatório da reunião educação para o século XXI**. Paris, UNESCO, 1994.

UNESP. **Currículo 2605 - Integral.** Bauru, p. 1-2, 1997. Disponível em: http://www.fc.unesp.br/upload/deptoeducacaofisica/graduacao/curriculo_educacaofisica_2605.pdf Acesso: 03 maio 2012.

_____. **Criação de Cursos – Implementação de Curso Noturno desdobramento de período** – Projeto pedagógico antigo do curso. Bauru, p. 1-18, 1998. Disponível em:http://www.fc.unesp.br/upload/deptoeducacaofisica/projeto_pedagogico_ed_fis_antigo.pdf Acesso: 03 maio 2012.

_____. **Currículo 2604 - Noturno**. Bauru, p. 1-2, 1999. Disponível em: http://www.fc.unesp.br/upload/deptoeducacaofisica/graduacao/curriculo_educacaofisica_2604.pdf Acesso: 03 maio 2012.

_____. Reitoria da Universidade Estadual Paulista. **Resolução UNESP nº 23**, de 04 de Maio de 1999. Altera a Resolução Unesp nº 41/91, que estabelece a estrutura curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Ciências do Câmpus de Bauru. Bauru, SP, n.23, maio 1999. Disponível em: http://madona.reitoria.unesp.br/CGI-BIN/om_isapi.dll?clientID=688144&infobase=resoti.nfo&softpage=Browse_Frame_Pg42 Acesso: 15 maio 2012.

_____. Reitoria da Universidade Estadual Paulista. **Resolução UNESP nº 102**, de 29 de Novembro de 2000. Dispõe sobre o Regimento Geral da Extensão Universitária na Unesp. São Paulo, SP, n.102, nov. 2000. Disponível em: http://www.unesp.br/gid/ Acesso: 15 maio 2012.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. São Paulo, SP, p. 1-38, 2009. Disponível em: http://www.unesp.br/aci/relatorio_pdi_2009.pdf Acesso: 04 junho 2012.

VASCONCELOS, M. L. M. C. **A formação do professor de terceiro grau.** São Paulo: Pioneira, 1996.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

VERENGUER, R. C. G. Questões epistemológicas da Educação Física escolar: vínculos necessários com a preparação e com o cotidiano do profissional. In: **Anais do VIII Seminário de Educação Física Escolar** - Educação Física Escolar: questões epistemológicas, pesquisa e educação continuada. São Paulo: USP, Mesa redonda 1: “Educação Física Escolar: questões epistemológicas”, p. 209 – 214, 2005.

YAMAMOTO, D.; HUNGER, D. A escolha da profissão Educação Física. In: FARIAS, G. O.; FOLLE, A.; BOTH, J. (Orgs.). **Educação Física**: formação e regulamentação profissional. Chapecó, S.C.: Argos, 2012, p. 117-132.

ZANOTTO, M. et. al. Concepção de Universidade: ensino, pesquisa e extensão ou formação para o mercado de trabalho?. In: **Anais do 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil.** Cascável: UNIOESTE, Mesa coordenada de Educação, p. 1 a 7, 2005. Disponível em: http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/index.htm Acesso em: 18 out. 2011.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores**: idéias e práticas. Lisboa/Portugal: Educa, 1993.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

_____, _____ de _____ de 2011.

Prezado(a) Professor(a),

Estamos desenvolvendo uma pesquisa com os profissionais, atuantes das diversas áreas da Educação Física e que participaram de projetos de extensão durante a graduação no ano de 2005, que tem como título: **"A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: A CONSTITUIÇÃO DOS SABERES E AS IMPLICAÇÕES FORMATIVAS"**, tendo como objetivo investigar o papel da extensão universitária na formação inicial do licenciado pleno em Educação Física e suas implicações formativas, analisando a constituição dos saberes definidos por Tardif (2008). Portanto, necessito de sua colaboração com seus depoimentos. Porém, cabe lembrar-lhe que a qualquer momento você poderá retirar seu **consentimento livre e esclarecido** e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

O seu nome será mantido em sigilo, sendo utilizado como identificação um pseudônimo ou número. Entretanto, preciso do seu consentimento para que possa, posteriormente, publicar os dados desta investigação em artigos ou apresentá-los em reuniões científicas. Se estiver de acordo, por favor, preencha a declaração que segue abaixo.

Agradeço antecipadamente a sua participação e contribuição.

Atenciosamente,

Joice Mayumi Nozaki
Orientanda
Trav: Maria Bela Rodriguês, 108
CEP: 04163-120/São Paulo-SP
joicenozaki@yahoo.com.br
Tel.: (11) 5058-7431 / (14) 8619-6803

Dagmar Hunger
Orientadora
Rua 13 de maio, 7-27
CEP: 17015-270/Bauru-SP
dag@fc.unesp.br
Tel.: (14) 3227-9335

TERMO DE CONSENTIMENTO (DECLARAÇÃO)

Eu,.....RG:....., residente e domiciliado(a) à Av./Rua.....Bairro..... na cidade de.....UF.....CEP..... declaro estar ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa **"A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: A CONSTITUIÇÃO DOS SABERES E AS IMPLICAÇÕES FORMATIVAS"**, de Joice Mayumi Nozaki e Profª Dra. Dagmar Hunger, manifestando o meu consentimento com a publicação de minhas respostas, sejam elas favoráveis ou não, na forma de artigos e/ou em reuniões científicas.

_____, ___ de _____ de 2011.

Assinatura: _____

APÊNDICE B

Questionário sobre Extensão Universitária

Identificação

Idade: _____ anos Sexo: ( ) F ( ) M

Formação acadêmica

Curso(s):_____

Instituição: _____

Ano de ingresso:_____ Ano de Conclusão:_____

Formação complementar após a graduação: _____

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua:_____

Onde atua?_____

Público ou privado? _____

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: ( ) Sim ( ) Não

Quantos: _____

Nome do projeto que participou (mais tempo):
_____

Tempo de permanência no projeto: _____

Atuo no projeto no ano de 2005? ( ) Sim ( ) Não
_____

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? ( ) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?
_____
_____
_____

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

_____
_____
_____

APÊNDICE C

Roteiro da Entrevista sobre Histórico de vida do profissional de Educação Física na Extensão e as suas implicações na vida profissional

1º) História de vida do profissional no projeto de extensão em que participou:

1) **Divulgação, conhecimento, aproximação do projeto e objetivo:**

   Como você se aproximou desse projeto de extensão universitária em que participou? Como foi divulgado? Qual era o objetivo do projeto e como ficou sabendo dele?

2) **Função do professor coordenador e aluno no projeto de extensão universitária:**

   Você sabia o papel do professor coordenador e do aluno de graduação no projeto de extensão?

3) **Conceituação de extensão universitária:**

   Houve alguma discussão do que era a extensão universitária no projeto em que você participava?

4) **O projeto em si e o aluno estagiário:**

   Como era o projeto de extensão universitária em que você participava na graduação e como era a sua rotina de trabalho?

   Como era o seu envolvimento no projeto?

   Você se sentia parte do projeto (ex.: se podia opinar, se ele se sentia parte do processo, como era)?

   O que aprendeu com o projeto? O que considera mais relevante dessa experiência?

2º) Implicações formativas

1) Qual o papel/valor/significado/sentido da extensão universitária na sua formação inicial? Do que se diferenciava do ensino e da pesquisa?

2) Quais implicações da extensão universitária na sua atuação como profissional?

3) Relate todos os elementos apreendidos no projeto de extensão universitária.

4) Quais exemplos desses elementos apreendidos no projeto são aplicados na sua atuação como profissional?

APÊNDICE D

Gráficos do perfil dos profissionais participantes do estudo

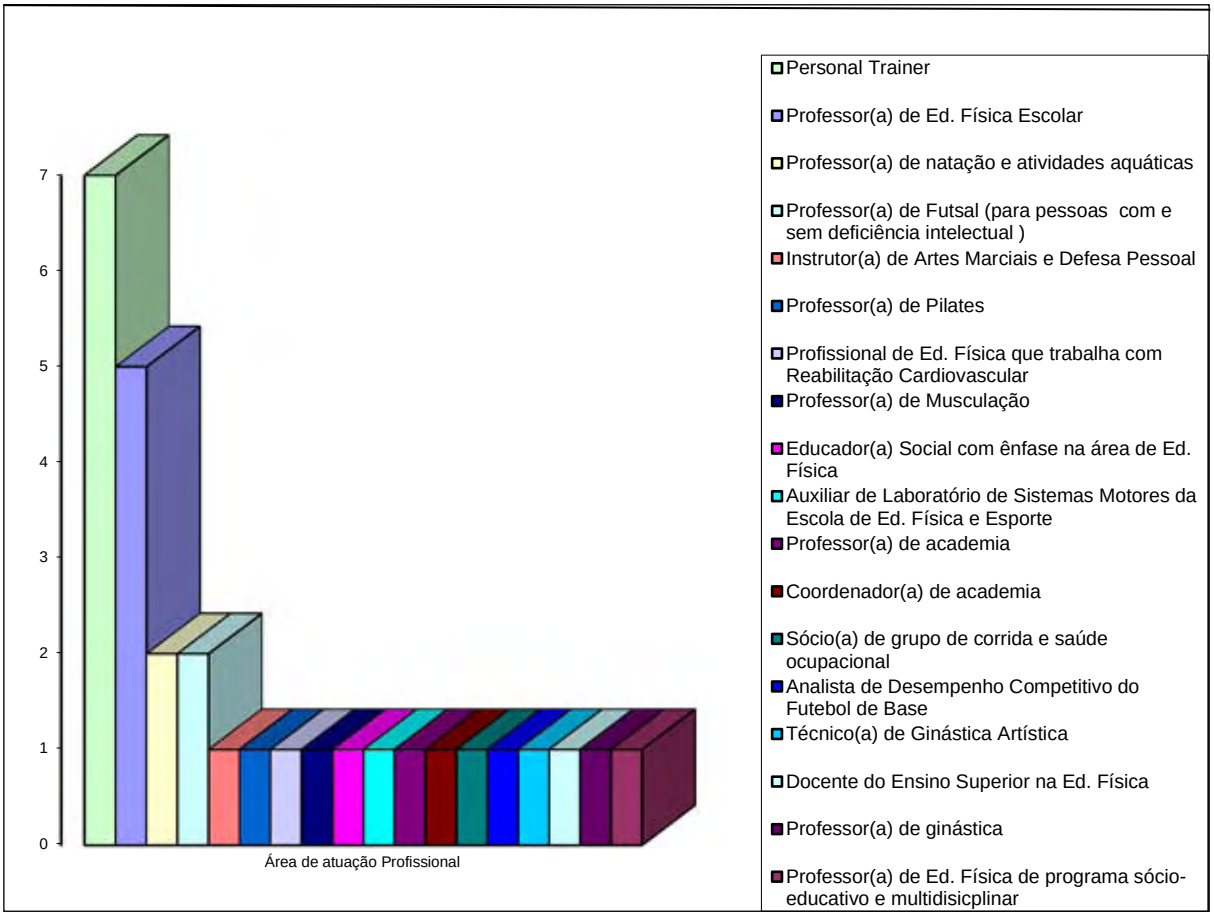

Gráfico 1: Áreas de atuação dos profissionais de Educação Física.

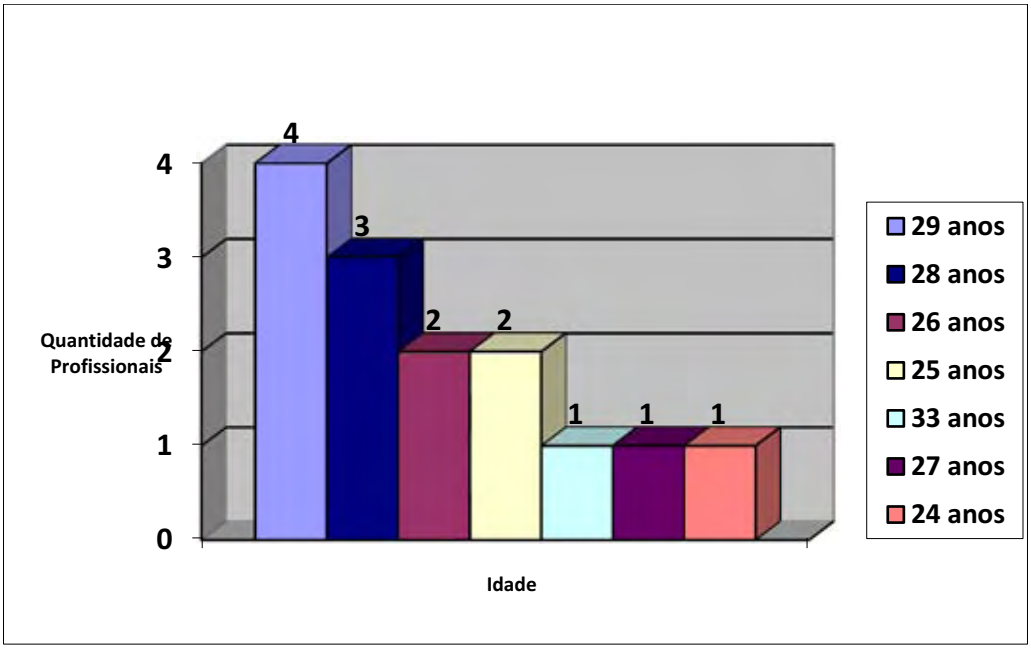

Gráfico 2: Idade dos profissionais de Educação Física.

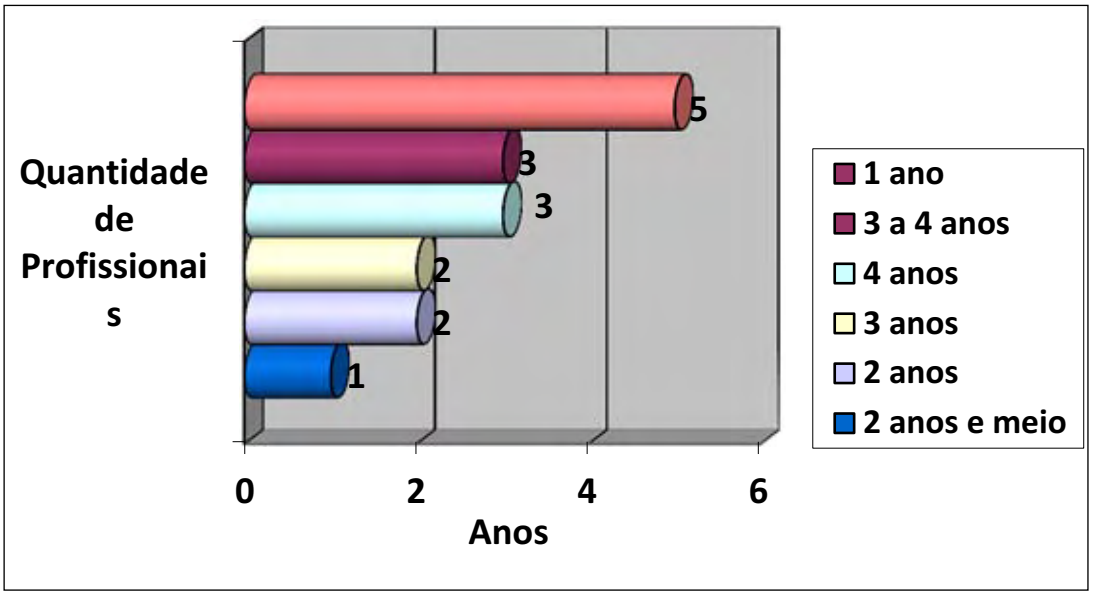

Gráfico 3: Tempo de Permanência no Projeto de Extensão Universitário.

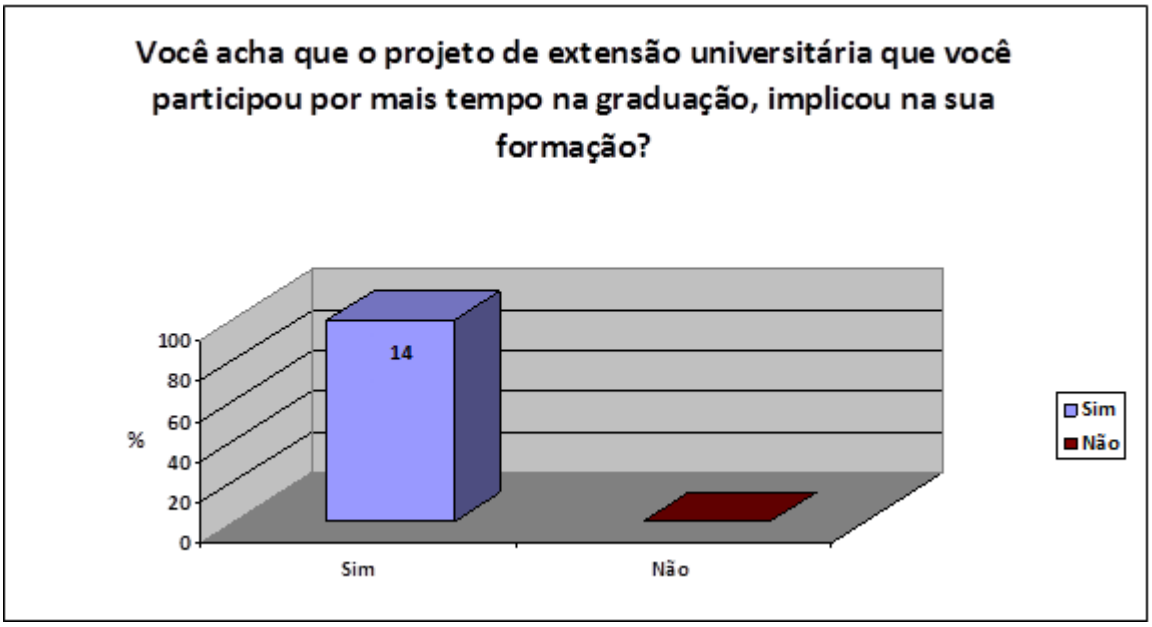

Gráfico 4: Implicação formativa: participação em projetos de extensão

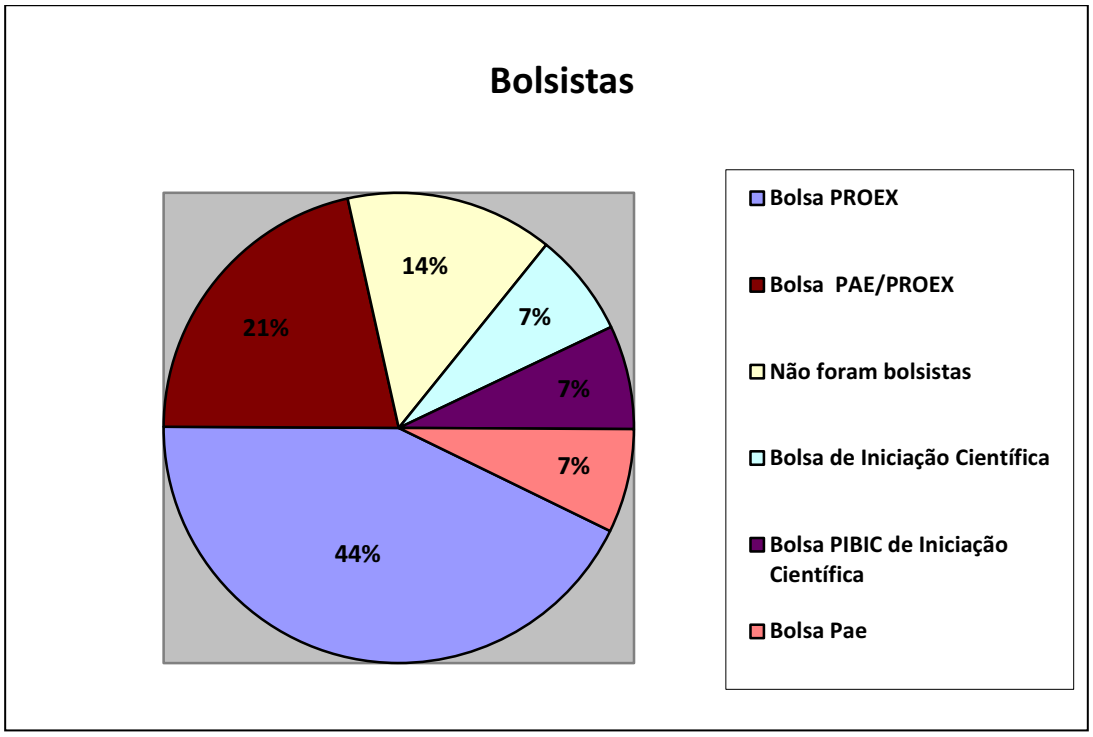

Gráfico 5: Porcentagem de alunos com bolsas para atuar nos projetos de extensão.

ANEXO 1

Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru
Faculdade de Ciências

O **Comitê de Ética em Pesquisa** da **Faculdade de Ciências** da **Universidade Estadual Paulista – UNESP**, em sua **61ª Reunião Ordinária** realizada no dia **07 de abril de 2011,** no Prédio do STI da **Faculdade de Ciências - UNESP**, Campus de Bauru, às 09h00, após análise do parecer emitido pelo relator **APROVA** o projeto "A extensão universitária na formação inicial em Educação Física: a constituição dos saberes e as implicações formativas", **Processo nº 3422/46/01/11,** sob responsabilidade da Professora Doutora Dagmar Hunger.

Bauru (SP), 07 de abril de 2011

PROF. DR. ARI FERNANDO MAIA
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Av. Engº Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa - Bauru-SP - CEP: 17.033-360
Fone: (14) 3103-6187 - email: ceiarf@fc.unesp.br

Fls.: 106
Proc.: 342/04
Rub.:

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
Faculdade de Ciências
Departamento de Educação Física

Bauru, 31 de março de 2011.

INTERESSADA: Profa. Dra. Dagmar Hunger
ASSUNTO: Parecer ao Projeto de Pesquisa "A extensão universitária na formação inicial em Educação Física: a constituição dos saberes e as implicações formativas" submetido ao Comitê de Ética

As autoras se propõem a investigar o papel da extensão universitária na formação inicial do licenciado pleno em Educação Física e suas implicações formativas, analisando a constituição dos saberes (da formação inicial, disciplinares, curriculares e experienciais) definidos por Tardif (2008). Tal proposta de investigação representa a possibilidade de uma contribuição ímpar para a área, haja vista a reduzida produção de conhecimento sobre o tema. Para tanto, serão realizadas investigações ancoradas na análise bibliográfica, questionário e entrevista semi-estruturada, envolvendo ex-alunos formados no curso de Licenciatura em Educação Física e que tenham, ao longo do referido curso, participado de algum projeto de extensão por volta de 1 a 2 anos. Junto à proposta do estudo são apresentados: a folha rosto para pesquisa envolvendo seres humanos, bem como, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destacando que a qualquer momento o sujeito participante tem total liberdade para deixar de ser informante da mesma, e o currículo da orientadora.

Considerando os aspectos acima pontuados, tendo em conta o atendimento às normas estabelecidas pela Comissão de Ética em Pesquisa, manifesto parecer FAVORÁVEL ao projeto em questão e a expectativa bastante otimista com relação às contribuições de tal estudo para a formação profissional na Educação Física.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira

ANEXO 2

Questionários sobre extensão universitária

Profissional 1 (P1)

Idade: 29 anos. Sexo: (X) F ( ) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2001 Ano de Conclusão: 2005

Formação complementa após a graduação: Mestrado (em andamento) – área de concentração Pedagogia do Movimento Humano/EEFE-USP.

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Educação Física Escolar (Fundamental II e médio), Educação Física Adaptada (Def. Intelectual), Professora de natação e hidroginástica.

Onde atua?

Resp: Escola Estadual, Projeto de Extensão CEPEUSP (futebol/futsal para pessoas com Deficiência Intelectual) e Academia de Ginástica e natação.

Público ou privado?

Resp: Público e Privado.

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: 1

Nome do projeto que participou (mais tempo): Natação para pessoas portadoras de necessidades especiais.

Tempo de permanência no projeto: 3 anos.

Atuo no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Resp: Implicou em minha formação pessoal, profissional e acadêmica.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: A importância de planejar, sistematizar e delinear objetivos para o programa de intervenção.

Questões relativas à individualidade e particularidade das Deficiências. Focar nas potencialidades e não nas dificuldades das pessoas com Deficiências. Adaptações frente às dificuldades cotidianas.
Não subestimar as potencialidades das pessoas com Deficiência

A falta de experiências acarreta em dificuldades, portanto proporcione o máximo de vivências possíveis em todos os aspectos da vida dessas pessoas.
Caso o objetivo não seja alcançado, não culpe a pessoa ou a deficiência, analise os procedimentos utilizados.

A super-proteção pode acarretar na diminuição da autonomia.

Profissional 2 (P2)

Idade: 27 anos Sexo: ( ) F (X) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2002 Ano de Conclusão: 2006

Formação complementar após a graduação: Curso de Conceitos Atuais em Treinamento de Força Aplicados à: Estética, Saúde e Desempenho Esportivo, 2010 e Aprimoramento Profissional no Cemenutri, 2008. Unesp – Botucatu, não concluído.

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Treinamento resistido e condicionamento físico geral, como personal trainer.

2009-Atual – Personal Trainer – Bauru
Prestação de serviços de personal trainer, com treinamento resistido, aeróbio e flexibildiade
Principais Atividades: Avaliação, Prescrição e periodização de treinamento para saúde e estética

2008–Atual - Academia Sinthesis Personal Fit – Bauru
Cargo: Instrutor de Musculação
Principais Atividades: Prescrição e controle de treinamento resistido, Avaliação Física, Periodização de Treinamento Aeróbio e Resistido para competição

2007 – Academia Nadart Camélias – Bauru
Cargo: Instrutor de Musculação
Principais Atividades: Prescrição e controle de treinamento resistido

2006 – Academia Saúde e CIA 2 – Bauru
Estagiário em musculação
Principais Atividades: Presicrição e controle de Treinamento Resistido
2005-2006 – SESI – Serviço Social da Industria
Estagio extra-curricular na escola do Sesi Bauru 358
Pricipais Atividades: recreação nos intervalos, planejamento de atividades em datas comemorativas, ações entre pais e alunos

2004-2005 – Canto do Bentevi
Estágio extra-curricular em recreação Infantil
Principais Atividades: brincadeiras e jogos para crianças do ensino fundamental e básico

2002-2004 – Academia L'equipe - Ibitinga
Cargo: Estágiário de Musculação e Natação Infantil.

Principais atividades: Avaliação e prescrição de treinamento resistido, aulas de Natação Infantil 2 a 6 anos

Onde atua?

Resp: Academia de Ginástica e/ou residências particulares.

Público ou privado?

Resp: Privado.

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: 1

Nome do projeto que participou (mais tempo): Unesp e Vila Vila Vicentina: Compartilhando experiências.

Tempo de permanência no projeto: 1 ano

Atuo no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (x) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Resp: Implicou no sentido de me fazer ter contato com um público de idade mais avançada e com diversos históricos de nível de atividade física, com e sem patologias e dos mais variados perfis psicológicos. Dessa maneira pude agregar muitas situações com particularidades importantes do ponto de vista da dimensão procedimental do trabalho em sua prática. O que por muitas vezes me ajuda em situações de trabalho atualmente, tendo em vista que há uma demanda cada vez maior desse publico no mercado de trabalho, procurando por exercício físico para manutenção da saúde na terceira idade.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: Aprendi a entender melhor as limitações e necessidades de um publico de terceira idade, que supera um entendimento conceitual, no sentido de vivenciar as dificuldades de aplicação de metodologias e jogos para uma população institucionalizada já há algum tempo. Aprendi a conviver com situações práticas relacionadas à motivação e/ou desmotivação para a prática de exercícios físicos que são objetivamente diferentes das aprendidas dentro de um curso de graduação. Entendi que o histórico de vida do indivíduo influência não só em sua capacidade de execução de determinado movimento, mas também em seu desejo e prazer ao realizá-lo. Aprendi na elaboração de relatório, dos resultados do projeto que poucas instituições que prestam assistência a esse público em todo o Brasil, fazem acompanhamento do ponto de vista de medidas e avaliações físicas com idosos. Foi importante também, pois foi um dos poucos contatos que tive com o mundo acadêmico fora as disciplinas da grade curricular e me proporcionou uma participação em Congresso e apresentação de painel.

Profissional 3 (P3)

Idade: 28 anos Sexo: ( ) F (X) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2002 Ano de Conclusão: 2005

Formação complementar após a graduação: nenhuma (que vergonha...).

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Professor de Educação Física do Ensino Fundamental, Professor de Futsal e Instrutor de artes marciais e defesa pessoal.

Onde atua?

Resp: Escola Guedes de Azevedo e Dojo Aikido Bauru.

Público ou privado?

Resp: Privado.

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: 1

Nome do projeto que participou (mais tempo): Aikidô na UNESP.

Tempo de permanência no projeto: 2 anos (2004-2005).

Atuou no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Resp: Eu acredito que existe uma diferença abissal entre teoria e prática. No período de graduação os professores, e consequentemente os alunos, ficam excessivamente presos à teoria, o que dificulta na hora de ensinar ou mediar qualquer situação prática. Quando um aluno da graduação participa diretamente das atividades de extensão, ele pode experimentar o que aprende na sala de aula dentro de um contexto mais próximo da experiência profissional. Eu acredito que em função do que falei acima, tive menor dificuldade de adaptação ao atuar na área como profissional.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: A proposta do projeto era atender não só os alunos e funcionários da faculdade, mas toda a comunidade. Nesse aspecto de divulgação falhei muito, pois houve pouca procura extra faculdade.

A relação de lidar com o público, principalmente de Aikidô, não era nova para mim, pois sempre dei aulas para crianças carentes e adultos. O que foi novidade nesse sentido foi a experiência de poder ensinar a arte marcial e ao mesmo tempo aplicar conceitos aprendidos na sala de aula e debater essas relações de aprendizagem em sala de aula.

E somado a isso a oportunidade de fazer algo pelo social, de compartilhar ensinamentos, lições de vida. A minha idéia inicial era dar aulas e não ganhar absolutamente nada com isso. Mas o professor [...], praticante de karate-do e professor de várias disciplinas na mesma faculdade, achou

que deveria unir o útil ao agradável e decidimos realizar um projeto de extensão com bolsa PAE/PROEX.

Profissional 4 (P4)

Idade: 24 anos Sexo: (X) F ( ) M

Formação acadêmica

Curso(s):Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2005 Ano de Conclusão: 2009

Formação complementar após a graduação: XXXXXXXXXXXXX

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Educação Física escolar e Treinamento físico individualizado (Personal Trainer).

Onde atua?
Resp: Programa Segundo Tempo – Prefeitura Municipal de Bauru e Clínica Corpore.

Público ou privado?
Resp: Programa Segundo Tempo – Público e Clínica Corpore – Privado.

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: Um.

Nome do projeto que participou (mais tempo): Projeto Hipertensão: Prescrição de atividade física para pessoas portadoras de hipertensão arterial e diabéticos, vinculados ao Núcleo de Saúde do bairro Otávio rasi, Bauru-SP.

Tempo de permanência no projeto: 4 anos.

Atuou no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não
De Abril de 2005 até Junho de 2008.

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Resp: Quando iniciei a graduação meu objetivo principal era trabalhar com iniciação esportiva, uma vez que fui atleta durante muito tempo e tinha interesse em continuar nesta área. O projeto mudou meu ponto de vista com relação as áreas de atuação da Educação Física e despertou em mim um grande interesse em trabalhar na área da saúde.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: Participar do projeto de extensão tornou mais estreita a relação entre aluno de graduação e educador físico, uma vez que participei ativamente das atividades, pude realizar avaliações, prescrever exercícios e, no decorrer dos anos acrescentei outros conhecimentos e diferentes formas de prática à teoria aprendida em sala de aula. Os resultados obtidos com a execução do projeto são muito favoráveis e despertaram ainda mais o interesse em continuar nesta área. Somado ao ganho científico, o projeto também mostrou a importância do relacionamento interpessoal, da convivência em grupo e reforçou alguns princípios como educação, responsabilidade e respeito. Além disso, os trabalhos desenvolvidos ao longo no projeto possibilitaram o acesso aos eventos relacionados à área permitindo que os resultados fossem apresentados em reuniões, simpósios e congressos científicos de grande importância. Durante o projeto fui bolsista FAPESP e desenvolvi um trabalho sobre custos do tratamento de pacientes hipertensos, com este projeto ampliei meus conhecimentos e tive maior oportunidade de me dedicar aos estudos.

Dentre tudo o que aprendi no projeto, acredito que profissionalmente a vivência dentro de um laboratório contribuiu muito para o meu trabalho nos dias atuais (avaliações físicas, análise de resultados, prescrição de treinamento, etc). E, além disso, compreender qual a melhor forma de lidar com pessoas de outra faixa etária, aprender sobre a vida com os participantes do projeto, enfim, todas as aulas ministradas no projeto sempre traziam algum aprendizado.

Profissional 5 (P5)

Idade: 26 anos Sexo: (X) F ( ) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2004 Ano de Conclusão: 2008

Formação complementar após a graduação: Pós- Graduação na Neurociência e comportamento motor – mestrado incompleto.

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Personal Trainer.

Onde atua?

Resp: Autônoma (Personal).

Público ou privado?

Resp: Privado (PERSONAL).

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: 1

Nome do projeto que participou (mais tempo): Aprendendo com o corpo deficiente.

Tempo de permanência no projeto: 3 anos.

Atuo no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Resp: Atuo como personal de alunos que necessitam de adaptações, o projeto me ajudou na elaboração dessas adaptações para que o aluno sinta-se o mais a vontade possível para realizar a atividade sem se sentir frustrado devido a qualquer tipo de limitação aparente.
Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: O projeto me ensinou enxergar o potencial de cada aluno independente da sua deficiência ou limitação.(este foi o aspecto mais importante).
Me ensinou a lidar com doenças degenerativas e progressivas de forma natural, me distanciando de qualquer tipo de sentimento de "Dó" que poderia prejudicar minha atuação profissional.
Me ensinou também a lidar com a família do deficiente de forma sincera e segura, para conseguir apresentar para essa família "o que existe além da deficiência".

Profissional 6 (P6)

Idade: 26 anos Sexo: ( ) F (X) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2004 Ano de Conclusão: 2008

Formação complementar após a graduação: Especialização em Reabilitação Cardiovascular Primária e Secundária e Fisiologia do Exercício pelo Instituto do Coração- InCor-HCFMUSP.

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Área da saúde: Reabilitação Cardiovascular; Pilates; Personal Trainer.

Onde atua?

Resp: Instituto do Coração – InCor, cidade de São Paulo e Estúdio de Pilates Próprio.

Público ou privado?

Resp: Privado

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: 2

Nome do projeto que participou (mais tempo): A saúde do trabalhador da saúde: efeitos de um condicionamento físico supervisionado.

Tempo de permanência no projeto: 2 anos e mei.

Atuou no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Resp: Depois que comecei no projeto eu mudei a área de interesse que tinha na Educação Física, começando a estudar mais a área da saúde.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: Fisiologia do exercício, doenças crônicas (hipertensão, diabetes, obesidade, síndrome metabólica...), técnicas de aferição de pressão arterial, realização de testes ergométricos, aulas práticas e teóricas, participação em congressos, avaliações físicas.

E acredito que todas essas foram e são muitos importantes para minha profissão, pois trabalho com todas.

Profissional 7 (P7)

Idade: 28anos Sexo: (X) F ( ) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2005 Ano de Conclusão: 2008

Formação complementar após a graduação: nenhuma.

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Professora de musculação e personal trainer (até Junho de 2011) e Educadora social com ênfase na área de Educação Física.

Onde atua?

Resp: Academia Medley (Piracicaba) e Legião da Boa Vontade (LBV – a partir de Junho de 2011).

Público ou privado?

Resp: Privado

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: três.

Nome do projeto que participou (mais tempo): Atletismo na Unesp.

Tempo de permanência no projeto: quatro anos.

Atuo no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Resp: Responsabilidade, comprometimento, organização.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: Com certeza foi muito importante, pois esse foi meu primeiro contato com a prática em minha profissão, onde deu para perceber que a prática não é tão simples como a teoria ela necessita de adaptações no momento para que se desenvolva, além de desenvolver minha fala com as pessoas sobre meu conhecimento e modo de explicação.

Profissional 8 (P8)

Idade: 33 anos Sexo: ( ) F (X) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2001 Ano de Conclusão: 2005

Formação complementar após a graduação: Especialização em Educação Física Escolar, no Centro Universitário UNIFMU.

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Educação Física Escolar

Onde atua?
.
Resp: Prefeitura e Estado de São Paulo.

Público ou privado?

Resp: Público.

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: 1 (um).

Nome do projeto que participou (mais tempo): Ensinando e Aprendendo Handebol.

Tempo de permanência no projeto:1 ano.

Atuo no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Resp: O projeto foi importante, pois, pudemos nos aproximar, efetivamente, do cotidiano profissional. Nele aprendemos de fato a elaborar aulas (ainda que em conjunto), elaborar estratégias que fossem dinâmicas, motivantes, não excludentes, que todos pudessem participar ao mesmo tempo, a adaptação de materiais e espaços e a percepção das dificuldades que apresentavam os alunos para que pudéssemos mais uma vez discutir e refletir sobre a prática e criar situações para que pudessem ser sanadas ou ao menos minimizadas. Como as decisões eram sempre em grupo, respeitar os pontos de vista diversos, as sugestões e críticas também foram importantes para o crescimento não só profissional quanto pessoal; uns procuravam sempre auxiliar os outros, não havia competição entre os membros do grupo. Além disso, tivemos a oportunidade de discutir, construir e apresentar trabalhos sobre o projeto que foram enviados para congressos científicos da área.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: Desde que saí da universidade trabalho na área escolar e sempre uso os “ensinamentos” do projeto, principalmente na elaboração de estratégias diferenciadas que auxilie no processo de ensino aprendizagem, para as aulas serem mais motivantes aos alunos e, sobretudo, para que não sejam excludentes. Além disso, vou aos congressos da área para continuar meu processo de formação continuada e, sempre que possível, levo algumas experiências do meu cotidiano escolar. Infelizmente as discussões com colegas da área são reduzidas, impossibilitando a troca rica de experiências que tinha no projeto. Cada dia no projeto foi muito importante, com aprendizagens diferentes e todas muito importantes, sobretudo para este processo de formação profissional infindável. No entanto, as aprendizagens relacionadas a criação de estratégias diferenciadas e as de construir e compartilhar informações sobre o cotidiano profissional em congressos científicos são as que julgo de maior relevância, pois são significativos para meus alunos e me instigam a melhorar sempre minha prática pedagógica. Projetos desta natureza, que aproximem a realidade da profissão com o saber científico são de grande valia e merecem uma abrangência maior nos campos universitários para a formação de profissionais melhor preparados para sua área de trabalho.

Profissional 9 (P9)

Idade: 29 anos Sexo: ( ) F (X) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2002 Ano de Conclusão: 2006

Formação complementar após a graduação: Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (Unesp – Bauru).

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Educação Não Formal – Programa sócio-educativo multidisciplinar em horário alternado à escola.

Onde atua?

Resp: Programa Curumim (SESC – Serviço Social do Comércio, Santos, SP)

Público ou privado?

Resp: Privado

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: 2

Nome do projeto que participou (mais tempo): PROMOV – Aprendizagem Esportiva Escolar: um caminho para o desenvolvimento integral.

Tempo de permanência no projeto: 1 ano.

Atuo no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Resp: O projeto de extensão foi muito importante na minha formação, pois me propiciou teorizar e fundamentar tais teorias nas atividades práticas com um grupo de crianças de uma escola da periferia de Bauru que, conjuntamente a Secretaria de Educação do município foi indicada pela defasagem de estrutura e difícil acesso às atividades físicas/esportivas. Outras contribuições foram o trabalho sistemático na avaliação do comportamento motor e habilidades sociais das crianças envolvidas, bem como planejamento de atividades e fomento à pesquisa também estruturados, facilitadoras, portanto, do tripé base da universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: As aprendizagens adquiridas foram de vários níveis, desde as mais técnicas ou especializadas como teorias de autores que deram margem ao trabalho: Vygotsky, Freire, Le Boulch, Gallahue, além das metodologias de trabalho sendo relevante a conversa ou círculo de diálogos no inicio e fim das atividades com as crianças não focando simplesmente o conteúdo da atividade em si, mas valores ou conceitos em prol de uma melhor sociabilização e afetividade entre crianças e seus pares, bem como crianças e professores (alunos em formação). Foi importante também ter uma visão mais ampla da universidade no que concerne a extensão, tal trabalho também rendeu pesquisas, mas não foi essa sua maior significância e sim a de ter proporcionado acesso, promoção e aproximação entre universidade com seu conhecimento técnico e um grupo social carente, sendo que a troca foi de grande valia para ambas as partes.

<u>Profissional 10 (P10)</u>

Idade: 25 anos Sexo: (X) F ( ) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2005 Ano de Conclusão: 2008

Formação complementar após a graduação: Mestrado em Biodinâmica do Movimento Humano (cursando).

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua: pesquisa em controle motor.

Onde atua?

Resp: Laboratório Sistemas Motores, Escola de Educação Física e Esporte da Usp, SP (até Junho de 2011), Academia CIA Atlética e nas casas dos alunos fazendo personal (a partir de Junho de 2011).

Público ou privado?

Resp: Privado.

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: um.

Nome do projeto que participou (mais tempo): Projeto de Extensão Karatê na Unesp.

Tempo de permanência no projeto: 4 anos.

Atuo no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Reps: Contato professor aluno, motivação, aplicabilidade das disciplinas, noções de compromisso e trabalho.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: Responsabilidade, comprometimento coordenador/alunos/professor, busca por melhoras nas aulas, inovação e motivação para aulas, relação professor/aluno.
As mais importantes foram relação professor aluno, responsabilidade busca por melhoras nas aulas.

Profissional 11 (P11)

Idade: 28 anos Sexo: ( ) F (X) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2001 Ano de Conclusão: 2005

Formação complementar após a graduação: XXXXXXXXXXX

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Atuo na área de musculação em academia como personal trainer e coordenador de uma academia, e como sócio e professor de um Grupo de Corrida.

Onde atua?

Resp: Atuo como personal trainer na academia do Bauru Tênis Clube e na academia Sinthesis Personal Fit. Como coordenador da academia do Bauru Tênis Clube. Como sócio e professor do Grupo de Corrida chamado “Laboral Runners: Saúde Ocupacional”.

Público ou privado?

Resp: Todos privados.

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: 2

Nome do projeto que participou (mais tempo): Projeto de Condicionamento Físico: Trabalho Individualizado.

Tempo de permanência no projeto: 1 ano.

Atuo no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?
Resp: Implicou sim. Nos aspectos de escolha da área de atuação em que iria trabalhar, levando em consideração que usei todos os dados coletados no projeto em minha monografia de conclusão do curso, que foi a “Importância da Avaliação Física na prescrição de programa de condicionamento físico”.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: A idéia inicial do Projeto era pegarmos 10 alunos inscritos pela comunidade, dentre eles trabalharíamos diferentes objetivos pessoais como condicionamento físico, emagrecimento, estética. Dividíamos os treinos em um circuito que trabalhava RML (Resistência Muscular Localizado) na segunda-feira, um treino contínuo (caminhada, intervalado ou corrida dependendo do condicionamento físico do aluno) na quarta-feira e um treino com mini-jogo de alguma modalidade (basket, vôlei, futsal) para descontrair os alunos na sexta-feira. Porém, em 2 semanas de trabalho com o Projeto surgiram várias inscrições e tivemos de aumentar o número de vagas.
Com isso, o Projeto me ensinou muito a trabalhar com pessoas diferentes, com objetivos diferentes, pensamentos diferentes de lidar com os treinos (alunos dedicados e alunos reclamões), com vidas totalmente diferentes (classe social), o que me proporcionou uma grande vivência.

Mas o que mais eu aprendi e que hoje é imprescindível para minha profissão foi a questão do PLANEJAMENTO, pois hoje tudo o que vou fazer nos meus trabalhos exige planejamento o tempo todo. Como periodizar um treino pensando no tipo de trabalho que o aluno exerce (sentado, em pé, tempo de trabalho), no objetivo, tempo que busca esse objetivo e acima de tudo respeitando os limites individuais de cada um.

Fora isso, aprendi muito a trabalhar em equipe, estudar com mais pessoas, saber escutar opinião de outras pessoas e acima de tudo compartilhar conhecimento.

Profissional 12 (P12)

Idade: 29 anos Sexo: (X) F ( ) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2002 Ano de Conclusão: 2006

Formação complementar após a graduação: Participação em congressos e cursos da área escolar, desenvolvimento motor e educação infantil e Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (Unesp – Bauru).

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Educação Física e Saúde.

Onde atua?

Resp: Academia Espaço Lazer e Saúde.

Público ou privado?

Resp: Privado.

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: 1

Nome do projeto que participou (mais tempo): Educação Física para pré-escolares: uma necessidade.

Tempo de permanência no projeto: 2 anos.

Atuo no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Resp: Sim, aprendi como planejar e aplicar os conteúdos específicos para a faixa etária dos dois a seis anos de idade. Como se comportar como professor, durante as explicações das atividades, com imprevistos, a superar algumas dificuldades encontradas com pais, indisciplina e desinteresse da turma, falta de materiais e problemas com espaço e infra-estrutura.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: Aprendi mais sobre o desenvolvimento humano, mais especificamente sobre o desenvolvimento motor para esta faixa etária e a avaliar os estágios de desenvolvimento motor. E essa aprendizagem foi essencial quando ministrei aulas em uma escola de educação infantil e depois transferir esse conhecimento para as aulas de natação infantil que ministro até hoje.

Profissional 13 (P13)

Idade: 29 anos Sexo: ( ) F (X) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2002 Ano de conclusão: 2006

Formação complementar após a graduação: Pós Graduação em Ciência da Motricidade (nível mestrado) Cursando.

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Esporte de Alto Rendimento.

Onde atua?

Resp: São Paulo Futebol Clube.

Público ou privado?

Resp: Privado.

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: 1 (um).

Nome do projeto que participou (mais tempo): Futebol: educando pelo lazer.

Tempo de permanência no projeto: Aproximadamente um ano (198 horas).

Atuo no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não.

Em quais aspectos?

Resp: No entendimento dos aspectos relacionados à liderança de um grupo de profissionais.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: A função que eu exercia implicou na minha formação em entender a importância de escolher os conteúdos a ser discutido nas reuniões preparatórias com os outros participantes e ajudar os demais nas atividade de intervenção nas aulas de futebol. Além disso, o fundamental foi a compreensão das limitações de cada integrante da equipe de trabalho. Por fim, foi à experiência única, onde atuei junto a crianças de classe social baixa que apresentam inúmeras dificuldades com higiene, nutrição e escolaridade. porque até então não havia atuado no ensino de futebol com um público com essas características. Fato que me obrigou a adequar os conteúdos ministrados as características do grupo de trabalho.

Profissional 14 (P14)

Idade: 25 anos Sexo: (X) F ( ) M

Formação acadêmica

Curso(s): Licenciatura Plena em Educação Física.

Instituição: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ano de ingresso: 2004 Ano de Conclusão: 2007

Formação complementar após a graduação: Pós Graduação LatuSensu – Especialização em iniciação do treinamento esportivo na infância e adolescência (FEFISA – Santo André).

Atuação profissional

Em que área ou áreas da Educação Física atua?

Resp: Educação Física Escolar, Treinamento de Ginástica Artística e Área Acadêmica.

Onde atua?

Resp: Prefeitura Municipal de Sorocaba, Prefeitura Municipal de Boituva e Faculdades Anhanguera (Unidade Uirapuru – Sorocaba).

Público ou privado?
Resp: Público, Público e Privado.

Projeto de extensão universitária

Participou de projetos de extensão universitária na graduação: (X) Sim ( ) Não

Quantos: 1

Nome do projeto que participou (mais tempo): Projeto de Ginástica Artística – Extensão a Comunidade.

Tempo de permanência no projeto: 3 anos.

Atuo no projeto no ano de 2005? (X) Sim ( ) Não

Você acha que o projeto de extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação, implicou na sua formação? : (X) Sim ( ) Não

Em quais aspectos?

Resp: Tanto o projeto, quantos todos os estágios que eu fiz na área da ginástica durante a graduação me ajudaram conhecer melhor os processos de iniciação acerca da modalidade e a melhorar cada vez mais a abordagem e o tratamento pedagógico com as crianças praticantes de ginástica.

Mencione todas as aprendizagens que você teve no projeto de extensão universitária que participou? E cite quais foram as mais importantes para você profissionalmente?

Resp: Acho que maior contribuição do projeto na minha formação foi a experiência de lidar diretamente com as crianças, organizar e aplicar as aulas, ter que lidar com toda a parte pedagógica de treino para crianças. Os conhecimentos técnicos específicos da modalidade eu adquiri mais na minha carreia como atleta e os cursos técnicos voltados para a ginástica artística e não diretamente no projeto. O projeto me possibilitou aplicar e desenvolver melhor esses conhecimentos.

ANEXO 3

Transcrição das Entrevistas

P1

Entrevistadora: Nesse primeiro momento, nós vamos fazer essa parte do seu histórico na extensão universitária. Aí você pode ir falando e se você esquecer alguma coisa eu te lembro. Então, como que você se aproximou da extensão universitária? Como você viu a divulgação do projeto? Como que você conheceu? Se você sabia o objetivo do projeto ou não? Por que você foi atrás desse projeto?

P1: Olha... Na verdade eu já sabia do projeto desde o princípio do projeto de extensão de natação pra deficiente intelectual, natação pra pessoas portadoras de necessidades especiais, esse seria o nome do projeto. Desde que eu entrei na faculdade eu já sabia que tinha esse projeto, mas a princípio assim, através de alunos, né? Fiquei sabendo através dos alunos. Eeeee... (silêncio para pensar) de alunos que já participavam, da [...], tudo mais, que já participavam do projeto.

E depois de um tempo, né? Eu fiz o... aquele trabalho com a professora [...], né? De escalada indoor e tudo mais. Fomos pra congresso e eu acabei me interessando no 3º ano, eu estava. Foi né? No 3º ano eu comecei. Foi (afirmação).

Eeeee... Aí eu comecei a participar mesmo assim do projeto, tinha vínculo com a bolsa PAE também que eu recebi. Porque eu era, através da bolsa PAE eu era obrigada assim, eu tinha que desenvolver algum trabalho acadêmico dentro da faculdade.

Entrevistadora: E a bolsa PAE era uma bolsa de pesquisa?

P1: Era uma bolsa de auxílio universitário mesmo. Era uma bolsa de... Social, de assistência social mesmo, essa bolsa PAE. No primeiro ano eu desenvolvi com a professora [...] o de escalada indoor. No segundo ano eu não tive a bolsa PAE, aí eu fiquei meio, né? Naquela peregrinação entre os projetos e aí eu comecei a trabalhar na academia. E aí no terceiro ano saiu a bolsa, e aí eu comecei a pensar. Nossa, e o que é que eu vou fazer? Aí, surgiu essa oportunidade de participar do projeto de extensão de pessoas portadoras de necessidades especiais, e aí eu resolvi encarar e me identifiquei bastante com o projeto. Mas o primeiro, o tapa inicial, realmente foi a bolsa e a necessidade de desenvolver um projeto, desenvolver alguma coisa dentro do meio acadêmico, alguma pesquisa...

Entrevistadora: Mas assim, então a partir da bolsa você correu atrás do projeto? Você conheceu por alguns alunos?

P1: Ééé... Eu já conhecia antes e aí a bolsa foi um tapa inicial para eu ir atrás dessa questão das pessoas com necessidades especiais, uma vez que eu já tinha experimentado outra coisa que era a escalada indoor, entendeu? Mas tinha experimentado, gostei, mas não houve a identificação tão profunda, e aí no segundo momento eu resolvi participar do projeto de natação para pessoas com necessidades especiais e aí eu me identifiquei que foi aonde eu acabei ficando até o final da faculdade mesmo.

Entrevistadora: E porque você escolheu esse projeto? Você já queria trabalhar com pessoas portadoras de necessidades?

P1: Entãoooo... Eu tinha, eu tinha um certo interesse sim, por questões particulares, por questões de família. Pessoas que tinham algum, alguma limitação física, intelectual. Eu tinha realmente essa curiosidade, mas não imaginei que eu fosse me identificar tanto, que no primeiro momento quando eu entrei pra faculdade, eu não procurei logo de cara esse aspecto. Eu fui experimentar outras coisas e depois no 3º ano é que eu fui procurar alguma coisa relacionada a limitações físicas, intelectuais e múltiplas que tinham também no projeto. E aí eu acabei me identificando. Ahhhh...

Entrevistadora: Logo de cara você ficou sabendo assim, qual era o objetivo do projeto? Ou não?

P1: Então, eu fiquei sim sabendo qual era o objetivo do projeto, nééé ...

Entrevistadora: Lembra? Mais ou menos?

P1: Olha, eu lembro mais ou menos, na verdade é, faz bastante tempo, na verdade. (risos). Eu lembro do objetivo do projeto, mas num sentido mais amplo, né...Que era um projeto vinculado a instituição SORRI de Bauru[1], que oferecia ahhhh... habilidades aquáticas, aulas de natação mesmo, pra pessoas com necessidades especiais. Aí lá tinha deficientes múltiplos, visual, intelectual, físico, tinha deficiente só intelectual, tinha deficientes físicos e intelectuais. E a instituição SORRI visa uma maior autonomia do deficiente. Então, o objetivo do projeto era promover realmente promover uma autonomia dentro do ambiente aquático, um estímulo que viesse a proporcionar fora da água algumas também... (pausa) Dentro da água uma certa liberdade, uma certa independência, autonomia, mas fora da água também, sei lá, algum benefício no aspecto motor talvez, pelo menos eu acredito que seja esse também um dos princípios. Mas quando isso não é atingido, pelo menos dentro da água ele se sente capaz.

Quando eu digo fora da água, eu digo assim, questões de autoestima, não só de desenvolvimento motor, porque muitas vezes quando o deficiente, ele é hipertônico, ele só tem o momento de relaxamento de alguma coisa dentro da água, né? E muitas vezes, essa hipertonia quando ele sai da água ela retorna. Não é uma coisa a longo prazo. Mas quando eu digo fora da água, também é a questão da perda de peso, da autoestima, de ter realmente uma outra perspectiva, né?

Teve lá aquela menina que participou do da... das Olímpiadas especiais na Irlanda. Mas eu também não vou lembrar agora o nome dela. Mas ela participou e isso motivou, todos queriam participar e infelizmente a gente só tinha 10 vagas, na época pra participar do projeto e do programa. Mas causou assim, essa ida da garota pra Irlanda, causou um impacto no projeto e aí...

Entrevistadora: E aí ela foi pra paraolimpíada?

P1: Não. Ela foi para as Olímpiadas especiais, que é de deficiente intelectual só, a Special Olympics. E eles se motivaram cada vez mais e (fala com euforia) todo mundo queria participar e tudo mais... E foi muito legal, então fora da água eu não sei dizer se o objetivo era realment um desenvolvimento motor, mas era proporcionar essa questão da autoetima, né? Da... da valorização da pessoa com deficiência, de que ele é capaz de alguma coisa.

Entrevistadora: Você sabe por que o projeto foi vinculado a Sorri?

P1: Olha, eu não sei porque esse projeto, quando eu entrei ele já era bem antigo. Ele existe a um bom tempo e eu sei que ele ainda está... ele ainda acontece lá em Bauru.

Entrevistadora: Mas ainda vinculado com o pessoal da Sorri?

P1: Ainda vinculado com o pessoal da instituição Sorri. Não sei exatamente qual o motivo.

Entrevistadora: É talvez por ser uma instituição que trabalha com diversos tipos de deficiências, com portadores de deficiências.

P1: Ééé... e também de repente eles tem uma... porque quando você abre pra comunidade, você tem muita procura e como que você vai fazer o processo de triagem pra selecionar as pessoas? Então, dentro da instituição, você tem o fisioterapeuta, tinha terapeutas ocupacionais que podiam indicam, olha essa pessoa é a pessoa que está necessitando mais nesse momento. Tem psicólogos, entendeu? Os professores que trabalhavam com eles, com habilidades manuais, preparando pro trabalho. Então, na verdade, ahhhh... eu acho que foi vinculado a instituição SORRI Bauru, mais por esse motivo também de ter uma seleção que seja honesta, razoável realmente pra aqueles que necessitam, já que o projeto não podia atender a todo mundo, por causa do tamanho, do espaço, da necessidade de água e tudo mais.

[1] Centro de Reabilitação Sorri- Bauru: Instituição que se preocupa em promover os direitos humanos, com ênfase nos direitos das pessoas com deficiências. Promove atividades, palestras e projetos que auxiliem no desenvolvimento de uma sociedade inclusiva e responsável com as necessidades especiais, além de promover o acesso pleno e imediato aos portadores de deficiências, e a participação ativa dessas pessoas no dia-a-dia da comunidade. O Sistema Sorri (SORRI-BRASIL e SORRI-SÃO PAULO) atualmente conta com oito unidades no Brasil, localizadas no Estado de São Paulo em: Bauru, Campinas, São José dos Campos, São Paulo, Sorocaba e Litoral Norte; no Estado do Pará em: Parauapebas e no Estado da Bahia em: Salvador.

Entrevistadora: Entendi. E quando você entrou no projeto, você lembra se tinha um professor que era coordenador ou professora coordenadora?

P1: Tinha, tinha.

Entrevistadora: Eram quantos professores coordenadores?

P1: Era um só. Que eu me lembre, quem realmente coordenava era o professor [...].

Entrevistadora: E pra você ficou claro essa questão da função do professor coordenador e do aluno no projeto de extensão universitária em que você participava? Ficava claro pra você essa distinção, do professor coordenador e do aluno estagiário?

P1: Então, ficou, ficou bem claro sim, no sentido de que o coordenador desse projeto na verdade, ele tinha uma função dentro da Universidade mais voltada pra política, também, além de professor, de coordenar o projeto, de orientação e tudo mais dentro da Universidade, ele tinha uma função política, fazia parte da ADUNESP[2] e tudo mais. O que fazia com que ele tivesse alguns encargos fora de Bauru, né? Então, alguns dias da semana ele permanecia em São Paulo e voltava. O projeto, ele acontecia na 6ª também, se eu não me engano. Eu não lembro exatamente os dias que aconteciam o projeto. Eram dois dias por semana, eeee ele retornava em alguns dias da semana. Então assim, ficou claro no sentido de que, nós nos reuníamos, não tanto quanto nós gostaríamos, mas a gente... (pausa) fazia algumas reuniões sim, nas quais ele dava alguns nortes a respeito do projeto. Então, a gente tinha clareza de qual era a função nossa de estagiário dentro do projeto pra desenvolver. Tínhamos também uma certa autonomia, uma vez que ele não podia estar sempre nesse projeto. Mas ele retornava alguns feedbacks, principalmente...

Entrevistadora: Se você fosse colocar em poucas palavras, quais seriam as funções do aluno estagiário e do professor coordenador, no projeto em que você participou, e que foi perceptível pra você?

P1: Bem, do aluno estagiário seria mais de executor mesmo do projeto, dee... de fazer... de ministrar as aulas, de planejar, de de repente, hãã... elaborar mesmo... elaborar as aulas e também... vamos fazer algum resumo, vamos fazer alguns trabalhos pra apresentar em algum congresso, publicação e tudo mais. Nós éramos quem executávamos realmente, todos os ... Aí os... Como que chama?

Entrevistadora: Planejamentos?

P1: Não o planejamento. Executávamos as...

Entrevistadora: Publicações?

P1: As, as ,as... Gente fugiu a palavra que horror !!! (indignação e espanto)

Entrevistadora: Publicações, resumos?

P1: Como que chama quando você vai lá fazer... O que você fez com a [...]? Os testes, as avaliações. Obrigada. Nossa fugiu a palavra tão baba (risos de todos).

Então, a gente que executava os testes, executava as avaliações pra depois fazer. Lógico que tinha todo olha, uma coordenação no sentido de, olha, vamos fazer esses testes, porque assim, assim e assado, mas quem executávamos éramos nós.

Entrevistadora: Vocês faziam a parte de planejamento, a parte didática, é a execução, né? A parte de pesquisa também?

P1: Sim.

Entrevistadora: Mas ele orientava de alguma forma?

[2] ADUNESP: Associação dos Docentes da Universidade Estadual Paulista.

P1: De alguma forma sim.

Entrevistadora: Como?

P1: Não nessas reuniões esporádicas que a gente tinha, e as vezes nas participações em que ele fazia no projeto eventualmente. Mas não era uma coisa muito linear, vamos dizer assim, não acontecia com a frequência que nós estagiários gostaríamos e necessitávamos.

Entrevistadora: O que você acha que vocês necessitavam?

P1: O que eu acho que ficou faltando, na verdade? Eu acho que de repente ficou faltando uma questão deeee... um planejamento individual, talvez por aluno, uma vez que a necessidade de um não era a mesma que o outro. Então, hoje depois que já passou todo aquele período. Na verdade naquela época, eu não tinha essa visão, mas hoje eu tenho essa visão. De que a pessoa que tem uma necessidade especial, ela precisa de uma atenção realmente especial e individual, uma vez que a necessidade dela pode ser diferente da pessoa que está do lado. Então eu acho, que hoje, depois que passou, eu vejo que faltou um pouco dessa percepção de fazer um planejamento individualizado. Deeee realmente, as metas individualizadas. Isso eu senti que faltou. Hoje eu percebo que faltou um pouco. Eeee... deixa eu ver o que mais que eu acho que faltou, deixa eu lembrar o que eu escrevi no meu questionário (silêncio pensando no que responder). Hãããã...

Olha, mas eu acho que isso daí é a principal falta. Se surgir mais alguma eu vou lembrando no decorrer do nosso bate-papo.

Entrevistadora: E você acha que assim, por você atuar num projeto de extensão universitária, alguém em algum momento passou pra você o que é que era realmente essa extensão universitária? Ou teve a discussão dentro do seu projeto, por exemplo?

P1: Não, não teve.

Entrevistadora: Do que era? De quais as vertentes que a extensão universitária pode ter? Ou da própria extensão em si? Pra norteá-los de uma forma básica?

P1: Não, mas não teve essa questão da pra... Realmente pra mim, claro, uma extensão universitária de uma visão particular minha era realmente, atender e beneficiar de alguma forma, alguma parcela da comunidade que necessitasse daquele auxílio, que nós tínhamos naquele momento. Mas não que essa conversa tenha surgido dentro do proje... , programa mesmo. As discussões eram realmente voltadas pra deficiência, em especial.

Entrevistadora: Você vê a extensão universitária, assim mais como assistencialista?

P1: Olha, na verdade eu vejo como sendo uma troca, literal, entendeu? Do mesmo jeito em que a gente assiste, que a gente dá uma assistência pras pessoas que necessitam daquele programa, naquele momento. Nós também somos beneficiados pela troca, você aprende de alguma forma, como trabalhar com essas pessoas, também tem a questão acadêmica de publicações e de poder atuar nesse âmbito mais acadêmico, mas ao mesmo tempo eles também recebem de alguma forma alguma coisa que vem da Universidade. Então, eu vejo o programa de extensão, o projeto de extensão como sendo uma troca, da comunidade acadêmica com a comunidade em torno da Universidade.

Entrevistadora: Se a gente fosse falar um pouquinho do projeto e de você, tá? Como que era esse projeto de extensão universitária em que você participou, resumidamente? O seu envolvimento com ele? Se ele grande ou não? Como que era? Se você se sentia parte dele ou não?

P1: Eu na verdade, realmente me sentia muito parte desse projeto, no sentido que quando eu entrei esse projeto de extensão, ele atendia, se eu não me engano 10 pessoas somente, naquela academia lá na Vergueiro. Eu não vou lembrar o nome da academia também... (pausa para pensar) não vou lembrar. Mas ela atendia 10 pessoas num determinado lugar. Depois quando eu entrei, através de conversas e reuniões com o coordenador, com outras pessoas e tudo mais. A gente conseguiu ampliar pra academia [...]. Que nós participávamos mais da academia [...]. Então, eu acho assim, que eu participei de verdade do projeto.

Entrevistadora: E aumentaram pra quantos alunos?

P1: Aumentaram pra 20, né? Então dobrou. Eu acredito que na academia [...] não continue, não tenho certeza se continuo o projeto lá, por causa que...

Entrevistadora: É que vai ter piscina agora na faculdade [...]

P1: É. Por questões que eu não sei também, porque depois que eu sai, e que eu terminei a graduação. Eu sei que o projeto existe, só não sei se ele atende o mesmo número de pessoas de quando eu sai. Mas quando eu entrei nesse projeto, depois de um tempo, nós ampliamos um pouco. Então, eu realmente me sentia parte, eu realmente me preocupava com eles (fala com entusiasmo).

Entrevistadora: Mas como que era o projeto, assim? E a sua rotina de trabalho ali dentro?

P1: Ah, tá? Então, ahhhh... Olha, nós preparávamos a aula, na verdade muitas vezes a gente não se reunia de verdade, era uma preparação bem (pausa na fala), vamos dizer, particular e muitas vezes surgia na hora, algumas vezes nem havia o planejamento. Eu mesma, muitas vezes chegava lá sem planejar. Eeeee ia pelo feeling mesmo do que aquela pessoa necessitava. Hããã, mas geralmente mesmo que você não sentasse pra escrever no papel, você tinha uma idéia, uma... você formulava alguma coisa para trabalhar naquela aula. Mas, outra coisa que eu senti falta e que eu sinto falta hoje é dessa coisa de sentar e discutir o planejamento. Agora resgatando aí a pergunta anterior (risos). É, eu falei que no decorrer eu ia lembrar das faltas. Ééé, sentar pra discutir o planejamento é uma coisa que eu sentia. A gente tinha um objetivo, uma meta final, mas a gente não sentava pra discutir muitas vezes, os detalhes de cada aula, os objetivos, os microciclos, vamos dizer assim, os microciclos a gente não sentava pra discutir. Tinha uma meta geral final.

Entrevistadora: Tinha uma meta geral, vocês davam a aula, muitas vezes vocês não planejavam, faziam na hora, depois não tinha a discussão e?

P1: E a coisa ia seguindo. Então, muitas vezes eu sinto falta também da questão da discussão, depois da aula.

Entrevistadora: Mas por que você sente falta?

P1: Porque eu acho que depois que você termina é um momento de reflexão, do que deu certo e do que deu errado, pra você aprimorar para próxima. Então, isso é uma coisa que eu sinto falta. Que eu sinto falta hoje vendo de longe (risos).

Entrevistadora: E como era a sua rotina de trabalho lá dentro?

P1: Bem, a gente tinha uma rotina, no sentido de que eles necessitavam de uma rotina, né? Não vai entrar na piscina antes, então eles aguardavam pra entrar na água, sentavam na borda pra fazer o aquecimento. Uma vez que muitos deles não sabiam nadar, né? Eeee, aí a gente entrava e eles entravam na piscina e a gente dava uma aula de natação individualizada. Participavam 3 ou 4 pessoas. Três pessoas em média pra dar aula para 10 alunos. Então, a gente conseguia dar uma atenção individualizada. A aula não era a mesma pra todos, era uma aula pra cada um. Mesmo assim, não havia um delineamento de um objetivo individual. A gente ia mais pelo feeling mesmo. Poxa, se a pessoa não consegue soltar o ar, então eu vou trabalhar com canudo, eu então vou trazer uma bexiga, vou soprar bolinha na piscina, fazer alguma coisa pra essa pessoa. Mas, realmente não... Hoje eu percebo que o planejamento e a discussão após a disciplina, após a disciplina não, após a aula...

Entrevistadora: Você falou pra mim que se sentia parte do projeto e que tinha uma autonomia pra trabalhar tudo. Mas como que era a questão de quando que você tinha que opiniar? Como que você se sentia parte desse processo? Só de ter autonomia, não? Como você percebe que você fazia parte e que não estava fora desse projeto?

P1: Hã han.

Entrevistadora: Você falou pra mim que executava.

P1: Não, com certeza.

Entrevistadora: Mas ao mesmo tempo você fez a parte de pesquisa, você tinha algumas reuniões esporádicas.

P1: Tinha, tinha. Olha, eu acho que nem eu e nenhuma das pessoas que se envolveram mais com esse projeto tiveram problema com relação a opinião, né? De poder ir lá e falar o que pensava e o que achava. Lógico que muitas vezes a gente acabava sei lá, nós nos resguardávamos pra... mais uma questão assim de cobrança. Muitas vezes a gente acabava cobrando do professor coordenador pra ele ir lá participar do projeto, porque a gente realmente sentia falta de alguma coisa e ele participava, mas eu também compreendo as limitações dele, com relação a outras, de repente, prioridades. De repente ele pensava assim, olha o pessoal que está tocando o projeto dá conta, então eu fico mais tranquilo cuidando de outra parte. Mas a gente sentia falta e a gente cobrava. E ele participava, dava os feedbacks e a gente desenvolvia um pouco mais. Mas hoje eu percebo que faltou um pouco mais de assiduidade por parte dele também, de orientação, de cobrança e de discussão mesmo.

Entrevistadora: E aí, se você fosse dizer algumas aprendizagens que você teve assim e que foram mais relevantes?

P1: O que você entende por aprendizagem?

Entrevistadora: O que eu entendo por aprendizagem seria o que você aprendeu no projeto que você leva, utiliza ou que você achou relevante, importante. Todos os elementos possíveis. Não sei se eu fui clara?

P1: Ééé... Eu entendo da seguinte forma, se eu estiver errada depois você me corrige, tá?

Eu acho que nunca subestimar a capacidade de ninguém. Eu acho que foi muito relevante, assim. Porque muitas vezes, até hoje eu me pego pensando assim, poxa não vai conseguir fazer. E é mentira!!! Você tem que tentar, porque muitas vezes eles te surpreendem de uma forma que você fica de boca aberta.

Entrevistadora: Com deficiência ou sem deficiência.

P1: É, com ou sem. Por isso, que eu nem citei. Eu falei: “nunca subestime, jamais, ninguém em hipótese alguma”. Porque a gente acha que não vai dar certo e acaba dando certo. Eu acho que essa foi uma aprendizagem muito significativa. Outra coisa, que hoje eu percebo que naquele momento eu não percebi e que hoje eu tenho total clareza disso, que é: não culpe a deficiência se o objetivo não foi alcançado. Pensa bem nos seus procedimentos, no material que você utilizou, nas estratégias: verbais, físicas, materiais; na cinestesia, tudo o que você utilizou. Pra depois, pensar poxa vida... Procurar alternativas pra atingir o objetivo.

Talvez, na verdade eu acho que naquela época eu não tinha essa clareza, essa visão, mas hoje eu percebo que foi uma aprendizagem meio que intrínseca, vamos dizer assim, e que eu carreguei comigo, porque eu percebo que naquela época mesmo, eu fazia, entendeu? Do tipo assim, nossa ele não conseguiu soltar a bolinha, mas como que eu vou fazer pra ele soltar a bolinha. Naquela época eu não tinha clareza de que eu já pensava assim, que não era culpa deles, que era de repente um defeito da minha estratégia. E hoje, eu percebo que muitas vezes eu atuava dessa forma, mas hoje eu sei o porquê e antes eu não sabia (risos). Por isso que eu digo que foi alguma coisa meio intrínseca, meio... Aprendizagem que eu não percebi no momento, mas que houve.

Entrevistadora: Chegando nisso e passando por todo esse processo que você me falou sobre a sua história na extensão. Você acha realmente que a extensão universitária em si, é importante para auxiliar na formação do próprio graduando? E aí por quais motivos você apontaria? Por que você acha que ela é importante? Se é ou não?

P1: Olha, eu acho que é. Eu acho que é bastante válido.

Entrevistadora: Por quê? Quais coisas, conceitos você apontaria?

P1: Olha, uma das coisas principais é você realmente ter um contato com a prática. No momento, ali... de repente eu não descobriria a minha afinidade com as questões da deficiência só pela teoria e pela disciplina de Adaptada que a gente teve na Universidade. Então, eu acredito que eu percebi mais essa afinidade com essa área da Educação Física participando do projeto de extensão. Talvez só a teoria não tivesse me despertado esse interesse.

Entrevistadora: Então, você acha que a extensão universitária pode ser um espaço de construção dos conhecimentos? De que forma você acha que ela faz isso?

P1: Não vou puxar o seu saco, né? (risos).

Entrevistadora: Não, você não vai puxar o meu saco, porque você não pode e nem está aqui pra isso.

P1: Muitos risos.

Entrevistadora: Porque você me falou assim, eu acho que é um lugar onde a gente faz a prática, né? E que eu vou à procura da realidade. E eu penso que toda prática está ligada a uma teoria.

P1: Sem dúvida.

Entrevistadora: Elas se conectam certo? Eu entendo isso hoje também (risos). Mas esse espaço que você participou, você desenvolveu essa pratica que você fala que é relevante. Você acha que é um espaço de construção? De que forma ele proporciona essa interação? Pois a prática também pode ser uma forma de construir ou destruir (risos). E aí quando eu falo de construção, de conhecimentos, tá?

P1: Olha, mas tudo bem. Depois de fazer a disciplina de Saberes Docentes do professor [...] (risos), hoje eu sei que muitos dos saberes a gente constrói na prática, que é uma coisa meio da sua vivência, da sua relação com o outro, então muitos desses saberes a gente constrói com a prática. Lógico que eu acho que só a prática desconectada da teoria, também não é tão rico. Eu acho que...

Entrevistadora: Dessa teoria que você aprende na Universidade?

P1: Da teoria que você aprende na Universidade, né? Dessa parte acadêmica. Então, eu acho que a ligação, né? Chama-se práxis, descobri isso também (risos). É fundamental!!! Eu não vejo como desconectar uma coisa da outra. Na verdade eu tenho dificuldade de ver isso até na minha prática enquanto docente na escola. Como que você fica só na prática sem a teoria? Éééé pra mim é meio complicado.

Entrevistadora: Você pontuou pra mim, várias aprendizagens, vários elementos que você constituiu em todo esse processo da extensão universitária e consequentemente da sua graduação, já que você passou mais da metade da sua graduação no projeto de extensão. E como você acha que utiliza hoje, profissionalmente... você utiliza esses conhecimentos que foram adquiridos na extensão, na sua prática profissional, em que momentos e ações você percebe isso? Porque você falou muito assim: “hoje eu entendo que aquilo fez falta” ou “hoje eu entendo que aquilo foi importante”. E assim, você utiliza, sim ou não, e como que você percebeu isso, em que momento você percebeu?

P1: (Risos). Sim, com certeza, é lógico que eu utilizo.

Entrevistadora: Em que ações e momentos você percebeu isso?

P1: Muitas vezes eu percebo numa coisa bem simples. Aahhhh, mas é mesmo na questão do contato pessoal com a pessoa que tem a deficiência no caso, né? Muitas das vivências que eu tive no projeto de extensão, com as pessoas particulares mesmo, na forma de tratar, de lidar, de estimular aquela pessoa. Muitas daquelas vivências que eu tive me auxiliaram em experiências em que eu tive na escola com alunos que também tinham deficiência e que estavam dentro de uma turma sem deficiência e no projeto de extensão.

Entrevistadora: Mas você lembra assim de alguma ação que você faz hoje no seu dia-a-dia, que você fala poxa, isso aqui eu aprendi lá na extensão?

P1: Peraí, deixa eu pensar um pouco.

Entrevistadora: Seja ele com portadores de necessidades especiais ou não? De repente você teve alguma aprendizagem que vai além.

P1: Pontualmente...

Entrevistadora: Porque no questionário você citou várias aprendizagens. Quando que você percebe essas aprendizagens do questionário, em que momento?

P1: Realmente, agora que eu vi aqui (risos).
Entrevistadora: Por que você coloca pra mim que algumas coisas fizeram falta, ou seja, também foram formas de aprendizagens...

P1: Exato!!! Mesmo que tenha sido uma coisa que não seja muito positiva, contribui de alguma forma pra minha prática hoje. Mas, eu vejo as questões das potencialidades, hoje eu foco na escola muito mais na questão. Hoje não, desde que eu entrei, uma vez que eu já tinha essa coisa dentro, assim. Muito mais na questão das potencialidades do que nas dificuldades, sabe? Então, vamos supor: eu estou numa aula de Educação Física onde meu aluno fala pra mim, mas professora eu não sei jogar futebol. E aí eu insisto... Aconteceu mesmo ontem, na verdade. Eu insisto e falo: "Não, vamos lá. Eu vou jogar também na sua equipe, depois de toda no finalzinho da aula. Eu também vou jogar na sua equipe". E aí jogando, ele foi bem, por exemplo, na defesa, ele conseguiu defender. Eu acabo exaltando essa característica como uma possibilidade de ele não desistir dessa prática que ele não gosta. Porque eu acho que mesmo que a pessoa, aí eu não me identifico, na verdade muitas vezes ela não se identifica, porque ela não sabe. Então, na verdade eu tento usar essa questão das potencialidades sempre né?, a favor: há, ele conseguiu tirar uma bola, eu acabo exaltando pra que ele não desista dessa prática. Ele conseguiu executar um arremesso, mesmo que não tenha sido, ahhh... não fez a cesta, não realizou a cesta, mas bateu no aro. Olha, foi muito bom falta só um pouquinho. Então, eu tento realmente focar nessa questão do que ele consegue fazer, que é uma coisa que foi muito relevante no projeto, uma vez que eles não conseguiam nadar, mas pelo menos eles conseguiam soprar a bolinha. Então, eu acho que essa é uma aprendizagem que eu trouxe do projeto de extensão pra minha vida hoje, na escola e na academia.

Entrevistadora: Quais implicações a extensão teve na sua formação inicial? Pontue quais foram as implicações da extensão universitária na sua formação inicial?

P1: As implicações da extensão universitária na minha formação inicial? (repete confirmando a pergunta)

Entrevistadora: E aí depois você complementa, pois você falou de um saber, né? De enfatizar a potencialidade. Então, fale de outros elementos que você recorre constantemente fora esse da potencialidade?

P1: É... deixa eu pensar, pois essa pergunta é meio complexa, né? (ênfase na fala de dúvida)

Entrevistadora: Pense se você fosse elencar tópicos pra mostrar assim olha, o projeto de natação para pessoas portadoras de deficiências ele teve tal impacto na minha formação ou tais impactos na minha formação inicial. Um exemplo que você me falou agora: aproximação da prática.

P1: Sem dúvida.

Entrevistadora: Foi uma. Outra que você pontuou agora também, a questão de utilizar as potencialidades, tanto com os alunos na natação quanto com os alunos na escola.

P1: Sem dúvida. Então, essas que você já citou são duas das implicações, mas ahhh... A questão da super proteção também, né? Em todos os aspectos, não só da pessoa com deficiência, né? De você proporcionar o máximo de estímulos pra essa pessoa sem ocorrer uma super proteção daquele que é

menos habilidoso ou daquele que tem alguma deficiência, né? Você realmente proporcionar e possibilitar que ele tente de alguma forma, ahhhh...

Entrevistadora: Isso você também utiliza no seu dia-a-dia?

P1: Utilizo, sem dúvida. Outro aspecto é: a gente tem os padrões de movimento, ahhh... do projeto de extensão. E hoje também, eu não utilizo muito dos padrões de movimento, do que é considerado correto no desenvolvimento motor. Eu me pauto muito por, ele conseguiu executar a atividade? Mesmo que ele não tenha executado da forma mais perfeita do mundo no contexto motor, mas se ele conseguiu executar está valendo. Então, é outro aspecto que eu me baseio bastante nas minhas aulas e em todos os lugares que eu trabalho.
Entrevistadora: De valorizar o...

P1: De valorizar o que ele consegue fazer e de não exigir que ele execute o movimento com perfeição, mas sim que ele tente e execute o movimento. Se ele conseguir fazer, está valendo. Não tem muita perfeição. Ahhh... deixa eu ver qual mais implicação. Eu falei da prática, das potencialidades, da super proteção, de não exigir a perfeição, mas sim a participação, ahhh... deixa ver o que mais. Eu acho que a princípio é só, se eu lembrar de mais alguma coisa eu vou falando.

Entrevistadora: Você pontuou vários elementos. Aí eu vou voltar um pouquinho nessa questão das implicações. Se eu não tivesse a extensão universitária, se você não tivesse passado por esse projeto, certo? Seria a mesma coisa pra você? E aí quando eu falo pra você pontuar as implicações, no que esse projeto de extensão universitária, estou falando de todos os elementos que você obteve lá, que você conseguiu elencar vários agora, tá? Você acha que ele teve implicação na sua formação inicial e você já me falou que sim, certo. Mas quais elementos na sua formação geral? Porque você está falando de ações que você estabeleceu da extensão pra cá, então saberes que você obteve e que você utiliza na sua prática. Mas, passei pelo projeto de extensão universitário, qual é o diferencial? O que ele me ajudou na minha formação, exemplo: ele me ajudou a pesquisar, entendeu?

P1: Eu acho que é na questão do aprofundamento, mesmo. Eu acho que se eu não tivesse participado do projeto de extensão, eu não teria me aprofundado nesse aspecto da Educação Física adaptada. Eu teria ficado mais superficial.

Entrevistadora: O que seria superficial?

P1: Seria passar pelas disciplinas, teria absorvido o necessário, mas não teria me aprofundado na questão da Educação Física adaptada.

Entrevistadora: Como que você se aprofundou?

P1: Através de pesquisas, deeee... mesmo nas aulas, na prática também, você vai se aperfeiçoando no decorrer. Você percebe o que não deu certo, apesar de não ter algumas questões que eu gostaria que tivesse, você acaba... (tosse). Você acaba se aperfeiçoando no sentido de que você percebe o que não deu certo com o sujeito X hoje, você muda de estratégia com o mesmo na próxima disciplina. Então, eu acho a questão do aprofundamento, da pesquisa e da prática mesmo, no sentido de você perceber, do feeling, ahhhh... Nos projetos também a gente fez várias avaliações, no sentido de testes, mesmo, testes eeee foi uma contribuição também, uma aprendizagem.

Entrevistadora: Você falou em um ponto que eu achei super interessante. Você falou assim, a questão da pesquisa, da prática e da extensão. Você acha que a extensão universitária ela realmente faz parte desse tripé de ensino, pesquisa, e extensão? Pela sua experiência, tá?

P1: Pela minha experiência, acredito que sim. Acredito que poderia ter sido melhor a minha experiência.

Entrevistadora: Por quais motivos?

P1: Eu acho que se nós tivéssemos ahhhh... o planejamento mais aprofundado, uma discussão após a aula, direcionada, eu acho que teria sido melhor esse tripé aí de extensão, prática/ensino e

pesquisa. Eu acho que seria melhor, eu acho que quanto maior a presença do coordenador do projeto na prática, nas discussões, na elaboração. Não ele executando propriamente dito, mas instigando os estagiários, as pessoas que compõem esse projeto de extensão. Ele instigando as discussões pra pensarrr... eu acho que mais rico fica e esse tripé de pesquisa, prática e extensão

Entrevistadora: Você acha que é possível?

P1: Eu acho que é possível. Eu tive isso no meu projeto de extensão, de uma forma não muito enfatizada, mas eu tive eee... então, eu acho que mesmo não sendo enfatizado eu tive um pouco disso, eu acho que se houver uma preocupação realmente maior, eu acho que isso é bem possível. Senão fica uma mera execução.

Entrevistadora: E pra terminar, se você não tivesse passado pelo projeto de extensão universitário, como você acha que seria? Você teria obtido todos esses elementos ou não?

P1: Eu acho que não. Não no sentido de nossa nunca teria. Eu acho que eu teria sofrido um pouco mais pra obter esses elementos na prática, uma vez, depois que eu acabei saindo da graduação e fui pra escola. E logo no meu primeiro ano eu tinha uma sala que tinham dois cadeirantes. E na outra sala tinha um cadeirante. E como eu já tinha tido a experiência, com essas pessoas no projeto de extensão, eu soube um pouco mais... não que eu tenha feito isso com louvor (risos). Mas como eu já tinha vivenciado a prática, mesmo só com deficientes, com pessoas com deficiências, eu já tinha vivenciado isso no contexto de extensão, eu soube um pouco mais pelo menos como lidar com essas pessoas. Como conversar, como tentar pelo menos inserir ela. Eu já tinha a visão de não super proteger, eu já tinha essa visão das potencialidades. Então, como eu já tinha todas essas visões dentro de mim, que já estavam ali estabelecidas, eu consegui de alguma forma, não total, mas contribuir com essas pessoas no ano em que eu fiquei com eles lá.

Entrevistadora: Através desses elementos que você acha que constituiu na extensão?

P1: Com certeza. Eu acho que eu ficaria muito receosa se eu não tivesse participado do projeto de extensão em trabalhar com uma pessoa que tem deficiência, logo de primeiro impacto na escola. Eu acho que talvez eu ficaria, nossa mas será que eu posso fazer isso? Mas... talvez eu tivesse super protegido eles, se eu não tivesse participado, se eu não tivesse esses saberes, esses conhecimentos que eu tenho: do que eles podem, das potencialidades, do feeling, de participar, de trabalhar com eles. Talvez eu tivesse feito de uma maneira diferente, talvez eu tivesse protegido eles um pouco mais nas aulas de Educação Física. Coisa que não aconteceu muito. Eu procurava...

Entrevistadora: Quando você fala super protegido é não ter feito nada?

P1: Não, não ter feito nada. Mas ter privado de algumas coisas, de algumas atividades que eu proporcionei, entendeu? Talvez ter privado de colocar eles no chão pra fazer alguma atividade de rolar, alguma coisa assim. Mas como eu já tinha essa noção e quando eles entraram na escola eu sabia exatamente o que cada um tinha, mielomelingocele, eu sabia o que eles poderiam fazer ou não. E aí também, não teve essa questão de nossa: isso ele faz isso ele não faz. Eu procurava adaptar, né? Então eu acho que contribuiu sim. Deixa eu ver se tem mais alguma coisa importante.

Na realidade apesar de o coordenador participar algumas vezes, de não estar sempre presente, as vezes que ele participava realmente ele era bem incisivo, bem pontual nas implicações em relação ao projeto. O que acaba contribuindo bastante. Com a prática, com a pesquisa e tudo mais. É lógico que a gente sentia a necessidade disso o tempo inteiro. A gente estava em processo de formação, então era aquela sede de saber, você queria né? Tirar o máximo possível, então a gente sentia falta dele. Nós que participávamos do projeto, nós sentiamos falta dele e queríamos que ele estivesse sempre. Mas apesar de ele não estar, ele participava, quando ele ia via a prática e nos reuníamos depois, ele realmente contribuía em todos os aspectos do projeto, academicamente, com execução de...

Entrevistadora: O que você acha que você aprendeu com isso? Mesmo ele indo poucas vezes.

P1: Ahhh eu aprendi que o dia em que eu for professora, eu tenho que estar sempre (risos). Agora eu exagerei. Eu acho que não existe a necessidade de estar todo dia, é até bom. Eu acho que

eventualmente, você permitir que os alunos, no processo de formação inicial sintam o que é estar sozinhos. Eu acho que existe essa necessidade de alguns momentos você permitir, porque muitas vezes você estagiário, iniciante na frente do seu professor coordenador, você se inibe de algumas atitudes na hora de executar. Então, eu acho que tem que ter um balanceamento aí, entre as duas coisas. Eu acho que tem que ter momentos do estagiário estar sozinho pra que ele também perceba, né? Como que ele é profissionalmente mesmo, ali na prática, com que ele pode agir profissionalmente. Mas eu acho que existe a necessidade do coordenador presente também em muitos momentos pra que exista essa troca e esse aprofundamento, tanto na pesquisa quanto na prática do projeto de extensão.

Complemento da entrevista – 2ª parte sobre os elementos e as implicações formativas (01/07)

Entrevistadora: Qual foi o papel, o valor, o significado e o sentido da extensão universitária na sua formação inicial? Qual que vc acha que foi assim esse papel, o valor, o significado mesmo do projeto de extensão universitária que vc passou, né? Aí no caso a extensão universitária na sua formação inicial?

P1: Na verdade logo que eu me formei, eu fiquei um pouquinho frustrada, sabe? Com relação... porque eu mudei completamente de área, né? Eu sai da adaptada e eu fui pra um colégio.

Entrevistadora: Hã ram ... Pra escola?

P1: Ééé, eu fui pra escola. E aí,(tosse) a princípio eu fiquei meio frustrada, porque a minha intenção era permanecer na adaptada. Mas logo que eu entrei no colégio, eu também já tinha alguns alunos... tinha dois alunos cadeirantes, (pensou) três alunos cadeirantes. Dois na mesma sala e um numa sala diferenciada. E eu acho que hããã... ter participado do projeto contribuiu na forma de trabalhar com eles. Então, eu acho que o significado do projeto na minha formação inicial... (pausa para pensar)

Entrevistadora: O sentido dele, o valor...

P1: Então, eu acho que foi algo assim, algo muito significativo no sentido de saber como lidar, como trabalhar com essas pessoas, mesmo que num contexto diferenciado. Porque eu trabalhava com eles na água, né? Na natação. E agora eu estava num contexto de quadra. Numa escola onde eu tinha que subir 25 degraus, com dois cadeirantes na mesma sala e levá-los até a quadra, mas mesmo assim eu acho que contribuiu, teve um significado muito forte no sentido de... principalmente nesse primeiro momento, tinham alguns momentos que eu lembrava, né? “Mas como que eu falava com os meus alunos”, porque é muito difícil essa relação de como eu vou lidar com o cadeirante? Eu pergunto pra ele quais são as limitações dele?

Esse é o principal medo dos professores, eu percebo, pras pessoas no geral. Você não chega pra um cadeirante e pergunta: “Nossa o que aconteceu, por que você está cadeirante?”, né? E muitas vezes a gente tem que perguntar quais são as limitações dele. Se tem alguma coisa que ele não pode fazer, né? Então, as pessoas ficam travadas. E ter participado do projeto me possibilitou, principalmente nesse primeiro momento que eu tive um contato assim, num outro contexto. Ter essa noção, ter essa sensibilidade, né? Deeee conversar com eles no sentido de perceber quais eram as limitações e as possibilidades da deficiência mesmo, né? Não no sentido de só da atividade física.

Entrevistadora: Mas eu vou voltar só um poquinho. Na sua formação inicial, por exemplo, você passou pelo projeto de extensão universitária, qual foi essa importância? Qual foi esse papel?

P1: Vc diz no sentido pessoal da coisa?

Entrevistadora: A Extensão Universitária na sua formação inicial, na graduação. Quais formam esses papéis, significados e sentidos da extensão universitária? Porque quando eu falo o projeto, é porque ele caracterizou pra você a extensão universitária, entendeu?
P1: Claro.

Entrevistadora: Mas na sua formação inicial...

P1: Nossa essa pergunta é muito complexa pra minha cabeça (risos).

Entrevistadora: Não, não é. É assim...

P1: Porque quando eu penso no significado de alguma coisa eu penso no sentido daquela coisa. No que aquela coisa representou pra mim...

Entrevistadora: Isso.

P1: E pra mim é uma coisa... o projeto de extensão representou pra mim, um início hããã (parou pra pensar), a entrada no mundo da adaptada e é o que me levou até hoje pro mestrado que é a questão de gostar, de querer,de tentar contribuir com essas pessoas de alguma forma, entendeu? Então, eu acho que esse é o... pelo menos pra mim , o sentido foi... o significado foi esse. Eu acho que foi o primeiro passo.

Entrevistadora: Porque quando eu pergunto isso, você pensaria assim... Eu poderia ter perguntado pra você: qual o sentido da extensão universitária, se você não passou por nenhum projeto de extensão universitária, na sua formação inicial? Nenhum, eu não passei. Agora você passou,

P1: Hã ram...

Entrevistadora: Qual é esse diferencial? Ele tem um sentido pra você, ele tem um significado? Se você não tivesse passado na extensão universitária você seria outra pessoa, ou não? Você seria a mesma, de repente.

P1: Num... Depois de ter passado por essa vivência não dá pra anular ela, eu acho.

Entrevistadora: Por quê? O que ela muda na sua formação?

P1: Porque, de alguma forma mesmo não tendo o acompanhamento que todo mundo deseja, né? No sentido acadêmico da palavra. Eu acho que muda no contexto que querendo ou não, você acaba se aprofundando num assunto. Seja por curiosidade, seja por necessidade, seja por trocas de experiências com familiares, com deficientes, com fisioterapeutas, com as pessoas que trabalham. A própria vivência... o saber docente diz que a vivência também produz saberes docentes. Então, a própria vivência, com todas essas pessoas, possibilita de alguma forma você se aprofunde, entre no mundo delas. E aí, você se apaixona ou você detesta, né? Então...

Entrevistadora: Risos. É o seu Caso?

P1: E eu fiquei tanto tempo fora da adaptada mesmo. No sentido, amplo da palavra, né? De me dedicar às pessoas... estava me dedicando a escola, que eu tenho, tenho alguns alunos que são inclusão, que de alguma forma também exigem alguma, né? Disponibilidade maior, de você preparar, de ter um cuidado, um tato especial com eles, mas (parou pra pensar)... eu sei que hoje eu ensino separado, individualizado, não é muito o que as pessoas querem, não é o que alguns autores propõem, né? Mas eu acho que ter uma dedicação especial com a pessoa que tem alguma dificuldade, também contribui para que ela seja inserida de alguma forma na sociedade, então, sei lá...

Entrevistadora: Teve um papel importante?

P1: Teve sem dúvida.

Entrevistadora: E no que você acha que a extensão universitária se diferencia do ensino e da pesquisa? Por isso que eu perguntei a importância na sua formação.

P1: É... eu acho que é aquele triangulozinho, a práxis, né? É a possibilidade de você unir a prática aos conteúdos acadêmicos, a pesquisa no caso.

Entrevistadora: O que faz isso, a extensão universitária?

P1: A extensão eu acho, que é um meio para. Não que isso aconteça a todo momento, não que isso tenha ocorrido comigo de maneira efetiva. Mas mesmo que não tenha ocorrido de maneira efetiva, em alguns momentos ela ocorreu. A práxis ocorreu, porque... por necessidade igual eu falei pra você.

Entrevistadora: Mas onde você está falando?

P1: No projeto de extensão. Na extensão universitária.

Entrevistadora: E ela vai se diferenciar aí... Que nem você falou que ocorre a práxis e tudo, mas o ensino e a extensão universitária...

P1: Então, porque eu vejo assim, a graduação você tem muito mais o conteúdo teórico, principalmente no meu caso lá, né? A prática é a prática que a gente vê, desvinculada totalmente das questões... totalmente não, parcialmente, pelo menos das questões acadêmicas. O que eu vejo no meu dia-a-dia, hoje na escola, é que os professores não leem absolutamente nada, nem as revistas Veja, Ti-ti-ti e tudo mais. Não leem nada entendeu? E eu acho que a extensão é um momento que existe essa união das suas coisas. Principalmente, se ela for direcionada por alguém que já tenha uma formação além daqueles que estão atuando, né?

Entrevistadora: Você acha que a extensão faz a relação da teoria com a prática. Que você acha que isso se diferencia do ensino, que o ensino ficaria só no conceitual. É isso? Estou juntando o que você me falou.

P1: Eu acho que a ênfase do ensino é no conceitual. A ênfase da prática é na prática e a ênfase da extensão é na união dos dois. De repente, talvez isso seria... eu não sei se é o ideal da extensão, se isso acontece efetivamente em alguns. Mas eu acho que deveria, senão é, ser enfatizado isso no programa de extensão.

Entrevistadora: A união da teoria com a prática? É isso?

P1: Exato.

Entrevistadora: E o que você acha que diferencia da pesquisa? A extensão Universitária?

P1: Da pesquisa? A extensão universitária da pesquisa?

Entrevistadora: No nu e no cru.

P1: Depende, se a pesquisa for ter intervenção (risos).

Entrevistadora: Então...

P1: É, eu acho que depende do tipo de pesquisa, porque a gente tem inúmeros tipos de pesquisa. A gente tem a pesquisa filosófica, a pesquisa qualitativa, quantitativa. Tem inúmeros tipos de pesquisas aí, no meio acadêmico, né? Eu acho que se você tem uma pesquisa que você utiliza da intervenção, você acaba de alguma forma utlizando... ah, eu não sei se a gente chamaria de extensão, mas utilizaria o mesmo princípio que eu acho que deveria ser abordado na extensão. Que é a união da prática com a teoria (falou pausadamente), entendeu? Se você usa uma pesquisa que vai ter intervenção. Se for uma pesquisa de cunho mais filosófico, com o qual você não vai utilizar a intervenção, não terão pessoas ali as quais você vai aplicar alguma coisa e depois você vai ver o resultado... hãããã... aí eu acho que diferencia... porque a pesquisa acaba ficando mais no teórico, se ela num utiliza da intervenção, acaba ficando mais na teoria, mais na filosofia, no encaixe da peças que já estão produzidas, vamos dizer assim.

Entrevistadora: Nos resultados que você está falando?

P1: No caso da pesquisa filosófica, sem tem essa intervenção, sem ter essa união da prática com a teoria que eu acho que é o princípio da extensão, ou acho que deveria ser pelo menos. Se você não tem esse tipo de intervenção na pesquisa, a pesquisa a acaba sendo mais teórica. Aí você pega...

igual a diversos autores e vai tentando encaixar as idéias, sem ter a união da prática com a teoria, entendeu?

Entrevistadora: Então, você acha que o principal aí, do que elas se diferenciam, é o que você aponta nas duas. Seria essa relação da união da teoria com a prática?

P1: É. E eu acho que a intervenção. A extensão ela se diferencia pela intervenção, também, né? A todo momento você está intervindo de alguma forma na vida de alguém, em algum aspecto da vida de alguém, você está intervindo o tempo todo.

Entrevistadora: E aí quais implicações da extensão universitária na sua atuação como profissional? Você começou me falando um poquinho que quando começou a dar aula, você tinha dois alunos cadeirantes e que você teve que saber lidar com isso, mas tiveram outras intervenções e situações? Quais foram essas implicações que ocorreram lá? Foi grande não foi? Te auxiliou no seu trabalho hoje ou não?

P1: Não, sem dúvida me auxiliou e me auxilia até hoje, na verdade. Eu acho que tem alguns princípios que quando a gente trabalha principalmente com a Educação Física adaptada, que a gente acaba incorporando no nosso dia-a-dia... Mas é aquela questão de você criar a possibilidade sempre pro êxito, que são algumas coisas que você acaba incorporando. Eu não sei se é porque a minha experiência no projeto de extensão foi com adaptada, entendeu? Ou se esse é um princípio que está em outros projetos, em outras situações, com outras populações.

Entrevistadora: Mas aí você acha que aprendeu isso onde? Quando você começou a pensar sobre isso?

P1: Sobre isso? Eu acho que principalmente quando eu saí da faculdade, quando eu comecei a atuar. Porque aí você pega pessoas de diferentes níveis, na mesma sala, sujeitos com várias dificuldades, não só em termos motores, cognitivos, mais questões sociais que ele acaba sendo excluído. E aí você acaba tendo que trabalhar de uma forma onde você possibilite realmente, que todos tenham êxito, né?

Entrevistadora: Ma aí, por exemplo, você percebeu que necessitava trabalhar com aquilo, após a sua formação. Mas em algum momento durante a sua graduação, você teve que lidar com essa situação, de trabalhar com o êxito? Ou algum momento te propôs?

P1: Eu acho que sim. Sem dúvida.

Entrevistadora: Que momento?

P1: Ahhhhhh ... Por exemplo, ééé, o projeto de natação nosso, não era que a pessoa com deficiência, que ela nossa (com ênfase), vai sair nadando crawl, costas, peito e borboleta. O objetivo era locomoção no meio aquático. Era realmente que ela soubesse se virar no meio aquático. Eu acho que a partir disso, se o sujeito consegue soltar bolinha e não se apavorar quando a água espirra no rosto, já é um êxito. E aí você aprende a dar valor as pequenas coisas que pra aquela pessoa não é pequena, é grande.

Entrevistadora: Então, você tentou isso antes no projeto de extensão?

P1: Exatamente, exatamente. O projeto de extensão já tinha essa filosofia, né? De possibilitar que o indivíduo tivesse uma locomoção ou uma sobrevivência no meio aquático. Se ele aprendesse a nadar os quatro estilos, perfeito, maravilhoso! Mas se ele não aprendesse, mas ele conseguisse colocar o rosto na água e levantar de uma forma que ele não se apavorasse, estava ótimo já.

Entrevistadora: Você acha que essas implicações que você teve de saber lidar com eles, com as dificuldades de locomoção, foram grandes essas implicações que vieram da extensão pra você? É que eu estou tentando identificar da onde é que veio? Se esse aprendizado se constituiu na formação durante a extensão ou não?

P1: Ééé, eu acredito que a princípio, pode ser, que se eu não tivesse contato com a extensão e tivesse ingressado na escola, de repente esse saber tivesse vindo de alguma outra fonte, de alguma necessidade do dia-a-dia. Mas como essa necessidade já apareceu lá atrás.

Entrevistadora: Na sua formação?

P1: Na minha formação, na graduação. Essa necessidade apareceu no projeto de extensão, que foi o primeiro momento que eu comecei a lidar com a diversidade e com essa dificuldade de cada um, né? Com essa dificuldade maior. Porque dificuldade todos nós temos. Mas com essa dificuldade maior. Eu tive contato, principalmente no projeto de extensão. Então, ali surgiu, essa necessidade de, né? De pensar e de agir dessa forma diferenciada, vamos colocar assim.

Entrevistadora: Você lembra de alguma outra implicação assim, que a extensão teve pra você, na sua atuação profissional?

P1: Hããã... deixa eu pensar no que mais... Olha agora assim... Eu acabo me lembrando no decorrer da fala.

Entrevistadora: Então, fala pra mim, todos os elementos que você tem certeza que foram aprendidos na extensão universitária?

P1: Eu acho que saber lidar com as dificuldades e diversidades é um. Eu acho que o outro saber... (parou pra pensar)

Entrevistadora: Mesmo na sua experiência como docente.

P1: É que a gente fica pensando sempre na adaptação. Quando a gente trabalha com adaptada, a gente tem esse problema né? (risos). O nome já fala tudo né? As vezes, até acho que o deficiente sou eu (risos).

Então, tem essa questão de saber lidar com as diferenças, que com certeza foi uma coisa que eu aprendi lá. Eu acho que outra coisa é não se espantar com as diferenças. Não, se sabe aquela coisa que se sobressai... as vezes você pode, você até, nossa e agora, né? Mas você não pode se deixar levar por esse pensamento. Eu acho que é um saber assim... não se espantar no primeiro momento. Eu acho que não subestimar, também é uma coisa que com certeza eu aprendi lá, através da superação de muitos dos alunos. Hããã... outro saber?

Entrevistadora: Você pode falar elementos também, relacionados a prática pedagógica. Sabe? Que tem no dia-a-dia.

P1: Com relação aaaa... relação entre os professores e as discussões?

Entrevistadora: Também, de às vezes de aprender a dar aula, de montar planejamento, essas coisas. Se teve, senão teve?

P1: Muito pouco.

Entrevistadora: Relacionado à pesquisa, também.

P1: Ééé, eu tenho dificuldades em elencar os elementos (risos). Mas é que na verdade, a gente acaba que... quando a gente fala de saberes docentes, a gente acaba se embananando, né?

Entrevistadora: Fui ao projeto e aprendi... Responde isso.

P1: Então, aprendi essas coisas que eu já falei (risos). Eu acho que com relação ao planejamento, eu acho que a gente teve pouca coisa relativa ao planejamento. A prática pedagógica foi um pouco mais elencada. Eu acho que no sentido deee... do tato mesmo com o deficiente, eu acho que isso foi uma coisa que foi aprendida lá bem.

Entrevistadora: Como o contato com ele? Não entendi.

P1: Eu digo assim, no tato mesmo verbal, de como se aproximar, de como, né? Fazer... no caso da pessoa que tem deficiência intelectual, se ela não gostar de você, ela não faz nada, entendeu? Então, no caso da pessoa com deficiência física, você vai chegar pra pessoa, você tem que saber as limitações. Eu acho que essa relação pessoal, professor e aluno, também foi aprendido lá e através de práticas pedagógicas com orientação do professor coordenador do projeto mesmo. Muitas vezes dava dicas de como você chegar e perguntar pra pessoa, né? Existe essa necessidade de qualquer forma existe, né? Você não pode ir lá e falar pra uma pessoa que tem síndrome de down, pra ela fazer várias cambalhotas se você não sabe se ela tem estabilidade atlanto axial ou não, né? Então, você tem que de alguma forma saber essas coisas. Então, eu acho que essa questão mais de relação também foi aprendida lá.

As questões pedagógicas relativas também as deficiências, como por exemplo: ah, não faz a cambalhota, porque né? Por causa disso. Ah, a pessoa que tem... Porque tem algumas características que são da deficiência. Não são muitas, tá? Normalmente elas são muito parecidas, assim, mas algumas características de... ah, a pessoa que tem a deficiência intelectual, ela é, geralmente ela é muito teimosa, ela só vai... Então, esse estudo de saber as condições da pessoa, eu acho a gente teve as vezes por praticar sozinha, né? Você vai pesquisando e vai achando. Mas teve também essa aprendizagem lá, eu tive um pouco. Deixa eu ver o que mais. A prática pedagógica, hummmm... qual saber mais que tem?

Entrevistadora: Experienciais, curriculares, disciplinares e da formação profissional.

P1: Talvez esse daí se encaixe também no disciplinar, porque um pouco a gente teve na disciplina de Educação Física Adaptada na graduação. De o que fazer e como agir nas mais diversas situações da pessoa com deficiência: visual, auditiva e assim por diante. Então, acaba se encaixando os experienciais com os disciplinares, aí no caso. Porque eu tive a vivência lá e ao mesmo tempo teve o disciplinar para fazer o link com a disciplina da graduação.

Entrevistadora: Desses elementos que você falou, quais você acha que você aplica na sua prática, hoje como profissional e atuando?

P1: Hoje eu continuo aplicando praticamente todos os saberes, porque mesmo que na escola, hoje, eu tenho poucos alunos com deficiência. Eu tenho acho que... um aluno que tem deficiência intelectual, mas nem é diagnosticado, a mãe não aceita. Se você chamar demais, ela tira o filho da escola, porque ela não quer saber o que o filho tem. Então, nesse sentido, eu utilizo, no colégio eu utilizo até um pouco menos, mas como eu estou no projeto ali na Usp[3] também, então eu acabo utilizando todos, porque eu tenho ali dez alunos com deficiência intelectual e que jogam futsal comigo, toda 4ª e 6ª, uma hora e meia mais ou menos de treino.

Entrevistadora: Então, basicamente você transfere pra sua prática na escola com alguns alunos e também pro seu projeto de extensão agora no mestrado na Usp?

P1: Exatamente. Não é bem um programa de extensão, ali.

Entrevistadora: O que é que é, então?

P1: É uma aula, na verdade essa aula existe a muito anos e era um futebol (falou com ênfase) para pessoa com deficiência intelectual e quem ministrava as aulas eram professores do Cepeusp[4]. Até que um dia todos resolveram abandonar e aí eu ingressei no mestrado e como eu já conhecia o projeto, já tinha começado a participar... na verdade era uma aula, não era um projeto ainda. E como eu comecei a participar e aí eu ingressei no mestrado, não tinha professores pra continuar e fizeram uma parceria da EEFEUsp[5] com o Cepeusp e transformaram esse projeto no meu projeto de mestrado.

Entrevistadora: Então, você transformou num projeto?

[3] Usp: Universidade de São Paulo
[4] Cepeusp: Centro de Práticas Esportivas da Usp.
[5] EEFEUsp: Escola de Educação Física e Esporte - USP

P1: É, eu acabei transformando num projeto. E aí eles jogavam futebol de campo, hoje eles jogam futsal. E antes quando chovia eles não tinham aula, hoje a gente tem aula faça chuva ou faça sol, porque se chove não pode jogar futsal, a gente joga basquete, a gente joga outras modalidades coletivas, e é muito legal. E os meninos tem mostrado uma evolução fantástica. Agora não posso mais falar do meu projeto, porque ele é muito legal (Risos).

P2

Entrevistadora: Vamos começar pela parte de divulgação e aproximação. Como que você conheceu e se aproximou do projeto de extensão que você participou? Se você sabia qual era o objetivo do projeto? Como que você ficou sabendo dele? Conta um pouquinho.

P2: Tá. Em princípio assim, eu conhecia o projeto já, mas não fazia, não tinha idéia de que eu ia participar um dia, porque [...] que foi um aluno de graduação e era meu colega de turma, ele participava e o [...] também participava e também era meu colega de turma. Aí por conta de ele ter participado desse projeto, ele precisou sair pra trabalhar no Noroeste[6] na época e aí o [...] ficou sozinho e tinha uma bolsa só na verdade, né? E aí eu tinha acabado de mudar pra Bauru, porque no começo do curso eu viajava todo dia, né? E aí eu mudei pra cá e falei: ah pô, tenho tempo livre agora, vou procurar fazer alguma coisa. Daí a gente pegou, e o [...] saindo, eu entrei no lugar dele. Tanto é que eu dei continuidade aquela idéia, porque quando renova esse projeto, muda totalmente o objetivo do que você vai fazer. E eu dei continuidade aquilo que eles estavam fazendo. E quando terminou aquele... acho que faltava uns quatro meses. A gente conversou com a coordenadora do projeto de novo e montou uma nova proposta pra fazer com eles lá.

Entrevistadora: O projeto era?

P2: Na época era só mais recreação, mesmo com eles e tudo mais.

Entrevistadora: Só com os idosos da Vila Vicentina[7]?

P2: Da Vila Vicentina, isso. Aí na outra proposta a gente queria traçar já mais um perfil mais antropométrico das pessoas, fazer avaliações. É lógico que com muita dificuldade, porque nunca tinha sido feito nada disso lá. Mas, já foi uma coisa mais próxima do que eu gostava. Então, no começo eu dei só continuidade, mas depois eu parti pra esse lado mesmo. Então, conhecer eu já conhecia, por causa disso. Eeee não foi difícil entrar, porque já era uma pessoa que estava na minha sala e foi dessa forma que eu acabei sendo indicado para a coordenadora do projeto, pra participar. E entrei assim. Foi assim que eu conheci.

Entrevistadora: No primeiro momento você foi mais por causa da bolsa? Você não conhecia...

P2: Não. No começo foi porque eu mudei pra cá... mas também não tem como falar que não foi, porque estava até num foco que eu não gostava muito, né?

Entrevistadora: Hum, tá.

P2: Então, não tem como eu não falar: não, eu fui porque eu queria. Porque eu dei continuidade a um projeto que já estava andando, entendeu? Mas foi, foi legal, deu pra aproveitar bastante coisa sim.

Entrevistadora: Mas deu pra conciliar tanto o interesse pela bolsa, quanto a ocupação de tempo?

P2: Sim, sim, eu sou muito aberto, assim. Eu gosto muito da nossa área... porque ela tem mesmo esse leque de opções pra gente trabalhar, né? O pessoal da Educação Física trabalha com recreação, trabalha com desempenho, trabalha com escolar, então se você não for aberto, você não consegue render, e eu procuro fazer um pouquinho de cada coisa. Claro que hoje, a gente

[6] Noroeste: Esporte Clube Noroeste é um clube e um time de futebol de Bauru, cidade localizada no interior do Estado de São Paulo.

[7] Vila Vicentina: Vila Vicentina Abrigo para idosos ou Asilo Vila Vicentina situado na cidade de Bauru que fica localizado no interior do Estado de São Paulo. Entidade sem fins lucrativos que atende a terceira idade carente de Bauru. Lar de mais ou menos cinquenta idosos, além de atender alguns outros idosos que apenas passam o dia.

trabalhando, começa a focar numa coisa só. Mas na época da graduação, eu sempre procurei fazer um pouquinho de cada coisa.

Entrevistadora: Você conhecia o projeto, mas você já sabia o objetivo dele de cara?

P2: Não. Eu sabia que tinha o projeto, porque o [...] comentava que ele fazia com a professora coordenadora na Vila Vicentina, sabia que era com idosos, mas não sabia exatamente o que era. Tanto é que foi um choque, até quando eu comecei porque... era bem difícil fazer eles se mobilizarem para fazer alguma coisa. O pessoal que já está lá, há quinze anos, queee não tem aquela... bom, idoso é assim, ele tem uma rotina e é difícil você tirar ele da rotina dele. Se ele ainda tem um histórico desde a infância e da adolescência de fazer atividades, é uma coisa. Mas você tirar ele da rotina dele assim, depois dele ter vivido setenta anos daquela forma e você pega: vamos jogar bola? É difícil! Então, no começo foi difícil. Mas, eu conhecia mais ou menos só o projeto, não tinha idéia de como era não?(pausa pra pensar) Quando eu entrei.

Entrevistadora: Em questão de divulgação, você não soube nada sobre...

P2: Divulgação...

Entrevistadora: Você foi por causa da bolsa? Não um exemplo, porque assim tem projetos que eles divulgam em escolas, em locais pra comunidade. Aí você ficou sabendo de repente de alguma divulgação? Ou divulgaram pros alunos?

P2: Não, não. Foi por causa da bolsa. O [...] falou assim: “Oh, estou saindo”.

Entrevistadora: Essa foi a divulgação?

P2: Foi, foi por causa disso. No começo foi isso.

Entrevistadora: Tá. No projeto você sentia a função do professor coordenador e do aluno? De que forma, assim? Você sabia qual era o papel do professor coordenador e qual era o papel do aluno? Era claro isso? A função do que fazer?

P2: O aluno que você diz eu?

Entrevistadora: O aluno estagiário. Seria você.

P2: Tá. Se eu sabia claramente qual era a função de cada um?

Entrevistadora: É de cada, mas no projeto de extensão universitário?

P2: Sim é. Antes de entrar eu não tinha idéia. Mas depois que eu entrei, eu acabei é... vendo que a parte... prática ficava mais por conta nossa mesmo, aaa professora só dava um auxílio num sentido de tirar dúvidas, se a gente precisasse de algum material ou alguma coisa, ela ia auxiliar também, e naaa... quando a gente fazia os relatórios de final de semestre, também a gente sentava com ela, fazia reuniões e conversávamos. No dia-a-dia ali, era eu e mais o outro aluno estagiário também.

Entrevistadora: E aí o que vocês faziam nessa prática?

P2: Nessa prática? Nesse primeiro momento, a gente deu continuidade, foi só... a gente chegava e interagia com eles. Tentava mobilizá-los, tirá-los da cama pra jogar uma bola, fazer uma atividade, um alongamento. Quando tinha... lá eles recebiam muita visita de escola, né? O pessoal das EMEIs[8], escolas estaduais e municipais aqui de Bauru. Éééé, os adolescentes e as crianças iam lá visitar eles, brincava um pouquinho com eles. Então, quando tinha essas visitas, a gente acompanhava as visitas e ajudava também nas brincadeiras junto com os professores. Quando não tinha, nós mesmos criávamos algumas atividades ali, mas era bem difícil. Eram sempre os mesmos que participavam

[8] EMEIs: Escolas Municipais de Ensino Infantil.

né? E aqueles que... chegou num ponto que tinham pessoas que nem dava mais pra chamar pra participar. Mas era mais isso aí mesmo, era criar atividades e brincar com eles. Aí na prática era isso.

Entrevistadora: E aí no segundo momento, você falou que mudou as atividades?

P2: Aí no segundo momento, tinha essas atividades também, só que dependendo do período, a gente pegava eles e tirava circunferência, via como estava o padrão da caminhada, analisava coisa mais no sentido, como eu vou colocar? (parou pra pensar e responder) Da eficiência motora, dadada... Eu por exemplo, quando eu fiz o último relatório, eu comparei os dados que eu encontrei lá, com alguns estudos que eram muito poucos estudos, né? No Brasil em asilos, éééé, com perfil antropométrico. Pegava o perfil deles e comparava com o perfil de outros lugares, via se tinha uma semelhança. Foi isso que a gente fez nesse segundo momento.

Entrevistadora: E o papel do professor coordenador?

P2: Ééééé então, a nossa professora nessa época ela era mais focada pra esse lado mesmo, mais da Educação e da recreação mesmo. Nesse primeiro projeto ela participou mais assiduamente na elaboração dos relatórios e tudo mais. No segundo momento, éééé ficou mais por minha conta mesmo, porque assim, na verdade foi, eu fiquei sozinho. Na verdade eram dois estagiários, né? Eu e o [...]. O [...] saiu naquele segundo momento, porque ele foi trabalhar no SESI[9], alguma coisa assim. E eu fiquei sozinho, aí a gente assumiu isso no começo, vamos fazer assim, porque dá um enfoque diferente, porque não está dando muito certo do outro jeito? Tá então vamos. Aí começamos a fazer e no final acabei ficando sozinho (fala com risos), porque a professora coordenadora não tinha muito contato com essa área dede avaliação e medidas, né? Então, ficou mais por minha conta mesmo. Então, a participação dela, foi mais no sentido de ajudar com material e se precisasse de algum ééé... de uma mediação com alguém, ela fazia mais essa parte. E o relatório ficou mais por minha conta e a prática também.

Entrevistadora: A parte prática, o planejamento, essas coisas?

P2: O planejamento eu fiz, nesse segundo momento. No primeiro momento ela ajudava, porque era mais dessa área dela.

Entrevistadora: E dentro do projeto, teve algum momento em que foi conceituado assim pra vocês, o que é extensão universitária? Ou pra que serve a extensão universitária?

P2: Se me foi conceituado...

Entrevistadora: Ou se te falaram assim, a gente conhece o projeto de extensão. Mas o que é a extensão universitária?

P2: Você diz assim, se foi me passado um conceito do que era isso pela professora coordenadora?

Entrevistadora: Se alguém te falou?

P2: Olha, é difícil de me recordar. Mas eu acho que eu aprendi meio que na prática mesmo, né? Porque a gente foi... Eu entrei no projeto meio que sem saber, o que era extensão universitária. Eeee depois com a prática, você vai vendo que tem outros projetos também, que tem projetos de condicionamento físico, tem projetos, dentro da Educação Física: tinha o projeto da [...] que era com deficientes. E como a gente estava em contato com isso diariamente, com os outros alunos e tudo mais. A gente acabava conhecendo o que era extensão assim, mas conceitualmente ééé... não, não teve conceitualmente.

Entrevistadora: Então, mais assim no seu projeto, mesmo não tendo conceitualmente. Teve alguma discussão entre vocês sobre esse tema, do que era mesmo?

[9] SESI: Serviço Social da Indústria. São escolas e clubes direcionadas as pessoas que trabalham nas indústrias em todo o Brasil. Sua missão é promover a qualidade de vida do trabalhador e de seus dependentes, com foco na educação, saúde e lazer, e estimular uma gestão social responsável da empresa industrial.

P2: Não, não me recordo. Mas assim, quando estava chegando para fazer resumo pra congresso. Teve um congresso que a gente participou em Águas de Lindóia.

Entrevistadora: Era de extensão?
P2: Era. Só de extensão. Eeeee quando chegavam próximos esses eventos assim, a gente discutia um pouco mais sobre extensão, o que é universidade, né? Eu lembro que a professora coordenadora do projeto ainda comentava, ela disse um conceito bem legal... (parou pra pensar) até no nome tinha, o nome do projeto era [...] e Vila Vicentina: compartilhando experiências, né? Que é o que a universidade pode fazer na sociedade para melhorar aquilo, pra ajudar a sociedade e ao mesmo tempo ajudar na formação daquele aluno que está começando. Então, tinha nessa época. Mas não era o ano todo não, quando estava chegando próximo de um evento assim, a gente discutia mais. Tinham mais essas discussões nesse momento.

Entrevistadora: Falando um pouquinho do projeto em si e de você como aluno estagiário, tá? Como era esse projeto de extensão universitária que você participou na sua graduação? Como era a sua rotina de trabalho? O que você fazia no primeiro e no segundo momento, porque foi uma mudança bem brusca? Como que era?

P2: Bem difícil (risos). Bem difícil...

Entrevistadora: Difícil por quê? Toda vez que você falar uma coisa você pode falar tudo.

P2: Porque era difícil, porque eu já expliquei mais ou menos. Por causa do público que a gente trabalhava. É difícil trabalhar com os idosos que estão há muito tempo institucionalizados. Éééé complicado, porque é imagine assim, ééé se a gente tem um projeto que oferece um lugar, para que os idosos vão até lá e pratiquem, você parte do pressuposto que aquelas pessoas estão indo lá, por conta própria e por vontade de praticar uma atividade. Agora quando você vai no meio, no local, tenta oferecer uma atividade, a resistência é maior, porque você não está ali com o público que está a fim de fazer. Alguns tinham vontade, mas 90% não. Então, foi muito difícil. Tinham momentos que, de verdade, dava vontade de falar pô: "Eu vou parar", porque me eu sentia meio inútil mesmo. Em alguns momentos, mas tinha hora também que... vamos lá a gente tinha na 5ª feira. Na outra 5ª feira quando a gente voltava, eles estavam mais animados e até dava uma motivação de que naquele dia eles participaram bastante. Então, ééé foi essa alternância de sentimentos, aí. Uma hora você sentia essa dificuldade por conta deles não praticarem... isso principalmente no primeiro momento, né? Que não tinha essa característica avaliativa, de medidas e tudo mais. Eeeee, mas foi assim. Acho que foi difícil mais por essa parte aí.

Entrevistadora: Eu só fiquei com uma dúvida, quando vocês falam que mudaram mais pra essa questão das medidas e avaliações. Éééé as dinâmicas corporais, né? As práticas também mudaram?

P2: Não.

Entrevistadora: Elas continuaram as mesmas, mas vocês deram enfoque também de...

P2: É, pra ter alguma coisa mais papável, sabe? Pra não ter só aquela...

Entrevistadora: Pra mostrar para eles também?

P2: Não pra eles, não. A gente disponibilizou se precisasse, até pro pessoal que cuida deles lá e tudo mais. Mas, ééé... Perdi o que eu estava falando. Você perguntou do?

Entrevistadora: Eu te perguntei do segundo momento, se mudou as dinâmicas? E depois de dar o retorno dessas avaliações?

P2: É porque a gente queria ter alguma coisa mais palpável. Porque é assim, naquele primeiro momento ficava com um relatório mais por conta de fazer uma coisa conceitual, falando sobre as relações sociais deles e como que era isso. Ééé e não tinha nenhuma coisa mais palpável no sentido de dados assim, né? Pra gente falar: "Ó, era assim e ficou assim". Então, acho que as medidas vieram ajudar nesse sentido, entendeu? Mas assim, as atividades em si, eram as mesmas e o que a

gente fazia antes do relatório que era de falar: melhorou... Ficou legal, porque eles interagiram entre eles e as pessoas que não tinha muito contato e tudo mais. A gente passou além de falar disso, falar que “Ó ele tem esse perfil aqui” e tem mais dados para mostrar, entendeu?

Entrevistadora: E eles gostaram, assim?

P2: Eu achei interessante que foi na avaliação... não sei se eles tem aquela idéia de que ah, ééé o doutor está avaliando ou alguma coisa nesse sentido, sabe? Mas eles se interessam mais. Agora quando você vai lá só pra brincar, entre aspas, porque tem o lúdico, muito lúdico nisso também, né? Eles não gostavam muito não. Mas se for nesse sentido, de pegar estatura deles, todos eles iam lá e faziam estatura e não tinha muita resistência. Mas se agora você falasse assim: “Vamos lá senhor jogar bola?”, não ia porque ele queria ficar jogando truco ali, só.

Entrevistadora: E eles entendiam a importância disso? Que nem você falou: “O doutor está fazendo a minha avaliação”.

P2: Entendimento assim, eu acho que não tinha. Mas eles davam algum valor aquilo, sim. O entendimento profundo do que estava acontecendo não, mas davam valor. Davam valor, sim.

Entrevistadora: Eeee assim, me fala como que era a sua rotina? Você falou que era difícil, tudo e tal, mas você chegava, você fazia o que? Por exemplo: cheguei coloquei a mochila no armário, como que era?

P2: Tá. Então, a gente chegava né? Na hora que entrávamos, cumprimentávamos os funcionários e tal. E íamos lá pro... tinha um pátio que era um lugar coberto, né? Coberto e aberto nas laterais. E tinha um refeitório deles lá, que eles só tomavam lanche lá. Nesse pátio aberto era aonde aconteciam a maior parte das atividades. Então, tinham mesas lá. A gente tentou algumas vezes fazer, ééé atividades de dardos ali, colocava o dardo, mas poucas pessoas participavam também. E não é um negócio que você podia deixar lá e fazer outra atividade em outro lugar, porque dardo, você imagina um senhor jogando dardo lá com ponta, tem que ficar em cima dele. Ééé e jogava bola. Chamava pra fora, fazia uma rodinha e ficava chutando. É claro que, além de idosos tinha um... eu lembro que tinha um senhor que era amputado, então ele tinha uma dificuldade também maior. Então, tinha que ficar mais próximo eeeee... então a rotina era essa. A gente chegava, aí praticava essas atividades com eles, quando eles cansavam você tinha que ter esse feeling pra perceber que se você continuar insistindo: “Vamos jogar bola”, uma hora o cara não vai querer te ver mais. Então, você tem que saber o momento de parar, conversar um pouquinho, perguntar um pouco da vida dele. Tinha muito diálogo, muito diálogo. Acho que mais conversa do que atividade, mesmo. Mas ai começava a conversar e de repente na conversa, encaixava alguma coisa e a gente pegava e vamos fazer aquilo ali então, aí mudava de atividade. Então, mas as atividades eram basicamente: jogar um futebolzinho ali; truco, eles adoravam jogar truco (fala com risos); ééé os dardos, né? Que a gente fazia. Tinha uma tabelinha de basquete que a gente dava uns arremessinhos lá com eles e basicamente era isso aí mesmo. E bater bastante papo e bastante diálogo. A rotina era essa.

Entrevistadora: E aí vocês faziam as atividades, batiam papo...

P2: Todo dia, todo dia as mesmas atividades. Todas as semanas, né? Era uma vez por semana.

Entrevistadora: E aí quando terminava, vocês iam embora? Tinham alguma reunião?

P2: Terminava... Não, não. Só terminávamos nos despedíamos deles e desejava uma boa semana e que na próxima semana nós estaríamos lá de novo.

Entrevistadora: E eles esperavam vocês?

P2: Esperavam, esperavam.

Entrevistadora: Que bonitinho!

P2: Risos.

Entrevistadora: E assim, como que era o seu envolvimento no projeto?

P2: Como assim meu envolvimento, minha participação assim?

Entrevistadora: A participação tanto na execução, reunião, relatório. Tudo o que você fazia do projeto.

P2: Você quer que eu dou uma, uma...

Entrevistadora: Como era você no projeto? Me descreva você no projeto.

P2: O que eu fazia?

Entrevistadora: Pode ser também.

P2: Eu acabei de colocar o que eu fazia.

Entrevistadora: Não assim. Você colocou aqui a sua rotina, mas como que era o seu envolvimento com o projeto, o seu compromisso. Sabe? Assim, por exemplo: eu participava de Sábado num projeto e largava o que fosse possível, porque eu queria ir nesse projeto de extensão de [...]. E como que era o seu envolvimento? Interagia bem ou não? Era segundo plano? Como que era?

P2: Na verdade, naquele primeiro momento em que eu só dei continuidade, eu não tive muito envolvimento não. Era só o dia que eu ia ao projeto mesmo. A gente acordava e ia lá, fazia o que tinha que fazer, é lógico. Mas, não tinha aquela preocupação depois deeee... voltava e pesquisava coisas pra fazer. Não, esse tipo de envolvimento não tinha. No segundo momento, em que eu comecei a fazer aquilo que era mais próximo daquilo que eu gostava de fazer. Aí tinha leitura sim. Eu fazia leitura em casa, tudo mais. Éééé, de como que era o trabalho com idosos, porque não é uma coisa fácil, ainda mais se eles são institucionalizados, daí tinha alguma leitura fora o período que a gente ficava lá. E uma coisa que foi bem legal e que me envolvi bastante, foi quando... Porque no projeto de extensão tem muito essa característica de passar muito a bola, né? Porque o aluno vem vindo e você está saindo, e aí, eu tinha um envolvimento assim, de estar ensinando os alunos novos. Eu lembro que tinha uma menina que estava entrando, a gente discutia bastante, sentava, chegava um pouquinho antes no projeto lá na Vila Vicentina mesmo. Sentava e tinha uma menina muito interessada também na época a [...]. Ela que me substituiu assim, na hora em que eu saí. Eeee então, a gente chegava um pouquinho antes, sentava lá, eu explicava pra ela das dificuldades que eu encontrava, né? E tentava. E como ela foi dar continuidade aquilo que eu estava fazendo, eu falava o que eu tinha lido, né? Sobre as medidas e avaliações, pra o que ela podia fazer para aplicar com eles. Depois eu não sei que rumo tomou o projeto. Se voltou pra esse, mais pra sentido de relações sociais, só. Mas, no segundo momento eu acho que teve mais o meu comprometimento, nesse sentido sim. Naquele lá do começo não, eu só ia, no dia do projeto e voltava pra casa. O único envolvimento que eu tinha era quando eu estava naquela hora lá. Depois teve esse lado de estar lendo mais em casa.

Entrevistadora: E você se sentia parte do projeto? Você achava que você podia opinar e ser ouvido? Você fazendo parte mesmo.

P2: Eu acho que era um projeto muito pequeno, pra falar a verdade. Pequeno assim, ééé com poucas pessoas envolvidas. Éééé eu via no projeto, por exemplo, daa... (parou pra pensar) o próprio interesse dos alunos, vamos colocar assim. Ééé o projeto do [...] de condicionamento físico sempre tinha uma procura absurda. Todo mundo queria fazer, as vezes tinha sete, oito alunos envolvidos e uma bolsa. Aí um ficava com a bolsa e os outros estavam lá, porque gostavam. Ééé esse projeto da Vila Vicentina, sempre foi uma dificuldade muito grande. Não tinha muita procura. Então é, quando você pergunta pra mim, se eu me sentia parte do projeto? Eu acho que eu era o projeto, num determinado momento. Porque estava eu e a professora coordenadora só. Ela dava só esse respaldo por fora, indicava as nossas leituras e tudo mais. Ajudava na confecção dos relatórios, mas não tinha aquela coisa de a equipe do projeto vai se reunir pra discutir. Não existia, isso não existia. Não, não tinha. Só tinha essa parte... Então, eu acho que por conta de ser um projeto pequeno assim, ééé eu acho que a minha participação foi o que podia ter sido feito mesmo. Eu me sentia parte dele sim. Acho que sim, por esse motivo.

Entrevistadora: Mas você acha que foi fundamental?

P2: Eu acho que assim, se fosse um projeto maior, mais pessoas fizessem e de repente só mostrasse aquilo na hora da atividade. Talvez, já seria uma pessoa totalmente dispensável, porque qualquer pessoa poderia fazer aquilo. Mas como foi um projeto que visava só isso mesmo, fazer, criar essa relação com eles. Eu acho que fui uma participação importante sim, nesse sentido. Eu acho que é isso, se eu entendi a sua pergunta.

Entrevistadora: Entendeu. Principalmente na mudança, né? Na hora que mudou. Apoiou-se basicamente em você, pelo o que você relata aqui. E o que você acha que aprendeu com o projeto? E o que você considerou mais relevante dessa experiência?

P2: O que eu aprendi como profissional? Pra aplicar depois no meu trabalho?

Entrevistadora: O que você acha que aprendeu que foi assim, bem significativo pra você? Você fala: "Poxa, aprendi isso, isso e isso no projeto". E o que você considera mais relevante?

P2: Bom, eu acho que como aluno em formação... vou começar falando por esse lado. Eu aprendi a ter uma ligação com a Universidade diferente daquela que os alunos de graduação tem, que só ir lá e ver as aulas, né? Tem esse envolvimento. Eu aprendi uma coisa que parece que não, mas é interessante também, é esse lance de protocolo. De você buscar, correr atrás das coisas. Vai protocolar não sei o que e ter toda essa parte burocrática para você se inserir no projeto. De documentação, isso é um negócio que você tem que correr atrás que você acaba aprendendo também. É aprendi a ter um contato mais próximo com o professor, porque eu não tive iniciação científica, né? Então, quem participou do projeto de extensão é uma forma de ter um contato com o professor, discutir temas que muitas vezes, não dá tempo de ter em disciplinas na graduação. Então, acaba te colocando mais conceitos. Hããã... Que mais?

Aí eu vejo também, como pessoa eu aprendi com a experiência dos idosos também. Eu acho que muitas das coisas que eles contavam ali, a gente se admirava, as vezes achava legal, as vezes achava triste, tinha muita história triste. Então, isso faz a gente também ter um crescimento também pessoal. E profissional, no sentido de que o lidar com o idoso, por exemplo, hoje eu sou personal trainer e tenho uma aluna de 60 anos que é idosa. Eee tem duas horas por dia eu trabalho na academia. E na academia no horário que eu estou eventualmente também aparece idoso. Então, quer dizer é a experiência prática ali, do dia-a-dia no projeto de extensão contribuiu no sentido de dar ferramentas pra poder estar aplicando atividades pra essas pessoas dentro da academia também. Então, foram esses três fatores: o pessoal, no profissional e como a graduação também, eu incorporei esses conhecimentos também.

Entrevistadora: Agora eu vou partir mais pra uma parte específica pra investigação da extensão universitária e suas implicações, tá? Qual é o papel/ significado/ o sentido da extensão universitária na sua formação inicial? E também do que se diferenciava do ensino e da pesquisa?

P2: Tá...

Entrevistadora: Então assim, quando você pontuou algumas coisas pra mim agora: "Ah, pra mim, na formação inicial como graduando foi importante isso, isso e isso". O que se diferenciava isso do ensino, que você tinha lá do dia-a-dia e da pesquisa, porque você transitou nisso, da extensão universitária?

P2: Tá. A pesquisa, você diz, dentro do projeto de extensão?

Entrevistadora: Ou fora também, porque às vezes você pode ter feito...

P2: Não, eu não tive uma iniciação científica com um projeto desse, de pesquisa nesse sentido.

Entrevistadora: É, mas mesmo sem iniciação, as vezes o pessoal desenvolvia algumas pesquisas e tudo...

P2: É a pesquisa minha ficou mais restrita a monografia, que foi uma pesquisa forte e os trabalhos acabam sendo uma pesquisa mais leve, né? Pra fazer o trabalho só. Mas pesquisa mesmo ééé (pensando) com fomento, essas coisas eu não tive. Agora, você perguntou o que diferencia ééé eu como graduando, como que é a pergunta?

Entrevistadora: Qual é o papel/ o valor/ o significado da extensão universitária pra você na formação inicial, tá? Que seria do graduando. E do que você acha que se diferenciava o ensino... a extensão universitária do que ela se diferencia do ensino e da pesquisa?

P2: Entendi.

Entrevistadora: Porque falam que é o tripé da Educação: ensino, pesquisa e extensão universitária. Do que você acha que ela se diferencia?

P2: Entendi. Bom, vou começar pela formação. Eu acho que contribuiu, eu já falei, né? Bastante coisa sobre isso. Contribuiu no sentido de toda aquela parte burocrática, né? Que você se envolve mesmo, com a questão de documentação, da universidade com à instituição que você está prestando trabalho. É, aprendi muita coisa conceitual também, dentro da terceira idade, porque eu nunca tinha trabalhado com terceira idade. Foi um negócio que me proporcionou ter um contato com os idosos, e nesse momento que eu estou no contato com eles, eu estou aprendendo com eles e estou usando ferramentas que eu aprendo ééé lendo sobre. Então, contribuiu nesse sentido na formação de conceitos, mesmo pra aplicar na terceira idade.

E a diferença que eu acho que existe entre ééé entre a extensão, a pesquisa e o ensino. Ensino que você diz na graduação? As aulas?

Entrevistadora: Sim. Você pode falar de um e depois do outro.

P2: Eu acho que a extensão tem uma coisa que ela difere dos outros que é a parte prática do negócio. Você, aquele saber que você conceituou e que eu li na folha, aquela parte da experiencial lá. Eu acho que isso está mais presente no projeto de extensão, do que nos outros saberes, né? Do que no, no, no... na pesquisa ou no ensino. Então, ééé você estar lá no dia-a-dia, botando a mão na massa, esse tipo de coisa é mais praaa... Eu acho que todo aluno graduando deveria passar por isso, né?

Entrevistadora: Por quê?

P2: Porque, fica só por conta do estágio, dar conta da coisa. Um estágio que cabe muitas discussões aí, em questão de muita gente...

Entrevistadora: Pode colocar seu ponto de vista. (risos)

P2: Não, estou colocando. É, muita gente reclama e fala: “Ah, estágio é uma enganação”. Tem muita gente que pega assinatura de não sei de quem e não faz o estágio. Uma oportunidade de a pessoa aprender é fazendo o projeto de extensão. No projeto de extensão, você está envolvido mesmo, na prática com o negócio. O ensino e a pesquisa não te propiciam isso. Um grande pesquisador ééé... isso é uma coisa que a gente discutia muito na graduação. Falava que será que é necessário uma pessoa... será que um pesquisador que só acabou a graduação, já entrou no mestrado e foi pro doutorado, ele teria a capacidade de pegar e entrar no mercado de trabalho? Então, é uma coisa que eu na época ficava meio na dúvida, hoje eu vejo, que realmente tem muita diferença, muita diferença, porque habilidades sociais, isso é uma coisa que você ganha fazendo o trabalho, fazendo o projeto de extensão e fazendo estágio. Só na pesquisa você não ganha habilidade social. Nós da Educação Física, somos pessoas que a gente lida com o público, né? São seres humanos. Quem não tem habilidade social, não ganha dinheiro, não ganha respeito e não consegue trabalhar. A pessoa chega em casa nervosa, porque você querer aplicar um negócio, é lindo! Muito bom. Mas você aplicar aquilo que você aprendeu requer habilidade, requer um jogo de cintura, é você tem que estar muito por dentro do contexto que você está inserido, pra poder fazer isso. Se você quiser chegar e empurrar uma coisa, ela não vai fluir. Então, a mais eu li 250 artigos de trabalhos práticos que falavam que esse era o melhor caminho. Não, concordo é o melhor caminho, mas é você não vai ter a habilidade pra fazer isso. Daquela forma que foi feita nos 250 artigos que você leu. Então, pra mim a diferença básica é essa aí: te dá ferramentas, te dá habilidade social, te dá ééé uma capacidade maior de lidar

com os problemas do dia-a-dia no trabalho, a extensão, e a pesquisa e o ensino não. Essa que eu vejo que é a principal diferença.

Entrevistadora: E você acha que esse aluno que passou pela extensão universitária, consegue articular esses artigos, que você falou esses estudos, pra de repente utilizar ali na sua prática?

P2: Consegue, sem dúvida nenhuma. E isso aí, é uma coisa que o professor coordenador ajuda muito, né? Ele indica as suas leituras, você vai trazer o problema pra ele, daquilo que você não conseguiu aplicar ou de repente conseguiu. E vocês vão discutir. Isso aí faz você melhorar bastante sim, com certeza. Aprender a articular esse lance da atividade e a leitura passa necessariamente por uma orientação, e isso tem que ter.

Entrevistadora: Você apontou um diferencial. E você acha que a extensão universitária assim, vai influenciar nessa... Desculpa. Você acha que ela se preocupa com a formação?

P2: Se a extensão se preocupa com a formação?

Entrevistadora: No projeto em que você passou você acha que ela se preocupou assim, com a sua formação?

P2: Aaa eu acho que sim. Até porque a minha professora orientadora, ela estuda muito formação profissional. Tudo o que ela faz é formação profissional, então se ela não pudesse contribuir com isso não teria... mas então, ela ajudou bastante sim. E eu acho que existe essa... mais no diálogo, na parte prática ela deixava a gente sempre muito a vontade pra fazer o que a gente queria e levar os problemas pra ela. Porque ela vinha teorizar, indicar leituras e tudo mais e propor problemas. Mas, ajudou assim na formação com certeza.

Entrevistadora: Quais são as implicações da extensão universitária na sua formação profissional? Então, por exemplo o que você aprendeu lá no projeto de extensão universitário, que hoje, efetivamente você aplica na sua prática profissional? Quais foram essas implicações?

P2: É como eu falei então... pelo fato de hoje eu, o trabalho que eu exerço, em alguns momentos eu acabo lidando com um público mais idoso, né? Eee o público idoso tem algumas restrições e particularidades que são diferentes daquelas deee... Por exemplo: quem trabalha com Educação Física escolar... se eu tivesse feito um trabalho com Educação Física escolar, eu trabalharia com crianças. Hoje talvez, não teria tido tanta transferência pro meu trabalho, porque dificilmente eu iria lidar com crianças no meu trabalho. Então, acho que foi positivo nesse sentido, quando eu trabalhei com idosos, se eu tiver contato com um idoso, eu sei o que conversar, o tipo de conversa que agrada mais, eu sei das limitações desde experiência prática lá que eu tive no projeto de extensão, até com leituras que a gente sabe que o idoso, as vezes ele carrega algum problema patológico, né? Um diabetes ou algum problema articular, ééé osteoporose. Esse tipo de coisa que o projeto de extensão colaborou sim. Eu acho que me ajudou no trabalho.

Entrevistadora: Você me falou vários elementos que você teve durante o período, tá? Aí eu vou até na nossa conceituação do saber que tem como referencial o Tardif. Vou pedir para você relatar todos os elementos que você aprendeu no projeto de extensão universitária?

P2: Esses quatro saberes que ele elenca aí?

Entrevistadora: Sim.

P2: Lá no projeto?

Entrevistadora: No projeto que você esteve.

P2: Bom, um que eu vejo claramente é esse último saber experiencial aqui... (pausa para pensar)

Entrevistadora: Dê uns exemplos desses elementos, que você diz que ficam mais claros. Quais seriam essas ações?

P2: Risos. É difícil elencar isso em exemplos.

Entrevistadora: Momento de reflexão (risos). Quais desses elementos, que você fala que quando você foi lá e pôs a mão na massa, na prática, no seu cotidiano de trabalho. Quais foram eles? Que você precisou? A, eu precisei a aprender a lidar com o idoso, por exemplo. Você falou que foi muito difícil...

P2: Foi

Entrevistadora: Você aprenderia se não tivesse colocado a mão na massa, por exemplo?

P2: Eu acho que o saber experiencial foi como motivar, por exemplo. Como motivar o... isso aí eu aprendi com a prática, né? Porque você meio que tentativa e erro. Ah, isso aqui eles gostam e isso aqui eles não gostam. Isso aí foi um saber experiencial que eu sei que idoso não gosta disso aqui de jeito nenhum, então não vou fazer. Então, isso foi um saber experiencial. Eu vejo assim. No projeto as coisas que mais agradavam, poxa isso aqui agradou, então vamos continuar nisso aqui. É isso o experiencial?

Entrevistadora: Isso está certo.

P2: Tá, então eu vejo basicamente isso aí mesmo.

Entrevistadora: Que nem você fala do feeling. Ter esse feeling...

P2: É de saber o momento de parar, né? Eu estou dando uma atividade, aí eu vejo que ela está perdendo a motivação, não vou continuar. Vou mudar de atividade e voltar depois, porque se eu saturar ela... Então, são essas coisas que basicamente eu consegui fazer lá.

Entrevistadora: Se a gente fosse pontuar os elementos da formação profissional, que são os elementos pedagógicos, científicos, que geralmente vai ser transmitido lá na faculdade na disciplina que você fez.

P2: No projeto de extensão, esse saber esteve presente nos momentos de... que eu ia ter algum evento, por exemplo o congresso de extensão universitária. A gente ficava mais envolvido com leituras, né? Pra fazer os resumos. Então, teve esse envolvimento e a gente acabou aprendendo a fazer os resumos, toda a normatização do negócio. Ééé, o projeto de extensão contribuiu nesses momentos, com esse tipo de saber.

Entrevistadora: Tá. E se fossemos falar dos elementos disciplinares, que são aqueles elementos que auxiliam na sua formação como docente. Na sua ação como professor/personal, né? Porque ali você não é só apenas um monitor. Teve algum assim?

P2: O que o projeto fez em relação a isso? Eu acho difícil ter algum.

Entrevistadora: Porque você disse que começou a trabalhar com medidas e avaliações, hoje você trabalha como personal, você acha que isso se aproxima?

P2: É nesse sentido sim. É muito bem lembrado. Eu acho que teve sim, teve naquele segundo momento do projeto, lá. Aaaa... É que assim, na verdade eu já tinha uma bagagem disso e eu incorporei isso no projeto e não o projeto me incorporou isso, você entende?

Entrevistadora: Entendi, entendi.

P2: Então, não foi de lá que eu tirei isso. Por isso, eu não vejo tanta participação desse tipo de saber no projeto de extensão, entendeu?

Entrevistadora: Hã ram, você já sabia. Mas assim é...

P2: Até porque eram coisas muito simples é: peso, altura e medidas antropométricas, né? Coisas que a gente já tinha tido isso em matérias básicas.

Entrevistadora: Você teve isso em matérias básicas, mas assim, pra sua constituição como docente mesmo, como personal agora, como professor. Porque eu tive esse conhecimento, certo? Aí eu como professor vou por em prática esse conhecimento, no seu caso você estava no projeto de extensão. Esses conhecimentos que vão te formando como professor sabe?

P2: Mas daí a gente já começa a entrar naquele saber experiencial.

Entrevistadora: É não, eles estão ligados, eles não estão desconectados, eu estou especificando aqui...

P2: É, eu estou tentando separar, pra explicar onde cada um desses elementos estavam presentes no projeto. Mas, acaba sempre tendo alguma relação. Por exemplo: é lógico, que eu tinha essa conceituação, eu já tinha até a parte prática, eu já tinha feito as avaliações, alguma coisa do tipo, em outros momentos antes do projeto. Mas, é claro que quando você está avaliando um idoso, tem particularidades. Então, nesse sentido teve. Eu apliquei isso como profissional, um conceito e dentro desse conceito que eu estava aplicando teve suas particularidades que dali eu pude tirar alguma experiência sim. Mas aí já entra naqueles saberes experienciais.

Entrevistadora: Entra nesse entra nos elementos curriculares também? Que o autor fala que são aqueles elementos que quando você é agente do processo, por exemplo: eu estou com um aluno. Ali você estava com um aluno, mas quando você, no projeto de extensão, você falou: “Poxa eu fiquei sozinho. A minha orientadora não entendia desse conteúdo direito”. Quais elementos você acha que aprendeu, quando você foi o agente? Eu agora que estou levando a turma, né? A responsabilidade é minha.

P2: Isso. É então aí, ficou muito na minha leitura sabe? De eu procurar coisas, me informar sobre aquilo. Por exemplo, eu me supreendi quando eu peguei e fui pesquisar o que já tinha sido feito com ido... asilos, né? Porque na época tinha que ser uma instituição. Que tinham traçado avaliações de perfis antropométricos. Eu achei acho que quatro, cinco ou seis artigos, sei lá. Não tinha muita coisa. Então, é foi difícil nesse sentido. E por me forçar a fazer essa pesquisa, eu acabei incorporando conceitos também e tudo mais. Então, contribuiu também nessa parte. Eu acho que todos esses saberes estão relacionados é difícil definir.

Entrevistadora: Mas é legal que te forçou a pesquisar para ter contato com novas informações e você trouxe essas informações pra sua prática.

P2: Sim, sim. Teve resultado positivo, é. De repente também eu seria mais acomodado entre aspas, se o professor passa e usa esse protocolo aqui de avaliação, você faz isso e isso. E depois oh, você tem esses artigos aqui e você só compara com eles. Mas não, teve todo esse processo de buscar e pesquisar.

Entrevistadora: Querendo ou não você aprendeu?

P2: Aprendi, aprendi, aprendi. Querendo né? Não querendo ou não.

Entrevistadora: Querendo ou não, estou falando assim, as vezes: aí eu não quero, estou cansado do projeto.

P2: Não, não, não. Teve essa parte aí, como uma coisa legal, positiva. É eu entendi o que você falou: poxa que droga, estou sozinho e estou fazendo tudo sozinho.

Entrevistadora: É o que é que eu vou fazer agora? Porque é a mesma coisa vai? O professor quando, estou falando de uma realidade minha, quando vai pra escola, enquanto eu sou aluno tudo bem. Quando você vai pra escola e você vê que os alunos estão te vendo como inimigos. Você fala: “Gente o que é que eu faço agora?” e você vai recorrer de repente a algum saber que você teve no ensino médio ou mesmo na graduação. O meu professor fazia aquilo e dava certo.

P2: Então, sabe que eu acho? Que a nossa conversa ficaria mais rica se eu tivesse lido o conceito antes.

Entrevistadora: Risos.

P2: Não é verdade. Porque aí você vai falando e eu vou... Eu estou aprendendo agora com você.

Entrevistadora: Eu fui explicando, porque assim, eu sei que as vezes você lê e fica assim: hummm. E aí fala assim pra mim: “Nossa [...] não entendi”. (risos)

P2: Éééé que é assim. Mesmo entendendo aqui, é muito pouco, né? Pra você ter uma bagagem, pra você poder dialogar sobre isso. Então, se eu tivesse lido alguma coisa, eu acho que eu iria lembrar de mais situações. Porque, por exemplo, agora eu não estou me recordando de situação. Mas se eu tivesse estudado isso aqui eu iria falar: “Poxa aquele dia que aconteceu aquilo lá, nossa podia falar isso aqui”. Mas então, agora não vem. Mas quando a gente vai conversando aqui, vai surgindo as idéias.

Eu entendi o que você falou. Você como professora na escola, às vezes você tem que recorrer a coisas que você teve no ensino médio, que foi um saber que você incorporou, que não necessariamente teve uma contribuição da graduação, mas que foi muito importante para você resolver aquele problema lá.

Entrevistadora: Eu só estou curiosa para saber em que momento isso aconteceu. Que nem você falou, oh “aqueles conceitos que eu tive de matérias básicas da graduação, eu utilizei. Mas não foi bem na extensão”. Então, pra mim fica claro que não foi ali foi durante o ensino dele.

P2: É então e aquilo que eu falo de habilidades sociais é muito disso aí também. Por exemplo: eu entrei na faculdade com 17 anos.

Entrevistadora: Super jovem.

P2: É. Eee tinha o [...] da minha sala e ele tinha na época, 30 e poucos anos. Então, você via que em determinadas situações práticas, é outra história. Por exemplo: dentro da sala de aula, o professor passando o conceito, eu tinha uma facilidade muito grande de incorporar aquilo, de entender aquilo. Mas essa habilidade social de um dia colocar aquilo na prática, de repente ele poderia ter entendido menos o conceito do que eu entendi, mas ele teria um resultado mais positivo na prática, por causa dessa habilidade social, dele ter mais bagagem, né? Porque por exemplo, você usou o exemplo com você quando falou do ensino médio. Ele teve um ensino médio, teve trabalho fora da área, em outras coisas que tudo isso vai incorporando em você, né? Eeee eu não. Eu tinha pouca experiência, tinha 17 anos. O que uma pessoa de 17 anos tem de experiência? Nada, nada (fala com ênfase). Se eu fosse pegar uma turma de colegial pra dar aula, eu ia ter a idade deles no estágio. Você entende? Então, é...

Entrevistadora: Você acha que a extensão universitária te ajudou nisso?

P2: Ah, eu acho que ajudou, mais assim, é um exemplo que é diferente porque eu estou falando de escola e eu estou falando de idosos. Mas, me ajudou a ter experiência sim. Eu não tinha lidado com um público desse tipo, né? Então, tudo o que você faz que você nunca tinha feito, te agrega alguma experiência, não é verdade? Então, eu aprendi sim. A extensão me ajudou nesse sentido sim. A extensão me ajudou a me relacionar com o professor.

Entrevistadora: Você usa isso também hoje? Porque o que você apontou pra mim lá em cima, que seria uma implicação e que foi um saber aprendido também, que você usa na sua formação. Foi por exemplo: aprender... não é o seu público maior, deu a entender. Mas você aprendeu a lidar com o idoso, quando ele vai lá à sala de musculação, quando você precisa fazer personal, com a sua personal de 60 anos, entendeu? E aí assim, isso também te ajudou com essa questão da sociabilização? De aprender a lidar com o professor no seu dia-a-dia hoje?

P2: Ajuda, ajuda sim, porque é o professor eu entendo que ele ajuda a gente a organizar melhor as idéias, ele direciona a gente, né?

Entrevistadora: O professor coordenador na extensão universitária?

P2: É o professor coordenador. Eee o que eu aprendi com a professora foi realmente organizar as idéias e não ficar perdido. Então, o que eu vou fazer? Isso hoje tem uma transferência também, né? Às vezes eu estou cheio de coisas pra fazer, e eu falo: vamos organizar, é, vamos organizar. Isso, isso e isso em tal horário, isso e aquilo no outro horário, vamos organizar tudo dessa forma. Então, teve esse tipo de ajuda sim. Eu aprendi com a professora também, nesse sentido de orientação, né?

Entrevistadora: Aquelas coisas que você me falou de burocracia, de relatórios e tudo. Você também usa hoje ou não? Te ajudou? Estou pegando experiências que você foi me falando.

P2: Entendi. Olha, acho que nisso não. Essa parte burocrática, de documentação não, porque isso não está muito presente no meu trabalho hoje não. Mas, a relação do professor eu acho que foi a única coisa mesmo queee e é lógico que toda aquela parte prática de todas as atividades que a gente fazia é uma das coisas que... mas, essa parte burocrática não. Não sei se me recordo de mais alguma coisa que eu possa estar usando.

Entrevistadora: E o que você usa pra lidar com o professor? Que nem, a professora te ensinou a organizar. Mas pra você lidar com o outro professor também?

P2: Você diz na graduação?

Entrevistadora: Não, não agora no seu trabalho. Você falou assim: "A professora me ajudou a organizar as idéias".

P2: Com o outro companheiro de trabalho, você diz?

Entrevistadora: Isso. É que você me falou assim, a relação do professor. E eu fiquei pensando assim, se era só com o professor coordenador em te ajudar a organizar as idéias ou de você com o outro também, profissional que trabalha lá?

P2: Teve esse lado de eu organizar as idéias. Por exemplo: tem dentro da academia, é lógico que quando a gente é personal, nós somos prestadores de serviço, né? Mas por exemplo, dentro da academia existe uma hierarquia, né? Tem o proprietário, tem o coordenador e não sei o que. Eee a gente obedecia a uma hierarquia, mesmo que não era uma coisa assim, eu sou isso, você é isso e você é isso. Não tinha essa classificação. Mas, você se entende dentro de uma hierarquia, quando você está no projeto de extensão. Tem o aluno que está a mais tempo no projeto, tem você e tem o professor. No nosso caso era isso. Tinha o aluno que estava mais tempo, eu que cheguei e tinha a professora que organizava e direcionava. Então, essa coisa da hierarquia, também foi uma coisa que a gente pode transferir pro trabalho, por exemplo. Tem o patrão, saber como conversar com o patrão, as vezes é... comparar, porque parece besteira eu falar, mas a professora era nossa chefe, né? Não é? Então, no trabalho tem o chefe. E como conversar com o chefe é uma coisa que pode estar transferindo também. A organização eu disse.

Entrevistadora: Nossa, eu achei muito legal.

P2: É Eu fiz uma conexão aqui. Estou tentando te dar, né? O máximo que eu consegui de transferência que eu tive pro trabalho. Mas é uma coisa.

P3

Entrevistadora: Então ééé, como que você se aproximou do projeto de Aikidô, que você participou na [...] ? Como você ficou sabendo sobre divulgação? Como que você realmente se aproximou? Se você sabia o objetivo desse projeto ou não? Como que você veio?

P3: Então, na verdade foi assim, ãããã. Tinha um amigo meu né? Que cursou comigo, o [...]. Ele tinha o projeto de Karatê, né? E o professor [...] na época, né? Sabia que eu lutava Aikidô, tudo, e propôs que...

Entrevistadora: Pode falar, (risos) quando eu olhar pra cá, não liga não, às vezes eu vou tentando elencar uma coisa com a outra.

P3: ... então, ele deu pra mim essa oportunidade, né? Eu trabalhava já com Aikidô, dando algumas aulas. Tinha um projeto social que eu mantinha também, num lugar bem carente daqui de Bauru...

Entrevistadora: Que legal!

P3: ... ensinando Aikidô também só que era pras crianças também só que nos dois...

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: ... eu até poderia solicitar a bolsa por esse projeto, né? Não precisaria ser aqui, mas eu falei né, vou tá procurando fazer também, e aí o [...] sentou comigo e ele foi colocando tudo prá mim, ããã, com base também no que o [...] estava fazendo, né? Iii, como seria? Qual seriam as propostas? Como é que a gente divulgaria? Então ele sempre fez isso né? Junto comigo assim.

Entrevistadora: Mas, ele, o projeto já existia quando você entrou, ou você começou o projeto com ele?

P3: Não, eu comecei o projeto de Aikidô na [...] em 2004.

Entrevistadora: Ah! Você que começou?

P3: É. Eu que comecei, peguei uma turminha sempre oscilava assim né, começou com vários, depois época de prova diminuía bastante depois subia de novo.

Entrevistadora: Mas eram alunos só da [...] ?

P3: Na verdade não, era pra comunidade né? Mas aí falhou um pouco, naaaa minha divulgação pra comunidade, então assim eu tinha dois,três alunos da comunidade, e o resto era todos os alunos da [...], né?

Entrevistadora: Risos

P3: Na verdade, eu não tinha nem como abrir mais pra comunidade, porque tinha muitos alunos fazendo, a gente ocupava, a gente treinava ali no tablado de ginástica olímpica, né? Dava uma queda, prá (risos) assim, era super gostoso, mas é... chegava a ter quarenta e cinco, quarenta e seis alunos novos assim, dependendo do espaço, né? Não dava pra ter divulgado mais, né? Só que aí quando começou a, a o pessoal parar porque iam ter provas, ficavam poucos né? Mas a idéia seria abrir pra comunidade? Em primeiro lugar, né?

Entrevistadora: Você se aproximou porque você gostava de Aikidô?

P3: Eu já era faixa preta de aikidô na época, né? Então assim, como o [...] ele professor aqui e tudo e ele é faixa preta de Karatê também, conhece o Aikidô, gosta também, ele sugeriu né? Por que não tal, a gente pode solicitar uma bolsa. Eu falei: - Ah, vamos aí tal, aí ele montou o projeto junto comigo tal, ele sentou, a gente pegou o do [...] como base é é, aí foi e deu certo, recebi as bolsas e tudo. Aí eu fiquei dois anos, nisso tinha. [...] que eu estava no terceiro quando ele entrou na faculdade, né?

Entrevistadora: [...] era seu colega na faculdade?

P3: É isso, só que assim, ele era do primeiro ano, eu era do terceiro, ele começou treinar aqui comigo, ele era de outro estilo de Aikidô tudo mais né, fui treinando tal, formei alguns alunos graduados e tudo mais e depois que eu me formei né? Eu deixei pra ele o projeto que é o projeto que continua até hoje que é uma aluna dele.

Entrevistadora: Que legal!

P3: Pelo que eu sei, mas é assim, é mais ou menos isso, ele deu continuidade e eu não sei se solicitou bolsa depois tudo ou não...

Entrevistadora: Mas você entrou pro que o professor fez a proposta é que pra você fazer atividades aqui no campus e aí aviou a questão da bolsa, não foi só por causa da bolsa?

P3: Não, não, por que na verdade eu poderia é é é, tá de repente tá pedindo a bolsa pelo projeto que eu já tinha com as crianças né?

Entrevistadora: Tá, entendi.

P3: Mas era foi uma oportunidade de tá realizando uma coisa que eu gosto pra um público que eu gosto que era público adulto, na época eu só lidava com criança é é, trabalhava também professor de Educação Física de crianças, naaa, e ele deu essa oportunidade, solicitou as bolsas e tal, talvez se ele não tivesse chegado em mim, pra, pra ter esse diálogo comigo de propor isso, bem provavelmente eu não teria feito né ...

Entrevistadora: Que legal!

P3: Então, uma pessoa excepcional o professor [...] é eu gosto bastante dele.

Entrevistadora: E qual, como foi você que começou o projeto qual que era o objetivo do projeto?

P3: Então, o projeto era tá ensinando Aikidô prá.... comunidade carente, hummm tá fiscalizando?

Entrevistadora: Risos

P3: iii O que eu tava falando?

Entrevistadora: O objetivo do projeto de Aikidô.

P3: Ah! então foi isso, ensinar a comunidade aberta eu lembro que a gente abriu bastante assim, dos quinze até ..., eu tinha até uma senhora que ela cursava arquitetura que treinava aqui comigo...

Entrevistadora: Que bonitinha!

P3: ... ela tinha acho que sessenta e nove, setenta anos...

Entrevistadora: Que legal!

P3: ... ela treinava junto com a gente, graduou tudo né? É, foi bem bacana assim, então nisso eu consegui atingir, né? O Aikidô ele tem facetas interessantes, porque e assim, ele não é uma arte marcial competitiva, então fugia um pouco daquela coisa assim, é é daquela, daquela paranóia social que você tem que competir, você tem que vencer e tal, então eu acho assim, algumas pessoas não se sentiam bem com isso, ou tinha uma certa frustração...

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: ... de, na parte esportiva de não ter, lá não tinha por que todo mundo cooperava né? Quem sabia mais, ajudava quem sabia menos, né? E acabava aprendendo com isso também...

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: ... então assim, agregou alguns valores também né, além da atividade física em si, da prá você aprender a técnica toda, toda a filosofia do Aikidô acho que...

Entrevistadora: Mas o objetivo era ensinar Aikidô para comunidade carente, é isso? Ou não?

P3: Não, pra comunidade geral né? A gente queria atingir um público de alunos do Campus e das proximidades não foi pra [...] inteiro também né?

Entrevistadora: Risos, não cabia...

P3: É a gente divulgou um pouquinho no Geisel[10] coisa e tal, inclusive os alunos eram do Geisel né?

Entrevistadora: Hã, hã.

P3: Acho, eu queria na verdade, abrir mais pra comunidade, mas como tinha muitos alunos da [...], não tinha condição, então falei pro pessoal, vamos trabalhar com esse mesmo, então ficou um tanto mais restrito assim. Inclusive um dos alunos que eu tive que era do Geisel, ele depois veio a fazer um curso de formação de vigilante, tá trabalhando como segurança, assim sabe?

Entrevistadora: Que legal!

P3: Risos, legal eu gostei.

Entrevistadora: E pra você, a função do professor coordenador, né? Que você falou do professor [...] e do aluno do projeto extensão, pra você, você sabia qual era a função do professor coordenador e a sua?

P3: Então ficou bem claro e ele deu todo o respaldo necessário né? Ele me chamou, fez aa ... colocou a proposta pra mim e tal, oh? É isso tal, a gente pode tá requerendo uma bolsa pra você. Pô, bacana né? Vou tá fazendo uma coisa que eu gosto né? Tá podendo também pegar esse recurso e tá aplicando iii ...

Entrevistadora: Mas a função de vocês no projeto?

P3: Então...

Entrevistadora: O que se acha que cada um tinha que fazer?

P3: Então, eu na verdade fiquei responsável como a, o ensino mesmo, técnico né? Da modalidade, tudo, avaliação e tudo o mais que, na verdade eu acredito ser realmente ali a minha função no projeto, já o professor [...] ele ficava na retaguarda, ele...

Entrevistadora: O que ele fazia?

P3: Ele chamava assim pra conversar, o projeto tá indo legal tudo, né? iii ele também se preocupava tudo né? Ele confiava em mim também, mas ele, ele chamava pra ver se tava tudo legal.

Entrevistadora: Fora as avaliações assim, planejamento tudo...?

P3: A gente teve um planejamento no início, né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: Iiii de como seria? E acabou na verdade mantendo esse planejamento né?

Entrevistadora: Humm, legal essas coisas!

P3: Então assim, não teve que fazer um replanejamento, porque foi contínuo os alunos, foi diminuindo tudo, ao terminar 2004 e iniciar 2005 a gente fez uma nova divulgação, né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: E tinha sobrado muitos poucos, né? Começa um monte e vai diminuindo assim...

Entrevistadora: Risos.

[10] Geisel: É um bairro da cidade de Bauru que fica próximo ao Campus da UNESP/Bauru.

P3: ... iii, mas essa segunda divulgação já pegou um pouco menos assim né? Teve um outro problema também, dentro, como era muitos alunos, eu trazia alguns alunos da minha academia prá tá ajudando aqui, né?...

Entrevistadora: Nossa!

P3: ... como instrutores, né? Porque era muita gente. E acabou depois havendo uma cisão ali, porque criou umas panelas, coisas assim, envolvendo ããã, relacionamentos extra... projeto...

Entrevistadora: Extra-aula, rs...

P3: ... éé e acabou diminuindo bastante assim também, né?

Entrevistadora: Mas, se você fosse resumir a sua função e a dele, você falou que você ficou assim, mais com a parte prática e ele?

P3: E ele ficou naaaa retaguarda ali...

Entrevistadora: O que seria essa retaguarda, ali? É que você falou que ele chamava pra conversar pra ver se estava tudo bem, mas, era uma reunião assim...

P3: Então, por que na verdade, era assim... é, era uma reunião, ele colocava né? Pra ver se estava tudo bem, se o planejamento estava sendo atingido, tal, os objetivos, né? Então, era bem tranquilo assim, ele ãã, em função até mesmo do horário né? O horário do almoço né? ele não poderia tá indo lá pra ver né, como que tava, mesmo por que é uma disciplina na qual ele que no ensino do Aikidô ele não tinha conhecimento assim né? a formação dele é sobre karatê iii, nas seleções que ele ensina aqui, mais, mais...

Entrevistadora: Ele te orientava dentro do que ele sabia?

P3: Dentro do que ele ensina assim, ééé das questões do projeto, é é do planejamento da divulgação, da, renovação, do negócio da bolsa né? Então essa parte ele fez tudo comigo ali.

Entrevistadora: E as aulas ficavam com você?

P3: É.

Entrevistadora: Tá. Em algum momento quando você estava no projeto, nessas reuniões que você colocou, é teve algum momento que vocês discutiram o que era extensão universitária?

P3: Então...

Entrevistadora: Conceito. Ah extensão serve pra isso, ela é assim...

P3: Então, ele colocou pra mim sim né? Mesmo por que alguns alunos tavam, é é é, querendo outros tipos de bolsa assim né?

Entrevistadora: Hum, tá.

P3: Bolsa de pesquisa e tal, que até é é é pesaria um pouco mais no currículo e tal. Eu nunca tive essa preocupação assim de colocar em currículo, eu sempre fui né? Nunca fui um mau aluno...

Entrevistadora: Não, não era.

P3: Mas assim...nunca tive essa preocupação, então o pessoal, aaaa, o projeto pesquisa, o projeto pesquisa e tal, que é importante depois, você vai fazer um mestrado e tal, falei: - Ah, não sei por enquanto, aí né? dentro da conversa que ele teve, ele falou, sobre o que seria o projeto de extensão universitária, você tá fazendo uma uma atividade, eu sei que existiam outras, mas, aaa, tinha própria do [...], do karatê, o pessoal ligado aí ao [...] que fazia umas voltas aí, lá pro público...

Entrevistadora: (Risos), mas ele falou assim, mais ou menos o que, que era esse conceito do projeto, o que, que você lembra?

P3: Olha eu não lembro (risos). Faz tempo pra caramba, minha memória eu não consigo... olha, é o jogo do mico assim, sabe?

Entrevistadora: Ele te explicou como era o projeto de extensão de Aikidô, ou ele falou pra você o que que era a extensão universitária?

P3: Não, ele colocou pra mim o que era a extensão universitária, né? E falou da possibilidade de tá aliando, né? Esse... o Aikidô né? Dentro do projeto, né? Mas assim...

Entrevistadora: Você não lembra nem um pouquinho? (risos)

P3: Vou ficar te devendo essa.

Entrevistadora: Mas você lembrou o que ele falou, legal. A gente vai falar um pouquinho agora do projeto e de você como aluno estagiário tá? E, você lembra assim, como que era o projeto de extensão universitária que você participava né na graduação? E a sua rotina de trabalho como que era?

P3: Na verdade...

Entrevistadora: Chegava, fazia...

P3: ... Não era aluno estagiário por que eu que dava as aulas

Entrevistadora: A não, a gente fala aluno estagiário por que você ainda estava na graduação, mas você já era graduado como faixa preta do Aikidô. São graduações diferentes né?

P3: Inclusive, é é é, eu sei que você fez trabalho com artes marciais, mas assim...

Entrevistadora: Risos.

P3: ... eu não tive o prazer de ler, ainda a Educação Física quer abaixar o mundo de conhecimentos, mas muitas vezes não tá preparado pra isso né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: i i i ... inclusive nas artes marciais e algumas danças específicas tem até um caráter assim, religioso tal.

Entrevistadora: Sim, tem toda uma explicação né?

P3: Então assim, dentro da, da..., pedir pra um...educador físico tá explicando isso dentro da escola, é meio complicado né? E a questão de infra-estrutura e questão de saber o que tá aplicando né?

Entrevistadora: Sim.

P3: A minha monografia foi em cima disso né? Foi em cima assim, o que os professores tão aplicando, relacionados ao que eles aprenderam na faculdade e as vivências da escola né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: Pra aplicar artes marciais, né? O que eu pude constatar é que na verdade os professores, eles estavam na verdade, passando o que eles tiveram as vivências na escola. Na faculdade, eles percebiam que o ensino de artes marciais seria importante, mas eles não teriam em seis meses a bagagem necessária pra pode estar ensinando nada, sobre da onde passava aquilo. Então, eles tem uma tendência repetir o que eles aprenderam na escola, então tiveram assim, ããã, futebol, vôlei,

basquete, handebol, foi a vivência dele na escola, ele viu a potencialidade de passar outras coisas nas aulas de Educação Física, mas ele vai repetir aquilo que ele aprendeu, né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: Ensinar o que ele vivenciou na escola, então né, a faculdade ali, num, na, pelo menos na maioria dos casos...

Entrevistadora: No caso, naquele... não dava conta.

P3: É assim...

Entrevistadora: Mas assim, a sua rotina de trabalho aqui, como que era? Você tinha algum... você chegava e fazia o quê? Como que era?

P3: Então, é é é era no horário do almoço nas terças e sextas...

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: ... Por que a sexta-feira já era ruim por que a maioria viajava...

Entrevistadora: Todo mundo vai embora (risos)

P3: É, mas assim, tinha um bom público que ficava aqui tudo.

Entrevistadora: Ah, legal?

P3: Terminava as aulas em geral meio dia, né?

Entrevistadora: O Pessoal.

P3: O pessoal vinha pra cá, a gente se trocava aqui, né? Eu passava aí desfilando de kimono e Hakama, né? Que é aquela saia, pra todo mundo, né? Tinha o pessoal que treinava Rugby, antes assim, o pessoal achava engraçado. Aí a gente ããã, se dirigia até lá o tablado, né? De ginástica olímpica e começava os treinos por volta de meio dia e vinte, meio dia e cinco, né?

Entrevistadora: Hã, Hã.

P3: ... dava uma alongadinha, fazia uns fundamentos e fazia o treino. Aí terminava, é é, duas horas praticamente, né? Ou um pouco antes, alguns saiam um pouquinho antes, aí depois só que a gente almoçava e os alunos... então, de sexta-feira a gente aproveitava já almoçava, porque terminava mais tarde e já ficava conversando por aí, né?

Entrevistadora: Você tinha alguma discussão antes ou depois da aula relacionado ao planejamento ou não?

P3: Não, Não.

Entrevistadora: Aí, você dava aula o pessoal e ia almoçar...

P3: É.

Entrevistadora: Beleza. E aí é assim, como que era o seu envolvimento com o projeto?

P3: Pô! Era minha vida assim né?

Entrevistadora: É o total.

P3: Porque, é assim, a aula que eu ministrava na verdade dependia de mim mesmo né? Eu planejava as aulas né? (risos).

Entrevistadora: Risos. Hã

P3: Eu ensinava na verdade o que eu achava que deveria ser ensinado, né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: Pelo professor coordenador, na verdade não ter o domínio... de Aikidô por exemplo. Eu passava o treinamento que eu achava adequado, mudava a hora que eu achava adequada, então assim, eu fazia na verdade, as próprias aulas né? Diferentemente assim, de um projeto que o professor fala pro aluno: “Oh você tem que fazer isso aqui agora”.

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: Ele nunca falou isso pra mim, aaa, então na verdade eu ia desenvolvendo as aulas, né? O pessoal foi graduando, eles faziam exames fora daqui...

Entrevistadora: Que legal!

P3: ... eles iam duas vezes pro ano, fazer exames, lá na academia de [...] mesmo, vinham os mestres de [...], avaliava e tal...

Entrevistadora: Que legal!

P3: iiii.....

Entrevistadora: Então assim, as avaliações ficavam, como que você fazia as avaliações dos trabalhos deles daqui?

P3: Então, no Aikidô também tem o sistema de faixas né? iiiii ele faziam esse exame de faixa duas vezes por ano, só que as duas vezes eles era prejudicados, por que o exame era em Agosto e era em Fevereiro, então assim, em Fevereiro eles estavam assim, sem ... Dezembro, sem Janeiro, tá treinando praticamente é é é, eles tinham que vir assim uma semana antes do exame, eu deixava eles já treinados já,aí entravam em férias e tal, eles voltaram uma semana antes das férias pra fazer um intensivão pra poder fazer o exame e em Agosto é a mesma coisa, as férias.

Entrevistadora: Depois das férias!

P3: Então duas vezes complicou pra eles assim, mas a avaliação na verdade não dependia disso, né? Eu não tinha uma avaliação extra, na verdade pelo critério vencedor, eu não posso avaliar o próprio aluno meu...

Entrevistadora: Ai, que legal!

P3: ... tem que ser os próprios mestres né? Então é tipo um eles fazem demonstração das técnicas pedidas né? Eu não voto, eles também tiram a maior e a menor nota dos exames, e fazem média entre as outras né? É que nem o carnaval assim, maior, menor, regras do...

Entrevistadora: Risos. Mas é justo né? Assim, seu envolvimento era total, mas você se sentia parte do projeto? Cê achava que você podia opinar era relevante o que você falava?

P3: É na verdade, éé é eu era o projeto né? por que (risos)

Entrevistadora: Risos.

P3: Se eu quisesse fazer qualquer tipo de coisa, a a, eu faria por que o [...] confiava, né?

Entrevistadora: Tá.

P3: a a a, eu sabia o Aikidô tudo. Então foi bem tranquilo em relação a isso, né?

Entrevistadora: O que que, se você fosse falar em algumas palavras assim, o que que você acha que aprendeu no projeto? O que você considerou mais relevante?

P3: Pô, eu gostei pra caramba assim, di, di, di tá fazendo esse projeto.

Entrevistadora: Risos. Por que qual a sua opinião, por quê?

P3: Risos. Então, por que assim foi a primeira vez que eu lidei com público adulto né? Dentro de uma coisa que eu gostava muito, eu gosto muito né, éé, então foi interessante por que eu trabalhava na escola com crianças, ensinava Aikidô pra crianças e ensinava Aikidô pras crianças carentes.

Entrevistadora: Tudo criança.

P3: Então assim, eu nunca tinha lidado com, com adultos, ensinando é é Aikidô algumas vezes assim eu dei aula, praticamente mas nunca tive uma turma, nunca fui responsável por uma equipe que nem foi aqui, aqui na [...], né? Que a turma era minha, eu que tinha responsabilidade de ter que formá-los, se eles não fossem bem a responsabilidade seria minha e a responsabilidade também do sensei é um pouco maior, é uma responsabilidade até um pouco moral em relação aos alunos, e as vezes o aluno, ele dá problema, ele briga e tal, a responsabilidade recaí um pouco em cima do sensei mesmo. Pô você não deu instrução tal. Então, era... mas foi bem tranquilo pessoal é é é, sempre me respeitou bastante, os alunos, né?

Entrevistadora: Que legal!

P3: Apesar de tá fazendo uma faculdade de ter a mesma idade deles basicamente, eles me respeitavam muito, foi muito legal né? é é é ...

Entrevistadora: iiii você acha que foi relevante colocou alguns pontos, se eu perguntar assim pra você, qual o papel, o valor, o significado e o sentido a extensão universitária na sua formação inicial? Guenta aí. E aí no que você acha que ela se diferencia do ensino e da pesquisa?

P3: Pô, perguntas complicadaas...

Entrevistadora: Vamos lá primeiro.

P3: Vamos lá primeiro...

Entrevistadora: Qual o papel, valor, significado e sentido da extensão universitária na sua formação graduando licenciado pleno no caso?

P3: Olha, eu achei interessante iii inclusive eu acho que teria que haver nas faculdades assim, uma maior divulgação iiii uma maior assim, não uma divulgação pra que isso acontecesse mais sabe?

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: Porque e uma experiência de você, pô você tá fazendo uma faculdade, né? É é a chance e você tá retribuindo a, a, alguma coisa pra sociedade em geral assim, sabe, então eu eu teria feito o projeto, mesmo se não fosse recebendo bolsa nada, não ter ficado nada no meu currículo lá, claro não teria problema nenhum, eu teria feito da mesma forma.

Entrevistadora: Por quê?

P3: Por que é assim, na sociedade capitalista que a gente vive né? Tudo a gente quer encontrar alguma coisa que busca um retorno é é, senão financeiro, um retorno assim meio que de reconhecimento, sabe?

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: E eu acredito assim, que a minha recompensa era se que muitas vezes, ããã, eu peguei ali um aluno, era um aluno que tinha medo de fazer um esporte, era um aluno que era agressivo e daí ficar menos agressivo, era um aluno que não tinha um comportamento tão legal, passou iiii a respeitar toda a hierarquia, toda disciplina é é saber que um aluno gostou tanto que depois deu sequência e acabou virando profissão ele, que foi o caso do menino do Geisel que virou.

Entrevistadora: Legal né!

P3: Então, assim é é é a satisfação é muito grande né, isso que é importante na minha formação também por que você tá trabalhando na, sentindo que você é útil pra sociedade, trabalhando dentro da sua faculdade com todo o respaldo, é é também tem o lance de, isso ser importante sim, colocar no meu currículo que eu fiz isso, não vou deixar também e ser hipócrita, e tá falando assim: Não, eu coloco, é é que foi feito projeto, isso a, a, lidar com criança é diferente do que lidar com adultos, isso foi uma coisa que eu aprendi, muitos adultos chegavam até mim, né? Com essa idéia de mestre, também assim, contar coisas da vida particular dele...

Entrevistadora: Que legal!

P3: ... pra que eu desse assim, uma umaaaaa.... Ah eu to com problema tal, lá em casa meu pai quer que eu faça isso e tal, e ele vinha com isso assim, como se fosse assim, né?

Entrevistadora: Risos.

P3: Muito mais velho, muito mais vivido e tal, né? Então assim a minha responsabilidade com, com os alunos também era muito grande né? Porque eu sentia que é isso, você sente assim, é inerente as crianças, mas eu achava que isso não aconteceria com os adultos, vê é responsável pelo seu comportamento. Se falava assim: Oh! O cara mexeu eu falo você tem que bater mesmo.

Entrevistadora: Nossa!

P3: Ele entenderia que, aquilo era o ideal né? da...

Entrevistadora: o aiki...

P3: Entendeu? Então assim era muita coisa em jogo assim muito bacana e mito importante pra minha formação. É, é o que eu disse no começo eu acho que isso deveria que ser mais incentivado na faculdade, é se o Professor não tivesse chamado, eu achava que seria uma coisa feita por alguém que foi atrás que, iiiii não vou negar que, existe uma série de burocracia não é? Em relação a, a qualquer tipo de projeto, não só o de extensão o projeto...

Entrevistadora: Enroscou o fio aqui (risos)

P3: De pesquisa, a a a, então assim, eu outra acho dentro do currículo da faculdade que, aaa.... não, você fazer um acompanhamento né? O professor fazer o acompanhamento dos alunos né? A, a, dentro da escola né? Tá acompanhando...

Entrevistadora: Ah o estágio.

P3: É.

Entrevistadora: Estágio.

P3: Acho que você poderia né? No currículo tá elaborando algum tipo de, uma idéia de um projetinho aqui na faculdade, envolvendo alguns alunos. Eu tive uma matéria com a Professora [...] né? A [...] fez isso né? Ela pegou assim, práticas alternativas, né? A matéria anterior a essa, que eu não me recordo...

Entrevistadora: Programas de atividades?

P3: Isso.

Entrevistadora: É eu fiz.

P3: Em que, só que na verdade, fiquei foi mais uma, uma coisa que eu fiz, eu e o pessoal da república a gente ficou com crianças dependentes químicas e a gente fez um projeto, iiii dentro da matéria de tá trabalhando atividades com eles, então teve um dia que eu dei aula de Aikidô, tinha dia que [...] ensinava os fundamentos do futsal que ele jogava...

Entrevistadora: Que legal!

P3: iiiii enquanto vários outros alunos que foram fazer atividades fora daqui acabaram não dando certo, só o nosso deu certo, foi dentro da faculdade né? era o Comuna, que eu acho que nem existe mais, eles a Prefeitura acho que cedia um ônibus o ônibus é é é trazia eles aqui, no começo, é é é chegavam, você via que tinha usado droga, se não outro dia... era uma sexta-feira de manhã cê via criança, a gente sabia que tinha criança com dez anos de idade que tinha HIV.

Entrevistadora: Nossa!

P3: Uma outra criança, tinha acho que ele tinha quatorze anos e era desse tamanhozinho assim...

Entrevistadora: Não cresceu!

P3: ... tinha a mão corroída de cola, e era assim, eles vinham com fome sabe...

Entrevistadora: Claro!

P3: Pegava a manga verde aqui da faculdade, comia manga verde sabe, iiii e não foi com o Aikidô, a gente trabalhou com esporte em geral.

Entrevistadora: Mas era um projetinho de extensão dentro da matéria?

P3: Na verdade assim, era dentro da matéria, depois, a, a ONG, gostou tanto que pediu que a gente fizesse realmente né? Formalizasse um projeto mesmo? Porque a melhora deles foi exponencial assim de quando começou no final, do respeito, aaa, do carinho, né? Porque não..., inclusive mudou um pouco a minha visão dos homossexuais naquele dia né? Que eu lembro que tinha sempre um menino que era mais afeminado e ele ficava afastado, ele não participava das atividades, mas ele era assim, ele não parecia ser drogado, com toda aquela fisionomia coisas estranhas, né? Lidava com os outros e ele ficava sempre afastado, aí uma vez o [...] fui com conversar com ele.

Entrevistadora: Hã, hã.

P3: Pô tal, mais o que que você usou pra tá aqui tal, né? Porque eram todos assim, crianças que não eram aceitas pela família...

Entrevistadora: Que dó?

P3: ... tudo, é um lance complicado e ele falou que na verdade ele tinha experimentado maconha uma vez iii, não tinha gostado, mas na verdade ele tava ali, porque a família não tinha aceitado a condição dele como homossexual, a família dele era de [...], muito rica tá, morava no [...] se eu não me engano sabe?

Entrevistadora: É um bairro super rico.

P3: É, mas ele veio pra cá, porque a família não aceitava a condição de homossexual dele, sabe?

Entrevistadora: Gente!!!

P3: E ele tava ali, e eu dava por que né? Então, é eu partir dali, né? Porque o preconceito ééé... a sua opinião, antes de conhecer alguma coisa, né? A partir do momento que, você conhece, você pode não concordar, mas pelo menos você conhece, então...

Entrevistadora: Mas se tava falando assim. Oh! Do estágio, dessa coisa do estágio, seria importante, por exemplo, nas próprias disciplinas ter alguns projetos de extensão e tava falando da divulgação.

P3: Sim, sim. Eu acho que o currículo da faculdade, deveria éé, ter uma disciplina pra você poder atender a sociedade dentro da própria faculdade e não fora.

Entrevistadora: Uma própria disciplina que fala de extensão universitária, por exemplo, é isso?

P3: Exatamente.

Entrevistadora: Entendi.

P3: Então assim, dividia, cada um montava um projeto, ocupava uma sala aqui tem sala de musculação...

Entrevistadora: Hã,hã.

P3: ... aqui tem uma pista, aqui tem um campo, aqui tem uma quadra, aqui tem uma, um negócio de ginástica olímpica...

Entrevistadora: Mas por que você acha que deveria ter essa disciplina que falasse de extensão?

P3: Pra aliar a teoria com a prática, porque você está na faculdade você tá sendo, ããã, discutindo textos toda aula, você senta, você discute, você aplica e tal, mas, mas eu acho que no ambiente da faculdade isso seria uma espécie de cultura, as pessoas estariam mais perto, o acompanhamento seria perto, a comunidade viria aqui e sentiria também a comunidade que a faculdade faz alguma coisa em troca, por que tem um preconceito. Uma vez, eu fui nos correios, o que que eu fui fazer no correio...? Pô, você está em faculdade pública? Oh vai lá por que você tá gastando o nosso dinheiro, sabe tem essa visão assim.

Entrevistadora: Ai, (risos)

P3: Meu aí eu fiquei puto na hora assim, aí depois eu fui entender que na verdade era um preconceito da pessoa, mas um preconceito que consistia nisso sabe? Nessa....aaaa.

Entrevistadora: O conhecer de repente, né?

P3: É de que você tááá, o que que a faculdade tá fazendo pra sociedade, uma coisa que devia ter no projeto de pesquisa. Pô vale sabe? É.

Entrevistadora: Você pode até começar...

P3: Só que tem um caráter mais acadêmico, uma coisa pra, pra, formação da formação, enquanto o projeto de extensão é voltado pra conciliar a teoria com a prática né? Você aa tá na prática, você tendo que ensinar alguma coisa que você aprendeu...

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: ...mediar alguma situação é uma palavra que eu não gosto muito, mais enfim...

Entrevistadora: Risos

P3: Eu não gosto de coisas da moda assim, então eu não gosto de mediação. Mas, é, por isso que eu acho válido, sabe? Eu achei que tanto o meu projeto do Aikidô, como esse, projeto que a gente teve,

que chamava Comuna em Movimento[11], né? Então, uma idéia minha assim, e eles gostavam bastante também o pessoal da ONG, porque mudou o comportamento deles lá então assim, pô!

Entrevistadora: Você acha que tudo isso aí que você tá falando que foi bem relevante, pra mim, e você já está diferenciando bem a extensão do ensino e da pesquisa, aí?

P3: Hã, hã.

Entrevistadora: É, é e fora ajudar a comunidade, aproximar essa comunidade, você acha que ajudou também muito no seu processo de formação? Você falou várias coisas agora que você aprendeu, agora de lidar, com imprevisto, de auxiliar...

P3: Sem dúvida, eu acho que isso seria também útil para os outros alunos sabe? Prá mim foi ótimo né? Eu ter lidado com crianças, crianças com envolvimento de drogas, por exemplo, que foi o caso do, a, que me ajudou a lidar com uma séries de situações, é, é, ser rigoroso quando precisava ser rigoroso, ser carinhoso, quando precisava ser carinhoso que também tem a, a, a,.

Entrevistadora: Não tem.

P3: Não só amor também né? Fica ali e vamos dar amor pra todo mundo, mas assim, você tem que ser rigoroso, então é uma coisa assim. (risos)

Entrevistadora: Tem, né?

P3: Principalmente pra lidar, estar a frente, pra coordenar um projeto você tem que, ser rígido, tem que deixa aaa, disciplina bem clara, aquele que não se comportava, a gente, tirava, na outra aula, ele já se comportava melhor, porque você tinha essa barganha com ele é ele ficava sentado lá, sem ter muito o que fazer por que o espaço lá que ele ficava, confinado não tinha quadra, tudo né, eles vinham pra cá, faziam todo exercício tal então era foi muito, muito, muito bacana, o pessoal do Aikidô também, o pessoal a maioria deles ããã, na época de faculdade tal, não tinha muito assim opções né? De lazer né? Uma coisa que falta na autoestrutura das cidades né? Oferecer, você tem ããã, uma quadra pra jogar bola, mas você não tem ninguém que tome conta, então assim, dentro das Prefeituras, acho que ficaria legal, você fazer um projeto assim; Pô, não voltado pra, pra, pra competição, ou pra performance, mas você coloca assim, sim projeto aberto pra comunidade que queira fazer vôlei, aos domingos sabe? Pô vai aquele pessoal que trabalha o dia inteiro né? As moças que trabalham tal, vô brincar.

Entrevistadora: É.

P3: Vô lembrar como é que foi, então, mas não tem, não existe essa iniciativa também esse projeto de extensão poderia também tá visando isso aí né?

Entrevistadora: Quais as implicações assim que a extensão universitária teve na sua atuação como profissional. Que implicou você ter passado na extensão universitária, na sua atuação como profissional hoje?

P3: Então é é, o que eu tava falando a pouco assim, eu passei por situações que posteriormente eu passaria pelas mesmas, pelas mesmas não, mas é assim, são semelhantes, mas eu não saberia lidar com isso, né? Em função de ter passado isso, com, com ...

Entrevistadora: Na....

P3: Na extensão né, com os alunos tal, aprendi um pouco mais sobre o ambiente das pesquisas em geral também né? O Professor me chamou, colocou tal, ele, ele tinha também, ele atendia projeto de pesquisa né? Com alunas também da minha sala, só que na disciplina dele, de extensão comigo e com o [...], ele trabalhou aí nas duas frentes o Professor [...] iiii, então pra mim foi bem relevante assim, eu gostaria que no máximo de pessoas pudesse desfrutar disso também né?

[11] Comuna em Movimento: projeto de extensão universitária elaborado e desenvolvido por P3 e seus colegas na disciplina da graduação chamada Programa de atividades. O projeto consistia em desenvolver atividades esportivas e lúdicas com crianças dependentes químicas de uma ONG amparada pela prefeitura da cidade.

Entrevistadora: Agora eu vou fazer uma pergunta complicada às vezes até pra mim. Eu vou pedir pra você falar assim, de todos os.... eu ia especificar, vou ver até se eu auxílio, mas acho que é restringir muito, ontem eu percebi isso. É pra você relatar todos os elementos que você aprendeu na extensão, não que você já sabia, ou que você aprendeu depois, que você lembra que na extensão eu aprendi isso, isso, isso, isso, isso, isso, qual elementos? É por que assim se eu falar pra você da formação inicial, experiencial, não, eu prefiro que você fale todos, e depois eu oriento...

P3: É

Entrevistadora: Senão vou repetir demais.

P3: Na verdade assim, é o que eu falei, esse lance dos elementos, é você tem que dividir elementos é um complicado assim.

Entrevistadora: É por isso que eu não vou dividir, me fale todos assim, que você aprendeu. Por exemplo, você falou muito da responsabilidade, entendeu? Quais?

P3: Então assim, é pra ser dividido seria difícil porque a responsabilidade ela carrega consigo né? Você só é responsável, se você for ético, você só vai conseguir ter o respeito dos alunos, se você for sério, então uma coisa vai carregando a outra né? Eu fui conciliando algumas coisas que eu fui aprendendo na faculdade, fui vendo que outras que eram maravilhosas no campo da teoria, na prática, eram nulas ou pouco, pouca aplicabilidade assim.

Entrevistadora: Mas você percebeu isso no projeto, quando você estava no projeto?

P3: No projeto, no projeto, é. Então assim tá em contato com o público é uma coisa diferente né? Em relação a saberes ããã você tem.

Entrevistadora: Tá faltando várias.

P3: É.

Entrevistadora: Já tá faltando vários.

P3: Você tem que ser é...

Entrevistadora: É o que você lembra assim, na extensão eu aprendi isso. Você já me falou em questão de relacionamento com o público, pontuou pra mim também é, desculpa esqueci o último.

P3: Você tem que ããã, você tem que ser responsável pelos alunos que estão... você tem que tá no horário certo, né? Você não pode chegar atrasado, você tem sempre que chegar antes, tá pronto quando eles chegarem, ããã, você tem a responsabilidade dentro da arte marcial moral né? Não só física, então você tem que prepará-lo é é é, fisicamente né? apto pra tá fazendo as técnicas mas também moralmente, por que o Aikidô requer isso né? Um comportamento moral adequado, é é é você, ãã, eu precisei...saber lidar com diferenças físicas e diferenças de ããã de culturais, da história de cada um, resolver conflito dos alunos assim, mas não conflito assim, ãã briga nem nada, mas conflito de idéias né?

Entrevistadora: Humm.

P3: Aquela pessoa que teve aquela formação assim, é é é vai treinar por exemplo com uma menina tem, ããã, um pouco, um pouco mais fraca que ele né? Quer evitar que a menina faça né?

Entrevistadora: Risos.

P3: E ele entende que o ponto de vista dele tá certo por que? Pô, ela vai ter que fazer o movimento correto, pra ter que me derrubar se ela não fizer o movimento correto não vou mexer e a moça né que... que está a pouco tempo, não tem o domínio ainda que movimentar uma pessoa mais forte pra derrubar, ela não consegue e também se sente frustrada, então eu tinha que lidar com esse tipo de

situação, tenho que falar assim: Oh ela ainda tá aprendendo e tal né? Ao mesmo tempo, que eu passava pra ela. Oh! Se tem que fazer assim pra tá conduzindo né, o que gerava nela assim, uma alegria muito grande. Pô, fiz o movimento certo, consegui mover uma pessoa mais forte né? O cara também entendia assim: Pô, eu não posso ter que evitar ela fazer, preciso ajuda ela a fazer, mas ele entendia assim. Pô, se ela está mais fraca e tá me movendo, então eu posso mover alguém mais forte do que eu também né?

Entrevistadora: Você mediava, apesar de não gostar você mediava as idéias e os conflitos?

P3: Nesse sentido assim, foram poucos até, assim, a turma era bem aberta tudo né? Eu, eu, essa parte moral sempre foi...

Entrevistadora: Risos, então assim, você pontuou vários já, mas você lembra assim, de coisas que você aprendeu, na extensão que foram significativas?

P3: Então assim, ãã, eu trazia sempre, tive essa preocupação de tá formando o indivíduo.

Entrevistadora: Legal!

P3: É não a formação técnica, isso eu defendo em todos os níveis educacionais, sabe uma formação humana e não a formação técnica, antes do técnico vem o humano, o humano em primeiro lugar, você não tem o técnico com um cachorro, se não tem o técnico com o gorila né? Se não tem o técnico com uma máquina, se tem o técnico humano, então se tem que da toda formação humana pra depois a formação técnica, no que a gente vê no educacional você forma o técnico e o humano se conseguir, se não, não. Então assim, é é é, não sei se você já teve oportunidade de ler O Admirável Mundo Novo né?

Entrevistadora: Não li, mas já ouvi falar.

P3: Você forma um beta né? Aquele cara assim, que vai sempre ser um funcionário de um alfa né? Mas vai tá contente em ser mais que um gama, uns deltas, que são a classe baixa da sociedade, então.

Entrevistadora: Mas você já pensava assim antes ou você formou esse conceito quando você estava na extensão?

P3: A duas coisas. Foi assim, né? É por quê?

Entrevistadora: Como foi esse processo?

P3: Então, o processo é assim, eu tinha alguma coisa em mente né? De tudo que eu tinha estudado, e o projeto de extensão me deu oportunidade de estar testando isso né? A aplicabilidade de algumas coisas então algumas coisas eu vi que era aquilo mesmo que funcionava legal, outras coisas não sei se foi por falta minha às vezes ou por mal entendimento, mais ããã não consegui aplicá-las,não surgiu o efeito desejado, outras são como disse assim, são de pouca aplicabilidade é é, muito bom no papel, em discurso, mas a aplicação delas é nulo.

Entrevistadora: Você acha que afirmou alguns conceitos e descartou outros quando você tava na extensão? Você falou que aplicou alguns deram certo outros não.

P3: Outros, não isso eu carreguei comigo, né? Assim o que não deu certo lá né? Diante, assim, um publico é é é não muito seleto assim, um público que por ser alunos de uma faculdade né? Tinha um nível maior, um pouco né, do que você trabalhar...

Entrevistadora: Nível de conhecimento?

P3: De conhecimento, de estudo, o que implicava diretamente assim, de você ter uma conversa mais né, profunda com a pessoa, né?

Entrevistadora: Ah... entendi.

P3: Eu não precisava chamar tanta atenção né? Eu chamava mais pra conversar do que chamar atenção de saber que foi algum tipo de comportamento né? Então conversa eles entendiam diferentemente quando você lida com crianças, ou um público, né? Mais com, ééé...

Entrevistadora: Mais carente até de conhecimento, né? De como você vai poder conferir o que você está falando.

P3: É por isso, também que eu defendo ééé que aaaa educação vem depois da instrução, é o resultado da instrução, né? Eu, eu num... é por isso que eu sou a favor da escola tradicional mesmo (risos).

Entrevistadora: Você pontuou aí pra mim, algumas coisas que é assim, que leva com você, então depois de todos esses saberes que você me falou. Quais deles que você obteve na extensão que hoje você usa na sua prática profissional?

P3: Olha...

Entrevistadora: Que realmente usa assim?

P3: ... o meu público mudou um pouco assim, algumas, alguns saberes próprios assim, de você tá, conversando por exemplo, com os alunos da extensão, é diferente nos exemplos de quando você lida com uma criança né? A criança você pode conversar né, já tive várias oportunidades de tá aplicando também ãããã, o mesmo procedimento que eu tinha, chamando os alunos pra conversar, isso funciona em uma determinada idade, pra frente né, você chega é conversar como uma criança da primeira e segunda série, não vai surtir efeito nenhum né? Ela é na base da imposição mesmo, muitas vezes por que não tem essa imposição em casa.

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: A criança ela é carente disso, se ela não tem, ela vai te chamar, a atenção pra você chamar a atenção dela né? Isso ééé pra quem já deu aula, ééé acontece muito...

Entrevistadora: Mas você acha que isso de impor, você aprendeu aqui? Um exemplo?

P3: Aqui na verdade eu não precisei impor, né? Mas era uma alternativa que eu tinha, que eu conhecia, por que também na época eu também lidava com crianças carentes então assim, trabalhava com público aqui, público aqui, a mesma coisa né? O lance de você ser afetuoso quando necessário né? De dar uma palavra legal no momento, isso independe de idade, isso é uma coisa que eu pude trabalhar tanto aqui como lá né? Ao mesmo tempo.

Entrevistadora: Você usa hoje também?

P3: Uso hoje também. Com certeza de... é também o Professor..., eu tenho eu dou aula também naa no ensino fundamental ciclo 2 no ginásio né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: iii, os meninos de oitava, sétima série vem com uma idéia assim, então eles chegam aquela menina assim Professor que que o senhor acha? É é o que que eu faço? Bebi uma lá numa festa.... então assim, você tem a responsabilidade ética sobre o aluno, por que eu não posso falar uma coisa pra ele e faze outra, assim, como tinha na extensão, poderia falar assim. Pô, não vai beber e tal e encharcar o coco né? Então assim, eu sempre tive, é muito forte pra mim, pra minha pessoa, eu não condeno ninguém que toma bebida alcoólica e tudo, mas eu optei por isso por que eu sempre me vi como ensinando alguém em alguma coisa né? Eu me formei faixa preta novo, até então, assim, a maioria eram mais velhos, e eu que tinha que ensinar, então a responsabilidade era muito grande. Então, eu não poderia falar uma coisa e faze outra, né? É no comportamento. Oh, você não pode ser agressivo e pegar e irritar, coisa assim sabe?

Entrevistadora: Isso você usava aqui e também usa hoje?

P3: Usava aqui, uso hoje, usei e usarei (risos), mas é difícil éé, então a responsabilidade de você tá lá, ensinando dentro de um projeto é muito grande por isso né? Você usa, cria ééé elementos que você vai tá usando na sua vida profissional né? Você vai ter que é a prática né?

Entrevistadora: Se pontuou também aqui pra mim, por exemplo, compartilhar ensinamentos e lições de vida, você fazia isso aqui?

P3: Fazia.

Entrevistadora: Usa isso?

P3: Fazia, ee, até uma coisa engraçada por que eu algumas vezes, selecionava alguma história, ããã, e o fundo moral, normalmente assim, do saber asiático né? colocava pra eles né? Contava uma história e tal, por exemplo, dá um exemplo de contar uma história assim, que eu contei, que uma vez um mestre caminhando com o seu discípulo, né? Caminhavam conversando a respeito da vida e viram um escorpião se afogando num rio né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P3: É o mestre num dia de frio até? Tirando se despindo da roupa e o discípulo falou: - Oh! Mestre, você vai entrar a água tá gelada tal, não segura aqui pra mim, ele entrou né? Tentava pegar o escorpião, o escorpião picava muitas vezes e ele tentando pegar, tentando pegar até que enfim, ele tirou da margem saiu todo machucado assim, né? E o discípulo não entendeu, você não se machucou mestre? Você passou frio, né? Você salvou e ele te machucou, né? E o mestre disse pra ele assim. Ele agiu de acordo com a natureza dele, e eu agi com a minha. Então, pra dizer assim que...

Entrevistadora: Que legal!!!

P3: É, iii foi e justamente ééé, nesse dia que eu contei essa história, eu contei muitas outras assim...

Entrevistadora: Aqui no projeto?

P3: É aqui no projeto, iiii, e um aluno da comunidade assim, também quis contar uma assim, e ele contou né? De uma história do sapo não anda com cobra e tal, que era até o contrário assim, que eu estava tentando dizer assim no momento, mas eu achei legal assim, porque foi espontânea a vontade dele de querer compartilhar o que ele sabia. Falei: “Pô o importante também, né? É estar dando crédito pro o que a pessoa sabe aí, diferentemente assim de pegar e aplicar o construtivismo, lá, chega e falar assim. Oh! Ninguém sabe o que to falando, alguns pegam o que vocês já sabem e tá lidando em cima, não tem condição. Por isso, que eu sou favor de um ensino tradicional porque aaaaa, com todos os defeitos ele funciona, né? A ééé... mas ele elitiza mas ele funciona você pode tá aplicando outras coisas dentro dela sabe?

Entrevistadora: Mas como é esse compartilhamento de experiência que você falou que foi super legal, e que você faz no seu dia a dia hoje.

P3: Então, eu faço com as séries, ãããã, também faço com as séries menores, eles vem conta uma história pra mim tal, às vezes até atrapalha a aula pra contar, mas eu acho interessante porque é espontâneo, às vezes você tolhia ele, né? Você acaba se distanciando dele, pra você é uma coisinha se sentido, pra ele te contado isso pra você primeiro você é importante pra ele porque ele não contaria se não fosse uma pessoa importante ele quer que você ããã, éé, fique assim ou satisfeito, ou admirado né, com aquela história, por ter passado aquilo né? E segunda coisa, ele não contaria se aquilo não fosse importante pra ele né, então já que ele contou eu acho interessante também, ele, o aluno conta, eu conto alguma experiência que eu também tive, claro que isso não dá pra fazer todo tempo, né?

Entrevistadora: Risos.

P3: Senão eu não daria aula mais... dá pra você aplicar muitas vezes, eu acho que você não pode ããã, o professor tolhi esse tipo de coisa no aluno, sabe? Tem, tem que... se um aluno vem e conversa... e nas turmas assim a frente, eles... eu coloco uma questão prá eles, por exemplo...

Entrevistadora: Que legal!

P3: A Educação Física, pra que serve? Eles não vão fugir do senso comum eles já ouviram assim, mas ããã, utilizando assim um método socrático assim né? Cê vai forçando eles a raciocinar desde cedo né?

Entrevistadora: Sim.

P3: A tem gente que faz brincadeira...,

Entrevistadora: Hã,hã.

P3: ...mas a brincadeira serve pra quê? Ah a gente aprende a jogar bola com a mão a chutar, a correr né? Dentro daquela idéia de habilidades motoras né? Ele chegar a alguma coisa. Mas que mais? A em relação aos amigos, a, a gente aprende que tem que ser bom com outros sabe? Tô falando do jeito deles assim, bem bacana assim.

Entrevistadora: Tem mais alguma coisa que você lembra que de repente você usava aqui que hoje efetivamente você usa na prática?

P3: Ah muita coisa assim, é que é difícil ta elencando agora, mais a base é a mesma assim, ãã, essa assim.

Entrevistadora: Como assim base?

P3: Base assim, todas as, os recursos né, que você tem pra lidar com os alunos né? São os mesmos.

Entrevistadora: Quais?

P3: Hora, você tem que ser laissez fasser éé é... laissez faire, né?

Entrevistadora: É você falou....

P3: E é, total assim né? Porque tem crianças que você... passam por uma... em casa ummm o pai as vezes é muito....

Entrevistadora: Rígido.

P3: ... rígido né? Então a criança fica assim e quer se libertar e ainda tá presa né? Então, esse você tem que deixar né? E outros é muito assim e você tem que... juntar então assim, aqui no projeto de extensão é um público da mesma faixa etária e nível cultural um pouco mãos acima da média assim, na verdade a gente conversava bastante, não precisei, ããã, dá bronca em ninguém, punir, deixar assim, sem fazer assim.

Entrevistadora: Você falou que você conversa com seus alunos assim bastante.

P3: É eu converso, principalmente com o ginásio né? Eles vem, conversam. Ah Professor, não sei o que e tal, e eu acho isso importante. Eu tenho um aluno, por exemplo, que a história de vida dele é um caos. A família tem dinheiro, é o caos total assim, até o avô entrou contra a mãe na justiça, sabe, umas coisas assim, absurdas e ele não tem irmãos tem irmãos por parte de pai e por parte de mãe ele mora com o avô, três de um lado, dois do outro, mas ele não vê os irmãos não vê a mãe não vê o pai, a mãe quando vem a [...], ele vê a três, quatro meses, o pai vê cada quatro, cinco anos, então assim, eu sei eu criei uma responsabilidade com esse menino por que ele, ele me escuta muito então seu falar alguma coisa pra ele, aquilo vai gerar nele um terrível problema. Ah! Mas foi o Professor [...] que falou pra mim, né? Então assim, tem uma, né? Como as figuras é... que seriam a mais próxima,

né? Porque o avô é de duas gerações a menos que ele assim, né? E eu estou mais próximo também, e eu sou da geração adiante assim.

Entrevistadora: Na questão de responsabilidade ser referencial pelo menos que você apontou aqui era tanto, muito utilizado aqui né?

P3: Muito, total!

Entrevistadora: No projeto e hoje na prática né?

P3: Tanto pras crianças é. Eu sempre tive isso pra mim assim de ser o referencial na minha turma isso também era grande assim sabe. Pô o [...] não sei o que e tal o [...] falava que se ele tivesse uma filha teria que namorar comigo sabe?

Entrevistadora: Risos.

P3: Mais é (risos)

Entrevistadora: Você lembra de mais de algum saber que foi muito significativo pra você? Que você usa também?

P3: Então, éé eu teria que ter assim uma lista de saberes pra poder passar pra você. Por isso eu to aplicando isso eu to, não to, isso eu to, isso não to, mas no geral é que e difícil distinguir os saberes assim né?

Entrevistadora: Falou vários.

P3: Então, não foi nada assim, também...

Entrevistadora: Não se preocupe com essa distinção, mais alguma coisa assim que você lembra que foi muito significativo que de repente você esqueceu, e não falou e que hoje você usa muito?

P3: É tem também a questão do menos habilidoso fisicamente, né? Ééé, sempre vai ter, só que assim, no Aikidô, como não tem competição, então isso é tranquilo. Na Educação Física onde você também não pode ser um eugenista, né? E desprezar os menos habilidosos, né? Isso, isso causa um, uma dificuldade de avaliação muito grande, porque por exemplo, na matemática você pode ir por elitismo, né? Você dá uma prova lá, o cara tem dificuldade de aprendizado, né? Com perdão da palavra, dane-se o cara se dá uma prova e tritura não passou, não passou, ficou e tal, mas você tem direcionamento e na Educação Física você não pode fazer isso porque se não vão tá te acusando que você é do partido do lado fascismo e tal e dirigia os mais habilidosos, os menos habilidosos e tal. Então lidar com o menos habilidoso também é uma tarefa difícil, né? Eu lidei aqui. Ahhhh, eu tinha muitos alunos de desenho industrial e arquitetura...

Entrevistadora: Nossa!

P3: ...que, que é assim, por ter escolhido isso, tinha habilidades manuais finas muito boas, né? Eu tinha aluno de tudo e qualquer curso, mas a maioria era de arquitetura e desenho industrial né? iiiii, biologia, psicologia tinha muito, nossa psicologia tinha um monte. Deu um boom na psicologia, assim veio um monte.

Entrevistadora: Risos.

P3: Que também é super interessantes, habilidades finas, o estudo mais voltado pra parte de entender a mente humana assim, não tinha nenhum aluno de Educação Física...

Entrevistadora: Risos.

P3: ... Educação Física, não tinha nenhum, tinha muitos alunos de psicologia, arquitetura, né, alguns de desenho industrial, sistema de informação, ããã, jornalismo um ou dois, mas a maioria era psicólogo e arquiteto assim, que era um monte.

Entrevistadora: Mais você trabalhava com essa questão do menos habilidoso aqui, e na escola você trabalhava nas suas aulas de Educação Física, é isso que você tirou um pouquinho?

P3: É, é porque é assim. É você não elitizar né, você tá fazendo..., no Aikidô, você não tinha aqui no projeto, né? Era 100% corporativo, não tinha competição, não tem luta né? ããã, é o treinamento mesmo que quem sabe mais, quem sabe menos, todo mundo evoluindo assim.

Entrevistadora: Como que você usa isso no seu dia a dia?

P3: Então eu adotei isso prá mim, também na aula de Educação Física como ideal assim, eu também dou aula de futsal na escola...

Entrevistadora: Nossa!

P3: ... e o futsal, o esporte pela sua natureza ele é elitista, né? Só que é eu tento fazer o máximo que todos se sintam bem, iii pra todos poder desfrutar do que o esporte traz de bom né? Por que é assim, eu não vou falar pra nenhum cara que vai ser um profissional, que vai jogar na seleção brasileira.

Entrevistadora: Risos

P3: Pode até ser que alguém chegue, mas é muito difícil mesmo por que não é só a identidade que está envolvida nisso.

Entrevistadora: Claro, verdade.

P3: Então é outras coisas a mais, mais então é é é, que eu tava falando esqueci....

Entrevistadora: Você tava falando que você dá aula de futsal e que você tenta mostrar pra eles o que é mais importante do esporte?

P3: Então, pra eles escutarem, pra todos poderem tá evoluindo então eu trabalho isso pesado com os mais habilidosos pros mais habilidosos tolher os menos habilidosos, isso surtiu um resultado muito bom, porque tanto aqueles que treinam jogam em clubezinho de Bauru, jogam com aqueles menos habilidosos.

Entrevistadora: Que legal!

P3: E eles conseguem evoluir bacana, na minha turma tem do cara que não sabe chutar uma bola ao cara que é um mini [...]

Entrevistadora: Risos. Que legal!

P3: E eles conseguem levar numa boa sabe?

Entrevistadora: Que legal!

P3: É um esporte competitivo é, é de natureza coletiva, mas eles conseguem o principal de toda atividade física que é o bem estar né? Você se sentir bem, estar né? Acho que isso que é o ideal na prática esportiva. Então isso..., eu tive com o projeto aqui essa experiência essa experiência com Aikidô, o Aikidô prega isso, né? Mas só a oportunidade de ter passado isso, eu isso facilitou pra mim na minha vida profissional e de tá trabalhando pra isso né, do bem estar de todos né? E não..., ah você é bom, você não presta né e tirar ele assim né, deu certo.

P4

Entrevistadora: Se eu ficar olhando pra isso, pra isso, não liga não porque as vezes eu fico olhando pra vê se eu já consigo encaixar outra coisa assim sabe prá, junto. É... fui. Viu? Então assim ó, do projeto que você participou tá? Como que você teve contato com a divulgação do projeto, como que

você se aproximou, é, conheceu o projeto, você sabia o objetivo do projeto, por qual motivo que você se aproximou?

P4: Na verdade foi assim, logo nas primeiras semanas quando eu fiz faculdade, o grupo que participava do projeto com ela, foi fazer divulgação pros ingressantes na faculdade né então...

Entrevistadora: Que legal!

P4: ... eles passavam pra falar, tinha tal projeto, era assim, que acontecia e quem tivesse interesse pra passar pra conhecer, vê se realmente estava dentro daquilo que esperava, se gostaria de observar ou participar e pra ver o que acontecia né, então...

Entrevistadora: Primeiro dia de aula?

P4: Não, foi o melhor, que o pessoal do Caef[12] que passo, assim e aí no Caef como tinha uma, uma grande pessoa que nem [...] e o [...] que era o pessoal do projeto...

Entrevistadora: Hã, Hã.

P4: ... eles divulgaram todos os projetos, mais dava ênfase maior no que eles tinham maior conhecimento, daí por ser bastante da, na verdade não, nada do meu objetivo quando eu entrei na faculdade o projeto em si, né? O que ele abordava, não tinha nada haver, eu sempre fui atleta entrei pra trabalhar com esporte, com iniciação esportiva né, mas...

Entrevistadora: Foi pra conhecer?

P4: Então, foi esse o contato, assim né, foram divulgar na sala e aí eu mais duas amigas tivemos interesse, e nós três fomos atrás pra ver.

Entrevistadora: E aí? Vocês foram ver?

P4: E aí, nós no começo a gente ficou meio perdido, porque primeiro ano de faculdade, a gente não sabia nada aí na aula um monte de senhorzinho tudo sentadinho assim, super respeitando um monte de aluno de marmanjo lá, e falava fica quieto, eles ficavam quieto, então, foi super assim diferente, inesperado do que eu cheguei na Educação Física pra fazer, nunca imaginava que tivesse aquilo ali né?

Entrevistadora: Aquilo ali, o que? Aquilo?

P4: Ah! Uns senhores esperando uns alunos pra orientar eles ali na escola, pra mim era coisa mais é, é, esporte, habilidade eu não tinha essa visão na Educação Física voltada pra área da saúde que eu tenho hoje.

Entrevistadora: Ah! Legal!

P4: Entendeu? Não, num..., é uma coisa que ingressei na faculdade e nem me passava pela cabeça então, foi, foi nossa que legal né, mas que difícil (risos).

Entrevistadora: O que eu to fazendo aqui?

P4: É a aí nesse projeto tinha o lance de fazer experiência né, de você observar, você não fazia nada, só ficava olhando as primeiras semanas pra vê se você ia querer participar... e aí tinha o lance da professora responsável avaliar as notas e, no primeiro ano tava que totalmente perdida na disciplina dela, eu faltei, entreguei prova com tudo em branco...

Entrevistadora: (Risos)

P4: Ela me chamou, olha se você quiser continuar no projeto você vai ter...

[12] Caef: Centro Acadêmico de Educação Física da Universidade investigada.

Entrevistadora: (Risos) Que legal!!

P4: ... que fazer essa disciplina de novo, numa nova oportunidade, porque tem muitos conteúdos que você deixou passar batido, tipo passei na disciplina, consegui a média, mas tipo, na minha prova tinha uma questão super importante pro projeto que eu não tinha respondido entendeu?

Entrevistadora: Hum, Hum.

P4: E as meninas, também, mas depois que ela chamou pra conversar, as duas saíram fora.

Entrevistadora: Risos, Risos.

P4: E aí eu falei assim, não né, eu vou, eu vou continuar e super assim por vontade, porque até então não tinha conhecimento nenhum, que eu poderia conseguir uma bolsa, poderia fazer pesquisa, era assim, ir lá pra ajudar a cuidar daqueles idosos, que conseguiram essa, essa extensão ali da comunidade pra benefício deles mesmos, então eu fui. E aí, foi difícil, o começo foi difícil, pra aprender a fazer as coisas, a rotina mais ao mesmo tempo, os meninos que já estavam lá, super acolheram assim sabe? Não vamos aprender, então tinha dia que eu aferia a pressão deles no mesmo braço dez vezes pra treinar. (risos)

Entrevistadora: Risos.

P4: Então assim, tá tudo errado tá? Mas eu to conseguindo ouvir, então funcionou (risos). Mas foi super legal, apesar no começo foi super difícil, meio numa realidade diferente da que eu esperava. Foi muito bom, e foi ali que mudou minha visão completamente, pro que eu ingressei na faculdade.

Entrevistadora: Você começou a gostar?

P4: Eu, eu não pensei mais em iniciação esportiva depois que eu entrei no projeto, tanto que eu fiz o estágio em modalidade esportista tipo natação eu nada haver com o que eu fazia, jogava vôlei porque tinha um amigo meu pô que fazia era mais fácil vamo fazer, mas você não quer ir trabalhar pro vôlei, não, não vou trabalhar com isso vou trabalhar só com... lá reabilitação com pessoal que tem problema cardiopatia tal treinamento e aí mudou completamente a minha visão, né?

Entrevistadora: E durante todo esse percurso assim, você ficou sabendo qual era o objetivo do projeto que você participou lá de hipertensão?

P4: Sim, porque nesse projeto a professora adotava uma conduta de encontros semanais pra discussão, então assim, além daquela parte prática ali de aplicação mesmo da... a partir de aferir pressão, condicionamento físico, controle de frequência tinha uma parte de estudo... então assim...

Entrevistadora: Hum... como que era?

P4: ... você simplesmente ia lá dava aula pra eles e ia embora, tinha uma extensão ainda maior, então uma vez por semana, ela falou assim: - Esse artigo aqui a gente precisa ler e discutir pra próxima semana ...

Entrevistadora: Que legal!

P4: ...aí, por exemplo, a gente começou todo mundo que estava lá tinha que aferir pressão, era um projeto de pessoas hipertensas...

Entrevistadora: Risos.

P4: ... então, assim como que ela ia sabe se eu sabia aferir, ela vai lá e vê se tá tudo certo, posso chuta certo, deu certo, então eu tive que dar uma aula de como aferir pressão arterial pra todo mundo que já tava lá, todo mundo já sabia que eu tava aprendendo e que eu tinha que dar aula pra eles...

Entrevistadora: Que legal!!!

P4: ... e aí assim, eles faziam todas as perguntas de pegadinhas possíveis, pra ver se eu caia nos erros que eu não podia cometer, tudo treinado assim, você via assim que era tudo treinado, tipo assim, posso ficar com a perna cruz.., vem aqui aferir minha pressão e cruza a perna e não pode ficar com a perna cruzada, era pra você aferir errado, já né? Então assim, você sabe se era descruzado? Descruza a perna. Ah! Muito bem não precisava nem aferir a pressão depois, era pra saber se você sabia que não podia cruzar a perna, mas...

Entrevistadora: Que legal!!!

P4: ... então tinha, já tinha o pessoal no laboratório, já tinha os trabalhos publicados com dados dos alunos do projeto, então já mostrava qual que era o objetivo, tinha apesar de ser extensão, a área universitária tinha bastante a parte voltada pela pesquisa, pela utilização daqueles dados que eram postados todos os dias, eles tinham controle muito rigoroso a [...] pra isso sempre foi muito exigente sabe? Tem que ter no papel, tem que ter no papel e tem que ter no computador. Ah sumiu o papel! Tem o outro papel e no computador.

Entrevistadora: Entendi!

P4: Já tinha... a gente já entrava sabendo que aquilo ali ia irar pesquisa, mas que o objetivo principal era atender e levar resultados pra aquelas pessoas; o resultado sendo bom ou não. Aí a gente ia divulgar pra tentar melhorar o trabalho.

Entrevistadora: E fora assim, você falou que nas reuniões..., curiosidade minha, você falou que vocês estudavam, apresentavam pro outro pra ver se sabiam, mas assim, o trabalho que vocês faziam lá, tinha uma sequência? Algum planejamento, que vocês também discutiam nas reuniões?

P4: Na verdade ali, o trabalho no projeto em si ele era meio como que rotineiro, aí com o passar das discussões, do tempo assim, a gente foi mudando um pouco, porque era, por exemplo: Tinha a rotina de chegar, ficar em repouso, aferir a pressão, faze a lista de presença com todo mundo, verificar se tomou medicação ou não, alongamento, a aula da, do condicionamento físico que era sempre quarenta e cinco minutos de caminhada e aí tinha a parte final que era o trabalho de flexibilidade, trinta minutos de alongamento, com três execuções de vinte segundos certinho, mas aí a gente começou discutir que nesse projeto, a [...] sempre foi muito focada no exercício aeróbico né, e a gente queria implementar outras coisas que nem pros idosos acabava, eles sabiam que era bom, mas ao mesmo tempo eles já sabiam tudo que eles iam fazer, então a gente combinou que uma vez por semana ia ter atividade lúdica ao invés de dá o alongamento.

Entrevistadora: Ai, que legal!!!

P4: Então a gente jogava vôlei com eles na quadra.

Entrevistadora: Risos.

P4: Fazia brincadeiras que as crianças adoram e eles também.

Entrevistadora: Eles também. Risos

P4: Entendeu? Então era super divertido. Ah! Vamos uma vez por mês fazer uma caminhada no Jardim Botânico? Vamos!

Entrevistadora: Que bonitinho!

P4: Tinha um ônibus que fazia o transporte, então a gente mudava o destino né.

Entrevistadora: Lógico.

P4: Não tinha problema, aí começamos a trabalhar uma vez por semana, exemplo: cinco minutos de flexibilidade, trabalhar com caneleira, fortalecimento posterior...

Entrevistadora: Um pouco de ginástica, né?

P4: ... exercício abdominal, fortalecimento de para vertebrais, pra eles é importante. É lógico que o condicionamento, pra controlar pressão a parte do exercício aeróbico é fundamental é o imprescindível? É , mas a gente podia associar com outras coisas que tinha tempo prá isso.

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: Então aí a gente foi mudando um pouco a linha de trabalho dentro disso assim, dos alunos ela dividiu dois ou três grupos, na época, então, cada semana um grupo era responsável por aquela atividade diferenciada no... na sexta-feira por exemplo.

Entrevistadora: Hummm.

P4: Então assim, aí o grupo se reunia e falava assim: - Nós vamos dá fortalecimento de membro inferior com caneleira, e aí a gente montava essa aula e assim ia modificando, e aí a gente chegou a conclusão de que, a gente precisava padronizar os alongamentos, porque cada vez que um professor passava um alongamento era um exercício diferente. Era bom para o repertório motor deles, mas pro objetivo que a gente tinha de ganho de flexibilidade acabava fugindo um pouco.

Entrevistadora: É.

P4: Então, aí nós fizemos uma tabela, com desenho e ilustração que ficava no laboratório pra todos os alongamentos que precisavam estar e, aí a gente poderia colocar outros pra variar. Mas tinha lá, esse não pode faltar, esse não pode faltar, principalmente pelas avaliações que nós fazíamos.

Então, nós fazíamos o teste de sentar e alcançar, a gente precisava fazer um alongamento que melhorasse esse encurtamento de membros superiores, quer dizer, membros inferiores deles né? Então assim, esse não pode faltar, esse não pode faltar. E aí? Você tem trinta minutos, né? Faz esses e os outros que você quiser, mas esses tem que estar na sequência. Então, aí criou-se esse tipo de manualzinho, que quem chegava tomava conhecimento e tinha uma política muito assim: Eu cheguei agora, eu nunca vou passar o alongamento, eu demorava dois, três meses, porque eu tinha que observar como ele...

Entrevistadora: Como se estivesse estagiando?

P4: É.

Entrevistadora: Legal! Risos.

P4: Tinha muita gente que fazia o estágio e saia fora, porque achava que não ia dar conta, que era muita responsabilidade. Porque teve casos de você chegar lá e uma senhora com uma pressão de 220 por 160. Tinha que levar ela pro hospital, porque ela precisava tomar uma medicação sublingual na hora, entendeu? Então assim, tinha gente falando, não sei...

Entrevistadora: Risos.

P4: ... durante a minha participação no projeto, teve um caso de uma senhora, ela teve um pico de pressão, ela chegou a, a falei assim, assim, nós vamos ter que chamar o SAMU[13] pra correr com ela pro hospital.

Entrevistadora: Ah! Gente!

P4: ... tipo assim, uma discussão com outra senhora de, um assunto banal, que tinha o café da manhã por mês, ela não levou a toalha de mesa, a outra levou, e sempre a outra que levava, sabe assim...

Entrevistadora: Ai... gente! Terceira idade.

[13] SAMU: Atendimento pré-hospitalar móvel que realiza o atendimento de urgência e emergência em qualquer lugar: residências, locais de trabalho e vias públicas, contando com as Centrais de Regulação, profissionais e veículos de salvamento.

P4: Então, tem gente que vê uma situação dessa fala assim: Não é isso que eu quero e saia fora.

Entrevistadora: Que engraçado!

P4: Mas era muito gostoso, até hoje eu encontro eles na rua, no banco assim, e eles vêem cumprimentar, muito bonitinhos, quando eu posso, vou lá ao projeto. O projeto ainda existe, passo pra cumprimentá-los é muito legal.

Entrevistadora: Você sabia assim: Era claro pra você o papel do professor coordenador e o seu papel, dentro do projeto? Eu alo como aluno estagiário, porque a gente ainda não tava formado...

P4: Hã, Hã

Entrevistadora: ... eu já peguei pessoal que, eu era formada daquilo, não, se era, qual o papel do professor coordenador e do aluno na graduação no projeto extensão que você participou?

P4: Sim, na verdade assim...

Entrevistadora: O que cada um fazia né? Pode falar.

P4: No projeto, éé tinha ela que era professora coordenadora e ela designava assim a responsabilidade de cada um.

Entrevistadora: Era um professor só que coordenava? Ou um ou dois? Não, perguntei por que assim, às vezes tem mais.

P4: Na verdade dois mais...

Entrevistadora: Um que tomava a frente. É tá.

P4: ... presencialmente era um, tava ali cobrando da gente, orientando mais até por conta de disponibilidade de horário...

Entrevistadora: Tá.

P4: ... um só. Então assim, dentro nós os estagiários ali, tinham aqueles que tomavam a frente, por estarem mais tempo no projeto...

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: ...por já ter lidado mais com eles, mas ela fazia a parte de orientar, cobrar e aí a parte prática era com a gente mesmo porque, o projeto acontecia no momento que ela tava ministrando aula à faculdade, então é...

Entrevistadora: Tá. Entendi.

P4: É acho que é diferente do projeto [...], que vocês do handebol, que a professora tava o tempo todo na aula, né?

Entrevistadora: É, a maioria sim, é que tudo depende do projeto.

P4: É que no nosso caso não, ela passava pela manhã pra saber se estava tudo bem, e aí a gente estava ali. – Às vezes... eu não vou estar em [...], vocês tem que tomar conta. Então assim, querendo ou não a gente tinha uma responsabilidade muito grande com aquelas pessoas, porque era um público de risco por serem idosos, por serem cardiopatas entendeu? Então assim, super grupo de risco, então, mas, assim, ficava claro que a gente fazia o que ela orientava que era pra fazer. Ninguém mudava, por exemplo: - Hoje nós vamos fazer uma aula só de exercício resistido, sem conversar com ela e sem explicar o porquê que a gente queria fazer essa aula de exercício resistido e

mostrar alguma coisa que teve resultado que esse exercício foi positivo pra aquela população em algum outro lugar, então nesse sentido ela cobrava muito.

Entrevistadora: Algum dado que você tinha que mostrar o por quê?

P4: Ah! Vamos jogar futebol ao invés de vôlei com os idosos? – Mas aonde que você viu que o futebol é melhor pra eles nessa faixa etária? Mais benefício, a melhor pergunta dela que foi marcada na faculdade era, Por quê? Por quê?

Entrevistadora: Risos. Que legal!

P4: Por que o futebol e não o vôlei. Por quê? Assim, não oh! Hoje a gente não deixou ele caminhar. Porque hoje você não deixou ele caminhar? E aí você não podia falar assim: - Ah! Porque a pressão tava alta, você tinha que explicar o porquê e você tinha que explicar o porquê realmente... não pode dizer assim: - Porque não, nós achamos melhor não. Porque melhor não? Então assim, tinha, por isso que muita gente não aguentava, por que é tipo assim, eu falo hoje que pra mim foi extremamente importante.

Entrevistadora: Claro.

P4: Porque eu aprendi ir buscar resposta pra tudo, eu não, hoje em dia eu não me contento mais, com não deu certo. Ah então tá bom. Mas por que que não deu certo? Vai ter que ter um jeito de fazer dar certo. Entendeu?

Entrevistadora: Claro.

P4: Então, mas se talvez não tivesse essa cobrança, eu não teria esse interesse de fazer tentar dar certo de outra forma ou encontrar uma resposta.

Entrevistadora: Legal.

P4: Entendeu? Eu falo que o papel dela foi extremamente importante na minha formação, até mesmo por despertar o meu interesse pela pesquisa, depois eu fiz iniciação científica com ela na área de fisiologia, mas com o ratinhos né, não era com o projeto de extensão, mas prá mim o último ano, foi um ano super difícil pra mim me desligar do projeto.

Entrevistadora: Te entendo.

P4: Assim, porque eu tinha um vínculo muito grande com os idosos, eu sabia que eu ia me formar que eu ia sair e eu precisava me dedicar à pesquisa que eu tinha bolsa e eu precisava daqueles resultados para minha monografia, era o meu trabalho pra minha conclusão de curso e os ratinhos precisavam do meu tempo entendeu?

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: Tinha outras pessoas que poderiam dedicar o tempo pra aqueles idosos dentro do projeto, mas foi extremamente difícil. Eu comecei gradativamente assim, era três vezes por semana eu ia duas, eu ia uma, eu ia uma semana sim uma semana não, e e aí eu fui começando a me desligar, mas foi complicado prá mim, porque o vínculo que a gente cria quando trabalha com humanos é muito forte, é muito complicado, se vê, tinha pessoas é, é e tinha muito mais contato do que com os meus avós, então você fala assim: é complicado, até hoje quando eu vejo eles na rua, se vê nossa quem que é? Aí vem uma senhorinha assim, Ah (risos), lembra seu nome, pergunta o que você tá fazendo? Sabe?

Entrevistadora: Que bonitinho!

P4: Então, foi complicado pra mim se desligar, mas o papel dela como professora e coordenadora, assim do projeto, nesse sentido de ser exigente, muita gente via como negativo, mas a gente conseguindo contornar foi extremamente positivo pra nossa formação eu acho, não tenho dúvidas, que se eu não tivesse passado pelo projeto eu seria uma pessoa completamente diferente hoje.

Entrevistadora: Dentro do projeto teve algum momento como era um projeto de extensão universitária que vocês chegaram a discutir o que é extensão universitária? Ou de repente...

P4: Na verdade...

Entrevistadora: ... o coordenador passou e aí houve a curiosidade?
P4: ...na verdade, na verdade no nosso projeto ela se preocupava muito em não deixar o projeto se tornar um projeto assistencialista somente.

Entrevistadora: Qual era a visão?

P4: De prestar, só de prestar serviço pra comunidade, porque é política da faculdade que é projeto de extensão, então a preocupação dela era assim: Nós vamos prestar esse serviço pra comunidade é a extensão universitária pra vocês terem essa vivência, mas vamos trabalhar com isso que a gente tá prestando, vamos usar isso também a nosso favor.

Entrevistadora: De que forma, você fala?

P4: Que nem... por exemplo: Os dados, a gente coletava os dados colocava no trabalho e mostrava os resultados pros próprios alunos, os participantes, tá vendo oh! Quem vem mais melhora mais, entendeu?

Entrevistadora: Hummmm, hum, hum.

P4: A gente fazia um banner pra levar pro congresso e aí a gente falava na nossa linguagem pra eles o que era o trabalho que agente tinha feito com os dados que eles acabaram fornecendo pra gente no projeto que era pra benefício deles entendeu?

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: Por que às vezes falava assim: não vai ter aula tal dia, porque nós vamos pra um congresso, e aí, se a gente não explicar pra eles o motivo que não ia ter aula, entendeu? Então, a gente falava, não vai ter aula por que aconteceu isso, isso, isso, pessoas que já sabiam que..., nosso o médico diminuiu uma medicação minha agora, não posso parar de vir no projeto. Então, eles já criaram essa consciência, os próprios alunos que começaram a ir porque sabiam que era bom caminhar, eles já entendiam o que aquela atividade física trazia em benefício deles, entendeu?

Entrevistadora: E aí, fora a pesquisa que você falou é, você acha que teve algum momento também que ela se preocupava com a formação? Essa discussão que vocês tiveram de extensão?

P4: Na verdade eu acho que a preocupação dela maior as vezes a gente até percebia, era muito mais com a nossa formação do que o projeto em si, pra vê assim se a gente tava conseguindo absorver daquele projeto tudo que podia ser absorvido, então, acho que até por isso as cobranças dela em cima da gente, ela poderia simplesmente falar: - Façam isso, isso, isso e pronto e aí o que aconteceu depois? Vocês acham que a gente precisa..., e tipo assim éé, é ela sabe que por exemplo, que esses resultados é bom porque aconteceu isso. Se acha? Eu acho que não foi por causa disso, você acha?

Entrevistadora: Risos

P4: Se ela acha que não foi, eu vou falar o que eu acho? Entendeu? Que que eu respondo agora eu acho que foi, mais ela é a professora e tá falando que acha que não foi? (Risos). Muitas vezes ela testava a gente dessa forma pra ver se a gente entendia realmente que que era que trazia aquele benefício, que... ela testava demais a gente nesse sentido.

Entrevistadora: E pra você, você acha que ela marcou, isso como objetivo da extensa universitária também? Por que você falou que ela não queria que tivesse só uma visão assistencialista...

P4: Hã, Hã.

Entrevistadora: Se preocupava um pouco com a pesquisa, mas a preocupação social se acha que era só dela ou ela achava que era função da extensão universitária, pra você?

P4: Eu acho que ela via extensão, como ferramenta pra, aprimorar a nossa formação, talvez se não tivesse a extensão universitária aí seria mais difícil, então assim, através do projeto da extensão universitária, ela conseguia éé, com alguns, é, é melhorar essa formação, essa visão de conteúdo, da prática, então eu acho que, pelo, pelo, projeto era assim, um instrumento, uma ferramenta que viabilizava essa influencia na nossa formação que seria muito mais difícil ela produzir em sala de aula talvez.

Entrevistadora: Humm, entendi. E assim, ela chegou, que nem ela chegou a conceituar, to indo até um pouquinho mais fundo a extensão universitária é isso pra você?

P4: Eu acho que ela via a extensão, como ferramenta a, aprimorar a nossa formação, talvez se não tivesse a extensão universitária, aí seria muito mais difícil, então assim, através do projeto a extensão universitária, ela conseguia éé, com alguns, é, é melhorar essa formação, essa visão de conteúdo, da prática, então eu acho que, pelo projeto era assim, um instrumento, uma ferramenta que viabiliza essa influencia na nossa formação que seria muito mais difícil ela produzir em sala de aula talvez.

Entrevistadora: Humm, entendi. E assim, ela chegou, que nem, ela chegou a conceituar, to indo até um pouquinho mais fundo, a extensão universitária é isso?

P4: Eu acho que não, assim, que eu me recordo não, mas...

Entrevistadora: Tiveram ações queeee, que te levaram a interpretar isso?

P4: Sim, sim. Ah! Eu to participando dum projeto de extensão e a extensão é isso? Que eu me recorde não, assim de definição e conceito não.

Entrevistadora: E aí, vou falar um pouquinho assim, do projeto em si e de você como aluna estagiária...

P4: Hum, Hum.

Entrevistadora: ... do projeto tá? Como que o projeto de extensão universitária que você participava pra graduação, como que era a sua rotina de trabalho? Você falou um pouco assim, eu chegava e fazia...

P4: É. Eu sei. Que nem no meu caso que era aluna no curso noturno e participava no projeto de manhã né, então três vezes por semana era o projeto logo cedo, então nós chegávamos antes, era uma exigência dela, chega antes sempre antes dos alunos, nunca deixar os alunos esperando, nós tínhamos que tá lá..., eles chegavam e nós tínhamos que tá lá pronto pra receber, porque eles não podiam esperar, eles tinham só aquele tempo, a gente poderia ter muito mais tempo, mas eles não tinham mais assim, é sete horas que eles vão chegar quinze para sete, todo mundo aqui pra pegar o material tá esperando eles com o material lá cinco pras sete, então eles chegavam tinham todo o processo de recepcionar porque eles vinham de ônibus, então alguns, a gente ajudava a descer do ônibus, porque tinham dificuldade, nós tínhamos alunos de oitenta e três, oitenta e dois anos, que ainda são alunos hoje que devem estar com oitenta e sete...

Entrevistadora: Que legal!

P4: ... entendeu? iii , nós fazíamos a recepção, levávamos na maioria das vezes pra sala de musculação ali na faculdade...

Entrevistadora: Hum, Hum.

P4: ... quando aquela sala tava em aula, a aula acontecia na arquibancada da quadra na quadra coberta onde ficava uns cinco minutos de repouso, pra gente começar as atividades do projeto, nesse espaço nós fazíamos a aferição de pressão, tinha uma conversa ou outra perguntava como foi o final de semana, alguma coisa assim, é é descíamos pra pista de atletismo e aí lá na pista gente fazia um

alongamento mais breve, que era só pra gente dar inicio pra caminhada e aí tinha a caminhada, que eram quarenta e cinco minutos de caminhada, então cinquenta por cento pra direita, cinquenta por cento pra esquerda, íí na metade da caminhada, quando eles mudavam o sentido nós fazíamos uma aferição de frequência cardíaca...

Entrevistadora: Hummm.

P4: ... e aqueles casos que apresentavam pressão alterada no início, as vezes a gente segurava alguns alunos, pra ver se ela já tinha dado uma reduzida, porque muitos tomavam medicação logo que estavam saindo pra ir pro projeto então...

Entrevistadora: Ah! Não dava tempo!

P4: Não tinha tempo ainda da medicação ter tido efeito, né? Ter feito efeito.

Entrevistadora: Risos

P4: E aí, (risos) fazia, esse processo então, é muitas vezes percebia que um aluno tava com um olhar diferente, supor, a gente caminhava com eles.

Entrevistadora: Que legal!!

P4: Fazia caminhada com eles, pra usar essa opção de saber, uma pessoa que tem a pressão controlada, chegava com uma pressão super alterada, tudo bem? – Tá tudo bem. – Tomou remédio? Tomei... assim, não tá tudo bem, ela tomou remédio a pressão tá alterada não tá tudo bem. Alguma coisa aconteceu, então assim, procura saber o que ela falava, procura saber, tenta ajudar, porque não adianta só fazer ali o trabalho que foi designado, a gente pode às vezes melhorar e ajudar de outra forma. Então tinha pessoas que ao longo do projeto a gente descobria que tinha depressão, que tinha perdido uma filha, tinha...

Entrevistadora: Ai que dó!!

P4: Por que a nossa anamnese era muito restrita, muitos não sabiam escrever.

Entrevistadora: Ai que dó!!

P4: Entendeu? E aí tinha vergonha de falar pra gente que não sabia, então levava pra casa, pedia pra alguém preencher, e preenchia de qualquer eito, aí a gente começou passou a fazer a anamnese com eles, ali perguntar e preencher entendeu? Não tinha como exigir assinatura, eles não sabiam escrever. Entendeu? Então era um público extremamente carente, não podia simplesmente chegar neles e vai andar, me deixa ver a pressão, vai anda de novo. Vamos alonga, tchau! Tinha que te uma aproximação, assim, a gente tinha que criar um vínculo afetivo com eles, até mesmo pra mantê-los ali.

Entrevistadora: Lógico!!

P4: Eles tinham que se sentir acolhidos para retornar não dava pra você trata, como eles estavam acostumados a serem tratado em qualquer outro lugar. Não era isso que eles estavam procurando também. Aí tinha o processo da caminhada, interrompia no meio pra aferir a pressão, a frequência, não no caso a pressão, no final da caminhada o mesmo processo, aí todo mundo seguia pra sala de dança, a gente tinha esse espaço reservado tirava os tênis deixava lá fora e aí a gente realizava o alongamento.

Entrevistadora: Humm.

P4: Uma vez por mês a gente fazia o café da manhã no lugar do alongamento, cada um levava alguma coisa, e a gente fazia o café da manhã e cantava os parabéns pros aniversariantes.

Entrevistadora: Ai que legal!

P4: Sempre o aniversariante levava um bolo, aí chegou uma época que a gente percebeu que o café da manhã tava ficando muito gordo...,

Entrevistadora: Risos

P4: ... tipo assim, fritura, bolo cheio de açúcar, daí a história começou a mudar né...

Entrevistadora: Precisa mudar!

P4:... a história começou a mudar né. Vamos fazer um café da manhã com frutas, cada um traz uma fruta, vamos tirar refrigerante e trazer suco...

Entrevistadora: Risos.

P4: Então pelo menos naquele dia mudar um pouco a rotina, mas teve caso de chegar e perguntar: - Tomou o remédio? – Tomei. – Comeu alguma coisa diferente? – Ah eu comi uma pipoquinha! (risos)

Entrevistadora: Risos

P4: Então assim, às vezes a gente tinha que ter essa conversa pra saber o que tava causando aquela alteração. Teoricamente se não faz mais efeito, se ela tava com problema, nesse caso era só uma pipoquinha que tava salgadinha demais entendeu? Então...

Entrevistadora: Risos. Um quilo de sal.

P4: ... então, mas a rotina era mais ou menos isso, a gente tinha uma data especifica que dava pra reunir na maioria das vezes, como ela orientava dois projetos no período da manhã, no período da tarde...

Entrevistadora: Hã

P4: ... com objetivos bem semelhantes é, essa reunião acontecia com os alunos desses dois projetos, normalmente era em um dia da semana o horário de almoço, e aí um de cada projeto levava seus problemas durante a semana, ou seus casos que nem, pra contar e alguma dificuldade que aconteceu, alguma sugestão que poderia mudar, e aí fazia a discussão artigo, sempre voltado pro objetivo do projeto, que era a reabilitação cardíaca com condicionamento, né?

Entrevistadora: Praticamente era um grupo de estudos?

P4: Era, era um grupo de estudo e assim, as vezes o grupo, a gente conseguia coisas do grupo de estudo que nem ela esperava assim, de discussão, que as vezes ela falava assim: - Vamos lê o texto, o começo foi super difícil aí nesses nesses grupos aqui sem querer, obrigatoriamente, todos nós aprendemos o inglês, porque o primeiro texto de todo mundo era em português, o segundo já era inglês, então é assim, eu fazia o curso de inglês, mas aquele texto não tinha uma palavra que tinha no meu curso, entendeu?

Entrevistadora: É uma linguagem técnica, né?

P4: Ééé, entendeu? Então, o meu primeiro texto, eu peguei um caderno e traduzia palavra por palavra no meu caderno...

Entrevistadora: Risos. Puts.

P4: ... porque e no conseguia ler entendeu? Hoje eu leio inglês, escuto, já terminei meu curso, mas sessenta por cento do que eu sei é por conta dos textos com certeza com certeza, falava assim: - Ai minha amiga falou que tem que fazer um resumo do trabalho em inglês, me dá, eu escrevo na hora, mas porque eu fui muito cobrada nesse sentido sabe, tinha gente que fugia do projeto por isso também ficava assim, não, não consigo ler, e não tem vontade pra tentar e falava assim desencana então sai fora. Porque ela cobrava realmente, era um conteúdo que a gente precisava discutir porque tinha muita implicação na nossa atuação ali, na hora de atender aquelas pessoas.

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: Então já foi, oi super assim intenso. E aí assim, tinha um processo de todo mundo que tava lá, anotava os dados no caderno naquele dia. Aqueles dados tinham que ser passados no computador, eles tinham que ser analisados, então o projeto com os idosos era da sete as nove, o projeto pra gente era das sete até as dez pelo menos, porque depois daquela aula, a gente passava os dados pro computador vê se tinha alguma coisa muito absurda que alguém poderia ter anotado errado, viu se anotou isso aqui? Tem certeza que era isso mesmo? Você aferiu essa frequência direito ou a pessoa tava conversando muito, porque que tava alterada, então tinha também esse processo de eliminar todos os erros né?

Entrevistadora: O pós-aula?

P4: E o pós-aula, mesmo pra discutir, hoje acho que nossa tal pessoa não tava legal, alguém conseguir descobrir é, não, vamos ver se na próxima aula a gente tenta perceber, essa pessoa tá faltando muito, vamos ligar pra vê se tá acontecendo alguma coisa? A gente tinha também esse papel de cobrar deles uma participação não frequente, porque pra eles era melhor, um dos trabalhos que eu fiz no projeto, foi comparar de quem era frequente e de quem faltava, e eu mostrei os resultados pra eles.

Entrevistadora: Aí que legal!

P4: Assim, você que vem, você tá melhor hoje porque você vem sempre, aí você que falta, você vai melhorar, a invés de melhorar em três meses vai melhorar em seis.

Entrevistadora: Nossa!

P4: Então assim: É visível você, é a gente acaba assim por influência da professora também criando uma visão muito assim, de querer o resultado e querer provar aquilo.

Entrevistadora: Risos.

P4: Nossa! Que legal! Eu gostei do projeto porque a pessoa melhorou, mas porque que a sua pressão melhorou? Por que você mudou seus hábitos alimentares? Por que você tá vindo regularmente ao projeto? Tá treinando dentro da frequência que você deveria treinar? Por que não adianta ir também todos os dias e a gente fala: Anda mais rápido. Fica naquela moleza, tem que andar mais rápido pra chegar na frequência que você precisa caminhar pra melhorar, então assim, então a gente criou uma visão assim, de ter aquele resultado ali pra provar pra eles que é importante não simplesmente pelo fato de estarem lá, eles tinham que participar mas participar dentro do que era proposto, e que caminhar dentro de uma intensidade, que vai trazer benefício pra eles, tem que caminhar dentro da intensidade, não adianta caminhar para passear entendeu? Então, era essa a nossa rotina assim e aí em alguns momentos ela, ela nunca cobrou da gente assim: - Vamos fazer um trabalho pro congresso? Ela deixava a gente a vontade, pra aqueles que se manifestassem fala assim: - Olha é que esses dados aqui podem gerar um trabalho, o que você acha professora? Faz lá e traz pra eu ver, vamos vê se realmente tem o resultado legal, se tiver a gente faz um trabalho em cima disso, alguma coisa pra divulgar aí é lógico que ela dava todas as ferramentas, pra gente chegar nos resultados e fazer ao mesmo tempo, ela dava muita independência pra gente pra vê se a gente era realmente capaz de analisar aquilo, chega um resultado que a gente achava que poderia ser positivo e aí depois... - Oh! Vocês fizeram assim, mas poderia ser feito dessa forma, mas os resultados que vocês chegaram eles são positivos tanto nós vamos trabalhar assim em cima disso, e aí ela ditava o nosso trabalho em cima daqueles dados também, mas a gente sempre teve, ela sempre deixou a gente muito independente cada um com a sua responsabilidade, até mesmo pra vê se a gente tinha realmente a responsabilidade construída, então assim é, eu vou viajar...

Entrevistadora: Risos

P4: ... e vou ficar uma semana fora, então a gente tinha que se organizar, se eu não vou vim na sexta, eu preciso arrumar alguém do projeto da tarde pra me cobrir, porque, precisa ter, não dá pra deixar um com vinte e cinco velhinhos, dois com vinte e cinco velhinhos, entendeu? E aí então a

gente tinha que te essa responsabilidade sabe, eu preciso arrumar alguém pra vim no me lugar ou perguntar assim pros outros: - Eu não vou vir dá pra dar conta? - Se eu não vim nesse dia, todo mundo vai vir? Por que já aconteceu, já acontecer aí, por exemplo: muita gente era de fora, morava em república, ia a pé, de bicicleta, chuva muito forte e os idosos estavam lá, entendeu? O ônibus pegava eles no posto de saúde, o é coberto dentro do ônibus, não chove na [...], tem quadra coberta...

Entrevistadora: Riso.

P4: O projeto ia acontecer com chuva, então assim chegar um só mais cedo e vir começar e ir começando aos poucos, então assim, esse tinha que saber fazer tudo, porque se não fosse mais ninguém ele ia ter que fazer tudo sozinho, então tinha uma cobrança muito grande de todo mundo sabe, fazer tudo de um jeito muito bem feito, porque dentro de todo mundo esse que ficou lá, não soubesse, ia atrapalhar o trabalho de todo mundo, então...

Entrevistadora: Ia ser morto pelos velhinhos.

P4: ...então assim, ou ele poderia matar algum...

Entrevistadora: É risos.

P4: ... tem esse lado também, sabe aquela questão, ah sei, um na hora lá, não escutou direito, ah mas tá bom? A importância da gente ter certeza daquele daquele dado sabe.

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: ...eu acho que tá doze por oito, afere que de novo, afere de novo. Vem aqui afere que eu não tenho certeza? Ela falou assim: - Por mais que você tenha cinco, dez, quinze anos de projeto, não tenha vergonha de falar que, você não conseguiu escutar e pedir pra alguém escutar pra confirmar pra você, o que você não pode é você confirmar uma coisa que você acha que é.

Entrevistadora: Acha que é, né, verdade.

P4: Porque você pode estar colocando a vida de uma pessoa em risco.

Entrevistadora: Nossa!

P4: Se você escutou doze e aí era dezoito, você não escutou antes, só escutou depois, você não estava atento? A pessoa olha pra sua cara e você: - Vamos correr hoje?

Entrevistadora: Jesus!

P4: Você entendeu? Então, era uma responsabilidade muito grande com aquele grupo, acho que por isso a cobrança em cima da gente de ser extremamente profissional, comprometidos que era um grupo de risco.

Entrevistadora: Vocês estavam com eles, né?

P4: É estavam ali em nossas mãos, então assim... Ele vai querer plantar bananeira? Não pode plantar bananeira, entendeu? Então, tinha muito disso, mas a rotina era basicamente essa.

Entrevistadora: E como que você acha que era o seu envolvimento no projeto?

P4: Olha, eu particularmente, eu comecei com medo, porque já teve aquela prensa logo no começo, então já comecei assim, nossa! Vou mudar a minha imagem né? Porque, era o meu primeiro ano de faculdade. Eu não sabia ainda o que eu queria, não sabia que naquela disciplina era que eu precisava me dedicar mais, entendeu? E acabou que naquela disciplina eu deixei uma, uma... abertura...

Entrevistadora: Uma grande lacuna.

P4: E era aquela disciplina que estava sendo exigida. Então, assim no segundo ano a hora que ela ofereceu a disciplina, eu fiz a disciplina de novo. Eu tinha fechado, eu não tinha, eu não precisava de nota, eu não me matriculei na disciplina, mas, eu assisti todas as aulas, entendeu? Pelo menos até aquela que eu tinha, éééé, deixado de lado no meu semestre, entendeu? E aí depois ela me chamou pra conversar, pra saber se eu tinha entendido o conteúdo, entendeu? Aí eu mostrei pra ela que eu tinha entendido o conteúdo e ela ficou tranquila em relação a isso, mas era uma preocupação também que ela tinha. De saber se a gente conhecia a parte teórica daquilo que a gente estava fazendo na prática, não simplesmente estava ali, fazendo por fazer, entendeu? Então, eu fiz a disciplina de novo, eu particularmente eu passava o dia inteiro na faculdade. O meu curso era noturno, eu não trabalhava eu ainda não tinha bolsa, mas num, mas eu num, assim, eu não tinha, eu jogava vôlei então, eu treinava nos horários dos meus treinos, mas eu chegava de manhã e ficava lá até meio dia, ou conversando com alguém, ou lendo os textos, no começo eu apanhava prá caramba nas leituras de projetos, então eu ficava lá, lendo, relendo, estudando, estudando, estudando, estudando, nesse sentido eu sempre me cobrei muito, assim pra tudo que eu faço sabe... E a minha mãe briga comigo por isso, porque ela fala que nem todo mundo é assim, e aí eu quero ser assim com todo mundo e ninguém assim, de dez, um vai reconhecer isso. Nesse caso, a nossa instrutora ali, ela reconhecia demais o nosso trabalho sabe? Ela valorizava muito aqueles que realmente é... tinham o interesse, vestiam a camisa, ela dava... a gente tinha esse retorno. A gente sabia que não estava trabalhando, só porque a gente precisava, porque a gente sabia que era importante. Tinha uma pessoa que falava assim: - Parabéns, isso que você está fazendo é brilhante!

Entrevistadora: Que legal né?

P4: Entendeu? Então, isso dava um ânimo pra você continuar trabalhando da mesma forma. Eu acho que seria diferente se eu me empenhasse, me matando de ler, e ela: - “Você não fez mais que sua obrigação”.

Entrevistadora: Nossa! Isso mata.

P4: Se tinha que lê. Você entendeu? Então assim, é é, eu deixava de ir pra minha casa almoçar, prá ficar na faculdade. Eu conheci todas as turmas do integral e eu era do noturno, porque eu não saía dali, entendeu? Então aí, uma das, eu tive duas bolsas de iniciação científica, uma com o [...] que também era coordenador do projeto...

Entrevistadora: Hã, ram.

P4: ... que foi com os alunos do projeto, que eu fiz uma análise de custos dos alunos que frequentavam o projeto. O quanto o posto de saúde, que eles eram pacientes gastavam com aqueles que frequentavam o projeto e com aqueles que não frequentavam o projeto, né? Qual que era a implicação da atividade física direcionada no custo para o posto de saúde? Então, aí eu iniciava dentro do posto de saúde com aqueles prontuários, espirrando mil vezes, sabe? Aprendi a ler letra de médico.

Entrevistadora: Nossa!

P4: Porque é terrível. E aí eu precisava, por exemplo, eu fiz uma análise, uma avaliação com o pedômetro dos idosos. Então tinha o projeto, entreguei o pedômetro e pronto, os outros eu marcava no posto de saúde, eles não apareciam, então eu ia na casa, pegava o endereço, pegava o endereço, tocava a campainha. Viu? O Sr. Fulano tá aí?

Entrevistadora: Risos.

P4: Preciso colocar isso aqui nele só vou pegar semana que vem tudo bem? Tudo bem. Mas tive bastante que eu tive que ir atrás, então assim eu sempre fui muito atrás, eu nunca tive o hábito de esperar alguém vim fazer pra mim ou então de saber que alguma coisa que precisa fazer, é você tem que fazer, mas eu posso fazer antes pra acelerar o processo sabe. Então acho com relação ao envolvimento eu mergulhava de cabeça mesmo né, acho que é meu mesmo, então não tem...

Entrevistadora: É assim, você se sentia parte do projeto? Assim, né, podendo opinar, participar do processo, tudo.

P4: Nós tínhamos essa liberdade, essa responsabilidade nos dava também essa abertura, de fala assim: - Eu acho que com o dia de chuva é melhor eles não virem. – Porque vocês não querem acordar cedo no dia de chuva? – Não, eu concordo e venho aqui, mas eles sobem em ônibus com degrau molhado, descem com degrau molhado, eles saem de casa quentinhos pegam a garoa pra chegar no posto de saúde, entendeu? É a gente precisa repensar, vamos combinar aqui que em dia de chuva muito forte não tem projeto. Vamos! Em dia de chuva muito forte não tem projeto. Não é porque tá chovendo, é pelos riscos que a chuva implica pros pacientes do projeto. Eu tomo chuva, chego e lá troco de camiseta, mas eles não, eles já tem uma idade que tomar chuva na hora que eles acordam...

Entrevistadora: Ou um tombinho desses pode deixar na cama por resto do dia, né.

P4: Entendeu? Sem chuva eles já caiam com muita facilidade então com chuva o risco era muito maior.

Entrevistadora: Tô tentando entender o que tá acontecendo com a minha mãe.

P4: Nós tínhamos essa abertura sabe, de dar esse tipo de opinião e ao mesmo tempo é a gente conseguia, tipo assim, por exemplo: Quando eu não conseguia ir, cê percebia que era mais difícil pros outros trabalharem, não é a mesma coisa, você faz falta pra aquele grupo. Tem cinco? Tem cinco, mais quatro em é muito difícil mais difícil, você entendeu? Mas e se coloca outro no seu lugar? Não é outro que trabalha do mesmo jeito que você entendeu? Ninguém vai poder esperar daquele outro o que espera de você, então assim, a gente conseguia perceber a nossa importância no projeto e autonomia que a gente tinha ali dentro, ela dava essa liberdade, mas a gente nunca decidiu nada sem ela dar o consentimento tudo passava por ela

Entrevistadora: Ah! Mais legal! E o que você acha que aprendeu no projeto que você considera assim, mais relevante dessa sua experiência?

P4: Hummm, preciso falar de uma coisa só agora, né?

Entrevistadora: Pode falar várias (risos). Ou elencar as mais relevantes.

P4: (risos). Eu acho que, em primeiro lugar a responsabilidade porque ali a gente, ninguém tinha obrigação de estar ai, nós estagiários, era a participação era facultativa, entrava no projeto quem quiser, e permanecia quem aguentasse...

Entrevistadora: Risos.

P4: ... mais ou menos isso entendeu? Então ninguém tinha obrigação então aí a gente tinha aquela responsabilidade diferente do que to agora

Entrevistadora: Mas você, mas você não ganha nada pra tá lá.

P4: Mas eu gosto de ir, eu aprendo é eles precisam que a gente vá, não tem só, a gente aprendeu tipo assim: que é não pensar: Não ganho nada, não vou, não vai me da ponto,não vai contar com hora no meu estágio, não vou entendeu? Aí a gente criou uma visão diferente, além de ter mudado completamente a minha visão da Educação Física.

Entrevistadora: Mas qual visão diferente e o que, que mudou?

P4: Porque quando eu ingressei eu era atleta e eu queria trabalhar com...

Entrevistadora: Ah é você falou!

P4: ... treinamento esportivo, e era isso, estudar e aprender ali, o resto... paciência. Eu tinha que fazer eu fazia, mas não era isso que eu queria. Mas isso durou, esse projeto com [...], durou até Maio...

Entrevistadora: Risos.

P4: ... que foi quando eu entrei no projeto, entendeu? Aí eu falei: nossa! Mas é muito mais legal, é muito mais positivo, não tem comparação, é brilhante o treinamento esportivo, é, mas priva as pessoas de tantas coisas né, e aqui, eu fui atleta, eu sei, eu sei o que aquelas pessoas que estavam ali, que estavam sendo treinadas iam sofrer, e ali era diferente, aquele projeto, aquela área proporciona muito mais oportunidades pra aqueles pessoas, então assim, talvez se aquelas pessoas não estivessem ali, elas não conseguiriam ir ao mercado sozinho pra carregar sacola, talvez, já tinha tido algum problema de pressão e talvez não estivessem mais vivas entendeu? Então foi um outro lado da Educação Física que eu conheci que eu não imaginava que fosse tão importante e que me despertou o interesse muito grande, até por eu ter meus quatro avós vivos e tive a idéia e mantê-los vivos perto de mim, por muito mais tempo, no entanto que eu comecei no projeto, os dois pais do, do meu pai, minha avó e meu avô, eles fazem caminhada, e pedalam todos os dias de manhã.

Entrevistadora: Que legal!

P4: Entendeu a minha vó, por parte da minha mãe passou a fazer caminhada e o meu avô pai da minha mãe ele só não faz isso, porque ele teve um AVC.

Entrevistadora: Humm.

P4: Mas ele faz todo o processo de reabilitação ele tem uma bicicleta na casa dele, e ele faz e ele sabe da importância do exercício físico, e eu reforço demais isso pra ele. Então assim, além de toda essa implicação no destino que é a minha carreira, depois da formação levou de querer trabalhar com a área da saúde e não com o treinamento esportivo, eu, puxei eu to muito próxima da minha família e um pouco pra mim também, sabe, vão aprender melhor para tentar deixar todo mundo vivo mais tempo e mais perto né, pra tentar fazer o que a gente puder.

Entrevistadora: Você puxou pra você e pra sua família né?

P4: É, então assim, tive uma briga muito grande com a minha mãe, agora consegui enfiar ela pelo menos no Pilates.

Entrevistadora: Risos.

P4: Mas assim, ela é, ela não gosta, ela não gosta e ela não gosta, agora no Pilates está aceitando, entendeu?

Entrevistadora: Ah! Legal!

P4: Mas eu falo, eu sempre tive uma briga muito grande, depois que eu percebi o que o exercício físico ali, ele poderia proporcionar, todo mundo tem que fazer, não tem o que questionar, entendeu? É fato que melhora, alguma coisa melhora sua autoestima, sei lá se vai emagrecer, se cai fazer um amigo, vai conversar com alguém, vai num lugar diferente, alguma coisa, não precisa ser... que nem no caso deles, uma melhora ééé cardíaca, alguma coisa vai melhorar.

Entrevistadora: O que é positivo, né?

P4: É alguma coisa vai melhorar, então assim, mudou completamente a minha visão da Educação Física, e hoje eu fico extremamente aborrecida com aquelas pessoas que falam que a Educação Física é só a bola, a quadra, o esporte e o futebol, entendeu?

Entrevistadora: É.

P4: E ao mesmo tempo, ééé eu não me dei abertura pra área de escolar, por esse motivo. Porque eu me encantei muito com essa área da saúde, mesmo sendo um curso de licenciatura, eu cumpri todos os meus estágios presenciáveis, não roubei nenhum. Eu fiz todos os estágios, inclusive os de escolar, mas não me despertou tanto interesse como essa área da saúde assim, de ver o resultado, ali sabe assim.

Entrevistadora: Palpável, né?

P4: Ééé. De consegui perceber que...

Entrevistadora: Não que não seja, é que são resultados diferentes...

P4: São formas de analisar diferentes, entendeu?

Entrevistadora: É, é muito diferente.

P4: Ali, além do qualitativo a gente tinha o quantitativo. A gente tinha como falar o quanto aquela pessoa melhorou, entendeu?

Entrevistadora: Do período, é diferente.

P4: Diferente, então criou uma visão muito crítica, em mim nesse sentido, sabe? Então, ainda esses dias eu estava... uma amiga pediu pra eu ler um trabalho que ela tá fazendo na pós, que é a [...] orienta ainda.

Entrevistadora: Ah! [...], sei quem é.

P4: Então, eu trabalho com o filho dela. Aí eu falei nossa, mas...

Entrevistadora: A escola dela é super legal.

P4: É eu fui lá conhecer.

Entrevistadora: Eu quero conhecer ainda, porque olha!!!

P4: Aí eu falei assim: “Mas viu, porque você não fala ééé... quantas pessoas concordaram? Por que você não fala em porcentagem, sabe? Então, a minha visão ficou completamente diferente. A minha forma de pensar foi criada da forma como a minha orientadora ali pensava, como a professora do projeto pensava.

Entrevistadora: Pois é o que vocês precisavam, né?

P4: Ela moldou a gente dessa forma. E quem concordasse e gostava continuou. Quem não concordava, foi experimentando outras coisas que ela também dava essa liberdade, assim, ninguém é obrigado continuar aqui.

Entrevistadora: É, isso é legal!

P4: Ah! Mas eu sei se eu faltar vai dar problema. Você não é obrigado a continuar. Se você faltar, a gente vai achar um jeito de suprir as necessidades que você fazer. Então, o meu medo, por exemplo, quando eu saí, eu pensava assim: - Puxa, são três alunos que são novos, só vai ter um veterano.

Entrevistadora: Nossa!

P4: Então assim, como que ele sozinho vai dar conta! Não dá pra sair agora, vai ser difícil você sair, você tem a sua pesquisa, mas como é que vai ficar? Entendeu? Então tinha muito dessa coisa, mas eu acho que principalmente a responsabilidade e o fato de ter mudado a minha visão com relação à Educação Física e a parte afetiva também foi muito importante do relacionamento com pessoal completamente diferentes de mim, de faixa etária de classe social, de modo de pensar, de cultura, completamente diferente mas que eu consegui me aproximar muito. Essa parte também foi tipo assim que pesou, e eu tenho até hoje carinho por pessoas mais velhas. Qualquer uma, entendeu?

Entrevistadora: Risos. Qualquer uma.

P4: Me dá desespero, se eu vejo uma senhora andando na rua com cinco sacolas que ela não tá aguentando carregar, por que ela não tem um filho, um irmão um sobrinho, um neto, alguém que não pode ajudar? Entendeu? Então assim, acho que reforçou ainda mais uma preocupação que eu sempre tive com os meus próximos e aí hoje eu tenho por qualquer pessoa, pode ser um senhorzinho ladrão que tá atrás de galinha prá roubar que eu falo: - Coitadinho! Ele não tá aguentando carregar.

Entrevistadora: Risos, risos.

P4: Risos, principalmente isso sabe, acho que eu posso pontua assim a responsabilidade a ponto de não, não abrir mão, por que eles precisavam da gente ali, então eu tinha que tá ali, não que ia se bom pra mim pra minha formação, porque eu ia consegui aprender, mas porque se a gente não estivesse ali, eles iam se prejudicar.

Entrevistadora: É uma responsabilidade diferente.

P4: É, não é a responsabilidade que eu tenho que tá lá as sete. Eu tenho que tá lá porque eles precisam que eu esteja lá, não é porque a professora mandou. Entendeu?

Entrevistadora: Que venham assim né é complicado.

P4: É diferente.

Entrevistadora: Oh! Se você fosse falar assim qual o papel, valor, significado vamo fala da extensão universitária aí no caso o projeto né?

P4: Hum, Hum.

Entrevistadora: Na sua formação inicial. Papel, valor, significado e sentido assim. Se você fosse falar, e depois você coloca pra mim, do que ela se diferenciava do ensino e da pesquisa.

P4: Hum, papel, valor...

Entrevistadora: Oh! Significado e sentido da extensão universitária na sua formação inicial.

P4: Bom eu acho que o sentido...

Entrevistadora: É forte aí.

P4: Pelo fato de mudar completamente a minha visão, não sei se é o sentido se é o valor ou se é o significado (Risos)

Entrevistadora: Risos, não assim, assim.

P4: Entendeu? Agora você se vira pra encaixar lá tá! (risos)

Entrevistadora: Não, não, eles entram aí.

P4: Mas assim, eu acho que mudou completamente a minha visão do, da Educação Física, a minha forma de pensar, com relação aquele curso que ingressei, não imaginava que eu fosse capaz de fazer um trabalho como esse, que eu acho que tem muito mais valor do que um trabalho, por exemplo: de treinamento esportivo que era o que eu pretendia, não valor assim, financeiro.

Entrevistadora: Mas, porque assim você acha?

P4: Mas valor de, promover um resultado positivo pra muito mais gente, sem prejudicar ninguém, cê entendeu? Talvez se eu trabalhasse, eu gosto muito de treinamento esportivo, eu treino, eu admiro quem trabalha, mas nem todo mundo é favorecido, entendeu? Então acho que esse valor assim de você conseguir por meio daquela proposta que você tem de fazer um trabalho e proporcionar o bem pra todo mundo que tá envolvido...

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: ... é muito melhor do que assim: Eu vou ser campeão, pra você ser campeão, você deixou quantas pessoas pra trás, quantos que você teve que excluir daquela equipe, entendeu? Aqueles que estão lá, eles foram muito beneficiados, eles tão aquele grupo restrito. Aqui no projeto não, todo mundo eles tinham benefício com a saúde, a gente tinha o benefício com a pesquisa com a prática a família deles tinha o benefício de ter eles, entendeu? Então assim...

Entrevistadora: A própria formação de vocês né?

P4: Então assim, eu acho que é muito mais positivo não que seja negativo a outra área, mas acho que tem muito mais ponto positivo essa oportunidade que eu tive de vivenciar na extensão universitária, assim esse projeto, não sei, como seria se eu tivesse participado de outros projetos, eu tive a sorte de participar do projeto que me propiciou uma visão mais rica.

Entrevistadora: Humm. E se você fosse diferenciar, ai da pesquisa, ensino, pesquisa, e extensão o que você, você acha que ela diferencia aí.

P4: Eu acho que no ensino eu colocaria pra diferenciar mais a teoria, entendeu?

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: No caso do nosso projeto mesmo o ensino é só teoria, não teria essa prática de contato que na extensão a gente tem ali de a prática, não necessariamente precisava ter a pesquisa a gente poderia fazer a prática ali naquele projeto, aprender, ter os resultados sem fazer pesquisa, sem levar aquele resultado pro congresso. Entendeu? publica um artigo, um é, possibilidade de aplicar o ensino, talvez a extensão, entendeu? A gente sabia lá no ensino que lá no ensino na graduação era super importante o exercício, nã, nã, nã, na, mas se não tivesse a extensão eu não acreditaria tanto, porque na extensão e vi que realmente acontece, entendeu? Então talez se e não tivesse vivenciado,ah! Legal, muita gente fala de que da certo. Entendeu?

Entrevistadora: Risos.Hã, hã.

P4: É melhor fazer daquele jeito mesmo, que aquele cara daquele artigo falar, mas eu comprovei e se do meu jeito dessa certo? Eu falava pra ele. – Oh! Eu fiz uma pesquisa e desse jeito também da certo, você não quer testar? E daí então, do ensino pra extensão acho que de forma resumida, assim da teoria a prática eu diria.

Entrevistadora: Da pesquisa pro ensino?

P4: É da pesquisa pro ensino...oo

Entrevistadora: É da pesquisa pro ensino não. Da pesquisa pra extensão, perdão.

P4: Da pesquisa pra extensão eu acho que a extensão possibilita também a pesquisa e tanto o ensino quanto a pesquisa não acontecia tão facilmente se não tivesse a extensão, entendeu? Porque ali na extensão a gente consegue aplicar o que fez no ensino e ter que fazer o resultado pra levar pra pesquisa. A gente tira as dúvidas na pesquisa, mas talvez se não tivesse aquele projeto de extensão ali a gente ia ficar em cima de artigo, artigo, e de artigo, e ninguém ia ter certeza se tudo que aqueles caras... a extensão ali, ela permitiu a gente aplicar, porque a gente aprendeu na graduação e pra vê se dava certo e pra divulgar como resultado de pesquisa. Então, meio que fica entre as duas coisas, se tiver só o ensino e a pesquisa sem a extensão acho que fica, uma lacuna assim...

Entrevistadora: Hum, Hum.

P4: ... seria muito mais difícil, não seria impossível, mas facilita muito mais o processo, o fato da gente ter o projeto de extensão pra gente poder, vivenciar buscar, os resultado prá levar prá levar pra pesquisa.

Entrevistadora: Legal! E aí, vamos continuar pensando na extensão universitária como algo maior assim né? Se acha assim, quais as implicações que ela teve na sua atuação como profissional hoje?

P4: Hoje particularmente onde eu trabalho dentro de uma clínica de condicionamento físico devido a minha formação e a minha experiência acadêmica, a maioria dos meus alunos, são idosos e cardiopatas.

Entrevistadora: Risos, só toda.

P4: Por que eu acredito que na minha entrevista eu passei a minha segurança pro meu gestor, assim...

Entrevistadora: Hum, que legal!

P4: ... eu não tenho medo de trabalhar com essas pessoas tem muita gente que tem.

Entrevistadora: A maioria tem né?

P4: Pode jogar pra mim que eu assim a responsabilidade é minha, então assim, eu nunca quis trabalhar numa academia, durante a graduação, mesmo porque eu falava assim, tem um monte de gente lá jogado pra um tomar conta, não vai dar certo. E aí hoje eu trabalho numa clínica, é praticamente ma academia, mas é diferenciado, eu trabalho, com uma pessoa, eu to ali pra atender o que ela precisa, então se tiver mais um com problema, não é responsabilidade minha, a minha responsabilidade é aquela pessoa, naquele momento, então eu acho que a minha atuação hoje, principalmente nesse sentido, foi muito direcionada por conta da extensão, eu busquei isso, então assim, ah! Por que você só tá prestando concurso pra escola agora? Já faz um ano e meio que você tá formada...

Entrevistadora: Pouco tempo!

P4: Então, falo assim: Eu nunca quis trabalhar na escola, eu queria trabalhar, melhorar as pessoas mais rápido mais perto assim.

Entrevistadora: Hum, Hum.

P4: Não que na escola não tenha essa função, mas é diferente e falo assim, ali eu consigo, ela fala assim: - Putz, to me sentindo mal acho que eu to com problema de saúde, porque eu to muito pesada, então tá bom, vou fazer uma coisa pra você melhorar e você vai ver que vai melhorar. Isso eu aprendi na extensão que a teoria já tinha me falado, mas se eu não tivesse passado pela extensão eu não teria tanta segurança de falar pra pessoa: - Não, você vai melhorar! Se você fizer o que eu falo pra você, você vai melhorar entendeu?

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: A minha prática nesse sentido, ela foi, direcionada, eu não procurei trabalhar com outra coisa, eu quando formei, eu tava estudando pra prestar residência multiprofissional em [...]...

Entrevistadora: Nossa, que legal!

P4: ... pra trabalhar saúde coletiva, que eu queria trabalhar na área da saúde, aí acabou que atrasou o processo e eu não sei oque aconteceu e fui chamada pra clínica, e eu percebi que o objetivo era diferente da academia, por isso eu me interessei e entrei no processo seletivo, eu sabia que ia trabalhar no que eu pensava não simplesmente pra atender a demanda, e pra gerar lucro pra coordenação ou pra gestão do local, então foi direcionado nesse sentido de trabalhar, buscando atender realmente o que aquela pessoa precisava mais muito voltada pra saúde, que foi a área que eu trabalhei na extensão universitária né? Depois que aí er fui me permitindo ver outras áreas, mas até então eu só queria fazer isso, por que...

Entrevistadora: Bem legal! Eu vou pedir agora, não vou especificar tá? Todos os elementos que você aprendeu, mas assim oh! Todos os que você aprendeu no projeto extensão universitária não o

que eu já... Ah! Esse aqui eu já sabia que nem eu tive colegas que relataram isso eu já sabia, eu trouxe pra cá, não na extensão universitária, queria saber cê tem certeza poxa aprendi isso, isso, isso. Ou aqueles saberes que você foi constituindo que você falou. Poxa eu não sabia inglês né, um exemplo. Fala todos que você lembra, você falou diversos aqui, mas agora nós vamos falar especificamente deles.

P4: Bom, desde o começo, desde a persistência. É, eu acho que principalmente assim, oh o fato de um desafio de numa pessoa falar assim: - Será que você consegue? E fala assim: - Não agora vai conseguir.

Entrevistadora: Risos.

P4: Não vem duvidar de mim. Entendeu? Que eu penso que a pessoa duvida de você porque ela acha que você é capaz, senão ela já falaria, você na consegue, então, é essa parte e não desistir das coisas, acreditar que você consegue, ah! É difícil eu não vou conseguir. Nunca! Eu vou tentar e até certeza que vou conseguir fazer, porque vai que eu consiga, não sei...

Entrevistadora: É.

P4: Não vou falar você falou que eu não consigo, então não consigo. Isso é uma coisa que até hoje ninguém me convence, falando que eu não consigo entendeu? Eu odeio perder pra computador, rádio, essas coisas, acho um absurdo. Foi uma pessoa que inventou.

Entrevistadora: Risos.

P4: Não pode, tá errado, você concorda? (risos) Foi uma pessoa que nem eu que inventou, como é que esse negócio vai ganhar de mim? Não admito, eu fico lá até eu ganhar, mas vai funcionar, não é melhor do que eu. Então, é não é uma coisa que eu não gosto de perder, mas de perder nesse sentido assim que até provar que eu não consigo eu vou tentar, então partiu desse o começo que eu não fui bem na prova da disciplina e que era primordial pro projeto.

Entrevistadora: Ah, legal!

P4: Puxa eu vou continuar no projeto, e eu fui mal na prova, agitando, sai fora,não, eu vou continuar, vou aprender e eu vou fazer, acho que partiu desde o começo, bem no começo iii o fato assim, me pega muito a responsabilidade, eu já tinha bastante assim, isso definido na minha cabeça de responsabilidade, de tomar frente das coisas, mas acho que reforçou muito.

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: Porque, ali não era uma responsabilidade só em meu benefício, era uma responsabilidade que envolvia outras pessoas...

Entrevistadora: Hum, hum.

P4:... então assim, ah! Eu tenho que acordar certo? Porque eu tenho que estudar, se eu não estudar, o problema é meu, eu que vou me dar mal. Vou acordar cedo, porque outras pessoas precisam de mim lá, então assim é uma responsabilidade nesse sentido éé, o meu interesse pelo estudo foi extremamente importante eu nunca não gostei de estudar, mas até hoje eu gosto muito de estudar, e eu acho que isso foi muito bem lapidado ao longo do projeto, no inicio com muita cobrança, mas depois por gosto. Então assim, não precisava ler dois textos eu só tinha a obrigação de ler um, mas tinha uma parte daquele texto que falava assim: nossa esse autor falou isso eu entendi nada, eu lia um outro texto para entender, ninguém falava assim: Faz isso, se não não vai dar certo, mais eu precisava estudar pra ter segurança até na hora que me perguntarem no texto fala isso.Mas como ele fez isso? Ah não sei no texto fala entendeu?

Entrevistadora: Risos.

P4: Eu aprendi não ser assim a buscar as respostas pra tudo, tudo tinha um porque e eu tinha que chegar nesse por quê? Então assim, foi uma éé, por exemplo; hoje eu não me comprometo a fazer

uma prova, se eu não souber que eu vou conseguir estudar pra ela, não vou fazer por favor. Entendeu? Então você vai fazer tal prova? Não por quê? Por que não deu tempo de estudar. Ah! Vai faz, vai que você passa, Se eu passar não sei o que eu vou fazer aqui, entendeu? Então eu não sou assim entendeu? Eu aprendi a não ser assim e eu gosto de estudar e não adianta que eu aprendi a gostar, queria seguir até né foi umas decisões difíceis de não interromper assim o ritmo de estudo que eu tava levando, pesquisa, pesquisa, pesquisa, me formei, ingressar no mestrado e continuar, mas porque eu não me vejo na área acadêmica, eu não me sinto segura pra dar aula numa universidade, mas eu gostaria de fazer o mestrado pela pesquisa, pelo simples fato de estudar entendeu?

Entrevistadora: Fica tranquila.

P4: É que eu falo demais.

Entrevistadora: Não tá perfeito, o louco! Por mim não tem problema, to preocupada com seu horário.

P4: Ta quase acabando é que eu falo demais, tá bom, não tem ninguém em casa? Então tá bom, tá tchau.

Entrevistadora: Risos. Ai desculpa!

P4: Então eu tava falando, da parte de especialidade da faculdade.

Entrevistadora: Você queria fazer mestrado, mas não pra dar aula no ensino superior.

P4: É pra estudar...

Entrevistadora: Hum, hum entendo.

P4: ... é porque sempre gostei de estudar, e sabia o porque que acontece as coisas eu, eu não tenho a segurança de por exemplo de dar aula pra uma sala, não é nem segurança, é saber que eu vou falar pra cinco interessados e quinze que está por obrigação.

Entrevistadora: É.

P4: Eu nunca tive problema nenhum em apresentar um trabalho pra cinquenta pessoas num congresso, porque eu sabia que as pessoas que estavam lá, estavam interessadas no que eu estava falando.

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: A minha dificuldade não é falar em público ou falar pras pessoas que podem me questionar é falar pra quem tá desinteressado, eu acho que vai me desmotivar completamente e eu não vou querer fazer isso.

Entrevistadora: Hum, hum.

P4: Então aí, depois de muitas conversas com uma professora eu decidi que eu precisava trabalhar, nunca tinha trabalhado na minha área independente de qual fosse o campo, eu só estudei cinco anos de especialização, eu só estudei, ah! Mas eu sei, eu não fiz nada, eu só estudei, nos estágios obrigatórios pra faculdade, eu falei assim: me dá um ano pra trabalhar se eu perceber que eu não gosto, eu volto a estudar e hoje assim, eu gosto de trabalhar e preciso trabalhar, não dá pra eu ficar estudando também, mas do nosso tempo tenho muita vontade de estudar, não pra seguir a carreira acadêmica, mas quere estudar, por gostar de estudar, então foi um interesse que talvez deu, num imaginava tanto quanto eu ingressei na faculdade, que eu gostasse tanto assim mas acho que é porque eu sei que é uma coisa que acontece, é diferente que na escola, você estuda, porque você precisa aprender aquilo, porque você vai precisar mais pra frente, ali hoje eu posso escolher o que eu quero estudar, porque eu gosto de estudar aquilo. Então, é muito mais prazeroso.

Entrevistadora: É. E quais outras coisas que você acha que aprendeu na extensão? Ééé que você não sabia e que de repente, olha aprendi isso na extensão!

P4: Parte prática, né? Assim...

Entrevistadora: O que da parte prática?

P4: Por exemplo, o fato de aferir uma pressão. Porque na faculdade a gente tem uma aula, você tem a noção, mas se formar e alguém disser: - Aferi a minha pressão? Você não vai ter a segurança. Eu assim, eu afiro uma pressão. Se eu não tiver o esteto, eu tenho condições de aferir sem estar com o esteto no ouvido, entendeu?

Entrevistadora: Hum, que legal!

P4: Acho que a possibilidade da prática foi extremamente importante.

Entrevistadora: Só o aferir pressão, tem outras coisas assim que te dão, dava segurança?

P4: O fato de trabalhar com esse grupo de risco, se eu tivesse dado aula pra alunos saudáveis, eu não teria tanta segurança hoje, chegar, por exemplo, onde eu trabalho e falar assim: - Ah! Mas ele tem duas pontes de safena. – Não tem problema.

Entrevistadora: Entendi

P4: Eu vou treinar essa pessoa, mas com duas pontes e safena? - Vou. – Você não tem medo? – Não, não tenho medo. Eu tenho condição, eu estudei pra isso, eu aprendi a trabalhar com essas pessoas. E aí percebi que a pessoa também que eu tava treinando confia no que eu to falando, então não simplesmente não falo o que sei, mas eu consigo convencer a pessoa que eu sei, eu provei pra da que eu sei e que tenho condição então essa parte prática foi extremamente importante de me dá condição de assumir uma responsabilidade que muitas pessoas passaram pelo mesmo curso que eu e que não tem condição.

Entrevistadora: A parte prática que você fala... você falou assim, aferir pressão...

P4: A parte prática da aula do condicionamento físico, de montar alguma coisa.

Entrevistadora: Ah tá!

P4: Se eu não tivesse aquilo e não teria essa segurança de trabalhar que eu tenho hoje, de ter feito em si, todo o programa que eu tinha.

Entrevistadora: De ter feito, a extensão, por exemplo? Hum... ah tá.

P4: Quais eu falei?

Entrevistadora: Você falou vários. (risos)

P4: Agora assim...

Entrevistadora: E quais, que você usa assim, dá uns exemplos dos elementos aí, que você falou na entrevista todas, toda desculpa que você aplica hoje, você faz lá e faço aqui na prática profissional hoje, faço lá, eu faço aqui, transferindo.

P4: Cem por cento do que eu aplicava no projeto, assim de cuidado, de atenção de metodologia, de... Hoje na clínica que eu trabalho, eu estou lá faz um ano, eu já dei lá uma aula pras pessoas que estão lá a sete anos, de como aferir pressão.

Entrevistadora: Até isso? Que legal!

P4: Porque, eu sabia que as pessoas faziam tudo errado. Então se fala assim, não dá pra deixar porque aquelas pessoas estão em risco, entendeu?

Entrevistadora: É.

P4: Então, eu cheguei e falei: "- Viu, o que você acha da gente fazer uma aula pra... todo mundo já sabe, só pra relembrar?" E aí lá na aula, você falava e as pessoas falavam assim: - Nossa isso não pode? Isso também não? Então assim, o fato de ter esse conhecimento, de ter me aprofundado nisso na extensão, me permitiu hoje, às vezes, até ajudar outras pessoas a trabalharem melhor.

Entrevistadora: Poxa que legal!

P4: Então assim, aí, aí eu tive essa oportunidade de ajudar todo mundo. Então assim, você vê as pessoas que não passaram, por exemplo, por essa extensão e tiveram na graduação, elas não conseguem trazer tudo da graduação. Só o que foi marcante. E se eu não tivesse na extensão, isso não seria uma coisa marcante pra mim, porque não era meu objetivo inicial. Seria uma disciplina que iria passar despercebida. Porque eu não teria o interesse que eu tive, depois de ter passado pela extensão. Da mesma forma que eu acho que pra muita gente foi assim. Então talvez hoje eu não tenha... Se eu pegar, por exemplo, uma turma de treinamento, eu vá cometer muitos erros, do que uma pessoa que passou num projeto de extensão, não cometa talvez, nessa área. Então, eu acho que a principal transferência é essa assim, o fato de ter essa segurança de trabalhar e cima daquilo que eu aprendi. E não falar assim, eu fiz o projeto, mas eu não vi nada do que eu fiz lá, porque eu acho que é tudo tão irrelevante, não serve pra nada, entendeu? Eu uso tudo o que eu aprendi lá, assim e tento usar cada vez mais e passar pra outras pessoas que elas devem fazer desse jeito, porque eu vi que dá certo. O fato de dar liberdade pras pessoas, mesmo aqui onde eu trabalho que são de classes sociais extremamente diferentes, mas muito acima da minha, que eles não dão tanta abertura, mas eles precisam também falar o que acontece às vezes.

Entrevistadora: Hummm.

P4: Entendeu? As vezes, você fala putz: "- Não está funcionando o treino, porquê?" Porque a pessoa está com cinquenta e oito milhões de problemas, além daquilo, então... você tem que tentar conversar mais com essas pessoas. Então, tentar um relacionamento mais próximo e lógico sem invadir aaaa... o espaço de ninguém, mas é necessário. A gente aprendeu isso no projeto que precisa saber. Você tem que conhecer pelo menos um pouco da pessoa que você tá trabalhando. Então, esse também é um processo que eu acho que eu utilizo muito. E o fato de estudar né, as vezes acontece com algum aluno e a pessoa fala assim... mas, eu não, não sou muito fã na área da suplementação, essas coisas, mas eu lido com pessoas que falam: Aí eu vou começar a tomar tal coisa, o que você acha?

Entrevistadora: É super comum, né? Todo mundo toma tudo.

P4: E aí, a todo mundo toma, todo mundo fala. Vamos conversar a semana que vem? Porque aí eu vou ver o que é tal coisa? Pra que que serve? Se serve pra aquela pessoa? Se é bom ou se é ruim? Pergunto pra um, pergunto pra outro. Pra falar não beleza... eu não simplesmente concordo, porque todo mundo usa, entendeu? Então assim, o fato de estar sempre estudando e de procurar saber, porque que está acontecendo aquilo, então isso, eu trouxe da extensão de buscar as respostas pro que está acontecendo. Ah vamos tomar. Vamos, por quê? Porque todo mundo toma e melhora pra todo mundo. Será que vai melhorar pra você? Vamos ver se realmente vai melhorar pra você? Será que é esse o melhor pra você? Não tem outra alternativa? Então, acho que basicamente são essas transferências que eu trouxe direto da extensão para a minha prática hoje.

P5

Entrevistadora: Então tá, [...], você vai falar um pouquinho pra mim como que foi a divulgação, a sua aproximação do projeto? Como que você ficou sabendo, que você conheceu, se ele foi divulgado pra você ou não, qual era o objetivo do projeto? Como que você se aproximou? (Risos)

P5: Porque eu comecei no projeto da [...] né, no primeiro ano, porque eu entrei na Educação Física já sabendo o que eu queria, que eu queria trabalha.

Entrevistadora: Primeiro ano do que? Da sua graduação?

P5: Da minha graduação. Ee, eu, comecei... eu já entrei na Educação Física, já sabendo que eu queria trabalhar com grupos especiais né, daí eu acho que eu fui procurar, eu acho que eu fui procura uma vez no departamento, acho que eu vi uns cadeirantes andando lá daí eu fui pergunta do que era e daí a [...] me chamo isso logo foi logo no primeiro ano que eu já participava da grupo de estudos, daí eu comecei primeiro participando do grupo de estudos só di estudos assim depois eu comecei participando da prática mesmo do projeto de extensão, porque o projeto de extensão ele tinha duas partes, uma parte de reuniões semanais depois tinha a parte prática com os deficientes. Eu comecei só na no começo com a parte pra estu... eu tava um pouco insegura pra começa então eu ficava estudando e depois eu fui trabalha com eles.

Entrevistadora: Mais tudo isso fazia parte do projeto de extensão?

P5: Fazia parte do projeto sim, fazia...

Entrevistadora: Tanto o grupo de estudos...

P5: ...e ainda ocorria sempre antes, então...

Entrevistadora: Como que era?

P5: Duas horas antes do atendimento dos pacientes chegarem a gente ficava, fa, fa, discutindo alguma deficiência alguma coisa nova às vezes aparecia alguma deficiência nova que o grupo não conhecia a [...] pautava isso a gente discutia... eee era bem legal assim porque, eu num conhecia muito as coisas então algumas deficiências eu conheci nesse grupo de estudo que acontecia antes da prática ee então cada um podia leva alguma coisa ee sobre alguma doença, as vezes por exemplo tinha um menininho lá, que ele tinha distrofia muscular de duchenne então a gente não sabia o quanto que ele ia.

Entrevistadora: Distrofia muscular do que?

P5: Duchenne[14].

Entrevistadora: Derchenne. Hã?

P5: Ele, a gente. Não sabia o quanto que ele ia viver, daí a [...] a gente fez um grupo um dia só pra gente discuti sabe o quanto, quanto tempo o menino ia vive e como que o grupo deveria se prepara pra caso...

Entrevistadora: Era aquele menino pequenininho?

P5: Era. Que ele chegou no primeiro ano, ele chegou andando, depois ele chegou na cadeira depois...

Entrevistadora: Escreve aqui pra mim, pra eu sabe escreve depois. Hã, chegou na cadeira...

P5: Eee daí eu lembro que a gente ficou, eu nem sabia o que era distrofia muscular iiiii, eles ficaram discutindo no grupo né daí a gente meio que se preparo pra o dia que ele num fosse mais aparece e aconteceu teve um dia que ele num chegou...

Entrevistadora: Hum, hum.

---

[14] Distrofia muscular de Duchenne: A distrofia muscular de Duchenne (DMD) é um distúrbio genético ligado ao cromossomo X, que afeta principalmente indivíduos do sexo masculino. Caracteriza-se pela degeneração progressiva e irreversível da musculatura esquelética, levando a uma fraqueza muscular generalizada.

P5: ...éé acho que ele morreu.

Entrevistadora: Que dó.

P5: Porque, quando eu comecei a trabalhar com ele, ele já num mexia o braço, né? Então ele, ele paro de mexer porque eles vão perdendo os movimentos articulares entao ele mexe aqui depois num mexe então quando eu comecei a trabalha com ele ele mexia o bastante o braço depois ele não mexia mais aqui ele começo a mexe pra ele pega uma coisa ele num fazia assim ele levantava o ombro inteiro então, a [...] meio que preparo a gente pra o dia que ele num voltasse e, e era isso o projeto de extensão era dividido assim, a parte teórica e depois a parte prática, mas o mais difícil do projeto, e principalmente lá na [...] é que é muito longe a praça de esporte e eles não tem dinheiro pra chega, então a gente ficava estudando, estudando, estudando, estudando, não chegava ninguém. Então, eu senti e acho que a [...] também que o grupo foi meio que desmotivando porque a gente só estudava mas a hora que a gente ia coloca em prática os deficientes não chegavam até a gente. Então, o projeto de extensão com deficiente é um pouco mais complicado do que os outros assim, com crianças e tal, porque eles você acaba não tendo material de trabalho e isso desmotiva o aluno, agora eu não sei o quanto isso mexeu na minha construção do saber.

Entrevistadora: Eee, (Risos), você lembra o objetivo do projeto?

P5: O projeto chamava: aprendendo com o corpo deficiente ee...

Entrevistadora: Do o objetivo assim...

P5: Não calma, eu vou falar minha filha, não me interrompa!

Entrevistadora: (Risos)

P5: O objetivo do projeto, diferente de outros projetos que envolvam deficientes de um modo geral não era atendimento. A [...] sempre falava isso: “Nosso projeto não é de atendimento, a gente não tem que reabilita ninguém, a gente não quer que ele que ele saia daqui andando o que a gente quer é o que? Que ele não ande, mas que ele consiga chutar uma bola, que ele não levante o braço, mas que ele consiga fazer uma cesta com uma certa adaptação”...

Entrevistadora: Hum, hum.

P5: ...então o objetivo do trabalho não era de atendimento ee muitas vezes eu me via, muitas vezes eu me via com um olhar assistencialista, isso, isso, daí a [...] sempre lembrava a gente... Tá, a [...], a [...] sempre lembrava a gente que o objetivo do trabalho não era reabilitação porque eles já tinham fisioterapeutas na APAE[15], eles já tinham fisioterapeutas na SORRI... era o que? Faze atividades diferentes na vida deles então a gente ensinava eles jogar ensinava eles, a gente estimulava alguns movimentos, algumas habilidades básicas principalmente nas crianças, diferentes do que os fisioterapeutas já faziam porque faze reabilitação eles já ficavam o dia inteiro, a semana inteira, então nosso não era assistencialista e muito menos de reabilitação, era um projeto de atividade física adaptada pra diferentes grupos e durante esse tempo apareceu muita coisa lá então tinha criança que a gente trabalhava com brinquedos tinha cadeirantes que a gente é, ensinava algumas coisas básicas de cadeira de roda, basquete em cadeira de rodas, só que eles não tinham cadeira apropriada e nem labora, o projeto num tinha, agora tem, eu eu trabalhei também com dança em cadeira de roda a [...] começo, mexer com dana eu trabalhei um pouco com dança então a idéia do projeto era essa esse era o objetivo.

Entrevistadora: Eee partindo um pouquinho assim função do professor que era coordenador e dos alunos do estágio e quando eu falo alunos estagiários que estavam na graduação...

P5: Eu.

[15] APAE: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência, prioritariamente aquela com deficiência intelectual e múltipla. A Rede Apae destaca-se por seu pioneirismo e capilaridade, estando presente, atualmente, em mais de 2 mil municípios em todo o território nacional.

Entrevistadora: ...né no seu caso, você sabia qual que era o papel de cada um? Professor, coordenador e do aluno estagiário, que que cada um fazia? E aí, se puder falar o que que cada um fazia.

P5: Então, nós recebíamos os alunos e aplicávamos as atividades q eram propostas nas reuniões, para cada aluno dentro da deficiência.

Entrevistadora: Vocês ajudavam na execução do planejamento destas atividades?

P5: Sim, nós planejávamos e aplicávamos e depois tinhamos uma reunião logo após o atendimento pra ver se conseguiamos colocar em prática.

Entrevistadora: E a Professora coordenadora, o que fazia? Qual era o papel dela?

P5: Então, eu acho ai, desculpa, eu acho que a ideia da [...] era a, como coordenadora e como chefe de tudo lá era mostrar exatamente isso: o grupo que a gente vai atender é um grupo diferente mas a gente pode trabalha e o que vocês podem fazer pra ajuda essas pessoas fazerem o que as outras pessoas fazem não tendo sabe mesmo mesmo eles tendo deficiência, então...

Entrevistadora: Mas qual que era a função da [...] que você falou que era coordenadora?

P5: Coordena o grupo, passa essa parte dee principalmente a parte teórica das doenças...

Entrevistadora: Hum, hum.

P5: ...que isso e pra gente passado muito superficialmente durante a graduação né então, ela preparava dava uma base pra gente atender esses pacientes e o nosso era tenta entende tu, pega tudo essa informação e tenta colocar em prática, mas não era tão fácil assim né, porque, às vezes uma doença progredia mais rápido do que a gente tava esperando então a gente tinha aquela expectativa da criança consegui uma coisa mas ela não conseguia! Porque a doença evoluía ou o paciente não chegava.

Entrevistadora: E o público de vocês vinha de onde?

P5: Então, éé...

Entrevistadora: Você falou um pouquinho da APAE tudo... tal aí eu fiquei pensando...

P5: Num era hum, a gente divulgava na comunidade em geral assim, a [...] tinha cartazes, colocava alguns cartazes, convidava alguns, uns iam falando...

Entrevistadora: Vocês que colocavam, ou não?

P5: Eu, num cheguei a coloca mas acredito que outros... acho que a [...] sim porque não era assim não era igual o projeto do [...] pacientes da SORRI...

Entrevistadora: Hum, tá...

P5: Os nossos vinham de todos os lugar.

Entrevistadora: Ah, legal!

P5: Depois apareceram até uns surdos lá, que eu num sei de onde até aparecia, eles ensinaram a gente a falar algumas coisas em libras também...

Entrevistadora: (Risos) que legal!

P5: ...eu nem sabia e, então eles vinham de toda parte, mas eles dependiam de condução pública, né?...

Entrevistadora: E vocês tinham essa condução pública? Ou não?

P5: Aaa prefeitura de [...] tem duas vans que deixa disponível pra eles então eles tem que ligar de segunda e quinta marca uma semana antes do que eles querem e as vezes pode ser que...

Entrevistadora: Se a van quebrar...

P5: ...se a van quebrar... porque eles não vão levar você pra jogar bola se tiver um cara pra fazer hemodiálise por exemplo.

Entrevistadora: Entendi.

P5: Eles tem...você marca o horário mas às vezes tem prioridade, eu acredito que tenha prioridades né, às vezes leva pra uma fisioterapia, leva e às vezes a van não ia a van, as vans elas eram adaptadas mas eram muito velhas, às vezes não conseguia subir o elevador, era uma desgraça.

Entrevistadora: E em algum momento, você falou aí que tinha um grupo de estudos tinha essa parte prática vocês discutiram no projeto o que, que seria a extensão a extensão universitária? No projeto que você participava, vocês discutiam em algum momento ou foi falado pra vocês o que que era?

P5: Não, é, eu acho que não dessa forma mas, ...

Entrevistadora: Não dessa forma como?

P5: Falando tipo: a extensão universitária serve pra isso. A [...] falava “olha, o nosso projeto serve pra isso, a gente vai atender esses pacientes, nós não somos assistencialistas, nós não somos parentes deles, nós não somos... eles vão vir aqui nós vamos a idéia é fazê-los sentir um pouco melhor, mesmo tendo limitação”, ainda ela sempre falava “o cara não precisa faze uma bandeja perfeita ele acerte a bandeja já taí o suficiente” então nas entrelinhas, todo mundo percebia qual era o papel da da extensão mas não que isso fosse, eu não lembro, eu posso tá enganada, mas eu não lembro disso ser em pauta duma reunião por exemplo, “qual a função do nosso projeto de extensão”, era qual a função do nosso projeto dentro da universidade isso a [...] a gente falava.

Entrevistadora: E aí que que tinha nessas entrelinhas que você falou?

P5: Não, era...

Entrevistadora: Nas entrelinhas, aí deu pra entender...

P5: As entrelinhas...

Entrevistadora: ...o que que seriam essas entrelinhas?

P5: A função do nosso projeto de extensão qual o objetivo do nosso projeto de extensão, o que isso vai levar pra gente, porque assim, fora o projeto de extensão da [...] a [...] era envolvida com outras coisas, por exemplo, éé, nós tínhamos o projeto de extensão, só que ela tinha, a gente chamava de núcleo pedagógico num colégio, que atendia deficientes, então a maioria das pessoas no projeto de extensão trabalhavam nesse núcleo, lá no Mercedes, tinham crianças deficientes e a gente ia acompanhar, então...

Entrevistadora: O [...] era escola do Estado?

P5: Era escola do Estado, e tinha um outro lá na vila [...] longe pra caramba eu ia ao que tinha um menino cadeirante então eu, além do projeto de extensão, a [...], a toda a base que ela dava pra gente fazia com que a gente pudesse acompanhar a atividade física escolar desses alunos.

Entrevistadora: Que legal!

P5: Entendeu? Então eu acho que o pro, eu gostei do pessoal do projeto dela, embora, sei lá, muitas vezes acho que o grupo ficou desmotivado pros pacientes não chegarem lá. Época de frio...

Entrevistadora: Falta de pessoas, né?

P5: ...época de frio eles não iam, a gente ficava lá, e às vezes dava vontade sabe dee, mas daí eu sentia que, tem hora que, a culpa não era nossa, mas tinha hora que a gente falava "puta que chato né, cê fica aqui, não vem ninguém", e vai meio que desmotivando, né?

Entrevistadora: E aí assim, agora a gente vai falar assim um pouquinho do projeto né, em sim e de você como aluna estagiária. Ééé como você acha que o projeto de extensão que você participou na graduação, como que era sua rotina de trabalho, chega, faz o que? Como que era o projeto e sua rotina de trabalho?

P5: Então, o projeto começava, já já, iniciava com essa reunião da parte teórica, a gente ficava acho que uma ou duas horas conversando sobre livros né, tinha um livro chamado, que a gente usava, se eu não me engano o sobrenome do cara era [...], ele falava bastante dee dessas deficiências, era separado por capítulo sabe, paralisia cerebral, então a gente falava sobre a paralisia cerebral, no outro dia distrofia e tal, a gente ficava nessa reunião, quinze minutos antes dos pacientes chegarem, que eu acho que era seis horas da tarde, éé, era um pouco dividido assim, então os meninos, o [...] o, [...], eles ficavam com os cadeirantes na musculação então eles trabalhavam musculação o caras nós ficávamos com as crianças, cadeirantes e, ou não, só que como eles eram pequenos nós colocávamos eles no chão, então o objetivo das meninas era ficar com essas crianças e catar os materiais, então éé, durante esse tempo o [...] também construiu uma cesta de basquete adaptada e um carrinho de puxa tipo um, um, como chama? Aqueles carrinhos de anda na rua?

Entrevistadora: Carrinho de rolimã.

P5: Carrinho de rolimã pra coloca os cadeirantes, pra gente puxá-los...

Entrevistadora: Que legal!

P5: ... vivenciarem algumas coisas que eles num vivenciaram, então o nosso trabalho era o que? Arruma tudo esse material, colocar cada um ir pro seu posto de trabalho, e espera eles chegarem.

Entrevistadora: E aí?

P5: Daí a gente começava a trabalha com eles, assim que eles chegassem.

Entrevistadora: E aí o que que...

P5: O que a gente fazia?

Entrevistadora: Que tipo de trabalho vocês faziam, por exemplo, algumas coisas.

P5: Eu fiquei muito tempo, no projeto então teve várias fases então teve essa a fazer da gente trabalha um pouco, habilidades básicas, das crianças alcançarem um brinquedo, joga pro outro e, com as mãos...

Entrevistadora: Habilidades motoras básicas manipulativas?

P5: ...sim, com os brinquedos, um passando pro outro, éé, daí depois que construíram essa cesta a gente começo fala do esporte eles tinham que acerta, a gente levava cadeirinha de roda eles acertavam...

Entrevistadora: (Risos) que legal!

P5: ...daí depois teve a fase de dança que começou a entrar um pouco o pessoal mais velho então a [...] que eu fava aula lá começou a participar do projeto, ela já era adulta então agente começou a

trabalhar música porque eles gostavam, daí a gente começou a viver um negócio muito legal, daí a gente começou a trabalhar com dança e nesse, durante esse período, tava acontecendo um festival de dança em cadeira de roda aqui no Brasil e era internacional, a gente até foi, você até viu...

Entrevistadora: O da [...], em Piracicaba.

P5: O da [...]. Daí a [...] pegou todos os alunos e todos os participantes do projeto, coloco dentro duma van e levou os nossos dançarinos de cadeira de roda pra assistir essa, essa dança em cadeira de roda e isso foi tudo no mesmo período. Quê mais, que eu lembro?

Entrevistadora: Mas aí oh, você estava falando um pouquinho da sua rotina chego, aí, vocês fazem as suas atividades...

P5: Sim.

Entrevistadora: ...cê falou que a última que vocês fizeram lá foi ligada aos esportes, depois disso...

P5: Sim com dança, a última coisa que eu trabalhei foi com dança em cadeira de roda, que daí eu fiz dois cursos de dança em cadeira de roda porque eu nem sabia que eu gostava, mas por causa do projeto de extensão, eu gostava, mas por causa do projeto de extensão, eu vi que eu gostavam daí eu fiz dois cursos de dança em cadeira de rodas e continuei trabalhando um pouco com dança em cadeira de roda só que daí depois a menina que dançava saiu e daí eu não tinha mais ninguém pra ensinar.

Entrevistadora: (Risos) e o projeto ele rodava em volta disso, então tinha as reuniões, essa parte prática que vocês recebiam, depois tinha alguma coisa? Não? Terminava os alunos iam embora?

P5: Não, depois que terminava todo mundo se reunia na sala da [...] porque a gente guardava todos os materiais no banheiro, olha que ótimo, a gente guardava os materiais no banheiro e ela conversava um pouquinho com a gente “aí o que que você achou hoje? Que que foi, o que que cê achou?” Então, embora ficasse um pouco corrido, sempre dava tempo da gente sei lá fala “Olha, hoje a [...] tava brava, ela me bateu”, ou daí ela falava “ah, na próxima reunião a gente discuti isso no começo da reunião”, então dava tempo de a gente vivencia a prática e no final fala alguma coisa com ela.

Entrevistadora: E a reunião era sempre antes, é essa reunião, esse grupo de estudos que você falou era sempre antes de vocês começarem as aulas?

P5: Antes, antes, antes... mas o nosso projeto terminava quinze minutos antes da, do início das aulas da graduação e dava tempo da gente conversa um pouco.

Entrevistadora: Ah, legal.

P5: E a [...], ela ficava rodando entre esses, igual eu ficava às vezes na sala...

Entrevistadora: Nas estações...

P5: É, nas estações, ela ficava olhando, às vezes ficava conversando com as mães porque é as mães tinham, muita dificuldade assim né, principalmente, mãe de criança em aceitar a deficiência do filho então, a [...] além de coordena todo mundo ainda dava uma de psicóloga, tipo preparando, sabe a mãe, daí na outra reunião a [...] ligava isso, porque tinha mãe por exemplo que o filho era deficiente não aceitava e o marido cobrava pela deficiência do filho... Ah....

Entrevistadora: Nossa!

P5: ...então a [...] levava esse, essas situações pra reunião da próxima semana e a gente discutia um pouco disso, de, e ela, ela ensinou, ela ensinou muita coisa assim, principalmente em como lidar com deficiente que é o que eu acho que eu levo e, de num te dó, de num num olha pra ele como um coitado, não trabalhe com ele se você tem dó dele, queira fazer com que ele faça outras coisas mas não com dó, então isso ela, ela falava muito durante as reuniões.

Entrevistadora: E você se sentia parte do projeto? Sentia assim que você podia opinar?

P5: Não, sim, sim, todo mundo.

Entrevistadora: Se sentia parte do processo todo?

P5: Sim, porque a a, acho que, ela fazia a gente senti porque, por exemplo quando a gente foi construí os alguns materiais, porque nós ganhamos um prêmio de melhor trabalho aí em algum lugar.

Entrevistadora: Que legal!

P5: Tá no meu lattes, olha lá no lattes.

Entrevistadora: (Risos)

P5: Eee, nós ganhamos acho que dois mil reais e o...

Entrevistadora: Olha o que que eu tenho que transcrever! (Risos)

P5: Num lembro! Éé, eu, a gente ganhou dois mil reais mais o menos eu acho.

Entrevistadora: Mas o prêmio foi do ensino superior?

P5: Do projeto de extensão, nosso projeto de extensão ganhou um prêmio.

Entrevistadora: Ah, da extensão. Que legal! Hã, hã?

P5: Nós ganhamos um prêmio acho que dois mil reais de melhor trabalho apresentado em algum lugar acho que Lindóia...

Entrevistadora: Ah, que legal! Hã.

P5: ...e esses dois mil reais nós construímos esses equipamentos, construímos o carrinho de rolimã, a cesta, compramos bolas e materiais.

Entrevistadora: Que legal!

P5: Foi a apresentação de trabalho.

Entrevistadora: Servia também como pesquisa pra vocês?

P5: É, então, porque assim, éé, dentro dôo, do projeto de extensão a gente apresentava alguns trabalhos, então...

Entrevistadora: Hum, como que era?

P5: ...eu trabalhei, eu apresentei, eu nem num num me lembro mas eu apresentei por exemplo: esporte, esporte, educação e inclusão, esporte e performance e esporte e participação...

Entrevistadora: Hum.

P5: ...que são as três diretrizes de alguma coisa aí segundo o, não sei quem mais. E, então, eu lembro que eu, eu, eu, por causa do grupo de extensão, eu fiz igual, trabalho, lá eles tinham alguns dados guardado então tinha alguns dados de uma entrevista de alguns jogos que teve em [...] há muito tempo atrás, a [...] tinha essas entrevistas então...

Entrevistadora: Mas jogos adaptados?

P5: Adaptados, adaptados!

Entrevistadora: Ah, tá.

P5: E se não me engano, a [...] que era uma aluna antiga da [...], ela tinha umas entrevistas guardadas e a [...] me cedeu então eu fiz um trabalho sobre é, esporte, performance e inclusão que daí eu usei, utilizei com a base dessa, teórica desse esporte e performance, nossa isso faz oito anos atrás nem lembro, ééé, eu peguei os dados dessa menina e relacionei com essas diretrizes que um era esporte e performance.

Entrevistadora: Hum, hum.

P5: Daí ainda eu fiz esporte e educação e esporte participação com, com outros participantes. Então dentro do, dentro do projeto extensão saiu alguns trabalhos pra congresso.

Entrevistadora: Que legal.

P5: A gente tem vários trabalhos ee, por isso que a gente ganhou esse prêmio, porque um a gente levou...

Entrevistadora: Não, e legal que vocês conseguiam aliás a lição da extensão e pra pesquisa né?

P5: ...os primeiros trabalhos, que os primeiros trabalhos meus publicados em congressos em anais e tal foi voltado com Educação Física adaptada porque saiu do, saiu da, do projeto de extensão os dados...

Entrevistadora: Hum.

P5: ...a gente conseguiu tira do projeto de extensão. Eu tenho um trabalho que, de aprendizagem que eu filmei a minha aluna que também fazia parte do projeto, mas isso era separado, era personal de uma das alunas do projeto e eu filmei a aprendizagem dela durante seis meses.

Entrevistadora: Que legal! Hum.

P5: Ee, eu fiz um trabalho com esses dados, só que o trabalho foi o nome do grupo também, porque o grupo que ajudo depois na confecção do trabalho.

Entrevistadora: Legal! E e se você pudesse assim, ééé, falar pra mim o que que você aprendeu no projeto e que você considera assim mais relevante dessa experiência? O projeto de extensão que você passou.

P5: Olha, eu acho que é o olhar, o olhar que agora eu tenho pro deficiente, porque eu acho que eu tinha um olhar de pena mesmo...

Entrevistadora: Como que é esse olhar de pena? Descreva ele.

P5: Coitada da criança ela anda de cadeira de roda, agora não, ela anda de cadeira de roda mas ela pode fazer um monte de coisa e isso, acho que é o que a [...] deixou ee, é, eu chego num lugar, se tiver um cadeirante é com ele que eu vou falar, não é com as outras pessoas, entendeu? Se tem um Down[16] em algum lugar com certeza ele vai vim falar comigo porque ele vai olha pra mim vão sabe que eu to querendo fala com ele e ele vai vim fala comigo, então, mudou a forma de olhar né, pra você ter noção, eu gosto de trabalhar com atividade adaptada até hoje, eu não acho graça nenhuma trabalhar com pessoas que não tenham deficiência.

Entrevistadora: Você falou assim que mudou a sua forma de olhar...

---

[16] Síndrome de Down ou Trissomia do cromossoma 21: é um distúrbio genético causado pela presença de um cromossomo 21 extra total ou parcialmente.

P5: De olhar.

Entrevistadora: ...qual é a sua forma de olhar?

P5: Hoje? Pra falar a verdade é meu grupo alvo de trabalho o que me motiva, o que me faz, sabe, querer estudar, é o que eu quero fazer então, eu não, se eu tive que escolhe entre pega uma sala inteira de síndrome de Down e uma sala inteira de academia, com certeza eu vou pegar a síndrome...

Entrevistadora: Sala inteira de academia?

P5: É, pra da uma aula de ginástica...

Entrevistadora: Ah tá!

P5: ...e pega uma sala inteira pra da aula de ginástica pro Down, com certeza eu vou escolher o Down.

Entrevistadora: Por quê?

P5: Porque é mais gratificante, eu acredito, pra mim, por causa do projeto eu, como eu consigo olhar pra eles de forma diferente, eu acredito que os resultados são mais gratificantes do que eu vou ter com outro grupo. O que eu vou, o que eu vou conseguir mudar na vida dele vai ser muito mais significativo deu conseguir mudar.

A, o que eu vou conseguir mudar na vida desse grupo vai fazer muito mais sentido pra ele, vai ajudar muito mais, ele do que o outro grupo. Entendeu? Então isso, isso, isso a [...] conseguiu plantar na gente porque, acho que, todo mundo do projeto acho que quando a gente olha um deficiente, a gente já consegue fazer o plano de aula só de olhar pra eles falar: Nossa! Ele não consegue mexer o braço, mas ele mexe o outro, dá pra ele fazer sei lá nada crawl com um braço só e coloca uma bóia embaixo do outro. Tá entendendo? Então você acaba que, eu a graça taí na adaptação da atividade eu acredito.

Entrevistadora: Eu vou volta só um pouquinho, quando você falo do projeto uma hora você falo lá atrás que a [...] se preocupava muito com a formação de vocês, tá? Que a professora coordenadora se preocupava com a formação de vocês no projeto extensão. Como você, quais ações que você acha que ela fez que que mostravam isso pra você?

P5: Convida a gente pra conhece o núcleo de ensino, por exemplo, como que um, um, um deficiente se comporta numa escola, como a com, a escola se comporta com um deficiente, como que é esse deficiente físico dentro da Educação Física.

Entrevistadora: Mas levar vocês a pensar sobre isso?

P5: Sim, sim, a gente tinha discussões sabe, sobre desde qual o papel dôo, por exemplo, dôo, professor de Educação Física e o papel da professora de aula e o papel da mãe da criança que não deixa a criança se suja, por exemplo.

Entrevistadora: Hum, hum.

P5: Entendeu? E isso fazia parte do núcleo de ensino que ela tem, nem sei se ela tem mais, mas ela tinha.

Entrevistadora: Ela guiava todos os trabalhos né? [...] vô entra um pouquinho nessa parte...

P5: É porque não tinha muita gente né... (Risos)

Entrevistadora: Ah, ah, aquelas, aquelas assim, não importa (Risos).

P5: Ficavam jogando as mesmas, as mesmas pessoas nos mesmos programas.

Entrevistadora: É nada ué, não importa o importante é o significado. A gente vai entrar um pouquinho nessa parte das implicações informativas e essa próxima, você já falou vários elementos aí que você administrou, mas eu vou perguntar um pouquinho mais sobre isso, tá? E aí se eu falasse assim ó, vou falar bem da extensão universitária agora, tá? Qual que é o papel, o valor, o significado e o sentido da extensão universitária na sua formação inicial? Depois eu faço a outra, porque eu percebi que confunde as pessoas as duas.

P5: O sentido da for...

Entrevistadora: O papel, o valor, o significado e o sentido da extensão universitária, do projeto de extensão universitária que cê passo na sua formação inicial.

P5: Eu vou falar meio misturado, eu acho que, eu não sei se eu seria a mesma profissional se eu não tivesse participado do projeto de extensão, porque principalmente no primeiro ano, porque como eu tinha a idéia de trabalhar com deficiente, uma idéia é uma coisa, outra coisa é você, tá com o cara na sua mão assim, então eu tinha vontade, mas eu tinha dó, depois eu vi que eu não precisava ter dó dele, entendeu? Então eu acho que, acho que mudo mesmo assim minha vida e as minhas escolhas foram, começaram sei lá a muda terem, seguirem outras direções por causa do projeto de extensão, porque a gente, a gente sem dinheiro, sem material agente conseguia fazer uma diferente, entendeu? Eee depois, dentro desse projeto, a gente ia em outros congressos e agente via que tinha pessoas que tinham menos que a gente e conseguiam fazer diferença. Entendeu? Então acho que esse tipo de valor, de consegui mudar uma realidade mesmo se se não tendo condições, eu acho que é o que mais me marco assim.

Entrevistadora: E aí você falou assim que fizeram mudar as suas escolhas né então teve o impacto forte na sua formação inicial, mas quais foram essas mudanças?

P5: Porque antes eu queria trabalha com eles de forma prática, direta, agora, a minha idéia, sei lá, talvez com... seja contribuir pra eu saber dos alunos que trabalham com eles, entendeu? Seguir uma carreira acadêmica que eu possa fazer com que o aluno sinta isso que eu to falando, entendeu? Perceba o quanto o que eu faço é importante, o que eu fiz lá atras é importante, o que agente pode fazer junto pra assimilar ainda, entendeu? Então, acho que mudo isso, porque antes eu tinha vontade "ah, eu queria tanto se técnica sei lá do, da turma, sei lá, para olímpica de natação", mas agora a minha idéia é prepara o cara que treina eles, entendeu? Já tá, embora às vezes eu me sinta um pouco distanciando, mas dentro de um plano maior é uma caminhada em direção a isso entendeu, de trabalha com trabalha com a formação dessas pessoas que lidam diretamente com esse, com esse público, porque muitas vezes as pessoas trabalham porque a vida coloca ali, mas não tem essa noção o quanto eles podem mudar entendeu? A realidade da outra pessoa, as oportunidades vão colocando você o dinheiro vai colocando você dentro dum grupo mas, a pessoa não tem a noção deee, quanto o paciente demora duas horas até chegar a sua academia ou o quanto ele, tá com dor, o quanto ele sofreu pra tá ali com você, você num valoriza isso entendeu? Então acho que a minha idéia é tenta trabalha isso agora nos meus alunos. Depois que eu terminar o mestrado o doutorado iii, agora no doutorado eu queria tenta faze alguma coisa voltado com neurociência, mas pra deficiências que envolvam alguma, sei lá deficiência déficit - de cognitiva alguma coisa assim pra acho que entra de novo, porque às vezes eu me sinto um pouco afastando, mas como eu sei que eu tenho um plano maior eu vou chegar lá onde eu quero. E acho que, e acho que, se não fosse o projeto extensão eu acho que não teria essa visão macro, eu estaria ainda querendo ser técnica da natação paraolímpica, por exemplo. Não que eu ache isso, sei lá, pequeno ou, mais e outro rumo.

Entrevistadora: É, e o que que você acha que diferencia o ensino, a extensão do ensino e da pesquisa? A extensão universitária. Que que se acha que ela se diferenciava a extensão universitária do ensino e da pesquisa?

P5: Nossa! É tão difícil isso. Porque no projeto da [...] era é tão misturado...

Entrevistadora: Então explica como que era isso.

P5: ...porque agente tinha parte de ensino agente discutia as deficiências antes mesmo de ir pra parte de extensão que é o o contato com os pacientes mas ao mesmo tempo aquela extensão era base da nossa pesquisa. Então a gente usava o projeto de extensão como nosso laboratório e era o nosso

laboratório. Mas esse não era o objetivo dele, mas a gente tinha muitos dados na mão agente tinha muita descoberta na mão então a gente publicava, entendeu? Então, no grupo, no no projeto de extensão que eu participei eu não vejo separação nisso. Mas se você perguntar o que se eu acho nisso na vida talvez tenha.

Entrevistadora: É o que que diferenciaria, a gente fala que é o tripé da educação né, ensino pesquisa e extensão universitária. O que você participou foi o projeto extensão universitária...

P5: Sim.

Entrevistadora: ... que contém tudo isso que você me falo agora...

P5: Sim.

Entrevistadora: ...o ensino hã... as disciplinas que você tem como professor na graduação, tudo né...

P5: Ah tá...

Entrevistadora: ...que é aqueles conhecimentos mais conceituais que dizem alguns, outros práticos e outros que conciliam...

P5: Hum, hum...

Entrevistadora: ...que você levaria pra prática e a pesquisa é a pesquisa que a gente faz muitas vezes em laboratório as vezes não depende do tipo né.

P5: Você quer que eu fale de forma geral, não...

Entrevistadora: O que que você acha que esse projeto de extensão universitária é tudo isso que você me falou agora?

P5: Hum.

Entrevistadora: Que é legal que você consegue fazer, né? Um link, do que que você acha que ele se diferenciou desse processo de ensino e dessa pesquisa?

P5: Olha, eu acredito...

Entrevistadora: Não fui clara...

P5: ... muito, se foi clara sim, oo a sei lá, eu acredito assim, que o ensino muitas vezes principalmente no que olhando outras disciplinas sem pensar no projeto da [...] que é um projeto diferente, ele fica um pouco distante do que realmente ocorre, porque, que a gente aprende na sala de aula por exemplo, como ensina, sei lá uma criança com uma certa deficiência a fazer uma coisa, não é muito, tão próximo da realidade, que é a deficiência no papel tá dum jeito mas o cara vem com ela três vezes pior ou com uma variável que você não pode controla e que você não vai conseguir fazer o que você planejou na aula.

Entrevistadora: Hum, hum.

P5: Entendeu? Então, ah, a parte de extensão acho que mostra um pouco não questionando o ensino, mas mostrando que ele não talvez ele não seja único e inflexível entendeu? Que dá pra gente usa o que agente aprendeu em sala de aula mas não leve ele tão a sério porque quando você pega um cara com distrofia de Duchenne e não consegui levanta o braço...

Entrevistadora: (Risos) que que você vai fazer?

P5: ...que que cê vai faze? Entendeu? Quando ele não conseguir respirar mais, o que que cê vai fazer? Porque no livro o cara para de respira e morre, mas e o tempinho antes dele respira e morre, ele tem que vive, que que se vai faze nesse período? Entendeu? Agora quando cê pega o cara na

sua mão e vê que ele tá assim cê tem que si cê tem que cê virá cê tem que te idéia, cê tem que trabalha, então eu acho que o a extensão deu um chacoalho, principalmente nessa área deu um chacoalhão na gente falo: “Oh, legal o livro serve pra gente se basea mas não é isso né?”...

Entrevistadora: Não é só isso né?

P5: ...não é só isso.

Entrevistadora: E da pesquisa?

P5: A pesquisa, a pesquisa acho que fica até pior ainda né, porque (Risos), o cara que quando começa a pesquisa ele acaba, principalmente, em humanos né, a minha experiência agora conforme, quanto mais você vai, se aperfeiçoando fechando, fechando seu circulo cê vai olhando as pessoas de outra forma, elas começam a virar números depois elas viram siglas depois elas viram nada depois elas viram uma coluna do excel.

Entrevistadora: (risos)

P5: Então, tem hora que dá impressão que olhando esse, pensando um pouco no projeto de extensão com a pesquisa, dessa forma que eu falei e dentro da prática que eu tenho hoje, tá totalmente distante tipo não tem como liga, o que eu faço por exemplo hoje na pesquisa com a extensão, de tão distante que tá principalmente das relações que esse alguns tipos de pesquisa tem com as pessoas, por isso que eu dei o exemplo da [...] que ela conseguia junta esse tripé. Mas, eu acredito que isso não ocorra porque onde eu pesquiso hoje o paciente chega lá ninguém pergunta se ele tá bem se ele que participa você é o número zero três, então senta aí zero três aperta o controle, faz o teste isso me incomoda, isso me incomoda muito.

Entrevistadora: Cê acha que tava distante mas no projeto que você participo...

P5: Participo, tava eu acho que ela conseguia junta. Porque é... os pacientes nossos eles não era número, eram pacientes que participavam, que melhoraram então a gente conseguia publica a melhora desses pacientes.

Entrevistadora: Hum...

P5: Agora, na minha prática atual, o paciente é um número, eu descubro que ele tem doença, ele vai embora, ele que se dane. Isso, me incomoda muito por isso que eu to tenho tido outras idéias, de intervenção com esses pacientes, eu acho que talvez um projeto de extensão tenha me dado essa noção de tenta muda uma realidade, o cara tem diabetes, vai fica cego, o que que eu posso faze pra melhora? Então é isso que eu vou tentar fazer.

Entrevistadora: Cê acha que ele pode, o projeto de extensão universitária pode ajudar nessa pesquisa?

P5: U, u pôde me ajuda, o que deixou em mim...

Entrevistadora: Hum.

P5: ...essa mudança do meu grupo igual, por exemplo: eu trabalhava com um paciente de cadeira de roda, ele não sabia dança ele aprendeu a dança, então ele foi embora um pouco melhor do que ele chego...

Entrevistadora: Claro.

P5: ...na minha pesquisa que eu to hoje, quando peguei o projeto cru foi a minha idéia era descobri se o diabético tinha problema de visão de cores, ele tem? Dane-se ele, adeus muchacho!

Entrevistadora: (Risos)

P5: Isso me incomoda, me incomodava, eu cheguei na minha professora eu falei que pra mim não serve e que no meu doutorado ele tem um problema de visão de cor? Vamo tenta ajuda ele de alguma forma, vamo tenta. Só que isso talvez seja porque eu trabalhei nesse projeto de extensão ou talvez seja que eu considere a minha área como uma área de saúde e tenha essa idéia de tenta pega minha pesquisa e leva um pouco mais pra parte humana, pra parte de que o paciente sa, pelo menos tenha um retorno, saia melhor um pouco do que chegou e, talvez ele não diretamente, mas daqui a trinta anos...

Entrevistadora: É.

P5: ... alguém que tenha deficiência dele possa se beneficiar com alguma coisa que ele fez, por exemplo participar da minha pesquisa. Então eu, eu acho muito distante quando você migra de área, de uma área pra outra, piora ainda, porque quando cê fala pra pessoa "não, mas cê só só que sabe se o cara tem problema? E aí? Só pra sabe? O cara vai continua com problema?", eles acham que você é louco né, não...

Entrevistadora: É verdade, é bem afastado, é bem distante esse tipo de pesquisa.

P5: ...não, eu acho fria né, e quem é professor que sofre né, porque, eles não tem ar de professor, eles não tem é, e daí você vai fala isso, cê é louca. Tipo "Não, cê não consegue resolve no problema do mundo". Como não? É lógico que eu consigo.

Entrevistadora: Não dum dia pro outro né?

P5: É, mas que quem disse que o meu mundo pode se o tamanho, meu mundo pode se sei lá, os pacientes desse bairro, meu mundo pode se o paciente do meu bairro e do bairro vizinho com o do outro bairro é o meu mundo. Entendeu?

Entrevistadora: Hum, hum.

P5: Se mudar uns três mundos aí já ta bom.

Entrevistadora: (Risos) é alguma coisa. E cê acha que, quais foram as implicações do projeto de extensão universitária que você atuou éé, na sua atuação profissional hoje?

P5: Acabei de falar.

Entrevistadora: Na sua atuação como profissional, que você usa tudo éé...

P5: Fora da área de pesquisa?

Entrevistadora: ... pode se até na área de pesquisa, na onde você atua hoje, personal, na área de pesquisa, se tem lugares que você não falou. É quais as implicações? Tipo, eu aprendi no projeto de extensão universitária e eu uso hoje.

P5: Tá, eu falei pra você essa parte de tentar fazer com que o paciente, o sujeito saia um pouco melhor do que ele chegou...

Entrevistadora: Hum, hum.

P5: ...isso foi o que eu já te disse.... hã acredita né, principalmente na, no trabalho como personal que as adaptações, as adaptações existem e elas podem trazer benefícios, eu acho que tudo, pra tudo na vida tem adaptação. Eu acho que isso que eu aprendi...

Entrevistadora: Legal.

P5: ...que não importa, o cara não tem uma perna, o cara não tem um braço, e aí? Cê tem um olho. Vamo faze alguma coisa com o seu olho, tá entendendo? Então, é uma outra visão de, sei lá de encara o grupo, de encara...

Entrevistadora: Que você usa hoje?

P5: Que eu uso, que eu uso hoje, eu acho que isso eu aprendi. Eu acho que isso eu aprendi no projeto de tenta modifica eee, e é é o tipo de paciente que eu procuro...

Entrevistadora: Hum, hum.

P5: ...de aluno que eu procuro, que é o que, que é o que eu acho que sei melhor fazer, é criar adaptação pra uma certa atividade. E eu acho que essa segurança quem me deu foi o projeto de extensão né, porque eu tenho muitos amigos que falam: "Ai [...] chegou um aluno meu aqui com autismo, que que eu faço?" e surgem trinta idéias na minha cabeça, trabalhar com autista, e isso acho que se eu não fizesse parte do projeto de extensão eu não ia te essa sabe, clareza de "Nossa é possível que delícia!"

Entrevistadora: Cê trabalha com público adaptado hoje também?

P5: Eu trabalho, trabalho com uma, com uma aluna que ela tem uma deficiência no braço, ela tem metade do tríceps então o treino dela é todo adaptado né, pra não te, ela tem o tendão reconstituído, então o braço dela é torto e pra frente assim, então a musculação pra ela, eu trabalho com trabalho de carga, peso e tal, é todo adaptado, então eu tenho que contrabalancear bíceps com tríceps, não é um treino normal, então...

Entrevistadora: Hum. Hum.

P5: ...e eu eu adoro né. E ela só tem um braço com problema, eu ia gostar que tivesse os dois (Risos).

Entrevistadora: (Risos) Ai a [...]. Cê já falo assim pra mim diversos elementos e eu vo pedir, eu não vo nem elencar, apesar de você ter visto os diferentes tipos...

P5: Hum.

Entrevistadora: ...fala pra mim todos os que você aprendeu na extensão universitária, cê pode nem utiliza hoje em dia mas tudo que você aprendeu na extensão universitária relacionado aos saberes. Que você tem certeza "Oh, isso eu aprendi na extensão universitária".

P5: Fora esses que eu já falei?

Entrevistadora: Todos.

P5: Hum...

Entrevistadora: E se precisar repetir não tem problema.

P5: Nossa eu não sei...

Entrevistadora: O que você chama de um saber? Que você aprendeu na extensão universitária.

P5: Que eu aprendi ah vamo vê, duro enumerá-los né?

Entrevistadora: Pode ir falando, não precisa numera. Pode falar só.

P5: Adaptação...

Entrevistadora: Hum, hum.

P5: ...aprendi, pensando um pouquinho na parte humana, sei lá, a igualdade que de possibilidade de trabalho, que mais? Ah, num sei.

Entrevistadora: Só?

P5: Só, num sei mais já falei tanto que eu num sei (Risos).

Entrevistadora: (Risos) não, acho que eu fiz a pergunta errada pra você, é que eu ia falar coisas dentro dos elementos e eu coloquei ali, é quando eu falo das implicações, da extensão universitária na sua ação como profissional, o que que cê acha éé, que ela implicou na sua formação. Cê me falou de coisas que você fazia e que você usa, né? E aí você acha que, como ela teve uma implicação na sua atuação hoje? Cê me falo algumas coisas que você usa.

P5: Tá, eu acho que eu não entendi a pergunta.

Entrevistadora: O que que você acha que o projeto extensão universitária, a extensão universitária em si implicou na sua atuação hoje como profissional, na formação cê já falo, mas na sua atuação como profissional. Porque você falou na sua formação, mas e na sua atuação?

P5: Então, primeiro essa mudança de caminho, lembra que eu falei pra você que acabou guiando um pouco o meu caminho dentro do, dentro da carreira acadêmica...

Entrevistadora: Hum, hum.

P5: ...ããã que mais? Repita a pergunta.

Entrevistadora: Quais implicações da extensão universitária na sua atuação como profissional? Que que ela implico na sua atuação como profissional? Cê passou por diversas é, diversas a é, como é que fala? Não é possibilidades, diversas situações cê constituiu de diversos elementos que cê me falo aqui e aí de que forma ela consegue implica quando você atua como profissional. Seja no personal, seja lá na na no seu projeto de pesquisa...

P5: Então mas...

Entrevistadora: ...em academia, seja ...

P5: Dá impressão que eu já respondi essa pergunta, por isso que eu to te falando do da por exemplo na forma de, então não to entendendo nada, porque parece que foi o que eu disse...

Entrevistadora: Hum.

P5: ...de ela, a participação nesse projeto guiou algumas escolhas que ela, que agora eu to caminhando pra elas que as, eu to caminhando uma base, que vai servi de base pra eu atua com os profissionais que agem diretamente com esses pro, com essas pessoas...

Entrevistadora: Hum, hum.

P5: ...com essa formação.

Entrevistadora: É só!

P5: Ah então é isso?

P6

Entrevistadora: Em primeiro momento quero saber assim. Como que você se aproximou do projeto, como que você conheceu o projeto, se você sabia o objetivo do seu projeto, como que você se aproximou? Tomou conhecimento dele?

P6: Primeiro momento assim, eu.. primeiro ano de faculdade éé... eu estava... eu cheguei na faculdade, comecei a fazer a graduação, acho que eu tinha um mês de faculdade, no programa.

Entrevistadora: Hum hum, tá.

P6: Ééééééé, aí tava, vinha o pessoal conhecer assim, tava na faculdade, você vem muito, cru aí o pessoal o que que é aquilo lá? É um projeto de extensão, o que é um projeto de extensão? Nem tchum né, Ah. Vem pra cá, o que esse pessoal tá fazendo não tem aluno, não não, eu vim fazer aula aqui na comunidade, vim fazer aula aqui na comunidade vim fazer aula e tal. Ah como é que faz pra entrar? Aí um dia eu perguntei pra, pra uma das professoras, no caso era a [...], não sei se você lembra da [...] e da [...].

Entrevistadora: Professora?

P6: As professoras não, mas era [...] .

Entrevistadora: Alunas estagiárias do projeto? Tá.

P6: É, mas uma era formada lá, mas ela já tava, tinha acabado de formar e ela tava no projeto ainda.

Entrevistadora: Que legal! Hum.

P6: E a [...],[...]...

Entrevistadora: Não lembro.

P6: ... [...] e a outra professora [...], ela fez depois aprimoramento em Botucatu.

Entrevistadora: Não me é estranho.

P6: Era ela com o [...], de início, era o [...] isso era o que dois mil e quatro início de dois mil e quatro.

Entrevistadora: Só tinha um coordenador nessa época?

P6: É é é aí quando eu entrei na extensão, que era [...]...

Entrevistadora: Tá!

P6: ...que era o meu projeto de hipertensão...

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: ...mas eu não sabia qual era o projeto nada, aí fui conversar, como que eu, sabe... – você conversa com o [...], mas quando que eu posso vir? Vem na sexta-feira já. Isso foi numa quarta.

Entrevistadora: Nossa!

P6: Vem numa sexta-feira conversar, que tava precisando, aí fui conversar aí conversei lá com o [...] conversei e coisa... – Ah, não, não, pode vir, e tudo, mas o que que é? – Ah não, a gente da aula assim, mede pressão vê a frequência iii, vem aí sexta-feira... aí comecei, bom já comecei, aí comecei, fui daí vim terça, quarta, sexta sete horas da manhã, aí começou pesar na minha cabeça assim, estudava a noite né, estudava a noite eu tinha mania de acordar todo dia ao meio dia, não, não comecei a faculdade, acho que era Abril eu acho, que eu já fui pro projeto, já fui pro projeto em Abril, assim comecei no projeto, deu em Maio entrou em greve.

Entrevistadora: Ai foi aquela greve que durou um tempão.

P6: Em Maio entrou em greve, porém, contudo, entretanto o projeto não parou, (Risos), bicho...

Entrevistadora: (Risos)

P6: ...primeiro ano de faculdade, normal, primeiros meses de faculdade, três meses de greve, três meses [...] em [...], não sou de [...], moro fora...

Entrevistadora: Trabalhando?

P6: ...trabalhando, três vezes por semana só duas horinhas...

Entrevistadora: Ai caramba.

P6: ...que era o projeto, aí daí foi, foi muito bom, que estudava tudo, iii aí comecei a entender o projeto, entender o que que era. Ah, o projeto extensão é isso, tem possibilidade de fazer isso, vimos frequência, mede pressão, é é, tem que vê a evolução do paciente, como é que tá, que benefício tá sendo causado pra gente ou não, e nesse meio tempo também começou né, na, no período da greve, eles escrever no trabalho pra publicar, tudo, aí comecei interessar mais, ah trabalho, vai publicar mas o que que é? – Funciona desse jeito, a gente faz pesquisa aqui também, a pesquisa é assim, assim, assado, dentro do projeto de extensão é é é (Tosse) e foi começando era o mais novo, era o dono do laboratório, da faculdade, de tudo, então fui aprendendo tudo, ii muito empolgado, porque lógico, pra ficar três meses sem ter aula, é, é coisa de louco né, i nesse meio tempo também, o outro estímulo, foi que tinha aquela bolsa Proex[17].

Entrevistadora: Ah! Ah! É é.

P6: E pintou uma bolsa Proex.

Entrevistadora: É de projeto de extensão, né?

P6: É, hoje acho que é PAI.

Entrevistadora: É PAI, PAE.

P6: PAE é uma coisa assim.

Entrevistadora: É PAE.

P6: Antes era Proex a bolsa Proex, então, cada projeto tinha uma bolsa.

Entrevistadora: Hum, tá.

P6: No que nós entramos a bolsa saiu.

Entrevistadora: Hã,hã.

P6: Não deu dois meses tava eu e o [...], ai acabou que essa bolsa tinha que ir pra alguém a [...] não podia receber porque já tava formada e a [...] tinha bolsa, e a [...] tinha bolsa Fapesp.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: O [...] tinha bolsa bolsa Pibic, o [...].

Entrevistadora: Ah! A sei o [...].

P6: Lembrou: [...]...

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: ...tinha bolsa Pibic, então sobrou, assim, então tá bom, vai ficar pros dois meninos, novos que era eu e o [...] o outro um ano fica então no nome do [...] e divide a bolsa no outro ano vem pro nome do [...].

Entrevistadora: Legal.

[17] Bolsa Proex: Bolsa do projeto de extensão universitária.

P6: Então que acontece nós entramos já foi aquele clima, já ganhava cem reais por mês, tudo novo assim.

Entrevistadora: Ãã.

P6: Já tá feliz, acabou de entrar na faculdade, se fica super feliz, aí, foi onde eu comecei a interessar mais no projeto extensão, disso foi caminhando o projeto extensão, eu fiquei cinco anos no hipertensão.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: E três, dois anos e meio no qualidade de vida.

Entrevistadora: O de qualidade de vida ele foi depois.

P6: Foi depois.

Entrevistadora: Hã.

P6: Foi depois.

Entrevistadora: Como assim?

P6: E daí entrou a [...].

Entrevistadora: Em que ano que a [...] entrou?

P6: A [...] entrou também em dois mil e quatro só que no meio do ano. Assim que a greve terminou ela começou a dar aula, ela entrou durante a greve.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Aquele rolo todo, que exonerou ela, aquele rolo, cancelou o curso dela, éé é o concurso dela, porque tinha passado outro, que era favorecido pela banca daí ela entrou com recurso, aí ela entrou, ela entrou, no que ela entrou, então o [...], o Senhor [...] falou assim, então tá vindo uma [...], ela estudou bastante hipertensão, ela vai se unir a nós no projeto tudo ela, vai ser a outra coordenadora, aí entrou a [...], a [...] entrou e abraçou a causa, abraçou a causa o [...] começou ele sair, o [...] começou a se distanciar.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: O [...] você conhece como que é, o...

Entrevistadora: (Risos)

P6: [...] começou, (Risos), começou (Risos).

Entrevistadora: Eu conheço sou pesquisadora (Risos).

P6: (Risos) o [...] começou a se distanciar, assim, e a [...] tomar conta, ah, começou a tomar a conta, daí começou a mudar o projeto, vamos ser mais rigorosos com algumas coisas, antes a gente chegava no projeto, então os alunos mediam a frequência e os alunos saiam caminhar, a gente começou estruturar assim, vai caminhar todo mundo junto, nós vamos fazer um aquecimento nós vamos ver frequência, a pressão, antes de ver a pressão e a frequência nós não tinha o cuidado por exemplo de ver se o manguito tava certo ou não.

Entrevistadora: Nossa.

P6: A gente media o aluno sentado na escada ali da musculação, hoje, no vestiário da arquibancada.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Era duas escadinhas assim, colocava uma turma aqui um turma aqui um media aqui, e outro media aqui pra fora, não tinha infraestrutura, não tinha nada, a gente não tinha um laboratório, não tinha nada fácil assim o laboratório nosso era uma sala minúscula, onde do lado da sala da [...].

Entrevistadora: Nossa!

P6: Lá em baixo onde a [...] ficou, um tempo lá.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: A [...] ficou lá, ali era a nossa salinha, ali era onde a gente ficava tabulando dado computador muito velho, aí começamos a querer á lutar mais pelas coisas, aí, mudamos a estrutura da aula, a estrutura da aula, vai ser como e vai ser com um aquecimento leve, alongamento, vão ser quarenta minutos de caminhada...

Entrevistadora: Mas isso, nos dois projetos, no de hipertensão e no de qualidade de vida?

P6: Então, começou a estruturar primeiro...

Entrevistadora: Hã.

P6: (Fala pra ele que eu ligo daqui meia hora quarenta minutos) é é é

Entrevistadora: Se você quiser ir lá, pode...

P6: Não, não, éé é, estruturamos primeiro o hipertensão.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Ou qualidade de vida ou saúde do trabalho, ou distribuidor de saúde, nós ligamos, começou a..., pintou essa oportunidade depois e como pintou? Então tava estruturando o projeto de hipertensão.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Estruturando, como que ia dar a aula, tudo, aí, pintou assim uma possibilidade da gente fazer, é é, uma parceria com o núcleo de saúde de Bauru, e fazer avaliação física neles.

Entrevistadora: Hum.

P6: Pra ver como é que eles estavam os servidores.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Pra ver como é que eles estavam, daí vamos fazer uma avaliação física, fizemos, uma bagatela, fizemos umas trezentas avaliação física.

Entrevistadora: Nossa...

P6: Muita, muita gente pra lá, daí o coordenador lá da Secretaria de Saúde de [...], éé é acho que era [...] se eu não me engano lá, ele se interessou muito e a gente ia oferecer esse, entrar nesse início com ele lá e melhorar o trabalhador deles, a trabalha, o trabalhador de saúde.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Então ele se interessou muito e não então, eu vou dá o ônibus o pessoal, vai fazer avaliação...

Entrevistadora: Então tá.

P6: ...vamo determinar tudo, oque vai faze os exames, a gente vai fazer os bioquímicos. A gente toma conta daqui, tudo. Se é pra fazer avaliação então, tudo bem, vamo enfiar um mutirão então a gente via a frequência sentado, vê a pressão sentado e pro teste fazia teste ergométrico sub-máximo neles, fazia medidas, enfim, aí criamos o banco de dados gigante, tanto que isso hoje tá virando fruto tá sendo publicado o trabalho deles, como é que tava tudo, aí fizemos um primeiro Scalte assim, oba tá meio ruim mesmo, tá um pouco abaixo, vamos melhorar, vamos fazer o projeto aqui pra eles, montamos um projeto montamos pra reitoria de extensão.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Foi aprovado pela reitoria de extensão não pode fazer um projeto extensão pra não...

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: ...abrindo o projeto de extensão com eles, com os trabalhadores da saúde e eles iniciaram lá na, começaram então de início dez, doze pessoas.

Entrevistadora: Mas era qualquer servidor de [...]?

P6: Então lá da Secretaria da Saúde.

Entrevistadora: Ah tá!

P6: Não é qualquer servidor.

Entrevistadora: Ah tá!

P6: Da Secretaria de Saúde.

Entrevistadora: É que aqui tava servidor, eu falei gente...

P6: Servidor Público, mas não é todo mundo não, o título não condiz aí muito com que tava no ar, vou te explicar o por que também.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Começou a vim do, a vir, vinha a, já tava estruturado, já tinha a base da hipertensão.

Entrevistadora: Hum.

P6: Então daí, oque que nós decidimos disso. Ah vai ter o projeto a [...] recrutou dez mil quem que tava interessado em participa ou não, quem poderia participar a noite, quem podia participar porque, eu não podia participar, porque o pessoal da manhã, que ficava de manhã, era o pessoal que estudava a noite, a maioria deles, mas quem pode vir de manhã, a tarde pra passar pro pessoal, aí eu fui, foi o [...] também foi uma época, a [...] ficou um tempo, o [...]...

Entrevistadora: O [...].

P6: ...o [...] também ficou um tempo.

Entrevistadora: O [...] né que deu em...

P6: É, isso mesmo, aliás ficamos conversando da última vez.

Entrevistadora: Ah tá.

P6: Vou encontrar com ele pra ver se ele tá bem ou não.

Entrevistadora: Nunca mais vir.

P6: É... faz tempo que não vejo, aí fomos a noite, aí veio mais gente, o [...] começou a dar aula, o [...] já tava formando. Pra sair...

Entrevistadora: É formando.

P6: ...a [...] ficou um tempo mas também tava pra sair.

Entrevistadora: É da mesma turma.

P6: É a [...] acho que ficou seis meses ou um ano nem isso foi esse período do projeto, aí nós entramos, e aí começamos, aí entrou a [...], a [...] o [...], e começou entrar uns outros alunos e assim gente passando e eu fiquei, fiquei bastante tempo, assim, tanto de manhã quanto a tarde.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: (Risos) que foi, o que aconteceu? To aqui, qual é o horário do projeto? O horário é cinco e meia e acabou, chega cinco e meia, a sete não acaba você diz que não, a sete vou pra aula era mais ou menos isso, então vem de manhã e a tarde, mas foi muito bom, não tenho do que reclamar, lógico chega uma hora que tava ficando cansativo, mais, querendo ou não daí se dá uma enjoada de tudo né.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Porque você vem de manhã vem a tarde só que é o foco um pouco diferente, porque a tarde era mais preventivo, o público trabalhador era mais preventivo, no início...

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: ...era um pouco mais preventivo do que era de manhã, de manhã era hipertenso, diabético, obesos, era mais idosos, a tarde não, a tarde era o pessoal mais novo...

Entrevistadora: Tá!

P6: ...era quarenta anos, tinha trinta e cinco, quarenta e cinco, tinha gente de cinquenta, tudo, só que começou acontecer no período da tarde, éé pessoal da saúde começou a dar uma distanciada, só que a gente continuou com o projeto, então era denominado o projeto qualidade de vida...

Entrevistadora: É, é, é.

P6: ...assim não esse título, inteiro, por isso que eu falo pra você.

Entrevistadora: Não, eu peguei o título que tava lá na, no coisa da...

P6: Sim.

Entrevistadora: ...tava na Proex.

P6: Sim, então é, o pessoal da saúde começou a dar uma afastada, só que a gente abriu possibilidade assim, vamos ver se o pessoal aí, se eu não me engano, se eu não me engano a gente avançamos mais um tempo e abriu até pro pessoal da faculdade pessoal da faculdade não queria...

Entrevistadora: Hum, hum entendi.

P6: Entendeu? O pessoal, trabalhadores da faculdade.

Entrevistadora: Mas vocês divulgavam na faculdade?

P6: Divulgação, na... do, aí como que é o nome que eu esqueci agora, fugiu, deu brando, mas depois eu vejo, tem o dia hoje, do alegre, do álcool, não sei se você ficou sabendo.

Entrevistadora: Dia do desafio?

P6: Não, é como se fosse o desafio, mas é um dia, não é feito assim de desafio, tem dia de alegre e do álcool que é feito junto com, lá na cantina, a gente separava assim, fazia avaliação de todos os funcionários e alunos da [...], da [...] que passavam pra lá.

Entrevistadora: Ah! Acho que vi, eu não lembro o dia, mas acho que sei.

P6: Então, não lembro o nome agora, tem até palestra montada no meu computador que, eu que tava dando palestra sobre isso aí também, com a [...], aíiii começamos a recrutar eles desse jeito, me informar, por que? Tava carente de alunos.

Entrevistadora: Ah entendi.

P6: Então a gente tava tentando trazer eles, mas também tinha gente da comunidade que também queria participar, vem um outro vê aluno lá, meu marido vem, funcionário, meu marido pode, num dá, alguém da Secretaria da Saúde, ah pode trazer o marido, ah eu tenho tal pessoa, pode trazer, então foi um pouco meio que assim, ficou mesclado, ficou uma mescla, mas ficou o projeto extensão ficou vivo.

Entrevistadora: Ele era mais a tarde então?

P6: Era mais fim de tarde.

Entrevistadora: Ah tá!

P6: Fim da tarde, se eu não me engano era da segunda, quarta e quinta.

Entrevistadora: Se sabia o objetivo desse projeto novo?

P6: Do proj... do qual?

Entrevistadora: É, que se tá falando de qualidade de vida.

P6: Não, não, o objetivo dele era esse, a dar assistência do condicionamento físico para as pessoas, era muito parecido com, não deixa de ser éé, a mesma coisa do servidor da saúde.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Mas ele tava introduzindo, colocando mais gente, assim, pra ter um coro maior então ficava limitado, o pessoal não tava dando valor, o pessoal da saúde, o servidor da saúde não tava dando valor.

Entrevistadora: Que era só pra eles.

P6: É o que agente acabou fazendo, a gente pego éé, convidando o pessoal da faculdade, enfim, só que nessa época começou a vim o pessoal da faculdade, eu comecei a sair...

Entrevistadora: Ahhh, entendei.

P6: Se entendeu, essa época começou a vim o pessoal da faculdade, eu comecei a sair.

Entrevistadora: Hum entendi.

P6: Nessa época que tava vindo o pessoal da faculdade eu tava começando a sair lembro assim da época que ficou, o último ano meu na faculdade eu não fui muito no projeto qualidade de vida, eu fui mais assim, tipo fui nos dois, segundo, terceiro e quarto ano, assim, que eu fui, o último ano acabei não indo tanto, tinha viajado, já tava meio que apagando o fusível, inclusive no projeto hipertensão eu ia, as vezes faltava um dia ou outro, mas preciso fazer isso e não vou mas eu tava assíduo e tudo, mas o objetivo era o mesmo era o condicionamento físico, a estrutura da aula...

Entrevistadora: Tá.

P6: ...era basicamente a mesma, chega aquecimento, primeiro mede a pressão, quem tinha que medir a pressão, fica dividido, a gente tinha uma, um caderninho com nome de todos os alunos, nesse dia a pressão desse aluno foi tanto, a frequência no inicio foi tanto, frequência no meio foi tanto, se tinha que medir a pressão no meio também e frequência final e pulso final. A pressão se eu não to enganado a gente media de todo mundo...

Entrevistadora: Hum, hum, pra ver se a pessoa tinha condições.

P6: ...de todo mundo, mas durante o exercício era só de quem era hipertenso, assim no qualidade de vida, assim a gente tinha controle, no hipertensão a gente não fazia isso durante o exercício porque todo mundo era hipertenso, se não tinha aparelho, se não tinha aparelho hábil pra fazer isso.

Entrevistadora: (Risos)

P6: Vez ou outra a gente controlava.

Entrevistadora: Tinha que ter um atendimento pra cada um, né?

P6: Não, tinha uma pessoa pra cada um.

Entrevistadora: Tinha que ter pelo menos uma pessoa pra cá um monitorando o tempo todo, né? Cada um.

P6: Então, o que, o que funciona isso daí, vejo, vai entrar um pouco no segundo momento, que eu uso hoje aqui.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Pra mim foi tudo... a estrutura de aula que eu uso hoje aqui no INCOR, não foge muito do projeto extensão...

Entrevistadora: Hum legal.

P6: ...mas acho que talvez seja interessante falar, é...

Entrevistadora: Como é que tá ai, como é que tá aí?

P6: ...éé, daí então, media éééé... não tinha, tinham dois frequencímetros, então a gente colocava nos mais críticos.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Algumas pessoas então tinha, eu lembro que de manhã colocava no [...], entendeu?

Entrevistadora: (Risos)

P6: ...daí a gente era pelo pulso, era segurando aqui. Ele passava dava vinte minutos: “Oh vamos medir gente”, e media o pulso deles, anotava...

Entrevistadora: (Risos) terrível.

P6: ...anotava o tanto e media de novo. É, e no final e pegava por cansaço também, pegava a escala de borg e tudo.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: ...a estrutura era a mesma e o objetivo praticamente o mesmo, era o condicionamento físico de prevenção...

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: ...só que de manhã a gente tinha uma margem um pouquinho maior com o tempo.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Porque tem todo o histórico, que eu acho que a [...] deve ter falado isso pra você, uma parte ela não deve falar porque eu vivenciei ela não sabe éé, que foi do ônibus, que eles tinham um ônibus que levavam, aí o ônibus bateu perdeu o subsídio aí depois eles se organizavam e vinham de carro durante a greve...

Entrevistadora: Nossa!!

P6: ...no hipertensão, de manhã, hoje vai tal, tal pessoa de carro, hoje eu vou de carro, hoje eu vou de carro, aí entrou eles vinham de carro começou a, tá dando errado, acho que foi durante a guerra, pior fase ainda né, que a gente não tinha direito com nada na faculdade, a gente não tinha suporte, já não tinha suporte nenhum, não tinha como pedir pra ninguém, então eles vinham de carro.

Entrevistadora: Esse problema de locomoção também teve nesse no projeto do trabalhador do condicionamento físico?

P6: Não, porque eles tinham que ir até a gente mesmo.

Entrevistadora: Eles tinham que ir?

P6: É.

Entrevistadora: Ah tá!

P6: Eles tinham que nos procurar, nós entramos subsidiando, não que, subsidiando, mas o da manhã era com o, pacientes do núcleo Octávio Rasi de Saúde.

Entrevistadora: Tá entendi.

P6: Então era lá no bairro Octávio Rasi, no núcleo de Saúde, era uma parceria lá, tinha médica, Doutora [...], tinha enfermeira.

Entrevistadora: Quem que você falou que se interessou que propôs o ônibus era do de hipertensão ou desse de...

P6: Do hipertensão.

Entrevistadora: Ah tá! Eu lembro que a [...] tinha comentado. Ah tá.

P6: Do de hipertensão, eu não sei se a [...] chegou nesse ponto ou não, talvez isso esclareça um pouco. Hipertensão começou dando aula no Octávio Rasi.

Entrevistadora: Ah ela falou.

P6: Lá no Núcleo de Saúde, dava, dava pela rua, tudo, ali, então [...], acho a [...] iam da aula lá, ai depois de conseguir um ônibus e levamos ele pra, pra, pro Campus, acho que foi uma vereadora lá de [...] que conseguiu, acho que foi a [...], [...] ou alguma coisa assim de [...], não sei, eu cheguei andando, assim ela ajudou bastante ali, entrou aí o [...] jogou conseguiu o ônibus e levaram pra lá, então, era um ônibus de passeio, ainda não era que nem, vai entrar um ônibus da empresa municipal que é o da [...], que era nossa parceira, que é nosso parceiro até hoje.

Entrevistadora: É tem pra vários projetos agora.

P6: Que eles estão.

Entrevistadora: Gente da nossa época.

P6: É então.

Entrevistadora: (Risos) da nossa época.

P6: E foi um parto pra gente conseguir, só que nós conseguimos e acho que o único que tinha era o nove e o da [...] de deficientes que tinha, que levava lá, que mesmo assim ficava as vezes, não tinha e tal, então daí começou a ir um ônibus, o ônibus bateu, eles bateram o ônibus eu acho que era, se não me engano era quinze de Junho, era marido de uma das alunas.

Entrevistadora: Ah ah,

P6: Eles bateram com todos os alunos tudo dentro, machucou uma aluna, porque bateu na estrada tal.

Entrevistadora: Mas como não andar na estrada em [...], né? [...] é cortado.

P6: É então.

Entrevistadora: Não tem, desculpa.

P6: E e, imagina ele tinha que vim lá, eles não cortavam por dentro, eles tinham que vir pela estrada mesmo né.

Entrevistadora: Não tem [...] tem muita estrada.

P6: E como bateu, aí não sei quem quem subsidiava na época, não quis concertar tudo.

Entrevistadora: Mais.

P6: O ônibus tudo, aí acabou perdendo, e vinham de carro, vinha cinco alunos, três alunos seis alunos, dez alunos, no máximo, esse período de carro, aí começamos, a gente viu, entramos em contato com a grande Bauru se eu não me engano e eles nos forneceram o ônibus.

Entrevistadora: Que legal.

P6: Aí foi uma parceria muito boa, porque daí vinha busca no Octavio Rasi, a gente dava o horário eles chegavam lá, pegavam eles e levavam até a gente, aí foi quando começou a aumentar o coro da manhã, a aumentar cada vez mais.

Entrevistadora: Não influenciou no da tarde?

P6: Não, era meio que separado, separado...

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: ...era separado

Entrevistadora: Outra coisa.

P6: É outra coisa e a tarde, a tarde oque foi assim a gente tava querendo entender o porque que tava diminuindo o coro na época.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Tava sentindo ingrato com esse pessoal o que que custa sair de lá... não é cansativo ou muito e.

Entrevistadora: Hã, hã, é longo.

P6: E nós fizemos uma pergunta, qual que seria o melhor horário pra eles.

Entrevistadora: Tá.

P6: Foi feita essa pesquisa daí, sabe.

Entrevistadora: Por isso fizeram fim da tarde.

P6: Fim da tarde, sai do trabalho... chego as vezes as seis e quinze, não tem problema, chega as seis e quinze você faz até as sete horas, você faz o pouco tempo que você tiver. E infelizmente eles vão pra achar muita causa, e a gente fala tudo que é dado não se dá valor, né? Tudo que é dado não se dá valor, entendeu? E vai falar que é longe? Pra [...] podia ser longe, daí você vai ver quando se mora em cidade grande o que que é longe né?

Entrevistadora: Gente é muito perto.

P6: O que que é longe, não tinha dificuldade, é fácil acesso por estrada...

Entrevistadora: É que pra eles... é afastado, e você sabia assim, a função do professor do projeto da tarde né, o de saúde que o trabalho tudo né, a função do professor coordenador e do aluno do projeto, quando eu falo nos estagiários eram vocês que atuavam tá, que vocês não tava formandos ainda.

P6: Então a função do professor na verdade assim, a [...] sempre tava lá a [...] que coordenava.

Entrevistadora: Começou com a [...] isso daí a tarde.

P6: A tarde a [...] direto.

Entrevistadora: Tá então, fala a parte desse.

P6: O [...] tava junto, o [...] tava junto assim no projeto mãe assim, mas na tarde a [...] que era o cabeça, pra professora [...] que era cabeça.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Aí que entendi o papel do coordenador, né, acho que entendi, ela passava pra gente o que precisa ser feito tudo, nos orientava precisa ser feito isso, isso e isso e dentro dos professores mais novos ficou meio que orientador, o professor, os professores, os estagiários né, é meio que assim, não com hierarquia mas que o mais velho, mais experiente, tem a responsabilidade maior, então... quem vai fazer tal coisa é o mais velho.

Entrevistadora: Isso legal.

P6: Ele sabe fazer tem segurança, de fazer tudo e isso vai pra baixo, então foi dividido, divisão de tarefas, passou pra cada um isso isso isso, um grupo vai ficar só com obesos, um vai cuidar dos preventivos, outro vai cuidar dos epidêmicos, do projeto que tem hipertensão tudo, então dividiu um pouco esse grupo pra ficar mais próximo deles, então tinha aluno que tomava conta só de um grupo, o outro aluno tomava conta só desse grupo, outro grupo de alunos né, não vários alunos.

Entrevistadora: Vocês revezavam, éé quem tomava conta?

P6: Não não, até nós ficamos assim, momentaneamente ficou todos eles meio que direcionados lógico, tinha uma reunião uma vez por semana dos dois projetos um de hipertensão e outro de qualidade de vida pra ver o que tava acontecendo. O que aconteceu? Isso, isso, isso, éééé, aluno tal tá fazendo isso, o aluno x não tá fazendo podendo melhorar, como podemos não melhorar, falar que é bonitinho, ou não é bonitinho, não foi assim.

Entrevistadora: (Risos)

P6: Todos os dias, toda semana foi certo por que? Trabalhar com graduando sem tem problema, ah não deu coro na reunião chegava lá sempre os mesmos em toda reunião, mesmo o professor puxando, dando bronca tudo, não deu, e no projeto da tarde, ainda mais que a bolsa, a gente conseguiu a bolsa pra ele, pro projeto da tarde, mas eu não ganhava a bolsa.

Entrevistadora: Sei porque você gostava, né?

P6: É, é, eu ganhei bolsa de manhã, a tarde eu não ganhei bolsa, a tarde eu não ganhei bolsa, já tava de manhã e daí não seria justo da nossa parte, vou ficar eu com a bolsa, que se eu já tenho bolsa daqui porque alguém da tarde tem que ficar com bolsa, a mas tinha um bolsista, se eu não me engano tinha um projeto da tarde que tinha duas bolsas a tarde.

Entrevistadora: Nossa que legal.

P6: Se eu não me engano.

Entrevistadora: Mas assim éé, ii, esses alunos estagiários que você falou, no caso seria você, cada um ficava com um grupo e aí o que que...

P6: Não, ficava com o grupo assim, a éé é o grupo de preventivo por exemplo, quem tomava mais conta era eu, então eles chegavam pediam as coisas mais pra mim, bom, vamos medir frequência?...

Entrevistadora: Ah ah.

P6: ...pra não se perder, porque tinha muitos monitores então assim...

Entrevistadora: Hã, hã, tá.

P6: ...quando se tem muitos monitores.

Entrevistadora: É um referencial né?

P6: É muitos monitores, você fez? Não, então calma aí, você, ah! Não pensei que você ia fazer pensei que você ia fazer e fica aquele disse me disse e ninguém faz nada.

Entrevistadora: Entendi.

P6: Entendeu? Por isso que acabou dividindo, pra ter uma certeza assim de, organizar o seguinte: o seu grupo você tomou conta dele, durante a pressão, durante a caminhada, se já viram, já vimo tudo, então tá bom, se não desse certo, se tivesse faltando alguma coisa ia reclamar com essa pessoa, que era, que era responsáveis pelo grupo, então não tinha uma só eram umas três pessoas pra um grupo, três pessoas pro outro e três pessoas para o outro, chegou uma época que tinha mais monitor que aluno..

Entrevistadora: (Risos)

P6: Tinha muita gente, eu quero fazer projeto expansão, eu quero fazer projeto extensão e a [...]...

Entrevistadora: Febre do projeto de extensão.

P6: ...até certo ponto falou assim: - Não, vamos fechar, fechou a porta...

Entrevistadora: Sei.

P6: ...não pode entrar, mesmo porque nem todo mundo era comprometido, né chegava lá só por febre. Eu quero, ou visando a bolsa, ou visando ter bolsa...

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Ah! Tem bolsa lá, então vou pra lá tentar pegar uma bolsa...

Entrevistadora: Gente...

P6: ... então cada aluno era responsável, lógico, os mais experientes, mais velhos, que tinham mais práticas sabiam já, já tavam no terceiro ano, quarto ano, então eles que eram meio que responsável juntos com alguns outros alunos... pro grupo assim.

Entrevistadora: Eles eram responsáveis pelos grupos, quer dizer, eles faziam a parte prática, aplicavam, tinham mais alguma responsabilidade.

P6: A parte prática todo mundo dava junto.

Entrevistadora: Tanto coordenador, tanto estagiário?

P6: Era mais estagiário, mais não...

Entrevistadora: Tá.

P6: ...era só estagiário.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Só estagiário dava a parte prática.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: O que a [...] interferia era no seguinte fato: Oh! Não tá legal desse jeito, acho que tá muito pesado, você não acha que tá muito pesado? Acho que esse exercício não é legal fazer, entendeu? E todo ele também tinham avaliação, a gente faz uma avaliação antropométrica, flexibilidade, sub massa na esteira...

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: ...pra vê se melhorou o rendimento, se o treinamento foi eficaz ou não, tudo, mas esse ponto, pra ficar um pouco mais claro, de, dos alunos que tomavam conta era só, de fase inicial, e durante o exercício na questão, ah o aluno não tá passando tão bem. Mas [...] que aconteceu? Se, se que mediu a pressão dele, se que é responsável por medir a pressão e a frequência.

Entrevistadora: Você é responsável pelo grupo.

P6: É, que aconteceu? Ele tá bem? Os últimos exercícios você que tá acompanhando ele mais de perto, aconteceu alguma coisa?...

Entrevistadora: Tem todo um acompanhamento né?

P6: ...Ele te relatou alguma coisa? Tele algum problema com você ou não? Não, não, ele, acho que é só hoje, tá com um problema lá em casa,aí, a filha, a minha filha tá com aids e não sei o que...

Entrevistadora: Nossa, gente.

P6: ...Ah! Eu vou ser vó. A é? Vou ter dois netos, sério, sua filha vai ter gêmeos. Não um com cada mulher.

Entrevistadora: Ai meu Deus!!

P6: E, tem dezenove anos, então aí...

Entrevistadora: Aii.

P6: ...trabalhava um pouco mais disso ai, eu não era daquela, vó lá, possível vó lá, eu não era um dela. Oh! Ela tá relatando isso pra vocês, se colocou isso na ficha dela, coloca na ficha dela, deixe bonitinho, escrito, se não, deixa que eu mesmo coloco, mas você que é responsável, assim que que ela falou? Tem mais alguma coisa que ela falou? No começo, quando foi medir a frequência dela o pulso, todo mundo se ajudava, mas tinha um que encabeçava, dividia as fichas, essa ficha fica com o esse grupinho, essa com grupinho, esse com grupinho, no início, depois ficava tudo igual, mas não é nada, assim, eu só cuidava deles.

Entrevistadora: Ah, não, mas, a professora coordenadora, orientava nessas coisas, orientava?

P6: Orientava e fazê, orientava e faze, você tem que faze isso, faz aquilo, tem opção, puxava a reunião pra isso. Oh, ta acontecendo isso, isso, isso.

Entrevistadora: Da reunião, hum, hum.

P6: Quando tava lá também, tava lá, oh já mediu? Lógico todo mundo tentava não corrigir na frente de todo mundo...

Entrevistadora: Chamava de ladinho.

P6: ...oh! ela tá errada, acho que tá medindo a pressão errada, já deu alta? O exercício errado, não é melhor fazer de outro jeito? Então, dividia, dividia as funções tudo, lá embaixo, ficava lá embaixo todo mundo, lá...

Entrevistadora: Lá embaixo?

P6: a gente fala lá embaixo, tava arquibancada agente media todas as coisas na arquibancada e a gente ia pra pista.

Entrevistadora: (Risos) Ah tá, lá embaixo eu não entendia.

P6: A pista, a pista é lá embaixo né?

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Ah! Vamo lá embaixo, vamo lá no campo. (Risos)

Entrevistadora: (Risos) no campo tá!

P6: iii, mas foi isso, assim.

Entrevistadora: Em algum momento assim, na reunião que você falou que vocês tinham um feedback entre vocês a professora orientava tudo, cês discutiam em algum momento, o que que era essa extensão universitária cê se lembra de ter discutido, ou se houve alguma discussão do que era?

P6: Não, assim, eu posso falar por mim, pro grupo como um todo, ééé eu não sei se foi discutido pro grupo com um todo, sinceramente...

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: ...eu não me lembro, se foi discutido pro grupo como um todo, e eu tive a curiosidade, eu perguntei...

Entrevistadora: Hum, pra quem?

P6: ...pra [...].

Entrevistadora: Hã.

P6: Mas oque que é o Projeto Extensão? Como funciona? Quando eu entrei, eu não sabia entendeu?

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Eu não sabia entendeu eu não sabia, mas o que é o projeto extensão? Como funciona? No início não foi falado isso pra mim, então eu tinha curiosidade, não foi exposto, falei com a [...] e a [...] fez o possível, no projeto da tarde ela explicou, ela chegou a explicar sim, tudo, eu não sei se todo mundo entende o que que era ou não, porque muita gente tava lá de pára-quedas sabe, dando de turista...

Entrevistadora: Pra ganhar a bolsa.

P6: ...ah! tentando ganhar a bolsa, só ganhava quem merecia mesmo, então eu cheguei [...] o que que é um projeto extensão? Ah [...], ela me explicou quais são as três vertentes da faculdade é ensino, pesquisa e extensão.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Aí ela, ah, o ensino, o que que cabe dentro do ensino, ensino o que é a pós-graduação, aqui ensina, aluno-professor, professor-aluno, se entendeu? Pesquisa, pesquisar o que a faculdade vive de pesquisa também, tem que pesquisar, vai vê...mas o que que é pesquisa? – A gente não tá fazendo o projeto? Atrás do projeto, não tá verificando a pressão deles essa coisa, a gente pode usa isso aí, usa como? Vai pega essa frequência, vai pegar, vamos tabular ela depois ao longo de um tempo se o exercício físico foi benéfico ou não, ah tá! Entendi o que é pesquisa, extensão, extensão é essa ajuda pro pessoal, você tá estendendo pra comunidade, se trabalha, se dá, o projeto de extensão não é necessariamente uma pesquisa, porque até então muita gente pensa, tá usando, eu isso o projeto extensão pra fazer a pesquisa mas não é a pesquisa é o projeto extensão, não, acho que não necessariamente um é o outro a extensão tá tá, se pra fazer pesquisa deu se não dé é um projeto de extensão, pra que, atende a comunidade, se não vai, eles não, tão ganhando nada pra fazer isso, não tão pagando nada pra vim até aqui, é uma ajuda nossa pra comunidade e como forma do que também? De aprimorar os seus conhecimentos. Cê i pro projeto de extensão pra que? Pra entender melhor, tenta colocar o que você tem na teoria e jogar pra prática e e´, e esse é o momento digamos assim, que na graduação é o momento de você pode errar entendeu? É pra você ter a dúvida, pra você sair daqui mais bem informado, então, esse, isso eu tinha comigo, isso foi o que eu trouxe pra mim do projeto extensão do que que é o projeto extensão, de eu ir pra prática, eu entender o que é na prática a teoria, e muitas vezes aconteceu o que? Eu já sabia na prática e não tinha visto na teoria ainda, não tinha visto ainda.

Entrevistadora: Que legal!

P6: Porque te forçava a estudar, então ela me ensinou, então o jeito de você complementar o seu estudo.

Entrevistadora: Porque que te forçava a estudar?

P6: Porque, porque vamos supor, no primeiro ano eu não sabia como era medir uma pressão e na faculdade foram me ensinar a medir pressão, a disciplina de aferição de pressão é no terceiro ano, quarto ano, então eu tinha que aprender, e bem meia boca ainda entendeu? Ah, mede assim, mas eu não sabia que tinha que medir com esse manguito prum braço, pro outro, então isso que me fez estudar um dos motivos, então se acabava se interessando, isso partiu do coordenador, muito do coordenador mas porque que a frequência sobe durante o exercício? Porque que a pressão sobe? Porque que a pressão abaixa? Por que que a pressão abaixa, e quem é hipertensão faz exercício.

Entrevistadora: Nossa.

P6: Num, se tem que entender então.

Entrevistadora: (Risos)

P6: Se vai do básico, que eu tava falando, éééé né, então chega o estagiário lá pra mim falando pó [...] eu não sei oque que é o coração direito. Então vamo ensina o coração, pelo menos isso você faz, então começou as nossas reuniões se isso, discutia oque era do projeto e discutia também artigo científico e toda reunião artigo científico, isso vinculado a extensão, nisso a [...] não existia, não tinha nem a pesquisa dela ainda com ratos isso era vinculado no projeto extensão...

Entrevistadora: Entendi.

P6: ...só então, vamo discuti. Oh! Como medir uma pressão arterial? Todo mundo sabe, então á, como que é, vamo todo mundo pra prática, é assim, assim, assado, ah tá. Por que é assim? Por que que não pode tá com a perna cruzada? Por que que eu não posso tá pensando? Por que que eu não posso tá com a bexiga cheia? Por que que eu não posso tá tomando café, então isso era discutido, por causa daaa, do projeto, tinha um grupo nosso de discussão de artigo científico.

Entrevistadora: Pra complementar.

P6: Pra complementar, uma, pra vê o que tava sendo o problema e outra pra você não é, da, fazer a extensão sem saber o que você ta fazendo.

Entrevistadora: É, é.

P6: Entendeu? É muito fácil reproduzir, mas muito difícil você saber o que você ta reproduzindo.

Entrevistadora: [...] vou falar um pouquinho agora de você como estagiário e do projeto em si.

P6: Tá.

Entrevistadora: É é esqueci um pouquinho de hipertensão agora.

P6: Tá.

Entrevistadora: Como que era o projeto universitário de você participou da tarde, a que era do trabalhador aqui, e como que era a sua rotina de trabalho?

P6: Como que era.

Entrevistadora: Como que era o projeto e como que era a sua rotina de trabalho lá, eu chegava fazia o que?

P6: O projeto em si, como te disse, então era das cinco e meia às sete e quinze...

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: ...então os alunos chegavam, recepcionavam eles, deixavam um tempinho descansando via a frequência, pressão, a gente ia fazia um alongamento breve, quarenta minutos de caminhada, quarenta minutos de caminhada, alguns chegavam a correr, acho que tinha um ou outro aluno que vez ou outra levava bicicleta, eles ficavam pedalando em cima monitorada.

Entrevistadora: Por que não tava muito bem?

P6: Prótese de joelho...

Entrevistadora: Ah tá.

P6: ...tudo.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Então não conseguia caminhar ou descer porque não tinha aquela rampa de acesso ainda...

Entrevistadora: Hã, hã, é, é.

P6: ...e agora tem, era mais difícil ee, depois disso ia pra parte final, agente ia pro salão de dança, pra sala de dança e lá fazia a parte final, alongamento.

Entrevistadora: (Risos)

P6: Alongamento, abdominal, assim, sem peso.

Entrevistadora: Tá.

P6: Sem peso, vez ou outra faz uma gincaninha, fazia exercício de equilíbrio.

Entrevistadora: Ai que legal!

P6: Fazia, ah vamo andar em linha reta, andar sob os bambolês e tudo, ee então basicamente é isso o projeto, dentro disso aí, o que é que tinha, tinha organização de pegar ficha, pega material pra ser utilizado, pega o aparelho de pressão, frequencímetro.

Entrevistadora: Aí você já, como que era a sua rotina de trabalho dentro da... aí você chegou.

P6: Ah tá, aí eu chegava, que que eu tinha que fazer? Chegava, tinha que ir pro laboratório pega os materiais: pegava as fichas dos alunos, pegava duas pastas, pegava as fichas e levava pra quadra, éé pega o aparelho de pressão, frequencímetro, ah marcamo algum teste hoje?.

Entrevistadora: Dois frequencímetro. (Risos)

P6: É, dois frequencímetros...

Entrevistadora: (Risos)

P6: ...marcamos algum teste hoje? As vezes.

Entrevistadora: Ah tá.

P6: Se marcou o teste, fazia uma escala, quem que queria ficar no ambulatório hoje? Quem vai ficar no ambulatório hoje o [...] com fulano de tal, [...] com fulano de tal, vamo pegar um jalequinho, coloca o jalequinho bonitinho, prepara a esteira, vai trazer o aluno, colocar, o frequencímetro nele e faz o teste com o frequencímetro, que também é outro erro, isso aí a gente vê depois, ou outra era falta de estrutura, faz o teste de massa com ele então, vai aferir a pressão, marcar tantos minutos, verificar a frequência tudo, e programa, terminava o teste deixava ele lá, vamos faze a avaliação flexão de braço, flexão não quer dizer fazer u, u sentar e alcançar, o teste de flexibilidade, é é medir as dobras neles, fazer as dobra era uma das, porque era assim, porque hoje tem, porque é assim, tem o mês e os anos das avaliações, então nós vamos fazer as avaliações desse mês.

Entrevistadora: Pegava um de cada vez e marcava um pra cada dia?

P6: Isso, hoje cê vai fazer a avaliação, avisa a aula antes, oh aula seguinte não toma café, não vem em jejum, tudo pra vim fazer o teste, vem... procurar vir com roupa confortável, as vezes aparecia gente de calça jeans lá por causa do trabalho, aí cê ficava meio assim.

Entrevistadora: Dá pra fazer dá mais...

P6: Oh vai mais fazer mais lento, mas acontecia muita gente, aí o cara foi até lá, vai perder a viagem.

Entrevistadora: E.

P6: A não ser que viesse descalço né, num deixava fazer nem de sapato, mas a calça jeans, então, tudo bem, esse grupo agente orientava eles, então aí pegava as coisas quando era o teste, pegava as coisas levava pra quadra lá, ficava, ajudava, orientava, dava aula, fazia medi a pressão,

frequência, dava aquecimento, media frequência durante o exercício e terminava a aula ia pro salão de dança e dava aula no salão de dança muitas vezes, muitas vezes não nós tínhamos uma escala, ééé de início o aquecimento não entrava na escala, ah qualquer um dava, aí começou a virar muita bagunça, ah eu não quero dar aula, não quero dar aula.

Entrevistadora: Qualquer um dava.

P6: Qual, não, virou bagunça entre os estagiários.

Entrevistadora: É então.

P6: É, eu não quero da aula, nunca dá aula porque não gostava, não...

Entrevistadora: (Risos)

P6: ...então dava aula de aquecimento era um, parte final era outro.

Entrevistadora: Hum, legal.

P6: Então a gente montou uma escalinha pra isso, e n laboratório tal pessoa vai faze isso, então essa era a rotina então chegava e dava aula, quando não tava lá, quando não tava na quadra oh fiz o teste, então precisa tabula esse teste.

Entrevistadora: Hum, já ia...

P6: Então vai pro computador e tabula no computador.

Entrevistadora: Nossa direto.

P6: Entendeu? Tem que tabular ele lá no computador.

Entrevistadora: E como você acha do seu envolvimento no projeto?

P6: O meu envolvimento, vamos vê se eu entendi a pergunta. Se eu era bem, responsável? A responsabilidade ou...

Entrevistadora: É qualquer (Risos) é que tem gente aí que eu não me envolvi mais. (risos)

P6: Então, o meu envolvimento era bem grande principalmente no início, no início do projeto assim, ééé como eu vinha da base, assim vamos era formado, era os encarregado, o encarregado de passar o que agente sabia pra tarde...

Entrevistadora: Hum.

P6: ...fazer acontecer à tarde o que eu já sabia que aconteceu de manhã.

Entrevistadora: Era responsável pelo projeto a tarde, então?

P6: É, eu e mais dois alunos assim, a gente era meio que os responsáveis e vamo encabeçar a tarde, então muita coisa se recorria a quem? Recorria a mim, ah [...] oh deu errado o que que tem que fazer? A vão fazê isso, mas isso eu tava no terceiro ano, aí, algumas coisas ficou complicadas porque, porque gente do quarto ano...

Entrevistadora: Hum, cê sabia.

P6: ...não sabia e aí ficava aquele pré conceito, o bicho sabe, o bicho vai querer mandar. Não é mandar, não mandava em ninguém, mas eu falava que tava errado.

Entrevistadora: Ué hum, você falava a verdade né?

P6: Mas eu falava que tava errado. Você não fez isso, você tem que fazer, entendeu? Ah não bem, tudo bem, mas se entrava os alunos novos, os calouros assim o projeto e assim, assim, assim, e é assim que funcionava, e eu passava pra eles a [...] passava pra gente, tudo... aluno hoje tem que preparar, ensinava medi pressão, a frequência como é que era o critério, porque fazia disso, porque fazia daquilo, parte teórica a gente indicava tudo vai ler texto, nas entrelinhas vai estudar, tá acompanhando, tá com duvida, vem falar com a gente, mas meu era o que então chegava a maioria das vezes eu chegava mais cedo, chegava mais cedo, chegava mais cedo, arrumava as coisas, arrumava as coisas, deixava tudo preparado, na maioria das vezes também não era eu que fechava as coisas, encerrava porque eu ia pra aula.

Entrevistadora: Ah tá.

P6: Mas o que que eu fazia? Eu ia no ambulatório, guardou o esteto, guardo, guardo esfigmo, a frequencímetro não tá, onde tá, esqueceram na quadra, vai lá, busca na quadra, muita gente é falta de comprometimento, não tem essa responsabilidade, uma coisa que eu so chato é com isso, o que eu fui muito chato com isso, por mais que seja, cê não tá ganhando pra tá lá, dispôs a tá lá, você vai fazer isso até o fim, vai fazer o bem feito até o final entendeu? Não adianta assim, ah! Porque eu não ganho nada, levar nas cochas, então o meu argumento era esse, fazia muito isso eu era muito chato nisso e muitas vezes eu fui tachado de chato mesmo, eu sô tachado até hoje de mala, de metido, não tem problema, acontece um pouco (Risos), é o preço que se paga.

Entrevistadora: Mas seu envolvimento era bem grande pelo que você falou...

P6: É.

Entrevistadora: ...pelo que você falou, você sente parte do projeto, por exemplo assim: você poderia opinar se você sente a parte do processo...

P6: Sim.

Entrevistadora: ...como que era?

P6: Sentia a parte muitas vezes, assim ah, o coordenador deixava agente livre pro seguinte: como agente pode melhorar? Tem idéia? Vamo fazer uma idéia diferente, fazer aula diferente, vamo fazer uma aula diferente, mas qual que é a aula diferente?

Entrevistadora: (Risos)

P6: Traz a aula pra mim entendeu? E muita coisa assim, na extensão, gente, incentivando que, não precisa ficar com trabalhinho, vamo mandar prum congresso, faz um trabalhinho, vamo mandar prum congresso esse trabalho, vê o que que acontece. Seu trabalho oh, vamo vê oh, pega a frequência desse pessoal, frequência cardíaca deles, da pressão desse pessoal tabula tudo, divide pro grupo e vê o que que acontece, tanto que, aí e me beneficiei pelo Proex, acho que você foi (Risos).

Entrevistadora: (Risos) Eu vi tanta coisa que era assim, que... então vou.

P6: Não, mas o de Águas de Lindóia?

Entrevistadora: Ah! Não foi o [...], o [...] foi.

P6: Então, que foi tudo pago.

Entrevistadora: A gente foi um lugar maravilhoso.

P6: Maior chique, conforto.

Entrevistadora: Você ficou no [...] lá? É bom, eu voo pra lá, to com ingresso

P6: Bom, fiquei no [...] lá, tudo pago pela Proex.

Entrevistadora: Delícia.

P6: Nós fomos apresentar o projeto, eu apresentei esse e o [...] apresentou o de hipertensão ou vice-versa né.

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Mas, esse é que tava no começo, então era mais a idéia assim, poucas coisas.

Entrevistadora: Tudo pago lá, aquilo você tinha só que se inscrever e ser aprovado.

P6: Paguei trinta reais, acho que pagava eu...

Entrevistadora: Era muito.

P6: ...nem sei, nós fomos apresentar esse projeto né, apresentar esse projeto lá...

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: ...tinha esse incentivo né?

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: Incentivo do que? Incentivo de se interessar..., porque não se interessa, saber oque tá acontecendo, tá na pesquisa ah, escrever o texto, escrever um resumo, mandar um resumo, montar um painel, como que monta um painel, pra mandar pro, pra você apresentar lá, uma apresentação, como é que é feita uma apresentação?

Entrevistadora: E a, [...] assim, estimulava, incentivava vocês e você sentia que...

P6: O que acontecia.

Entrevistadora: ...participava.

P6: Oque acontecia, acontecia muito era, ela dava oportunidade, ela dava oportunidade, muita gente não abraçava, aí quem abraçava, pô mas só ele é privilegiado com isso.

Entrevistadora: Iiii (Risos).

P6: Só ele que, iii, suspeito a falar lógico, eu me estressei muito com a [...], tanto que foi amizade tudo assim, até hoje, é é só que eu era um dos que mais fazia, assim pouco de modestia a parte e por isso eu fui assim, éé não sei se invejado ou criticado por isso, porque muita coisa sobrava pra mim, e acabava, então eu mais fazia, as vezes alguns outros benefícios vieram pra mim, então isso gerou um pouco de ciúmes de algumas pessoas, assim não é, lógico, eu sou com muita humildade falando isso entendeu? Entendeu? Mas assim quando você trabalha.

Entrevistadora: Verdade.

P6: É pra recolher bons frutos.

Entrevistadora: É mais ou menos assim que funciona né?

P6: Cê vai colher bons frutos, então eu graças a Deus colhi muito bons frutos.

Entrevistadora: É que não são todos né?

P6: E teve oportunidade, ah vai pra congresso, uuu, é caro, eu falava assim gente é caro mais é uma oportunidade de ir, fui pra Curitiba, fui pra Campos do Jordão, pro Rio de Janeiro, pra Santos, fui pra vários lugares apresenta trabalho, vamo apresenta trabalho, e muitas vezes trabalho do projeto de

extensão, o projeto..., a minha formação assim, de pesquisa eu comecei a apresentar depois demais velho, mas muita coisa é do projeto extensão.

Entrevistadora: Que legal!

P6: É, todo ano tinha quatro trabalho em congresso.

Entrevistadora: Que legal!

P6: Todo ano eu tinha quatro trabalhos no congresso, assim, eu, não só eu é lógico, eu com a [...], eu com o [...], eu com o [...], o [...] e a [...] e eu tava meio ajudava.

Entrevistadora: Escreviam em grupo.

P6: Tá revezando oh, esse aqui vai ficar sob sua incumbência, você é o primeiro autor.

Entrevistadora: Tá, é.

P6: A responsabilidade é sua.

Entrevistadora: É.

P6: Entendeu? Aí, as vezes eu mais trabalhava, quem mais trabalhou? Foi todo mundo, mas nesse foi você, vai ter mais trabalho, trabalha mais no próximo então tinha esse, e tinha essa liberdade de chegar, de falar, de fala oh eu quero o trabalho, vamo fazer um trabalho, estudo de casa, oh! Pessoa com câncer, não, pessoa com hipertensão ali paro de tomar o remédio, tomava remédio cem miligramas no começo do projeto, depois de seis meses já tava com cinquenta miligramas e a pressão dela baixou drasticamente.

Entrevistadora: Nossa!

P6: Vamo manda estudo de casa, mandamo estudo de caso.

Entrevistadora: Que legal!

P6: Foi aprovado no congresso, apresentamos.

Entrevistadora: (Risos)

P6: Aí assim, não só eu, acho o grupo, bastante gente fez isso, esse trabalho não foi eu que fiz, foi uma amiga minha mas, tinha incentivo, a gente tinha liberdade de propor, oh não tá leal desse jeito, vamos mudá? Que tava uma das propostas que nós influenciamos, na data do projeto, de dia de semana.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Então de manhã era terça, quarta e sexta e de noite era segunda, quarta e quinta e o por que? Todo mundo era graduando segunda, quarta e sexta, uma...

Entrevistadora: Ninguém vai né.

P6: ...uma, aluno não vai, estagiário não vai, estagiário vai dar o bolo e vai querer ir embora pra casa, porque quem trabalha a tarde, quem estuda a tarde, a noite que, quer ir pra sua casa passa o final de semana, iii...

Entrevistadora: Um monte de gente.

P6: ...i os alunos a, sexta-feira noite não vai e segunda-feira de manhã, não tinha, porque quem estuda a noite, pô vai sair daqui no sábado, vai voltar na segunda-feira de manhã pô, vamo da um desconto, vamo fazer na terça-feira, então fez terça, quarta e sexta.

Entrevistadora: É complicado.

P6: Foi assim, isso foi participação do grupo, nossa mesmo, a gente indicou, a coordenadora deixou e disse assim: mas vocês vão cumprir, o horário pode ser quando vocês quiserem, mas vocês vão cumprir, tudo bem, pode ser esse, nós estamos oferecendo, muda, depois de oferecer, mudar é difícil, antes de oferecer, você já estabelecer é mais fácil foi o que aconteceu nooo, na qualidade de vida, no projeto da tarde, nós oferecemo o horário que melhor pra gente.

Entrevistadora: Tá.

P6: Não mudamo nada, aí eles se adequaram e também por vaga, talvez sexta-feira a tarde não vai vir tanta gente, vamo ver como vai ser.

Entrevistadora: (Risos) o Feeling de vocês é bom. Que que se acha que aprendeu no projeto que você acha que é mais relevante, dessa experiência?

P6: Que acha que eu aprendi no projeto?

Entrevistadora: É que você aprendeu no projeto e o que você considera mais relevante dessa experiência aí.

P6: Está naquela segunda parte? Ou na primeira parte?

Entrevistadora: Não, ainda tá aí.

P6: É ééé, aprendi assim, a muita, assim, a o incentivo pra estudar, pra entender o sistema, porque que tá, ficar por dentro da faculdade, éééé aprende assim, tá próximo dos professores, quere ser curioso pelas coisas, aprende bastante a gente ficar enchendo o saco, eu quero isso, eu quero isso, depois cê vê que isso tem resultado, que quando você vai pedir alguma coisa tem que ser esforçado você ganha mais fácil do que quem não é.

Entrevistadora: (Risos)

P6: Então isso me incentivou bastante a se tá dentro, próximo dos professores, a ser solícito a entender tudo ali, no sistema, ai estudei muito, parte prática éé hoje eu sinto falta disso por que? Como professor, vem estagiário pra mim.

Entrevistadora: Hum, (Risos).

P6: Vem estagiário pra mim, vem estagiário formado, que não sabia o que a gente sabia lá, não sabe o que a gente sabia lá com segundo, terceiro ano de faculdade entendeu? Então isso fez muita diferença, e faz muita diferença, chega gente lá que não sabe fala pra mim que é um coração, tem gente que não sabe fala pra mim, não sabe, medir uma pressão direito.

Entrevistadora: (Risos)

P6: E fez a fisiologia mas, então veio da, da fisiologia.

Entrevistadora: É, eu entendi.

P6: Entendeu? Eu quero dizer lógico são áreas diferentes, mas vem alguém que, então eu sinto falta disso, eu vejo quão bom foi pra mim, porque eu cheguei aqui no aprimoramento quando eu vim fazer a minha especialização eu sabia medir pressão em movimento já, hoje eu tenho aprimorando com dois anos de formado que não sabe, não consegue não tem ouvido treinado, e, porque é preguiçoso.

Entrevistadora: Risos.

P6: Entendeu? É preguiçoso não é treino é treinar, éééé num tem segredo, pego o jeito vai fazer, aí, (Tossiu, tossiu) desculpa...

Entrevistadora: Imagina.

P6: ...muita coisa trago hoje comigo por causa do projeto extensão, então a minha formação foi por causa do projeto junção, eu entrei na faculdade pensando de um jeito, a extensão me mudou.

Entrevistadora: De que jeito você pensava?

P6: Eu pensava em esporte.

Entrevistadora: O que de esporte?

P6: Ir pra parte de esporte, por exemplo, trabalhar com atleta, preparador físico, futebol, já quando moleque fazia isso, joguei futebol a vida inteira, joguei futebol de salão, tal saí professor de Educação Física, não sei oque, entrei na faculdade de Educação Física tal, cheguei lá, professor de Educação Física e tal, segundo ano eu tava no projeto extensão, para, saúde total.

Entrevistadora: (Risos)

P6: Já mudei, meu... então, quer dizer ooo projeto de extensão mudou a minha formação nesse quesito, mudou o caminho, o rumo. Eu entrei com o rumo X, a extensão me jogou pro outro lado, a extensão me jogou pra saúde, eu entrei totalmente atleta. Saí e fui pra saúde, hã?

Entrevistadora: A extensão fez é uma festa na sua vida, estou averiguando isso na sua fala.

P6: Sai completamente, sai completamente, fui pra área da saúde e estou até hoje.

Entrevistadora: Entendi.

P6: E to até hoje.

Entrevistadora: Bem significativa.

P6: Então assim, oh, o ponto que eu tenho, o pontos,então assim, as horas de trabalho, estágio na extensão, valeram muitos pontos na, no concurso que eu prestei, que foi no concurso que eu entrei, e que vale até hoje. Então o pessoal hoje aqui me conhece, hoje aqui em São Paulo já me conheciam por causa da extensão de [...], por causa da minha coordenadora, óbvio, e eu vinha junto com ela, caminhava junto com ela, tanto que Bauru, até aqui no INCOR só esse ano, ano passado que não tinha mas foram quatro cinco anos, todo ano entrava alguém de [...].

Entrevistadora: Que legal!

P6: Todo ano entrava alguém de [...] teve ano que entraram dois entendeu? Foi um ano foi o [...], o [...] Judô, [...]

Entrevistadora: Sei.

P6: ...fez doutorado, hoje acabou de defender depois entrou o Octávio com a [...] entrou o [...] e entrou eu.

Entrevistadora: Não sabia que a [...] tinha entrado também.

P6: Entendeu? Então todos nós fizemos aprimoramento aqui, o [...]...

Entrevistadora: Que legal!

P6: ...acho que só que não passou por, pelo projeto extensão nosso.

Entrevistadora: Então.

P6: Não passou no nosso projeto extensão, ele passou com a [...] numa parte, mas no projeto extensão não.

Entrevistadora: É recente né?

P6: Os quatro passaram, eu o [...], [...] e [...], todos viemos da extensão e viemos aqui pro INCOR e fizemos o aprimoramento aqui.

Entrevistadora: Vai virar [...] (Risos).

P6: A gente até brincava, falava que tinha uma vaga de fora, uma vaga de fora, a tinha uma vaga de [...].

Entrevistadora: (Risos)

P6: Lutasse pelas outras, essa era nossa.

Entrevistadora: Essa é forte. E qual você acha assim, agora a gente fica mais nessa parte informativa tá? Qual que você acha que é o papel, o valor e o significado e o sentido da extensão universitária nessa formação inicial?

P6: É fundamental.

Entrevistadora: Porque?

P6: Porque, como eu falei, ela mudou totalmente o rumo da minha formação.

Entrevistadora: E do que que você acha que ela se diferencia do ensino e da pesquisa você apontou um pouquinho lá do conceito que ela te deu mas pra você. Que que cê acha que a extensão universitária vai se diferenciar do ensino e da pesquisa?

P6: O lado humano.

Entrevistadora: Onde tá o lado humano?

P6: O lado humano assim, essa relação...

Entrevistadora: Da extensão?

P6: ...da extensão, o lado humano da extensão que é a iniciação da pesquisa, pesquisa cê trata, querendo ou não, quando você vai fazer a pesquisa, ééé, que nem, eu trabalhei com ratos mas quem faz pesquisas trabalhando com humano, é como se estivesse trabalhando com ratos, se tem tempo pra iniciar e você tem tempo pra terminar, e se tem que aplicar uma ideia inicial sua nisso aí, na extensão não, na extensão você não tem essa obrigatoriedade, na extensão você pode mudar a hora que você quiser, se pode se adaptar, numa pesquisa você não pode, se não tem esse veio dee, digamos assim, na sua entrevista cê não vai poder ficando adaptando pra cada, pra cada, ééé pra cada entrevistado.

Entrevistadora: É que você é muito estruturado ainda falta um pouquinho.

P6: (Risos), então existe, que nem eu não posso chegar num rato por exemplo fazer de um jeito, num rato fazer de outro, na extensão já não, não, não to conseguindo fazer exercício desse jeito vamos fazer do outro, é aí que te incentiva mais ainda buscar outras alternativas pra trabalhar, eu não poderia por exemplo fazer um projeto de pesquisa com o projeto da, um projeto de pesquisa inteiro, com os projetos que eu participei, entendeu? Dentro dele eu fiz pesquisa mas ele não é um projeto de pesquisa, por que? Porque eu não limitei só em hipertensos, não tinha só hipertensos, tinha obeso também, tinha idosos, então o limite de idade era variável, então se eu fosse fazer uma pesquisa, eu ia fechar um grupo, e olhar, eu só quero pessoas com IMC (Indíce de Massa Corpórea) de vinte e cinco a trinta...

Entrevistadora: Delimita, né?

P6: ...delimita, então a extensão me permite estudar alternativas pra atingir o mesmo benefício que um preventivo tem então, eu vou ver pra um obeso o mesmo benefício que preventivo tem.

Entrevistadora: E do ensino do que ela se diferencia?

P6: A extensão do ensino, que o ensino é teórico, a extensão...

Entrevistadora: Só teórico?

P6: Ah! Digamos assim muito teórico, muito teórico.

Entrevistadora: Não dá pra perceber a prática em nenhum momento?

P6: Dá, se tem a prática, dá sim, você tem a prática em alguns momentos, se eu fosse dividir hoje, posso até ta errado, mas oitenta por cento teórico e vinte por cento prática.

Entrevistadora: E aí não dá pra conseguir fazer um link disso, porque eu sinto que teve um momento lá que você falou, que a extensão você conseguiu colocar a teoria em prática, você pontuou isso...

P6: Isso.

Entrevistadora: E aí você me fala que o ensino ele é mais teórico do que prática.

P6: Então, eu disse assim: na aula, vendo aula.

Entrevistadora: Tá.

P6: Então, as aulas que eu tive praticamente teóricas, a maioria delas teóricas, pouquíssimas aulas práticas.

Entrevistadora: O que que diferencia isso da extensão?

P6: Diferencia da extensão, que na extensão, o que eu aprendi nessa teoria? A prática que eu não tive no ensino, a prática na extensão, entendeu? Não sei se fico um pouco.

Entrevistadora: Não, não.

P6: Um pouco, a prática que eu não tive na teoria ali, no ensino dentro da sala de aula, eu tive na prática lá na extensão então eu tive uma aula de como medir pressão, tive uma ou duas, uma aula do teste ergométrico, nessa aula de teste ergométrico eu não saberia aplicar o teste ergométrico, eu não saberia aplicar o teste ergométrico, eu não saberia quais eram os protocolos, eu tive uma aula de como prescrever exercício pra hipertenso a intensidade, cinquenta, setenta por cento usando forma de carbono, ou massa, grau dois...

Entrevistadora: isso a gente não teve..

P6: agora se eu fosse pegar por essa aula só e querer transcrever não. Onde eu treinei isso? Na extensão, isso eu fui pra extensão ee coloquei lá a formulinha SC tal, tal tal, foi aí que eu consegui colocar.

Entrevistadora: Ver que dá certo, né?

P6: Ah, realmente é, nossa a fórmula é, funciona fazendo na lousa é bonito, isso que diferencia.

Entrevistadora: Entendi.

P6: Isso que eu consegui coloca na prática e na extensão, é o que eu falei, então eu pude errar ali, eu vi que eu fiz, primeiro não esqueço até hoje, primeiro painel que eu apresentei no congresso pela [...]

vamos lá, estudo de caso com uma aluna, tudo, fizemos o exercício de resistido com ela, medindo a pressão, antes, depois, antes, depois, chegamo apresentando aqui pô, bonito, primeiro ano de faculdade cara, pô apresentar trabalho...

Entrevistadora: Que lindo.

P6: Todo feliz da vida, meu chegamos lá aquele painel todo colorido, todo bagunçado, nossa senhora, hoje eu vejo...

Entrevistadora: (Risos)

P6: ...como que, assim que é bom, hoje eu pude errar, é onde eu pude errar, eu vi que não tive significado nenhum aquilo que eu fiz, aquele estudo de caso, não teve significado nenhum e a minha coordenadora sabia disso que não tinha significado nenhum, ela não falou, ela me orientou assim oh, seu trabalho não tá errado, manda, manda, vamo vê, primeiro na verdade não foi ela que mandou, foi o, ela não tava ainda como orientadora, ela entrou depois, mas ela flou assim oh! Gostei da iniciativa suas, isso é começou a entender a querer a fazer a pesquisa, que despertou meu interesse dentro da extensão e daí eu já vou falar também o que que a extensão me mudou também. A extensão me ensinou a fazer pesquisa, a extensão se era o objetivo dela ou não, mas extensão me estimulou pra ir pra área da pesquisa, estimulou como pesquisar, como escrever um artigo a como escrever um resumo a como se portar perante o público assim, apresentar um trabalho, a explicar o seu painel como é que explica.

Entrevistadora: Se acha que a sua coordenadora tinha preocupação dessa, dessa questão formativa.

P6: Sim.

Entrevistadora: Não só dentro da pesquisa, mas de preocupação de formação de vocês, coordenador do projeto tinha?

P6: Tinha.

Entrevistadora: Tinha, quais ações assim, você fala isso.

P6: Tinha, porque ela se preocupava nas reuniões, sabia assim, você leu o texto pra reunião? E aí, você na vai saber, por que? Então, aí que eu falava, ela dava oportunidade pra ir pra congresso ou não, pra quem ela sabia que não ia queimar o nome dela também, obvio.

Entrevistadora: Você acha que isso são ações que mostra que ela tá preocupada?

P6: Não, não ficou preocupada assim...

Entrevistadora: Entendi que ela cobra, e essa cobrança.

P6: Ela cobra, mas ela tá preocupada com o seguinte, ela te ensinava a pescar, não te dava o peixe, se entendeu?

Entrevistadora: Hum, legal.

P6: Ela te ensinava a pescar e não te dava o peixe, ela falava: oh [...] acho que você precisa aprender um pouco mais, entender um pouco mais é que funciona a pressão material, você sabe muito de frequência cardíaca, exemplo: Então, porque você não estuda mais pressão arterial.

Entrevistadora: Hum, hum. Aí você estuda e aí?

P6: Estudava e aí e então me apresenta que cê sabe.

Entrevistadora: Ai (Risos).

P6: É isso, isso, você tem certeza? Tem certeza que é assim? – Eu tenho, certeza mesmo? Ela falava, oh isso aqui pode ser assim, assim assado, podia ser desse jeito. Ah! É verdade então é assim, você tá no caminho certo, estuda, é isso mesmo, tem que ter esse intuito investigativo, num querer pega no livro, lê no livro o que tá lá, tem muitas coisas que tá mastigado se, tem que entende o que mastigaram pra você, pra esse produto aqui, muitas coisas até hoje a gente briga por causa disso, eu e a minha, a coordenadora do projeto (Risos), nossa a gente briga por causa disso, porque uma vez ela dentro da pesquisa, ela falou, não, não, não é assim tem que se assim. Não, não é assim, a [...] me desculpa. Não... – [...] não e assim, é assim, ... – Como... – Eu não vou fazer desse jeito, vou pode falar oque quiser. É que não se oque, não sei oque, que você tá respondendo. Então tá bom, se que uma pessoa qe bixa a cabeça pra você, se que um boi que abaixa a cabeça e vai embora que alguém que te olha te respeita e te deixa dúvidas? Pra vê se você tá certo ou tá errada, porque oque se tá falando tá errado, não condiz, é, ficou brava, ficou brava, o importante é que eu tava errado que eu tava certo.

Entrevistadora: Pensou, né?

P6: Pensou, tudo, ela pensou e realmente é mais fácil faze desse jeito do que daquele jeito, eu sou muito teimoso, mas até hoje, foi isso que me despertou, a extensão, a pesquisa me despertou isso e até hoje eu sou assim, chato.

Entrevistadora: (Risos) quais implicações cê acha que a extensão universitária ela, como é que fala é ela teve na sua atuação profissional?

P6: Ah! Quais.

Entrevistadora: O que ela implicou na sua atuação profissional hoje, no INCOR, aqui no Estúdio Pilates?

P6: Montar, planejar uma aula, saber, ela, saber o que dá na aula, se portar perante o aluno...

Entrevistadora: Hã, hã.

P6: ...sabe como lida com o aluno, jeito, tato pra falar com o aluno, porque isso a gente conversava muito, e não tá certo, você não fala direito, pô tem muito da educação também, mas mesmo a você não tendo uma boa educação em casa você consegue aprender, um, na faculdade como lidar ou não então às vezes jeito que seu pai te trata, não é o jeito que cê vai tratar o aluno, muitas vezes o pai maltrata pra caramba, então cê não tem que reproduzir isso pro aluno, se tem que saber portar então esse jeito da relação com pessoas foi a extensão que me ajudou bastante, foi o que eu falei, muita coisa na extensão é muito igual o que eu faço no INCOR, a estrutura da aula é muito parecida.

Entrevistadora: O que é igual? (Risos)

P6: Por exemplo éé, a estrutura de aula em si, vamos o que implicou, chega tem aquecimento, trinta a quarenta minutos de exercícios, e a parte final.

Entrevistadora: Hum, hum.

P6: Lógico isso é preconizado, e preconizado mas pra quem não tem muita experiência antes de chegar lá, você fica perdido, em como você dá uma aula, em como dividir uma alua, oh vou trabalhar musculatura, vou trabalhar perna hoje, vou trabalhar abdômen, alongamento tudo, então muita gente na faculdade não aprende isso entendeu? Na faculdade se não aprende, mas a estrutura aula bonitinho, então vou fazer uma escala, vo trabalhar desse jeito, desse jeito, desse jeito isso eu vim com base de lá, isso implica muito hoje, a organizar as coisas, a dividir, você faz isso, você faz isso, você faz isso , então vem um pouco lá, então eu aprendi pode ser precocemente ou não aprendi um pouco na extensão, lógico se tá em constante aprendizado...

Entrevistadora: Claro.

P6: ...mas aprendi muito isso na extensão.

Entrevistadora: Se você fosse falar assim, de todos os elementos que você teve que você tem certeza que você aprendeu na extensão, quais seriam? Você falou vários já, mas assim que eu tenho certeza que veio da extensão, que algumas pessoas tem alguma dívida não sei se, foi lá, aprendi isso na extensão, isso, isso, se você pudesse pontuar.

P6: Mas, ele recai na prática, medi pressão.

Entrevistadora: Tudo, todos os elementos que você tem certeza que você constitui na extensão no projeto da extensão universitária.

P6: Bom (Risos) toda.

Entrevistadora: (Risos)

P6: É complicado fala, é fazendo tudo que eu faço hoje aqui, aqui no INCOR.

Entrevistadora: Então fala.

P6: A montar uma aula, a dividir a aula, bonitinho tudo, a organização, a saber assim, dividir função, dividir as coisas, que tem que ser feita no trabalho medi pressão, medi frequência, teste ergométrico, protocolos de teste, protocolos de avaliação de composição corporal.

Entrevistadora: Que mais se tinha comentado sobre relação professor-aluno também?

P6: É, essa relação de como lidar como professor, de como lidar com o seu companheiro de trabalho, como lidar com o aluno em si, a saber passar informação pra ele, saber como lidar com ele, ele tem um braço, você sabe que ele é gordo entendeu, ele sabe que ele tá obeso demais.

Entrevistadora: Se tem que dar aula pra ele.

P6: Se tem que da aula pra ele, se não vai chegar pegar um aparelho e falar esse aqui é aqui, esse aqui é esse aparelho é de gordo, é de gordo, tem que pegar o aparelho de gordo não, e também não vai falar que é aparelho de obeso.

Entrevistadora: (Risos)

P6: Então, eu preciso daquele aparelho número dois, que é um pouquinho maior, só tipo só com outro manguito, pega pra mim. Por favor! Isso aconteceu várias vezes no projeto extensão, o pessoal falava, já chegava é adiantava né, os dois pés no peito.

Entrevistadora: Vocês dão código?

P6: Número dois aparelho um, tudo, isso aí, ajudou bastante assim, sabia lidar, entende, éé assim, sabe escuta o aluno, deixava recrutar mesmo ele não gostando da sua aula se tem que entender, isso acontece.

Entrevistadora: Todos esses você usa no seu dia a dia?

P6: Ah uso sim, hoje e uso, assim muito praticamente, porque o projeto de extensão hoje é como se fosse a minha, o meu trabalho hoje é muito parecido coincidentemente ou não eu acho que é difícil acontecer isso mais o projeto de extensão meu, na minha parte, na minha área o projeto de extensão hoje a estrutura de aula, a estrutura de como é feito tudo é muito parecido de como eu trabalho hoje.

P7

Entrevistadora: Tá sim, no primeiro momento como que você se aproximou do projeto, como que você ficou sabendo da divulgação dele, como que você conheceu o projeto, você sabia qual o objetivo do seu projeto ou não, como que foi essa primeira aproximação?

P7: Na verdade foi, eu consegui aquela bolsa da faculdade, a bolsa PAE, que você tem que se vincular a um projeto.

Entrevistadora: A bolsa PAE você se lembra o que que era?

P7: É bolsa do...

Entrevistadora: É bolsa...

P7: ... de pobreza lá que você leva...

Entrevistadora: (Risos)

P7: o suprimento lá...

Entrevistadora: pra, pra...

P7: que cê leva...

Entrevistadora: Pra você se mantê na faculdade?

P7: Isso.

Entrevistadora: E aí uma das obrigatoriedades?

P7: É se vincular ao projeto de extensão, trabalha oito na minha época, acho que já mudo, era trabalha oito horas semanais nesse projeto, em algum projeto.

Entrevistadora: Acho que é a mesma coisa, né?

P7: Na verdade não, era seis.

Entrevistadora: Ah ta!

P7: E daí quando eu tava saindo mudou pra oito.

Entrevistadora: Hum é eu conheço a de oito. Hã

P7: Aí eu fui conversar com o professor de Educação Física o [...]...

Entrevistadora: Do, do projeto. Do é, isso falei [...] outro dia na palestra aí todo mundo "quem é [...]?" "Como? Vocês que vocês não conhece?"

P7:"Não..." "[...]" e aí ele falou que ele tinha esse projeto e que tava precisando de gente, ele explicou...

Entrevistadora: O projeto, o projeto que você participou...

P7: É, aí ele falo que tava precisando de gente e se eu queria topava faze parte dele, aí sentamos, conversamo, aí ele explicou o que era o projeto, como é que funcionava, quem que atendia, eu gostei, eu me interessei, participei uma semana dele, sem entregar o meu papel pra, pra faculdade né que eu tinha que me vincular, pra vê se eu gostava do projeto.

Entrevistadora: Só observando?

P7: Não, não eu entrei já meio que participando porque aí o menino que coordenava o projeto já colocou eu no meio, falava assim "Vem aqui, já que você vai começar, me ajuda", aí eu fui, e daí eu gostei, e entreguei os documentos, e aí eu fiquei os quatro anos de faculdade mesmo.

Entrevistadora: (Risos) Os quatro anos com a bolsa?

P7: Os... não...

Entrevistadora: Não?

P7: dois anos com a bolsa...

Entrevistadora: Hã, hã.

P7: ... depois quando eu tava no terceiro ano eu ganhei essa bolsa de novo, mas o menino que coordenava o projeto saiu, saiu se formou...

Entrevistadora: Saiu?

P7: ... e precisava de uma pessoa que coordenasse o projeto e não mais ali ajudando e auxiliando, aí eles conversaram entre eles, lá o [...] e na época era o [...], e o [...] indicou que eu ficasse na coordenação e aí quem fica na coordenação ganha a bolsa PROEX que é a outra.

Entrevistadora: Ah! Que é do projeto extensão.

P7: É do projeto de extensão mesmo.

Entrevistadora: O [...] era aluno na faculdade também?

P7: É, e aí cê tem que optar por uma ou por outra, aí eu optei pela de coordenação daí deixei a outra bolsa.

Entrevistadora: Daí você ficou os outros anos com...

P7: Os outros dois anos com a de coordenação do PROEX.

Entrevistadora: Mas cê ficou por causa, você entrou mais por causa da bolsa inicialmente? Ou...

P7: Inicialmente sim, eu nem sabia o, do que se tratava o projeto...

Entrevistadora: (Risos)

P7: ... mas depois não, depois eu já tinha claro pra mim, que se eu não ganhasse a bolsa eu ia continuar participando do projeto porque era uma coisa que eu gostava de fazer, era onde eu vivenciava o que eu tava aprendendo.

Entrevistadora: E ce lembra o objetivo do projeto, mais ou menos assim o que vocês focavam, não precisa ser com as palavras que tavam no projeto, mas assim.

P7: das palavras não...

Entrevistadora: O que que vocês se preocupavam com o projeto de atletismo?

P7: Era de primeiramente ensinar os conceitos básicos de atletismo pra comunidade...

Entrevistadora: Hum.

P7: ... era comunidade carente ou também participava os próprios alunos da [...] também...

Entrevistadora: Ai que legal!

P7: ... podiam participar juntos, tanto é que o projeto nuns horários eles fizeram bem flexível para o pessoal da faculdade também entendeu? Geralmente era na hora do almoço...

Entrevistadora: (Risos)

P7: ... ou no final da tarde, mas era aberto pra comunidade a gente tinha alguns da comunidade também era passa o conceito básico, os movimentos básicos, e também interagir o pessoal da comunidade com a faculdade.

Entrevistadora: Interagir como assim?

P7: Ah, mostrar pra eles assim, que qualquer um pode ta lá, basta querer entendeu.

Entrevistadora: Lá, na faculdade?

P7: É, na faculdade é.

Entrevistadora: É, qual era o público alvo, a idade? Era aberto ou não tinha... Mais ou menos.

P7: É, eu não lembro bem as idades né, mas eu sei que não podia ser muito pequeno, se eu não me engano era treze ou catorze anos a idade mínima...

Entrevistadora: Ah, legal!

P7: ... e aí o resto era só querer, um ano a gente treinou um rapaz pro ironman, ele era, bem mais velho que eu.

Entrevistadora: E aí o pessoal treinava junto, ou...

P7: Junto.

Entrevistadora: Que legal!

P7: Treinava junto,tudo junto.

Entrevistadora: Tá, e no assim projeto que você participou você sabia qual que era o papel do professor que coordenava o projeto de extensão... Quando eu falo aluno estagiário, são vocês né, que era aluno, como vocês não são formados ainda...e do aluno na graduação que participava do projeto?

P7: O do coordenador, o coordenador que você falava, que você fala é o que coordena o projeto? Ou é o professor-coordenador?

Entrevistadora: O professor coordenador.

P7: Porque ali a gente tinha assim...

Entrevistadora: Hã.

P7: O professor-coordenador, o aluno coordenador que era...

Entrevistadora: Que legal, os projetos não tinham.

P7: ... não, era o aluno-coordenador, e mais dois que ajudavam esse aluno, todos participaram de reuniões pra montar os objetivos daquela semana...

Entrevistadora: Hã.

P7: ... só que tinha que nem eu, nos dois primeiros anos que eu não era o, a coordenadora, o aluno, a aluna-coordenadora eu sei que tinha um certo limite até o [...], entendeu?

Entrevistadora: Que era o aluno-coordenador?

P7: O aluno-coordenador.

Entrevistadora: Então qual, quais as funções dessa, dessas pessoas, o professor-coordenador, o aluno-coordenador, e ajudante, é isso aí?

P7: (Risos) O professor era aquele que fazia reuniões com a gente que falava como andava o projeto, o que a gente ia fazer, onde a gente tinha que chega, entendeu? Os, as metas, então, nesse mês, ele tem que aprender a correr, vamo faze a correção de corrida, então ele passava pra gente, toda que ele sabia, de correção de corrida, quais os passos, pra gente passar pro pros alunos...

Entrevistadora: Hum, hum.

P7: O aluno coordenador é aquele que qualquer coisa errada que dá no projeto, na aula ali, é com ele, era mais ou menos isso, aí ele tinha que tê dividido, porque nem sempre o professor tava lá junto com a gente, então ele era entre aspas o chefe. Ele era o chefe. Posso vê?

Entrevistadora: Pode, ele ta preso?

P7: Num sei.

Entrevistadora: Vai fio você pode trabalhar. Você tava falando das funções, e do professor-coordenador e tava falando do...

P7: Aluno-coordenador agora...

Entrevistadora: É.

P7: Qualquer coisa corre com ele, que ele tem que resolver, ele é o coordenador ali, enquanto o professor não tiver...

Entrevistadora: Mas o professor-coordenador ele geralmente participava do projeto? Todas as vezes?

P7: Algumas vezes, nem sempre ele tava lá junto com a gente, sabe assim, porque é, sei lá, não sei.

Entrevistadora: Tá. Ele tinha outras funções também?

P7: Ah, ele era professor.

Entrevistadora: É então...

P7: Então, se existe, nem lá na faculdade ele tava.

Entrevistadora: Entendi.

P7: Então a gente, às vezes recorria a outros professores quando acontecia alguma coisa que saía do nosso limite, dos nossos aprendizados, a gente corria a outro professor, falava: “Oh, vem me ajudar”, e o outro vinha, mas nem sempre ele tava junto...

Entrevistadora: Tá.

P7: ... então era esse aluno que ficava lá com a gente.

Entrevistadora: É o responsável, que legal!

P7: Isso, o responsável, e a gente o aluno...

Entrevistadora: Ajudante, auxiliar, né? Legal!

P7: A gente chamava de auxiliar, você vai ser o auxiliar era aquele que a, o aluno-coordenador falava assim: “Vamos dá tais exercícios, pega os materiais”, a gente pegava os materiais, “ajude eu a corrigir tal função”, a gente também corrigia, oh mas ele que coordenava, “ajuda eu a corrigir o braço da corrida”, então eu ficava ali olhando o braço da corrida, entendeu? Enquanto ele via os outros detalhes, aí terminava a corrida, “e aí? Fez o braço direito? Oh, fez isso, isso, isso” tinha um certo... e outras vezes tinha um certo, uma certa conversa também de, “ahh fica aí e eu vou ver outra coisa, passa o exercício”, e a gente passava, e a gente passava.

Entrevistadora: (Tosse) Tá. E aí éé, em algum momento no projeto de extensão de vocês foi determinado o que que era a extensão universitária? Ou foi discutido, ou alguém passou pra vocês?

P7: Oh, na verdade, eu acredito que no projeto não.

Entrevistadora: No projeto não, onde você ouviu falar sobre?

P7: Eu pesquisei o que era, o que que eu tava fazendo.

Entrevistadora: (Risos) Quando?

P7: Logo no início, quando eu entrei no projeto... eu fui ver o que que era o projeto de extensão.

Entrevistadora: Porque? (Risos)

P7: (Risos) Porque eu queria saber o que que eu tava fazendo, que que era aquilo, então eu eu conversava, eu fui ver, fui pesquisar.

Entrevistadora: Que legal!

P7: Tem até aquele... como que chama? Eu tenho até hoje o tal do livrinho, acho que é CACO, que é centro acadêmico...

Entrevistadora: Ai que eles dão, quando entra na faculdade?

P7: Isso.

Entrevistadora: Lá a gente não teve isso.

P7: Lá especifica o que que é a extensão eu fui procurar.

Entrevistadora: Tipo um manual pra ingressante na faculdade?

P7: É.

Entrevistadora: Que legal!!!

P7: Eu fui pegar...

Entrevistadora: Eu não sabia que tinha isso lá porque na nossa época não tinha.

P7: Não, eu ganhei no primeiro dia, quando dia que entrei lá.

Entrevistadora: Quando você entrou, já era mais mais evoluído.

P7: Amplo assim.

Entrevistadora: Assim, agora a gente vai falar um pouquinho do projeto né, enfim de você como aluno estagiário, me fala como que era o projeto extensão de atletismo.

P7: Como o quê?

Entrevistadora: Como que ele era e qual era a sua rotina de trabalho, o projeto funcionava assim, minha rotina de trabalho era quando eu chegava, fazia isso, isso, isso.

P7: Ah ta!

Entrevistadora: Desde quando você era aluna auxiliar aí, depois quando você começou a ser, pro, aluna-coordenadora.

P7: Tá, quando eu era auxiliar, eu pegava e chegava no projeto era na hora do almoço na época, então saía da faculdade ia direto pra lá, chegava lá geralmente os alunos já tavam meio que preparando pra se alongar, então eu entrava no alongamento junto com eles fazia junto com eles, corrigia mais ou menos os exercícios, os alongamentos que tavam errado, aí espera as coordenações, esperava um comando dum, do aluno coordenador, que falava pra mim "Ah, hoje nós vamos usar..." na verdade eu já sabia um pouco né,porque a gente tinha as reuniões mais, "pega os bastões lá pra mim", então eu ia lá na salinha, pegava os bastões, arrumava todo o espaço e todo o material que precisava, aí começava o treinamento deles, a gente ficava ali junto deles, quando o coordenador falava "Oh, pega observa tal coisa", eu ficava observando dava o resultado pra ele, às vezes ficava anotando tempo, éé anotando o, o método que ele fez, que ele correu, a distância que ele correu, ficava fazendo essas coisas, acabava o treino, a minha função era pegar todo o material que foi utilizado, guardar, mas isso o coordenador de vez em quando ajudava e, faço e embora, mas quando era o coordenador não, eu tinha que chega antes eu tinha que começar o alongamento, aí era eu que passava o alongamento, os exercícios, já tinha que saber quais os exercícios que eu ia passar, o que que eles tinham que fazer, aí era responsabilidade minha disso daí, e passar o treinamento, que daí quando começava a treinar era eu que estipulava, "hoje vocês vão correr, hoje vocês vão pular, vocês vão saltar", era eu que estipulava, e só.

Entrevistadora: E assim, como que era o projeto, eu pergunto pra você assim: vocês tinham reuniões, encontros ou era só ir e dá aula?

P7: Não.

Entrevistadora: Como que era?

P7: Assim, a gente tinha reuniões, uma vez por mês, ou dependendo das provas né da faculdade, a cada quinze dias, a gente fazia reuniões todos os alunos independente se era coordenador ou auxiliar estava na reunião junto com o professor.

Entrevistadora: Ah que legal!

P7: Ah, esqueci de falar, quando virei coordenadora eu mudei o horário do projeto...

Entrevistadora: Ah, cê podia também fazer isso?

P7: Na verdade eu comecei a discutir lá dentro, porque eu não achava certo, ninguém correr numa pista...

Entrevistadora: Meio dia.

P7: ... meio dia, então eu passei a utilizar o projeto a faze o projeto a noite, demorou uma certa, um certo tempo pra, porque ai vai depende da faculdade também né, não é só pedir autorização pro uso da pista à noite, então teve uma certa demora nisso, e consegui pro projeto também o uso da sala de musculação...

Entrevistadora: Legal.

P7: que não podia, tinha que fazer um certo pedido e tal, eu consegui isso também.

Entrevistadora: Certo.

P7: Aí tinha os encontros, com o coordenador...

Entrevistadora: E o que que vocês decidiam nos encontros?

P7: que era...

Entrevistadora: Que era feito né?

P7: ... trabalhar naquele tempo até o próximo encontro, então nós vamos fazer correção, de movimentos da corrida então naquele dois ou naquele um mas ou no caso fazia um encontro: "Ah como que ta andando? Ai ta andando bem?" E aí pra mais um mês às vezes pra dois meses com a mesma coisa, só que com exercícios diferentes, então na reunião, conversava sobre isso o que que ia ser estipulado naquele tempo, e ele já meio que encaminhava pra quais exercícios que a gente ia dar, mas não era todos, a gente ia buscar na internet, mais exercícios, mais coisas, não eram todos ali que ele estipulava na hora.

Entrevistadora: Ah, vocês podiam reformular o que foi pré-estabelecido?

P7: sim, sim, sim, podia colocar, trazia exercício legal, um exercício novo, na verdade a reunião era só pra estipular o que que a gente ia trabalhar naquele momento.

Entrevistadora: O objetivo?

P7: O objetivo. Daí o resto, o exercício as coisas a gente ia buscar, ou se precisava de algum material, era ali naquela reunião a gente falava: "Oh, tal, tal período a gente vai precisar de cabo de vassoura pra fazer bastão".

Entrevistadora: Hã, hã.

P7: Ele ia atrás pra gente naquele período o cabo de bastão ta lá, ou então ele chegava pra gente e falava: "Oh, muda porque o cabo de bastão não vai vir"...

Entrevistadora: (Risos) Não se contenta, ta.

P7: Era o que acontecia, o projeto de extensão, do atletismo pelo menos, eu não sei se são em todos, nem sempre tinha verba pras coisas, não sei se nesse ponto pra todos, várias coisas.

Entrevistadora: E, e como que você acha que era o seu envolvimento no projeto, como que era? O seu envolvimento?

P7: Olha, ele era gostoso, pela parte dooo, quando eu era auxiliar, apenas por ta ali conhecendo mais gente.

Entrevistadora: Risos.

P7: Mais ou menos isso, nos dois primeiros anos, mas eu gostava porque aumentou o meu conhecimento em atletismo, que era uma coisa que eu não tinha muito, então eu tinha que pesquisar, porque também o Juliano era legal, ele falava assim: "Oh, vê aqui se você trouxer, entendeu, eu coloco os exercícios, se for adequado ao momento, como cê ta do começo da faculdade, nem sempre acerta ele." Era legal quanto a isso, mas assim pra minha formação nem tanto, porque eu não podia aplicar, eu tava ali ajudando entendeu?

Entrevistadora: Hã, hã.

P7: Agora, quando eu peguei a coordenação do projeto, aí foi diferente, aí eu me envolvi muito mais, que daí eu queria que o negócio desse certo, eu queria fazer as coisas correta, sabe assim?

Entrevistadora: Mas por quê?

P7: Porque aí eu tinha a liberdade pra mexer no que eu achava que não tava certo, até então muitas vezes eu discutia iii eles teimavam que eu era errada, e num mudava, que nem a questão do horário

mesmo, eu discutia, discutia, discutia, eu sempre falei desde o primeiro ano eu falei, mas eu só consegui mudar quando eu assumi a coordenação.

Entrevistadora: Porque você tinha poderrr de voz.

P7: Ééé, seria mais ou menos isso, que nem a sala de musculação sempre achei que eles precisavam, eu lia coisas porque desde o momento que eu entrei fui buscar conhecimento no atletismo, eu lia que era importante um treino de força muscular, pro pessoal de explosão, e onde você vai ganhar força? Musculação e assim é enquanto eu era auxiliar não dava ouvidos, quando eu virei coordenadora, pera aí, é diferente, entendeu? Isso eu dei muito valor pros meus auxiliares, quando eles falavam. Acho que por ter vivenciado isso, quando eu falava, quando eles falavam, eu escutava muito e eu tentava mudar, tanto que a melhor parceria foi eu e a [...], que foi que me substituiu...

Entrevistadora: A [...]?

P7: Ah, [...]!

Entrevistadora: Ela era aluna da graduação também, né?

P7: Ela era minha auxiliar.

Entrevistadora: Que legal!

P7: Eu não sei se ficou, mas o nome que eu indiquei foi o dela, eu falei assim: “Não tem que sê ela, porque foi a parceria melhor, foi aonde, a gente conquistou mais as coisas”.

Entrevistadora: Legal, né?

P7: Porque eu escutava ela, e ela me escutava, eu, eu rompi um pouco aquela barreira aluno-coordenador e o aluno auxiliar.

Entrevistadora: Hierarquia, né?

P7: É, acho que todo mundo que ta lá, tem que ter, eles estão aprendendo, é né, ta no meio da faculdade, mas eles têm idéia, tem que ser aproveitado. Então assim...

Entrevistadora: Que legal!

P7: ... foi quando eu gostei mesmo que eu me envolvi foi nessa época.

Entrevistadora: Então eu posso dizer assim que você se sentia parte do processo ali, do projeto?

P7: Ah! Sim, sim!

Entrevistadora: Você achava que podia opinar, que as pessoas iam te ouvir, que você ia conseguir intervir?

P7: Sim, sim.

Entrevistadora: Dois momentos diferentes, né?

P7: Foi, foi dois momentos bem diferentes, mas assim, não, não descarto o que eu aprendi como auxiliar, eu aprendi mais a teoria, sabe assim, aquela coisa assim, ééé o que que você tem que fazer pra correr?

Entrevistadora: Risos.

P7: Mais ou menos seria isso, o braço tem que ta como? A perna tem que ta como? O joelho tem que ta como? Isso eu aprendi como auxiliar, porque eu ficava observando só isso.

Entrevistadora: Hum, entendi!

P7: Ah, como é o o tempo bom pra cem metros? Aprendi como auxiliar, porque eu só tava vendo isso, “nossa... esse tempo pra bom pra cem metros desse”, “Ah, mas esse tempo não ta”. Porque eu tenho uma tabela na minha mão de cem metros de todo mundo que corria, quando eu era coordenadora, eu já tinha essa carga, então eu sabia, mas nem sempre eu ficava com aquilo na mão vendo, entendeu?

Entrevistadora: Entendi.

P7: ... eu vou passar exercício pra ele por exemplo, tem que corrigir o joelho dele, eu vou pedi pro meu auxiliar ficar olhando isso, eu vo vê o movimento todo, eu já adquiri quando como eu fui auxiliar o conhecimento pra saber se ele ta correndo errado ou não.

Entrevistadora: Você já tem uma noção né, você ficou tanto tempo trabalhando com aquilo.

P7: Eu vou ficar, eu acredito que na coordenação você vai ficar mais observando como é que ta o andamento se ta meio que certo, entendeu? Mais ou menos isso.

Entrevistadora: E o que que cê acha que você aprendeu no projeto, que você considera mais relevante assim dessa experiência?

P7: Atuar...

Entrevistadora: Atuar, o que seria o atuar?

P7: Na área minha, tipo éé é o modo de falar, o modo de explicar, isso eu não tinha nem um pouco, a timidez também que eu falei, perdi muito.

Entrevistadora: Você falou que, no teu questionário até marquei aqui, falou assim, desenvolver a fala com as pessoas sobre o conhecimento e o modo de explicar, desenvolver a fala, por isso que eu perguntei. Porque você é tímida? Ou desenvolver a fala porque você teve o conteúdo e você tinha mais segurança pra falar.

P7: Não, não era mais na fala, era timidez mesmo, não falava, até eu comentava como que eu vou ser professora de Educação Física...

Entrevistadora: (Risos)

P7: ... se eu não consigo falar com as pessoas? Se eu fico olhando pro chão, se eu fico olhando pro teto, como que eu vou explicar o exercício...

Entrevistadora: Tadinha.

P7: ... se eu to assim com a pessoa, então corra, erga o joelho, mas a pessoa tá desse lado, não to olhando pra ela, ela nunca vai me entender, isso, o dia a dia, a maneira, esse tal da maneira de falar é nesse sentido de perder a timidez e desenvolver até o jeito de explicar. Hoje eu vejo uma grande diferença é, é, eu to trabalhando com criança agora e assim criança criança, que eu to trabalhando agora eu não tenho, eu não trabalhei muito porque lá eles começam desde os seis, tem hora que eu explico que as crianças ficam com ponto de interrogação, olhando pra minha cara.

Entrevistadora: (Risos)

P7: Eu fui muito complexa, sabe assim aí eu paro pra pensar, e aquelas carinhas, tudo, tipo, tia que se que, aí eu fico..., para pra pensar, gente fui complexa, isso foi adquirindo lá no projeto de extensão, o jeito de falar, o jeito de mudar, o jeito de pegar, o jeito de ensinar, foi lá que eu consegui, i de aplicar o conteúdo também, mas assim, eu vejo assim, eu tive seis meses de atletismo na faculdade.

Entrevistadora: Nossa eu também, foi o [...].

P7: Foi, a ultima turma do [...] foi a minha.

Entrevistadora: Foi a última depois ele se aposentou. A apostila antiga...

P7: Amarelinha, e a prova também...

Entrevistadora: (Risos)

P7: ... amarela, mas assim eu tive seis meses, cinco vamos contar...

Entrevistadora: Vocês começaram em Fevereiro?

P7: É, um mês eu não tive, porque eu passei por um processo de cirurgia, então eu terminei o semestre em casa, então eu fiz em casa os trabalhos, então assim, se o que eu ouvi na, nesses quatro meses de faculdade, não da pra coordenar um projeto, não dá pra auxiliar um projeto não dá, eu acho que falta muita teoria, eu fui aprender estudando que fui atrás de conteúdo, não sei eu sou desse perfil, eu to, que nem eu acabei de mudar de emprego, eu to com cinco, seis livros daquela função do que eu tenho que fazer, eu vou atrás eu vou buscar o conhecimento, num fico esperando só, que nem na faculdade eu nunca fui assim, eu não fico esperando só do professor, entendeu, o conhecimento mesmo meu, foi através de pesquisas que eu fui atrás, a faculdade me deu base, e ali no projeto que que eu fazia? Eu via uma pesquisa, achei legal conversava com o meu coordenador meu coordenador, não vai lá e aplica, e era lá que eu aplicava, era lá que, não é isso, mas era lá que eu testava o que eu tava conhecendo, o que eu tava fazendo é lógico claro que não certa eu não ia por ninguém pra se machucar lá, tanto é que eu tinha um coordenador atrás, ele nunca ia deixar eu fazer isso, mas eu ia testar o que eu tava conhecendo era lá, o que eu tava lendo o que eu tava pesquisando, se ia dar certo ou não, né?

Entrevistadora: Iii, assim, falando um pouquinho agora da, dessas implicações na sua formação se eu perguntar assim pra você assim: Qual é o papel, o significado, o sentido da extensão universitária na sua formação inicial? Depois eu faço a outra pergunta.

P7: (Risos) Você vai me confundir. Inicial você fala?

Entrevistadora: A inicial. Qual que foi esse papel esse significado pra você? Sentido...

P7: Mas aí que tá...

Entrevistadora: ...de estar na extensão universitária na sua formação inicial.

P7: Eu achei importante, ela é uma, é bem isso, ela é uma, um lugar onde você pode testar tudo que você tá vendo na faculdade, antes de você ter uma certa responsabilidade, porque tem um coordenador atrás de você, então é ele vai te encaminhar, ele vai ensinar o caminho pra você, quando você saí da faculdade é você e aí, você vai falar que você vai testar? Não vai testar porque se você tá errado, se danço, se tá desempregado, mas ai não, é a oportunidade de você é é é, por em prática aquilo que você tá aprendendo só que de uma maneira orientada.

Entrevistadora: Humm, legal e ao o que que você acha que que se diferencia do ensino e da pesquisa? A extensão universitária.

P7: Hã?

Entrevistadora: Que que se acha, ela a extensão universitária ela se diferencia do ensino e da pesquisa?

P7: Do ensino e da pesquisa?

Entrevistadora: É. Como você pensaria o ensino, como você pensaria a pesquisa, que o tripé da educação ele é pautado no ensino, na pesquisa e na extensão.

P7: Sim.

Entrevistadora: Na universidade.

P7: Tá.

Entrevistadora: E aí você pensar ensino o que que seria pra você? E o que que seria a pesquisa? E aí cê consegue pensar como que diferencia, você acha que é tudo igual? Poderia fala que ensino, pesquisa é extensão universitária?

P7: Não.

Entrevistadora: Não por que? Sua opinião mesmo.

P7: Calma, to pensando.

Entrevistadora: (Risos)

P7: (Risos) Oh na, pra mim assim: o ensino é alguém que vai te dar a, a, a teoria, a pesquisa é o que você vai a busca, é o que você quer aprofundar aquele conhecimento de quem te ensinou te deu...

Entrevistadora: Hum, hum.

P7: Pra mim é isso. É nisso que ela diferencia acho, acho que é.

Entrevistadora: E do que é essas duas, você fala aqui a teoria, e aqui é uma busca por um aprofundamento, é isso?

P7: É.

Entrevistadora: Que isso se diferencia da extensão universitária?

P7: Que ali onde se aplica...

Entrevistadora: Alí onde não, se aplica?

P7: Ali você usa os dois, você vai usar o ensino, você vai usar a pesquisa, e além disso vai aplicar, acho que a diferença é assim, que você pode, não sei como falar, dar a aula, aplicar aquilo que você conheceu... aprendeu...
P7: ...é o fazer aplicar aquilo que você foi ensinado e aquilo que você foi pesquisar.

Entrevistadora: Além de tudo o que você falou, que dá pra utilizar também o próprio ensino e a pesquisa.

P7: Sim, sim.

Entrevistadora: Seria a teoria e o aprofundamento que você aprendeu?

P7: É é isso aí.

Entrevistadora: Agora falando na implicação da professora da sua atuação hoje. Quais seriam as implicações da extensão universitária na sua atuação como profissional hoje? O que que ela implicou pra você. Por exemplo: passei pelo projeto de extensão universitária e o que isso faz na minha prática hoje, você poderia não ter passado.

P7: Sei.

Entrevistadora: Pensa nesses dois lados, poderia não ter passado, eu de repente trabalharia dessa forma, de repente eu passo e não tem significado nenhum também.

P7: Tá.

Entrevistadora: Como ele implicou, de que forma ele implicou? Na sua atuação profissional hoje? De repente...

P7: Oh! Agora, agora desse emprego novo, é é, o modo de falar, que eu acabei de falar, eu relembro a cada dia que passa...

Entrevistadora: É isso aí é muito forte né?

P7: ...convive comigo vinte quatro horas, a minha segurança na, em questão de passar a, a atividade, então foi assim foi lá que no projeto de extensão que, que me deu a maneira de pensar do tipo é é é eu sei o que eu to falando, eu sei do que eu, eu conheço que eu to falando...

Entrevistadora: Legal!

P7: É é, tenho a confiança pra passa o que eu sei, foi ali que, foi ali que eu comecei a por em prática, foi ali que me passou a confiança e eu sei né, se eu não tivesse passado pelo projeto de extensão, eu ia passar por isso no meu primeiro emprego.

Entrevistadora: (Risos)

P7: Ia falar assim: nossa, será que eu sei do que eu to falando? Ia me passar várias vezes isso pela cabeça, e eu acho que já não passa tanto né, porque eu passei, eu sei o que eu to falando, eu sei o que eu to fazendo. Outra coisa é é é aí entra um outro lado, como é ser um educador social, como você trabalha com pessoas bem diferente da nossa realidade, eu passei isso dentro do projeto, então assim a maneira de lidar com eles eu relembro a cada dia.

Entrevistadora: Mas, de lidar com pessoas que tem é é é, fatores econômicos sei lá mais baixos é isso, pessoas mais carentes é isso?

P7: É pessoas mais carentes é assim pessoas, como que eu posso falar não significa que...

Entrevistadora: Carente de atenção, carente de tudo.

P7: ... na verdade assim falta de respeito, pessoas que tá envolvido dentro do tráfico sabe assim, é um jeito de tratar diferente, então ali eu já comecei a vivenciar isso que é fora da minha realidade.

Entrevistadora: Tá!

P7: É da nossa, mas eu não tenho nenhum amigo traficante, eu não tenho nenhum, uma, sabe um ladrão, eu não tenho, e assim como lidar com essas pessoas, aí já, hoje que eu to lá eu já tenho uma certa bagagem, de como lidar, o conquistar, que nem lá que é muito afeto, o conquistar, o como conquistar, tudo bem que eu to aprendendo a cada dia, mas o como conquistar eu tive que ter lá também no projeto de extensão, porque tinha muitas vezes você chegava e fulano não queria fazer nada lá e foi só pra bagunçar.

Entrevistadora: (Risos)

P7: Que foi só passar as meninas bonitas do projeto, e aí ce tem que por esse menino pra treinar e ele não quer, mas fica lá ele também não poderia...

Entrevistadora: (Risos)

P7: ...então assim, com jeito né vamo, né, vem aqui comigo fica aqui comigo hoje do meu lado, vem me ajuda, ah e daí amanhã se treina, então assim, a gente, eu fui aprendendo e hoje eu lembro a cada dia que passa.

Entrevistadora: Então eu posso dizer que essas implicações da extensão foram bem fortes pra você.

P7: Ah sim!

Entrevistadora: Porque pelo o que você fala, você utiliza tudo hoje no seu dia a dia.

P7: Bastante coisa, oh...

Entrevistadora: (Risos)

P7: ...eu só não uso a metodologia do atletismo porque eu não trabalho com isso, agora do resto, o jeito.

Entrevistadora: De todo o resto. (Risos)

P7: É o jeito de coordenar, porque hoje eu tenho uma auxiliar comigo.

Entrevistadora: Ah que legal!

P7: O jeito de lidar, com auxiliar, de escutar o que a auxiliar fala de, e desde esse tempo...

Entrevistadora: Que legal!

P7: ...dessa época.

Entrevistadora: E aí eu vou pedir agora, eu sei que você me falou todos, mas eu vou pedir pra você falar todos os elementos que você tem certeza que foram constituídos na extensão, no projeto de extensão universitária que você tava.

P7: Ai meu Deus, saber?

Entrevistadora: Saber e Oh.

P7: Teoria...

Entrevistadora: Hã.

P7: ...saberes?... da teoria, o da pesquisa, da prática, mais nenhum.

Entrevistadora: Não, não, não, não como tá denominado aqui, tipo assim, eu aprendi que nem você falou: Eu aprendi a falar em público no... é um saber, é um tipo de saber, esquece a denominação entendeu?

P7: Ah tá entendi!

Entrevistadora: Entendeu? Eu tenho certeza que eu aprendi lá, outra coisa eu aprendi na disciplina tal.

P7: Tá.

Entrevistadora: Você consegue? Diferenciar uns já, lá eu aprendi isso.

P7: O de falar, o de respeitar as diferenças, o de ensinar, o de... vamos vê, até mesmo a de escutar a pessoa que tá trabalhando junto comigo é é é um saber, ou até mesmo de escutar a opinião das crianças mesmo, lá não era criança era adolescente, a opinião do adolescente porque tinha um lá, eles treinavam mais tempo do que eu dando aula né...

Entrevistadora: (Risos)

P7: ...então assim... eu lembro até hoje o [...] ele chegava [...] e faz isso que é melhor, pior pa, pa, pa.

Entrevistadora: Ele era aluno do projeto?

P7: Ele era aluno do projeto e ele era corredor entendeu? Antes de entrar, ele era da faculdade esse menino, e antes de entrar, da Engenharia ainda, só que ele era corredor antes de entrar na faculdade e como tinha o projeto atletismo ele foi treinar lá, pra continuar, para não parar, então a bagagem dele, por mais que ele não era da Educação Física como atleta, era muito grande, então ele trouxe o negócio lá de, como é que era? Vai, esqueci o nome, é negócio de tripa.

Entrevistadora: Tripa de mico.

P7: É, que o que é o elástico, ele levou lá pra gente, [...] faz esse exercício esse exercício e esse exercício, no dia, eu falei pra ele, [...], oh eu não vou passa porque eu não tenho conhecimento, sei que você sabe o que você tá me falando, eu vou pesquisar primeiro, vou estudar primeiro, vou ver pra que que é esses exercícios que você tá me falando, ele sabia de exercícios...

Entrevistadora: Mas não sabia pra que.

P7: Isso eu vou, né? E depois eu te falo também. Acho que era isso, acho.

Entrevistadora: (Risos)

P7: Acho que era isso mesmo.

P8

Entrevistadora: Como você se aproximou do projeto? Como que ele foi divulgado? Se você sabia o objetivo do projeto ou não? Você lembra o porque, você procurou o projeto? Quer dizer, se foi você né? Eu não sei.

P8: Bom eu, eu entrei na verdade por influência de uma amiga que eu tinha, que estava no projeto desde o início. Ela ficava falando de como que era tal, de como era legal, o fundo o plano de fundo era sim o que tinha de bom, mas que tinha muitas outras coisas, da questão do grupo da discussão das leituras que tinham, é mais principalmente acho que o que acabou me chamando a atenção talvez pelo fato justamente de, eu não tinha no, eu tinha feito já alguns estágios, algumas coisas, mas nada específico da minha área, era na área de educação era trabalhando em outras áreas, mas não tinha nada específico da Educação Física, acho que por isso que é eu vi um caminho de poder me aproximar muito mais da, do suposto cotidiano escolar que é a área que eu sempre quis.

Entrevistadora: E aí como que você ficou sabendo do projeto? Desculpa você falou

P8: Isso, agora eu sinceramente eu não lembro, eu acho que foi por essa minha amiga, pela pela professora também que que encabeçava, enfim,

Entrevistadora: A professora que encabeçava era a professora coordenadora?

P8: A professora coordenadora do projeto. Que era minha professora também, enfim, era da área que eu...

Entrevistadora: Você pode ir falando devagar senão depois eu não vou entender?

P8: Ah tá, era da área, ministrava a disciplina além do handebol, a disciplina de escola...

Entrevistadora: Escolar?

P8: ...é escolar me simpatizava, e me simpatizo muito com a figura da professora, com a competência da professora então tudo isso além de ter uma amiga que já participava e já tinha boas referências do projeto, acho que tudo isso fez com que eu, é, quisesse participar do projeto.

Entrevistadora: E você lembra mais ou menos, pode falar com as suas palavras qual que era o objetivo do projeto?

P8: Bom, o projeto ele tinha dois focos, né? O primeiro: o de fato ensinar o handebol para as crianças né? Tentando usar uma metodologia um pouco diferenciada. E o segundo projeto, o segundo eixo norteador, ou segundo grande objetivo, era da formação de futuros professores mesmo, então de tentar aproximar, as informações acadêmicas que nós tínhamos até aquele momento com o cotidiano de um profissional mesmo, né? E de fato é, pensar em organizar a prática como que seria o dia a dia mesmo, é, de um futuro profissional.

Entrevistadora: E você lembra é, qual que era o... você é, sabia a função do professor, qual o papel do professor coordenador do projeto e do aluno de graduação do projeto de extensão? Ou do aluno estagiário, né? Cada projeto tem uma denominação.

P8: Bom, a professora como o próprio nome diz, era coordenadora do projeto, então ela tinha que coordenar as ações, quer dizer, imagino, né? Coordenar as ações dos estagiários, né? De, de auxiliar nessa nesse processo de formação, de mediar as discussões tal, nos fazer refletir e ficar atentos a alguns pontos, algumas coisas, e daí nós tínhamos, nós tínhamos uma grande troca de informações.

Entrevistadora: Peraí, por algumas coisas, ficar atento a que coisas?

P8: Calma, desculpa volta.

Entrevistadora: Você estava falando assim que a coordenadora também tinha a função de deixar vocês atentos a algumas coisas. Lembra que coisas?

P8: A do... da postura, da forma como falar com a, com os alunos, a forma como adaptar algumas atividades pra pra que fossem tão bem motivantes mas que fossem principalmente é...acho que ficar mais atento a questão do ensino-aprendizagem, então, não era só o adaptado, as atividades adaptadas, então tinha sempre algum, um cunho pedagógico naquela determinada atividade e isso era sempre né... nos instigava, há vamos fazer determinada atividade dá pra fazer tal coisa, tal coisa, e modificar isso, dá pra ficar mais próximo do movimento, depois lá na frente e atrás, dá uma ênfase um pouco maior ao movimento, é... a postura, a questão dos materiais, a forma como falar com os alunos, enfim, essas algumas das, das, das questões que ela tinha e que nos nos auxiliava e que ela nos dirigia. É...

Entrevistadora: O aluno estagiário?

P8: É do aluno estagiário é justamente né... de tentar, trazer tudo que nós tínhamos estudado, né? Colocar agora em prática, é de pensar justamente como que seria aquele processo de ensino e aprendizagem do, do, dos nossos alunos, né? Nós tínhamos uma... um caráter mais educativo, no projeto eu diria, né? Não era só ensinar o movimento do handebol, ensinar o jogo do handebol, mas outras questões que também acabavam permeando dentre elas também óbvio as questões de, do ensino-aprendizagem do handebol. Mas as questões de gêneros de não ser tão competitivo, é... de ser mais, de ter um enfoque até um pouco mais cooperativo de respeito mais ao, a de uns aos outros né, aos próprios alunos e muitos nós do grupo também.

Entrevistadora: Mas você falou, se fala então que a profissão do aluno estagiário ou do aluno da graduação, era de pegar esses conteúdos que vocês tiveram na graduação pra tentá-los colocá-los, é... pensar sobre, colocá-los em prática. Só isso? Qual que era a função dele no projeto, de extensão universitária?

P8: É, colocar esses conhecimentos em prática aproximando, né... um pouco mais o futuro cotidiano que talvez nós pudéssemos ter na nossa atuação né, depois de formados. É de aproximar mesmo a universidade com o cotidiano do profissional.

Entrevistadora: É... depois lá eu vou puxar, quero saber. É... você acha, em algum momento no projeto, teve alguma discussão do que era extensão universitária? Que você participava ou se teve algum momento que vocês discutiram o que era?

P8: Se eu não me engano, quando entrei no projeto, é.. já devia ser o quarto ou quinto ano do projeto, então talvez esse tipo de discussão, tenha acontecido nos outros anos. No ano que eu

peguei já estava um grupo que já tinha algum tempo no próprio projeto, se bem acho que teve algumas transformações alguns alunos já estavam saindo e tudo mais, mas a base acho que já vinha desde o início, e... de fato assim algumas situações são um pouco mais enfáticas sobre a questão do que era extensão do que ela servia, não me recordo neste momento.

Entrevistadora: Você não lembra de ter tido esse tipo de discussão?

P8: Não..

Entrevistadora: Pelo menos no período que você estava..

P8: Não

Entrevistadora: Tá, então vamos falar um pouquinho de projeto de você como estagiário nesse projeto, de aluno estagiário tá. Como que era o projeto de extensão universitária que você participava? E como, qual era a sua rotina de trabalho? Como que ele era, compunha, como ele era?

P8: Bom, como eu disse, tinha uma professora coordenadora né, é... do projeto que tentava mediar as situações entre os estagiários e nos fazia ficar atentos a o que acontecia no dia a dia. Toda semana nós nos reuníamos né, uma vez por semana, normalmente após a aula, então como que é pra ser, a... se eu não me engano eram quatro ou cinco estagiários mais a coordenadora do projeto, e daí nós discutíamos então o que que seria, e quais que seriam os objetivos da próxima aula. Então nós decidíamos qualquer objetivo, a partir daquilo é.. tentávamos desenvolver e criar sobre tudo ou adaptar algumas atividades que já existiam, é... de acordo com os nossos objetivos. E...

Entrevistadora: Tá muito acelerado calma (risos)

P8: Não, não to. Eu to normal. É.. com o objetivo que a gente queria naquele dia. Então, nós elaborávamos três quatro atividades, daí sempre com enfoque principal no objetivo que nós tínhamos determinado dia, que é o que nós queríamos que os alunos aprendessem, saíssem daquela determinada aula com o que tipo de aprendizado, é é. E daí essa parte talvez fosse uma das... uma das mais ricas né... que era discussão, então uns começavam a falar, não mais eu acho que poderia mudar, poderia ser tal coisa, tal coisa. E se não fizéssemos tal coisa? Há, mas se nós fizéssemos tal atividade dessa forma talvez fosse melhor, porque ia dar pra dar um enfoque nisso nisso e nisso. Então é... tinha discussão o tempo inteiro. É... dos estagiários e com a professora coordenadora né... ela não deixava que a gente só decidisse sozinho nem nada. E daí de repente ela tivesse percebido que agente tava fugindo um pouco do foco ela: ”opa para um pouco, vamos voltar! Qual que é o nosso objetivo? Não era este? Será que essa atividade que nós vamos fazer, dá pra atingir esse objetivo?”. Então não ficavam em devaneios e... não não queríamos que terminassem também rápido aaaa, reunião nem nada. Enquanto não tivesse pronto de acordo com o que agente achava que tinha que ser... as atividades pra atingir aqueles objetivos do dia, continuávamos a discussão. É... uma, um outro fato que acho que a, que ajudava, então nós planejávamos a aula de hoje pra fazer na semana que vem. E... essas reuniões aconteciam sempre depois do do do...

Entrevistadora: Da aula?

P8: Do encontro, da aula com com os alunos. Então tava muito fresco na nossa cabeça. Há nós fizemos tal coisa! Foi atingido objetivo? Há, foi em partes, então não foi atingido totalmente, acho que não... olhando a aula de hoje, talvez pudesse melhorar tal coisa, tal coisa, e daí todo mundo mais uma vez contribuía, dava sua versão, fazia análise do que tinha achado daquela aula, da postura dos alunos, da postura dos próprios colegas, e tinha cobrança sim né entre nós, né... de ficar mais atento a uma coisa ou outra, os mais velhos sempre pegava um pouco mais no pé dos mais novos:”olha cuidado ó!! Tem que ficar atento com isso isso, tava explicando você tava lá conversando com outro. Ou então não tava prestando atenção no que tava acontecendo, ou então tava um só puxando a aula. Nós sempre tentávamos fazer de uma forma que todos os estagiários pudessem ministrar parte da aula. É bem verdade que a.. os que tinham um pouco mais de experiência em alguns momentos né, eles acabavam puxando um pouco mais quando viam que o, que o estagiário que era mais novo, é... ficava um pouco mais perdido, então davam um auxilio, mas nunca de cortar ou desfazer da pessoa na frente do... dos outros nem nada né. É.. até a professora coordenadora quando precisava ela chamava de lado e ela falava:” Meu se acertou nisso, se acertou naquilo, não ta vendo que ta

acontecendo isso ó aquilo?" Mas eee, enfim...acho que em sumo era isso, mas acho que até fui e voltei no...

Entrevistadora: Você falou da, se falou um pouquinho da reunião. Só vou te situar! Você falou um pouquinho como que era as noções dos estagiários... tem mais alguma coisa pra você? É como se tivesse falando assim como que era o projeto pra gente.

P8: Certo. Bom, além disso é... tinha essa questão né da da, do planejamento da organização. Sempre chegávamos com antecedência, planejados já deixava separado, é.. há, então é.. pra aula de.. da da próxima semana vamos deixar separado quais são os materiais. Há de tantas bolas, tantos cones, vai precisar de rede, de colete.

Entrevistadora: A lista de materiais, ham?

P8: De corda de tal, e daí nós chegamos com antecedência já deixávamos tudo ali separado do lado, e daí cada um já sabia que enquanto um estava explicando um, por exemplo, uma primeira atividade, os outros já estavam se mobilizando pra tentar organizar tanto os alunos, quanto o material. Pra que ficasse dentro do possível mais perfeito possível. Pra que transcorresse aquela uma hora e meia que era a quantidade de tempo que nós tínhamos pra ficar com os alunos, que eles aproveitassem o máximo de tempo possível. E no final a gente sempre fazia uma reflexão, no final da aula agente fazia uma reflexão com os alunos, aliás, antes da aula nós falávamos pra eles qual que era o objetivo daquela determinada aula, e ao final nos recapitulávamos todo, todas as atividades, se eles gostaram se eles não gostaram se eles perceberam qual que assim assi se eles acharam que tinha dado certo o objetivo daquele dia, se tinha conseguido... perceber isso, é..eles eles é... nós estigavamos né pra que os alunos falassem do que aconteceu naquela aula, qual é a percepção deles na aula, é...se eles perceberam alguma coisa além do que nós não tínhamos visto, entende? Enfim. No no final eles tinha, os alunos, podiam de fato fazer as reflexões e falar o que eles achavam da aula, dos professores, dos conteúdos, as atividades, e... nós tentávamos também é, fazer uma amarração, como dirá assim, com com o objetivo que nós tínhamos com o que eles tinham falado , e esse, esse retorno é importante porque na próxima aula nós tínhamos que levar em consideração também o que os alunos tinham dito. Então era um... é uma reflexão maior ainda que eles tinham que fazer, e o compromisso muito maior, o compromisso nosso era ficar atento no que aconteceu na aula, pra que na próxima aula, é... nós nós pudéssemos é... atender os nossos objetivos, mas também o dos alunos. A final de contas se eles não gostassem do que tava acontecendo ali na semana que vem eles não voltariam. Então a gente tinha que que ficar atento a esse tipo de informação também.

Entrevistadora: É... cada um tinha uma função ou todo mundo tinha a mesma função? Os alunos estagiários. Vocês organizavam isso como?

P8: É... o objetivo era comum a todos. E daí a única coisa que nos tentávamos fazer é... enquanto um está explicando os outros vão tentando organizar os alunos e o restante. Mas cadaa... nós tentávamos separa pra que não ficasse centrada numa única pessoa né é... de tomar a frente, uma vez até que um dos objetivos do projeto era dar dar formação do do do... auxiliar na formação dos profissionais, dos futuros profissionais na verdade, então era de... é... todo mundo poder passar pela experiência de você ministrar uma atividade ou parte da aula né. É... uma vez depois quando...

Entrevistadora: Sozinho isso? Isso você está falando?

P8: Isso na atividade em sim, cada um tinha uma atividade especifica pra você direcionar sozinho aquela atividade.

Entrevistadora: Ah tá.

P8: Os outros ajudavam também quando era preciso. Mas, a responsabilidade de ministrar determinada parte da aula, determinada atividade era de cada um dos estagiários. Então, não tinha um dia que ficava só um fazendo, os outros só auxiliando, depois só no outro. Não! Em todos é, em todos os dias, em todas as aulas, todos os estagiários tinham o seu momento dele direcionar a atividade, ou é.. parte da da aula. Ele tinha essa responsabilidade pra isso ele tinha que ter participado do planejamento, é.. tinha é é.. saber com antecedência, sabia com antecedência né, uma semana de antecedência, tudo que ia acontecer né, pra que ele pudesse também ir é...se

organizando melhor pra pra quando chegar na hora não pegar de supetão, ó você que vai ficar fazendo isso tal coisa agora! Não nós já saímos todas as manhãs sabendo o que cada um ia fazer na na no projeto naquela aula. Naquele dia.

Entrevistadora: Tá e se se falou assim um pouco por cima, mas como que era sua rotina de trabalho quando você chegava lá?

P8: Bom, a gente chegava sempre em torno de uns vinte minutos de antecedência, vinte, quinze, depende do ônibus se ele não atrasar (risos) né. Tinha que pegar lá, a chave no departamento de Educação Física, ir até a a quadra, o ginásio, abri lá, a sala de de materiais, organizar tudo. Se de repente tava ocupado, tava sujo, alguma coisa assim, agente já tinha que chegar e deixar tudo o, da melhor forma organizada possível. É.. já deixar tudo separado é... de repente você já desse circuito já deixar pronto parte do circuito, o que dá mais pra é... qualquer coisa que desse um pouco mais de trabalho, sobretudo nesses dias a gente tinha que chegar com um pouco mais de antecedência pra, deixar tudo totalmente organizado. Fazer a recepção dos alunos né, não é simplesmente chegar lá já começar dando a aula. Há então, é... uma interação com os próprios alunos um pouquinho entes deles chegarem, antes de fato começarem a aula. “Oi tudo bom? E aí como foi tal no sei o que?”. As vezes tinha algumas informações que eles passavam pra gente. Óbvio, alguns estagiários tinham um pouco mais de é...

Entrevistadora: Calma aí devagar.

P8: ... de proximidade, talvez de afetividade que outros. Mas aí é característica de cada uma da das pessoas. Até porque eles tinham um pouco mais, os alunos tinham um pouco mais de confiança, naquele que já tava acostumado a ver a algum tempo. Tinha aluno que já tava lá a dois, três, quatro anos talvez. E daí, lógico que a proximidade que ele tinha com algum estagiário que tava desde o inicio, é totalmente diferente daqueles que acabaram de chegar e tudo mais.

Entrevistadora: Lógico!

P8: Mais enfim. Acho que é mais ou menos isso.

Entrevistadora: Você falou que... vocês arrumavam e recepcionavam os alunos, começavam a aula...

P8: É então, depois sentávamos em círculo, explicávamos qual que era a é... a gente ficava intercalado entre os alunos, né? Enfim, até pra que eles ficassem um pouco mais a vontade pra pra pra poder participar e ficar a vontade sobretudo no final pra depois poder falar e tudo mais. Daí tinha as partes então aaa, a aula ensina cada estagiário a a é..fazer a sua... a sua parte e tal, e auxiliava no no contesto geral todos. No final tinha sempre a roda de conversa pra que os alunos soubessem, é é, aliás para retornar os objetivos daquele dia, e pra que eles pudessem se expor e falar o que tinham achado, e se eles tinham percebido algumas coisas, alguns enfoques né que que nós dávamos na aula, é... depois no final né, enfim... quando eles iam, tínhamos a... a obrigação de deixar tudo do jeito que nós encontramos, tudo extremamente organizado e tal, pras outras turmas que depois pudessem utilizar lá o mesmo espaço, e daí então é que nós íamos fazer é... as reflexões do que tinha acontecido naquela aula, e fazer, e trata os objetivos pra aula seguinte. Então já saiamos, nós chegávamos em torno de nove horas da manhã e saímos de lá meio dia, meio dia e meio, uma hora, uma e meia...

Entrevistadora: (Risos)

P8: Enfim. Tinha horário de chegada, de saída não necessariamente né.

Entrevistadora: E aí é... eu posso complementar quando agente fala lá da função do aluno estagiário também além de fazer esse link com o conhecimento que ele tinha com a, com a própria prática ali de refletir sobre isso, ele também ele tinha a função de da aula, de recepciona os alunos, de criar as atividades, posso dizer isso também ou não?

P8: Com certeza absoluta! É... nós tínhamos uma responsabilidade da aula principalmente, e não só de ficar lá meramente como assistente de de palco, né...

Entrevistadora: (Risos)

P8: De pegar o material, trazer aqui, leva ali nem nada. Era responsa, a responsabilidade nossa maior era de ensinar. Era do do ensino mesmo. Nós éramos de fato naquele momento os professores, né? A professora coordenadora neste momento ela ficava do lado de fora fazendo as anotações. Tanto anotações do que acontecia na aula, a postura dos alunos, e isso depois tinha uma cobrança, né? Aaa função do projeto era não só ensinar os handebol, mas dos professores também aprenderem o cotidiano do professor. Então as questões das posturas, o que você falou, do que você, de coisas que talvez passava despercebida agente começou a ficar mais atento, por conta desse olhar da professora coordenadora que sempre estava presente, não faltou nenhum dia, e ela estava lá é... semanalmente fazendo as suas anotações e depois tudo isso ela levava na na na discussão. Até se de repente ela tivesse percebido que é... naquele dia é, algum estagiário não tava ali tão atento ela chamava já: "O que aconteceu? Parece que se tava ali em outro mundo, não tava prestando atenção, aconteceu isso isso e isso e você acabou num... né? Talvez não tava tão atento ali na hora". Então tinha uma uma cobrança né? Nós éramos professores para os alunos, mas a gente tava em processo de aprovação, e e.. a cobrança, nós tínhamos nós tínhamos tínhamos uma cobrança, é... do como se portar, do de de ficar atento a tudo a tudo o que estava acontecendo naquele momento.

Entrevistadora: E como que era o seu envolvimento no projeto?

P8: Olha eu confesso que como era primeira vez que eu tava participando de alguma coisa nesse sentido, é... e o handebol ser uma modalidade nova em minha vida, porque até então nunca tinha é... tido nem nada, eu acho que eu... poderia ter me doado muito mais. Tinham pessoas que até por ter vivenciado o handebol e... e... gostarem muito mais acho que talvez tenham abraçado muito mais a causa do que eu que entrei naquele primeiro momento, que entrei porque achei que talvez fosse uma experiência legal, uma modalidade que eu não conhecia, é... tinham boas referências, excelentes referências da própria professora também, sempre muito comprometida com as questões de ensino-aprendizagem, das questões de educação, sobre tudo de escola que é pra onde eu sempre queria, então, eu vi a oportunidade... é, de entrar né, no projeto, nesse sentido. De ter mais informações e talvez ter alguns encaminhamentos pra não chegar tão assim, despreparado pra depois atuar na na escola sem ter passado por a por por a... é... por aquele processo. É...

Entrevistadora: Qual processo?

P8: ...pelo processo de de de ensinar alguma coisa que já fosse específico da minha área. Né, até então já tinha trabalhado em outros em... em projetos relacionados a educação mas... a educação informal né, não formal e... mas é totalmente diferente né, de quando agente trabalha com, com conhecimento que é da sua própria área, e num local que está muito mais próximo da da sua futura realidade, que nem o caso da escola. E...

Entrevistadora: Você poderia dizer assim que seu envolvimento ele foi parcial porque? Se falou quê se poderia ter se doado mais, porque não se doou tanto? E porque se doou parcialmente?

P8: Pausa

Entrevistadora: não se lembra? De a de a... aí eu entrei, era um primeiro momento, foi o primeiro contato com o handebol, primeiro contato com projeto de Educação Física em específico.

P8: É, foi parcial, acho que no sentido que talvez eu não tivesse também tanta bagagem ainda nem nada, acho que talvez tivesse, cru pra aquele momento. Ainda tava totalmente no no no início, não tinha talvez tanta se, tinha um, tinha um, com certeza!

Entrevistadora: (risos)

P8: Com certeza, mas tinha segurança. Né pra... até nos momentos que nós távamos numa única atividade lá que tinha que ministrar, mas eu tinha segurança tremenda. Lógico que isso até o final do ano foi ficando um pouco mais amenizado, apesar que até o final do ano ainda fiquei um pouco inseguro. É... porque da, tinha aquela questão de: "agora eles". Naquele momento eles eram os meus

alunos, e eu era referência. Então quando isso acontece né, é... a gente já fica meio preocupado. E... acho que mais nesse sentido né, da questão da insegurança. É... de não ter segurança naquela modalidade pra mim era nova também, então imagina os é... eu estou aprendendo e ao mesmo tempo estou ensinando. E... nesse sentido tem uma coisa que que pesava bastante, acho que talvez a, a parcialidade nesse nesse sentido, né?

Entrevistadora: É o nome do projeto, né? (Risos)

P8: Pois é, por acaso é o nome do projeto. Ensinando e aprendendo.

Entrevistadora: E você se sentia a parte do projeto? Sentia assim, que você podia opinar...

P8: Há não isso sempre houve!

Entrevistadora: Que você fazia parte do processo? Como que era?

P8: É bem legal porque eu sempre fui em alguns momentos, uma pessoa é... mais tímida e mais contida. Acho que eu sempre fui mais de ouvir a falar. E até quando nós tínhamos as reuniões, a professora falava: “E aí [...] e você o que que achou?”

Entrevistadora: (Risos)

P8: E ficava o tempo inteiro puxando que ela percebia que eu tinha a característica no primeiro momento um pouco mais tímida pra determinado momento. Até porque os estagiários que tinha, já tinham muito mais tempo, eles eram mais extrovertidos, eles falavam com um pouco mais de segurança. E eu ficava sempre um pouco mais... um pouco ouvindo. Talvez até pra aprender um pouco mais. Né, coisa que talvez eles já tivessem estudado algumas coisas anteriores que eu não tinha passado. Então eles tinham um pouco mais de segurança, é... de falar e discutir alguns assuntos, que que que eu ali naquele momento que tinha acabado de entrar. Apesar de estar no ultimo ano da faculdade, mais, a bagagem que eles foram criando nos anos anteriores uma coisa totalmente diferente daquilo que eu acabei de chegar e não tinha a mesma segurança de falar, e de perceber algumas coisas. E daí quando eles discutiam algumas coisas: “Nossa é verdade! Como eu não tinha pensado nisso antes?” Então esse processo de reflexão foi extremamente importante, extremamente rico, mais assim, é... eu me sentia assim, parte integrante não só por fazer parte numericamente ali do do grupo, mais a... as coisas que eu pontuava, as pessoas cumprimentavam, ou então discordavam, e eu acho que o rico foi justamente isso. Fazer essa discussão. E aí de repente a: “A não foi isso! Não aconteceu isso isso e isso? Há é verdade! Não tinha lembrado disso, não tinha prestado atenção nisso.” Então essas discussões acho que foram enriquecedoras.

Entrevistadora: Então pode-se dizer que você se sentia parte desse projeto? Através das discussões...

P8: Sim com certeza! E... nós éramos forçados na verdade...

Entrevistadora: (Risos)

P8: Lógico no bom sentido. A fazer parte do projeto. A todo momento nós éramos cutucados, instigados, né? Aaaa participar mais ativamente do do do projeto. Até porque uma das funções como eu já disse, era da formação. Então formação nossa inclusive, como futuros profissionais. Daí, profissionais que estavam atentos, que fossem críticos né, que enfim, que estivessem, sobretudo muito atentos no que tava acontecendo e, sobretudo o que estava fazendo.

Entrevistadora: E aí o que que você aprendeu no projeto? Que você considera mais relevante, dessa experiência que você passou.

P8: Nossa tanta coisa! É...

Entrevistadora: Pode falar uma de cada vez. (Risos)

P8: Talvez eu não encontre algumas palavras assim, ou recorde tanto, pois já se passaram cinco, cinco anos.

Entrevistadora: Mas pode falar do seu jeito.

P8: Mas as questões da das discussões são importantíssimas, que que fazem falta ainda em alguns momentos, ainda hoje na na na, no meu cotidiano e tal... é... das discussões, dos trabalhos em grupos, as questões da da... da cooperação de ter um enfoque mais cooperativo, um olhar mais cooperativo, acho que um pouco mais humanizador, né, da prática no cotidiano, as questões de de criar estratégias é, diferenciadas que não, que... sejam motivantes para o, pros alunos, e... a, de ficar atento ao que acontece, as questões de planejamento, de pensar com antecedência o que vai acontecer, organizar tudo, as questões de adaptações de materiais de de espaços, de como lidar com as crianças, com os adolescentes, de colocar em prática o que a gente de fato viu na na na faculdade, que as teorias elas não são só teorias, que elas sofrer adaptações, e que elas podem sim estar presente no no no nosso cotidiano, o... acho que lidar com as pessoas, com o cotidiano da da profissão, todos esses são ensinamentos da aprendizagem que com certeza foi importantíssimos pra pra pra minha formação.

Entrevistadora: E... agora entrando um pouquinho nessa parte das implicações formativas, referentes ainda essa pergunta tá? Qual que é o papel, o valor e o significado e o sentido da extensão universitária na sua formação inicial?

P8: Olha...

Entrevistadora: Fazer um complemento!

P8: Tá.

Entrevistadora: (risos)

P8: Mas é importantíssima, porque como disse tinha segurança de ministrar uma única atividade. Imagina chegar neste formato, na escola que é um lugar onde eu sempre quis, é... atuar. Então, ali tinha reduzido, um aparato da professora e dos colegas, que a todo momento ficava nos auxiliando: "Oh, fica mais atento com isso, cuidado com o que você falo, cuidado com essa postura, você tava falando e tava de costa pra determinada parte dos alunos". Então assim, todas essas aprendizagens que eu, que eu já mencionei, e mais esses cuidados, as discussões que nós tínhamos elas foram importantíssimas. Eu cheguei na escola, lógico, inseguro por ser as minhas primeiras turmas, mas com um pouco mais de segurança com certeza é... em relação se eu não tivesse participado desse projeto de de extensão. E ele ele ele me deu possibilidades é... maiores de, de realizar uma prática que fosse diferente, a ter muito mais noção de é... do como seria realidade sem o professor, é... ele me deu é... mais segurança, enfim a a a.... da minha da minha atuação lá. Eu preciso saber logo nos nos nos primeiros anos, que são sempre mais difíceis né, que a gente ainda, tá inseguro, que é a faze de de é, de fazer as experiências né, de ir testando os nossos o novo, e sobretudo na na na escola que, que é um lugar que ainda é, é de, tem um certo enraizamento na nossa área de a de a é... tem uma cultura específica né? E muito enraizada, e daí de chegar e tentar mudar e fazer algo diferente...

Entrevistadora: Mas uma cultura específica enraizada do que da Educação Física na escola?

P8: É...

Entrevistadora: Você falou que tem...

P8: Ou de não ter nada, na área da Educação Física...

Entrevistadora: Há tá.

P8: De ter sempre o futebol a bola ou quando muito tem as quatro modalidades né, coletivas, futebol, vôlei, basquete e handebol. E de tentar mostrar que, tem muito mais que aquilo, de chegar com a metodologia um pouco diferenciada do que normalmente eles tinham, do enfoque totalmente

diferente do que eles tinham. Então, acho que o projeto, acho não, tenho certeza, ele foi extremamente importante e, me deu um apa... aparato maior é, de como lidar com as situações do meu cotidiano sobretudo.

Entrevistadora: E aí o que que se acha que a extensão universitária ela se diferencia da pesquisa, do ensino e da pesquisa?

P8: Calma de novo.

Entrevistadora: Você falou que foi importante o projeto de extensão universitária pra você, te deu mais segurança tudo. O que que se acha que o projeto, a extensão universitária se diferencia do ensino e da pesquisa?

P8: Do ensino que você diz, das aulas propriamente dita da faculdade?

Entrevistadora: O ensino na graduação.

P8: Tá.

Entrevistadora: Porque o critério é a educação, né? Ele fala ensino, pesquisa e extensão.

P8: É... extremamente simples ela de fato, faz o link da da da do que, de tudo aquilo que eu que eu que eu aprendi e coloca em prática, mas ainda dentro da faculdade. Acho que o momento que a gente tende a acertar e de errar e, sobretudo de errar, é na na, é lá na, na faculdade. Então a inserção universitária ela é fundamental, porque não adianta de nada eu ficar lá ouvindo todas as teorias que existe, indo né das pessoas que pensam de de ter uma forma diferenciada né, de que constroem conhecimento de determinado, se eu não consigo perceber e visualizar aquele conhecimento que eu aprendi, e de fato colocá-lo em prática. E não é só colocando em prática quando agente acaba organizando planos de aula na escola e faz com os próprios colegas da turma, que estão pré-dispostos a fazer aquelas atividades, ou auxiliá-la porque vai ser diferente ou porque vai ser legal. É... a gente de fato coloca em prática com aqueles que poderia ser os nossos alunos na escola ou na academia, onde quer que seja. E... a extensão universitária é importante por isso, ver o que coloca em prática aquilo que eu estudei, vejo o que tava certo, o que tava errado, o que poderia ter melhorado antes mesmo de ter entrado no mercado de trabalho e no meu caso específico a escola. Então é mérito extremamente importante e, deveria ser obrigatório em todos os cursos na verdade.

Entrevistadora: Eeee assim, se falou muito bem do projeto da extensão, mas se você precisasse diferenciar a extensão, o ensino e a pesquisa? Se falou dentro daquela extensão do que ela promove isso diferencia já. Mas se você tivesse que diferenciar ensino, pesquisa e extensão. Ensino é tal, pesquisa é tal.

P8: É...o ensino é extremamente importante. A gente não adianta achar que vai fazer uma prática diferenciada se a gente não tem uma, uma bagagem, não tem conhecimento suficiente pra entender o porquê que você ta fazendo aquilo e daquela forma, ou daquela forma que, que é diferenciada. Então...

Entrevistadora: O que se acha que contém o ensino?

P8: As questões teóricas elas são extremamente importantes. Elas não se, elas nos fazem pensar, refletir, nos fazem ver um novo mundo, um novo mundo que que que deve ser regravado, que deve ter né, que deve estar em constante evolução, e a teoria, ela é importante nesse sentido. Ela nos instiga, ela nos instiga assim de querer transformar. É...

Entrevistadora: O ensino então você diagnostica como a teoria, como o conteúdo é... como se fala?

P8: É a... teoria, são os conteúdos que a gente acaba aprendendo né...a...

Entrevistadora: O ensino?

P8: A teoria de formação mesmo.

Entrevistadora: Tá! Entendi.

P7: Exatamente! O ensino.

Entrevistadora: E a pesquisa?

P8: A pesquisa? Acho acho que ela tentaria, nem sei se consegue tão bem, talvez, tem ali as questões da teoria e da prática, mas... acho que a pesquisa ela é extremamente importante inclusive nós no próprio projeto nós podemos ter o privilégio até talvez de de de de fazermos pesquisas juntos, mais analisando nosso próprio cotidiano, nossas próprias atividades do nosso dia a dia dia. E algumas coisas elas davam tão certas, eram bacanas, diferenciadas que nós pudemos inclusive levar pra congresso e tudo mais. Então acho que, a pesquisa e o ser pesquisador do seu cotidiano, ele acabava, ele é, ele é importante. Ele acaba no nos estigando, a... ficar o tempo todo no no... Como que eu diria? É...

Entrevistadora: Falo importante por quê?

P8: Calma.

Entrevistadora: Calma.

P8: A pesquisa?

Entrevistadora: É o que se ta falando.

P8: Vamos lá. Bom, acabei dando um enfoque da pesquisa no próprio projeto né. É... acho que a função da pesquisa na verdade acaba sendo de de trazer a tona, alguns problemas ou algumas boas situações, algumas soluções pro um determinado fenômeno, alguma coisa que esteja acontecendo ou que seja relevante de de ser é... analisada.

Entrevistadora: E aí dessas duas diferenças da extensão?

P8: Porque na extensão dá pra aliar tudo!

Entrevistadora: (Risos)

P8: Na extensão dá pra aliar a teoria, as questões da da da prática docente no no no meu caso em específico, da né, do futuro profissional, e de pesquisar aquilo que tá acontecendo, de fato é, tem um olhar diferenciado e... e fazer uma análise daquilo que está acontecendo, daquilo que a gente, estudou, daquilo que está colocando em prática pra saber se de fato está dando certo ou se não está dando, por que que não está dando e sendo embasado pelas questões teóricas né. Acho que é mais o menos isso.

Entrevistadora: Ok! (risos) não! Você entendeu ou quer eu expliquei?

P8: (Risos)

Entrevistadora: Pra fica mais fácil pra você compreender. E aí quais as implicações da extensão universitária na sua atuação como profissional nisso? O que que ela implicou agora na sua atuação profissional?

P8: Eu num... eu me considero um... um profissional ligeiramente diferenciado do dos demais que que se propõe a fazer o mesmo que eu faço que que é dar aula em escola.

Entrevistadora: Por quê?

P8: É... primeiro pela formação que eu tive, e daí as questões teóricas sim são importantes os enfoques que eu tive na faculdade são importantes, mas talvez o mais importante tenha sido como

que eu consegui visualizar essas teorias na prática. E isso eu consegui no projeto de extensão. Era lá que agente conseguia de fato colocar em prática as teorias de tudo o que agente acabou é... aprendendo nos bancos da universidade, foi justamente nesse projeto de de extensão, que... o dia dia, a a a como lidar, como de fato pensar no que nós tínhamos estudado e colocá-lo colocá-lo em prática.

Entrevistadora: É, eu to falando das implicações da extensão na sua formação profissional.

P8: E daí tudo isso acaba podendo, acabei é... tudo talvez não sei, talvez seja pretensão. Mas boa parte do que eu eu pude ver lá no projeto eu eu pude trazer aquilo pro meu cotidiano. A forma de lidar, a forma de lidar com com com as crianças, com os adolescentes, é... a forma de de de de transforma né os conteúdos que são da Educação Física escolar. Tendo um novo enfoque, até metodologias diferenciadas, a... a.... enfim, a forma de de de de pensar a Educação Física na escola acabou se concretizando mesmo no projeto de extensão. Acho que que é isso. Então a a... o que eu sinto a falta que nós tínhamos na época do projeto de extensão e que não vejo e não tem pelo menos nos locais onde acabo atuando é a discussão, é... rica que agente tinha não especificamente ali no caso das aulas enfim, mas um projeto maior, enfim, a discussão que a gente tinha de de de, das reflexões que a gente tinha no projeto, no cotidiano infelizmente a gente acaba não não tendo, porque... são formações em épocas diferentes, dos professores que atuam na escola tem formações diferentes, então isso implica em pensar em educação e Educação Física de uma forma é... diferente. Então algumas, alguma coisinha ou outra a gente acaba até né... conversando tal, mas aquela rica discussão que agente tinha de troca de informações de, isso infelizmente eu acho que acaba faltando hoje em dia no meu no meu no meu dia dia né enfim.

Entrevistadora: Então posso dizer que foram diversas as implicações?

P8: Com certeza!

Entrevistadora: E agora é, eu vou pedir só pra você pontua, se falo um pouquinho o que você aprendeu lá em cima, todos os elementos que você tem certeza é, que foram aprendidos no projeto de extensão. Não em outro lugar! Que se tem certeza que foi aprendido lá no projeto de extensão universitária.

P8: Olha, acho que principalmente nas questões de metodologia, de de, adaptar atividade, de criar estratégias que possam, é... dar subsídios a aos objetivos que eu tenho em determinadas aulas, em determinados conteúdos. Principalmente essa questão da da modificação de criar estratégias, acho que isso foi o, assim, talvez o um dos ensinamentos mais importantes. Além de com certeza as questões de de de pensar em situações de, que sejam mais cooperativas, que não sejam tão competitivas, a... de pensar sempre em fazer atividades que meninos e meninas pudessem fazer ao mesmo tempo sem distinção de só pra menino de só pra menina, que era coisa que a gente batia muito ali no projeto. Não tinha nunca isso de extinção né. De meninas fazem uma coisa e meninos fazem outro. É... acho que de ficar mais atendo a que acontecia o que acontece nas aulas de ter um olhar acho que um pouco diferenciado, ir um pouco mais além de enxergar ali só determinada, só o movimento em si. Mas acho que acabava entrando talvez até as questões um pouco mais pessoais, talvez um pouco questões um pouco mais afetivas que a gente acabava tendo quando a proximidade que tinha com os alunos. Não só de chegar e de dar aula, mas de tentar né se interar um pouco mais do que pensavam do que agiam, das discussões, acho que tudo isso auxiliou e muito é... e auxilia e interfere ainda hoje nas minhas aulas.

Entrevistadora: Então pode eu é, a ultima pergunta. É... esses elementos todos que você falou que foram aprendidos é... são aplicados na sua atuação profissional hoje?

P8: Sim. Na sua grande maioria são. Na sua grande maioria, de lá pra cá, é lógico que com a experiência que agente vai tendo ainda vai elaborando, vai elaborando outros. Mas ter passado pelo projeto foi de extrema importância na minha vida enquanto professor e até enquanto pessoa mesmo né. Porque nós não tínhamos só um grupo de futuros profissionais ali que acabou e tudo mais, nós todos é... tínhamos acho que uma ligação muito grande, acho que foi criado de uma certa forma uma certa família ali naquele projeto. Porque não tinha só a, a pretensão de ensinar o handebol, mas as pessoas que estavam ali fazendo parte de fato tentavam respirar aquilo e de tentar fazer melhor da melhor forma possível. E daí pra isso né, nós éramos instigados o tempo inteiro e tal, é... tinha uma

preocupação acho que muito grande com as questões de educação. Na educação assim, na formação do ser humano e não só na formação daquela pessoa que vai aprender a jogar handebol agora. Acho que tinham outras questões que acabavam repassando por todo o projeto e pelas nossas ações. E... arrisco até dizer que talvez fosse um dos melhores projetos que tinha naquela universidade com enfoque que nós tínhamos.

P9

Entrevistadora: Então é assim primeiro momento, vamos falar um pouquinho da divulgação, de como que você, como que você conheceu o projeto, é como que você ficou sabendo sabia o objetivo desse projeto?

P9: Na verdade o projeto ele...

Entrevistadora: Como que você você aproximou, né?

P9: Na verdade ele começou comigo e com a [...], ele não existia né?

Entrevistadora: (Risos) Como que foi então me diga, como que foi?

P9: Eu me aproximei da [...] assim é por uma disciplina, que ela trabalhava com projeto especificamente eee, eu achei interessante, tive algumas conversas com ela e ela comentou à respeito do projeto, duma formação de um projeto específico de aprendizagem esportiva escolar.

Entrevistadora: Mas era aquela disciplina de projeto de atividade, acho que era.

P9: Sim, sim.

Entrevistadora: Ah ta, beleza.

P9: E, ela tinha um nome específico, ela já tinha estipulado, a gente conversou sobre isso, ela falou que a gente iria se aproximar da secretaria de educação e iria nortear algumas coisas e que se eu teria interesse em participar.

Entrevistadora: Que legal.

P9: Éé, e aí o primeiro contato se deu por isso, não existia antes, então foi uma elaboração em conjunto.

Entrevistadora: Mas ela que tinha, você falou que tinha interesse pra ela de fazer algum projeto, ou ela que veio com a idéia e te convidou?

P9: Não, a, a, idéia era dela...

Entrevistadora: Hã.

P9: A idéia do projeto era dela, a gente conversou por meio da, a disciplina foi um meio de nos aproximar.

Entrevistadora: Ahh entendi!!!

P9: E determinado momento a gente conversou sobre isso, ela fez esse convite eee, acabou começando assim (risos).

Entrevistadora: E você, se lembra do objetivo do projeto? Mais ou menos, não precisa ser como tava no projeto.

P9: Então, a idéia era pegar algumas crianças, trabalhar com a, a crian... com o grupo específico de crianças de uma escola da periferia de [...]...

Entrevistadora: Hã, hã.

P9: Com um, maior defasagem no âmbito motor, então seria uma escola definida...

Entrevistadora: Como é que vocês descobriam...

P9: Definida pela direção...

Entrevistadora: Ah tá!

P9: De ensino do município de [...], que seria a escola com maior dificuldade nesse, nesse âmbito, eee, é a gente acabou tendo uma reunião especificamente com eles coma direção de ensino com alguns professores e foi definido que a escola [...], que é uma escola da, da periferia, periferia bem complicada da cidade seria...

Entrevistadora: Lembra onde que era?

P9: No, no [...].

Entrevistadora: Ahhh, longe.

P9: É, ee, também seriam crianças especificamente que não teriam participado de nenhuma outra éé, nenhum outro projeto sócio-educativo.

Entrevistadora: Nossa!

P9: Então seriam crianças bem desprovidas nesse sentido de participação, crianças que iam pra escola, e voltavam pra casa...

Entrevistadora: Eles tinham...

P9: não eram assistidos por outra, outro tipo de programa, éé, então a seleção se deu muito nesse sentido.

Entrevistadora: Eee, você falou que seriam pessoas restritas de vivências corporais por exemplo.

P9: Crianças.

Entrevistadora: Crianças né.

P9: Hum, hum.

Entrevistadora: Eles tinham aula de Educação Física?

P9: Tinham as aulas regulares...

Entrevistadora: Ah tá.

P9: Que já eram mínimas né.

Entrevistadora: Humm tá.

P9: Ééé ,a gente acabou aí estipulando a idade dos sete a dez anos, ee o número de criança também era embasado por isso, a gente colocou quarenta crianças seriam dez de sete anos, dez de oito, dez de nove, dez de dez, e turmas mistas, éé numa quantidade igual de meninos e meninas.

Entrevistadora: Que legal! Ah, então assim nem teve divulgação né a diretoria que escolheu o projeto pra você né?

P9: E aí nós mantemos contato...

Entrevistadora: Nossa, eu fiquei curiosa, como que a diretoria conseguiu descobrir qual era o colégio menos desprovido de ação corporal?

P9: Não é, não seria desprovido nesse sentido, mas talvez uma, uma defasagem na quadra...

Entrevistadora: Defasagem é, desculpa.

P9: A defasagem, éééé o professor de Educação Física é aquele mesmo do professor da escola, né? A professora regular na verdade.

Entrevistadora: Ah! A professora tipo um lá, pedagoga polivalente.

P9: É exatamente, e acho que influi muito também o bairro, a questão em si né, não era uma escola ééé, antiga nem nada, eu cheguei ir pra escola a gente fez até algumas vivências contra na própria escola né, eles tinham uma quadra, num, não era uma quadra tão ruim assim, a gente pode desenvolver alguns trabalhos, ali, mais o bairro eu acho que influiu de uma maneira bem, ééé bem relevante, porque é um bairro muito complicado, são crianças que têm muitas dificuldades com familiares, dificuldades financeiras, ééé, muitas vezes com pai preso, com a mãe que não era tão presente, era omissa, negligente em alguns momentos.

Entrevistadora: E eles não tinham área de lazer em volta possivelmente.

P9: Existia um campinho na frente da escola, mais, mais acredito que nem todos frequentavam, né?...

Entrevistadora: Entendi.

P9: Até por meio da violência do bairro, num seria um espaço, a questão das crianças não brincarem mais tanto na rua como antigamente, então nesse sentido o contexto influía para que fosse um bom grupo de crianças a serem trabalhadas, principalmente por não ser também assistido por outras instituições por outros programas, existia um projeto do lado da escola, chamado projeto girassol[18]...

Entrevistadora: Hum, já ouvi falar.

P9: E as crianças tinham atividades artísticas, manuais, ééé, se não me engano, aula de capoeira, existiam algumas atividades permanentes dentro do projeto, mas essas crianças não frequentavam esse projeto, então eles, eles estudavam em horário alternado, o de aula e não tinham nada...

Entrevistadora: Mas porque que eles não frequentavam? Você sabe?

P9: Não sei ,não sei, é, é, talvez pelo número de vagas do projeto, que seria um projeto mais restrito ou...

Entrevistadora: De [...]?

P9: Tinha um número delimitado... de [...], tinha um número delimitado de vagas, nem todos podiam ser assistidos. Acredito que a grande a grande questão seja essa, ou talvez pela não preocupação dos próprios pais em inscrevê-los, nesse outro tipo de programa, a não participação ativa deles, dos pais, responsáveis, talvez seja por isso.

Entrevistadora: Curioso, e você sabia assim no projeto qual era o papel do professor-coordenador e qual era o papel do aluno estagiário né que seria no caso você.? Quando eu falo em aluno estagiário, de graduação seria você.

P9: O papel do professor-coordenador no caso seria da docente, da doutora.

Entrevistadora: Isso, isso.

[18] Projeto Girassol: Projeto social que proporcionava as crianças da comunidade atividades manuais, artísticas, esportivas, de lutas e etc. No contraturno das aulas dos alunos da comunidade onde ocorreu este projeto de extensão universitária.

P9: Da [...]?

Entrevistadora: Isso ela é mesmo, qual que era função dela no projeto?

P9: Então ela supervisionava as minhas atividades, os planej, os planejamentos em si eram passados pra ela, aí determinado momento a gente fazia, conversava com os outros orientandos né que seriam as duas meninas trabalhavam junto comigo,

Entrevistadora: Ah você tinham mais duas pessoas trabalhando com você?

P9: É.

Entrevistadora: Que legal!

P9: E elas me auxiliavam, a gente tinha reuniões semanais, quando não dava pelo menos de quinze em quinze dias pra discutir o andamento do programa e no primeiro dia ela, partici, ela participou ativamente, então a gente fez o circuito pelo espaço de atividades que era a praça de esportes da [...], né...

Entrevistadora: Ah, ah, ah...

P9: ...então ela frequentou isso comigo e em algumas atividades ela participou também ativamente somente nessas primeiras, primeiras datas aí, nesses primeiros dias ela estava junto, inclusive ajudando na atividade, no andamento, no desenrolar, ela, ela esteve bem presente.

Entrevistadora: Que legal, e a função de vocês como aluno-estagiários no projeto de extensão universitária?

P9: Era administrar as atividades, oo, esse tipo de controle mais burocrático da, da, das crianças, das faltas, a gente, a gente tinha com relação a eles, éé, é mas a coordenação pedagógica que indicava por exemplo...

Entrevistadora: Da escola?

P9: Sim.

Entrevistadora: Tá.

P9: Sobre a permanência ou não sobre algumas crianças, como por exemplo no meio do ano começando o projeto em Abril, no meio de Abril, em Março todas as reuniões, a discussão, planejamento, no meio de Abril nós começamos com as atividades, e aa, e a coordenação pedagógica no meio do ano, ela faz a reposição de alguns alunos, que não, que estavam faltando excessivamente, não iriam continuar no segundo semestre. É então de certo modo a coordenação trabalhou também nessa parte mais burocrática de controle, de números de alunos, teve uma participação importante também, mas a nossa específica era de, de ministrar as atividades e um determinado momento do projeto a nossa autonomia acabou sendo quase que integral, porque a gente teve um problema com a saída da, da nossa docente, no caso a responsável pelo programa, a coordenadora ela se afastou da faculdade, ela, ela, teve um período de três meses se eu não me engano, uma licença prêmio que ela cumpriu, depois teve que viajar, e uma aposentadoria no meio do, do programa, próximo já, da, da, da do meio do ano, então durante boa parte do ano a gente acabou tocando muita coisa, do projeto então.

Entrevistadora: Mas aí você tinham a função do quê?

P9: A parte da organização, éé é as reuniões acabavam sendo geridas por nós mesmos e a gente teve uma dificuldade de reposição desse coordenador, de atividades eu acabou sendo de uma outra professora, posso te falar o nome?

Entrevistadora: Pode, vou tirar depois (risos).

P9: A [...] mas, bem ausente nesse sentido porque ela já era responsável por outro projeto de extensão, éé, é a gente entendia a demanda de trabalho dela, era excessiva e num determinado momento a gente se adequo e, e tocou bem o trabalho sozinho também.

Entrevistadora: Vocês basicamente acabaram, do meio do ano pra frente, é, é, é, fazendo o que o coordenador fazia.

P9: Sim, de certo modo a gente acabava se remetendo à [...], em alguns momentos, em algumas questões que talvez fosse assim além do que a gente poderia.

Entrevistadora: Quais questões, por exemplo?

P9: A gente tinha dificuldade, algumas dificuldades de espaço então na [...] por ter outras atividades pelos docentes darem aula em determinados locais, éé a gente às vezes tinha que, tinha que conversar com a coordenação do programa em si pra saber se poderia utilizar certas áreas.

Entrevistadora: Os alunos vinham até vocês?

P9: Sim.

Entrevistadora: Ah tá!

P9: Duas vezes por semana, num período de uma hora e meia, eles vinham com o ônibus que também tinha sido cedido pela Prefeitura de Bauru, pelo município e as atividades eram desenvolvidas na praça de esportes da [...].

Entrevistadora: É, é, é essa é a dúvida que eu quero, você falar que a professora tinha ajudado, eu falei, mas a gente mas ela foi no colégio também?

P9: E, em alguns momentos também a gente tinha que, chegar pra coordenação e questionar sobre esses espaços, reivindicar em alguns momentos que era necessário pela atividade, iii, pra aquela atividade acontecesse né, fosse ministrada ai, então acho que o grande marco do projeto, uma, uma coisa relevante foi essa saída da coordenação em um determinado momento e essa autonomia que acaba sendo desenvolvida...

Entrevistadora: Autonomia obrigatória?

P9: Autonomia obrigatória exatamente.

Entrevistadora: Em algum momento do projeto vocês discutiram o que era a extensão universitária? Se lembra se em algum momento vocês sentaram...

P9: Nas primeiras...

Entrevistadora: E alguém falou o que era extensão universitária?

P9: Nas primeiras conversas a gente é principalmente com a [...] a gente teve uma participação de, de conversa a idéia que ela queria ter, com relação ao compromisso social, em relação às crianças que viriam, esse momento que a gente na Secretaria de Educação pra conversar especificamente com a coordenação, coordenação pedagógica, pra depois escola, acabou sendo discutido talvez não numa maneira tão direta, mas, mas isso por meio dos objetivos do programa a extensão acabou sendo discutida também.

Entrevistadora: Pra explicar o projeto pra outros órgãos, mas entre vocês teve alguma discussão? “A extensão universitária é isso...”

P9: Talvez, foi o que eu tentei dizer...

Entrevistadora: Hã.

P9: De uma maneira indireta talvez isso tenha acontecido não pela, extensão em si a conceituação do termo da extensão...

Entrevistadora: Tá.

P9: Mas pelos objetivos seria importante que a universidade oferecesse o compromisso social, essa responsabilidade social com relação aos alunos, ao tipo de proposta que a gente poderia oferecer, acredito eu, seja necessário e obrigatória hoje em dia né, pra completar essa tríade aí, ééé...

Entrevistadora: É.

P9: ... então, eu acho que sim de uma determinada maneira sim.

Entrevistadora: Então a gente vai falar agora do projeto de você como aluno estagiário, como que era esse projeto de extensão que você participava? E como que era a sua rotina de trabalho no seu projeto de extensão universitária.

P9: Cê diz, é, é...

Entrevistadora: Como que ele era, e como funcionava? Horário, falando um pouco assim, resumidamente, e qual era a sua rotina de trabalho?

P9: Se eu não me engano era de terça e quinta-feira das, as crianças chegavam por volta de nove horas, saiam dez e meia mais ou menos com ônibus cedido pela Prefeitura então é a gente teve poucos problemas com relação a isso, então né...

Entrevistadora: Que bom né!

P9: Na maioria das vezes o ônibus chegou trouxe direitinho, motorista permanecia na praça de esporte e depois os levava embora.

Entrevistadora: Não vinha nenhum responsável da escola?

P9: Vinha, vinha um responsável, ééé, mais em determinados momentos era a professora e determinados momentos não, de qualquer maneira tinha alguém, não era simplesmente levado pelo motorista né, quarenta crianças essa distinção de sete a dez anos nem todos os momentos vinham as quarenta crianças pelas faltas que eu já te falei né, é, é, então a gente tivesse uma presença de uns noventa por cento, por uma análise aí, éé, func... funcionava uma hora e meia, teoricamente a gente tinha todos os espaços disponíveis na praça de esportes então tinha aquela pista, ao redor do campo, tinha uma sala de ginástica, sala de dança, tinha o ginásio e as quadras eternas, então era o espaço que era cedido pra gente, que era boa parte do que, do que tinha na época assim né, salas específicas, salas didáticas assim.

Entrevistadora: Hum, hum.

P9: A piscina não existia, não sei se existe até hoje...

Entrevistadora: Existe, agora existe, ta saindo.

P9: ... iii a gente tinha uma oferta boa de espaço, o tempo a gente considerava assim, éé, relevante, era um momento bom de, e seria o máximo também que a gente conseguiria, duas vezes por semana, uma hora e meia, totalizando três horas, ééé, era o, era o ideal talvez pra que a gente pudesse fazer né, principalmente pela dificuldade da, da Prefeitura cedê, ceder o ônibus, a gente teve algumas atividades quef oram externas, a gente foi pro um jardim zoológico faze um passeio...

Entrevistadora: Que legal!

P9: No final do ano, a gente fez algumas atividades na própria escola também mas...
Entrevistadora: Que legal!

P9: Fomos com a [...], a coordenadora na época, então ééé, e a, e a escola ajudou em determinados momentos também, na questão dos lanches por exemplo no passeio do jardim zoológico...

Entrevistadora: Que legal!

P9: Também foi cedido por eles né, ééé acho que foi considerável, nesse ponto assim.

Entrevistadora: E como que era a sua rotina de trabalho? Chegava, fazia o quê?

P9: Hum, então a gente chegava e trabalhava com currículo de diálogos no começo e no final pras crianças né, então desde o primeiro dia a gente trabalhou nesse mesmo esquema, que seriam: conversar, unir, trabalhar em roda com eles em muitos momentos, conversar muito sobre os combinados que a gente deveria ter, o tipo de comportamento, com relação, entre os alunos e entre os professores e os alunos, é, é a gente apresentava as preposições de trabalho daquele determinado dia...

Entrevistadora: Hã, hã.

P9: ...iii no final a gente fazia um balanço, um um, também dava um feedback pra eles, como é que tinha sido o dia, quais as sensações que os professores tiveram...

Entrevistadora: Que legal.

P9: Até aquele momento, e as atividades em si a gente procurava saber por parte das crianças o o que seria de agrado...

Entrevistadora: Que motivaria?

P9: Que seria ruim...

Entrevistadora: Ai que bom!

P9: Porque de repente algum momento houve um conflito que não foi resolvido, é, é o que a gente poderia fazer pra melhorar essa, que tipo de conduta a gente teria pra resolver o conflito, era mais ou menos isso assim e as atividades, então talvez totalizasse uns quinze minutos entre essa conversa inicial e essa conversa final, iii, e o restante a gente trabalhava em atividades esportivas, atividades, atividades rítmicas, trabalhava ginástica, outro momento a gente trabalhou com atletismo com jogos pré-desportivos a gente fez bastante coisa sim.

Entrevistadora: Iiii e as reuniões de vocês? Ficavam quando? Que você falou que se reuniam?

P9: As reuniões eram em outros momentos né? Porque eu estudava à noite, o projeto era na parte da manhã, éé então era em horário variado dependendo da disponibilidade de cada um, inclusive das outras duas que participavam do projeto.

Entrevistadora: Vocês eram em?

P9: Três.

Entrevistadora: Três mais a professora coordenadora, ta entendi! E o que você, você acha que tinha um envolvimento no projeto? Como que era esse envolvimento?

P9: Em determinado momento acho que sempre foi grande (Risos)...

Entrevistadora: Por quê?

P9: Ah! Talvez por eu ter sido convidado, por eu ter recebido a bolsa...

Entrevistadora: Ah você recebeu bolsa?

P9: Recebi uma bolsa de extensão, que também foi um grande caminho pra eu começar a trabalhar com pesquisa, saíram dois trabalhos da, do projeto extensão né...

Entrevistadora: Que legal!

P9: ... iii então ele partiu grande, a participação era, era muito grande, inclusive por exemplo no, no, no, na questão do logotipo do, do projeto né, então nesse início talvez do mês de Março para Abril, quando iniciou é, é a participação era muito grande minha com relação com a coordenadora do projeto então a gente foi descobrir um logotipo que seria importante, a gente foi fazer camisetas pra...

Entrevistadora: Que legal!

P9: Desenvolver o trabalho, acho que ganhou muito corpo nesse início de questão vestir a camisa do projeto mesmo.

Entrevistadora: E no processo durante...?

P9: E no processo acabou aumentando mais ainda, pela saída né, pela ausência da coordenação éé, talvez eu tenha assumido um pouco dessa questão, principalmente porque as duas meninas eram mais novas, eram bichetes minha iii e foram convidadas depois a entrar, elas eram voluntárias, talvez eu me sentisse mais é, é, é mais à frente disso tudo, por ser bolsista, por ter feito todo esse contato inicial, todo contato com a coordenação, é me senti mais à frente disso né...

Entrevistadora: Um pouco responsável até, né?

P9: Muito mais responsável nesse caso né?

Entrevistadora: Então eu posso dizer que o seu envolvimento no projeto assim, foi grande, então também posso dizer que você se sentia parte do projeto?

P9: Sim, iii...

Entrevistadora: Tanto é que você podia opinar, intervir (Risos).

P9: Em determinado momento acabou sendo tudo isso né, porque o planejamento era feito por mim, aaa ministrar a atividade, também era feito por mim e pelas meninas, o planejamento em si éé, eu passava pras pras meninas num... em nenhum momento saiu delas, em algum momento a atividade acabava alterada né, por uma sugestão e tal, mas eu me sentia tão responsável não imbuía as duas de pensar em atividades, ou éé, talvez um lado centralizador de, de fazer as coisas muito por mim, não sei.

Entrevistadora: Ah então as reuniões serviam pra quê?

P9: As reuniões de início?

Entrevistadora: De vocês. É, de vocês.

P9: De início quando ainda havia coordenação?

Entrevistadora: Quando havia as reuniões que você falou, né? Que vocês se encontravam conforme as possibilidades dos horários de vocês.

P9: Quando havia coordenação, a, o planejamento era passado pro coordenador, do projeto e ela indicava se a gente estava no sentido correto do trabalho ou que poderia alterar.

Entrevistadora: Mas sempre você que fazia? Ou...

P9: O planejamento eu fazia.

Entrevistadora: Ta, entendi.

P9: A, a, a, pras duas meninas eram passados as atividades que seriam, a gente conversava antes do ônibus chegar junto com as crianças, quais tipos de atividades poderiam ser feitas naquele dia, já com planejamento prévio iiii, ii eram efetivadas, eram ministradas também por elas, mas o planejamento não.

Entrevistadora: Entendi. O que você aprendeu no projeto que que você considera mais relevante dessa experiência aí?

P9: Ah! Foram tantas coisas! (Risos)

Entrevistadora: Pode falar todas.

P9: Você diz pessoalmente, pelo lado profissional, pelo o quê?

Entrevistadora: O que você aprendeu, tudo. (Risos)

P9: Acho que eu criei muita autonomia assim, foi, foi um ano bem importante pra mim nesse sentido, de responsabilização, de trabalho, tem, de aliar essa teoria à prática, porque acabei tendo que estudar muito mais, pra poder me embasar das atividades o conhecimento necessário para que as atividades realmente surgissem e fossem efetivadas né, ee, autonomia assim, nesse meio do ano em diante porque, é questão de realmente de tomar a frente porque era necessário éé, a outra docente que tava à par e auxiliava em determinados momentos, ela tava muito ausente do que do que realmente acontecia no dia a dia no projeto em si, no que poderia melhorar ou não, nesse sentido né, então acho que pra mim foi ótimo né, foi também o início de pesquisa, começar a trabalhar com pesquisa nesse caso, a gente fez uma avaliação inicial, um diagnóstico de avaliação motora das crianças, então trabalhamos muito com as ideias do Lebuch com a psicomotricidade e fez uma avaliação em Novembro no fim de Novembro, a gente foi destacar algumas mudanças significativas, com relação às melhorias, iii, acabou resultando em dois, em dois trabalhos assim, foram pra dois congressos um de extensão universitária e um pra UNICAMP, que foi uma das meninas que mandou...

Entrevistadora: Que legal!

P9: ... ela mandou como co-autor acho que pra elas foi relevante nesse caso, porque talvez tenha sido uma das primeiras experiências de com relação a pesquisa ééé então...

Entrevistadora: Hum, hum. Você pode dizer assim o que foi mais relevante então.

P9: O que?

Entrevistadora: Você falou de várias coisas que você aprendeu, qual seria assim a mais relevante dessa experiência?

P9: Mais relevante? Ah é difícil (Risos) discriminar uma né, é é, é não sei assim, a parte da prática eu já tinha, em alguns momentos, porque eu já tinha trabalhado muito com recreação...

Entrevistadora: Humm.

P9: ...então desde o início, desde o desde dois mil e dois eu já fazia estágio, então eu já desempenhava algumas funções nesse sentido, talvez a mais relevante seja o principio da pesquisa, acho que se for pra definir uma coisa em específico é é, esse tipo de valores de responsabilização de autonomia não sei talvez eu já tivesse e...

Entrevistadora: Legal, do projeto pra você.

P9: ... e mais, o que talvez o que fomentou mesmo tenha sido a pesquisa.

Entrevistadora: Início da pesquisa. Então entrando agora um pouquinho nessa parte das implicações formativas, constituição dos elementos, vou devagar nessa pergunta tá? Qual que é o

papel, o valor, o significado, e o sentido da extensão universitária na sua formação inicial lá na graduação? Depois eu faço a outra senão confunde.

P9: O que eu pensava na época seria isso?

Entrevistadora: Não. Qual que você acha que foi o papel da extensão universitária né, o valor o sentido, o significado e tudo na sua formação inicial? Pra você, você passou pela extensão e ela teve um sentido, um valor, tudo. Qual foi ela pra sua formação inicial quando você tava lá. É que você percebeu já atuando, certo? Mas se você não tivesse passado na sua formação inicial.

P9: Acho que o reconhecimento da importância da da, extensão é é é, acho que necessário a gente trabalhar com pesquisa em alguns momentos, isso vai ser relevante pra outros profissionais que estão por vir ou para algumas discussões teóricas pra fomentar algumas, algumas teóricas isso com certeza e muito relevante, mas trabalhar junto a população, específica que tem necessidades, que tem carências, que são desprovidos de algumas coisas nesse sentido, no caso do projeto seria a dificuldade de âmbito motor, é talvez pra mim tenha tido a importância que eu considero hoje também...

Entrevistadora: Qual?

P9: ... não sei se eu conseguiria, bom, (risos) a importância de que ela deva existir, de que ela não pode, de que ela tem que ser ampliada de que a gente não pode tá longe é é, desse tipo de população...

Entrevistadora: Hum, hum.

P9: ... é é é a Universidade pública tem que tá próxima desse, desse nicho, nicho não no sentido de.

Entrevistadora: Não eu sei.

P9: É, no sentido.

Entrevistadora: Falaria nicho de mercado, né?

P9: É.

Entrevistadora: Não o público alvo.

P9**:** Não corporatista né, é é é, tá próximo dum, a pesquisa tem que estar próxima da população, ela tem que ter uma relevância pra ela, a gente não pode se distanciar muito disso né, vou discutir apenas conceitos, eu não vou é fazer pesquisas sobre conceituações e fica longe, mas pera aí, o que é relevante pra pessoa ali em si, eu pêra aí to estudando sobre movimento sobre a pedagogia do esporte em si, mas pô, o que mais eu posso auxiliar com relação a uma população, por exemplo que não tem o hábito, vamos pensar nas crianças em si.

Entrevistadora: Hum, hum.

P9**:** Que não tem mais o hábito de prática o ato de Educação Física na rua como antigamente pela violência que existe hoje não existia antigamente, é é, que tipo de pesquisa em si, eu pensando da pesquisa mas que eu leve isso pra extensão? É, eu não sei se to me fazendo entender. (risos)

Entrevistadora: Não. Eu ia até te perguntar, você acha a como é que fala, e a extensão promove essa aproximação desta população mais carente que você falou, e também é, e aproxima a pesquisa que você faz na sua prática ali do seu dia a dia, é é é dessas pessoas e também do mundo acadêmico é mais ou menos isso?

P9**:** Sim, pelo, pelo, esse projeto específico...

Entrevistadora: Hum hum.

P9**:** ... acho que o valor resultando nisso, não sei de outras realidades, e essas pessoas acabam indo pra extensão iii, focam simplesmente na extensão, ou acabam se utilizando disso pra se principiar na pesquisa, mas eu acho que o caminho talvez seja essa, seja realmente esse que é o norteador da universidade que a pesquisa é a extensão, é estarem juntos e trabalharem juntos nesse sentido, então a gente faz... a a gente faz... a gente pode até desenvolver uma pesquisa, mas por meio da extensão. Então éé... talvez seja uma consequência?

Entrevistadora: Você acha que a extensão consegue fazer esse link?

P9**:** Eu não principiar pela pesquisa, eu acho que esse seria o caminho errado.

Entrevistadora: Hã, hã.

P9**:** Por exemplo, nesse caso, a gente fez, desenvolveu um trabalho pra mim foi relevante pra um grupo de crianças, durante uma determinada um determinado momento, próximo de um ano isso, com relação a isso, éé então trabalhou valores, trabalhou conceitos, não trabalhou especificamente só só habilidades motoras, ou só a prática de atividades físicas, ééé e a partir disso é que surgiu a pesquisa, num, num foi ao contrário, não é da pesquisa que eu vou.

Entrevistadora: Você acha que a extensão ela consegue fazer esse link?

P9**:** É talvez seja a única coisa que existe na universidade que faça esse link, acho que se a extensão ela for em algum momento é é diminuída como eu vejo hoje, a extensão hoje não sei, parece que pra mim esteja sendo diminuída pelo menos em termo de importância.

Entrevistadora: Hum tá!

P9**:** Pra muitos pesquisadores ela é realmente é é é menos valorizada que a pesquisa, a pesquisa que, que dá muito corpo para as universidades públicas né? É é é.

Entrevistadora: Então, como é que você diferenciaria esse sentido portanto que você dá a extensão do ensino e da pesquisa?

P9: Peraí, fala de novo.

Entrevistadora: Se acha que a extensão universitária o que que ela se diferencia do ensino e da pesquisa?

P9: Hum.

Entrevistadora: Se fica mais fácil pra você, você poderia falar assim, o ensino é tal, a pesquisa é tal, e a extensão universitária se diferencia nisto aqui.

P9: O ensino dentro da extensão podia ser esse questionamento ou não?

Entrevistadora: Do, do triângulo do pode também, mas olhe assim oh, vamos pensar naquela...

P9: Eu pensei no ensino dentro da extensão da extensão, mas não é isso? É um ensino.

Entrevistadora: Não, ensino, pesquisa, e extensão, vamos pensar na tríade.

P9: Na tríade, tá bom

Entrevistadora: Da universidade, do que que eles se diferenciam pra você, ou o que a extensão universitária pode se diferenciar dos outros?

P9: Talvez seja, talvez seja, é é um estímulo né, a ensina, o ensino em especifico estimula pra uma extensão, e da extensão pode-se fazer a pesquisa, pra mim funcionou assim...

Entrevistadora: Hum, hum.

P9: ... talvez essa seja a lógica de raciocínio que eu faço da tríade, é lógico que isso não precisa, isso não é uma regra, da pesquisa, de repente eu posso fazer uma pesquisa, ii dentro dela verificar que existe uma demanda de atendimento pra uma população “x” em tal local. Por exemplo, e a partir daí desenvolver uma extensão, é é...

Entrevistadora: Entendi.

P9: ...não existe não existe essa regra específica que eu coloquei, pode-se sugerir uma extensão da pesquisa, mas a minha concepção talvez esse seja o caminho melhor, pra mim, o ensino dentro da universidade o estímulo pro aluno é é participar ou desenvolver um trabalho de extensão, e, e, ter toda a evolução em termos de conhecimentos, de saberes, e a partir daí desenvolver a pesquisa foi, foi o caminho que eu trilhei, não.

Entrevistadora: Agora que você falou eu lembrei, lembrei que você falou que fez a disciplina aí que surgiu a proposta do projeto extensão...

P9: É.

Entrevistadora: ... e depois que surgiram as pesquisas também.

P9: Eu não digo que esse seja único pra mim eu acho que é coerente, essa, talvez essa linha, essa sequência, sequência e.

Entrevistadora: Legal! Quais as implicações na extensão universitária na sua atuação hoje como profissional, o que ela implicou na sua atuação profissional hoje?

P9: Então, eu trabalhei, posso falar em termos mais informais...

Entrevistadora: Claro (Risos)

P9: ... é (Risos) é, é, eu sempre achei importante trabalhar com uma população mais carente nesse sentido né, então é acabei indo trabalhar em outra área especificamente também com crianças, uma população carente, extremamente pobre, é é acho importante até hoje que se faça esse tipo de trabalho, é é, ...

Entrevistadora: Mais era uma coisa assim que você sempre considerou como importante tá, mas assim o, vou falar até específico do projeto, o projeto que você passou, essa experiência universitária, hoje na sua atuação profissional. Quando eu falo implicar o que que ela influenciou?

P9: Ah! Eu acho que ajudou a desenvolver algumas linhas de, de, de, pensamento, talvez algumas didáticas até de trabalho.

Entrevistadora: Quais?

P9: Como, por exemplo: esse tipo de planejamento que existia e é porque foi um planejamento bimestral que a gente fazia e ele tinha as suas, os seus por menores, então, eu tenho guardado até hoje os dias lá...

Entrevistadora: (risos)

P9: ... foi no dia dezessete de maio foi desenvolvido tal e tal coisa, no dia tal, entendeu? Ele era específico e tinha os bimestrais que, que eu gostaria de trabalhar naquele bimestre, o que era importante pelo diagnóstico que a gente com relação a isso.

Entrevistadora: Hã, hã.

P9: É é é, o planejamento em si, é, super importante nesse sentido, a didática de trabalho que eu acabei desenvolvendo junto com a minha coordenação do projeto na época, de ter essas rodas de

conversa no início, de ter essa roda de conversas no final, acho que foi uma coisa que desenvolvi também, no, no projeto, e hoje eu faço isso e pra mim é básico, se não tem isso...

Entrevistadora: Tá faltando alguma coisa né!

P9: ... tem algum problema entendeu? É é, eu acho que auxiliou até hoje eu num, então acho acabou trilhando, sendo uma base pro tipo de trabalho que tenho hoje, e acabo desenvolvendo hoje.

Entrevistadora: Então, tenta pontua pra mim, todos os elementos que você tem certeza assim aprendidos na extensão, tal, tal, tal, se já falou vários, mas assim, eu tenho certeza que isso eu aprendi na extensão, isso também, você acabou de falar um, a forma de planejar né, bimestral e quais outros, todos que você lembra que foi na extensão.

P9: Entra alguma teorização nesse sentido?

Entrevistadora: Claro, claro.

P9: Tá, então talvez, por exemplo, a psicomotricidade que eu não conhecia até então...

Entrevistadora: Ai que legal!

P9: Então tem um livro roubado ate da [...] até.

Entrevistadora: Emprestado!!! (Risos)

P9: Eu pedi mesmo iii, iii, era uma linha de pensamento que eu não tinha, acabei aprendendo com ela...

Entrevistadora: Que legal!

P9: ... e sendo desenvolvido no trabalho, por exemplo a questão das filmagens é, é, é, de início e de final. Esse diagnóstico também foi algo que eu acho que aprendi dentro do..., seria importante acabou sendo a base da pesquisa em si né...

Entrevistadora: Hum, hum.

P9: ...a atividade em sim, éé, que foi a base da filmagem de caráter lúdico também, foi algo que eu tenho aprendido e era necessário pro desenrolar do programa, eu não iria filmar as crianças simplesmente é é. Faça tal coisa, faça isso, faça aquilo, é é é acabei a agente acabou utilizando o lúdico pra que isso acontecesse, a gente montou um circuito é é é, houve acho que na época alguma contação de histórias é especificamente pro grupo de crianças que ali estavam, e a filmagem se deu por isso, mas de uma maneira leve, de uma maneira divertida também pra criança, então acho que essas teorizações me auxiliaram bastante assim talvez foi os saberes que...

Entrevistadora: Sim.

P9: ... a metodologia que eu falei a questão da didática de trabalho em alguns momentos a a, acho que esse questionamento diário com relação as crianças, sobre o que elas sentiram, sobre o que foi importante, sobre o porque brigavam e por quais motivos isso aconteceu, que tipo de conduta a gente teria pra auxiliar, pra resolver o problema é é a proximidade afetiva que eu tive com eles, é é, é que eu acho que foi, que foi considerado relevante também pro ensino pra, pras atividades fluírem com mais propriedade, é é é, não sei, são tantas coisas (Risos)

Entrevistadora: Lembra de mais algum?

P9: Acho que não, acho que não.

Entrevistadora: Aí você, oh você tinha falado pra mim que você, que o que mais implicou na sua formação foram os saberes da didática, eee da sistematização?

P9: Hum, hum.

Entrevistadora: Foi o que você falou agora. São só esses elementos que você usa na sua prática profissional hoje, ou tem outros?

P9: As teorizações...

Entrevistadora: As teorizações você usa hoje também, todos você usam ou não?

P9: Essa, essa sistematização também contariam essas reuniões né...

Entrevistadora: Hã, hã.

P9: ... não só especificamente pro planejamento né, algumas discussões, acho que hoje eu faço bastante isso, tentar discutir alguns conceitos sobre algum tipo de trabalho que está sendo desenvolvido né se realmente é relevante pra criança, é, é, o que que a gente poderia melhorar, acho que talvez ampliar esse leque de, é não ficar imerso naquela teorização, naquele autor, e entra, espera aí, será que eu não posso linkar com outra linha de pensamento é é é, pensar na expectativa do aluno éé não simplesmente chegar com o conteúdo mastigadinho ali e faça isso e faça aquilo e não ter nenhum feedback dele, é, é.

Entrevistadora: Se aliar a teoria e a prática e ao que o aluno está precisando?

P9: Sim, acho que seria...

Entrevistadora: Saber que você constitui lá e que você usa hoje também.

P9: E hoje talvez mais até por trabalhar com (risos)...

Entrevistadora: (Risos)

P9: ...trabalhar de maneira multidisciplinar né então, o trabalho que eu tenho hoje não é só como educador físico, então são em outras linhas acho que me permitiu ampliar bastante o leque né, é é é pela pedagogia é é é não só de um determinado conteúdo né, trabalhar com outras... e trabalhar com profissionais diferentes acho que foi um, acho que foi relevante pra isso, querendo ou não eu tava preso a um determinado conteúdo que era da Educação Física no projeto.

Entrevistadora: Hum, hum.

P9: Hoje talvez essa dificuldade seja até maior né, por aproximar áreas as vezes tão diferentes né, tentar aproximar de uma determinada maneira.

Entrevistadora: Tem que ampliar né?

P9: Ampliar é.

Entrevistadora: Mais algum que você lembra que você usa? Que tanto que cutuca né, atéé.

P9: (Risos). Acho que não, se eu lembrar depois.

Entrevistadora: Você falou pra mim, é só uma dúvida que eu fiquei do questionário se falou aqui que teve uma fundamentação teórica, você falou do Le Boulch, foi só Le Boulch?

P9: A gente usou o Gallahue pra, pra análise das filmagens né, um pouquinho do João Batista Freire, principalmente nessa, nessa, da criança ser especialista no brinquedo num chega, chega pras atividades já com seu conteúdo de repertório motor que tinha que ser relevante, não desconsiderar isso em nenhum momento, e acho que um pouquinho do Vygotsky, né? Principalmente por trabalhar com idades, não diferenciam tanto, mas querendo ou não sete a dez anos existia.

Entrevistadora: Uma ponte.

P9: Uma ponte aí, né?

P10

Entrevistadora: A gente vai começa assim: é, é, no primeiro momento falando de como você se aproximou do projeto, como que você conheceu, como que foi essa divulgação, sabia o objetivo do projeto?

P10: Tá.

Entrevistadora: De Karatê.

P10: Valendo?

Entrevistadora: Pode falar.

P10: Bom, então quando eu entrei na faculdade eu já tinha um histórico com karatê...

Entrevistadora: Hã, hã.

P10: É, primeiro histórico que participei na faculdade era o karatê, é, projeto extensão karatê na [...], então como eu era karateca desde criança eu entrei lá já buscando o karatê, o que tinha, se tinha aula de extensão, ai eu conheci o [...] e aí o [...] disse que o [...] que era o atual professor do projeto extensão tava se formando e que tava procurando um outro professor pra assumi ali o projeto né, e aí foi onde aconteceu o convite, ele me convidou, é, imediatamente no segundo dia que entrei pra faculdade já comecei participar das aulas de Karatê, ajudando...

Entrevistadora: Segundo dia? (Risos)

P10: Eu entrei na primeira semana de trote. Aí já comecei participar das aulas de Karatê, e vê como que era, aí depois de um mês comecei a ajudar o [...], a preparar as aulas, como que funcionava, éééé ver qual que era o tipo de público, qual quais eram as, aa, as metodologias que a, iam trabalhar melhor ali com aquele público e aí foi que o [...] se formou, no final doo, saiu do projeto no meio do ano, e aí eu assumi como bolsista de extensão da Proex. E então aí eu comecei a dar aulas sozinha, na faixa etária de... oito anos até cinquenta e oito anos (Risos)...

Entrevistadora: (Risos) cinquenta anos de diferença só...

P10: Literalmente era o netinho e o avô que eram os extremos...

Entrevistadora: Mas junto, ao mesmo tempo!

P10: ...e aí tinha adolescente principalmente da [...], e aí trabalhava mais não tanto pro karatê performance mas, mais pra, ééé estilo de vida, os conceitos das artes marciais e trabalhava também claro com fundamentos, katas, fui passando isso, hãã a gente trabalhava também eu e o [...] em conjunto, o [...] era meu coordenador lá no projeto então a gente trabalhava também com, ééé com exame de faixa, a gente fazia promoção de exame de faixa até de [...] eram todos feitos na [...]...

Entrevistadora: Que legal!!!

P10: Há uns quatro anos que a gente teve lá, exceto um ano que foi feito numa academia lá os demais foram todos feitos na praça de esportes, o workshop que trazia alguns professores pra trabalhar éé, mais a fundo com algumas especialidades do karatê, a gente fazia, participamos também, de duas competições, que eu enviei alguns alunos até o senhor lá, o [...] e dois alunos, que inclusive ganharam eles foram um pra segundo e primeiro lugar...

Entrevistadora: Que legal.

P10: ... então foi ótimo, hã e divulgação, que eu procurava fazer sempre com cartazes nos murais a cada início de semestre, principalmente e a gente fazia duas apresentações de karatê lá na cantina...

Entrevistadora: (Risos)

P10: ... no horário de Educação Física, eu levei os alunos e a gente fez uma demonstração lá e aí vai alastrando né o pessoal chegava, perguntava como que era, se tinha que fazer matrícula, se tinha que pagar éé, éé que é normal né, ee...

Entrevistadora: Divulgava só na faculdade ou ali na, na que nem [...], nos bairros próximos, ou escolas?

P10: Não, eu divulgava só na faculdade, só que aí o boca a boca as outras pessoas, aí eu ia falando pode, porque o processo em si era aberto à comunidade né...

Entrevistadora: Ah, legal!

P10: ... era aberto pra comunidade, acho que uma vez eu, eu distribuí cartazes ali na região, distribuí cartazes acho que na escola, quando eu fazia estágio nas escolas, mas só dessa vez, o principal foco era ali na faculdade e por fora também, tinha ali no xerox, nos pontos de ônibus, eu colava também, pro pessoal também funcionário da [...] participar também, né?

Entrevistadora: Que legal! Você lembra o objetivo do projeto? Mais ou menos, não como tava escrito.

P10: Hum, hum, tá, o objetivo era, éé trazer além de qualidade de vida pros alunos...

Entrevistadora: Hum, hum.

P10: Trazer um autocontrole tanto da parte emocional como da parte física né, a gente trabalhava bastante através das lutas, ma gente te um controle neuromuscular pra você fazer o soco e não acertar e também da parte que é autocontrole emocional, então a gente tinha picos na aula que a pessoa tinha que se segurar, por conta da luta dos katas e trabalhar mais essa parte emocional, psicológica aí, era esses dois objetivos.

Entrevistadora: E você lembra no seu projeto a função do professor-coordenador e do aluno? Quando eu falo do aluno-estagiário seria você.

P10: Hã, hã.

Entrevistadora: Porque tem grupos...

P10: Hã, hã.

Entrevistadora: Que tem um, que tem dois... Você lembra qual era a função assim, de cada um?

P10: Tá! A minha função de de estagiária, então eu preparava as aulas e aplicava as aulas também, o [...] ele tinha a função de coordenar e fiscalizar essas aulas que eu preparei então de período a período de dois em dois meses a gente sentava via com o que eu tava trabalhando com os alunos, aí ele pontuava, éé, você tinha que dar mais ênfase, vamos supor, no kiron ou no kata, termo técnico, e e a gente fazia esse tipo de pontuação.

Entrevistadora: (Risos) Tipo assim eu sei o que é o kirron, o que seria o kirron?

P10: O kirron é mais a base, fundamentos do karatê, passo a passo, os katas são as lutas, lutas ensaiadas, né? Individuais e tem a parte do kiai que é a luta mesmo em dupla, né?

Entrevistadora: Há, hã.

P10: Daí o [...] falava, eu mostrava meus planos e o [...]: - Olha, em que dar mais ênfase num lado, no outro, e esse feedback acontecia também após os exames de faixa, após as competições e o [...] também diretamente era ele que coordenava essa parte de exame de faixa, divulgação, principalmente.

Entrevistadora: Como que ele conseguia fazer essa fiscalização que você falou, porque é assim você falou que vocês tinham as reuniões e vocês conversavam...

P10: Hã, hã.

Entrevistadora: mas fora isso, ele acompanhava...

P10: Fora isso algumas vezes ele acompanhava as aulas sim...

Entrevistadora: Ah, tá!

P10: ... ele ia acompanhava as aulas, teve algumas vezes que ele é, ele ministrou a aula...

Entrevistadora: Que legal!

P10: então era dessa maneira.

Entrevistadora: E pra entrar no projeto, obrigatoriamente tinha que ser faixa preta ou alguma coisa assim?

P10: Nãão, não, iniciantes, pessoas que nunca tiveram contato com nenhum tipo de arte marcial até faixas pretas também ...

Entrevistadora: É no lugar de aluno estagiário ou que vai éé...

P10: (Tosse)

Entrevistadora: Encabeçar, né? O projeto...

P10: Tá.

Entrevistadora: É, tinha que ser faixa preta ou não?

P10: Sim, tinha que ser faixa preta o que vai encabeçar.

Entrevistadora: Ah, ta!

P10: Não que necessariamente bolsista, porque teve uma fase do projeto e eu tava trabalhando com a iniciação científica, e já era bolsista de iniciação então eu não podia acumular as duas bolsas.

Entrevistadora: É...

P10: Então eu era a estagiária, aaa coordenadora daquele momento e tinha a bolsista que era a [...], então era a [...], então a [...] era me ajudava na programação das aulas, na periorização nesse sentido.

Entrevistadora: Aí ela aplicava e nesse caso você coordenava.

P10: Não, eu aplicava e, durante as aulas as vezes eu delegava, vamos supor, se um...

Entrevistadora: Ah, ta!

P10: ... grupo precisava de uma atenção especial em algumas posturas na, no fundamento, aí eu falava pra [...] a [...] trabalhava separadamente com aqueles alunos ali ou então algum aluno precisa

aprender um kata que era da faixa que era da faixa que ele ainda não sabia e aí tinha que ser separadamente, e eu trabalhava com os demais e a [...] ensinava esse kata pro aluno.

Entrevistadora: Huum, legal! Em algum momento no projeto você lembra de vocês discutirem o conceito de extensão universitária? O que é a extensão universitária por exemplo? Ou...

P10: Diretamente não.

Entrevistadora: Como assim?

P10: diretamente não, a gente não parou “Oh! Vamos discutir o conceito da extensão universitária”, (risos) não.

Entrevistadora: Como seria indiretamente?

P10: Indiretamente era o implícito trazer essa vivência pra comunidade éé, do que a faculdade tem a oferecer pra essa comunidade para os termos, no caso, lá de atividade física, de exercício físico né, então, seria esse link da comunidade com a universidade.

Entrevistadora: E ai você percebeu isso, como?

P10: (Tosse) Hãã, a gente fazia também no no congresso de extensão universitária todo ano que tinha o congresso de extensão universitária da Proex eu participava, então no desenvolvimento do pôster que eu ia éé apresentar, então aí eu tinha éé esses momentos de reflexão e também aí, sim eu conversava com o [...] em alguns momentos disso, mas a gente nunca tentou pra ele explica, discuti nada diretamente.

Entrevistadora: Tá, e agora falando um pouquinho do projeto e de você, tá? Como que é o projeto de extensão que você participava e depois você me fala a sua rotina de trabalho?

P10: Tá. O projeto de extensão eu vou falar bastante por conta do karatê, eu tenho uma ligação direta com o karatê e de eu ter uma ótima relação com todos os meus alunos, Aí então desde aqui assim até tinha o netinho de oito anos, e depois tinha um outro que quando eu entrei ele tinha cinco anos, aí como eu fiquei os quatro anos, metade desse percurso que eu fiquei lá, ele tava completando sete aí ele entrou no karatê.

Entrevistadora: Ah, Ah! Que máximo!

P10: Aí a gente trabalhava, era bastante assim, amizade mesmo com os alunos, no entanto durante as aulas eles tinham completo respeito, assim sabe...

Entrevistadora: Que legal!

P10: Tanto com a minha competência, quanto eu como mulher ali representando...

Entrevistadora: Mas essa né?

P10: ... arte marcial, então era assim ótima, adorava tanto pro meu crescimento no karatê, tanto profissionalmente de pra você te essa relação com o aluno, e as vezes você tem situação que você tem que presenciar e vivenciar pra saber e ter jogo de cintura. O exemplo foi um aluno da faculdade, aluno do outro curso, que ele entrou no projeto karatê e ele era usuário de droga...

Entrevistadora: Nossa que dó...

P10: ... e aí era um problema, porque a todo momento ele me desacatava durante as aulas eu tentava estabelecer ali uma coisa mais habilidosa, ele treinava karatê, aí eu...

Entrevistadora: Ele ia drogado, não?

P10: Nunca percebi...

Entrevistadora: Ah, ta.

P10: Até que um dia me falaram que ele tava usando droga ali na praça de esportes. Qual foi a minha postura? Sentei e conversei com o [...], conversei também sob os desacatos, o [...] conversou com ele...

Entrevistadora: Que legal!

P10: ... falou o que tava acontecendo, que isso não era uma postura correta que ali não tinha criança etc... etc... Ããã, aí ele continuou indo treinar até que foi um dia que, aí a gente deu uma segunda chance, que não adianta você só exclui o aluno, ele continuou indo treinar, ele, não lembro o que aconteceu ele, ah teve uma coisa mais direta, teve uma discussão mais direta...

Entrevistadora: Com você?

P10: ... comigo, me desacatando e ele pegou e saiu da aula, aí, falei pra ele, a partir de hoje você não ta mais autorizado a frequentar as aulas ta? Por conta da postura pode influenciar as crianças e também os adultos e aí, tivemos todo éé essa conversa, aí o [...] também ele foi conversar com o [...], o [...] também disse que ele não tava mais autorizado a frequentar o projeto e ele foi desligado do projeto.

Entrevistadora: Que triste.

P10: Foi triste, até esse aluno foi desligado da universidade por conta das drogas, teve vários problemas...

Entrevistadora: Caramba!

P10: (Tosse) vários problemas...

Entrevistadora: Ele perdeu mesmo o projeto.

P10: Ele perdeu o projeto. Inclusive aí ele descobriu o meu telefone ficava ligando, enchendo o saco que ele comprou o quimono, que serviu de punição que eu fiz ele gastar dinheiro, sendo que quimono não era obrigatório pra participar das aulas de karatê.

Entrevistadora: (Risos)

P10: Foi um, uns problemas assim.

Entrevistadora: (Risos) Caramba, que problemão!

P10: Mas foi o único assim, demais eu nunca tive problema com os alunos, mesmo os homens faixa preta, que às vezes, a mulher, não todos sempre me respeitando...

Entrevistadora: É machista, né?

P10: é.

Entrevistadora: Querendo ou não é...

P10: Hã, hã.

Entrevistadora: Não, eu fico pensando no país, vem da onde? Vem do Japão, Japão é um país extremamente machista, imagino.

P10: Hã hã. É.

Entrevistadora: É difícil.

P10: É, mas assim, fora isso nunca tive nenhuma dificuldade de discutir com os meus alunos não.

Entrevistadora: Mas como que era assim, o projeto? Que dia da semana funcionava...

P10: O projeto era assim, sempre foi às sextas e quinta das sete às oito da noite.

Entrevistadora: Você fazia integral?

P10: Fazia integral.

Entrevistadora: Ah, ta.

P10: Integral, as sete era das sete às oito.

Entrevistadora: Vocês tinham disponibilidade de espaço?

P10: Isso a gente fazia, era reservado lá no departamento, nesse período era das sete às oito, não minto. Perdão era das seis às sete.

Entrevistadora: Ah ta, o horário de transição de aula?

P10: De transição, então acontecia ali. Na sala de dança sempre, o único problema que a gente não tinha materiais, né?

Entrevistadora: (Risos)

P10: Nada, de materiais.

Entrevistadora: Detalhe numa utilidade pública.

P10: Então assim, um elástico pra gente trabalhar com tensão, com resistência, não tinha nada, nada.

Entrevistadora: Como é que vocês faziam?

P10: Ah, a gente improvisava, a gente trabalhava com as faixas, desamarrava as faixas, puxava, então a gente, ia bolando exercícios que não necessitassem de muito material assim.

Entrevistadora: Caramba, que difícil né?

P10: É. Se você tem material, você consegue diversificar muito mais as suas aulas né, e torná-las mais atrativas, mais assim, a gente sempre teve um número razoável de alunos, eu sempre fazia o balanço então quando tinha poucos alunos assim que a gente chamava de matriculados, era de de sete alunos assim, sete, oito, era um número até que razoável para uma arte marcial, então toda vez que o aluno chegava fazia o cadastrinho dele pra acompanhá-lo.

Entrevistadora: Que legal, e o número máximo assim, que vocês chegaram?

P10: Ah! Vinte alunos.

Entrevistadora: Caramba!

P10: (Tosse) Vinte alunos no período, éé começo de semestre né.

Entrevistadora: E como era sua rotina de trabalho? Você chegava, fazia o quê?

P10: Lá?

Entrevistadora: É, no projeto.

P10: Então eu programava minha aula antes...

Entrevistadora: Hum, hum.

P10: ... fazia a programação o planejamento da aula e basicamente era o aquecimento, geralmente era o alongamento, uma corrida e aí depois as partes das aulas, às vezes trabalhava mais enfocado pro fundamento que é o kirron e o kata no final ou às vezes dependendo se era um período de competição os alunos iam fazer o kata eu focava aí ele fazia mais kata e no final volta à calma, retorno do alongamento e às vezes eu trabalhava também com a parte lúdica, principalmente no final, aí eu fazia, fora da moda, modalidade do karatê, então às vezes eu fazia um pic-pega fazia algumas brincadeiras ali com os alunos.

Entrevistadora: Mas com todas as idades? (Risos)

P10: Com todas as idades, era um barato.

Entrevistadora: Como eles reagiram?

P10: O pessoal adorava, o [...], nossa, o pessoal corria mesmo, brincava...

Entrevistadora: Nunca, ninguém reclamou de fala assim...

P10: Ai, nunca!

Entrevistadora: ..."Ah, é muito infantil!"?

P10: Não, o pessoal gostava bastante (tosse).

Entrevistadora: Que legal!

P10: (Tosse) A gente trabalhava como aquecimento também a parte lúdica...

Entrevistadora: E é assim, você tinha que chegar, cedo?

P10: É, chegava sempre uns dez minutinhos mais cedo.

Entrevistadora: Pra quê?

P10: Ai, às vezes a sala tava trancada, aí tinha aqueles processo, ai às vezes quando estava muito atribulada, e não dava pra chegar mais cedo, chegava às vezes às seis horas, aí atrasava as, porque às vezes o pessoal esquecia e não sabia onde estava a chave do departamento.

Entrevistadora: Problema isso lá né, a caça da chave, a gente passava por isso também.

P10: (Tosse) Esse era o problema, e aí não tinha chave, e aí a gente perdia a aula porque dava sete horas, assim a aula da graduação né...

Entrevistadora: E aí terminava ia embora, se falou que tinha uma volta calma...

P10: Sim, uma volta calma, terminava aí às vezes eu fazia um momento feedback, perguntava o que eles tinham achado da aula (tosse) que tinha achado, se tinha achado muito difícil, se alguém tinha tido alguma dor, alguma coisa principalmente pro [...], porque ele tinha, ele era diabético e era hipertenso e então eu ficava ali sempre controlando.

Entrevistadora: Quantos anos ele tinha?

P10: Cinquenta e sete ele tinha (tosse) então era assim, e aí geralmente ai vai, corria, aí sempre uma coisa legal sempre a gente tinha as, encerramento de semestre...

Entrevistadora: Hum, como que era?

P10: ...aí a gente fazia sempre, ou uma aula diferente, uma vez eu fiz uma aula éé, uma aula teórica, contando a história do karatê...

Entrevistadora: Que legal!

P10: É bem legal, contando a história e às vezes a história do karatê tem muito a ver com a época do Laboro, no Japão, e a gente fazia um teatrinho deles lá trabalhando, e aí tentando usar os bastões, as enxadas como éé instrumento pra usa, eu fazia um pouco dessa vivência e depois sempre tinha os comes e bebes.

Entrevistadora: Hum.

P10: O pessoal se confraternizando era bem legal!

Entrevistadora: E como reagiam a essa aula teórica que você diz, não era totalmente, era uma teórica prática como eles reagiam?

P10: O pessoal gostava bastante.

Entrevistadora: Que legal!!!

P10: Um dia os menores, o menor, só tinha um de sete anos, ficava um pouco assim, num sabia muito, é um pouco também de dificuldade de concentração ali, porque criança, nessa idade ta a mil né, os demais tranquilamente sempre trabalhando iii fazendo atividades e questionando...

Entrevistadora: Que legal.

P10: ..."Ah, eu não sabia que o karatê tinha surgido dessa parte aí", então, o pessoal gostava.

Entrevistadora: Que geralmente o pessoal chega e faz né? É igual uma aula de natação, de boxe, o que seja, né? Chega e faz.

P10: Hã, hã.

Entrevistadora: Não pensa sobre isso, não sabe da onde surgiu.

P10: É, e ao longo, no decorrer das aulas práticas também, eu sempre tentava trazer esse conceito, do karatê, da arte marcial, do autocontrole, desde do Budo Shintoismo lá que nasceu o centro do karatê, então eu sempre tentava, éé passar esse conceito pra eles.

Entrevistadora: Que legal!! E como que era assim o seu envolvimento no pré?

P10: Como assim?

Entrevistadora: Se acha que seu envolvimento era grande ou o projeto tava em segundo plano...

P10: No último ano, ficou em segundo plano, nos três primeiros o meu envolvimento era bem direto, mas no último como eu tava com a iniciação científica, e em especial no último semestre, que eu já tava praticamente no mestrado pra FAPESP em Setembro então assim, antes de eu terminar a faculdade eu tava bem atribulada, eu tava bastante atarefada, mas nos demais anos, nos três primeiros tava, tava num envolvimento bem direto, bem legal, aí no último ano foi perder um pouco por conta também das minhas demais atividades assim, e por conta também do departamento, o último ano ficou bem ruim essa parte de chave, sabe.

Entrevistadora: Perdia a chave direto?

P10: É.

Entrevistadora: Não acredito.

P10: (Tosse) Tinha esse problema.

Entrevistadora: I é assim, seu envolvimento era grande de ta dentro do projeto?

P10: De pesquisar, esse momento de aulas novas sabe?

Entrevistadora: Hum, hum.

P10: De tentar ver, porque que hoje os alunos pareciam mais desanimados, o que que aconteceu com a minha aula, tinha esse momento de reflexão assim...

Entrevistadora: Ah, legal! E você sentia parte do projeto? Por exemplo, se você podia opinar, se você era ouvida?

P10: Não, não eu me sentia totalmente ativa, o [...] me dava bastante autonomia, contando, sobre a coordenação dele, mas era bastante ativa, se eu tivesse alguma ideia eu falava: [...] vamos fazer um workshop, vamos fazer uma aula de domingo. “Não! Legal.” Ele sempre me dava força, ele era bem bacana nessa parte.

Entrevistadora: Era bem bacana nessa parte ele sempre te ouvia?

P10: Sempre.

Entrevistadora: Então me fala, o que você aprendeu no projeto? Quais, que que você considera um pouco mais relevante nesse processo?

P10: Eu acho que, o momento de reflexão, de como ta sendo sua aula, muito importante então você tê, essa percepção ao longo da aula, e depois pensar, qual que era o meu objetivo, porque não deu certo, o que que eu tenho que melhorar e o planejamento né, o planejamento em si, porque antes eu nunca tinha trabalhado com, tinha acabado de entrar na faculdade apesar de ter dado aula de karatê, antes da faculdade num planejava as aulas, que a gente, até do karatê na dança, e acho que vai a gente chega lá e vai dando a aula né.

Entrevistadora: Mas por volta dessas áreas, o planejamento...

P10: Com o projeto é eu senti que é assim a gente tinha que planeja... mesmo as aulas e tinha que refletir, se deu certo de não deu e a gente tem que cuida.

Entrevistadora: Mas aí você fazia essa reflexão sozinha, ou você fazia com o professor coordenador?

P10: Não sempre sozinha, sempre sozinha.

Entrevistadora: E os alunos te davam esse feedback como por exemplo, você fazia sozinha?

P10: Às vezes era pela percepção, os alunos meio desmotivados ao longo, vamos supor, trabalhava muito com o que kirron, mesmo precisando eles ficavam desmotivado, aí, e aí eu refletia um pouco e via que aí talvez tinha que mexer no plano com a luta que eles gostavam mais, que é o, tem uma parte de ânimo maior durante a aula, melhorava.

Entrevistadora: É um desafio né?

P10: Isso.

Entrevistadora: E que mais assim, fora a, você me falou como é que fala, você me falou dessa coisa de refletir né, de parar e refletir sobre... Tem mais alguma coisa que você aprendeu no projeto que você acha, achou relevante?

P10: aaaa, eu acho que o que o projeto também, a parte legal dele, e dele estabelece essa relação direta da universidade com a comunidade, então no caso os alunos externos que eu tinha, eles ficavam sabendo de tudo que acontecia, então ficava sabendo da minha iniciação científica que era o karatê e aprendizagem, então eu trazia sempre os dados que eu estava obtendo, então eles tinham bastante éé, contato com a pesquisa também e com acontecia com o que acontecia dentro da universidade pública né, porque muitas vezes as pessoas ficam à parte e acha que a gente ta lá vagabundiando...

Entrevistadora: (Risos)

P10: ... e não tá fazendo nada então o pessoal tinha que participa, dependendo do professor da extensão eles conseguem ter bastante esse contato com a universidade.

Entrevistadora: E tem mais alguma coisa que você aprendeu, que você acha que é relevante?

P10: (Tosse) Mais alguma coisa? Ah, fora o planejamento esse processo de feedback e reflexão, contato direto com a universidade, eu acho que você saber éé, como eu te falei, a resolução de problema né, não não simplesmente, esse aluno, exclui esse ou mais alunos, né, "Oh, você não tem jeito pro karatê"...

Entrevistadora: Tchau!

P10: "Tchau, rapa fora", então você saber e incluir as pessoas e tratar elas nos seus limites né pra isso que o projeto extensão. Não vai gerar um atleta, você não vai treinar um campeão, então é mais pra você trabalhar com os limites e superação dos alunos, isso o projeto traz bastante.

Entrevistadora: Legal, e agora a gente vai entrar numa parte assim, que fala um pouquinho das suas implicações formativas, vou fazer em dois momentos (Risos) essa pergunta que às vezes é um pouquinho complexa: Qual que é o ...

P10: (Tosse)

Entrevistadora: Qual que é o papel, valor, significado e o sentido da extensão universitária na sua formação inicial?

P10: Papel, valor....

Entrevistadora: Papel, valor, significado e o sentido na sua formação inicial, que seria assim né, do projeto que você passou na extensão universitária na sua formação inicial, antes de você atuar ainda.

P10: Ta, então eu acho que a minha formação como educadora física, ela teve um tripé iniciação científica, a graduação, iii a extensão que é o mesmo tripé da universidade pública, então você é trabalhar com a pesquisa o porque das coisas, o como e depois com as disciplinas e saber o processo de todas as vertentes ali da Educação Física e aplicar ali no projeto extensão né, então, você conseguir trazer tudo que você ta, se ta, trazem... éé estudando na pesquisa de todas as aulas, história da Educação Física, fisiologia, ééé didática, então você tenta reunir tudo ali no projeto extensão, então o projeto veio pra, pra mesmo pra somar e pra unir todos esses conhecimentos ali, todas essas... é esses saberes ali que você vem adquirindo ao longo da faculdade né.

Entrevistadora: E qual você acha que foi o sentido disso na sua formação, lá na graduação?

P10: Um sentido positivo né, foi bastante positivo né não entendia qual o papel da união (Risos).

Entrevistadora: Não, não é que você falou pra mim que a extensão universitária ela une tudo isso, pra você, a pesquisa, ensino tal...

P10: Isso...

Entrevistadora: mas na sua formação inicial ela teve algum sentido, algum valor, por exemplo se não tivesse passado pelo projeto de extensão, como seria a [...], e a [...] passando pra um projeto de extensão...

P10: Entendi.

Entrevistadora: e qual foi esse valor, o que que agrega?

P10: Isso, tal...

Entrevistadora: Entendeu?

P10: hã, hã, então...

Entrevistadora: Meu cinto abriu.

P10: (Risos) deixa eu pensar, essa pergunta é meio difícil, e agora? (Risos)

Entrevistadora: Porque ó: pensa, a extensão universitária ééé, vou dar um exemplo meu: Eu fiquei quatro anos na extensão ta, então eu posso dizer que a extensão me formou com um todo, pra formação inicial, ela fez um link, entre o projeto de extensão...

P10: Hum, hum.

Entrevistadora: Ela teve um valor extremamente grande foi que me ensinou a planeja que me ensinou a ser professora, a lidar com as dificuldades dos alunos, entendeu? Então pra mim ela teve um papel fundamental na minha formação sem ela eu acho que eu não sairia tão segura pra atua, por exemplo na academia que eu trabalhei...

P10: Hã, hã.

Entrevistadora: Na escola, eu tinha meios, estratégias, metodologia, conhecimentos que eu obtive na extensão...

P10: (Tosse) Entendi

Entrevistadora: Como que foi pra você isso?

P10: Ta. Ééé, pra mim também, foi de fundamental valor por conta de você conseguir é, é unir tudo isso e conseguir transmitir aos alunos e trazer segurança aos seus alunos então a extensão ela faz isso, ela faz você se sentir um professor e que você ta ali pra forma e pra melhorar os alunos, então vamos supor, se eu tivesse que da, não tivesse feito extensão universitária, tivesse que da uma aula na academia e logo depois d'eu me formar, eu iria ficar totalmente insegura, porque eu não teria esse jogo de cintura, eu não teria uma vivência pra saber qual a postura do aluno, e se ele me perguntasse, o que iria fazer?

Entrevistadora: (Risos)

P10: A extensão ela traz bastante segurança só, como professor.

Entrevistadora: Ta. E aí diferencial, você falou pra mim do tripé da universidade do, de que você acha, que a extensão de universitária ela vai diferencia da pesquisa e do ensino. Hum, sua opinião agora.

P10: (Tosse) Tá.

Entrevistadora: Eu fico olhando aqui pra vê se ta gravando ta? Pra não parar no meio.

P10: Tá (tosse). A extensão ela se diferencia da, da pesquisa, aa pela parte aplicada né, então a pesquisa ela gera um conhecimento e você aplica na extensão e na graduação são vários processos que ela vão te dar subsídios...

Entrevistadora: A graduação e ensino?

P10: ... a graduação e ensino, pra te dar subsídios pra você conseguir trabalhar, então é conhecimento de metodologia, didática, história da modalidade que seja, base fisiológica pra você conseguir entender como que funciona e monta sua aula e aplica pros alunos.

Entrevistadora: Isso, fazer isso na extensão?

P10: Fazer isso na extensão.

Entrevistadora: Ah, ta. É porque você falou assim a pesquisa se diferencia isso e eu aplico na extensão aí o ensino faz isso...

P10: E aplico na extensão.

Entrevistadora: Ah ta, entendi, beleza. E aí quais foram essas implicações da extensão universitária? E aí e na sua atuação hoje como profissional perguntei antes que que é o significado...

P10: Mas não é igual?

Entrevistadora: Na formação inicial e aí agora, vou falar, aí eu te pergunto, O que é essa experiência implicou hoje na sua atuação como profissional?

P10: (Tosse)

Entrevistadora: (Risos) É igual? Não.

P10: É (risos), meio parecido né?

Entrevistadora: O que ela implicou hoje?

P10: Ta. Hoje, atualmente a extensão universitária, ããã eu acho que eu tenho uma uma bagagem, apesar de ser karateca desde criança eu tenho uma bagagem como professora, como instrutora muito maior, por exemplo, a gente ta fazendo, montando uma aula uma aula especial para as mulheres aqui na academia, to montando, então assim, a extensão ela, diretamente ta ligada a isso, porque eu já sei ais ou menos o que que vai funcionar, qual das alunas vão é, tenho uma noção né, não sei exatamente, mas eu tenho uma noção qual das alunas, qual vai ser a postura delas frente alguma alguma tarefa que a gente vai coloca, se ela vai gostar, então eu tenho toda uma vivência uma base pra saber o que que eu vou aplicar, se vai dar certo, e também essa questão de segurança né, então hoje em dia, qualquer lugar que eu vou, se eu tiver que da uma aula de karatê eu sou totalmente segura, sem problema nenhum.

Entrevistadora: Ta e agora assim, me fale, tudo, você já me falou de vários elementos que você constituiu, mas eu quero saber os elementos que você tem certeza que você constituiu na extensão.

P10: Segurança...

Entrevistadora: Aqueles que você já sabia não ta? Os que você constituiu na extensão.

P10: Ta. Segurança, segurança porque antes eu num num, num chegava na aula meio assim: “Será que a pessoa sabe mais do que eu? Será que não sabe?” Será...

Entrevistadora: É porque você pegava faixa preta também (Risos).

P10: Hã, hã, então à partir da extensão independente de quem tava tendo aula, eu que tava ministrando a aula, não que não tivesse essa via de mão dupla do aluno, entre o aluno e professor,

mas eu tava ali, eu tava ministrando, então eu tinha total confiança no meu conhecimento e que eu ia conseguir com aqueles alunos, então segurança foi o principal (tosse) e os outros saberes cê que que fala certinho?

Entrevistadora: Não pode pontuando, é umas dúvidas também que eu vou tirar.

P10: Hã, hã, é que eu acho que a atitude é anfitriã também, não adianta você dá aula você chega pra da aula você, chega lá com cara fechada...

Entrevistadora: (Risos)

P10: ...“vamos lá, é isso, isso é assim”, então essa relação professor, aluno é de essencial importância ee, na no mestrado eu não exercitei nada disso, só aqui na academia...

Entrevistadora: Por enquanto...

P10: Na academia eu tenho exercitado diretamente isso, que eu trabalhei muito na extensão e assim, apesar d’eu ser uma pessoa assim, bastante, bastante animada, receptiva mas na extensão na relação entre professor e o aluno e você conseguir transmitir o seu conhecimento às vezes de maneira informal, então é, isso é bastante valioso o que eu consegui ali, absorver ali na extensão.

Entrevistadora: E esses elementos que você me falou você usa na sua prática?

P10: Uso, os dois eu uso.

Entrevistadora: Deixa só eu tirar, tem mais algum?

P10: Ah! Os dois principais que eu lembrei são esses.

Entrevistadora: Deixa eu tirar um dúvida aqui, eu fiquei com algumas dúvidas aqui no questionário. Éé, quando você fala da implicação dos...

P10: (Tosse)

Entrevistadora: dos aspectos essenciais que implicou na sua formação, um que você coloca é a motivação eu coloquei assim, quais o, porque você colocou motivação aqui?

P10: Qual era a pergunta? Fala de novo.

Entrevistadora: Você acha que o projeto extensão universitária que você participou por mais tempo na graduação implicou na sua formação? Você colocou que sim. Em quais aspectos? Aí você coloca lá, contato professor-aluno, motivação...

P10: Isso, a motivação por conta de eu consegui entender o que aquelas disciplinas que eu tava estudando onde que ia aplicar né. Porque muitas vezes você tava fazendo sociologia...

Entrevistadora: (Risos)

P10: ... e não sabe né o que é. Porque que é, é porque que eu vou usa? Então a motivação d’eu continuar é, é me esforçando pra todas disciplinas pra conseguir melhorar minhas aulas ali na extensão também.

Entrevistadora: Tá. E você também coloca a aplicabilidade da disciplina, então foi né?

P10: É, é, mais ou menos.

Entrevistadora: Essa motivação de estudar e prosseguir...

P10: Isso!

Entrevistadora: ... e o que te causou essa motivação foi a aplicabilidade?

P10: Ótimo!

Entrevistadora: Ta, entendi. (Risos)

P10: (Risos)

Entrevistadora: É, hum, noções de compromisso e trabalho, quais as noções de compromisso e trabalho?

P10: Horário...

Entrevistadora: Hum, hum.

P10: Planejamento...

Entrevistadora: Hum, hum.

P10: Ééé você, de melhoria né, de evolução das suas aulas né, de trazer alguma coisa nova pro aluno, eventos, fazer, organização de eventos, então...

Entrevistadora: Hum, hum.

P10: Isso daí.

Entrevistadora: Beleza. Tem mais?

P10: (Tosse)

Entrevistadora: Você coloca pra mim, que os três é, os três, vai, elementos que mais importante pra você foram, a responsabilidade, a busca por melhoria das aulas, e a relação professor e aluno, porque que você se preocupou com esses três, que que você aponta eles como o mais importante?

P10: Ta. A responsabilidade no intuito mesmo de, pô, o projeto só só anda se você trazer essa responsabilidade pra si, não, vou ta lá, todo dia, assim, cinco pra seis das cinco pra seis às sete, e vou planejar as aula, vô buscar aulas novas, vô me preocupar se os alunos tão gostando ou não.

Entrevistadora: Entendi.

P10: O compromisso.

Entrevistadora: Isso você já respondeu né... Me preocupa com a inovação e motivação pras aulas.

P10: Ta.

Entrevistadora: E a relação professor-aluno que é importante?

P10: É justamente por conta disso né, se eu tivesse outra postura, não tivesse essa, essa via de conversa com os alunos, éé, às vezes também fala “Ah, eu pensei, eu queria que você tivesse que você desse luta”, então deles também se pontua e ter uma postura ali nas aulas, e também nessa parte mais emocional né, de você se colocar acessível é, ali eu sou uma sensei, mas eu sou também amiga deles, então... (Tosse) até quando eu fui, na minha antes da formatura, eles fizeram um albunzinho com várias fotos de eventos e me deram, eu fiquei tão feliz!

Entrevistadora: Que bonitinho, foi despedida?

P10: Foi.

Entrevistadora: E me explica, você colocou uma coisa importante também, comprometimento, coordenador, aluno e professor.

P10: Por conta do coordenador, aluno e professor que seria eu, estagiária né.

Entrevistadora: Ah ta! (Risos)

P10: É então seria isso daí, eu estava ali resolvendo uns problemas do menino do menino lá, do, do, como é que lá, do [...]...

Entrevistadora: Que teve problema com droga?

P10: Que teve problema com droga.

Entrevistadora: Hã, hã.

P10: Então você tenta resolver problemas e trazer isso pro coordenador e tenta ali trazer uma solução pra isso, então a primeira solução que a gente teve foi o [...] conversar com ele, a gente deu uma segunda chance, pra não excluir diretamente né, então sempre ééé ter essa atitude nesse ciclo aí, "Que que o aluno ta pensando? É, minha aula como é que ta?" E o e o [...] sempre, também ali por trás dando umas coordenadas.

Entrevistadora: Pode-se dizer que você fala do compro, comprometimento e não sei se importância do trabalho em grupo?

P10: (Tosse)

Entrevistadora: Tá.

P10: Oh! Acabou?

P11

Entrevistadora: Só cuidado com a hora que bate na mesa também, que as vezes cai, lembra que cê tá falando do projeto de condicionamento tá? Do [...].

P11: Vamos ver se eu lembro né? Alguma coisa do projeto.

Entrevistadora: Lembra, lembra. Então assim, relacionado a divulgação, a aproximação do projeto, cê lembra como que você se aproximou do projeto, éé, qual era o objetivo desse projeto?

P11: Na verdade eu e o...

Entrevistadora: Como que você ficou sabendo dele?

P11: Na verdade eu e o [...] que montamos o projeto com o [...].

Entrevistadora: Que legal!!

P11: Entendeu? A gente, tava querendo fazer um projeto de extensão como a gente já trabalhava na Nadart[19] com academia daí a gente falou, ah vamos fazer um projeto dentro da faculdade em cima de um trabalho mais indi... individualizado, aí foi quando a gente fez a, a gente montou meio que um esquema de fazer um trabalho de, da, di, de musculação ou de condicionamento físico na pista, mais voltado pra área de, mais ou menos relacionado ao trabalho de personal, entendeu? Então o intuito do projeto no começo era pegar um uma um indivíduo de cada objetivo, a pessoa que quisesse emagrecer, hipertrofia, pra gente pode em cima de três dias da semana, monta periodiza, pra, pra vê como que a gente ia fazer o esquema de todo o projeto. Entendeu? Essa era a idéia do projeto.

[19] Nadart: Academia de natação, hidroginástica e musculação, situada na cidade em uma cidade do interior do Estado de São Paulo..

Entrevistadora: E, e por que vocês quiseram fazer um projeto em extensão universitária?

P11: Por quê?

Entrevistadora: É, porque que deu vontade?

P11: Hum, boa pergunta na verdade a gente queria é pegar públicos diferentes porque, por exemplo, a gente trabalhava na Nadart, mas era público específico então não era oo...

Entrevistadora: Trabalhava na Nadart com?

P11: Trabalhava na Nadart com musculação.

Entrevistadora: Ah tá!

P11: Então, aí já tinha um trabalho de condicionamento dentro da musculação, dentro da sala, só que daí a gente queria pesquisar em cima disso daí...

Entrevistadora: Hum legal!

P11: ...o porque a gente tinha pessoas da sociedade, pessoas carentes, pessoas de grupos diferentes, tanto que foi totalmente diferente, foi pessoas da própria academia pra lá, cê lembra que a [...] foi...

Entrevistadora: Ah é mesmo.

P11: ...o pessoal foi, e até o caso da [...] foi um dos que pro projeto foi excelente, porque ela fazia na academia três atividades lembra? Ela fazia natação, hidro e fazia de vez em quando ela subia lá na esteira.

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: Sem né, eu lembro que na época a gente não tinha como quantificar, não usava frequencímetro, não usava nada, então a gente ela, ela, foi um dos alunos que a gente acabou levando pra lá...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...e que deu muito resultado, então a idéia era pesquisar mesmo, se o que a gente fosse aplicar, porque lá na Nadart, por exemplo, já não dava pra fazer isso né.

Entrevistadora: Por quê?

P11: Porque lembra que a, na verdade a [...] não dava aquela, até eu cheguei...colocar....

Entrevistadora: A [...] era sua chefe?

P11: ...a [...] era minha chefe na época lá, ela, ela não deixava na verdade a gente crescer muito na área da musculação, tanto que agente fazia alguns treinos de periodização, a gente chegava a tenta mudar mas não é foco da academia, entendeu?

Entrevistadora: Hã, hã.

P11: A academia era um atendimento básico, ali, uma academia mais de, mais de bairro mesmo, de vila, era uma coisa mais light, aí a gente queria pesquisar mais a fundo isso no projeto, pega o protocolo de avaliação, em cima disso pesquisar, não oh isso aqui tá dando certo por causa de que? Por causa né dessa variável, de outra variável então foi isso que a gente quis fazer o projeto entendeu? Com pessoas diferentes.

Entrevistadora: Humm!

P11: Que eram diferentes na academia, cê vai na academia, o cara queria musculação, a maioria era hipertrofia poucos eram eram emagrecimento, ou pessoal que nadava, era pra adquiri um pouquinho mais de condicionamento na parte cardiorrespiratória na natação, lá é uma coisa específica, é já era delimitado o que cada um ia fazer né já ali não, ali iam ser pessoas com objetivos diferentes e a gente ia vê o material que nós tínhamos na mão que na faculdade não era tanto, que na época a gente nem usou a sala de musculação nada era tudo na pista, se entendeu? Era tudo na pista, então esse era a idéia da pesquisa, era fazer uma pesquisa pra aplica o protocolo e vê se ia dar certo ou não.

Entrevistadora: Como vocês iam fazer pra dividir esses grupos, pra pegar uma pessoa de cada grupo diferente?

P11: Então na verdade era por horário e aí em cima desse horário a gente fazia cada, era um treinamento em grupo, mas era um treinamento individual pra cada um. Então, a gente fazia avaliação física inicial que era antropometria, dobras e tinha o teste de VO2 na esteira lá da faculdade, que eram alguns protocolos que a gente usava, e em cima disso a gente e em cima também do objetivo, a gente fazia o treinamento e aí em cima disso era o término geral de grupo mas cada um ia no seu objetivo, no seu limite, então cada um fazia uma coisa diferente.

Entrevistadora: Querendo trabalhar mesmo com o treinamento individualizado?

P11: Isso!!! Mesmo que seja um grupo, mais de treinamento individualizado.

Entrevistadora: E aí a partir dessa curiosidade, vocês fizeram essa proposta pro [...]...

P11: Isso.

Entrevistadora: ...que era o professor coordenador.

P11: Exato.

Entrevistadora: E aí ele topou a idéia?

P11: É, ele topou e aí a gente começou a moldar o projeto, como que a gente ia fazer, que protocolo que ia usar, o que que ia ser feito entendeu?

Entrevistadora: Hã, hã.

P11: E aí em cima disso a gente come... aí houve a proposta de divulgar primeiramente pro pessoal, pros funcionários da faculdade e pra algumas pessoas da da, da sociedade né, pras pessoas da comunidade.

Entrevistadora: Nos bairros próximos...

P11: Em volta da faculdade ali, entendeu?

Entrevistadora: Mais se...

P11: Mas foi divulgado dentro da faculdade mesmo, ali na parte dos próprios estudantes, dos funcionários ali, só que ai acabou caindo lógico da academia que a gente trabalha, e um ou outro aluno acabou indo também lá no projeto.

Entrevistadora: Foi meio que no boca a boca também o meio de divulgação.

P11: Foi no boca a boca.

Entrevistadora: E cê lembra assim, mais o menos o objetivo do projeto? Não precisa ser com as palavras que...

P11: Ta, não, o objetivo maior seria, esse, esse trabalho individualizado mesmo.

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: Fazer essa pesquisa em cima do trabalho individualizado, que era uma coisa que na academia era meio complicado a gente te né, porque por mais que você faça um treino específico, mas a maioria era ma regra na academia né, aquele negócio de três séries de quinze, num fazia assim uma avaliação específica, pra poder quantifica certo se aquilo tava dando certo no treinamento do do aluno na academia ou não entendeu?

Entrevistadora: Então era pesquisar o treinamento individualizado.

P11: Era pesquisar o treinamento individualizado.

Entrevistadora: E você lembra assim é a função do professor coordenador do projeto, e do e quando eu falar aluno estagiário seriam vocês.

P11: O coordenador seria o [...] no caso?

Entrevistadora: Isso, coordenador o [...], acho que só tinha ele né...

P11: Só ele.

Entrevistadora: ...porque tinha projeto que tinha mais e da função de vocês como aluno estagiário da graduação.

P11: A diferença você fala?

Entrevistadora: É, qual a função de vocês no projeto você lembra?

P11: É, na verdade nós eu e o [...], que nós que aplicávamos as aulas.

Entrevistadora: O [...] era seu colega de treino?

P11: O [...] é, no começo foram só nós dois depois foram entrando, acho que a [...] entrou, e tinha, é a [...] entrou pra ajudar e se eu não me engano tinha mais uma pessoa, mas eu não lembro agora, porque o grupo, na verdade é, o intuito do projeto eram pegar dez alunos apenas, porque como era individualizado como era só eu e ele, pra que a gente conseguisse montar e aplicar, só que foi um, a divulgação não foi tão grande, mas espalhou e aí começou do nada foram começaram quarenta alunos, entendeu? E aí assim, começou dez, depois na outra semana começou a aumentar e aí a gente precisou pegar mais uma pessoa pra ajudar.

Entrevistadora: Hã, hã.

P11: Que veio a [...] e depois, eu não lembro mais acho que foi até o [...] foi se eu não me engano.

Entrevistadora: Nossa o [...]?

P11: Acho que ele foi também se eu não me engano e aí a gente começou a trabalhar, na verdade o [...] ele dava a parte de, a gente fazia nós fazíamos reuniões, ele dava a parte científica né, ele dava o feedback ali, depois que a gente tinha formatado tudo, aí eu e o [...] que montava as aulas e aplicava, entendeu? E era meio dividido, a gente dividia porque era segunda, quarta e sexta.

Entrevistadora: Hã, hã.

P11: Eram três dias, segunda feira normalmente a gente dava o circuito que era dentro da quadra que a gente punha aí de dez a doze estações e a gente fazia por tempo e contava as repetições pra gente cal... éé, codifica.

Entrevistadora: Mas dos quarenta alunos?

P11: Isso!

Entrevistadora: Caramba (Risos).

P11: Verdade, tipo eu passava e um ficava, e quando passava e os outros dois ficavam com o caderno anotando então soltava um minuto, então lá tinha doze exercícios vai cada um ficava, aí os alunos até ajudavam a gente a contar e na passada eles iam falando que era uma maneira da gente quantificar, nós não tínhamos um polar pra cada um né porque eram muitos alunos, era uma maneira de a gente quantificar se eles estavam evoluindo ou não no treino né de acordo com os treinos, lógico cada um no seu limite, cada um respeitando né a sua individualidade, mas eram esse era um circuito geral, onde tinha alguns exercícios que alguns não faziam por ser iniciante, e outros faziam o circuito total né, aí de quarta-feira era contínuo, então era um número de voltas contínuas na pista, em cima de frequência cardíaca, aí sim alguns já tinham comprando um polarzinho, um frequencímetro e a faculdade disponibilizava alguns, e a gente ia tentando revezar por horário, pra todo mundo ser monitorado pela frequência e aí a gente fazia a avaliação específica que até eu citei o caso dessa [...], que ela tava com cento vinte e três quilos ela emagreceu para noventa e cinco, entendeu?

Entrevistadora: Ela perdeu pra caramba.

P11: Mas por quê? Porque ela fazia em cima da frequência a gente conseguiu né, acompanhar bem ela e aí de sexta-feira era uma aula de recreação, a gente dava o que um basquete, uma brincadeira com bola, onde eles acabavam trabalhando o cárdio bacana fazendo uma atividade bacana, só que eles não sentiam, porque era uma maneira de dar uma motivada, porque, senão ia ficar uma coisa meio monótona, né?

Entrevistadora: Hum, Hum.

P11: Então o projeto era assim, então o [...] coordenava as aulas, então cada quinze dias a gente tinha uma reuniãozinha oh [...] tá acontecendo isso, tá, tá, tá, tá, tá, tal, o que você acha. Oh! Tá no caminho certo, oh tivemos essa dificuldade, tivemos isso aqui, isso aqui a gente num, o que que a gente faz nessa parte, e a gente ia ia conversando.

Entrevistadora: Ele (coordenador) não acompanhava vocês?

P11: Não, é. Dificilmente, ele chegava a ir, mas era difícil, ele não ia em todas as aulas, assim ia uma, a cada dez ele ia de novo, entendeu?

Entrevistadora: Aí ele ia acompanhando né?

P11: Tanto que depois teve que abrir uma turma à tarde.

Entrevistadora: Nossa! Aumentou tanto assim?

P11: Porque era de manhã e aí teve que abrir uma turma à tarde, que hoje, até hoje tem esse projeto, só que é só à tarde hoje.

Entrevistadora: E aí vocês chamavam mas pessoais pra ajudar?

P11: É! Daí veio o [...]...

Entrevistadora: Hum!

P11: ...o [...] que ficou à tarde com a gente aí, ficava eu o [...] a e a [...] de manhã, eu o [...] e o [...] à tarde.

Entrevistadora: Vocês estavam... (Risos)

P11: Entendeu? Depois tanto que nós, quando a gente se formou e saiu, quem assumiu e continuou o projeto foi o [...]. Entendeu?

Entrevistadora: Hum, hum que legal! Em algum momento do projeto você lembra de vocês terem discutido, o que que era a extensão universitária?

P11: Ah, eu acho que a gente pode até ter discutido, deve até ter discutido isso não vou lembrar pra te falar agora, mas, porque na verdade o [...] já era um cara meio universitário já tinha passado mais por essa passagem de extensão, pra mim foi um início né, eu não tinha tanto conceito do que que era isso na verdade, ai a gente foi conversando um pouco a respeito disso, mais por ele, não pelo em relação ao [...] né de explicar essas coisas, mas teve essa passagem por causa do [...], que ele já tinha vivenciado vivenciado isso.

Entrevistadora: E vocês discutiam com seu colega de turma...

P11: Isso.

Entrevistadora: Mas não chegou nessas reuniões que você falou de quinze.

P11: É, no começo, não no meio não, no começo sim, né, ele foi explicar o que que era um projeto de extensão, pra que que servia, tal, tal, tal aí sim, mas durante não, durante foi mais a parte pratica mesmo do que tava acontecendo né, do que do que que a gente tinha dificuldade, o que a gente tava aplicando.

Entrevistadora: Tá. (risos) vamo vê na próxima né? Bem, cê falou assim como que era, tenta resumi pra mim você já falou basicamente...

P11: Já atropelei.

Entrevistadora: ...não, não tem problema, como que era o projeto assim que você participava a rotina, você falou, tinha reunião de quinze em quinze dias...

P11: É a estrutura era assim. Nós sentávamos no começo, nós sentamos e a gente meio que determinou o trabalho que ia ser jeito, né.

Entrevistadora: Determinou por vocês, ou conversando com o professor coordenador?

P11: Não, com professor, com o [...].

Entrevistadora: Ah tá.

P11: Sentávamos os três no começo, porque aí na verdade a gente é moldou como que ia ser o projeto, o que que nós íamos fazer, qual que era o objetivo, por qual que a gente ia pegar, e os protocolos que a gente ia usar.

Entrevistadora: Tá.

P11: Então isso a gente teve que fazer junto, estudar, junto lógico, pra saber quais que seriam o melhor pra pegar, então, por exemplo...

Entrevistadora: Ficou a curiosidade, ia falar, como é que vocês começaram? Entendeu?

P11: Qual que seria o protocolo que seria legal pra pegar pra maior porque queira ou não, são pessoas diferentes com objetivos diferentes então a gente tentou pega um protocolo, pra que tentasse agrega ao máximo de objetivos, embora sejam diferentes, então a gente pegou um protocolo pra trabalhar cardiorrespiratória, um protocolo pra trabalhar antropometria...

Entrevistadora: Hum tá.

P11: ...um protocolo pra trabalhar com dobras, quais dobras nós iríamos pegar de acordo com a, que iam ter pessoas né mulheres e homens, não ia ser só um público específico masculino ou feminino então tinha essa diferença também, e aí em cima disso a gente moldou a linha de trabalho, então oh,

a linha de trabalho vai ser essa, aí em cima disso éé também a gente acabou trabalhando de como ia ser esse atendimento, entendeu?Ah vai ser..., se a gente ia aferir pressão ou se não ia, ...

Entrevistadora: Hum.

P11: ...como que ia ser abordagem com o aluno, é é, e e muito em cima do do atendimento também, porque na verdade é o termo do projeto de extensão na verdade a gente, como nós, partiu da gente fazer, porque a gente vê alguns projetos, a comunidade vem mas o cara não está muito interessado em né, ele quer às vezes ganhar ali o dinheiro da bolsa ali, mas ele não quer trabalhar, entendeu? Então é isso que, bom vamos fazer uma coisa um atendimento bacana isso foi, a gente fez essa reunião junto, partindo disso aí eu e o [...] já tínhamos o modelo, então aí ele falou o seguinte agora eu quero, quero que vocês produzam, então agora eu quero que vocês vão periodizando que vocês vão planejando e a gente vai discutindo o porque eu também quero ver se vocês vão, vão saber né lidar com a coisa.

Entrevistadora: Também pra ver se o treinamento o protocolo que vocês escolheram tava bom né.

P11: Porque querendo ou não os dois já tinham uma experiência em cima, apesar de, de, de nós não termos né acabado a faculdade ainda, mas já nós trabalhávamos na área...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...então nós já tínhamos uma experiência de periodização, de avaliação...

Entrevistadora: De treinamento né?

P11: ...de treinamento, então ele falou ah vamo né, em cima dessa linha aqui vocês vão planejando e aí a gente, nós três mesmos determinamos esses três dias, o que ia ser feito em cada dia. Entendeu? Agora faz o seguinte, vocês vão escolher os exercícios nós vamos vendo, vocês vão vendo e passando pra mim, então a cada quinze dias tinha essa reunião, e às vezes a gente se falava por e-mail...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...mandava oh, a gente vai fazer isso, isso, né, tá acontecendo isso, tá acontecendo aquilo entendeu? Assim que foi feito, tudo determinado antes, eu acho que durante o trabalho na prática, as vezes o que você planejou lá no começo não é o que acontece, aí chega muitas pessoas diferentes, ou aquele protocolo não tá dando certo, mas nós não tivemos tanto problema disso...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...deu certo, o protocolo que a gente escolheu, foi uma coisa que foi bacana entendeu?

Entrevistadora: Uma curiosidade, quando o protocolo não dava certo?...

P11: Aí se tem que pensar outro.

Entrevistadora: ...como é que você fazia na hora?

P11: Então na hora, na hora, na hora você nem tem como avaliar muito é depois que acaba o treino né.

Entrevistadora: Hum.

P11: Aí você faz o treinamento cê vai né ver os dados aí se começa a vê que não tá, ou que não tá evoluindo ou que não tá dando certo pra aquela pessoa entendeu? Aí, até um certo momento a gente até chegou, a gente ainda deu sorte que caiu a grande maioria que a procura foi pra emagrecimento e condicionamento entendeu?

Entrevistadora: É a maioria né! Geralmente...

P11: Então a maioria tá, coube o protocolo certinho...

Entrevistadora: Hã, hã.

P11: ...acho que foi muito pouco, muitas poucas pessoas que não coube, acho que nenhum, todos coubem certinho entendeu?

Entrevistadora: Hã, hã.

P11: E aí foi, querendo ou não é uma forma progressiva né, então cê vai acontecendo de você vê, né a evolução, então isso foi bacana.

Entrevistadora: E como que você acha que era assim o seu envolvimento no projeto?

P11: Ah, a gente adorava esse projeto, porque na verdade o mais gostoso desse projeto que a gente viu, era você vê a evolução, você pega uma [...] da vida que pesava cento e vinte três quilos...

Entrevistadora: [...] era difícil e para emagrecer ainda...

P11: Ooos, foram quase um ano de projeto, mas ela perdeu, perdeu a de quinze esses quinze quilos iniciais aí em seis meses de projeto.

Entrevistadora: Nossa!

P11: Porque, em cima disso a gente foi dando umas orientações em parte de nutrição, porque ela era uma que tomava quatro latinhas de coca-cola por dia.

Entrevistadora: Depois aplicava aquelas injeções lembra? Pelo amor de Deus!

P11: Então, são coisas que são assim né, a gente acabava orientando né, fora do condicionamento né uma parte que nem era muito, da nossa área ta passando isso, mas algumas dicas né...

Entrevistadora: Claro!

P11: ...de reduzir tipo de alimentação.

Entrevistadora: Um complemento né!

P11: Alguma coisa assim, que, que acabou ajudando, entendeu. Na verdade o nosso comprometimento era bacana até porque nós íamos os dois horários, então a gente periodizava, a gente planejava...

Entrevistadora: E trabalha ainda né!

P11: ...a gente ia, via a evolução do aluno, fazia reunião, isso era gostoso porque você vai vendo né, essa parte de avaliação é muito gostosa né, porque você vai comparando, você vai vendo, aí se fez uma avaliação você não vê a hora de dar dois meses, pro cê fazer de novo.

Entrevistadora: Você consegue vê o progresso, né? Você consegue vê a mudança.

P11: O que hoje na verdade já não é uma coisa que acontece na nossa área, a grande maioria do pessoal não avalia, porque, porque às vezes o treino que eu estou te dando...

Entrevistadora: Tem muito?

P11: Não, ixi na academia isso aí é de monte às vezes o que você tá usando ali, é o seu treino não é tão eficaz entendeu? Então eu não vou avaliar, porque se eu avalio o aluno vai ver que o meu treino não tá dando resultado, e aí?

Entrevistadora: Não dá, é o que a maioria de dono de academia falam, eles cobram maior grana, grana pra avaliação quando você entra, e aí ele passa num treino que não tem nada a ver.

P11: A avaliação em muitos lugares, exceto em clínicas de personal hoje a avaliação ela é feita ela tem o serviço, mas...

Entrevistadora: É cobrado à parte bem caro.

P11: ...é cobrado à parte. Então se você quer fazer ela vai pagar, se ela quiser refazer, ela vai pagar de novo, então aí a grande maioria não paga, a não ser que seja uma clínica de personal que é um povo mais elitizado...

Entrevistadora: Tem academia que obriga sabia?

P11: Então, alguns lugares obrigam, aqui em Bauru não tem muitos que obrigam não, entendeu? Então essa parte de acompanhamento aí era bacana por causa disso, entendeu? Então a gente ia evoluindo então tinha as discussões, de até pós aulas né, mais minha e do [...] que acabava a aula ali, já oh, cê ta vendo, isso aqui tá dando certo isso aqui não tá dando tal.

Entrevistadora: Ah, vocês já começavam logo depois da aula!

P11: É normalmente acabava a aula ali, já batia um papo ali de quinze, vinte minutos e já via a evolução daquele dia, isso aqui tá dando certo, isso aqui não tá, oh, bacana, o que que você acha que dá pra mudar? As vezes mudava o exercício de segunda-feira o circuito pra não ficar uma coisa chata... entendeu?

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: E em cima disso também o que a gente queria era que eles trabalhassem também né, que você pode mudar, mas não saindo do foco que era trabalhar, perna, braço um geralzão lá então o movimento era legal por causa disso entendeu? Cê tinha, cê tinha interesse porque você via que a galera ia evoluindo ou não, se o cara não evoluía e aí, por que que não tá evoluindo?

Entrevistadora: É, é, é tem essa também, mas vocês não chegaram a ganhar bolsa nada no período integral.

P11: Então, nós ganhamos bolsa, acho...

Entrevistadora: Que legal!

P11: ...que do meio do projeto pra frente que até nós rachávamos eu e o [...]...

Entrevistadora: Ah tá certo né!

P11: ...nós acabamos fazendo um esquema que a gente combinou e era rachado, mas demorou um tempo pra pode aprovar, depois que o [...] entrou com o pedido e tal e acabou aprovando. E aí a gente até chegou a publicar, mas não foi uma publicação, isso daí eu já sou meio leigo em negócio de publicação...

Entrevistadora: (Risos)

P11: ...qué aquele que, de, de, no, que se só apresenta tipo de um muralzinho né...

Entrevistadora: Pôster, é.

P11: ...que você coloca, eu não fiz o teste quem foi na época foi o [...] e a [...] eles foram os dois porque eu acho que eu tava enrolado com alguma coisa de trabalho e eu não fui.

Entrevistadora: Ah, mas então posso dizer aí que você se sentia parte do projeto?

P11: Não, lógico!

Entrevistadora: Era envolvido.

P11: Porque na verdade quem fazia tudo era eu e o [...] né!

Entrevistadora: Só né!

P11: Porque a [...] não lembro se era o [...], o [...] à tarde até que era mais envolvido.

Entrevistadora: O nome eu não lembro.

P11: Era mais envolvido, mas a gente fazia reunião e quem determinava tudo era eu e o [...] a tarde o [...] um pouco mais, porque o [...] já tinha uma experiência grande, ele já tinha trabalhado com futebol, então ele já opinava mais já dava mais idéias, então já era uma coisa mais já englobava mais, era como se fosse um laboratório nosso aí, já incluía três pessoas e aí a cada né quinze dias o [...] vinha também.

Entrevistadora: E, ee o que que você aprendeu assim no projeto? Que você considera mais relevante dessa experiência.

P11: Da parte do projeto que hoje né, pra mim em termos profissionais hoje, que até junto com isso, coincidentemente veio aquela matéria da [...], que na época acho que ela tinha handebol foi quando ela começou a passar o planejamento, o mais rico que, que a gente acabou pegando do projeto foi a parte do planejamento, porque daí, o que que a gente fazia? A gente tinha que saber planeja pra pode passa aquilo pro aluno, e a gente sabe que as vezes você planeja uma coisa e se vai aplica é outra, as vezes no dia não dá pra você aplicar, cê não tem material ali na hora, às vezes acontecia alguma coisa, cê entendeu? Ou você aplicava um treino super bacana naquele dia o aluno não tava legal...

Entrevistadora: (Risos) é complicado né!

P11: ... entendeu? Então aí cê tinha que muda na hora, então essa, esse jogo de cintura de planejar e aplica na prática isso mesmo, foi uma, foi o que até hoje a gente leva, entendeu? Hoje eu trabalho com isso no grupo.

Entrevistadora: Hum, Hum.

P11: Praticamente o nosso grupo é o espelho do que a gente faz, fazia no projeto pra você te uma noção entendeu?

Entrevistadora: Entendi.

P11: Então isso foi, o que foi uma das coisas mais ricas assim foi esse planejamento, é lógico você discuti né, dialogar, você ter uma opinião do outro, porque isso daí é difícil nó você fala uma coisa, o outro cara fala outra o outro fala outra, você sabe discuti...

Entrevistadora: Difícil até a discussão né?

P11: ...você sabe argumentar o seu ponto de vista e sabe o que o outro cara vai falar né? Isso é uma coisa que também foi rica assim.

Entrevistadora: Aí, entra numa parte assim, a gente entrando na parte das implicações formativas se eu perguntar, vou devagar nessa pergunta tá? Vou pergunta pra você assim qual o papel, o valor, o significado e o sentido da extensão universitária na sua formação inicial lá na graduação? Depois eu falo a segunda parte.

P11: Termo deee, conhecimento você fala, no saber ou não? No que implicou? O significado...

Entrevistadora: Qual foi pra você, você falar assim: papel, valor, significado, e o sentido né na extensão universitária.

P11: Pra mim na verdade, foi muito bom porque assim: Você aprende a trabalhar com vários tipos de pessoas né, e é uma experiência única né, você tá ali dentro da faculdade você tá aprendendo, aprendendo um conhecimento ali, e o, você tá aplicando aquilo que na verdade, na verdade a extensão seria isso, pelo o que eu entendi na época que eu fiz...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...era pega uma coisa teórica que a gente tava estudando na graduação traze aplicando na prática, que isso, apesar da gente ter os estágios que a gente fez, extra curriculares, os obrigatórios e tal é diferente, porque no estágio na maioria que a gente fez, poucos que eu fiz pelo menos, foi de vigência, a maioria era observação, então cê ia lá olhava pro professor dá aula...

Entrevistadora: Tinha que dá aula.

P11: ...entendeu? Eu cheguei da aula no Prevê, quando eu fiz escolar, que o professor me conhecia o [...] então ele falou, oh, cê vai da aula, então ele soltava na minha mão e eu dava aula, tudo bem.

Entrevistadora: (Risos) hã, hã.

P11: ...mas é diferente né, são assuntos totalmente diferentes, então assim, e fora querendo ou não foi uma coisa que pra mim foi muito bacana porque, nós que fizemos o projeto na época, então nós que, nós aprendemos a fazer um projeto, como fazer, o que pensar que tem que ser feito, hoje queira ou não pra gente que hoje tem uma empresa que é um grupo de corrida, é, é, é ficou mais fácil, talvez se eu não tivesse tido essa experiência lá da extensão, como que fiz o projeto, o que que ia precisa de material isso e aquilo, mas como corre atrás, que muitas pessoas não tiveram entendeu? Nem tiveram nem como aplicar isso em nada entendeu? Então isso, isso já foi uma coisa bacana, que quer ou não, foi uma coisa que depois eu fui levando e uma coisa que foi ficando mais fácil pra mim entendeu? Tá, mas hoje eu tenho minha empresa, mas desde lá eu lá aprendi como fazer né? Eu tinha que corre atras de divulgação, de material né, sabe quantifica o que a gente ia faze dentro do projeto, e queira ou não é uma transição mesmo, cê tinha que sabe, tinha se virá.

Entrevistadora: Praticamente foi fundamental a informação da extensão?

P11: Foi fundamental cê entendeu? Hoje, hoje muita coisa que a gente faz, é em cima do que a gente aprendeu do que eu aprendi ali também, cê entendeu? É que fora isso a iniciativa que faze né, que é fácil você tá ali na faculdade...

Entrevistadora: Isso é verdade né?

P11: ...e ser mais um aluno né, então aa, expectativa nossa era, num, vamos, vamos ser, não ser mais um, vamos ser o um dos alunos, então a gente falou, vamos faze, então a idéia...

Entrevistadora: Ser um dos alunos de que?

P11: Que sobressaísse ali em termos de fazer uma coisa diferente entendeu? Nós vamos faze um projeto...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...nós vamo, vamo aprender, vamo trabalhar, já em cima disso daí, não espera pra depois que a gente se forma a gente te uma experiência né! Que hoje...

Entrevistadora: É difícil mesmo assim.

P11: ...hoje é complicado, então isso daí, foi uma das coisas que foi bacana na, do, da extensão na minha formação.

Entrevistadora: E aí como que você acha que a extensão universitária se diferencia dentro do ensino e da pesquisa? Sua opinião.

P11: A extensão da pesquisa e do...

Entrevistadora: A extensão universitária, o que ela se diferencia do ensino, só do ensino e da pesquisa.

P11: Que na verdade, se você for ver, ela é a junção dos dois né...

Entrevistadora: É.

P11: ...do ensino e da pesquisa. Porque cê você vai ter, se vai ter que na verdade você vai ter que tá pesquisando, foi o que te falei, a gente montou o protocolo pra ta pesquisando que pode dar certo ou não, só que, isso era um ensino que a gente aplicava pra galera, a gente aprendia, aí seria o ensino não só nós aprendendo em termo de protocolo de avaliação que a gente teve que estuda, mas também em termo de aplicação pro aluno, então a gente tinha que pesquisar, mas a gente tinha que é, estuda o que que a gente ia aplicar então, teoricamente, vou te cita um exemplo: eu quero, eu queria coloca o protocolo de VO2 mas eu tinha que sabe quatro, cinco, seis, sete protocolo de VO2, pra poder quantificar qual seria o melhor pra gente usa ali, isso a gente teve que fazer, a gente no, num não partiu do princípio. Ah [...] qual que é o melhor? Ele falou, não, você vão, eu vou te dar tais, vocês vão ler, vão ver e nós vamo entrar num consenso geral de qual que vocês vão querer usar e eu vou da meu feedback como professor então nós tivemos que entra no ensino, aprende né, batalha ali pra saber moldar o projeto, pra depois ter a pesquisa. Então aí na verdade a extensão ela seria, na minha opinião, ela seria a função dos dois né? Você tem que ter o ensino pra pode saber pesquisar.

Entrevistadora: Então não se resume no que você falou agora pouco de, de pega o ensino e aplicar aqui na extensão.

P11: Não, na verdade não.

Entrevistadora: Vai até um pouco mais além.

P11: Vai um pouco mais além, na verdade em relação, não é fácil pesquisar né...

Entrevistadora: (Risos)

P11: ...eu digo pesquisar até é fácil, o problema na pesquisa, dentro da pesquisa, a coleta é fácil, vou mudar a minha fala o problema é na hora que você pega os dados e você tem que analisar aí o bicho pega né, não só analisar você tem que escrever né aí que o bicho pega.

Entrevistadora: Só tudo isso né? Eu ia te perguntar uma coisa, agora eu esqueci também, você falou, no sentido não só levar o ensino para pesquisa, não qualquer coisa eu volto, esqueci me empolguei na resposta. Éé, e quais, você falou um pouquinho já que, é é o projeto de extensão universitária te ajudou até na empresa que você tem hoje, mas tiveram outras implicações que a extensão universitária trouxe pra sua atuação hoje como profissional, não só na sua formação, agora como profissional?

P11: Tá, acho que é o que te falei, acho que até comentei é essa parte de que é assim da nossa empresa a gente também tem que periodizar...

Entrevistadora: Mas tem tenta te lembrar todas que você teve. Desculpa cortar.

P11: Tá. Desde quando eu saí até agora?

Entrevistadora: Na extensão universitária que eu não tive contato antes, então comecei a ter contato além da extensão universitária ee que isso trouxe alguma implicação pra você na sua atuação hoje como profissional, tá?

P11: Tá, essa parte de que eu te falei da gente periodizar, chega no dia da aula né no, da da atividade ali você planeja uma coisa e te que muda, isso é uma coisa que acabou acontecendo no projeto, a gente periodizava chegava lá aconteceu algum imprevisto, então a gente tinha que muda, essa atitude na hora de te que refazer o planejamento, isso, isso nos primeiros meses ali de aula, era uma coisa que era meio difícil, por que? Porque a gente tinha uma experiência, mas eram pessoas diferentes, então a gente fazia uma atividade que, que tinha que ser na pista, de repente no dia começou a te aula, choveu... e agora?

Entrevistadora: (Risos)

P11: ...nós temo que leva pra quadra, então nós tínhamos que tomar a decisão.

Entrevistadora: Tinha quadra?

P11: Tinha, nós tinha que tomar uma decisão na hora, no que, de como se comportar com isso. Então, ah, tem que mudar, então na verdade o planejamento que você fez antes, com calma, tranquilo ali, que não serviu pra nada né, porque...

Entrevistadora: É verdade!!

P11: ... cê chegou ali e cê teve que muda é, cê vai ter que mudar na hora, então essa troca de pensamento esse planejamento do estado ali na hora...

Entrevistadora: Estratégico, né?

P11: ...estratégico, isso fez diferença já dentro do projeto, porque uma coisa que na academia já é mais difícil acontecer, né? Porque é a experiência que nós já tínhamos antes, porque cê planeja você consegue fazer, a não ser que o cara seja muito...

Entrevistadora: Complicado.

P11:...complicado né.

Entrevistadora: E academia também você precisa mudar de vez em quando, também (risos).

P11: É que isso também depende muito do aluno, né?

Entrevistadora: Do aluno, é isso que eu ia falar.

P11: Mas, era uma... em termos de proporção era, era menor, porque você tinha aquele espaço ali, fixo da academia.

Entrevistadora: É o espaço te proporciona e te limita, né?

P11: Entendeu? Vamos colocar a musculação. A musculação ela está ali, chuva, faça sol ou faça chuva, o espaço está ali.

Entrevistadora: Hum, Hum.

P11: Ali no grupo não, entendeu, i, i, i, você tinha um contato maior com o aluno da academia, porque se acabava vendo ele mais vezes, então às vezes você tinha um contato maior, era, era um tempo maior, cê entendeu? Você ali na academia, então você acabava sabendo mais dele, a rotina se ele trabalhava o que que ele fazia, que no grupo já era meio correria, já era ali, você dava aula, acabava, sei lá! Você conhecia a pessoa mas não era tanto como na academia entendeu? Então a pessoa tinha horário, acabava ali já ia embora, entendeu? Então isso foi uma coisa que também já ajudou, já isso foi uma coisa que até hoje isso marcou, hoje eu uso na minha atuação profissional hoje, dentro do meu ramo hoje entendeu? Fora isso que mais que seria da parte da extensão?

Entrevistadora: Mais algum saber que você lembra?

P11: Ah, o estudar né, você pega pra estudar né? Que isso queira ou não hoje é mais difícil que na época, hoje, hoje já tem uma correria, uma rotina de aula maior.

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: Entendeu? É lógico a gente estuda, mas é um estudo menor do que a gente fazia na época, na extensão a gente só estudava, teoricamente, trabalhava meio período, mas conseguia-se estudar mais dentro do, dentro do, do, do, do projeto, que hoje é uma coisa que a gente tá tentando voltar a fazer agora, dentro da, empresa, nós tamo tentando colocar, moldar dentro do grupo um material didático do grupo.

Entrevistadora: Por quê?

P11: Pra, pra que hoje dentro do grupo nosso, nós temos as categorias do grupo.

Entrevistadora: Hã, hã.

P11: Então, aí cada um tem que fazer um esquema diferente de coordenação e de condicionamento, então a gente tá querendo padronizar uma linha de trabalho nosso, então, por exemplo: você vai entrar no grupo você é iniciante, a gente já sabe o treino que você vai fazer, é lógico em cima da vivência que você tem, entendeu? Hoje é tudo dividido por categoria, entendeu?

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: Então essa é a diferença, então isso hoje a gente já se policia fazer entendeu? Já se policia a, a voltar a fazer, então hoje a gente já tá sentando com os professores que trabalham com a gente, pra moldar isso, aí a gente senta, divide as categorias, vê o que vai passar de exercício isso por cada categoria, de acordo com o grau de coordenação ou de condicionamento, entendeu?

Entrevistadora: E por que que vocês viram essa necessidade de estudar de novo? Porque é assim: o projeto meio que obrigava, não que fosse uma coisa ruim, meio que obrigava vocês a estudar por causa da necessidade dos alunos...

P11: Isso.

Entrevistadora: Certo? E aí agora dentro da sua empresa você vê a necessidade por uma padronização, mas também há necessidade de voltar a estudar?

P11: Na verdade, não seria a necessidade de voltar a estudar.

Entrevistadora: É.

P11: Seria uma, uma, uma diferenciação já porque a gente já faz, mas a colocando no papel pra ficar uma coisa mais fácil, hoje a gente planeja as aulas, mas é assim como o grupo aumentou tambám. Entendeu?

Entrevistadora: Tá!

P11: Que hoje nós temos quarenta alunos no grupo hoje são alunos totalmente diferentes, muito mais do que era no projeto na época, porque é um grupo de corrida então nós temos quatro categorias dentro do grupo.

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: Entendeu? São pessoas que caminha e vai até uma pessoa que conduz uma maratona hoje, só que assim, pra você entender um pouquinho a mais, as vezes o cara que corre na maratona hoje, que tem melhor condicionamento não é o cara mais coordenado.

Entrevistadora: Ah entendi.

P11: Entendeu? Então aí hoje...

Entrevistadora: Nossa!

P11: ... ele começa a faze alguns trabalhos de coordenação que ajudam ele a melhorar ainda mais a performance dele, pra ele abaixar um tempo, ou ele conseguir correr sem ter tanta dor, que, é lógico vai correr uma maratona cê vai sentir um pouco de cansaço muscular tem uma sobrecarga grande, mais aí você começa a melhorar pisada, melhorar passada...

Entrevistadora: Hum. Hum.

P11: ...que as vezes chega um aluno no grupo que já ta correndo uma metragem bacana, mas que não pisa legal, não tem uma postura legal, então hoje nós tamo vendo a necessidade de rea... nós tamo montando um material que também é novo pra nós, porque nós tivemos essa necessidade...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...de remontar sentar com calma e montar um material em cima disso, pra que esse, cara que já chegou aqui as vezes até com vício...

Entrevistadora: Até com vício não, com vício.

P11: ...readaptar ele. Para que ele pise, comece a pisar certo, comece a ter uma passada bacana, uma abertura de passada legal, para que ele alcance o objetivo dele individual que é igual...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...que é igualzinho a extensão que a gente fazia...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...mas de uma maneira mais proporcional, uma qualidade de vida melhor pra ele naquela hora ali, entendeu? Pra vida dele entendeu? Então esse é o intuito do negócio, então é, nós precisamos, nós é tivemos que montar e outra, como o grupo na verdade como o grupo aumentou, que que teve que fazer isso entendeu? O grupo aumentou... entendeu? Como o grupo aumentou a gente teve a necessidade de a gente teve a necessidade teoricamente de ter que montar um protocolo pra ficar uma coisa também mais padronizada entendeu?

Entrevistadora: Hum, hum, entendi.

P11: Porque como era menos pessoas né, então tranquilo né, você consegue ali com um dois professores com dez, cinco pra cada um ii eram horários diferentes, então as vezes iam quatro em um horário, seis no outro, então você consegue consegue planeja e aplica ali, o grupo começou a aumentar cê entendeu?...

Entrevistadora: Se vai se perdendo né?

P11: ...e aí a coisa começa a complicar, então aí a gente decidiu monta, esses laboratórios hoje, então na verdade não são pra melhora, não são pra planeja, lógico planeja o que a gente tá passando, mas pra na verdade também mon..., faze um laboratório de faze um trabalho padrão...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...pra gente faze uma apostila de educativos nós vamos filmar os educativos, vários tipos de educativos e classificá-los de acordo com as categorias. Aí vai ser...

Entrevistadora: Que legal!!

P11: ...uma coisa padrão do grupo entendeu?

Entrevistadora: Hã, hã.

P11: Um material que nós vamo te, que até isso nós estamos vinculados no projeto extensão na faculdade.

Entrevistadora: Ah é?

P11: É, e a gente tá querendo em cima disso também pesquisar e também publicar, até hoje, a gente tá, agora é que é assim, agora, a correria nossa do grupo e do [...], mas o [...] e o Professor [...] tão com a gente, então é assim, a cada, nós não tivemos um tempo ainda de sentar, pra você te uma noção da, o grupo já faz oque, nós iniciamos em Dezembro, nós sentamos lá pra Fevereiro e Março, pra gente te uma conversa de como tava indo...

Entrevistadora: Hum.

P11: ...mas nós não tivemos tempo ainda de sentar com os dados pra pode vê em que área que seria legal a gente publica, no caso, pesquisando, nós tamo pesquisando muita coisa, porque hoje o que a gente aplica, tudo que a gente faz a gente anota, então você imagina, nós tamo com dezoito alunos.

Entrevistadora: Nossa.

P11: Então assim, então na segunda-feira a gente periodiza lá, o circuito, duas estações, quarenta segundos por estação, duas passadas por exemplo e ai antes disso a galera dão algumas voltas, caminhando pra aquecer a musculatura, aa pra aquecer o corpo, e depois a gente faz exercícios de coordenação pra aquecer, depois a gente vê que se trabalha, então, hoje por exemplo, o circuito, que nem hoje, hoje tem aula do grupo, a noite cada um eu já periodizei a metrage que cada um vai faze em cima do que a gente tá periodizando porque agora a galera que ir pra são silvestre no fim do ano.

Entrevistadora: Ah! (Risos) que legal!

P11: Então uns corre cinco, outros tá indo pros quinze, outros já tão correndo vinte e um, mas vão querer pros quinze num tempo maior, melhor...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...entendeu, então são objetivos diferentes, então aí hoje nós já temos a planilha né, do que cada um vai faze, então um vai da dez voltas frequência tal, outro vai dar quinze voltas numa frequência tal, no ritmo tal e aí tanto a [...] como os outros professores, eles vão anotando, então, por exemplo, cada volta que dá, ela anota o tempo e a frequência, ele passa o frequencímetro, cento e noventa e dois, cento e cinquenta e cinco...

Entrevistadora: Nossa!

P11: ...por exemplo, e a gente vai anotando e isso a [...] anota, cada aluno tem uma pasta nossa no computador então a gente tem os dados de aluno que começou em Dezembro até hoje, e com as evoluções, melhorar de frequência, isso e aquilo entendeu? Então hoje a gente já faz isso, oh! É que na correria como eu te falei, nós não tivemos um tempo de sentar e oh! Os dados tão tudo aqui coisa tal e tal, o que que nós vamos, qual, qual fator, ou qual tema nós vamos pega pra publicar, cê entendeu?

Entrevistadora: Porque é assim, deixa eu vê se eu entendi, cê que faze um trabalho pra,. Padronizar o trabalho de vocês, vocês querem faze um estudo pra padronizar o trabalho de vocês, consequentemente vocês tão aliando isso aos projetos de extensão, os ou o, não sei, o

P11: E, o projeto, que é o projeto de extensão de condicionamento que tem lá ainda.

Entrevistadora: É o projeto que você participou e que tem agora...

P11: Isso!

Entrevistadora: ...de condicionamento físico, ceis querem aliá pra pode publica esse dados...

P11: Isso!

Entrevistadora: ...pra faze a pesquisa, certo? Mas cês também pensam em amplia isso na formação dos alunos, aí é curiosidade minha.

P11: Então, na verdade já tem.

Entrevistadora: Na formação individual.

P11: ...tanto que já tem um aluno da faculdade que tá estagiando com a gente.

Entrevistadora: Hum!

P11: Pra você entende o que é bacana, ele, esse rapaz ele tá no primeiro ano de faculdade...

Entrevistadora: Nossa!

P11: ...só que ele já foi atleta, ele já foi atleta de ponta no atletismo...

Entrevistadora: Hum!

P11: ...ele já foi atleta de cinquenta e cem metros de troféu Brasil, então hoje, é pra você vê como que é legal, hoje eu tenho minha experiência já de cinco, seis anos de formado mas eu já trabalho em academia há dez anos, hoje eu tenho experiência de periodização de planejamento, enorme, mas em termos de exercícios de coordenação e de educativos de corrida eu estou aprendendo ainda, porque dentro da faculdade a gente teve mais o básico e ele já não, ele não tem essa vivência nenhuma quase de periodização, ele tem, ele o que ele foi atleta,...

Entrevistadora: Ele tem os conhecimentos que passaram pra ele.

P11: ...ele tem os conhecimentos práticos, mas ele tem uma vivência de coordenação enorme, então esse laboratório que nós estamos fazendo hoje, é pra ter essa junção, então hoje a gente periodiza em cima do que os dois fazem, então por exemplo: ele, nós tamo dividindo exercício de coordenação ele sabe muitos eu sei alguns, então a gente senta nesse, nesse laboratório e especifica todos, a idéia é filma todos, e aí em cima desses todos a gente codifica quais seriam pra uma categoria, quais seriam pra outra entendeu? Dentro do grupo... Então isso que é legal, entendeu? Então to pegando a minha experiência prática e de de teórica também da parte de periodização, de planejamento e ele tem a parte prática da parte de execução, entendeu!?

Entrevistadora: Aí cê junta...

P11: ...que é totalmente diferente cê entendeu? Porque? Porque ele foi atleta, então é uma vivência de postura de passada.

Entrevistadora: Ele sabe fazer né... sabe porque está fazendo.

P11: Então essa é a junção, e aí com esse material pra nós vai ser muito fácil, porque hoje graças a Deus dentro do grupo, cada semana entra um dois alunos novos no grupo, ta entrando nessa...

Entrevistadora: Mas aluno pra fazer aula?

P11: Pra fazer aula entendeu? Então o aluno por divulgação de um e de outro vai entrando, então se não tivesse esse modelo hoje...

Entrevistadora: Hã, hã.

P11: ...pra nós fica muito mais difícil trabalha.

Entrevistadora: É.

P11: porque a idéia era assim, pra você entende né, durante a semana é a periodização geral uma parte específica na pista, e de domingo é o treino longão que a gente fala, que é o treino maior na rua, e esse treino maior na rua, de domingo ele já é dividido por categoria, e cada categoria já tem o professor formado que acompanha a galera, então, nós que somos os professores do grupo mesmo, nós montamos o treino geral de todos os alunos...

Entrevistadora: Hã, hã.

P11: ...e esses professores são contratados só pra acompanhar a galera pra corre.

Entrevistadora: Verifica se eles estão fazendo da maneira correta.

P11: A gente faz as metragens, de domingo ah o grupo vai caminhar quatro quilômetros, o pessoal da caminhada vai caminhar, cada um no seu ritmo, pessoal vai correr seis quilômetros então nós três vamos correr seis quilômetros, por exemplo: você vai correr na sua frequência, eu na minha e a [...] na dela...

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: ...e o professor fica sempre com o último da turma, da onde ele vai tá orientando postura, vai ta orientando respiração...

Entrevistadora: Hum, Hum.

P11: ...só que isso é só de domingo, agora consequentemente como o grupo aumentou, nós tamos fazendo isso durante a semana, então nós já estamos em quatro dando aula durante a semana.

Entrevistadora: Hã, hã.

P11: Cê entendeu? Então, a necessidade de fazre esse material hoje, de voltar a estudar, teoricamente não seria voltar a estudar, mas moldar isso seria em torno dessa necessidade que teve, porque hoje o número já tá crescendo bastante entendeu? E vai chegar amanhã o outro e nós vamos ter que ter mais professores mesmo com aquele padrão ali.

Entrevistadora: Mas pra padronizar, obrigatoriamente você vai ter que voltar a estudar né?

P11: Entendeu?

Entrevistadora: Que, que, que te obrigar a ir atrás de...

P11: Eu digo que não não seria estudar, mas seria aquela questão de você para pra colocar no papel aquilo que você vem fazendo, entendeu?

Entrevistadora: Sistematizar.

P11: Ah eu já venho fazendo isso mas eu quero...

Entrevistadora: Sistematizar.

P11: ...sistematizar pra passar pra todo mundo, professores trabalharem juntos, a mesma linha de trabalho tudo bem, que mesmo que vai, a [...] e o outro professor que é o [...] que é estagiário e já trabalha só nós três durante a semana, mas que o professor de domingo também saiba...

Entrevistadora: O que foi feito?

P11: ...pra poder passar alguma coisa durante o domingo entendeu? Então isso também é uma coisa que foi bacana que trás né, que trouxe conhecimento também.

Entrevistadora: Caramba, então posso te dizer (risos) que o projeto de extensão só implicou na sua vida hoje, né?

P11: É, hoje na verdade, tudo que a gente faz é baseado no projeto.

Entrevistadora: E aí oh, você me falou diversos elementos que você aprendeu né na extensão: planejar, periodizar, sistematizar, é é, que eu leio o questionário (risos) to pegando aqui o que você falou, é estudar, discutir mais algum que eu esqueci, que você lembra?

P11: Ah e fora tudo isso aí, querendo ou não, que você acaba ficando mais crítico né, que aí começa a aplica aquilo e sabe se aquilo tá dando certo ou não e você começa a ter um pensamento crítico em cima disso também entendeu? Até em cima de você mesmo né, em relação a estuda mais pra aplica, mudar o tipo de treinamento pra vê se vai dar certo ou não, principalmente a nossa área hoje que é corrida, hoje, por exemplo, cê não tem um trabalho específico cientifico de maratona, se você jogar no google ou for pesquisar em termo científico de faculdade, agora que tá saindo, alguns tipos de treinamentos que seriam ideais os, tão publicando pra maratona entendeu?

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: Então dependendo da linha de trabalho que você for seguir você vai faze um trabalho aqui, num outro grupo outra coisa, tem o principal que é o padrãozinho ali, mas aí o professor hoje dentro da experiência dele que vai moldando isso entendeu? Hoje.

Entrevistadora: Hã, há.

P11: Ta dentro da nossa área entendeu? Da corrida, então querendo ou não você tem que ir mudando entendeu? Ter pensamento crítico de você sabe fala, não, isso aqui não tá dando certo então vamo tenta muda, porque querendo ou não na hora que você tem que muda que a coisa complica né?

Entrevistadora: O bicho pega.

P11: Qual que nós vamo muda? Mas porque que nós vamo muda? Será que da pra mudar agora porque o nosso trabalho é em cima de datas, de objetivos que é o que agente motiva a nossa luta por exemplo nós fomos pra maratona de São Paulo...

Entrevistadora: Datas e objetivos a serem atingidos é isso?

P11: ...exato. Por exemplo, o aluno chega para nós com uma realidade, que é o que acontecia lá, mais hoje ele corre três, daqui três, quatro, meses ele que correr dez, aí dentro da realidade é que agente vê nele, que a gente tendo a experiência prática e teórica nossa, nós temos que dar um parecer pra esse aluno, se ele vai conseguir, se não vai, quantas vezes na semana ele vai precisar treinar se ele vai pode treina isso, entendeu? Então aí tudo isso agente tem que ir mudando, que nem nós fomos pra maratona de São Paulo, nós voltamos da maratona de São Paulo já falando da meia maratona do Rio...

Entrevistadora: Que é show de bola. (Risos)

P11: ...agora, pessoal, foi que a gente acabou não conseguindo ir, mas agora já tamo indo pra São Silvestre, então agora voltando Setembro do feriado agente senta com cada aluno, e oh quem que vai pra São Silvestre, ah eu vo, ela vai, ela vai, correndo dez bacana, to correndo dez, ca... moído, e a Nara tá correndo catorze já sususa, então aí em cima de cada um agente tem que periodiza de Setembro até Dezembro.

Entrevistadora: São só dois meses...

P11: Que é o que vamo trabalhar, entendeu? Vamos trabalhar um pouco agora de velocidade ou a galera que tá vai ter que trabalhar volume pra chegar nos 15 primeiro, entendeu, com uma qualidade de ritmo, um ritmo constante pra depois a gente trabalhar velocidade, aí você vai moldando em cima do que agente quer, entendeu?

Entrevistadora: Hum, hum.

P11: E aí...

Entrevistadora: Desculpa pode falar.

P11: ...não pode falar. Então aí é uma coisa que você também entra, você entendeu? Você tá, tem esse pensamento também, entendeu?

Entrevistadora: E aí você também falou da pesquisa, que você aprendeu a pesquisar também, mais alguma coisa que você lembra?

P11: Ah, não sei.

Entrevistadora: Vou puxar tudo...

P11: Hã.

Entrevistadora: Aquela que vai puxando tudo, né?

P11: Acho que seria mais isso, num, que né que chamou mais atenção, foi mais nisso, essa parte de... acabou?

P12

Entrevistadora: Cuidado pra não bater na mesa, que ele grava. (risos) Então é assim, em primeiro falando um pouquinho sobre divulgação, como você se aproximou o projeto, tá? Como que você se aproximou dele? Como que você conheceu?

P12: Hum, hum.

Entrevistadora: ... você sabia o objetivo desse projeto, como que você teve esse contato com ele.

P12: Então, éé antes de trabalhar no projeto com Educação Física escolar com as crianças na educação infantil eu já tinha tido, participado do estágio, pra essa mesma faixa etária na...

Entrevistadora: Que legal!

P12: ...[...], então eu já tinha.

Entrevistadora: Aonde?

P12: [...]

Entrevistadora: [...] é o nome do colégio?

P12: É o nome de um, é uma escola filantrópica que é pras crianças que, dos filhos dos funcionários da [...] e da [...].

Entrevistadora: Aã, não conhecia.

P12: E tem outras crianças que podem estudar lá também né, tem um preço bem, bem baixo pra quem é de outros lugares, mas é ajudado, o [...] ajuda o...

Entrevistadora: É bem acessível?

P12: ... Sim, sim.

Entrevistadora: Que legal!

P12: É das irmãs, as irmãs que ficam lá e cuidam.

Entrevistadora: Que bonito. (risos)

P12: Já dei aula lá pras crianças né, fiz estágio lá de dois a seis anos de idade e trabalhei natação, tinha piscina, então tinha, éé trabalhei dança, por que tinha as apresentações e trabalhei os conteúdos da Educação Física e tive muita dificuldade, porque eu entrei ali, fiquei praticamente sozinha né?

Entrevistadora: Mais estágios.

P12: Sim.

Entrevistadora: Era estágio curricular que a gente tem que dá.

P12: Não, não, não estágio mesmo, tava precisando de alguém.

Entrevistadora: Ah tá! Legal!

P12: Aquele CCI doo, éé, que faz estágio praaa que arruma estágio pra estagiário.

Entrevistadora: Ah! CCI não era CIEE[20], alguma coisa...

P12: CSC, e, CIEE...

Entrevistadora: Que arruma estágios remunerados. Hã, Hã.

P12: Isso, isso. E aí conseguiram lá, né, e tive esse contato com as crianças que eu já gostava.

Entrevistadora: Que legal!

P12: Mas, tive muita dificuldade também, eu tava eu entrei no segundo ano da faculdade.

Entrevistadora: Nossa!

P12: Eu fiquei o segundo e terceiro ano lá. Aprendi muita coisa. Fui buscar ajuda com professor, buscar livro, tal, mas foi legal aprendi muito. Ah! só que ali, eu não tava, assim, eu pensei: To trabalhando eu ainda estou na faculdade eu tava deixando de fazer coisas da faculdade pra ficar lá, então eu quis interromper í me aprofundar mais no que a faculdade tava me oferecendo, nisso que eu... tive que eu né, me desvinculei né em Fevereiro, aí fiquei sabendo que o [...] ele tinha o projeto...

Entrevistadora: [...] é o coordenador do projeto?

P12: Isso. O professor [...], ele tinha o projeto que era com a educação infantil né, com as crianças da faixa etária é, é, que o aluno que tava nesse projeto, ele tinha se formado.

Entrevistadora: Hummmmm.

P12: Só que prá, prá fazer, prá escolher outra pessoa por que já tinha bolsa, o projeto já tinha bolsa, ele fez uma prova, assim, uma avaliação, então quem teve interesse foi, fez a avaliação, mas ele perguntou algumas coisas sobre desenvolvimento...

Entrevistadora: É, isso que eu ia perguntar.

P12: ... motor sobre educação infantil e sobre o seu interesse né, porque o seu interesse. Aí ele, eu acabei sendo escolhida aí e fiquei no projeto dois anos e aí a partir do projeto eu comecei publicar, até então eu não tinha participado de congresso, comecei a me aprofundar mais mesmo no que a

[20] CIEE: Centro de Integração Empresa-Escola.

faculdade tinha prá me oferecer, né? Nessa época. E aí também fiz a minha monografia ali, a partir disso...

Entrevistadora: Nossa!

P12: O meu mestrado foi, com base... tudo, ajudou tudo sabe, foi encaminhado um pro outro.

Entrevistadora: Mas aí você se aproximou então porque você queria saber, o que a faculdade tinha mais pra te proporcionar?

P12: Sim, sim, tinha esse projeto.

Entrevistadora: Tinha projeto que você aliou, né?

P12: Sim, dentro do que eu queria, né? Que eu queria me aprofundar mesmo nessa área que eu gostava e ele tinha o projeto, né?

Entrevistadora: Mas, você foi, você falou que o projeto já tinha bolsa, você foi por que você tinha interesse de trabalhar com a área, ou você foi por causa da bolsa.

P12: Os dois juntos.

Entrevistadora: Conciliou os dois?

P12: Conciliei os dois né? Eu sai, é é do, da escola, eu quero engajar alguma coisa esse projeto que tinha o que eu queria né? Estudar, aperfeiçoar que eu gostava de trabalhar com as crianças né? Gosto de trabalhar com as crianças, e ainda juntou que tinha bolsa, então juntei o útil com o agradável.

Entrevistadora: Perfeito! Perfeito. E você lembra assim, o objetivo do projeto? Não com as palavras que estavam escritas, o que você lembrar, com as palavras tudo bem,se não qual era o objetivo?

P12: O objetivo nosso, era proporcionar né? Aula de Educação Física pras crianças, porque eles não tinham professor, né? Era o projeto que, que oferecia né, a gente combinava um horário que eles, que eles podiam possibilitar pra gente pra eles trem aula de Educação Física, por que senão eles não teriam né? Se a gente não tivesse ali, se não tivesse o projeto, então, proporcionar as aulas de Educação Física pras crianças, pra proporcionar o desenvolvimento motor né? Ééé do comportamento motor das crianças...

Entrevistadora: Desculpa, é que eu percebi que eu pulei uma pergunta. (risos)

P12: Não tem problema, pode voltar.

Entrevistadora: Iiii, como é que fala? Repete de novo o objetivo? Por favor.

P12: É, o objetivo era proporcionar que as crianças tivessem aula de Educação Física, assim...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: Primeiramente por que a escola eles não tinha...

Entrevistadora: Lembrei a pergunta. Ali era CIEE né que chamava, você lembra o que que era o CIEE?

P12: É, aí.

Entrevistadora: Eu acho que era alguma coisa criativo.

P12: É.

Entrevistadora: Creche, centro.

P12: Não, aí.

Entrevistadora: Casa (risos)

P12: O que é, nossa fugiu.

Entrevistadora: Não tem problema.

P12: É, e não é criança infantil.

Entrevistadora: Mas eles iam pra, o CCI[21] era uma escola...

P12: Era uma escola...

Entrevistadora: Isso que eu queria entender.

P12: ... só que não tinha professor de Educação Física.

Entrevistadora: Hum, tá.

P12: Entendeu?

Entrevistadora: Entendi. Hum, hum.

P12: O projeto, ele proporcionava que as crianças tivesse aula de Educação Física, até que não tinha muito espaço assim, pra aula, tinha um quiosque, e...

Entrevistadora: Nossa!

P12: ... tudo adaptado, cheio de banco era onde eles lanchavam, na hora que eu ia dar aula, eu separava, colocava um banco em cima do outro ou ela deixava mais ou menos arrumado pra minha aula, eu tinha um espaço bem grande assim, tinha árvore, tinha terra, eles não tinham construído então um espaço assim, livre que dava pra fazer pra minha atividade, mas quando tava muito frio não dava pra ficar lá e quando chovia também não.

Entrevistadora: Você não tinha sala de aula, assim pra dar aula?

P12: Não. Tinha a sala deles.

Entrevistadora: É a sala deles, mas é diferente né.

P12: Os pequenininhos eu até começava dentro da sala deles, eles eram muito pequenininhos lá também, eu começava com as crianças de dois anos, então como eles eram muito pequenininhos lá também, eu começava com as crianças de dois anos, então como eles eram muito pequenininhos não tinha como levar eles pro quiosque.

Entrevistadora: Tinha quantos de dois anos?

P12: Dois anos? Tinha uns cinco, seis.

Entrevistadora: Nossa!

P12: Era a turma que tinha menos.

Entrevistadora: É (risos)

[21] CCI: Centro de Convivência Infantil “Gente Miúda”.

P12: Ah, mas era uma gracinha!

Entrevistadora: E as outras idades, quantos tinham?

P12: As outras, a então, os de cinco, sei que tinha mais, às vezes era vinte, dezoito, depende da turma.

Entrevistadora: E você sozinha?

P12: E eu sozinha.

Entrevistadora: A professora de sala não ficava...

P12: Então, só dos pequenininhos que ela ficava junto.

Entrevistadora: E a professora, como é que chama? É diferente o termo não é?

P12: Ah, elas eram bom..., eram, não sei se eram professoras mesmo.

Entrevistadora: Eram professoras, então tá bom.

P12: Recreacionistas, monitora.

Entrevistadora: É que tem lugar que o nome é diferente, né?

P12: Então, aí éé, eu ficava sozinha com as crianças, o [...] nunca tinha tempo de ir lá comigo, né? Só passava, às vezes a dificuldade, eu falava to com dificuldade nisso, que nem as meninas de cinco anos, algumas meninas era assim mocinha, né?

Entrevistadora: Cinco anos?

P12: Cinco anos, então elas iam de sapato de salto, aquelas sandalinhas, de sainha e não queria andar na terra, não queria brincar, não queria correr. Professor, então o que que eu vou fazer? Aí ele me ajudava, me dava umas dicas, isso deu, isso não deu, então ele ia me ajudando assim. O que e tinha de dificuldade eu passava pra ele, e ele me ajudava. Algumas aulas também a gente planejava junto, eu planejava e mandava pra ele olhar. Professor o que é que o senhor acha? Né? Com a turma de dois anos eu tive muita dificuldade por que eu tive que começar com eles na sala, mas depois eu falei, eu preciso sair com eles pro pátio aqui é muito pequeno né? Então a dificuldade de levar eles pra lá dispersavam muito, por que eram muito pequenininho...

Entrevistadora: Risos.

P12: ... mas aí eu fui pegando o jeito também né?

Entrevistadora: E você tinha reuniões com o Professor coordenador? Com o [...]?

P12: Tinha, tinha, tinha, é no começo tinha mais né? Uma vez por semana...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... a cada quinze dias conforme eu fui é, é fui pegando experiência...

Entrevistadora: Pegar autonomia né?

P12: É, fui montando mais aulas, a gente vai sabendo como lidar com a situação, aí foi sendo mais esporádica né?

Entrevistadora: É entendi. É assim, você lembra qual era a função do professor coordenador do projeto e a sua função como aluno estagiário, quando você não era formada ainda?

P12: Ah! sim, não lembro certinho o que cada um fazia ...

Entrevistadora: O que cada um fazia?

P12: ... assim, ele me auxiliava sim, né as avaliações o que seria legal fazer, o que daquelas avaliações eu poderia publicar ...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... é com aquelas avaliações o que daquilo poderia ajudar nas aulas, é,é, montar as aulas e fazer os planejamentos de acordo com cada faixa etária né? Os conteúdo, distribuir pra faixa etária o que que era importante mais pra cada idade, é essas dificuldades que eu encontrava no dia a dia né? Eu, eu trocava com ele era isso que que a gente fazia, tanto é que ele nunca chegou a ir lá né? Pra ficar comigo.

Entrevistadora: Ele nunca foi?

P12: Foi quando eu comecei o estágio, pra conversar com a diretora, direção.

Entrevistadora: Hum, hum, mas acompanhava as aulas.

P12: As aulas não, as aulas não.

Entrevistadora: Humm.

P12: Eu já cheguei a filmar a aula pra ele assistir, até as avaliações ele assistia, a primeira avaliação ele me ajudou a avaliar.

Entrevistadora: Todas eram filmadas, essas avaliações?

P12: As avaliações, as aulas não, algumas aulas no começo eu cheguei até a filmar, fazer observação, mais...

Entrevistadora: Como é que você filmava e dava aula? Risos.

P12: É que é assim, tinha, é era complicado, eles mexiam.

Entrevistadora: Eles são muito pequenos. (risos)

P12: Eles queriam ir atrás pra olhar, eles davam risadas, gritavam, passava batia a mão, era, era difícil, mas...

Entrevistadora: A câmera era fixa ou você, você tinha que ficar virando?

P12: Não era da faculdade, aquela grandona, que tem um tripé, deixava ela num canto...

Entrevistadora: Ah legal! (risos)

P12: Alguns às vezes, demorava pra perceber a câmera né? Aí quando percebia, eles queriam mexer, eles queriam correr eles gritavam, faziam tudo aquilo, como se fosse passar na televisão né? Mamãe vai ver na televisão.

Entrevistadora: Risos

P12: Eram bem assim, mas... iii ...

Entrevistadora: Risos, a sua função?

P12: A minha função...

Entrevistadora: Você falou que ele te auxiliava nisso, e você fazia o que?

P12: A minha função então era aplicar as aulas...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... e me deparar com essa situação nova, com esse ambiente também, tentar né, é é é resolver esses problemas né? E conforme foi passando a experiência eu conseguia resolver sozinha né? E planejar mais aula sozinha e já dividi melhor o conteúdo, sem ter que né? É precisar tanto da ajuda dele, eu precisei um pouco mais no começo, embora eu já tinha experiência, eu também tive dificuldade quando eu tava na escola.

Entrevistadora: E cada contexto proporciona uma coisa.

P12: Sim, sim e na escola era bem diferente né? Assim, na, na, [...] ela tinha as irmãs ela tinha um, é muito tempo que ela tinham as aulas, era diferente as crianças tinha aula de manhã, a tarde era Educação Física que era o período que elas estavam livres, então elas tinham Educação Física e tinha recreação no parquinho.

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: E eu tinha aula todo dia, todo dia eles tinham aula comigo...

Entrevistadora: Que legal!

P12: Todo dia, todo dia, aí eu dividi essas aulas.

Entrevistadora: Que legal!

P12: É legal essas aulas...

Entrevistadora: É muito legal!

P12: Sim, eles tiveram uma propor... proporção de conhecimento muito maior.

Entrevistadora: Os alfabetizava corporalmente, pode-se dizer né?

P12: Sim, é eu tinha a possibilidade de dividir também né? Tinha piscina no calor eu tirava dois dias na semana pra dar aula de natação, né?...

Entrevistadora: Que delícia!!!

P12: ... uma piscina pequenininha, uma maior é dividia conteúdo de ginástica, de habilidade motora, dividia dança...

Entrevistadora: Que legal!

P12: ... ritmo, por que depois sempre nas datas comemorativas eu tinha que organizar uma apresentação né? E aí eu era parte de funcionário da escola, também tinha a minha função dentro da escola, era diferente da função do CCI que eu era uma estagiária que eu fazia, assim eu ajudava eles, mas eu não fazia parte, eu não era funcionária né?

Entrevistadora: Hum, hum, entendi.

P12:...né? E ali também era assim duas vezes na semana mas como ali as crianças tem crianças que ficam o dia todo, e tem criança que ficava meio período, então uma vez na semana eu dava aula de manhã, na outra vez na semana eu dava aula a tarde.

Entrevistadora: Era um aula.

P12: Era uma aula de manhã, uma a tarde, quem ficava lá o dia inteiro tinha duas aulas e quem ficava meio período tinha uma aula só.

Entrevistadora: Que rolo!

P12: É.

Entrevistadora: É ruim pra vivencia da criança né?

P12: Sim.

Entrevistadora: Por que se dá aula todo dia, que delicia você faz parte dar rotina deles.

P12: Com certeza.

Entrevistadora: Ele entende.

P12: O vínculo afetivo é muito maior também da gente como professor.

Entrevistadora: Fora que é essencial a Educação Física, na, na fase inicial da vida deles né?

P12: É época que eles mais se movimentam que eles precisam se movimentar...

Entrevistadora: É a fase das descobertas.

P12: É.

Entrevistadora: É pra descobrir o mundo.

P12: É muito importante.

Entrevistadora: É que geralmente não tem, por isso que eu to aqui babando, nossa que legal!

P12: É, eu amava por causa disso. Mas não só essa diferença da minha postura como professora assim, no sistema, como o sistema era diferente ali por mais que as irmãs eram tradicionais, elas tinham uma forma de lidar com todas as disciplinas ali com todas as atividades de uma forma, e no CCI era outra, no CCI eles eram mais por exemplo: na, na [...] eles eram mais afetivos né? Todos.

Entrevistadora: Hum, pedagogia né?

P12: No CCI, eles já eram mais assim, Professor não podia chamar de tia, sabe então havia aquele afastamento...

Entrevistadora: Afastamento aluno-professor né?

P12: Eu já via mais assim, bem diferente escola né? Esquemas diferentes.

Entrevistadora: CCI era público?

P12: Então ele era público, só que como ele era filantrópico né? Nem da Prefeitura, nem do Estado, nem particular...

Entrevistadora: Entendi, é.

P12: ... Então quem conseguia vaga, pagava uma, um valor pequeno...

Entrevistadora: Hum pra auxiliar.

P12: ...Pra ajudar, mas tinha uma preferência quem era filho de funcionário da [...] ou da [...].

Entrevistadora: Na [...]?

P12: Na [...].

Entrevistadora: E no CCI...

P12: Eu não sei, era público, mas só pros funcionários né?

Entrevistadora: Só funcionários do colégio?

P12: Não entrava gente de fora.

Entrevistadora: Os funcionários os professores que atua lá, eles passavam por um concurso público, cê não sabe?

P12: Eles tinham eu acho, que eles tinham um concurso, não sei se era anual, ou alguma coisa assim, eu sei que ia mudar esse sistema, e alguns professores tiveram que estudar, pra, não sei se a prova ficou complicado, ou se era um concurso era para ser efetivo logo que eu tava pra sair e sei que ia mudar alguma coisa assim, na forma que eles são é que eles são empregados né?

Entrevistadora: Eu comecei, eu fiquei preocupada, se falar eu sei que depende da pedagogia do lugar, mas a hora que você falou o afastamento do professor aluno, fiquei pensando se tem alguma relação, mas ai eu me... você lembra se algum momento do projeto, vocês conseguiram discutir o que era a extensão universitária? Se houve essa discussão?

P12: Não, não, nunca discutimos.

Entrevistadora: Em nenhum momento?

P12: Sobre o que era a extensão...

Entrevistadora: Nem explicação do projeto, da importância?

P12: Não dis..., não, sim, importância sim, mas nunca chegamos a falar éé é o que é extensão universitária, não sei se tava ali na prática ali no dia a dia o que a gente fazia né? Já dava pra perceber o que era, que é diferente a extensão universitária, por exemplo: da, da, pesquisa científica né? Não ia ficar só pesquisando, eu também tava atuando, então não sei se isso tava claro pra mim, ou o professor percebia que isso era claro pra mim, a gente nunca chegou a discuti isso, a extensão universitária, é isso, isso, isso, as vezes também por ele ter percebido que prá mim, era claro né? Não sei nunca chegamos a discutir.

Entrevistadora: Tá. E como era o projeto que você participava? Qual que era a sua rotina de trabalho como que era?

P12: Então, como eu falei prá você era duas aulas na semana...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... uma no começo da semana

Entrevistadora: Quanto tempo... mais ou menos?

P12: Então aí dependia do turma...

Entrevistadora: Risos.

P12: ... tinha turma que era cinquenta minutos, tinha turma que era vinte, tinha turma que era meia, dependia da idade.

Entrevistadora: A, a, ah.

P12: As crianças de dois anos, não tinha como ter mais que vinte minutos, eles não não têm atenção pra tudo isso né? É muito pra eles né? Então começava dois anos tinha vinte minutos de aula...

Entrevistadora: Humm.

P12: ... a de três, quatro anos já passava meia hora né? Aí os maiores já colocava cinquenta minutos de cinco, seis anos.

Entrevistadora: Mas, você foi fazendo testes pra estabelecer essa rotina de tempo?

P12: Então, eu não sei se o professor fez algum teste, esse tempo o professor já tinha ele já tinha estipulado por que já tinha muito tempo o projeto...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ...no começo do projeto, quando ele começou,era a [...], eu não sei se você conheceu, eu não conheci, eu sei dela por que ela foi a primeira a fazer o projeto e ele participava, ele ajudava nas aulas com ela com...

Entrevistadora: Era uma de [...]?

P12: Aí eu não sei.

Entrevistadora: É...não lembro

P12: ...foi a primeira, ela ficou por dois ou três anos lá...

Entrevistadora: Nossa!

P12: ... e eles abriram o projeto juntos e com ela né? Eu não sei se ele tinha mais tempo porque iniciou esse projeto com ela, ele, ele várias vezes participou das aulas com ela...

Entrevistadora: Ah entendi!

P12: ... então eu não sei se nessa época eles já estipularam, se perceberam, que as crianças não conseguiram mais do que isso era o tempo mesmo.

Entrevistadora: Risos.

P12: Não dava. Nunca parei pra perguntar se ele tinha estipulado né? Se tinha feito algum teste pra pode marcar isso...

Entrevistadora: Pra merecer o tempo.

P12: É, mas era mais ou menos no tempo realmente de acordo com a idade das crianças.

Entrevistadora: Tá, então era duas aulas por semana, com tempo estabelecido pra cada idade.

P12: Hum, hum.

Entrevistadora: Idade, né?

P12: Com os horários também, eu tinha que ver com a direção os horários que eles tinham disponível pra poder, encaixando, por exemplo: tal dia, ela já deixava, então tal dia pra Educação Física, né? Nesse dia vamo ver, pra não atrapalhar né? As atividades que já estavam estabelecidas, eles tinham também artes, tinham...

Entrevistadora: Mas não era pra atrapalhar, né?

P12: É, não atrapalha as atividades do dia, é, mas era sempre assim, eu era pro último...

Entrevistadora: Hum.

P12:... primeiro eles tinham as atividades depois que organizavam meus horários pra encaixar, então né tinha música, aula de capoeira os mais velhos.

Entrevistadora: Mas mudava por semana seu horário?

P12: Não, não, por semestre, eles estipulavam, porque tinha outros projetos também, eles tinham aula também de professores tendo projetos que nem o meu, professor de artes era da faculdade de artes, éé capoeira também, era uma turma de artes que dava aula de capoeira pra eles, tinha aula de música né? Tinha outros projetos ali, aí tinha nutricionista na escola e ela também dava aula de nutrição pras crianças, então eles também tinham horário de..., ela fazia comida com eles...

Entrevistadora: Ai que legal!

P12: ... preparar alimentos, era super legal, mas aí se baseavam primeiro nas atividades que já tinham pra depois planejar o horário que eu ia, que eu ia ficar né?

Entrevistadora: É o amor né? E aí você estabelecia isso e como que era a sua rotina, você chegava ficava com as crianças, como que era?

P12: É, é, nunca era assim, é, não, é, mas nunca era primeiro os menores, depois os maiores, não tinha essa ordem, eu não lembro certinho a ordem, mas é por exemplo: Na segunda de manhã, a primeira turma, era a turma de seis anos, naaa, no outro dia a tarde não era a primeira turma de seis anos né? Não tinha essa ordem ne? Bom eu chegava, já ia a sala pegava a turma que já estavam me esperando por que aquele horário era aula de Educação Física levavam eles... ou levava eles pro quiosque, ou levava pra aquele espaço maior que tinha, dependia do objetivo que eu ia trabalhar i i i também do tempo né? Se tivesse chovendo, se tivesse alguma coisa ali, já tinha que adaptar ali, ou mudar as atividades, né? É é é, aí pegava antes de buscar eles eu á deixava o material que eu ia usar o quiosque, como as vezes as atividades eram diferentes dependendo da turma, então pra eles não ficarem mexendo, porque qualquer coisa eu tiver lá que eles não fossem usar, eles iam mexer de qualquer jeito...

Entrevistadora: Risos

P12: ... então, eu deixava o material que eu ia usar pra aquela turma, quando eu fosse levar a turma de volta aí no caminho, eu deixava ou pegava pra aula, da outra turma, eu ia mudando os materiais também, pra não deixar lá. Eu sempre começava com uma parte inicial, então muitas vezes uma brincadeira né? É, é ou senão a gente recapitulava a aula anterior, era parte principal que era o objetivo né? Nem sempre dava prá fazer a volta calma...

Entrevistadora: Hummm.

P12: Por que às vezes o tempo estipulado, então acontecia alguma coisa a criança caia, se machucava, ou tinha bagunça e acabava pulando essa parte é é, mas sempre tinha planejado uma volta a calma, uma brincadeira, as vezes se fazia alongamento com eles, eles escutavam musiquinha né? Pra terminar. Essa era a sequência. Dos menores, não tinha como ter uma sequência assim, éé, dos menores era diferente, dos pequenininhos de dois anos. Eu já montava uma atividade com musiquinha, tinha que por música.

Entrevistadora: É, porque eles estão na fase das parlendas.

P12: Isso, eu dava as musiquinhas, dava as atividades e ali ou eu ia contando, contando umas historinhas, ia levando eles e aí eles faziam as atividades né? Aí não era uma atividade assim, mais é é é, não era...

Entrevistadora: Mais direcionada né? Mais...

P12: Isso, isso, pra eles começarem a ter uma ligação também né? Por outros anos, e pra eles começarem a trabalhar algum, é é um conteúdos motores né? Tal, era mais simples, bem mais simples.

Entrevistadora: E aí com eles também essa coisa tinha essa parte de volta a calma, quando dava ou quando não dava...

P12: Não com eles não tinha, dois anos não tem volta a calma, dois anos não tem...

Entrevistadora: Risos.

P12: ... eles ao agitados da hora que você entra, da hora que você que você sai, não tem.

Entrevistadora: Ai, risos, e como que era assim o seu envolvimento no projeto, como que você acha?

P12: Então eu gostava muito do projeto né? Então eu acho que teve bastante dedicação minha assim, é que eu gostava mesmo, eu queria fazer diferença pra pras crianças...

Entrevistadora: Como que você se dedicava?

P12: Eu estudava muito, sempre pra me aperfeiçoar, éé, procurava atividades diferentes assim, que nem eu percebia né, cada grupo não só de idade, mas cada grupo em cada escola né? Uma criança de seis anos numa escola, não é igual a criança de seis anos da outra, então eu procurava o que eles gostavam, aquele grupo gostava e tentava também adaptar. Eles gostam de tal brincadeira ah então, nessa brincadeira eu vou tentar vê o que que eu posso fazer pra trabalhar isso, isso e isso ah eles gostam das música, ah então vou tentar né? Então eu também éé tentava fazer o melhor pra que fosse legal a aula, prazeroso e eles tivesse desenvolvendo as atividades né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: Se eu visse alguma atividade era chata ou se não tava rendendo...

Entrevistadora: Hum, não vai né?

P12: ... eu procurava né, uma outra coisa, conversava com o professor, professor me ajudou bastante, mas também fui procurar muita coisa assim paralelo né? Em livros em é é, esses livros que mostram muitas atividades diferentes e eu ia testando também.

Entrevistadora: É, certo aprender né?

P12: Não sei se respondi sua pergunta e se era isso que você queria saber?

Entrevistadora: É, é, mais ou menos, acho que quase tudo, eu te perguntei se seu envolvimento era grande, você falou que ele era.

P12: Sim.

Entrevistadora: ... de que forma? Você falou que você se dedicava bastante, você estudou muito, você fez força.

P12: Sim, então depois eu aproveitei também tudo que eu tava aprendendo e as avaliações a gente foi publicar também né?

Entrevistadora: Hum, as avaliações daqui a pouco vou falar um pouquinho mais.

P12: Risos.

Entrevistadora: Então, posso dizer que você se sentia parte do projeto?

P12: Sim.

Entrevistadora: Que era ouvida?

P12: Sim.

Entrevistadora: Você opinava?

P12: Ah! Com certeza.

Entrevistadora: Conseguia intervir?

P12: Sim, sim.

Entrevistadora: O tempo todo. Não teve nenhum momento que cê falou alguma coisa que não foi considerada?

P12: Então, o professor, o professor me deu muita autonomia pra isso né? Tanto é que ele nem ia lá né? É então, mas é, é, eu tive algumas dificuldades com a escola...

Entrevistadora: Hummm.

P12: Com relação, a, a, que eu tive, eu lembro que eu tive que deixar eu lembrar, que eu tive problemas.

Entrevistadora: Você falou que o espaço era restrito, né? Talvez fosse um deles?

P12: Ah! Um problema de.. eu lembrei, coisa que pra mim era, até ajudava né? Na aula, as professoras não gostaram, tinha as mesas, era o espaço que eu tinha, eu adorava por as crianças pra subir, pra descer, pra pular.

Entrevistadora: Risos, risos.

P12: Nossa, quando elas viram que eu deixava as crianças subir nas mesas e no banco pra pular, assim já não teve acordo algumas outras coisas assim que eu tive que mudar em relação a regra da escola que eu não sabia que pra mim não tinha problema né? Ah! questão de turma de seis anos, no final do ano eles estavam pra se formar, e as vezes a professora pegava muito no pé assim com relação era mais importante a aula porque eles iam pra primeira serie, sete anos tinha que saber ler né, então tive alguns problemas assim, deles não poderem ter aula, não vão ter aula hoje, por que eles estão atrasados em tal coisa.

Entrevistadora: Ele vai.

P12: Ainda mais no final do ano, foi bem fogo.

Entrevistadora: A linguagem corporal vai analfabeta né? Tudo haver né? Não tem haver com o aprendizado, até onde né?

P12: Então, era mais importante pra escola, a alfabetização, e tive alguns problemas com isso também.

Entrevistadora: E como que você, lidou me .... como é que se fala, como que você fez com essa situação?

P12: Então, com relação a essa situação eu conversei com o professor e ele falou: - Oh, nós estamos ali, né?

Entrevistadora: Faz favor, né?

P12: É, é o sistema da escola e a gente não pode intervir, né? Então a gente acabou...

Entrevistadora: Aderindo né?

P12: Deixando né, é é é, porque também eu não tinha, por mais que eu tivesse essa autonomia nas minhas aulas como professor, eu não tinha essa autonomia na escola, né? Porque eu já não tinha esse vínculo com a escola, eu não era funcionária da escola ne? Eu era uma estagiária que tava até fazendo um projeto né? Pra que as crianças tivessem Educação Física.

Entrevistadora: Mesmo você explicando os objetivos porque que eles estão subindo nas mesas, tal, tá trabalhando habilidade motora, assim né? É certa.

P12: Ah a diretora, e tive então eu tive que me adaptar por que não teve conversa com a diretora, né?

Entrevistadora: Não teve?

P12: Não... não.

Entrevistadora: Você teve que explicar pra ela e nada?

P12: Por que ali é o lugar que eles comem e as crianças não podem ficar subindo nas mesas, por que eles ensinam que as crianças não podem subir nas mesas por que ali é de comer.

Entrevistadora: Mas não fala porque, né?

P12: É, então, mas é diferente na hora de comer não poder subir na mesa, mas aula de Educação Física eles não estão comendo, mas elas achavam que não, que era o que elas ensinavam, por que eu tava fazendo contrário do que eles ensinavam, então não teve conversa, aí o que que fiz? As vezes eu pegava um banco levava pra um outro lugar né não usava mais a mesa usava os bancos adaptava, né? A aula não deixava mais como eu deixava antes eu tive que me adaptar restringir algumas coisas por causa desse sistema da escola.

Entrevistadora: É né. E o que que você acha que você aprendeu no projeto, que você considerar o mais relevantes nessa experiência?

P12: Assim oh! Eu aprendi muita coisa, por que eu também já tinha aprendido um pouco né com a outra, na outra experiência né? Mas aprendi mais, a planejar melhor as minhas aulas né? Eu acredito que na, na outra escola às vezes tivesse alguma divisão do que eu dava né? Eu gostava de dar tanto com ginástica, conteúdos bem diferentes de habilidades né, de habilidade motora né? De natação, de ritmo, de ritmo e dança, mas às vezes era algumas coisas aleatórias não era uma sequência.

Entrevistadora: Ah entendi!

P12: Não era assim, ah eu vou planejar, então eu vou dar isso na aula, isso na outra aula, isso na outra aula, pra atingir aquilo, isso eu não fazia, não sabia fazer.

Entrevistadora: Hum, tá!

P12: Tava no segundo, e terceiro ano nem tinha tido aula que ensinar a gente tinha que fazer planejamento não tinha tido isso Educação Física escolar, tinha tido escolar um, mas...

Entrevistadora: Mesclava teste segundo ou terceiro ano...

P12: Então, era mais no final então...

Entrevistadora: ...terceiro acho.

P12: Tava tendo,escolar um, mais no terceiro ano,então faltou alguns conteúdos da Universidade né? Do curso, que eu não sabia né? Por isso eu tive dificuldade, eu aprendi isso, a gente fazer um planejamento a longo prazo pra atingir um objetivo né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: Aprendi que tinha que os conteúdos tinha que ser inicial tinha que te o inicio pra você recapitular...

Entrevistadora: Meio assim.

P12: É você tinha que te, você tinha que te uma organização da aula pra ter uma sequência, não é ir lá da atividade e acabou. Aí no outro dia, eu vou trabalhar ginástica, mas um dia eu dou cambalhota, outro dia eu dou parada de mão, no outro dia eu dou cambalhota, cambalhota de frente e de costa, noutro dia eu dou..., não em que ter uma sequência e eu aprendi essa sequência no projeto né, tanto é que isso também foi... muito isso que eu aprendi com relação a planejamento isso ficou muito forte no meu mestrado, por que eu ajudei o professor a planejar e eu por que é assim, eu pontuei essa importância do planejamento e da avaliação prévia pra conhecer o aluno e saber o que planejar, pra atingir o objetivo e depois fazer a avaliação pra ver o que você conseguiu. Isso eu aprendi no projeto, a gente fazia avaliação antes, começo do ano, sabe não faze só a avaliação motora, a gente também peso, altura, envergadura e depois no final a gente fazia toda avaliação de novo.

Entrevistadora: Pra vê se melhorou alguma coisa ou não?

P12: Sim, sim é vê também o que as crianças estavam mais éé, não vou dizer defasagem né, mas o que elas estavam precisando ser mais estimulados ou prática mais né? Vivenciar mais é, por que cada grupo tem, tem grupo que tem mais meninas, os meninos chuta mais aí as meninas fica mais assim, ou são meninas que não gostam de jogar futebol, aí claro que os meninos vão ter uma habilidade de jogar futebol melhor, que das meninas.

Entrevistadora: Dominam né?

P12: É, então a gente analisava isso, mas no projeto, eu trabalhava vários conteúdos né? Dependendo da, da faixa etária...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: É, então a gente analisava isso, mas no projeto, eu trabalhava vários conteúdos né, dependendo da, da faixa etária.

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... mas o que era mais forte era da habilidade motora e também acredite que é um ponto importante nessa fase.

Entrevistadora: O desenvolvimento da habilidade motora.

P12: Isso.

Entrevistadora: Ah tá!

P12: O chutar, o rebater, o saltar né, é é várias né? Habilidades manipulativas né? Que a gente via que as crianças tinham mais habilidade com o chutar, mas as outras fintar...

Entrevistadora: Nossa! Fintar é muito difícil.

P12: ... muita dificuldade, fintar,receber, rebater.

Entrevistadora: Receber (riso)

P12: É então, então a gente ficou mais preso a esses conteúdos né?

Entrevistadora: Hum, hum. É, entrando um pouquinho agora nessas implicações formativas, vou dividir essa pergunta em duas partes...

P12: Hum, hum.

Entrevistadora: ... é senão ela fica um pouco confusa. Qual seria pra você o papel, o valor, e o significado, o significado e o sentido da extensão universitária na sua formação inicial, lá na graduação. Então seria o papel, o valor, o sentido, e o significado.

P12: O papel, o valor.

Entrevistadora: Pra você.

P12: O sentido.

Entrevistadora: O sentido e o significado da extensão universitária.

P12: O papel é assim geral o que que a extensão é, qual que é o papel da extensão pra...

Entrevistadora: Pra sua formação.

P12: Pra minha?

Entrevistadora: Pra sua formação inicial.

P12: Pra mim, eu aprendi muita coisa né? Coisas assim, não em quantidades de coisas né? Mas coisas muito importantes né? E eu vejo hoje que as vezes muitas pessoas assim tem dificuldade, não que eu tenha mais facilidades, mas que eu vejo a importância e eu é é é, e se eu tivesse no lugar do professor, eu, assim me empenharia mais dessa forma pro achar mais importante, não que pro...

Entrevistadora: Não entendi, é como se desse mais segurança, mais...

P12: Isso, isso. Ai.

Entrevistadora: Você acha que a extensão te deu essa segurança pra docência, por exemplo?

P12: Sim, sim.

Entrevistadora: Tô, tentando entender o que você falou, aqui docência?

P12: Sim, sim, eu já tinha tido experiência na outra escola...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ...mas com o projeto, sim eu me senti mais segura, a pegar uma turma de educação infantil, por exemplo: que é o que eu tive um tempo maior né? Eu me sentia mais segura com essa faixa etária embora com sete, oito anos né, da, eu também me sentiria segura, e montar um planejamento e saber que segura, e montar um planejamento e saber que eu poderia atingir um objetivo né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... Assim, tranquilo.

Entrevistadora: Tranquilo pra trabalhar na faculdade.

P12: Claro que é.

Entrevistadora: Risos.

P12: Sem falar comportamento, atenção e material na escola. Ah aprendi, não no projeto não tive essa necessidade de aprender isso, por que o que eu precisei de material eu consegui que a universidade comprava pra mim, por que não tive material na escola...

Entrevistadora: Que bom né?

P12: ... na outra escola eu tinha que adaptar, e fiz bambolê na outra escola, eu fiz,eu usei muita garrafa pet cheia de areia pra usar por que eles não tinham o cone é outras coisas assim que eu utilizei bastante assim, de aprender fazer material pra utilizar na aula.

Entrevistadora: Entendi, mas assim. Deixa só... de falar um pouquinho do papel, mas qual seria esse sentido esse, valor, esse sentido, significado de você ter passado no projeto de extensão.

P12: Ai como no curso você aprender uma variedade de coisas, por que o nosso curso a nossa profissão é bem variada no que você pode atuar, eu acredito que é o que ele me passou de valor assim, diiiii, o que foi mais concreto foi essa, esse aprofundamento específico nessa parte nessa área né...

Entrevistadora: Qual área?

P12: Aprofundamento escolar.

Entrevistadora: Educação Física, né?

P12: Infantil, nessa educação infantil, nessa, éé nessa área né, é, é, entra, nessa, prá essa faixa etária...

Entrevistadora: Faixa etária.

P12: ... esse tipo de atuação eu acho que eu tive um bom... , acho não, tenho certeza, tenho aprofundado assim o conhecimento é claro contou muito com minha formação.

Entrevistadora: E, assim, resumindo melhor a pergunta pra você,se a [...] tivesse, não passado pela extensão universitária como seria e a [...] passado pela extensão universitária é esse o significado.

P12: Tá, se eu não tivesse passado pela extensão universitária?

Entrevistadora: É

P12: ... talvez, talvez é, é, é, eu não tivesse dado tanta importância alguns conteúdos que eu acho importante hoje, e que eu acho que é muito importante que as crianças tenham na educação infantil tanto é que eu busco depois no mestrado que é importante que as crianças tenham o conteúdo e que o professor as vezes não né?, não...

Entrevistadora: As vezes não.

P12: ... deixa de lado né, não dá essa importância né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P12:...não a forma de planejamento, talvez depois das outras disciplinas eu também teria né? Não sei assim, essa importância, tentar mais aí eu teria que te a experiência de planejar aí, e eu tive a experiência de planejar, antes de atua como professora mesmo e eu tive ajuda do professor. Então, talvez eu até planejasse também, mas com a mesma qualidade que eu planejaria depois da extensão né?

Entrevistadora: Tá. E aí como que você, do que você acha que a extensão universitária ela se diferencia do ensino e da pesquisa?

P12: Então, a extensão universitária eu acredito que ela tá, é a junção da pesquisa por que você tá ali estudando ao todo o que eles falam sobre a prática e ao mesmo tempo conciliando o que você tá explicando na prática. Você tá colocando, aquilo é verdade? Né? Ou será que não?

Entrevistadora: Tem prova né?

P12: É sim, se você pega a teoria...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... né?

Entrevistadora: Teoria pra você seria o ensino é isso?

P12: Sim. Não separando teoria e prática, porque eu acredito que eles sejam a mesma coisa, mais é uma junção né? Mas por exemplo: pegando o que alguns autores falam sobre o que deveria ser a aula de Educação Física escolar...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... o que que a criança tem que aprender nessa fase, como desenvolver nessa fase, né? E aí expor na prática. Por exemplo, o Gallahue mesmo. E depois eu coloquei no meu projeto de mestrado.

Entrevistadora: É piada. Risos.

P12: O Gallahue mesmo, ele fala que a criança até os seis anos tem que ter toda habilidade...

Entrevistadora: É.

P12:... Desenvolvimento motor.

Entrevistadora: É da turma.

P12: ... isso, e não é assim, a criança vive num ambiente cultural, é claro que o professor tem que proporcionar habilidade que não tá, culturalmente no dia a dia...

Entrevistadora: É, no dia a dia.

P12: ... da criança, ele tem que proporcionar outras habilidades né? Mesmo assim a criança com seis anos não vai estar com toda habilidade, no estágio maduro.

Entrevistadora: Maduro ainda, né?

P12: É, então, ela tem que ter um período maior pra pra ter isso, claro algumas habilidades vai tá, outras não, o importante é que nessa fase as crianças vivenciem essas habilidades.

Entrevistadora: Ai chega na oitava série se, que essa habilidade madura.

P12: É então.

Entrevistadora: Aí chega na oitava série, se que essa habilidade madura.

P12: É então.

Entrevistadora: Imagina.

P12: E então, é muito também pra criança né?

Entrevistadora: Muito! É importante, por que que você acha que é importante estipular o nessa idade? Essas habilidades?

P12: Por que nessa fase, as crianças elas tão né? Elas adoram explorar se movimentar né? Elas gostam de descobrir, então é uma fase que propicia aprender coisas diferentes, elas são mais corajosas né? Pra aprender as coisas diferentes né? Elas gostam de desafios, elas tão mesmo aprendendo habilidades, elas começam a andar elas começava a correr, no inicio da primeira

infância, aí elas começam a pular tanto é que no começo com dois anos, não consegue pular com os dois pés junto aí elas conseguem pular então, éé a literatura também prova isso, que é importante que essa fase das crianças se desenvolver, aos sete, oito anos de idade, as crianças tão mais faci...facilita mais a aprendizagem das regras dos esportes, né? Então, elas sabendo as habilidades, né, realizar habilidades em jogos em brincadeiras, situações diferentes, possibilita que elas, sejam mais fácil depois aprender, as modalidades esportivas que elas já sabem realizar né? Talvez não no estágio maduro, mas elas se conhecem, já vivenciaram, aquela habilidade né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... e aí, ela tem também, elas estão num estágio que elas também propicia aprender com as regras com complexidade maior, combinação dessas habilidades por isso que essa fase é importante.

Entrevistadora: É aí pelo que você me falou então, extensão consegue fazer a junção de tudo isso que você me explicou?

P12: É, ela junta, não, é diferente da pesquisa que você vai, você põe uma é é é, você tem objetivo...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... quero verificar se esse objetivo é mesmo que eu acredito, você vai lá testa e prova...

Entrevistadora: Tem as respostas e prova, é.

P12: ... isto é pesquisa científica, isso eu não vou fazer na extensão universitária, na prática eu vou montar um planejamento de ensino e tenho um objetivo eu vou tentar atingir né? Eu vejo que a extensão universitária ela proporciona que você também coloque alguns estudos pra se faze durante a prática, algumas questões que você vê, ah mas será? E você fazer algumas avaliações durante a prática, durante que você tá atuando e traze coisas, conhecimentos pra você atua na prática e tentar melhorar.

Entrevistadora: E aí quais implicações você acha que a extensão universitária trouxe na atuação como profissional hoje?

P12: De novo.

Entrevistadora: Quais implicações que a extensão universitária ela trouxe pra sua atuação profissional hoje, que que ela implicou?

P12: Então, é, então, na minha.

Entrevistadora: Basicamente na sua formação mas assim, pensando na sua atuação hoje, não só na sua formação.

P12: Sim, sim, eu dou aula pra criança de natação, e não dou mais aula na escola.

Entrevistadora: Quantos anos?

P12: Então, eu trabalho com criança de dois...

Entrevistadora: Nossa!

P12: ... três, quatro, trabalho com criança de sete de oito, trabalho com senhoras de idade.

Entrevistadora: Ah, legal!

P12: E é claro que essa formação e até essa experiência que eu tive na escola, ela influenciou muito em como eu organizar as minhas aulas com as crianças...

Entrevistadora: Hummm.

P12: ... com crianças eu até no começo tinha mais afinidade em montar as aulas de natação né? Pras crianças do que pros adultos...

Entrevistadora: É, é mesmo.

P12:... porque pras crianças eu tinha como organizar musiquinha, monta brincadeira, já tive, é claro você vem com aquele conceito do que é importante prá criança, criança não tem que chega lá e vou da, e vamos lá, cinco chegada de crawl.

Entrevistadora: Jesus...

P12: Jamais, porque o conceito que eu tive na escola e que ela tem que ser prazerosa, ela tem que gostar de fazer aquela atividade então, eu, isso eu consegui trazer pra minha situação, hoje né, falando com as crianças então eu proporciono atividades que eles tem que desafiar né? É, coisas que eles não conseguem fazer, eles criarem, ah! vamo criar um nado novo, você tem que criar um jeito de nadar diferente né?

Entrevistadora: Que legal!

P12: É, é coloquei mais lúdico né, nessas atividades pra não ficar aquela atividade, vamo nada, isso, nadar sim de formas diferentes, o que você é capaz de nadar, o que que você pode fazer na água? Então alguns conceitos que eu aprendi, estudando também, o que, o que é importante pra criança nessa fase? Como eles pensam? O que eles sentem? Tudo isso, claro que auxiliou nas minhas aulas de natação.

Entrevistadora: E aí, se a gente fosse falar dos elementos que você constituiu na extensão, quais você tem certeza que você constituiu na extensão universitária, fala pra mim,você já falou vários tá? Mas pontua. Elementos, todos.

P12: Só com a extensão?

Entrevistadora: Só com a extensão.

P12: Com a extensão eu aprendi mais sobre a Educação Física, na educação infantil...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... sobre o desenvolvimento dessa faixa etária, né...

Entrevistadora: Humm.

P12:... não só desenvolvimento nas aulas de Educação Física mas eu consegui né, colocar esse conhecimento transferir esses conhecimentos pras aulas de natação, que são diferentes...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12:... né, tanto é que essa diferença né, eu tinha aula de natação lá na Madre Clélia mas eu não dava como eu dou hoje, por que eu tive a extensão aqui no meu caminho.

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: Eu esqueci de falar isso, a extensão no meu caminho, é claro que fez eu da aula de natação diferente, que a aula de natação que eu dava lá era: Ai, braço aí fazia lá, carrossel, aí do outro lado, que coisa chata.

Entrevistadora: Era repetição.

P12: É, eu vejo que hoje é chato isso, nunca daria isso, na minha aula, é uma das coisas eu, eu numm, que eu ia contra o [...], o [...] também ele coloca muita ludicidade na aula né? Muita, mas algumas coisas que eu trabalho com as minhas crianças que, eu tenho resultado diferente né? É é...

Entrevistadora: Que coisas por exemplo?

P12: ... é por exemplo com os bebês....

Entrevistadora: A,a,a,a,a (risos)

P12: ... os bebês, então, isso que eu aprendi, criança você, isso eu faço com os adultos também, eu consegui transferir isso pros adultos que tem medo de nadar, se tem que passar confiança...

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ...né? A criança vai fazer que você passa confiança pra ela.

Entrevistadora: Hum, hum.

P12: ... mas também ela vai imitar, e você faz o que os colegas fazem.

Entrevistadora: Tudo.

P12: ...então, uma coisa que eu nunca fiz na minha aula de natação, sopra a carinha do nenê e afundar, nunca, por que se você faz isso, você é criança, por acaso ela engole água e pra ela essa situação foi ruim traumática ela nunca mais vai querer nada né? Então sempre cada criança no seu espaço, eu ensino quer fazer? Bem, não quer, eu vou faze outra coisa, vou insistindo uma hora ela vai fazer por que ela vai sentir confiante pra fazer. Eu faço isso com as mulheres adultas que tem medo...

Entrevistadora: Hummmm.

P12: ... vou colocando, vamos indo, vou encorajando, nunca cobro, vamos tenta? Se der certo deu, se não der né? Iii foi uma coisa que eu aprendi também com isso é, trabalhando com as crianças, né? Que as crianças tem que te esse respeito com elas, você não pode chegar exigindo, vamos fazer isso, e aí coloca pra criança, por exemplo, se joga na água sem boinha e ela tem que se virar lá. Não, devagarzinho, cada, ela vai no seu limite, ela vai ainda mais criança que ela gosta de, de, de, ter esse desafio, ela vê os amiguinhos fazendo lá, por que eu não posso fazer ela faz, diferente dos adultos ela pode ver quem for, ela não vai, só se sentir confiança, mas algumas coisas eu também consegui passar esses conhecimentos também pras adultas né? Pras mulheres que eu dou aula de natação, e eu vejo que tenho muito sucesso, que elas fala, a eu gosto porque eu me sinto com, eu gosto da sua aula, por que eu confio em você, com a outra professora, se jogam, soltam ela no meio do caminho, é, então algumas coisas que eu vejo que eu aprendi muito, por isso que dá, por conhece também né? As crianças, não só essa parte também na [...], não posso deixar passar muita coisa que eu aprendi com as crianças lá...

Entrevistadora: Hum.

P12: ...mas tem diferença da minha aula de natação que eu dava na [...] e depois do projeto de extensão da aula de natação que eu dou hoje.

Entrevistadora: Ficou mais algum saber que você lembra?

P12: Ah, sobre o planejamento né? Que eu faleu. Ah! Esses conceitos sobre desenvolvimentos da criança né? Importantes conteúdos, não sei nem se eu falei isso já.

P13

Entrevistadora: (Risos) Então, [...] é primeira coisa, como que você se aproximou do projeto, como que foi a divulgação do projeto, se você sabia o objetivo do projeto?

P13: Tá.

Entrevistadora: Como que foi essa primeira aproximação?

P13: Na verdade, eu comecei na extensão não como projeto que nós vamos falar hoje sobre, eu comecei com um projeto duma outra, dum outro professor, que era o projeto do de bases teóricas da prática do condicionamento físico. Que quem ministrava na ocasião era o responsável pelo projeto era o professor [...].

Entrevistadora: Há!

P13: Foi a minha primeira experiência com o projeto de extensão. No entanto, devido aos meus compromissos, que na época acadêmicos e profissionais, eu não pude permanecer nesse projeto. Foi a primeira vez que eu tive, o contato com o projeto de extensão. Eu fui acho que aproximadamente uns dois meses, desse projeto eu participei por intermédio com um amigo nosso o [...] participava do projeto,

Entrevistadora: Ai do [...]! Tá.

P13: É, e, o [...] participava do projeto já ele me convidou pra participa, aí nós, eu comecei a í só que em decorrência aos compromissos eu não consegui continuar. Foi aí que eu entendi que existia...

Entrevistadora: Mas por causa de horário? Desculpa corta.

P13: É! Não tinha horário.

Entrevistadora: Tá.

P13: E porque eu já tinha outras atividades aí fico apertado. Só que desse projeto surgiu até um trabalho nosso que nós levamos pro SICUSP, que foi da avaliação física dos funcionários.

Entrevistadora: Hã, hã.

P13: Tudo bem, a partir daí, eu já tinha que, mais assim a primeira vez que já tinha um pouco mais aproximado. Já sabia que existia o projeto de extensão. Por quê? Quando eu entrei na faculdade na [...] eu recebi o CACO.

Entrevistadora: O que que era o CACO?

P13: O CACO é aquele livro lá que tem todas as informações pros alunos.

Entrevistadora: Ah! Pra quem ingressa na faculdade...

P13: É...

Entrevistadora: A gente não teve isso.

P13: eu tive o CACO, aí o CACO tinha. Falava o CACO o lugar que tinha universidade pública, tinha pesquisa extensão...

Entrevistadora: Ah! Que legal!

P13: lá ele tinha, o CACO tinha na época. O livrinho assim. O engraçado é que... aí eu conheci, foi engraçado que eu, sabia que tinha, e, só que no primeiro momento eu num eu num fui aí nesse momento tive que parar. Aí e fiquei algum tempo sem participar da extensão. Aí passo um tempo, que daí eu tive a aula de futebol com o professor [...], em dois mil e três foi isso, ele foi a ultima turma que ele deu aula também.

Entrevistadora: Ah!

P13: Ele tinha o projeto de extensão a muitos anos na [...], que era o futebol. E aí no projeto de futebol durante a disciplina nós participávamos do projeto também.

Entrevistadora: Que legal!

P13: Ele dava até acho que a metade da disciplina acho, foi básica disciplina em sala de aula com os conteúdos é mais no contexto em sala de aula e, sem a aproximação do projeto na segunda parte da disciplina ele aproximou os alunos do projeto. Aí já tinha uma proximidade com projeto de extensão de futebol. Porém o professor [...] se aposentou, naquele semestre, primeiro semestre de dois mil e três, aí no outro ano em dois mil e quatro o professor [...] deu aula como voluntário...

Entrevistadora: Humm.

P13: ... deu aula de disciplina de futebol e foi daí quando ele me convidou, pra ajudar ele na disciplina futebol no projeto porque o projeto ia parar, porque o professor [...] que tocava o projeto, ai que ele submeteu o projeto da PROEX...

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: ... ele recrutou alguns bolsistas, quem poderia, o projeto tinha dezesseis anos, e aí ele com dezesseis anos já podia ter uma bolsa ou alguns fomentos ai ele continuou ai feito em dois mil e quatro e dois mil e cinco, se eu não me engano, acho que o documento fala do período eu ajudei ele no projeto depois e foi praticamente um ano que eu ajudei ele no projeto, foi aquele ano todo de dois mil e cinco a dois mil e seis, uma coisa assim, que eu comecei a participar mas foi por intermédio do convite dele, de participar, foi mais o menos dessa forma, essa trajetória de tentar se aproximar do projeto, né?

Entrevistadora: Hum, hum. E cê lembra do objetivo do projeto não como tava escrito lá, ou se lembrar também como tiver, tava escrito.

P12: Eu não lembro como estava escrito, até tenho esse material, enfim, mas o projeto de futebol ele tinha um título que era Futebol Educando pelo Lazer né ele tinha uma finalidade educativa e proporcionar por intermédio do futebol como atividade de lazer né? E ele era destinado a uma população muito específica da comunidade né.

Entrevistadora: Que população?

P13: Ela ali o pessoal do Jardim Nicéia que é uma classe social menos favorecida, que aquela população, aquele grupo, aquela vila que tem, perto da [...] ali, era predominantemente dali o projeto.

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: As pessoas que, os meninos que iam nas aulas né, ele tinha uma finalidade educativa muito clara, muito, até em deprimentes na nas questões esportivas na finalidade esportiva a preocupação principal do Professor [...] era de proporcionar o lazer e a questão educativa em relação ao projeto, então na verdade o futebol acabou se tornando um meio pra aquelas pessoas.

Entrevistadora: Mas era uma população bem carente economicamente falando.

P13: Bem carente economicamente falando tem vários passos, várias passagens no projeto que foram, pra mim assim foram tristes de ver até.

Entrevistadora: Um exemplo que você lembra assim que marcou.

P13: Por exemplo: Eu já tinha muita experiência com futebol, em dois mil e quatro, cinco, quando eu fui, pro projeto eu já tinha dado aula fazia quatro anos de futebol, da mesma idade nós montávamos as atividades pra proporcionar é, é, o aprendizado por intermédio da ludicidade né, e jogos né, jogos tamanho, campo tamanho muito pequeno, muito grandes, ele assume uma característica energética de um tipo, e eu tinha, eu tinha trabalhado com um grupo de pessoas que mais marco foi um menino

chamado [...] ele falou pra mim assim, eu vi que ele não conseguia fazer o jogo ele não tinha, tinha dificuldade em fazer, o jogo... um dos jogos que eu dava habitualmente na atividade do futebol, que é uma atividade de dois contra dois, jogos de trinta segundos, é é atacava pra, o outro time defende.

Entrevistadora: Campo todo ou campo reduzido?

P13: Não, menor, no campo reduzido, se eu não me engano tinha dez por cinco metros, ele tinha muita dificuldade entendeu? Perguntei porque que você tem dificuldade?

Entrevistadora: Pode ir falando, é que eu fico vendo senão parou de gravar.

P13: Tá, aí foi quando ele falou assim pra mim, que eu fui conversar com o menino, ele falou: - Professor, hoje eu não tomei café...

Entrevistadora: Aí que dó!

P13: ... eu não jantei, e eu percebi que aquela atividade pra eles não conseguiam fazer, porque tinha um caráter anaeróbico muito alto, se sabe, aumentar a glicose então...

Entrevistadora: Alimentação (Risos)

P13: ... aí foi quanto nós, a parte final do projeto, nós começamos a promover alguns cafés da manhã, pros meninos antes, começamos nos mobilizar pra..., eles tinham muita dificuldade, essa foi uma situação...

Entrevistadora: Que dó gente!

P13: É, que eles tinham dificuldade, eles estavam ali, gostavam muito da atividade, eles tinham dificuldade da percepção porque na verdade eles tinham as limitações sociais.

Entrevistadora: Físicas, fisiológicas.

P13: Físicas, então, aí naquele momento foi um marco e a gente teve que reorientar todas as atividades do projeto, em termos de tempo que eles estavam dispostos à praticar, o tempo que eles tinham dos exercícios, das atividades em si, que eles não consigam mais, ter o mesmo desenvolvimento que os outros meninos da mesma idade com outro estado, isso foi uma das coisas que mais me marcou naquela época.

Entrevistadora: Como que vocês resolveram isso, porque você percebeu e?

P13: Era bem legal o projeto porque era assim, tinha o [...], aií ele delegou uma função com a finalidade da coordenação do projeto.

Entrevistadora: Então tinham dois, tipo um coordenador sido coordenador ou dois coordenadores?

P13: Isso, tinha o [...] que era coordenador ele me colocou com a finalidade de subcoordenador para ajudar ele. Ai nós tínhamos no sábado após as aulas, tinha uma reunião com os meninos que participavam com nós e durante a semana, também nós tínhamos acho que a cada quinze dias também tinha uma reunião pra poder discutir as atividades aí nos, todo mundo. Oh, temos que nos organizar senão...

Entrevistadora: Todo mundo percebeu então?

P13: É, os mais experientes sim né, eu que levantei a questão na época e o pessoal tentou organizar, os meninos na verdade a dificuldade que nós estamos enfrentando nas metodologias, nós estamos esbarrado primeiramente nas questões sociais dos meninos, então nós temos que dar um passo atrás e foi isso uma coisa que mais me marcou na questão que te que readequar a metodologia naquele projeto naquele momento né.

Entrevistadora: E aí você lembra a, o papel, a função do professor coordenador e do professor aluno estagiário que no seu caso, você falou que foi subcoordenador você pode falar de todos.

P13: Tá. Eu que eu reparava assim: o [...] o nosso professor na época o [...] tinha uma característica muito boa.

Entrevistadora: O [...] era o coordenador principal? Tá.

P13: Que era o professor da disciplina na época...

Entrevistadora: Hum, hum.

P13:... o [...] é muito facilitador, o [...] pela formação dele é muito facilitador ele na verdade tinha momentos que ele chegava até provocar os alunos em forma positiva...

Entrevistadora: (Risos)

P13: ... ele questiona e é como você não conhece ele, você achava que ele tava até provocando mas, isso induz muito, ele consegue conduzir a discussão, isso é legal que ele proporcionava esses momentos de nós tentarmos entender aquela construção.

Entrevistadora: Que legal!

P13: Tentava entender é, tentava entender ele falava, pô eu também to com dificuldade de entender, eu também to começando com vocês, eu quero que nós começamos entender o que que é extensão, pra que estamos aqui e o que nós temos que fazer pra essas crianças, essas que estão aqui, i, i, i, i, o interessante disso tudo é que ele conseguia ir conduzindo as discussões, então a gente conseguiu perceber que ele ia levando a discussão pra que nós, na verdade fossemos os artistas principais da construção ele dava essa possibilidade.

Entrevistadora: Que legal!

P13: Ele falava assim pra gente, vocês acham isso por quê? Porque vocês vão fazer dessa forma, tinha até a questão da metodologia, discussão, ele deixava fazer pra pessoa perceber, é um pouco da descoberta guiada né, então ele, o fato da formação dele, tem muito essa questão já os alunos que predominantemente os alunos.

Entrevistadora: Descoberta guiada gostei.

P13: Esses alunos que tavam da graduação eles eram predominantemente do primeiro ano.

Entrevistadora: Ai.

P13: E pra muitos deles era a primeira experiência com a ati..., atividade do ensino, e ser eles responsáveis pelo ensino, ii, eles manifestavam muitas coisas assim, as meninas, tinham um grupo, o grupo era grande o grupo de monitores era grande, se eu não me engano chegamos a ter vinte monitores, porque o futebol, sempre trás essa característica de seduzir e a aproximar, iiii ela tinha dificuldade de tentar fazer os meninos se motivarem com a aula se motivarem com as atividades que estavam sendo ministradas e com a metodologia de tentar entender, aí, foi exposto durante a aula, a disciplina pra eles, divertimentos de ensino, mas portariamente acaba usando aquilo que ainda está mais atrelado a sua experiência anterior à universidade, toda essa construção era, foi que eu percebi que na formação profissional não dá só você expor o currículo pra o conteúdo veicular pras pessoas, tem outras relações que tem que se estabelecer para que possa mudar a intervenção. Então ali, não adianta nós apenas mostrarmos de forma conceitual o que significa aquilo, porque a construção do ensino está por ser determinada por outra coisa, por outras vias é uma relação que a pessoa estabelece de sucesso com aquilo, se você fala que uma metodologia, ela tem um caráter que pode ajudar o da criança só que na experiência que a pessoa teve como: é aluno, como ex jogador ou ex atleta com aquela outra metodologia que teve mais sucesso, ela vai usar aquilo lá, isso ficava claro.

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: Isso ficava claro, que, é, alguns casos existe metodologia que permite um controle maior sobre a situação, então o aluno quando tá mais inseguro vai recorrer aquela .

Entrevistadora: É.

P13: Ele não consegue distinguir na verdade o que são os critérios de aprendizado, por exemplo: em uma aula de futebol que tem muito envolvimento os meninos tão gritando, tão participando, tão geralmente vai confundir com bagunça e na verdade não é.

Entrevistadora: (Risos) É!

P13: Então assim, só que como o menino que tá começando ficava claro, eles percebiam assim a aula, eles queriam interromper o treinamento porque parece que fugia do controle, e ali é onde tá o maior momento de interação e aprendizagem.

Entrevistadora: É que é assim, a gente tá acostumado a uma formação controlada né?

P13: Positivista

Entrevistadora: ...todo mundo quer totalmente positivista, e aí quando foge do controle, imagina primeiro ano começando...

P13: Começando!

Entrevistadora: .... não tem noção do que é o processo de ensino.

P13: E é assim, é legal.

Entrevistadora: Aprendizagem.

P13: É exatamente, é legal que cê via os meninos estavam sendo expostos a diferentes conteúdos de origens diversas sabe, natureza, por exemplo, a sensação biológicas predominante no curso naquele momento e você observa que eles olham pra esse lado...

Entrevistadora: Qual?

P13: ...no que se refere a organizar atividade busca mais os aspectos relacionados a demandas energéticas e tal e tal... como disse é importante, mas aí você fala, fica claro aquela coisa plural mesmo... aí a função do coordenador [...], fazia muito bem isso aí, né? era levar pro ...

Entrevistadora: (Risos) Desculpa, o [...] fazia muito bem.

P13: Muito bem essa condução, é sabe que, ele interrogava toda hora nós né? Qual que é o objeto principal da extensão, que eu confesso que não sei se a universidade tem clareza do que que é o objetivo fundamental da extensão decorrente, do que é feito na extensão, nós podemos observar que os projetos de extensão dessa natureza oferece né.

Entrevistadora: E aí, qual que era essa função do coordenador, do professor coordenador e de vocês alunos estagiários?

P13: A nossa...

Entrevistadora: Você falou que tem outras diversões que um interpreta de uma forma.

P13: A nossa função naquele projeto especificamente era: de preparar, planejar, planejar e ministrar as atividades e avaliar os objetivos de cada atividade e a função do [...] foi sempre dar os subsídios pra que nós possamos construir a questão, dessa, da, da, intervenção...

Entrevistadora: Ai que legal!

P13:...sempre estava fornecendo subsídios por intermédio de texto, por intermédio de discussão de como conduzir o processo. Pra mim era muito claro isso.

Entrevistadora: Não, e também pra você, fora isso, você falou de aluno estagiário no geral, mas e pra você subcoordenador.

P13: Então pra mim.

Entrevistadora: Coordenador dois (Risos).

P13: É pra mim era muito, era muito.

Entrevistadora: Tinha uma função a mais.

P13: Uma a mais que era assim: Eu tinha que auxiliar os meninos, na verdade fazer uma releitura, porque quando você, quando tá na graduação existe uma questão que o aluno tem um pouco de dificuldade da..., como professor, porque parece que é muito longe aquelas coisas que o professor fala pra eles.

Entrevistadora: E até perto eles não conseguem aproximar.

P13: E quando tem um aluno que tá um pouco mais avançado no curso, no sentido dos anos que já cursou e consegue colocar de forma mais aproximada, fica, ele consegue entender com mais facilidade o professor [...] me utilizou nesse sentido, de mostrar um pouco, é, é, não é tão difícil, todas aquelas teorias elas ou aqueles conteúdos conceituais eles são, dá pra você fazer uma releitura, iii, usa a experiência de você já a experiência que você já tinha mais de vivência do processo, então isso ajudou bastante, me ajudou e ajudou eles também porque na verdade, eu tinha, tinha que fazer um esforço porque, eu tinha que repensar na minha própria intervenção né, eu já estava atuando com a rotina do futebol eu já tinha uma certa vivência de algum tempo.

Entrevistadora: Hum, hum, eu fico sempre dizendo que eu tenho medo de parar...

P13: Então era isso que era, você sempre se resignificava né, constrói, na verdade pra mim o projeto de extensão no futebol foi mais desconstrução do que construção.

Entrevistadora: Por quê?

P13: Porque é o seguinte, como nós trabalhamos com fora da Universidade, eu já atuava com o ensino do futebol antes da Universidade.

Entrevistadora: Como?

P13: Professor de futebol.

Entrevistadora: Tá, mas em escolinha?

P13: Escola de futebol, trabalhei em escolas particulares, em escolas privadas, onde são, tem um tipo de população.

Entrevistadora: Mais com treinamento, desculpa, com treinamento ou?...

P13: Com escola, com ensino do futebol.

Entrevistadora: Ensino do futebol tá.

P13: Porque eu considero assim.

Entrevistadora: É porque geralmente, eu to falando assim, porque a maioria das escolas que ensinam futebol é só pra treinamento.

P13: É!

Entrevistadora: É a única visão que a maioria tem.

P13: E tive oportunidade de trabalhar com professores que foram ex-jogadores exclusivamente, tive oportunidade de trabalhar nesse período com professores que estavam se formando professor graduado, então nós já tínhamos já eu já tinha uma concepção do processo, e quando eu trabalhei no projeto extensão eu já tinha tido aula de metodologia com a [...], eu já consegui entender as abordagens, a, que a matriz unificadora do esporte coletivo no caso do futebol, era a abordagem tática.

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: iiii, só que naquele momento eu já vinha utilizando eu trabalhava na escola paralelamente com o futebol que era aos sábados eu ministrava aulas numa escola de futebol, eu já vinha, eu já tinha alunos que era da mesma idade minha no projeto de futebol.

Entrevistadora: Hum que bom!

P13: Eu já tinha um conteúdo sistematizado eu tinha, eu já tinha clareza de quais dos conteúdos os meninos tinham que saber naquela idade iii pra mim é muito claro, só que naquele momento no projeto do futebol os meninos não tinham esse parâmetro.

Entrevistadora: Aí não adianta nada, né?

P13: Eu tinha que reconstruir e tentasse entender que pra aqueles meninos que eram os monitores do projeto futebol, eles tinham que construir a trajetória deles pra eles entenderem da importância de existir um planejamento e um conteúdo não bastava só a nós falarmos pra eles, foi que eles são muito novos para aprenderem, o processo de ensino e numa atividade pode existir aprendizado sem ensino, que é sistemático, mas pra ocorrer aprendizado num processo ensino sistemático é tem que te muita clareza do objetivo das atividades pra que que ela serve? E isso é muito difícil pro professor proporcionar pra o que está começando as atividades da ciência seja qual for a natureza, é acho que o mais importante é mostrar pros monitores que tem menos experiência como que eles poderiam observar essas dificuldades e construir o caminho pra eles entenderem a importância de ter que sistematizar as atividades.

Entrevistadora: Quando, uma curiosidade, você falou de que construir né, que você explicou agora, que você trabalhou com ex técnicos e professor em escolinha e qual a principal diferença que você percebia ou era muito similar relacionado ao ensino?

P13: No que tange eu saber da esfera conceitual.

Entrevistadora: Falou difícil (risos).

P13: É tem diferença.

Entrevistadora: Quais assim?

P13: Por exemplo.

Entrevistadora: Só pra eu entender o que você teve de desconstruir.

P13: Certo. Vou dar um exemplo pra você o profissional da corporação de nível superior, ele tem um conjunto de saberes disciplinares que conduzem do processo.

Entrevistadora: Tá.

P13: Que consegue te dá mais clareza pra ele daquilo, ele tem entendimento aquilo, de como que é construído, até mesmo os limites que de algumas situações, porém como uma intervenção

profissional no âmbito do ensino, não dá pra falar da emoção, vamos tentar dar ao saber da esfera latitudinal, e infelizmente é esse saber que o universitário menos trabalha quando o profissional, independente de quem seja a formação, tá exposto uma situação que necessita dele, uma construção, uma intervenção que necessita do saber latitudinal ele se iguala e aí fica evidente que o profissional as vezes que tem uma experiência oriunda que já tá trabalhando a muito mais tempo com a quantidade lida melhor com a situação, que ele conhece mais o ambiente, isso é complicado de avaliar, porque geralmente os profissionais eles tem muito tempo diferente de carreira.

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: E claro pro profissional independente da sua formação, quanto mais tempo de ele estar exposto ao espaço de intervenção...

Entrevistadora: Ele sabe o que acontece? Ele é meio...

P13: Ele consegue resolver a intervenção muito, com os problemas de intervenção muito melhor que aquele profissional que tá menos tempo, por mais que aquele profissional tenha mais conteúdo extradisciplinar.

Entrevistadora: Entendi.

P13: Então essa é que é a grande o grande problema de avaliar a intervenção só que esse é um outro páreo também, a insegurança do profissional que é só ex praticante de alguma modalidade, eles tem insegurança pra avançar nos conteúdos.

Entrevistadora: Verdade!

P13: É eles não sabem até onde eles vão. Eles ficam dependentes, só que em contra-partida o profissional que atua predominante mexe com os espaços do futebol, com o ensino, ele tem formação nível superior ele recolhe os conteúdos da esfera biológica.

Entrevistadora: É.

P13: Então que mais, pelo preço da informação aí você escuta muito falar da questão de desenvolvimento humano, são importante óbvio, só que a gente não.

Entrevistadora: Falta né.

P13: Só que a gente não tem muita clareza, por exemplo, é quais são os métodos a metodologia que pode ser utilizada, o que existe na literatura para que possa ser empregada nos ensinos dos esportes coletivos, isso é muito recente na [...], no meu currículo, por exemplo.

Entrevistadora: Isso é verdade né, a gente para pra pensar é mesmo!

P13: No meu currículo, por exemplo, quem ministrou de forma sistemática a esse conteúdo foi o professor de handebol onde nós sabemos que em outras universidades, por exemplo, tem metodologia dos esportes coletivos um e dois.

Entrevistadora: Começou agora, na minha época não tinha.

P13: Exatamente.

Entrevistadora: Eu tive contato, porque eu trabalhei com isso.

P13: Exatamente, aí você lê...

Entrevistadora: Na extensão, né?

P13: Aí oh! Você lê autores, por exemplo: que já orientam as atividades, a organização das atividades. A abordagem que é feita, é muito recente isso, ela baseia-se muito com o ensino. Ou é o método analítico sintético ou é método global, funcional.

Entrevistadora: Os mais.

P13: São os mais extremos.

Entrevistadora: É são os extremos.

P13: Mais isso decorre de uma perspectiva, né? A perspectiva que no ensino de futebol, nós acreditamos muito na perspectiva inatista do que o educador aprende por ser prática muito difundida onde os constrangimentos sociais é o que impôs as dificuldades pros meninos aprenderem a prática, que eles jogam em campos, nas ruas, jogam.

Entrevistadora: Em qualquer lugar.

P13: Eles são: quando os meninos jogam na rua ou em qualquer lugar não tem professor pra falar com mais velho assim, Oh! vai devagar, ele tem que aprender a se livrar daquela situação ele cria...

Entrevistadora: Ele cria mecanismos.

P13: ... populares pra poder ir pra prática, só que daí como eles aprendem, o brasileiro, claro que isso tem um custo, quem consegue aprender, se desenvolver e fica excelente, mas que não consegue também, vai ficando pelo caminho, é um processo de seleção natural.

Entrevistadora: Darwin explica!

P13: Exatamente, e como é nós, nós sempre tivemos muitos meninos que tem muita facilidade por ta muito exposto, as vezes muito novo a essa prática, nós entendemos muitas vezes o profissional que é só, que é o só ex praticante da modalidade que é o provisionado no nosso caso...

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: ...ele entende que essa prática, ela é expontaneista, nasce assim.

Entrevistadora: É, é o senso comum, sempre.

P13: É o senso comum, é o, a explicação pelo dom, pela a ele nasceu assim, e os dogmas.

Entrevistadora: É, os dogmas, as crenças.

P13: Então, e fica presente isso, e como nós em Educação Física ainda não conseguimos explicar como realmente acontece o processo de aquisição de uma performance expert na modalidade, nós nos arriscamos, o que que predomina, qual que é a explicação que predomina, ou qual co..., na hora de ensinar, deixa rola, vai aprender, então isso é muito marcante nos diversos espaços né, agora o projeto extensão já tinha outra delimitação então, ficava mais claro ali o que premiava, mas é, isso fica claro em outros espaços de ensino.

Entrevistadora: Fica claro que vai aprender, vai aprender pode aprender de outras formas né?

P13: É.

Entrevistadora: Que as pessoas não vê. Deixa eu falar um pouquinho, o coordenador que era o [...], ele, questionava muito você, é porque da extensão, é a importância de vocês estarem ali trabalhando pra entender o projeto, em algum momento vocês pararam pra discutir o que era a extensão universitária, foi discutido no projeto? Você se lembra?

P13: Sim.

Entrevistadora: E como foi?

P13: O [...] é irritante cara...

Entrevistadora: (Risos)

P13: ...ele é o cara mais irritante que existe.

Entrevistadora: Ah, não é não (Risos).

P13: ele é irritante, fica fazendo perguntas, e não dá resposta, naquela época todo mundo ficava irritado, ele fazia..., tipo da, filósofo né, aquela pose de filosofo dele, eu lembro que várias vezes assim, ele perguntava, só que é assim, é um assunto, um assunto muito complexo, por isso eu não me sinto à vontade pra dizer qual que é a finalidade plena da extensão.

Entrevistadora: Mas o que você entendia, naquele momento.

P13: Naquele momento que...

Entrevistadora: As discussões de vocês né?

P13: ...a extensão ia além, de apenas ser um momento onde o estudante de Educação Física poderia estar é, aplicando os conhecimentos é voltados, ministrados na sala de aula, ela ia, além disso.

Entrevistadora: O que que é ir além?

P13: Ir além é também ela tinha uma atividade de um atendimento a uma comunidade não era só uma atividade, a comunidade ser vista apenas como alguns objetos, algumas peças, que nós tínhamos que entender que o projeto de extensão significa muito mais para aquelas crianças que estavam ali, porque aquelas crianças que estava ali, porque algumas crianças, elas tinham poucos momentos ou nenhum momento de ter aquela oportunidade, por que tem crianças que nunca mais teve a chance de ter um campo, de ter bola, de ter gol com rede, de ter coletes, então tinha um significado que ele queria que nós entendêssemos que ia além de apenas servir pra nós aquilo, que aquilo tinha um significado muito grande pra aquelas crianças, porque os meninos não tinham comprometimento nenhum de ir lá então pra eles terem que ir lá, nem sábado de manhã, eles tinham outros lugar pra jogar futebol.

Entrevistadora: É longe né!

P13: Longe, eles vão a pé, eles tinham lugares muito afastados pra ir jogar futebol com campeonato, lá não tinha campeonato, lá não tinha medalha, lá só tinha bola, um campo...

Entrevistadora: (Risos)

P13: ...mais ou menos gramado, colete e gente no gol, então nós tínhamos que atribuir o significado daquela prática, nós tínhamos que entender que aquilo significava muito mais do que pra nós sermos um momento que nós pudéssemos utilizar daquelas pessoas pra que nós aprendêssemos, ele falava isso muito pra gente.

Entrevistadora: E aí o significado pra você, você falou assim, que você tinha que entender o significado pra ele, e qual era o significado pra vocês?

P13: Pra mim né no caso nesse sentido, né?

Entrevistadora: É.

P13: Porque pra eles...

Entrevistadora: É que às vezes você percebe deles falando.

P13: É.

Entrevistadora: Por isso que eu perguntei pra você.

P13: Pra mim o significado foi isso de, mostrar que a universidade naquele momento da extensão ela pode significar as pessoas, pra comunidade, uma forma delas terem acesso a algumas coisas que elas não tem no cotidiano isso que eu levei mais pra mim, que nós podemos, a universidade pode proporcionar, a algum grupo comunitário algo que eles não teriam habitualmente por intermédio das vias convencionais por poder público, por exemplo, da, de uma prefeitura, porque ali pode estar, é, eles podem ter acesso a essas situações que podem transformar a vida deles também, porque a minha relação com a extensão não começou com a universidade.

Entrevistadora: Começou aonde?

P13: Quando eu tinha oito anos fui aluno do projeto de futebol.

Entrevistadora: Ai! Do, do que você participou?

P13: Do [...] peguei quatro anos do projeto.

Entrevistadora: Que legal!!!

P13: Então, eu tinha oito anos do projeto de futebol e o professor [...] dava aula já isso em.

Entrevistadora: Gente!

P13: ...noventa e dois noventa e três.

Entrevistadora: Na [...]?

P13: Na [...], mesmo campo.

Entrevistadora: Que legal!

P13: No mesmo campo, então eu ia pra aula aos sábados de manhã, igual aqueles meninos iam, eu lembro que, nós jogávamos a semana inteira na rua né, era maior engraçado né.

Entrevistadora: (Risos)

P13: Nós não tínhamos campo pra jogar, nós jogávamos na rua e aí gente ficava esperando o sábado pra ir jogar futebol na [...].

Entrevistadora: No campo, né?

P13: No campo, e foi maior legal quando eu comprei minha primeira chuteira, foi maior legal por que...

Entrevistadora: (Risos)

P13: ...é foi legal porque foi assim, comprei a chuteira por que tinha que jogar no campo, não dá pra ficar na rua com a chuteira, e a gente ficava a semana inteira pra jogar futebol com a chuteira no sábado só que no sábado caiu uma chuva bicho, não teve aula, puta da vida tinha que esperar mais quinze dias pra usar a chuteira, então a chuteira no campo.

Entrevistadora: (Risos)

P13: E assim o maior significado da aula de futebol pra mim com o [...] lá éé, o [...] ele da bem assim, quando nós assumimos o projeto de extensão da aposentadoria do professor [...], e eu até, teve um momento em [...] que o [...] eu uma entrevista no Jornal da Cidade e eu peguei e depois eu escrevi na tribuna do leitor pra ele, eu falei na tribuna do leitor, que eu, o professor [...] levava muito fácil ele

era muito mais aluno, eu lembro que na minha época quando eu era garoto, olha, tinha uns duzentos meninos que iam.

Entrevistadora: Era muita gente.

P13: Era muita gente, e era longe pra caramba o campo da [...] meu, era longe era do outro lado do mundo, e a gente lá, eu lembro que ele sozinho e jogava todos os meninos ao mesmo tempo, no mesmo espaço e ele sozinho, nós nos organizávamos, nós tínhamos times, e eu puta, levava com uma facilidade aquilo como nosso, eu fui perceber quando eu fui ser subcoordenador do projeto e atuar na extensão, que aquele homem era diferente, porque era difícil demais, a gente tinha 20 pessoas, a gente tinha 20 monitores, cara não era a metade do que era aquele projeto daquele homem então assim, pra mim foi significativo o projeto quando eu tinha oito anos de idade.

Entrevistadora: Por quê?

P13: Porque, por exemplo, foi a primeira vez que eu tive chance de jogar num campo de grandes proporções, que a bole era adaptada, que o campo, as traves eram adaptadas, a gente podia jogar de goleiro, podia jogar de zagueiro, podia jogar de atacante.

Entrevistadora: Em todas as posições né, podia vivenciar tudo.

P13: E quando eu comecei a estudar a metodologia de ensino aí tem autores Scaglia**,** Garganta, Pablo Ruan Grecco, e uma séria de outros aí que são figurões da metodologia de ensino dos esportes coletivos, que eles falam hoje, coisa que o [...] fazia a mais de vinte anos, com conhecimento experiencial, com saber experiencial, ele adquiriu, ele observou e percebeu que precisaria ser feito adequações à regras do jogo pra propiciar espaço que as crianças aprendessem mais, simples, ele conseguiu isso, isso eu vivenciei, isso foi, era fantástico, nós como garoto o que levava nós pra aula, sábado de manhã, era ter espaço proporcional que nós pudéssemos jogar aprender de forma incidental, que é o jogo deliberado que hoje os autores falam que é o grande segredo que é o jogo deliberado ele proporcionava o jogo deliberado pra nós a vinte anos atrás.

Entrevistadora: Como que era, fala um pouquinho como que era esse jogo deliberado.

P13: O jogo deliberado a conceituação dele que ele é menos sistemático do que a prática deliberada, a prática deliberada é muito, muito controlada, toda organizada, o jogo deliberado ele tem uma sistematização só que o aluno praticante ele tem muita liberdade também, ele tem uma característica é uma transição do jogo pro esporte, ele fica naquele, entre esses dois, ele possibilita, por exemplo o professor [...] ele montava as equipes, dava o material, dava as instruções, só que quem montava, se organizavam durante a partida durante a partida era nós, nós que ficávamos lá você vai ser goleiro, você ia ser, agora eu vou no gol, agora eu vou lá, tal aquilo isso dá autonomia, isso gera pra você relação, faz amizade, isso faz você entender a hora, se todo mundo não voltar pra marcar, vai tomar o gol, se você tomar dois gol o seu time ia sai do jogo, então prá jogar mais você tinha que se organizar melhor, então se tinha que se virar um pouco, então isso a vinte anos, há vinte seis, vinte e sete anos falavam e umas coisas que a gente não conseguia fazer depois com a turma, que escrevi, até coloquei o título a isso, o professor tinha [...] algumas falas que eram muito peculiares ele falava: “Só perde quem não participa”, e essa é a essência.

Entrevistadora: Conheço é tem alguém que também fala isso, eu não lembro quem e, tem um cara que também fala isso, você.

P13: Só perde...

Entrevistadora: Vocês que pegaram do [...]?

P13: Então o [...] tem várias, que o [...] falava, eu escutei várias, eu escutei ele assim, eu tenho, tenho que eu via ele falar, por exemplo, ele tem uma expressão que o Arlei Sanderdano que recentemente deixou pública e tornou fantásica que é o Pés de obra, o [...] chamava a muitos anos os nossos jogadores de Pés de obra...

Entrevistadora: Entendi.

P13: ...só perde quem não participa... e...

Entrevistadora: É eu ouvi muito isso.

P13: ...o [...] tinha muito isso, ele transbordava, o [...] é uma pessoa fantástica, então assim, pra mim, voltando aquela questão do significado, pra mim teve muito significado, e entender que a extensão ela vai além. Eu vou fazer uma crítica agora aqui...

Entrevistadora: Pode fazer, fique a vontade.

P13: ...que a carapuça sirva pra aqueles que permeiam o projeto...

Entrevistadora: (Risos)

P13: ...o projeto de extensão não é utilizar o ser humano como cobaia pra adquirir dados, é isso que tem que extrapolar as pessoas usam muito o projeto de extensão pra isso, e a extensão ela tem que ter um significado pros monitores, o significado da interv..., entender a intervenção profissional e tem que ter um significado pras pessoas que está lá também, eu to pra falar pra você, é muito chato você ir num lugar e ser tratado como cobaia.

Entrevistadora: É, não, mas é verdade, é o que acontece eu também acho.

P13: É muito chato, só que o adulto por necessidade ele vai fazer isso, no caso que ele precisa no caso da Educação Física, no caso das áreas que ele precisa de tratamento.

Entrevistadora: É mais barato, né?

P13: Ele vai se submeter aquilo, uma qualidade como a universidade pode proporcionar coisas que, ele não teve acesso porque, é muito complexo, caro mas não é legal a pessoa ter sido submetido daquela forma. Você gostaria de ter sido submetido tratada daquela maneira? Então eu acho que é um espaço que tem, que muito fértil pra tentar simular ou passar pra pessoa formado ao ambiente real, só que nós temos que ter muito cuidado de não transformar isso, numa experiência laboratorial, e isso nas dificuldades, e isso ele faz, o que ele queria dizer pra gente lá, cuidado tem que dar significado pra essas crianças, ele falava muito isso pra gente lá ele, era isso, muito o significado que ficou pra mim né, essa reconstrução, porque na escola de futebol, o ensino do futebol tem uma outra característica.

Entrevistadora: Qual?

P13: Por exemplo: geralmente o menino que vai na escola de futebol paga, ele gosta do futebol, mas também está associado ao desejo da família.

Entrevistadora: Também né, tem isso.

P13: Certo, e na extensão aqueles meninos aquela população não tinha família, eles iam porque gostavam os meninos lá iam sozinhos com os mais velhos, isso que era o grande, que era legal deles, então na verdade, em todos os lugares que eu passei ensinando futebol, todos tinham uma característica muito similar, todos os espaços tem a sua característica, eu trabalhei quatro, cinco escolas de futebol, só que lá é o único lugar que pratica similares eu trabalhei numa escola que chamava Centro Social Urbano (CSU) no Bela Vista.

Entrevistadora: Ah! No CSU.

P13: É também era classe pobre, só que era diferente de lá.

Entrevistadora: É diferente, é diferente.

P13: Eles eram pobres só que eles pagavam mensalidades, tinha uma característica de ensino, lá não, eles tinham uma outra característica, então assim, até mesmo nós na época não aproveitamos

tanto, quanto ele ia aproveitar o projeto de extensão, porque na verdade, ele é muito... oferece muitas coisas, aquele projeto oferecia, aquele mundo ofereceu, e tem muita coisa que pode ser feita nesse sentido da, dessa aproximação, lá nós continua com muitas limitações lá também no projeto lá.

Entrevistadora: É.

P13: Uma das coisas que é muito ruim na [...] é a distância, né?

Entrevistadora: É muito longe.

P13: É muito longe e os alunos são uns heróis porque eles vão a pé né, igual a nossa época, agora.

Entrevistadora: O meu também! (Risos)

P13: Quando eu era garotinho também, quando eu entrei no projeto nossa a [...] o meu time ficou preso, tinha que passar por cima da pista...

Entrevistadora: (Risos) Tinha que da volta.

P13: ...não era o mesmo nível, cruzava era perigoso ia muito menino, você não tem dimensão daquele negócio de como que era não tinha nada na praça de esporte, só existia o campo, e aquela arquibancada nossa! E eu lembro que a gente não tinha bagunça não tinha briga, não sumia material. O [...] era fantástico, tinha uma passagem dele na. Não tinha disciplina quando ele vivencia no projeto na disciplina de futebol com aluno de graduação, sobre uma chuteira, sumiu uma chuteira, o menino veio, éé chegou assim e falou: “Professor, sumiu minha chuteira!”. Aí o [...] com aquele jeito lá, vamos resolver esse problema, chegou lá: “Pessoal é o seguinte sumiu uma chuteira aqui, faz não sei quantos anos que eu trabalho aqui, poucas vezes aconteceu isso e sempre apareceu, essa chuteira vai aparecer na próxima aula.” E apareceu a chuteira. Ele só falou isso!

Entrevistadora: (Risos) Pronto!

P13: Chegou o rapaz na outra aula, no encontro nosso: “Pessoal o rapaz pegou que pegou a chuteira enganada...

Entrevistadora: Enganada.

P13: ...e trouxe pra gente, entendeu?”

Entrevistadora: (Risos)

P13: E era assim tinha essa, como lidava com isso, então o [...] levou muita coisa do [...].

Entrevistadora: Isso que eu ia falar, ele conseguiu levar isso da mesma forma.

P13: Claro! O [...] levou muita coisa do [...], assim esse, porque o [...] na verdade, como técnico de laboratório na Educação Física começou a ajudar o [...] dentro do futebol, ele ficou muitos anos com [...], foi isso que motivou ele pegar a disciplina e depois pra ele continuar no projeto pra idéia não se perder, iii, ele levou muitas coisas do [...] nesse sentido, porque o [...] como você tá fazendo consigo, eu entrevistei o [...].

Entrevistadora: Aí que legal!

P13: Eu entrevistei o [...] duas vezes na graduação e nas entrevistas ele me falou assim, o [...] já atuou de tudo no futebol, ele foi jogador, depois foi preparador físico, depois ele foi treinador ele foi, diretor do clube [...], Secretário de Esportes, professor universitário e ele falou que o que ele se realizou na verdade ele se realizou no projeto de extensão com o futebol por lazer. Por ele disse uma coisa, que é verdade, porque hoje eu vivencio isso se trabalha no esporte de rendimento, quando você, existia um tipo de cobrança e quando você, o projeto de extensão proporcionava a ele o melhor que o futebol, i, i, isso ficou culturalmente no projeto de extensão, era essa, é esse o significado que o time queria, queria que fosse baixado, que na se perdesse ele sabia que o [...] tinha esse significado

no projeto, tipo o [...] ia além daquele projeto, pro [...] fica claro, que aquele projeto era a vida dele, tanto que quando ele levou o projeto pro Tênis o [...] levou depois ele foi trabalhar na FIB[22] e ele fala pra gente, se você tiver oportunidade de encontrar ele, ele fala nada foi igual ao projeto da [...], então assim, pra ele tinha muito significado.

Entrevistadora: Eu entendo ele.

P13: Pro [...] tinha sim, muito significado, hoje eu vejo o que mais se aproxima no projeto extensão nesse significado pra ele. Tipo o [...] é dá linha, tem muito tempo pra linha o projeto, tipo os alunos da linha como você foi fica muito marcado, agora são coisas que extrapolam a esfera do saber. Conceitual, o saber disciplinado...

Entrevistadora: É vai muito além.

P13: ...da formação profissional. Então isso é uma coisa que o projeto pode proporcionar iii, só que depende muito de quem conduz o projeto né! Como que ele se dá essa relação? Porque a relação de ensino como, como referencial que vocês usam ele fala, é uma reconstrução feita de acordo com a sua trajetória.

Entrevistadora: Também né, e com os meios sociais, a trajetória né.

P13: É, a trajetória ele define, u, u, a trajetória ela expande os meios sociais algumas trajetórias você vai criando identidades, vai criando recursos, e o projeto extensão é um mega lugar pra isso, só que quem conduz a extensão tem que ter essa perspectiva e isso é o mais difícil.

Entrevistadora: É.

P13: É o mais difícil.

Entrevistadora: E aí é assim, você já falou um pouco, mas como que era o projeto que você participou na época que você participava como graduando...

P13: Oh!

Entrevistadora: ...e qual que era a sua rotina de trabalho?

P13: O projeto como era, são dois momentos do projeto...

Entrevistadora: Como acontecia, como que era, rotina?

P13: ...ele tinha, o momento que era pros alunos do integral, ele era realizado durante a semana a tarde e pros alunos noturno as aulas eram realizadas, as atividades eram dadas aos sábados de manhã.

Entrevistadora: Ah, então ficou a critério da disciplina da graduação?

P13: Exatamente.

Entrevistadora: Ah, ah tá.

P13: Só que depois com um tempo, devido a pouca aderência do meio da semana foi transferido pro Sábado.

Entrevistadora: Aderência dos alunos que participavam?

P13: É Porque era difícil pra eles porque os horários eram mais complexos né, i, i ele continuou como sempre foi constituído aos sábados pela manhã, entre nove e onze meia da manhã.

[22] FIB: Faculdades Integradas de Bauru.

Entrevistadora: E qual que era a sua rotina de trabalho?

P13: Nossa rotina, nós tínhamos encontros é de de acordo, eu não me recordo agora se era semanal..., tinha os encontros semanais sim, era encontro semanais, nós discutíamos as atividades que seriam realizadas e os encontros logo após aos sábados que tinham a discussão momentânea da percepção dos monitores como que eram feito as atividades, e além disso tinha que ministrar as atividades, e ajudar os companheiros a ministrar as atividades. Porque por exemplo: tinha dias que tinha bastante monitores, tava sobrando, nós fazíamos rodízios para que todos pudessem vivenciar é, não sei, por exemplo. Eu, na verdade eu me deparei poucas vezes ministrando as atividades, o professor [...] ele pedia pra mim não ficar ministrando, mas ajudar os companheiros nas atividades, então pra ajudar eles, pra ofertar espaço, pra que eles pudessem é, ter oportunidade de estar vivenciando a prática docente, e isso era legal porque dava pra olhar a atividade com outros olhos você conseguir não observar como professor, mas observar o que um futuro professor, no coro da física ele vai ter, isso é legal, porque depois, a minha tarefa era muito ajudar o [...] nisso, detectar os problemas que nós enfrentávamos que ele, enfrentávamos ou eles não percebiam, e nas reuniões pra que nós pudéssemos aborda-los. Ah! Você percebeu isso, você percebeu aquilo? Por que que esse menino saiu da aula? Por que que ele não quer? Então, ficava muito nessa tarefa, mas era bem intenso porque tinha que se envolver e tinha que ter muita atenção né, no sentido da, estar presente pra poder vivenciar situações de possíveis dificuldades de que outros monitores estão, é é, passando né.

Entrevistadora: Mas, por exemplo: você chegava, falava com os alunos, como que era a dinâmica ali da aula?

P13: Na reunião semanal, agente já definia quem que poderia estar no sábado...

Entrevistadora: Ah tá!

P13: Porque geralmente os alunos da graduação tinham as dificuldades com casa com, os compromissos, então já decidia quem que ia ficar com as diferentes faixas etárias, simultâneo num campo, dividido por faixas etárias...

Entrevistadora: Hã, hã.

P13: ...tentávamos nos organizar, quem que ia ajudar e chegávamos lá a primeira coisa que nós procurávamos fazer é adequar o material, deixar o material preparado, preparar os campos e também ajudar os meninos, se caso algum faltou pra poder adequar, pra não ficar desmerecida alguma categoria.

Entrevistadora: Tá!

P13: E aí, a gente disso nós éé conversávamos com os meninos, pra ver se estava tudo pronto, se estava praticando alguma atividade e se tava precisando de alguma ajuda, e aí sim, eles, os garotos chegavam, separavam os garotos por categorias, aí os professores e monitores já ficavam responsáveis por, pelas suas respectivas faixas etárias e nós ficávamos lá perto, observando como que seria o desenvolvimento das atividades né. Tinha dia, que eu tinha que ministrar as atividades porque faltava um ou tava com alguma dificuldade né, e a gente acaba se envolvendo né.

Entrevistadora: E seu envolvimento no projeto como era?

P13: Meu?

Entrevistadora: Sim.

P13: Em que sentido?

Entrevistadora: Se se envolvia bastante com todas as atividades do projeto?

P13: Na verdade, tinha que se envolver porque...

Entrevistadora: (Risos)

P13: ...não tem como você fugir, quando você tá num projeto ou cê tá ou cê não tá

Entrevistadora: (Risos)

P13: Por que.... Você vai pra, vai pra guerra, vestiu a farda virou soldado né, e tem que se envolver, porque tinha essa função que o professor [...] me colocou, eu tinha que ajudar ele na escolha dos textos, eu tinha que ajudar às vezes na... na verdade, eu conversava mais com ele, antes da gente ter as reuniões, pra gente poder ver cê tá percebendo isso, cê tá percebendo aquilo, então o envolvimento meu acredito que temporalmente até mais do que os objetivos impôs, porque dessa outra atribuição que eu tinha, então era bem assim..., o período que eu fiquei foi intenso mesmo, porque eu tinha que ajudá-lo muito né, porque o professor [...] na verdade por ele não ser docente da cadeira de futebol e na ocasião ele era voluntário...

Entrevistadora: Ah! Eu lembro.

P13: ...ele tinha, eu tinha outras atribuições dele, ele tinha a atividade profissional dele.

Entrevistadora: As limitações né?

P13: É, ele tinha a atividade a profissional dele que era o trabalho do departamento de Educação Física que era técnico...

Entrevistadora: Nossa!

P13: ...de laboratório ele era técnico de laboratório, ele dava a disciplina como voluntário, e tinha o projeto de extensão, nós tínhamos que ajudá-lo que é pra ficar mais fácil, né, se não, ele não conseguia fazer todas as atividades né, eu ajudei ele a construir também os relatórios assim pra PROEX, pra pedir, o projeto pra pedir a verba, eu lembro que eu ajudei, ajudei também quando tinha que mandar o relatório parcial do período, que é quando você manda o relatório, e ajudei também na construção do projeto dos pôsteres que foi pro projeto de extensão no, no congresso da extensão nós tínhamos na ocasião dois pôsteres pra explica o projeto, então foi uma oportunidade que deu pra vivenciar várias coisas dentro do projeto e por uma proximidade do professor [...] né, que seria, eu estar muito mais próximo dele, foi bem legal e eu era monitor da disciplina também...

Entrevistadora: Puts (Risos).

P13: ...é teve duas aulas na disciplina paralela com o projeto, que ele pediu o meu auxílio, por ter sido, por ter sido aluno de iniciação científica, teve dois conteúdos que ele queria que eu ministrasse, então na verdade na verdade, na verdade, durante a graduação, eu vivenciei a tríade, né? Que é o Ensino a Pesquisa à Extensão né?

Entrevistadora: Que legal!

P13: Eu também tive a oportunidade de vivenciar os três. A pesquisa a iniciação científica, a extensão no projeto, e a, o ensino tendo que ministrar aula pros outros alunos né, então ficou muito próximo, né?

Entrevistadora: E aí, posso dizer então, que você se sentia parte do projeto?

P13: Parte do projeto?

Entrevistadora: Era ouvido, você conseguia intervir?

P13: Não, conseguia. Não, isso era fato, isso até mais do que esperava.

Entrevistadora: (Risos)

P13: Tinha hora que o professor [...] perdeu menos, porque, nós tínhamos que deixar os meninos mais é, a vontade para fazer as atividades, a gente queria que eles enfrentassem os problemas né?

Entrevistadora: Senão eles ficam muito dependente também né?

P13: É. A dificuldade nossa é que os meninos eram muito jovens eles, no primeiro ano é muito bom eles participarem, a cabeça deles ficam muito com, muita dificuldade né, essa era uma das coisas... essa também, acho que pra eles deve ter sido interessante, eles puderam ter, ser expostos a uma situação, realmente o que é algum conteúdo da Educação Física, né?

Entrevistadora: Que que é da aula né? E ai o que você aprendeu no projeto que você acha que é mais relevante dessa experiência?

P13: Foi o processo de desconstrução que eu disse pra você...

Entrevistadora: Desconstrução de?

P13: ...de reconstruir uma nova realidade do que tange ao ensino do futebol, construir uma nova realidade no que tange ter que ajudar a companheiros de profissão do ensino de alguma situação, porque até então eu dava aula de futebol, trabalhei com outros professores, só que era junto ou com um professor é uma coisa, ele dá o conteúdo, a gente pode até dividir o conteúdo, mas ele tem a turma dele eu tenho a minha, eu trabalhei em escola de futebol onde eu atuava, tinha um outro professor só que, cada um tinha a sua turma na escola de futebol eu dividia a turma com outro professor é uma coisa, agora construir um grupo...

Entrevistadora: É seu.

P13: ...que é muito maior do que professores que vocês terão que, nós teremos que ajuda-lo a ensinar é uma dupla construção, porque na verdade pra chegar naquele conteúdo nós pensamos ter que passar para os profissionais, ou pros monitores e chegar nos alunos, tem uma interpretação nossa, tem uma interpretação que foi pros monitores e aí vai chegar o conteúdo dos alunos, então pra que toda essa construção seja feita, demora mais tempo, foi uma das coisas que eu tive que aprender que hoje no clube aqui tem muito disso, por exemplo: a minha função no clube hoje, tem grande finalidade eu não atuo diretamente com os atletas, eu atuo, se você imaginar um círculo espiralado, existe os atletas, existe a comissão técnica, eu sou a terceira linha.

Entrevistadora: Hã, hã.

P13: Corta linha, a direção, vai em mim, na verdade existe uma chance que eu coleto que eu passo pra comissão, e ela tem que virar conteúdo de treino era mais ou menos isso do projeto, as informações que eu e o professor [...] tínhamos, que nós queríamos que os alunos tivessem, ela tinha que virar conteúdo de aula, por exemplo: só que isso na construção depende da interpretação daqueles que estão e o que eu tinha que fazer lá, que era dá subsídio pros alunos, pros monitores, ajudar nas atividades, perguntar e interrogar, muito fácil aqui porque as comissões, eu dou uma informação pra comissão técnica, lá eu dava pros monitores.

Entrevistadora: É! Como que você, a minha curiosidade é assim, como é que você conseguiu atingir essa interpretação dos monitores?

P13: Então a questão é, de atingir eles assim: nas reuniões que tinha semanais, tinha a discussão em cima de um texto e a discussão das atividades a ser feita, chegou um ponto eles pediam ajuda. Será que isso tá dando certo, será que se eu montar isso dá certo?

Entrevistadora: Humm.

P13: Nós sempre fechávamos assim experimenta pra ver se vai dar certo, porque nem sempre as coisas dão certo, por mais experiência que eu tinha, mais que eles alguns conteúdos seriam mais fáceis pra determinadas idades, só que eu não podia falar isso pra eles, porque eu tava privando eles da oportunidade de experienciar se aquilo ia dar certo se não daria certo, eles teriam que se deparar pela situação, tanto é que nós sabíamos nós tínhamos leitura, nós tínhamos uma entonação tanto eu

quanto o [...] pra tentar abordar a metodologia por exemplo situacional, ou baseada nas abordagens estáticas do ensino dos esportes coletivos, só que os alunos eles necessidade de vivenciar o método analítico sintético, eles precisavam vivenciar aquilo. Nós não podíamos chegar e falar não, isso aqui não vai ser usado, isso não é construção, isso na verdade não seria da nossa parte de construção, seria uma, apenas é assim e acabou, eles não teriam chance de vivenciar as limitações que o professor apresentou pra eles em sala de aula, eles tinham que vivenciar.

Entrevistadora: Você acha que é essa a vivência, (risos) uma curiosidade né, você acha que é essa, que o aluno só aprende quando ele se depara com a situação?

P13: Não só quando aprende quando se depara.

Entrevistadora: Não só.

P13: Porque, na verdade é uma amálgama, né? Como diz o Tardif, né? É uma amálgama. Na verdade são reinterpretações diárias.

Entrevistadora: Tá entendi.

P13: Não é só... só que é o seguinte, ele exposto a situação... na verdade, assim oh como eu posso dizer pra você: se eu fosse responsável por pensar um conteúdo de formação profissional e se eu pudesse usar a extensão eu faria o caminho inverso, a extensão como fonte alimentadora dos problemas que serão abordados de forma conceitual, na graduação é ao contrário nós temos os proble... a resolução dos problemas que foram dados pela construção científica primeiro antes de exposição do problema.

Entrevistadora: Não tem faz pensar, você tem o resultado pronto, é isso?

P13: Não necessariamente, o resultado pronto, mas, cria um problema muito sério que você chega com soluções pra problemas diferentes.

Entrevistadora: Aii, se não estão dentro de um grupo controle de controle, né?

P13: Exatamente. O que acontece? Você fala sobre aquilo só que nós aprendemos por diversas fontes, auditiva, visual, sinestésica, perspectiva, afetiva, e como está exposto uma situação de aprendizado de ensino aprendizado, que você é o docente cria uma certa situação com você a qual nem sempre dá tempo de você recorrer ao mecanismo que nós aprendemos os conteúdos na sala de aula, você aprende uma forma, só que nós temos que entender que a formação profissional na formação inicial, onde ocorre os projetos de extensão, ela não é feita apenas cientifica acadêmica, ela serve ora intervenção profissional, só que a linha condutora do processo é científica acadêmica e a interv... e a, e a, e a, e a, a extensão eu acredito que seja a única via formal na Universidade além da prática de ensino porque a prática de ensino você não tem professor da graduação contínuo e na, e na, e na extensão universitária é, teoricamente teria que ter todos eles presentes, é o único momento de ter esse professor contigo numa situação mais próximo do contexto da profissão.

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: E aí, o futuro profissional estudante de graduação, a situações as quais ele vai ter que lançar mão do que ele foi aprendido, porém na graduação a extensão ela tem uma característica, muito assim, de aplicabilidade do conhecimento. Só que também a intervenção ela também tem uma finalidade como o Tardif diz de construção do conhecimento, o profissional como construtor do conhecimento mas, não é um conhecimento só disciplinar.

Entrevistadora: Que foi? Tava bom! Tava ótimo (Risos).

P13: É um conhecimento igual o [...] me ensinou, que é um conhecimento experiencial só tipo de viver com ele, ele deixou escrito, essa que é a grande questão.

Entrevistadora: É.

P13: E aí é que ela assume um relevo que as pessoas, ela não é a prima pobre das três?

Entrevistadora: Ela é a prima pobre.

P13: Da pesquisa, do ensino, das três, ela não é a prima pobre, então, será que não está na hora de pensar, não de inverter os papéis, mas de igualar os papéis?

Entrevistadora: Então! Porque é assim, eu iria entrar numa parte agora mais falando dessa questão da extensão na parte formativa e aí você me mostrou que se eu te perguntasse qual o valor, o papel, sentido e significado da extensão universitária, você mostrou uma relevância muito grande, agora na sua fala e aí você acha que ela se diferencia do que do ensino e da pesquisa, porque você já falou pra mim bem relevante aponto, então não vou repeti, mas do que ela se diferencia?

P13: Depende que ensino e de pesquisa você tá falando.

Entrevistadora: Tá. É me fale sobre:

P13: Então, porque se você falar da construção claro do conhecimento...

Entrevistadora: Hum.

P13: ...da produção do conhecimento que é considerado científica e tem valor no âmbito ainda da Educação Física brasileira que é predominantemente o ensino voltado para as questões de entendimento do aspecto do movimento no predomínio da biodinâmica do movimento, vai da muito diferente, mas se você pensar no ensino sendo uma concessão do conhecimento, mais, um pouco mais próximo da sessão motricidade que encara o movimento, como a motricidade sendo como um movimento, como personalidade, como energia sem pique voltada a superação, ela tem total, ela é muito perto de uma forma de construir conhecimentos de construir atividade docentes.

Entrevistadora: A extensão ou o ensino?

P13: A extensão.

Entrevistadora: Tá.

P13: Ela assume esse caráter, mas agora, no caráter que predominantemente a produção..., eu to fazendo um paralelo agora da pesquisa e da extensão...

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: ...se eu considerar ela próxima do que é o predomínio da forma de pensar a posição do conhecimento que hoje nós temos predominantemente.

Entrevistadora: A forma de pensar, a ciência que a gente tinha antes?

P13: É apartada, mas como deveria ser na minha concepção ela seria artista principal.

Entrevistadora: Por quê?

P13: Porque é poucos momentos que os alunos está exposto a realidade profissional dele, que ela pode pensar a sua prática a sua vida profissional, a única forma que o professor da graduação está junto com ele, diferencia da prática de ensino por exemplo, quando você vai até a escola pra fazer o estágio ou se vai no clube, lá o seu supervisor é outra pessoa, não é o professor da graduação e o professor da graduação também poderia usar essa também pra pensar nos objetos de estudo da própria intervenção.

Entrevistadora: Aí entraria na pesquisa?

P13: Também.

Entrevistadora: E no ensino?

P13: No ensino e aí os problemas na verdade. Qual que é o problema do ensino primordial da Educação Física, pra que existe o curso de Educação Física? Será que é só pra formar os pesquisadores do futuro? Essa que é a questão. Aí, essa questão de ver a extensão nesse meio depende muito de como você vê a construção da atividade profissional e que você encara a atividade profissional, que modelo de profissional que nós queremos pra, pra profissão, essa que é a grande questão, o problema é como nós vemos as coisas hoje apartadas nós temos um lado da universidade dum lado um mundo da intervenção, e que eles não se dialogam ou se dialogam muito pouco e é um esforço muito individual de quem está sentado nessas duas cadeiras, como você esteve.

Entrevistadora: Então você não acha que a gente através dessas pesquisas, das intervenções e dos das pontes que a gente tenta fazer, é como pesquisadores, como docente tudo, a gente não tenta aproximar de alguma forma?

P13: Tenta.

Entrevistadora: Mesmo que seja um número reduzido (Risos).

P13: Tenta, tenta, mas como eu disse fica muito caráter do esforço individual.

Entrevistadora: Entendi!

P13: E no que se refere algo institucional de realmente pensar na formação do profissional como um, do profissional de como será a sua carreira, um construtor ou reconstrutor do saber, onde nós aprendemos isso? Ou na extensão, ou em algum espaço que poderia ter esse diálogo?

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: Onde tá esse espaço na universidade, onde você vê isso na universidade?

Entrevistadora: Na extensão (Risos) o meu foi na extensão.

P13: Então é isso que a questão é, como que eu posso vivenciar isso? Como que eu posso construir isso? Então, essa é o grande problema da, da formação nossa, e eu sei que de alguma forma alguns professores universitários pensam na extensão, pra preencher, que esse espaço pode preencher só que ela na condição...

Entrevistadora: Mas esse espaço de preencher o que?

P13: ... de preencher essa lacuna que tem entre os dois espaços que ficam aí a pesquisa, o ensino e a extensão, a pesquisa e o ensino, foi nada a abarca a atividade do profissional, vamos fazer extensão que ele vai aprender, ele precisa de um aprendizado o futuro profissional é sistemático pra aquilo. Ele precisa ser conduzido de uma, de uma, de uma extensão universitária bem conduzida, não basta você jogar ele lá.

Entrevistadora: Entendi, não basta ter o projeto.

P13: Não, joga, vamos faze o projeto de extensão de futebol de rendimento pega dois estudantes vamo da aula lá no clube.

Entrevistadora: Jesus!

P13: Eles vão ficar cinco dias.

Entrevistadora: Nem isso.

P13: Pelo amor de Deus! Por que?

Entrevistadora: Não sabe o que fazer.

P13: Não sabe o que fazer, porque aí que é a importância do professor universitário estar próximo do aluno, nós sabemos que na extensão universitária muitos professores deixavam os alunos fazendo os seus papeis, isso não é extensão universitária.

Entrevistadora: Fazendo os seus papeis, ou dando aula, né?

P13: Exatamente. Dando aula pra, ele no lugar, dando atividade como a extensão é a prima pobre das três, é eu vou cuidar do meu tempo enquanto isso eu deixo o aluno lá, isso é realmente a função, é a finalidade, eu consigo construir um significado com isso? Essa que é a grande questão é aí que nós precisamos até repensar uma lição de comportamento que do saber experiencial, que é construir experenciencialmente na esfera longitudinal, é caraterístico né, aí não tem como eu, mas eu tenho certeza, se eu for fazer a extensão vou fazer de forma diferente.

Entrevistadora: Que forma?

P13: Muito parecida com a forma que o [...] faria, porque eu acho que hoje na [...], quem faz melhor é a [...], faz melhor é a [...], a que está mais próxima do modelo de realmente tornar uma experiência significativa e significante pro aluno de graduação, que vai transformar a vida deles e vai ser uma experiência, que vai proporcionar ele é condições da intervenção mais adequada aos espaços de ensinos futuros, porque a palavra articular, né? Articulação entra em pesquisa, em ensino... a que melhor faz.

Entrevistadora: E aí se eu te perguntar quais são as implicações da extensão universitária na atuação como profissional, o que que ela implicou na sua atuação hoje?

P13: Ela conseguiu proporcionar, como eu te disse anteriormente, me proporcionar alguns momentos d'eu ter que refletir a minha intervenção, por exemplo: a adequação de espaços, com características sociais diferentes como eu disse dos meninos que tinham dificuldades, hoje a minha atividade no clube se assemelha muito a atividades dos monitores todos, por quê? Eles tinham essa dificuldade, eu tenho que fazer essa dificuldade, eu tenho que fazer essa mediação do saber de um tipo de saber, eu represento um tipo de saber do clube, eu tenho que fazer uma mediação com os profissionais que estão mais perto dos jogadores, pra que parte desse saber, seja expressa na atividade do treino...

Entrevistadora: Nossa!

P13: ...então é uma construção. Lá no produto final, que é a organização das atividades do treino.

Entrevistadora: A organização do que?

P13: Das atividades do treino.

Entrevistadora: Hã, hã.

P13: Ela, no dia a dia na intervenção daqueles profissionais, ela tem que ter elementos, poucos, eu sei que ela tem poucos elementos pra dar informação pra proferir isso pra eles, porém é muito parecido com o projeto de extensão, lá nas aulas de futebol vai ter elementos que eu e o professor [...] queríamos, tinha que te uma construção junto dos monitores pra que eles conseguisse organizar, isso fica muito parecido, isso qualquer atividade que você vai trabalhar em grupo, seja na escola, no clube vai precisar disso e isso é fundamental. E aí eu pergunto! Na sala de aula onde nós aprendemos isso?

Entrevistadora: Deixa a pergunta pra você responder (Risos).

P13: Não sei né, então essa foi uma das maiores contribuições.

Entrevistadora: E aí éé, agora você vai me falar, todos os elementos que você tem certeza que você aprendeu na extensão não em outro lugar, se você pontua todos, você falou um pouquinho, dessa questão da reconstrução, que eu vi que foi muito marcante, falou dessa questão mediação com os monitores quais mais? Que você tem certeza que nasceram na extensão?

P13: Vou fazer uma piada com você.

Entrevistadora: Vai sair na transcrição (Risos)

P13: Não tem problema nenhum, eu até sugiro que a transcrição seja com identificação.

Entrevistadora: (Risos) eu por mim sem problemas.

P13: Se o comitê de Ética num...

Entrevistadora: Esse comitê de ética, meu Deus!

P13: ... essa é uma pergunta que a ferramenta que você utiliza não é capaz de pegar.

Entrevistadora: É eu sei, eu teria que observar.

P13: Sim, porque pra mim responder essa pergunta, ela, o que eu as... não dá pra porque como é construção da trajetória...

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: ... tem coisas que se eu falar que foi especificamente lá, se tá indo pela memória então não posso, exclusivamente lá, pode ter sido predominantemente, ter tido que ter um esforço pra aquele ambiente, ou ter construído aquele saber naquele momento, mas que eu aprendi lá, exclusivamente por eu já ter tido até experiências com outras práticas, outras intervenções com a modalidade...

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: ...muito difícil eu falar pra você, foi aprendido lá.

Entrevistadora: Mas quais foram os mais predominantes, então?

P13: Esses três que eu te disse, a reconstrução, mediação.

Entrevistadora: Qual a outra?

P13: E as adequações das atividades né.

Entrevistadora: E aí você usa isso no seu dia a dia também?

P13: É porque, o projeto de extensão ele é muito marcada a característica da intervenção do do profissional, se você não usar...

Entrevistadora: (Risos)

P13: ...naquele dia, no seu dia a dia, hoje, algum dia você vai usar, você usará por exemplo porque logo vc vai precisar aqueles recursos se a extensão for bem conduzida, não quer dizer que todas as extensões proporcionaram aquilo né, tem isso também, então, agora, vou ter que ser bem sincero, muito dos saberes que eu construí, que eu posso dizer que a extensão me deu, não foi a extensão me deu como monitor da extensão, foi como praticante da extensão, extensão como, aluno da extensão.

Entrevistadora: Peraí voltando, a extensão, o volta não entendi. (Risos)

P13: Por exemplo: me perguntou dos saberes, hoje eu fiz uma reflexão, muito dos saberes que....

Entrevistadora: Construiu

P13: ... construiu, não foi na extensão, não foi na extensão quando eu era monitor junto com o professor [...], quando eu fui praticante do professor [...].

Entrevistadora: Entendi.

P13: A minha única opção, por exemplo, de estudar e adotar a metodologia com as abordagens táticas do ensino do futebol por exemplo, e eu ter isso como objeto de estudo é porque, aprender com o professor [...], praticar com o professor [...] o futebol daquela forma que ele proporcionou, foi mais significativa pra mim, lá naquele momento na infância e adolescência, quando eu me deparei como profissional eu sabia que as crianças iam gostar, mas porque eu gostava.

Entrevistadora: Você sentiu na pele a emoção?

P13: Exatamente.

Entrevistadora: Você soube que dava certo.

P13: Se eu fizer isso aqui com eles...

Entrevistadora: Dá certo.

P13: ...eu lembro que eu fui seduzido pra metodologia dos esportes coletivos pela abordagem de estáticas eu falei. Ah! Então é mais ou menos isso que a idéia do professor [...], eu já tinha experienciado aquilo, então pra mim, o significado ficou mais marcado, eu sabia que eu poderia escolher aquilo que a chance do êxito era maior, ii mais fácil quando você vê isso nele.

Entrevistadora: Hum, hum.

P13: E é por isso que o jogador ex-atleta, quando ele vivencia treinadores de sucesso, ele repete aquilo, quando ele trabalha como treinador depois, é por isso que professor repete os métodos que ele teve.

Entrevistadora: Êxito.

P13: Teve êxito naquilo, ele vai fazer por isso a importância de uma experiência significativa e significante na extensão. Entendeu?

P14

Entrevistadora: Nós estamos falando especificamente do projeto de ginástica artística que você participou, tá bom?

P14: Tá. (Risos) bem na hora.

Entrevistadora: Então no primeiro momento [...], eu quero saber assim, como que você se aproximou do projeto de extensão que você participou? Como que foi essa divulgação? Se teve alguma divulgação ou não? Se você sabia o objetivo do projeto?

P14: Quando eu entrei na faculdade eu já tinha contato com a ginástica já era atleta de ginástica, fazia bastante tempo, né?

Entrevistadora: Hum, hum.

P14: Eu treino desde os oito anos e e por conhecer já ginástica, já conhecia a [...], eu já tinha contato com ela, que era a pessoa responsável, né?

Entrevistadora: Ela era professora, coordenadora do projeto de ginástica?

P14: Do projeto de ginástica. Então, logo que eu entrei na faculdade, eu já entrei em contato com ela porque eu já sabia que ela tinha projeto, porque eu treinava na mesma academia que outras pessoas já tinham trabalhado no projeto e que estavam no projeto, que era o [...], o [...]...

Entrevistadora: Hã, hã.

P14: Eu entrei em contato com ela,ela já falou como funcionava, era um projeto que voltado pra iniciação, trabalhava com crianças da região, comunidade né, aí eu comecei a participar voluntariamente, eu ia com o pessoal que tava dando aula e aí eu dava aula junto, comecei a pegar as turmas trabalhar com as turmas e aí no segundo ano já de faculdade eu fui à bolsista do projeto e foi até o fim da faculdade, os três últimos anos, segundo, terceiro e quarto ano, eu que fui a responsável do projeto; primeiro ano eu acompanhei como voluntária, a responsável na lembro na época, acho que era o [...] que tava né, como responsável aí depois foi eu, os três últimos anos fui eu, mas eu entrei em contato porque e já entrei na faculdade fui atrás da [...], porque e já era da área da ginástica e queria né, fazer parte do projeto dela.

Entrevistadora: E você lembra mais o menos como que era o objetivo do projeto? Não, se você lembrar como estava o projeto tudo bem? Mas o objetivo?

P14: Como estava no projeto era ginástica artística desenvolvimento e prática psicomotoras, então era trabalhar o desenvolvimento motor o desenvolvimentos psicomotor através da ginástica, então era trabalhar a coordenação da criança, utilizando a ginástica, não era ginástica competitiva, ginástica do nível, ginástica rendimento era ginástica formativa na verdade, né?

Entrevistadora: Você lembra a faixa etária do público?

P14: A maioria a gente tinha desde os seis até os doze anos, eu acho.

Entrevistadora: Que bonitinho...

P14: Não tinha um limite de idade, mas o público, assim, tinha o mínimo né, o mínimo era seis anos o máximo, não tinha criança com mais de doze, treze anos, era essa faixa de seis a doze.

Entrevistadora: E as idades todos trabalhavam juntas?

P14: Tudo junto. Porque era pouco tempo, né?

Entrevistadora: Nossa!

P14: ...de aula, a gente tinha aula duas vezes por semana, acho que duas horas e meia, três horas de aula, então era todas as turmas juntas, todo mundo junto. Geralmente tinha mais de uma pessoa no projeto...

Entrevistadora: Ah, Ah, Ah.

P14: ...dificilmente tinha alguém sozinha, então a gente costumava dividir as turmas durante a aula, né? Quem era mais novo, menino, menina, quem era mais novo mais velho a gente dividia durante a aula, mas a aula era todo mundo junto.

Entrevistadora: E não dava nenhum conflito na hora? É curiosidade, né?

P14: Não! Trabalha bem. Que é assim, a gente nunca trabalhou com cinquenta crianças o nosso número máximo na época que eu tava no projeto era trinta crianças, vinte crianças, não costumava ter muito aluno, era vinte, a média mais ou menos, era vinte mas dava pra dividir bem, duas turma de dez, ficava tranquilo era bem tranquilo.

Entrevistadora: Você lembra a função do coordenador do projeto? E a função de vocês alunos estagiários na época, porque vocês não estavam formados. Você falou que era coordenadora, tinha papel de coordenadora e subcoordenadora o projeto de vocês ou não.

P14: Quem era bolsista, geralmente coordenava daí assim...

Entrevistadora: Como que é então a função de cada um?

P14: ... a coordenadora [...] passava toda a orientação da proposta do projeto...

Entrevistadora: Hum, hum.

P14: ... quais que era os objetivos, como as aulas iam funcionar daí quando a gente tava na aula, sempre quem era o coordenador né? O aluno que tava à frente do projeto no momento começava a aula passava o, os aquecimentos, a preparação inicial e a determinava quem ia fazer aquele aparelho e daí geralmente, que nem na época que eu tava, tinha alguns alunos que tavam comigo que não tinham tanta experiência na ginástica, daí eu orientava com relação o que que eles iam ensinar como ensinar cada elemento, o que fazer, como ajudar, como proteger, então eu acabava é ensinando os alunos primeiro, pra eles ensinarem as crianças, então era geralmente tem ginástica também que entrou uma menina que já fazia ginástica então ela já conhecia aí eu orientava com relação qual o aparelho que ela ia, as partes de processo pedagógico inicial ela já conhecia mais ou menos. Mas geralmente eu orientava, quem tava dando aulas pras crianças, orientava, quem tava dando aulas pras crianças, orientava o que fazer, como fazer...

Entrevistadora: Então como aluna coordenadora, você orientava é e também ajudava dar a aula, e aí esses alunos eles só davam aula.

P14: É só davam aula.

Entrevistadora: E a professora coordenadora que era a [...]? Só me lembra, você falou assim que ela orientava vocês mexiam em alguma reunião com vocês pra planejamento.

P14: Comigo.

Entrevistadora: Só com você.

P14: Só comigo. Assim, todo aluno que entrava no projeto, conversa com ela, ela passava pra mim como tinha que ser, aí eu me encontrava com ela direto toda, quase toda semana eu tinha reunião com ela i i i ela ia no projeto...

Entrevistadora: Que legal!

P14: ... pelo menos uma vez por mês ela passava lá, via como que tava, via as crianças, conversava com quem tava auxiliando no projeto mas durante as aulas era eu que ficava lá.

Entrevistadora: Então ela coordenava através de você? Ou do aluno bolsista, né?

P14: É do aluno que ficasse.

Entrevistadora: É diferente, eu perguntei por que cada projeto funciona de um jeito. Você lembra em algum momento vocês terem discutido o que que era a extensão universitária? No projeto de vocês? Ou você com os alunos, ou de repente a prof... a professora coordenadora conversou com vocês.

P14: O que era a função?

Entrevistadora: O que era a extensão universitária ou a função dela?

P14: Ah! falava muito, que é assim eu já tinha um contato com a ginástica já há muitos anos, então pra quem não tinha contato, ela falava muito, que era importante, eles prestarem atenção, que era uma oportunidade pra eles terem contato com uma modalidade diferente, era uma oportunidade que eles poderiam até num campo, que eles poderiam trabalhar depois ela explicava isso pra eles, que era uma experiência importante, tudo pra mim ela não falava tanto, que o meu contato com a ginástica foi muito maior fora do que dentro da faculdade, né? Mas ela falava isso, que é uma experiência que ele não iam ter fora da faculdade, que eles não iam ter a aulas de ginástica normal...

Entrevistadora: Hum, Hum.

P14: ... porque era uma coisa a mais né, então ela falava isso pra eles assim...

Entrevistadora: Mas...

P14: ... falava na importância assim?

Entrevistadora: Hã, hã.

P14: ... não especificamente o que é? O sentido daquilo na era tão sistematizada assim a explicação.

Entrevistadora: Como se ela explicasse de outra forma?

P14: É.

Entrevistadora: Mas não no termo em si?

P14: É no termo não.

Entrevistadora: E aí falando um pouquinho de você do projeto, me explica com que era o projeto de extensão de vocês e sua rotina de trabalho. Como que ele era? Que dia que acontecia? A duração e depois como que era a sua rotina lá, você chegava e fazia o que?

P14: Éé eram duas vezes por semana, eu, eu a época que eu me lembro era que quarta e sexta, mas eu lembro que chegaram a mudar os dias, porque como eu fui coordenadora três anos os três anos eu fiquei eu as vezes eu tinha.., não conseguia mudar a disciplina pra fazer com o noturno.

Entrevistadora: Hum, hum.

P14: Teve que mudar o dia né, pra ter a tarde livre né. Então geralmente eu lembro que a maioria, a maior parte foi de quarta e sexta a tarde, aí era só a tarde, não era oferecido de manhã, só a tarde, eu entrava das três as seis ou das três às cinco e meia, alguma coisa assim, do meio da tarde pra frente aí, eu chegava uma meia hora antes, geralmente os alunos que tavam junto comigo, que tavam dando aula também chegavam também e daí a gente já separava o material que ia usar, já se fosse trabalhar com algum educativo que tinha que montar, a gente já montava, passava mais ou menos o que ia fazer, e há, a gente vai fazer esse, esse aparelho, aí as crianças chegavam, aí a gente começava, fazia aquecimento, depois dividia quem que ia ficar em que aparelho fazia aula.

Entrevistadora: E aí no final tinha alguma roda de conversa, alguma coisa assim?

P14: Com as crianças, a gente até conversava bastante, mas, não é conversava bastante mas não é, conversava tipo, como foi a aula, o que que eles aprenderam, geralmente eu gostava de fazer isso com eles pra aprenderem correr, logo que eles começam aprender nome de aparelho, nome de exercício, sempre no exercício de hoje, aí chega na outra da aula, faz aquele exercício, não sei qual que é...

Entrevistadora: Risos.

P14: ... então no fim da aula pra frisar, que que vocês fizeram hoje? Isso, isso, côo chama aquele elemento? Mas era coisa rápida também, geralmente pai e mãe já tava lá pra buscar. E aí ficava mais meia horinha lá, sempre tinha os pais que demoravam pra chegar pra pegar né.

Entrevistadora: Hum, hum. (risos) Coitada da criança lá.

P14: Não ia deixar as crianças lá sozinha, mas a rotina era simples era assim.

Entrevistadora: Deixa só eu entender, o planejamento que vocês faziam, como que seguia porque pelo que você me falou, até eles entenderem um aparelho, um elemento, vocês ficavam na repetição

ou não? Como que funcionava esse processo de aprendizagem da criança? To pensando na sequência, na sistematização de planejamento como que vocês faziam isso, já que você falou que a professora coordenadora falava especificamente com você, né?

P14: Hã, hã.

Entrevistadora: Como que ia ser esse andamento?

P14: É a sequência pedagógica era que a gente costuma usar sempre na ginástica, né?

Entrevistadora: Qual que é?

P14: A criança começa sempre na parte de solo...

Entrevistadora: Hum, Hum.

P14: Daí primeiro a gente trabalha coordenação, força, flexibilidade, daí começa com os elementos básicos de solo, daí assim a gente vai repetindo até a criança ter uma habilidade considerável num elemento pra ela poder progredir pro outro, então...

Entrevistadora: Só um exemplinho aí de... Quais seriam esses elementos básicos de solo?

P14: Por exemplo: rolamento pra frente, rolamento pra trás, daí ela começa aprender apoio invertido, a hora de conseguir fazer, paradinhas de cabeça, parada de mão, aí começa fazer estrelinha e ao mesmo tempo que você vai desenvolvendo esse, você já começa a trabalhar os outros aparelhos, deslocamento em cima da trave, pra ela acostumar a andar em cima da trave, paralela pra aprender a se pendurar, aprender a fazer os primeiros movimentos, argola, barra fixa, paralela masculina, eles começam primeiro, com... começaram sempre com, com conhecimento apenas...

Entrevistadora: Hum, hum.

P14: ...conhecer os aparelho, conhecer todos os aparelhos, passar por todos aparelhos, desenvolver uma coordenação motora básica pra conseguir melhorar nos aparelhos, e daí é progressivo né?

Entrevistadora: Hã, hã.

P14: Você não trabalha só solo, só... geralmente é assim, o solo é o mais importante, quase todo dia tinha parte de solo, porque até a criança começar a se desenvolver, mesmo na ginástica, é muito solo né, porque a principal coordenação vai, vem do solo né?

Entrevistadora: Como se fosse uma base, uma coisa muito importante tá?

P14: Aí, geralmente todo dia tinha solo e um outro aparelho, então fazia solo e um outro aparelho daí a gente.. solo geralmente fazia todo mundo junto, começavam os elementos básicos, até onde eles estivesse aprendendo, daí passava pros outros aparelhos e aí aos poucos eles iam desenvolvendo, daí conforme iam chegando crianças novas no projeto aí a gente costumava dividir os que já tavam tinham um certo nível de habilidade já, já estavam realizando alguns elementos aprendidos, a gente separava esses já partiam desses elementos aprendidos, a gente separava esses já partiam desses elementos pros próximos, e os outros que tinham entrado, iam começar aprender desde o começo de novo, mas separava a turma.

Entrevistadora: Uma turma de iniciantes e uma de iniciados.

P14: É mais ou menos assim.

Entrevistadora: Entendi. Tava tentando entender como que era o processo de trabalho de vocês posso dizer que o seu envolvimento era grande no projeto?

P14: Era grande (risos).

Entrevistadora: Por quê? O que que você falaria, pontuaria assim pra mostrar que seu envolvimento foi grande?

P14: Ah! Por que eu que... a [...] dava os pontos principais né, trabalha isso, trabalha aquilo, mas eu montava aula...

Entrevistadora: Hummm.

P14: ... eu imaginava aula, eu orientava os outros alunos que estavam junto comigo, então, é a mesma função que eu faço hoje quando eu dou treino né.

Entrevistadora: Esses alunos da graduação também não te ajudavam a montar aula?

P14: Não...

Entrevistadora: Risos.

P14: ... por que eles não tinham muito contato com o processo pedagógico da ginástica, eles não sabiam muito bem o que ensinar, que horas ensinar, eu, eu acabava fazendo isso né, aí eles seguiam, iam aprender, com o passar do tempo quando entro alunos novos, ai eles já sabiam mais ou menos o que fazer né falava ah deixa eu aprender tinha que começar com prá frente, rolamento pra trás com parada de mão, pra depois passar pros próximos exercícios né? No começo eles escutavam só e não dava muito palpite, assim não sabiam muito o que fazer.

Entrevistadora: Meio que, ficava em planejamento fechado. Eu to voltando nisso, pra conseguir realmente entender essa sistematização que vocês acabaram criando.

P14: O processo inicial ele é meio padrão né, ele se repete sempre que a criança tem uma turma nova aquele processo pedagógico... depe... a velocidade com que o processo acontece varia de acordo com o nível da turma, as vezes entra uma turma que começa aprender muito rápido e cê perde menos tempo com essa base. Agora tem uma turma que já tem mais dificuldade vai perder mais tempo com a base assim, não funciona por tempo, funciona por etapas né.

Entrevistadora: Hum, hum.

P14: Aprendeu esse, esse elemento vai passar pro próximo independente de quanto tempo ela demore, pra fazer isso, te criança que aprende a fazer rolamento para trás, para as mãos, estrela e... em um mês te criança que aprende em um ano, e aí tem que ir dividindo assim no projeto né?

Entrevistadora: E aí quando esse planejamento ficava um pouco mais avançado, ficava por sua conta?

P14: É, ficava.

Entrevistadora: Caramba, que responsabilidade. Então você se sentiu parte do projeto? Você era ouvida o tempo todo? Você podia intervir? Você dava ordem e o pessoal obedecia?

P14: Hã, hã.

Entrevistadora: Mesmo quando a [...] ia nas aulas ela ia só pra verificar se tava tudo ok?

P14: É.

Entrevistadora: Se tivesse alguma coisa ela chamava e conversava com você?

P14: Falava geralmente dificilmente ela falava não, não faz assim, faz assado, ela só as vezes sugeria. Ai que legal tá fazendo isso? E se fizesse assim também? Ela dava sugestões, mais ela nunca falou que tava errado ou que não era pra fazer assim.

Entrevistadora: Ela confiava em você, pelo tempo que você já tava na ginástica?

P14: É.

Entrevistadora: E como que era essa reunião que vocês tinham? Você falou que encontrava ela toda semana?

P14: Eu ia lá na sala dela, quando acabava a aula de sexta-feira (risos) falava como tinha sido a semana e ela falava então tá bom e era assim.

Entrevistadora: E a orientação?

P14: Ela falava o que que as crianças estão fazendo agora, tão fazendo isso, isso e isso. Ah! então tá bom.

Entrevistadora: Legal!

P14: É que a minha experiência dentro da ginástica até eu entrar na faculdade, dessa parte de treinamento, tudo era minha vivencia com a ginástica era até um pouco até maior que a ela, então, muitas vezes ela deixava isso por minha conta assim...

Entrevistadora: Ela sabia que você ia dar conta?

P14: É, nessa parte de dar treino eu estava mais próxima do que ela, desde que eu entrei, antes até...

Entrevistadora: Já nasceu comum barrinha. (risos)

P14: É então, quando eu tinha dezesseis anos, eu já comecei a dar aula na academia que eu treinava. Então eu já dava aula na academia desde..., quando eu entrei na faculdade já fazia três anos que eu dava aula na academia.

Entrevistadora: Hã, entendi. Ela tava super segura?

P14: Tava.

Entrevistadora: E o que que você acha que você aprendeu no projeto que você considera mais relevante.

P14: Acho que a parte de lidar pedagogicamente com as crianças.

Entrevistadora: Que é lidar pedagogicamente com as crianças?

P14: É saber..., é ter paciência, saber, perceber que a criança demora mais pra aprender, tem umas que aprende porque... Quando se começa você quer que todo mundo da turma já faça tudo ao mesmo tempo.

Entrevistadora: Igual, né?

P14: Igual, se um fez porque que o outro não faz também? Sabe.

Entrevistadora: Hã, hã.

P14: E aí, assim no projeto, porque se eu falar que eu aprendi a ensinar alguma coisa pra ginástica, que eu aprendi alguns elementos no projeto, eu não aprendi, o que eu conheci na ginástica de fazer os elementos, eu aprendi antes, o que eu aprendi de ensinar, eu aprendi com o meu técnico, então na faculdade eu acho que nesse projeto, o que fez mais diferença foi essa parte pedagógica, saber respeitar o limite de cada criança, porque daí as vezes eu falava, isso a [...] me orientava muito. As vezes eu falava: - [...] mas o fulano não tá fazendo isso, isso a outra... ela falava: - Mas [...] não tem jeito, essa criança tem dificuldade, tenta isso, tenta aquilo ela dava algumas alternativas, ela sempre falava pra ter paciência, tem criança que não tem, tem criança que demora, tem criança que nunca

vai aprender. Então ela... quando eu era atleta e eu dava treino, você só tem a visão de esporte, de competição...

Entrevistadora: ...E de rendimento.

P14: ... É. E ela abriu assim, esse caminho de ginástica formativa. As crianças não tão aqui pra competir jogos regionais, jogos abertos, elas tão aqui pra saber desenvolver..., então acho que essa parte de saber trabalhar a diferença entre ginástica formativa, ginástica alto nível, ginástica pra desenvolvimento motor, acho que oi bem durante o projeto que eu consegui discernir bem essas: O que que é ginástica alto nível? O que que é ginástica formativa? E acho que depois isso, me fez ver, que o importante é você ter um objetivo antes de planejar qualquer coisa se seu objetivo é ginástica formativa, vai trabalhar de um jeito, se for o objetivo da ginástica de alto nível é de outro jeito. Geralmente, quando é ginástica é de alto nível, o processo inicial é mais lento até, do que a ginástica formativa, porque a ginástica formativa se vai a criança tá lá, pra desenvolver a coordenação pra se divertir, então você acaba ensinando alguns elementos mesmo que ela pega errado, não vai ensinar pra ela se sentir bem porque aquilo vai ser legal pra ela, agora na ginástica competitiva a criança não pode aprender o elemento errado, então as vezes você tem que fazer mais devagar com calma até, do que na ginástica formativa. É acho que saber discernir essas duas coisas, o que fazer em um caso, o que fazer em outro caso, acho que o projeto ajudou bastante.

Entrevistadora: É porque senão a criança vai criando vícios, né?

P14: É se você pensa em alto nível, você tem que tomar cuidado pra que ela não tenha vício mesmo.

Entrevistadora: E entrando um pouquinho nessa parte das formações da formação né, das implicações na sua formação..., eu dividi essa pergunta em duas tá? E é assim, qual que foi o papel, valor, o significado e o sentido da extensão universitária na sua formação inicial, lá na graduação? Papel, sentido, significado e o valor da extensão universitária, no caso seria o projeto de ginástica artística que você passou?

P14: O papel?

Entrevistadora: O papel, valor o significado e o sentido?

P14: Ah, eu acho que...

Entrevistadora: Na formação inicial.

P14: ... primeiro foi, foi importante pra mim, acho que teve um valor grande, por que na academia quando eu trabalhava eu era muito mais orientada pelo meu... técnico tecnicamente do que lá. Lá eu tive muito mais liberdade...

Entrevistadora: Hum, hum.

P14: Que na academia eu chegava ele falava assim. Você vai fazer isso, isso, isso hoje, ainda mais porque eu era muito nova quando eu comecei a dar aula lá. Então ele orientava tudo, então eu acho que teve um papel assim, de de desenvolver autonomia, de conseguir ser responsável por uma turma...

Entrevistadora: Hum, hum.

P14: ... sabe, achar que consigo, não entrar em crise, se meu técnico não tivesse mais lá, pra falar o que eu tinha que fazer quando eu tava dando aula, e por isso pra mim foi muito importante e e teve um significado grande nesse sentido. Saber que eu sabia da aula, perceber que eu era capaz, e saber que, não era por que eu sabia fazer, que eu tinha sido atleta que ia ser fácil dar aula. É muito diferente você fazer e você ensinar né?

Entrevistadora: Qual que é a diferença de fazer e ensinar pra você?

P14: Fazer é mais fácil. Risos.

Entrevistadora: Risos. Por que? É mais fácil assim...

P14: Ai..

Entrevistadora: Por que que é mais fácil?

P14: Por que fazer é uma coisa que você controla totalmente né? Se alguma coisa der errado, foi você que errou e pronto né? Agora ensinar é uma coisa muito mais complexa né? Por que a criança as vezes não entende o jeito que você tá falando, absorver o que você ta passando, aí você tem a responsabilidade que ela não pode se machucar, você não pode também traumatizar a criança, fica nervoso por que aí ela não aprende, e ensinar, e fazer você aprende desde o inicio. Tem muita coisa que eu não lembro de aprender fazer, simplesmente sabia faze, e as crianças tem tanta dificuldade pra aprender..., como é possível que foi tão difícil assim fazer, é impossível e acho que por isso ensinar é mais difícil você tem que te muita paciência. Por que quando cê tá aprendendo e os outros que tem que ter paciência com você né? Não é você. Ai quando você ta ensinando você tem que ter muita paciência e consegui enxergar muito na criança isso, se ela tá aprendendo, se ela vai aprender, se, por que as vezes não adianta, o jeito que você tá ensinando ela não vai aprender nunca então, você tem que tentar estratégias diferentes, então eu acho que nesse sentido, foi mais nisso que o projeto me ajudou.

Entrevistadora: As vezes você fala que é mais fácil fazer por que você consegue controlar, né? O ensinar ele foge do grupo controle, né?

P14: Foge.

Entrevistadora: Então dá um pouco mais de desespero? Como você diferenciaria a extensão universitária do ensino e da pesquisa?

P14: Ai...

Entrevistadora: Ai.. Risos

P14: Tem diferença.

Entrevistadora: Então! Qual é diferente, no que?

P14: Que nem, o ensino..., falando especificamente das aulas de ginástica, né? O ensino ele é completamente teórico, a gente tinha aulas práticas, mas o pessoal ia lá e fazia os elementos, se divertia achava, o máximo fazer uma parada de mão, uma estrela, aprendi a parte teórica, aprendi o que que era aparelho feminino, o aparelho masculino, as famílias de Carrasco, que eu nunca usei num treino, mais a gente aprendia. Então, aprende muita coisa no ensino que..., que pra quem tá trabalhando com a iniciação não tem muito fundamento né? Mas acho assim: no ensino, se, só conhece a ginástica, você não aprende a dar aula de ginástica, a não ser que você esteja muito interessado mesmo e fique lá nas aulas práticas, que que eu faço pra segurar? Mas aonde que eu seguro. A maioria não sabia isso. A maioria queria fazer, queria aula, ou se não, ficava deitado no colchão, mas ninguém se preocupava em aprender a ensinar queria conhecer a ginástica, queria conhecer os elementos mais ficava nisso, tanto que muita gente que chegava lá às vezes no projeto, já tinha essa disciplina de ginástica, mas eu tinha que ensinar a segurar uma criança, ensinar a ajudar, por quê? Nas aulas chegou a fazer o elemento, mas não sabia segurar, então acha o ensino traz pra você, conhece a modalidade, quando se trata de uma modalidade mais complexa...

Entrevistadora: Humm.

P14: ... ensino, você conhece a modalidade você pode até conhecer o processo pedagógico, mas pra você realmente dar aula mesmo... se tem que ter um pouco tem que vivenciar, na prática, se tem que ensinar com alguém te supervisionando, pra você não fazer nada errado, por que ginástica e perigoso é complicado, segura uma criança errada, ela cai pode se machucar, e a pesquisa então, de tanto imaginar é acho que é completamente distante da, da, do projeto de extensão, é completamente distante, primeira pesquisa..., quando eu fiz faculdade, na parte de pesquisa não existia nada,

ninguém pesquisava ginástica lá na [...], não tinha pesquisa com relação a isso. Acho que o único, meu TCC[23] foi o único a respeito de ginástica. Nós... tinha assim, o meu TCC que era de ginástica, o da [...] que era de ginástica, mas TCC né, que não era uma pesquisa né, um artigo, um trabalho pra ser... mas... na faculdade também foi muito distante uma coisa da outra.

Entrevistadora: E você acha que a extensão ela faz o que disso? Por que você falou que a pesquisa é distante do ensinamento teórico?

P14: É. Eu acho que a extensão universitária, acho que ela completa, e consegue unir um pouco as duas coisas né?

Entrevistadora: De que forma?

P14: É importante você ter as duas coisas a parte teórica, você precisa ter a parte teórica, você precisa do ensino...

Entrevistadora: Hum, hum.

P14: ... e a parte, essa parte da extensão ela vai completar isso, que o que você teve na teórica, você vai conseguir aplicar, vai conseguir desenvolver e... durante a faculdade a extensão na verdade a pesquisa ficou bem distante de tudo isso né, lá prá gente era distante, agora que, eu já eu já vejo que tem mais possibilidade eu vejo que da pra utilizar a pesquisa a favor da ginástica, mas no nosso projeto de extensão, num tinha muita influência.

Entrevistadora: Como que você percebeu agora que dá pra fazer essas aproximações, de você falou que dá pra usar a pesquisa no projeto?

P14: A favor do que?

Entrevistadora: É como você percebeu?

P14: É assim, o meu TCC, já fiz na ginástica, mas eu fiz com informação visual. Então, a importância da visão na ginástica.

Entrevistadora: Você fez com o professor [...]?

P14: Risos. Que dúvida! Então eu fiz na importância da visão na ginástica então no meu TCC a gente conseguiu perceber que o atleta ele depende muito da visão pra fazer tudo. E quanto mais experiente o atleta mais ele é viciado em olhar. A gente fez um elemento que era com olho aberto e com olho fechado, o atleta, quanto mais experiente era o atleta pior era a execução dele quando fechava o olho.

Entrevistadora: Nossa!

P14: Então, essas coisas que a gente fazia instintivamente quando treinava, a gente percebe que tem sentido por que? O nosso técnico, o meu técnico falava assim: - Olha você vai fazer isso, você vai olhar lá, olhar lá, e depois você faz. Eu falava: - Ai que besta olhar, mas na verdade tem um papel grande entendeu? Olha, olha, então você começa a aprender então... através de uma pesquisa isso também era importante, e comecei usar mais fazendo isso; você vai olhar o pé, você vai olhara mão, você isso, você vai olhar aquilo, e as minhas atletas que eu treino agora, elas estão até mais acostumadas tem função..., mas eu olho pra onde? Né? E aí acaba facilitando um pouco, por que no começo, se você não orienta isso a criança acaba se perdendo, ela joga a cabeça, ela fecha o olho..., mas a partir do momento que você começa a focar isso, olha aqui, olha lá, ela começa ter uma noção espacial dos elementos dela mais rápido então, a primeira vez que eu percebi que a pesquisa podia ajudar. É faz sentido, aí na pós também já fiz, fiz também com relação a, é é a influência da força e da flexibilidade, fiz teste de força com e sem treino de flexibilidade antes, daí as crianças que tinham feito flexibilidade antes iam um pouquinho pior no teste de força, mas era um teste não era um treinamento, não quer dizer que o treinamento prejudica, a única coisa que a gente conseguiu

[23] TCC: Trabalho de conclusão de curso.

concluir nesse estudo, é não faz em treinamento de flexibilidade antes da competição (risos) né, por que não é a longo prazo, é a curto prazo, então... mas aí também é uma coisa interessante, daí, recentemente que existe mais gente pesquisando na ginástica, porque antigamente não existia.

Entrevistadora: Nossa!

P14: Não tem. Você procura artigo antigo de ginástica tem muito pouco, muito pouco, as publicações começaram a crescer muito com a [...]...

Entrevistadora: Hum, hum.

P14 ...né? Que ela publica muito na área da ginástica e ela incentiva também muita gente, né? A pesquisar e a publicar nessa área. Mas foi mais com ela assim, que começou a crescer as pesquisas na área da ginástica, existir mais pesquisa na área da ginástica.

Entrevistadora: Vocês não chegaram dentro do projeto de extensão, desenvolver nenhuma pesquisa?

P14: Não, a gente fazia... a gente fez uma vez um trabalho uma vez pra um congresso, que foi..

Entrevistadora: Congresso de extensão?

P14: Não. Foi, fizemos no congresso de extensão e fizemos no ... só que agora eu não lembro qual foi a pesquisa.

Entrevistadora: Ah! mas então saiu? Saíram algumas pesquisas e outro dentro do projeto de extensão?

P14: Hã, hã, hã. É um trabalhinho pra congresso saiu, pro congresso de extensão e pro Conef[24] quando tinha lá, com relação ao projeto.

Entrevistadora: Ah! ah! legal.

P14: Acho que um falava do projeto, qual era o objetivo e como era lá, no Conef. E no congresso de extensão, a gente apresentou o número de crianças, mas acho que a gente nem chegou a fazer teste com elas, nem nada, não lembro.

Entrevistadora: Mas teve algum link ali da pesquisa mesmo, dentro da extensão?

P14: Teve.

Entrevistadora: Era o que? A maioria dos projetos eles utilizam alguns dados, por isso que eu to te perguntando.

P14: É e nessa época, essa época acho que a gente fazia mais por necessidade.

Entrevistadora: Por quê? Mais por necessidade?

P14: Ah! porque a gente não tinha interesse, da gente, não tinha esse interesse. Vamos fazer um... pelo menos eu não tinha essa visão, na época eu não me interessava por isso, sabe.

Entrevistadora: Hã, hã.

P14: A [...] que ela falava: “Viu, vamos fazer um trabalhinho assim pra mandar pro congresso?” A gente: Ah! Está todo mundo mandando. Isso ela puxava, ela que incentivava, mas a gente não tinha essa ideia ainda, né? De publicar o meu trabalho, pelo menos eu não tinha naquela época.
Entrevistadora: Posso dizer então que a extensão estimulava um pouco a pesquisa?

[24] Conef: Congresso Nacional de Educação Física realizado pela UNESP de Bauru.

P14: É estimulava.

Entrevistadora: Mas que não tinha... Porque o pessoal não tinha o olhar, ou pelo menos a maioria não tinha esse olhar.

P14: É, era ... foram, foram alguns trabalhinhos que a gente fez e a [...] ajudou bastante, ela, ela que orientou, como fazer, porque gente não tinha noção nenhum, fazer trabalho... os que eu fiz foi com ela, depois o meu TCC com o [...], os dois ajudavam muito, na época da faculdade foi pouco, mas depois...

Entrevistadora: Risos.

P14: Depois que você começa perceber, podia ter feito tanta coisa, mais né, com as crianças..., mas, na época, até que o projeto que incentivou a pesquisa, que puxou a pesquisa, acho que uma coisa puxa a outra. O ensino leva aos projetos, o projeto leva a pesquisa, acho que tem uma ligação grande, entre os três.

Entrevistadora: E quais as implicações que você acha que a extensão universitária ela trouxe na sua atuação hoje como profissional?

P14: É, eu acho que trabalhar com dinâmica, eu ia trabalhar de qualquer jeito, independente... (riso)

Entrevistadora: Quase que inevitável, né? (risos)

P14: ... independente daquele projeto, ou não eu ia tá nessa área, acho que me fez sair da faculdade mais preparada do que eu estaria se não tivesse lá, se não tivesse feito parte do projeto. Eu tinha, eu acho que ajudou, por que eu tinha a academia, eu dava treino na academia, e eu, tinha a visão do meu técnico, ele tava lá e me ensinava às técnicas, ele me ensinava onde pegar, que jeito ensinar que ensinar primeiro e no que? E ao mesmo tempo eu tava lá na faculdade com a [...], e ela ensinava mais a gente pedagógica, ter calma, ter paciência, ajuda, insistir nisso, não insistir naquilo, então eu acho que pra união das outras coisas foram muito boas, eu sai me sentindo assim: Posso pegar uma turma pra da aula que eu consigo, de ginástica, acho que ajudou mais na parte pedagógica...

Entrevistadora: É isso que eu ia perguntar.

P14: ... do que técnica, muito mais a parte técnica eu desenvolvi muito durante a faculdade, mas, mais na academia com o meu técnico mesmo, na faculdade acho que o que eu desenvolvi mais no projeto foi a parte pedagógica.

Entrevistadora: E te ajudou a se sentir preparada pra, assumir uma turma, por exemplo?

P14: É. Antes, antes quando eu comecei a dar treino eu achava que eu tava né? Mas depois, quando eu comecei a dar aula, eu percebi que eu não estava.

Entrevistadora: Por quê?

P14: Por que daí eu começava a brigar muito com as crianças, bate de frente, aí meu técnico falava que não era assim, daí, às vezes eu chegava no, lá do projeto a [...] falava não porque ... falava né? Tem que ter calma né? Não adianta, tem criança que não aprende tem criança que aprende, eu acho que você aprende olhar melhor, a sua atuação, ainda mais eu dava aula no projeto que eu era responsável eu morria de medo, né? Então eu me policiava muito né? O que eu tava fazendo, se tava certo, fazendo errado, daí você começa observar a própria prática, né? Daí você consegue preparar.

Entrevistadora: Você teve muito problema prá lidar, com as crianças?

P14: Eu tive...

Entrevistadora: Teve um momento que a [...] falava pra você calma, pra tentar outras formas.

P14: Lá na [...] não, as crianças eram super tranquilas, lá, tinha um ou outro bagunceiro, mas eles eram muito bonzinhos, faziam tudo, a única coisa que tinha muita criança com dificuldade motora...

Entrevistadora: Hum, hum.

P14: Então a [...] falava, calma, isso vai aprendendo, as vezes aprende e as vezes não aprende nunca mesmo mas na outra academia que eu dava aula, como era academia particular, tinha crianças muito mimadas, umas crianças muito, ah! to pagando... então lá, eu tinha mais problema de disciplina, lá eu tive mais problema com as crianças do que na [...], na [...] as crianças eram bem melhores de lidar na verdade, que na outra academia, então eu tive mais problema na outra academia que na [...]...

Entrevistadora: Hum...

P14: ... mas aí eu falava com a [...] sobre o problemas da academia mesmo.

Entrevistadora: Entendi.

P14: Ajudava também, porque, os dois me ajudavam dos dois jeitos por que as vezes os problemas que eu tinha pra ensinar tecnicamente eu falava com o meu técnico, ele falava: - Não deu certo isso, tenta do outro jeito, tenta isso, tenta isso, e as vezes o que não tava dando, que eu não conseguia, aquelas crianças que tava com muito problema de disciplina na academia eu chegava e falava pra [...]: - Nossa [...], tá acontecendo isso, isso lá na academia... Ela falava: - A não tem jeito tenta assim, tenta assim. Então acho que foi uma soma, pra mim muito vantajoso, pra mim foi muito bom.

Entrevistadora: Você se sentiu mais preparada. Então nota pra mim, todos os elementos que você tem certeza não, mas que você ah vai, coloca certeza. Que você tem certeza que você aprendeu no projeto de extensão?

P14: Os elementos? Esqueci já os elementos.

Entrevistadora: Os elementos que você fala assim; Poxa, isso aqui eu aprendi na extensão, eu acredito aprender né, porque as vezes a gente acredita mas...

P14: Que eu acho, aprendi na extensão? Que foi responsabilidade da extensão?

Entrevistadora: Hum, hum.

P14: Acho que foi...

Entrevistadora: Ou desse período que você estava.

P14: Período que eu tive na faculdade?

Entrevistadora: Não na extensão que você estava no projeto de extensão universitária.

P14: Acho que no projeto da extensão, não lembro os nomes deles?

Entrevistadora: Ah! não, não, não. O que você aprendeu?

P14: Acho que foi lidar com o desenvolvimento de cada criança, saber respeitar a individualidade de cada uma na ginástica e trabalhar da melhor da forma pedagógica mais, pedagogicamente mais tranqüila assim sabe, respeitar sabe que nem todas vão aprender a mesma coisa ao mesmo tempo, tipo se precisar começar de novo, vai começar de novo, não querer acelerar, não querer que eles aprendam muito rápido, saber que o mais que eu saiba um elemento e pra mim pareça muito simples pra eles pode ser muito complicado. Então acho que lidar pedagogicamente com as crianças foi o que eu aprendi no projeto.

Entrevistadora: Respeitar até o desenvolvimento do aluno, né? Como você falou agora.

P14: É individualmente, saber que cada criança é diferente da outra, nenhuma vai aprender igual, às vezes é uma frase que você muda quando tá explicando que vai fazer a diferença pra ela, uma palavra...

Entrevistadora: Uma palavra que você fala.

P14: Às vezes ela não tá entendendo, você muda uma palavra, ah entendi. Acho que tentar sempre ensinar de um jeito diferente, por que antes, quando uma criança não conseguia, você tá sempre daquele mesmo jeito tentar outras formas acho que essa parte pedagógica mesmo foi o que eu aprendi no projeto.

Entrevistadora: As estratégicas metodológicas diferenciadas, né?

P14: É. Tentar outras coisas, né?

Entrevistadora: E eu posso dizer que o que você me falou agora é essas aprendizagens você usa no seu dia a dia hoje?

P14: Uso, uso é que assim eu trabalho com coisas diferentes, mas oh especificamente com a ginástica com as minhas meninas quando eu to dando treino e uso muito. Que às vezes até com as mesmas meninas, mesmo elas tando aprendendo eu sempre ensino de vários jeitos diferentes.

Entrevistadora: E na escola e na faculdade? Você acha que não dá pra...?

P14: Na faculdade o que eu uso muito pela vivência que eu tive, é o que eu foco, sempre quando eu to dando aula de ginástica pros meus alunos, é eu obrigo eles assim, eu falo: Não quer fazer mas faz mas você vai ajudar...

Entrevistadora: Hummm.

P14: Eu exigo muito, falo tipo, eu não quero que ninguém saiba fazer, mas tem que ensinar, então eu foco muito no jeito de ajudar nos processos pedagógicos. A primeira coisa que você vai ensinar pra uma criança é isso, cê vai ajuda assim, cê vai fazer esse, esse educativo, você vai segurar aqui, então eu foco muito isso, por que eu acho que faltou um pouco no nosso ensino e que eu acho que foi aprendi no projeto que eu poderia ter aprendido no ensino, eu não, já tinha um contato antes mas muitos dos alunos que fizeram parte do projeto, aprenderam no projeto, e poderiam ter aprendido no ensino, só que acabou que nas aulas práticas o pessoal não soube aproveitar muito isso, então eu tento forçar mais meus alunos pra que eles vivenciem essa parte de ensinar, saber segurar, saber fazer a segurança, quais são os processos primeiro rolamento pra frente, rolamento pra traz trelinha, como lidar assim os alunos que prestam atenção eles conseguem dar aula um ano, pra uma turma que começou agora, começou hoje, depois disso ele vai ter que se se... estudar, né? Essa parte de iniciação, prestar atenção consegue seguir bem, e na escola que é muito diferente da realidade da ginástica, né? Mas tem que ter mais paciência, ter mais calma, eu acho que...

Entrevistadora: E essas estratégias metodológicas que você falou também...

P14: É que daí é bem diferente né?(risos) Na escola, porque na escola cada dia é uma coisa, né? Então sempre tem uma metodologia diferente nunca é a mesma coisa, nunca é igual, nunca tão fazendo a mesma coisa, e geralmente é um mundo, não gosto de dá uma coisa parecida pra eles que eles se entendiam muito rápido, trabalho com criança de primeiro ao quinto ano, então sempre tem uma metodologia diferente, né?

Entrevistadora: Muito rápido.

P14: Eles não tem que por o exercício pra evoluir, aquele exercício acho que vai melhorando tudo ao mesmo tempo assim né? Então, é bem diferente do que acontece né? Se eu fosse da uma aula igual eu do na ginástica, focando exercício por exercício eu morria de tédio, porque na quadra né, eu até trabalho ginástica.

Entrevistadora: Isso que eu ia perguntar, conseguia trabalhar com esse pessoal.

P14: Trabalho, porque tem o colchão, aí eu faço, que nem eu não fico uma aula inteira ensinando rolamento pra frente pra fazer perfeitinho com as mãos com as duas perninhas fechadas eu ensino, faço uns dois, três educativos, rolamento prá frente, todo mundo faz, aí, uns fazem torto, uns quase caia, mas fazem, rolamento pra traz também, uns fazem torto, uns caiam mas faz, estrelinhas, o que conseguem faz uns que não conseguem, fazem errado, mas que nem, eu não fico, que nem o que eu ensinaria em um mês pras minhas aluninhas de ginástica pra eles faço em uma aula, pra eles vivenciarem, vivenciar um pouquinho de cada coisa então é muito diferença do jeito do outro de ensinar por que lá, eu não fico prestando perfeito, se a perninha tá esticada, quero que eles vivenciam os exercícios pra eles conhecerem a ginástica, né?

Entrevistadora: Mas você recorre a algumas coisas que você aprendeu no projeto, pelo o que eu ouvi aquela hora?

P14: Sim. Parte do processo pedagógico eu já conhecia né, o que fazer primeiro, o que fazer mas na escola é bem diferente, é mais rápida, mais uma vivencia ampla né? Não é, to ensinando pra eles a modalidade né? De fazer, tudo certinho eu quero que eles vivenciem, eu quero que eles conheçam a ginástica, façam uma cambalhota pra frente, uma cambalhota pra frente, uma cambalhota pra traz, uma estrelinha, coisa que muita criança não sabe fazer.

Entrevistadora: A maioria não sabe.

P14: Mas, é bem real, porque eles gostam muito.

Entrevistadora: Tem uma aula por semana?

P14: Duas, duas.